

HENRY JAMES

Retrato de uma senhora



COMPANHIA DE BOLSO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



HENRY JAMES

RETRATO DE
UMA SENHORA

Tradução
Gilda Stuart

PREFÁCIO

Retrato de uma senhora, assim como *Roderick Hudson*, foi iniciado em Florença, durante uma temporada de três meses ali passada, na primavera de 1879. Como *Roderick* e *The American*, foi planejado para ser publicado no *Atlantic Monthly*, onde começou a sair em 1880. Diferiu de seus dois predecessores, entretanto, por ter encontrado outro espaço aberto para publicação mensal na *Macmillan's Magazine*; essa seria para mim uma das últimas oportunidades de “serialização” simultânea nos dois países que as mutáveis condições de intercâmbio literário entre a Inglaterra e os Estados Unidos tinham mantido, até então, inalteradas. É um longo romance, e demorei bastante para escrevê-lo; lembro-me de que estive novamente bastante ocupado com ele no ano seguinte, durante uma estada de várias semanas em Veneza. Eu estava hospedado na *riva* Schiavoni, no andar superior de uma casa próxima à passagem que conduzia a San Zaccaria; a vida à beira-mar, a maravilhosa laguna estendendo-se diante de mim e o incessante burburinho humano de Veneza chegavam-me pelas janelas, e para elas parece-me que eu estava sempre sendo atraído, na irrequieta infecundidade de sua composição, como para verificar se, lá fora, no canal azul, a nau de alguma sugestão acertada ou de alguma frase mais bem colocada no próximo entrelaçamento feliz de minha trama, no próximo traço verdadeiro de minha tela, não poderia ser avistada. Porém, recordo-me com suficiente nitidez que, em geral, a resposta mais freqüente para essas atrações inquietas era a advertência bastante sombria de que lugares românticos e históricos como os que abundam na Itália oferecem ao artista um auxílio discutível à concentração, quando não são eles próprios o objeto dela. São ricos demais em sua vida própria e carregados demais de significados para se contentar em contribuir com uma frase canhestra; eles arrastam o artista de sua pequena interrogação para as grandes questões que propõem; dessa maneira, depois de um tempo ele percebe que apelar a esses lugares em sua dificuldade é como pedir a um esquadrão de gloriosos veteranos que o ajude a capturar um mascate que lhe devolveu o troco errado.

Há páginas no livro que, ao serem relidas, fizeram-me rever a curva movimentada da ampla *riva*, as grandes manchas coloridas das casas com sacadas e a ondulação repetida das pequenas pontes arqueadas, marcadas pelo sobe-e-desce constante dos ruidosos pedestres diminuídos pela perspectiva. O som dos passos e os pregões de rua em Veneza — tudo o que ali se fala, onde quer que seja dito, tem o volume de um chamado através da água — entram mais uma vez pela janela e renovam a antiga impressão dos sentidos deliciados e da mente frustrada e dividida. Como é possível que lugares que falam tanto à imaginação *em geral* não ofereçam, naquele momento, a coisa específica que ela deseja? Lembro-me de ter me rendido repetidas vezes a esse assombro em lugares bonitos. A realidade, penso eu, é que eles expressam demais sob tal apelo — mais do que, no caso, o interessado poderia usar; dessa maneira, vemo-nos trabalhando com menor congruência, afinal de contas, em relação ao quadro que nos rodeia, do que se estivéssemos na presença do

moderado e do neutro, aos quais poderíamos, talvez, emprestar parte da luz de nossa própria visão. Um lugar como Veneza tem orgulho demais para tais caridades; Veneza não empresta, ela nos dá quase tudo com magnificência. Nosso proveito com isso é enorme, mas para tal devemos estar ou em férias ou a serviço exclusivo dela. São assim, penosas, as reminiscências; embora no todo, sem dúvida, o livro e o “esforço literário” do escritor de um modo geral acabem sendo melhores graças a elas. A longo prazo, o esforço inútil de atenção demonstra ser estranhamente frutífero. Tudo depende de *como* a atenção é ludibriada, é desperdiçada. Há enganos insolentes e arbitrários, e outros que são furtivos e insidiosos. E receio que exista, mesmo por parte do mais astucioso artista, uma quantidade de boa-fé insensata, uma dose suficiente de ansiedade, para que ele não escape de tais logros.

Procurando recuperar aqui, em reconhecimento, o germe de minha idéia, vejo que ela não consistiu, absolutamente, em nenhum conceito de “trama”, palavra nefasta, em nenhuma inspiração, na fantasia, de um conjunto de relações, ou em qualquer daquelas situações que por uma lógica própria imediatamente se transformam, para o fabulista, em um movimento, em uma marcha ou corrida, em um tropel de passos rápidos; mas sempre no sentido de uma única personagem, da personalidade e do aspecto de uma certa senhora jovem e cativante, a quem todos os elementos usuais de um “assunto”, e certamente de um cenário, devem ser adicionados. Parece-me que tão interessante quanto essa mesma senhora em seus melhores momentos, repito, é essa projeção da memória sobre toda a questão do desenvolvimento do arremedo de um motivo, na imaginação de alguém. Esses são os fascínios da arte do fabulista, as forças ocultas de expansão, as necessidades de crescimento da semente, as belas determinações, por parte da idéia nutrida, de crescer tão alto quanto possível, de se lançar para a luz e para o ar puro, e aí abrir-se em abundante floração; e tanto quanto isso, as sutis possibilidades de recuperar, a partir de algum bom posto de observação no solo conquistado, a história íntima em questão — reconstituir e reconstruir seus passos e estágios. Recordo-me sempre com carinho de uma observação que ouvi dos lábios de Ivan Turgueniev, muitos anos atrás, acerca de sua própria experiência da origem habitual da ficção figurada. Começava para ele quase sempre com a visão de alguma ou algumas pessoas pairando diante dele, provocando-o, como figuras ativas ou passivas, interessando-o e atraindo-o exatamente como eram e pelo que eram. Ele as via daquela maneira como *disponíveis*, via-as sujeitas aos acasos, às complicações da existência, e via-as com nitidez, mas então era obrigado a encontrar as relações certas para elas, aquelas que melhor as ressaltassem; a imaginar, inventar, selecionar e reunir as situações mais úteis e favoráveis ao sentido das próprias criaturas, as complicações que teriam mais probabilidade de produzir e sentir.

“Chegar às coisas é chegar a minha ‘história’”, dizia ele, “e é dessa maneira que eu a procuro. O resultado é que sou acusado com freqüência de não ter ‘história’ suficiente. Quanto a mim, parece que tenho tanta quanto necessito — para mostrar minhas personagens, exhibir suas relações mútuas; pois essa é minha única medida. Se as observo o suficiente, vejo-as se juntarem, vejo-as *situadas*, vejo-as engajadas neste ou naquele ato, nesta ou naquela dificuldade. Como elas são, como se movem, como falam e como se comportam, sempre no cenário que criei, esse é meu compromisso com elas — e sobre isso, ousou dizer, infelizmente, *que cela manque souvent d'architecture*. Porém

prefiro, acho eu, que me falte a arquitetura a ter excesso dela — quando há perigo de que interfira em minha medida de verdade. Os franceses, é claro, gostariam de receber mais arquitetura do que dou a eles — tendo, eles próprios, tanta genialidade, tanto talento para a coisa; sem dúvida, deve-se dar tudo o que se pode. Quanto à origem dos próprios germes trazidos no vento, quem poderia dizer, como me pedem, de onde *eles* vêm? Temos que voltar muito atrás, longe demais, para dar a resposta. Será que não se pode dizer que eles vêm de cada canto do firmamento, que estão *ali*, em quase todas as curvas do caminho? Eles vão se acumulando, e nós estamos sempre selecionando-os. Eles são o sopro da vida — e com isso quero dizer que a vida, à sua própria maneira, sopra-os sobre nós. Assim eles são, de certo modo, prescritos e impostos — impelidos para dentro de nossas mentes pela corrente da vida. É o que reduz à imbecilidade a vã querela do crítico, tão freqüente, sobre os temas alheios, quando não tem o bom senso de aceitá-los. Indicará ele, então, que outros serão mais adequados? Uma vez que seu ofício é essencialmente indicar, *il en serait bien embarrassé*.^{*} Ah, quando ele chama a atenção para o que fiz ou deixei de fazer com esse tema, isso é outra questão: nesse caso, ele está em seu terreno. Entrego-lhe toda a minha ‘arquitetura’, concluiu meu distinto amigo, “toda a que ele quiser.”

Assim é esse belo gênio, e lembro-me com alívio da gratidão suscitada em mim quando ele se referiu à intensidade de sugestão que pode residir na figura solta, na personagem independente, na imagem *en disponibilité*. Deu-me uma segurança maior do que eu tinha antes quanto àquele abençoado hábito da própria imaginação, o estratagema de investir um certo indivíduo concebido ou encontrado, uns poucos ou um grupo deles, de propriedade e autoridade germinais. Eu mesmo estava bem mais consciente, de antemão, das minhas figuras do que de seu ambiente — de tal modo que esse interesse bastante anterior e preferencial, quase sempre, dava-me a impressão de estar colocando a carroça adiante dos bois. Eu poderia invejar, mas não superar, o escritor imaginativo constituído de modo a ver primeiro sua fábula e depois compor os agentes dela: eu quase não conseguia pensar em uma história que não tinha nenhuma necessidade de seus agentes para poder deslanchar; era incapaz de pensar por muito tempo em uma situação que não dependesse, por interesse, da natureza das pessoas situadas e conseqüentemente do modo como a enfrentavam. Existem métodos do que se chama de apresentação, creio eu — entre romancistas que pareceram muito bem-sucedidos —, que criam a situação indiferentemente a esse suporte, mas eu mesmo não perdi a dimensão do valor, na época, do testemunho do russo admirável em favor da minha não-necessidade de tentar realizar tais ginásticas. Confesso que outros ecos da mesma origem ainda ressoam em mim de modo bastante indelével — se é que tudo não é, na verdade, um mesmo eco de grande abrangência. Depois disso foi impossível deixar de distinguir, para uso próprio, alta lucidez dentro da atormentada, desfigurada e enodada questão do valor objetivo, e mesmo da apreciação crítica, do “tema” no romance.

Há muito tempo, a esse respeito, eu tinha tido o instinto de estimar corretamente esses valores e o modo como eles reduzem à estupidez a aborrecida discussão sobre temas morais e “imorais”. Tendo reconhecido tão prontamente a única medida do valor de um assunto determinado, e sabendo que a questão a respeito dele (é válido? é genuíno? é sincero? resulta de alguma impressão direta da percepção da vida?), se respondida corretamente, influenciaria todas as outras, passei a

encontrar pouco benefício numa pretensão crítica que tinha negligenciado desde o início toda delimitação de terreno e toda definição de termos. A atmosfera de meus primeiros tempos me vem à lembrança, obscurecida de todos os lados por aquela vaidade — a não ser que a diferença esteja hoje apenas na própria impaciência da pessoa, no lapso de nossa atenção. Creio que não existe verdade mais nutritiva ou sugestiva a esse respeito que aquela segundo a qual o sentido “moral” de uma obra de arte depende da quantidade de vida real envolvida na sua produção. A questão se volta, obviamente, para o tipo e o grau de sensibilidade primordial do artista, que é o solo de onde brota seu tema. A qualidade, a capacidade desse solo, sua habilidade de fazer “crescer” com o devido frescor e retidão qualquer visão de vida, representam com força ou fraqueza a moralidade projetada. Esse elemento é apenas outro nome para a conexão mais ou menos próxima do tema com uma marca impressa na inteligência, com alguma experiência sincera. Ao mesmo tempo, é claro que, ao dizer isso, estamos longe de sustentar que essa atmosfera envolvente da humanidade do artista — que dá o último toque ao valor do trabalho — não seja um elemento de ampla e admirável variação; sendo, em algumas ocasiões, um meio rico e magnífico, em outras, comparativamente pobre e pouco generoso. Aqui se tem exatamente o alto preço do romance como forma literária — não somente seu poder de, mesmo preservando estritamente essa forma, abranger todas as diferenças das relações individuais com seu tema central, todas as variadas visões de vida, disposições para refletir e projetar, criadas em condições que nunca são as mesmas de homem para homem (ou, até onde isso pode atingir, de homem para mulher), mas, positivamente, de parecer mais fiel a sua personagem na proporção em que se esforça ou tenta romper o seu molde, com latente extravagância.

A casa da ficção tem, em resumo, não uma mas um milhão de janelas — um número de possíveis janelas que não pode ser computado; cada uma delas foi aberta, ou ainda pode ser aberta, em sua vasta fachada, pela necessidade da visão individual e pela pressão da vontade individual. Essas aberturas, de formatos e tamanhos diferentes, pairam todas tão acima do cenário humano que até se poderia esperar delas similaridade maior de descrição. São, na melhor das hipóteses, simples janelas, meros buracos numa parede fechada, desconexos, empoleirados uns sobre os outros; não são portas que se abrem para a vida. Mas têm a marca própria de, em cada uma delas, estar uma figura com um par de olhos, ou no mínimo com um binóculo, que serve, novamente, para a observação, como instrumento único, garantindo à pessoa que faz uso dele uma impressão distinta de todas as outras. Ela e suas vizinhas estão assistindo ao mesmo espetáculo, mas uma vê mais onde a outra vê menos, vê preto onde a outra vê branco, vê grande onde a outra vê pequeno, vê grosso onde a outra vê fino. E assim por diante; felizmente não há como saber para o que, a um determinado par de olhos, a janela talvez *não* se abra; digo “felizmente” em virtude precisamente dessa impossibilidade de prever seu alcance. O campo extenso, a cena humana, é a “escolha do tema”; o buraco aberto, seja ele amplo, murado ou uma mera fenda enevoada, é a “forma literária”; mas nada são, juntos ou isolados, sem a atenta presença do observador — em outras palavras, sem a consciência do artista. Digam-me o que é o artista, e eu lhes direi do que ele tem *estado* consciente. Assim, ao mesmo tempo expressarei sua liberdade ilimitada e sua referência “moral”.

Tudo isso, entretanto, é um grande giro para explicar o primeiro gesto vago que fiz em direção

ao *Retrato*, que foi exatamente a compreensão que tive de uma única personagem — uma aquisição que fiz de um modo que não convém descrever aqui. Bastava que eu tivesse, como pensei, plena posse dela há tanto tempo que já me fosse familiar, mas cujo charme ainda não estivesse obscurecido, e com a mesma urgência, o mesmo tormento, eu a visse em movimento ou, digamos, em trânsito. Isso equivale a dizer que eu a vejo debruçada sobre seu destino — qualquer destino; sendo *qual* deles, dentre os possíveis, exatamente a questão. Assim tive meu indivíduo vívido — vívido, por estranho que pareça, a despeito de ainda estar tão solto, não confinado às condições, não enredado à trama, para onde olhamos em busca de grande parte da marca que constitui uma identidade. Se a aparição ainda estava por ser colocada, como podia ser tão vívida, uma vez que quase sempre deciframos tais quantidades só pelo ato de colocá-las? Poder-se-ia responder muito bem a uma pergunta dessas, sem dúvida, se fosse possível fazer aquela coisa tão sutil, se não monstruosa, que é escrever a história do crescimento da própria imaginação. Então descreveríamos o que, num determinado momento, de extraordinário tinha acontecido a ela, e estaríamos, por exemplo, na posição de dizer com certa clareza como, em dado momento, ela foi capaz de apropriar-se (diretamente da vida) de uma ou outra figura, ou forma, constituída e animada. A figura, como vêem, *foi* colocada, até esse ponto — colocada na imaginação que a contém, e que a preserva, protege e dela usufrui, ciente de sua presença nos sombrios, povoados e heterogêneos recônditos da mente, do mesmo modo que um desconfiado comerciante que lida com preciosidades e é capaz de dar um “adiantamento” pelos objetos raros a ele confiados tem consciência da “peça” rara deixada ali pela misteriosa dama aristocrata e decadente ou pelo descuidado especulador, e que está ali para revelar novamente seu valor ao mero ranger de uma chave na porta do armário.

Isso talvez seja, reconheço, uma analogia fina demais para o “valor” a que me refiro aqui, a imagem da natureza jovem e feminina que tive, por um tempo bastante considerável e de modo tão curioso, à minha disposição. Mas, à minha grata lembrança, parece ser ela a que mais se ajusta ao fato — adicionado à lembrança de um sincero desejo de apenas colocar bem meu tesouro. Assim, evoco em mim mesmo a lembrança do comerciante decidido a não “converter em lucro”, a manter o precioso objeto trancado por tempo indefinido em vez de entregá-lo, não importa a que preço, a mãos vulgares. Pois *existem* comerciantes que lidam com essas formas, figuras e tesouros e são capazes de tal refinamento. A questão, porém, é que essa única e pequena pedra angular, a concepção de uma certa jovem enfrentando seu destino, começou sendo tudo o que eu possuía para o grande edifício de *Retrato de uma senhora*. Acabou sendo uma edificação quadrada e espaçosa — ou pelo menos assim me parece ao revê-la agora, e que dessa maneira teve que ser erguida em torno da minha jovem enquanto ela ali permanecia em perfeito isolamento. Isso é para mim, do ponto de vista artístico, a circunstância de interesse; porque mais uma vez me perdi, confesso, na curiosidade da análise da estrutura. Por que processo de acréscimo lógico iria essa “personalidade” frágil, mera sombra esguia de uma moça inteligente porém presunçosa, ver-se dotada dos elevados atributos de um Tema? E, na realidade, por que debilidade, na melhor das hipóteses, esse tema não ficaria invalidado? Milhões de moças presunçosas, inteligentes ou não, arrostam todos os dias seu destino; e o que a esses destinos é facultado *ser*, para que se faça tanto rebuliço em torno disso? O

romance é, por sua própria natureza, um “rebuliço” em torno de alguma coisa, e quanto maior for a forma que ele assume, maior, é claro, será o rebuliço. Portanto, conscientemente, isso era o que tínhamos que enfrentar — organizar positivamente um rebuliço em torno de Isabel Archer.

Acho que me lembro de ter encarado bem de frente essa extravagância, e com o preciso efeito de reconhecer o encanto do problema. Enfrente um problema desses com certa inteligência, e imediatamente verá como ele é repleto de substância; o que espanta, todo o tempo, ao olharmos o mundo, é como as Isabel Archer, ou mesmo os espécimens femininos menores, insistem em ter importância, de maneira absoluta e imoderada. George Eliot notou isso de modo admirável: “Nesses frágeis receptáculos é levado à frente, ao longo das eras, o tesouro da afeição humana”. Em *Romeu e Julieta*, Julieta tem que ser importante, do mesmo modo que em *Adam Bede*, *O moinho do rio Floss*, *Middlemarch* e *Daniel Deronda*, Hetty Sorrel, Maggie Tulliver, Rosamond Vincy e Gwendolen Harleth também devem ser; com aquela exata medida de chão firme, aquela exata quantidade de ar revigorante, sempre à disposição de seus pés e pulmões. São típicas, entretanto, de uma classe difícil, no caso individual, de compor um centro de interesse; tão difícil, na verdade, que muitos pintores hábeis, como Dickens e Walter Scott, e mesmo o exemplo de mão tão sutil quanto a de Robert Louis Stevenson, preferiram não enfrentar essa tarefa. Na verdade, há escritores dos quais deduzimos terem se refugiado na decisão de que não valia a pena nem tentá-la, e tal pusilanimidade mal chegou a salvar-lhes a honra. Não é nunca a afirmação de um valor, ou mesmo de nosso imperfeito senso de valor, não é nunca um tributo a qualquer tipo de verdade, que representemos mal esse valor. Jamais compensa, do ponto de vista artístico, que a vaga sensação de um artista a respeito de alguma coisa o leve a “fazê-la” o pior possível. Existem maneiras melhores do que essa. Sendo a melhor começar com menos estupidez.

Nesse meio-tempo, pode-se responder, em consideração ao testemunho de Shakespeare e de George Eliot, que a concessão feita por eles à “importância” de suas Julietas, Cleópatras e Pórcias (mesmo que Pórcia seja o próprio tipo e o modelo da jovem inteligente e presunçosa) e àquela de suas Hettys, Maggies, Rosamonds e Gwendolens sofre o desconto de que essas fragilidades, ao figurarem como os pilares principais do tema, nunca são as únicas agentes de seu encanto; sua inadequação é suprida por meio de recursos cômicos e subtramas, como dizem os dramaturgos, quando não por meio de assassinatos, batalhas ou grandes mutações do mundo. Se são mostradas como tão “importantes” quanto provavelmente aspirariam a ser, a prova disso está em uma centena de outras pessoas, feitas de estofamento muito mais robusto, cada uma envolvida em centenas de relacionamentos que interessam a elas concomitantemente àquela. Cleópatra interessa infinitamente a Marco Antônio, mas seus companheiros, seus antagonistas, o Estado de Roma e a iminente batalha também o interessam prodigiosamente; Pórcia interessa a Antônio e a Shylock, ao príncipe do Marrocos e a cinquenta príncipes ambiciosos, mas para todos esses existem outros pontos vivos de interesse; para Antônio, entre os mais importantes estão Shylock e Bassanio, seus empreendimentos perdidos e sua situação extremamente difícil. Essa situação, realmente difícil, da mesma maneira interessa a Pórcia — embora isso só se torne atraente porque Pórcia interessa a nós. O fato de ela despertar interesse e de quase tudo estar em conformidade com isso sustenta meu argumento do belo exemplo de valor reconhecido numa mera juvenzinha. (Digo “mera”

jovenzinha porque penso que mesmo Shakespeare, embora possa estar mais preocupado com as paixões dos príncipes, dificilmente iria querer basear sua atração por ela na elevada posição social que ela ocupa.) É um exemplo preciso da profunda dificuldade a ser enfrentada — a dificuldade de transformar o “frágil receptáculo” de George Eliot, se não no único foco de nossas atenções, ao menos no mais claro dos chamados.

Ver tamanha dificuldade ser enfrentada tão bravamente é sempre, para o artista realmente dedicado, sentir o belo incentivo quase como uma agonia, e senti-lo tanto a ponto de desejar que o perigo se intensifique. A dificuldade mais valiosa a ser enfrentada só pode ser, para ele, nessas circunstâncias, a maior possível, em cada caso. É isso que me lembro de sentir aqui (na presença, sempre, da particular incerteza de meu terreno); de talvez existir um meio melhor que outro — oh, sempre, muito melhor que nenhum outro! — de fazê-lo encarar sua batalha. O frágil receptáculo que contém o “tesouro” de George Eliot, e portanto tão importante para aqueles que, por curiosidade, se aproximam dele, da mesma maneira tem possibilidade de ganhar importância própria, possibilidade essa que admite um tratamento e, na verdade, de maneira peculiar, exige tal tratamento, desde o momento em que é considerada. Há sempre como fugir de qualquer relato mais detalhado sobre a fraca agente de tais encantos, usando como ponte, seja para retirada ou fuga, a visão de suas relações com aqueles que a rodeiam. Faça disso principalmente uma visão das relações *deles* e o estratagema terá surtido efeito: estará dado, então, o sentido geral do efeito causado por ela, e isso é feito, no tocante a se erguer uma superestrutura a partir dela, com a máxima facilidade. Bem, lembro-me perfeitamente de quão pouco, na minha conexão agora já bem estabelecida, a máxima facilidade me atraía e como parecia que dela eu me livrava por meio de uma honesta transposição dos pesos nos dois pratos da balança. “Coloque o centro do tema na própria consciência da jovem”, disse a mim mesmo, “e terá a dificuldade mais instigante e bela que poderia desejar. Fique com *isso* — enquanto centro; ponha o peso maior naquele prato, que será o lado da balança do relacionamento dela consigo mesma. Torne-a, ao mesmo tempo, suficientemente interessada nas coisas que não são ela, e esse relacionamento não correrá o risco de ser muito limitado. Enquanto isso, coloque no outro prato da balança o peso mais leve (geralmente o que faz pender o lado do interesse); em resumo, pressione com um mínimo de força a consciência dos que orbitam em torno de sua heroína, em especial as personagens masculinas; faça disso um interesse que contribui apenas para algo maior. Veja, em qualquer dos casos, o que pode ser feito dessa maneira. Que melhor campo poderia haver para a devida engenhosidade? A moça paira, inextinguivelmente, como uma criatura encantadora, e a tarefa será traduzi-la nos termos mais elevados dessa fórmula, e o mais próximo possível, também, para dentro de *todos* eles. Depender dela e de seus pequenos interesses para se ver por completo exigirá, lembre-se, que você realmente a ‘realize’.”

Até aí chegou meu raciocínio, e foi preciso nada menos que esse rigor técnico, posso agora ver facilmente, para inspirar-me com a confiança adequada de modo a erigir nesse trecho do terreno uma pilha de tijolos cuidadosamente bem arrumada e proporcionada, que se ergue em arco sobre ele, e que, assim, vem formar, do ponto de vista da construção, o monumento literário. Esse é o aspecto de que o *Retrato* se reveste hoje para mim: uma estrutura erguida com competência

“arquitetônica”, como teria dito Turgueniev, que a torna, aos próprios olhos do autor, a mais bem proporcionada de suas produções depois de *The ambassadors* — que viria muitos anos depois, e que tem, sem dúvida, esfericidade superior. De uma coisa eu já estava resolvido: embora estivesse claro que teria que empilhar tijolo sobre tijolo para a criação de um interesse, não deixaria pretexto para que se dissesse que algo estava fora de alinhamento, escala ou perspectiva. Eu construiria com grandeza — belas abóbadas com relevos e arcos pintados, para quem quisesse ver, e ainda assim nunca deixaria transparecer que o piso ladrilhado, o chão sob os pés do leitor, não alcançava todos os pontos na base das paredes. Esse espírito cauteloso, ao reler cuidadosamente este livro, é a nota antiga que mais me toca: é a testemunha fiel, a meus próprios ouvidos, da ansiedade de minhas providências para o deleite do leitor. Em vista das possíveis limitações do meu assunto, achei que nenhuma dessas providências poderia ser excessiva, e o desenvolvimento daquela era simplesmente a forma geral dessa busca sincera. E descubro realmente que essa é a única explicação que posso dar sobre a evolução do enredo: é sob essa perspectiva que considero que ocorreu o crescimento necessário e começaram as complicações certas. Era naturalmente essencial que a jovem fosse, ela própria, complexa; isso era rudimentar — ou, de qualquer modo, a luz sob a qual Isabel Archer despontara originalmente. Essa luz, entretanto, só ia até um certo ponto, e outras luzes — conflitantes, antagônicas, e de cores tão diferentes, se possível, quanto as dos rojões, fogos-de-bengala e chuvas de prata de um espetáculo pirotécnico — seriam empregáveis para atestar que ela era de fato complexa. Eu tinha, não resta dúvida, um instinto cego para as complicações corretas, já que sou completamente incapaz de seguir os passos daquelas que constituem, em cada momento, a situação geral exibida. Elas estão presentes pelo que valem, e tão numerosas quanto possível; mas minha memória, confesso, está em branco quanto a como e de onde surgiram. Era como se elas tivessem, simplesmente, por impulso próprio, flutuado para dentro de meu conhecimento, e sempre em resposta à minha primeira pergunta: “Bem, o que ela vai *fazer?*”. Pareciam me responder que, se eu confiasse nelas, elas me mostrariam; e assim, com um apelo urgente para que ao menos tornassem tudo tão interessante quanto pudessem, confiei nelas. Eram como grupos de figurantes e artistas que chegam de trem quando as pessoas dão festas em casas de campo; representavam o requisito para que a festa se realizasse. Era uma excelente relação com eles — uma relação possível, até para uma figura tão pouco confiável (devido a sua pouca coesão) como Henrietta Stackpole. É uma verdade familiar ao romancista, no processo criativo, que, do mesmo modo que certos elementos de qualquer obra são essenciais, outros são apenas formais; que da mesma maneira que esta ou aquela personagem, esta ou aquela disposição do material pertencem ao tema diretamente, por assim dizer, também um e outro lhe pertencem, mas só de maneira indireta — pertencem intrinsecamente ao tratamento. Contudo, essa é uma verdade da qual é difícil o romancista se beneficiar — já que ela lhe pode ser assegurada, realmente, mas só através de uma crítica baseada na percepção, a qual raramente se vê no mundo. Ele não deve pensar em benefícios, além do mais, reconheço prontamente, pois a desonra reside nesse caminho: ele tem, digamos, que pensar numa só coisa — o benefício, seja ele qual for, envolvido em seu ato de ter lançado um feitiço contra as mais simples formas de atenção. É só a isso que ele tem direito; não tem direito a mais nada, é forçado a admitir, que possa advir do leitor, como resultado, por parte

desse último, de qualquer ato de reflexão ou discriminação. Ele pode usufruir desse tributo mais refinado — isso é outra coisa, mas com a única condição de tomá-lo como algo obtido de mão beijada, mera benesse milagrosa, o fruto caído por acaso de uma árvore. Contra a reflexão, contra a discriminação, a seu favor conspiram a terra e o ar; por isso é que, como digo, em muitos casos ele deve ter se disciplinado, desde o início, a trabalhar apenas por um “salário de subsistência”. Esse salário de subsistência é a concessão por parte do leitor à menor quantidade de atenção exigida para se ter consciência do “feitiço”. A ocasional e deliciosa “gorjeta” é um ato de sua inteligência, que está acima e além disso, um pomo dourado, caído no colo do escritor, direto da árvore açoitada pelo vento. O artista pode, é claro, em estados extravagantes de humor, sonhar com algum Paraíso (da arte), onde o apelo direto à inteligência deve ser legalizado; porque, para semelhantes extravagâncias, sua mente ansiosa jamais pode esperar se fechar de todo. O máximo que pode fazer é se lembrar de que *são* extravagâncias.

Isso tudo talvez seja apenas uma maneira graciosa de dizer indiretamente que Henrietta Stackpole era um bom exemplo, no *Retrato*, da verdade que acabei de mencionar — o melhor exemplo que eu poderia citar, não fosse por Maria Gostrey, em *The ambassadors*, então ainda oculto no tempo, que pode ser considerado melhor. Cada uma dessas pessoas são meras rodas da carruagem; não pertencem ao corpo do veículo, e nem por um momento acomodam-se num dos assentos internos. Nestes apenas o tema está refestelado, na forma do “herói e heroína” e dos altos e privilegiados dignitários, digamos assim, que ladeiam o rei e a rainha. Existem motivos para querermos que isso seja sentido, como em geral gostaríamos que quase tudo fosse, em nossa obra, como nós mesmos contributivamente sentimos. Entretanto, vimos quão vã é essa pretensão, a qual eu lamentaria ressaltar demais. Maria Gostrey e a senhorita Stackpole, portanto, são, cada uma delas, casos de leve *ficelle*** não do verdadeiro agente; podem correr ao lado da carruagem, “com todo o empenho”, podem agarrar-se a ela até que lhes falte o fôlego (como a pobre senhorita Stackpole o faz de modo bastante visível), mas nenhuma delas, em momento algum, consegue pôr ao menos o pé no estribo ou deixar de caminhar por um instante na estrada poeirenta. Pode-se até dizer que elas são como as mulheres do povo que ajudaram a resgatar à Paris de Versalhes, no dia mais sinistro da primeira metade da Revolução Francesa, a carruagem da família real. A única coisa que podem muito bem me perguntar, admito, é por que, então, na presente obra de ficção, permiti que Henrietta (de quem, sem dúvida, há muita coisa escrita) se insinuasse de forma tão officiosa, tão estranha e quase inexplicável. Direi então o que puder para explicar essa anomalia, e do modo mais conciliador.

Um detalhe que ainda quero mencionar é que, se a relação de confiança que eu tinha com os atores de meu drama que eram, ao contrário da senhorita Stackpole, verdadeiros agentes foi algo excelente de ser alcançado, ainda havia a minha relação com o leitor, que era inteiramente diferente, e sobre a qual eu sentia que não havia ninguém em quem pudesse confiar além de mim mesmo. Essa solicitude viria a ser expressa na hábil paciência com que, como já disse, eu empilhei um tijolo sobre o outro. Os tijolos, no cômputo geral — considerando-os como pequenos toques e invenções e intensificações ao longo do caminho —, afetam-me, na verdade, como se fossem quase incontáveis, e, como sempre, escrupulosamente sobrepostos e embalados. É um efeito de detalhe, o

mais diminuto deles; entretanto se eu tivesse que dizer tudo sobre isso, teria que expressar a esperança de que a atmosfera geral e mais ampla do modesto monumento ainda sobreviva. Eu pelo menos pareço alcançar a chave para uma parte da profusão de pequenas, ansiosas e engenhosas ilustrações ao recordar que enfatizei, em favor de minha jovem, os mais evidentes de seus predicados. “O que ela vai ‘fazer’?” Ora, a primeira coisa que fará é ir para a Europa, o que dará forma, de modo inevitável, a grande parte de sua aventura principal. Ir à Europa é, mesmo para os “frágeis receptáculos”, nessa idade maravilhosa, uma suave aventura; mas o que pode ser mais verdadeiro que o fato de que suas aventuras deverão ser de fato suaves, no sentido de não dependerem de mar e terra, de acidentes dramáticos, de batalha e assassinato e morte súbita? Sem a percepção que ela tem dessas aventuras — ou *por* elas, poder-se-ia dizer —, elas não são quase nada. Mas a beleza e a dificuldade não residem justamente em mostrar a mística conversão delas, por intermédio dessa percepção, em material dramático, ou, usando uma palavra ainda mais encantadora, em “história”? Todo o meu argumento estava tão claro quanto o som de um sino de prata. Dois exemplos muito bons, acho eu, desse efeito de conversão, dois casos da rara química, estão no trecho em que Isabel, ao entrar na saleta de Gardencourt, depois de uma caminhada em terreno molhado, ou o que seja, naquela tarde chuvosa, encontra mme. Merle de posse do lugar, sentada, absorta porém serena, ao piano, e reconhece profundamente, no bater daquela hora, naquela presença entre as sombras que se adensavam, naquela personagem de quem até um minuto atrás nunca ouvira falar, a mudança em sua vida. É terrível, em qualquer demonstração artística, ter que pôr os pingos nos *is* e insistir nas próprias intenções, e não me sinto inclinado a fazer isso agora; mas a questão ali era produzir a máxima intensidade com um mínimo de esforço.

O interesse devia ser despertado até o clímax e, ainda assim, os elementos mantidos dentro de seu tom; desse modo, para que a coisa toda pudesse impressionar como deveria, eu tinha de mostrar o que uma “excitante” vida interior é capaz de fazer por aquele que a possui, mesmo quando a vida permanece normal. E não posso pensar em aplicação mais consistente desse ideal que não seja na longa descrição, um pouco depois da metade do livro, da extraordinária vigília meditativa da minha jovem, numa situação que se tornaria um marco tão importante para ela. Reduzida à essência, não é senão a vigília da crítica investigativa; mas que impele a ação muito além do que vinte “incidentes” o teriam feito. Foi planejada para ter toda a vivacidade do incidente e toda a economia do quadro. Ela permanece diante do fogo já baixo, tarde da noite, sob a magia de reconhecimentos que lhe revelam o último sarcasmo subitamente aguardado. É simplesmente a representação de sua visão imóvel, e, além disso, uma tentativa de tornar a mera lucidez silenciosa desse ato tão “interessante” quanto a visão inesperada de uma caravana ou a identificação de um pirata. Representa, nesse sentido, uma das identificações que são caras ao romancista e mesmo indispensáveis a ele; mas tudo transcorre sem que ela seja abordada por outra pessoa ou saia de sua cadeira. É sem dúvida alguma a melhor coisa do livro, mas apenas a suprema ilustração do plano geral. Quanto a Henrietta, a quem minhas desculpas ficaram incompletas, exemplifica, receio, em sua superabundância, não um elemento de meu plano, mas apenas um excesso de zelo de minha parte. Cedo demais, começou minha tendência de supertrabalhar, ao invés de subtrabalhar (quando havia escolha ou perigo) meu tema. (Muitos membros de minha profissão, entendendo, estão longe de

concordar comigo, mas sempre achei que trabalhar demais um tema é o menor dos males.) “Supertrabalhar” o tema de *Retrato* equivaleu a nunca esquecer, em hipótese alguma, que tudo tinha a especial obrigação de ser divertido. Havia o perigo da mencionada “fragilidade” — que deveria ser evitada a qualquer preço, pelo cultivo do vívido. Pelo menos é assim que vejo isso hoje. Henrietta deve ter sido, naquela época, parte da minha maravilhosa noção sobre o vívido. E também havia outra coisa. Nos últimos anos eu estava vivendo em Londres, e a luz “internacional” incidia, na época, a meu ver, com força e riqueza sobre o cenário. Era a luz à qual grande parte do quadro estava exposta. Mas isso é outro assunto. Na verdade, há coisas demais para serem ditas.

Henry James

* “Ele ficaria bastante atrapalhado”, em francês no original. (N. E.)

** “Manha do ofício”, em francês no original. (N. E.)

RETRATO DE
UMA SENHORA

Em determinadas circunstâncias, há poucas horas na vida mais agradáveis do que aquela dedicada à cerimônia conhecida como chá da tarde. Há circunstâncias em que, tomemos ou não o chá — algumas pessoas, logicamente, jamais o fazem —, a situação é, em si, encantadora. As que tenho em mente ao começar a narrativa desta simples história criaram um cenário admirável para um inocente passatempo. Os apetrechos do pequeno banquete haviam sido dispostos sobre o gramado de uma velha casa de campo inglesa, no que eu poderia chamar de perfeito decorrer de uma esplêndida tarde de verão. Parte da tarde já se esvaíra, mas boa parte dela ainda restava, e o que ali havia era da mais fina e rara qualidade. O verdadeiro crepúsculo tardaria ainda algumas horas; porém a torrente de luz de verão já refluía, a atmosfera tornara-se branda, as sombras alongavam-se sobre a relva macia e densa. Porém cresciam lentas; e a cena expressava aquela sensação de inatividade ainda por vir, que é talvez a fonte principal do prazer de se viver tal cena nesse horário. Das cinco às oito horas é, em certas ocasiões, uma pequena eternidade; mas numa ocasião como esta, o intervalo só podia ser uma eternidade de prazer. As pessoas nela envolvidas absorviam esse prazer tranqüilamente, e não pertenciam ao sexo que supostamente fornece os habituais partidários da cerimônia que mencionei. As sombras sobre o gramado perfeito em retilíneas e angulosas; eram as sombras de um velho sentado em uma ampla cadeira de vime próxima à mesa baixa sobre a qual fora servido o chá, e as de dois homens mais jovens, andando de um lado para o outro, conversando à toa diante dele. O velho segurava a xícara nas mãos; era uma xícara de tamanho inusitado, de desenho diferente do restante do aparelho e decorada com cores brilhantes. Ele se servia de seu conteúdo com muita circunspeção, mantendo-a por longo tempo próxima a seu queixo, com a face voltada em direção à casa. Seus companheiros haviam terminado o chá ou estavam indiferentes a tal privilégio; fumavam cigarros enquanto continuavam a passear por ali. Um deles, de quando em quando, ao passar olhava com certa atenção para o homem mais velho, que, sem notar que estava sendo observado, mantinha o olhar fixo sobre a suntuosa fachada vermelha de sua residência. A casa que se erguia além do gramado era uma estrutura que merecia tal consideração e era o objeto mais característico no quadro peculiarmente inglês que tentei esboçar.

Erguia-se sobre uma colina baixa, acima do rio — sendo este o Tâmis, a cerca de sessenta e cinco quilômetros de Londres. Uma fachada de tijolos vermelhos e cumeeira alta, com a aparência marcada por proezas pictóricas infligidas pelo tempo e pelo clima que, no entanto, apenas a tinham melhorado e refinado, apresentava ao gramado suas heras, suas chaminés agrupadas, suas janelas afogadas em trepadeiras. A casa possuía um nome e uma história; o velho cavalheiro tomando seu chá teria tido o maior prazer em contar-lhes essas coisas: como ela fora construída no reinado de Eduardo VI, oferecera hospitalidade por uma noite para a grande Elizabeth (cuja

augusta pessoa se estendera numa cama imensa, magnífica e terrivelmente angulosa que ainda constituía a principal honra dos aposentos de dormir), fora bastante atingida e desfigurada durante as guerras de Cromwell, e então, durante a Restauração, reparada e muito ampliada; e como, finalmente, após haver sido remodelada e descaracterizada no século XVIII, passara para a cuidadosa guarda de um arguto banqueiro norte-americano, que a comprara originalmente porque (devido a circunstâncias demasiadamente complicadas para expor aqui) lhe foi oferecida por uma pechincha: comprara-a com muitas queixas por sua feiúra, sua antigüidade, sua falta de conforto, e agora, vinte anos depois, tornara-se consciente de sua verdadeira paixão estética por ela, de modo que conhecia todos os seus recantos e poderia dizer exatamente onde postar-se para vê-los em harmonia e exatamente a hora em que as sombras de suas várias protuberâncias — que caíam tão suavemente sobre a cálida e fatigada alvenaria de tijolos — tinham a medida apropriada. Além disso, como já mencionei, ele poderia desfiar a maioria dos sucessivos proprietários e ocupantes, vários dos quais eram de fama publicamente reconhecida; fazendo isso, entretanto, com uma convicção velada de que a última fase de seu destino não era a menos honrosa. A fachada da casa voltada para aquela porção do gramado na qual estamos interessados não era a da entrada principal; esta localizava-se em local bem diverso. A privacidade, aqui, reinava soberana, e o amplo carpete de relva que cobria a parte plana do topo da colina parecia ser apenas a extensão de um luxuoso interior. Os grandes e silenciosos carvalhos e faias projetavam sombra tão densa como cortinas de veludo, e o local estava mobiliado como um aposento, com poltronas estofadas, tapetes de cores vivas, livros e papéis que jaziam sobre a grama. O rio ficava a certa distância; onde o terreno começava a descer, o gramado propriamente dito terminava. Mas mesmo assim era encantadora a caminhada até a água.

O velho cavalheiro à mesa de chá, que viera da América do Norte trinta anos antes, trouxera consigo, no alto de sua bagagem, a fisionomia americana; e não somente a trouxera consigo, como também a conservara em perfeito estado, de modo que, caso necessário, poderia tê-la levado de volta a seu país de origem com total confiança. No momento, obviamente, contudo, ele não parecia disposto a transferir-se; suas viagens tinham terminado e agora ele desfrutava do repouso que precede o grande repouso. Tinha o rosto fino e bem barbeado, com feições proporcionalmente distribuídas e uma expressão de plácida sagacidade. Era evidentemente um rosto no qual a amplitude de representação não era grande, de forma que o ar de argúcia satisfeita era de ainda mais mérito. Parecia dizer que seu portador fora bem-sucedido na vida, mas também que todo seu sucesso não fora exclusivo e hostil, mas possuía muito da inocência do fracasso. Ele certamente tinha grande experiência dos homens, mas percebia-se uma simplicidade quase rústica no débil sorriso que lhe pairava na face magra e larga e lhe iluminava os olhos bem-humorados, quando ele, por fim, pousou com lentidão e cuidado a grande xícara de chá sobre a mesa. Estava bem vestido, com trajes de um preto lustroso; mas tinha um xale dobrado sobre os joelhos, e os pés enfiados em chinelos grossos e bordados. Um belo *collie* estava deitado sobre a grama próximo de sua cadeira, olhando para o rosto do dono quase com tanta ternura quanto a que este dedicava à ainda mais dominante fisionomia da casa; e um pequeno *terrier*, alvoroçado e de pêlo eriçado, dispensava vaga atenção aos outros cavalheiros.

Um deles era um homem notavelmente bem-apegoado, de trinta e cinco anos, com feições tão

inglesas quanto não o eram as do idoso cavalheiro que acabei de descrever; um rosto muito atraente, corado, claro e franco, de feições firmes e corretas, olhos de um cinza intenso e o rico adorno de uma barba castanha. Tal pessoa possuía um certo ar afortunado, brilhante e excepcional — o ar de um temperamento feliz, fertilizado por uma elevada civilização — que teria feito qualquer observador quase invejá-lo ao acaso. Calçava botas com esporas, como se houvesse acabado de chegar de uma longa cavalgada; usava chapéu branco, que parecia ser grande demais para ele; mantinha as mãos às costas, e uma delas — de punho largo, branco e bem talhado — apertava um par de luvas de couro de cachorro, manchadas.

Seu companheiro, que a seu lado dava largas passadas pelo gramado, era uma pessoa de tipo bem diferente que, embora podendo talvez despertar grave curiosidade, não teria, como o outro, provocado em alguém o desejo quase imprudente de estar em seu lugar. Alto, magro, de constituição débil e deselegante, tinha um rosto feio e doentio, embora espirituoso e fascinante, dotado, mas de modo algum adornado, de um bigode irregular e suíças. Parecia inteligente e enfermo — combinação absolutamente infeliz —, e vestia um paletó de veludo marrom. Tinha as mãos nos bolsos, e havia algo na maneira como o fazia que mostrava que o hábito era inveterado. Seu modo de andar era trôpego e errante; não tinha muita firmeza nas pernas. Como já disse, sempre que passava pelo velho na cadeira, pousava o olhar nele; e nesse momento, relacionando os rostos, seria fácil perceber que se tratava de pai e filho. O pai cruzou finalmente o olhar do filho e deu um sorriso suave em resposta.

— Estou me sentindo muito bem — disse ele.

— Bebeu seu chá? — perguntou o filho.

— Sim, e apreciei-o bastante.

— Quer mais um pouco?

O velho ponderou, plácido.

— Bem, creio que esperarei um pouco. — Seu sotaque era norte-americano.

— Está com frio? — indagou o filho.

O pai esfregou lentamente as pernas:

— Bem, não sei. Só poderei dizer quando sentir.

— Talvez alguém possa sentir por você — disse o rapaz, rindo.

— Oh, espero que alguém sempre sinta por mim! O senhor não sente por mim, lorde Warburton?

— Oh, sim, imensamente — disse prontamente o cavalheiro mencionado como lorde Warburton. — Sou obrigado a dizer que o senhor me parece maravilhosamente confortável.

— Bem, acredito que esteja, sob muitos aspectos. — E o velho baixou o olhar para o xale verde, ajeitando-o sobre os joelhos. — O fato é que tenho estado confortável durante tantos anos que devo ter me acostumado tanto a isso a ponto de já não saber mais.

— Sim, esse é o fastio do conforto — disse lorde Warburton. — Só nos damos conta quando estamos desconfortáveis.

— Parece-me que somos muito exigentes — notou seu companheiro.

— Oh, sim, não há dúvida de que somos exigentes — murmurou lorde Warburton. E então os

três permaneceram em silêncio por algum tempo; os dois mais jovens de pé, olhando para o terceiro, que dali a pouco pediu mais um pouco de chá. — Eu teria imaginado que o senhor se sentiria muito infeliz com esse xale — continuou lorde Warburton, enquanto seu companheiro enchia novamente a xícara do velho.

— Oh, não, ele deve ficar com o xale! — exclamou o cavalheiro do paletó de veludo. — Não coloque essas idéias na cabeça dele.

— Ele pertence à minha mulher — disse o velho, simplesmente.

— Se é por razões sentimentais... — E lorde Warburton fez um gesto de desculpas.

— Creio que deva devolvê-lo quando ela chegar — continuou o velho.

— Por favor, não faça nada disso. Fique com ele para cobrir suas velhas pernas.

— Ora, você não deve criticar minhas pernas — disse o velho. — Acho que são tão boas quanto as suas.

— Oh, o senhor tem toda a liberdade para criticar as minhas — respondeu seu filho, estendendo-lhe a xícara.

— Ora, somos dois inválidos; não creio que haja muita diferença.

— Sou-lhe muito grato por chamar-me de inválido. Como está o chá?

— Bem, um tanto quente.

— Isso deve ser considerado um mérito.

— Há grande mérito, realmente — murmurou o velho, bondosamente. — Ele é um ótimo enfermeiro, lorde Warburton.

— Não é um pouco desajeitado? — perguntou o lorde.

— Oh, não, ele não é desajeitado, considerando-se que também é um inválido. É ótimo enfermeiro, para um doente. Eu o chamo de meu enfermeiro doente, porque ele próprio está doente.

— Ora, vamos, papai! — exclamou o rapaz feio.

— Mas você está; gostaria que não estivesse. Porém creio que não pode evitar isso.

— Posso tentar; é uma idéia — disse o rapaz.

— Já ficou doente, lorde Warburton? — perguntou o velho.

Lorde Warburton refletiu por um momento.

— Sim, senhor, fiquei uma vez, no golfo Pérsico.

— Ele está brincando com o senhor, papai — disse o outro jovem. — É só gracejo.

— Bem, parece haver muitos gracejos hoje em dia — respondeu o pai, serenamente. — De qualquer modo, não parece que o senhor esteve doente, lorde Warburton.

— Ele está farto da vida; estava me falando justamente sobre isso; falando sem parar sobre o assunto — disse o amigo de lorde Warburton.

— Isso é verdade, senhor? — perguntou o velho, sério.

— Se é, seu filho não me ofereceu nenhum consolo. Ele é um péssimo parceiro para se conversar, um cínico completo. Parece não acreditar em coisa alguma.

— Esse é outro gracejo — disse a pessoa acusada de cinismo.

— É porque sua saúde é ruim — explicou o velho a lorde Warburton. — Afeta-lhe a mente e

matiza sua maneira de encarar as coisas; parece que ele sente que jamais teve uma chance. Porém tudo isso é quase só na teoria, sabe, não parece afetar-lhe o ânimo. Quase nunca o vi desanimado — mais ou menos como está agora. Ele geralmente me alegra.

O rapaz assim descrito olhou para lorde Warburton e riu.

— Isso é um elogio exaltado ou uma acusação de leviandade? Gostaria que eu pusesse em prática minhas teorias, papai?

— Por Deus, veríamos coisas bastante estranhas! — exclamou lorde Warburton.

— Espero que não tenha adotado esse tom — disse o velho.

— O tom de Warburton é pior que o meu; ele finge estar entediado. Eu não estou nem um pouco entediado; até considero a vida interessante demais.

— Ah, interessante *demais*; não deve permitir que ela seja assim, sabe disso!

— Jamais fico entediado quando venho aqui — disse lorde Warburton. — A conversa é sempre inusitadamente boa.

— Isso é outro gracejo? — perguntou o velho. — O senhor não tem desculpa de se sentir entediado em lugar algum. Quando eu tinha a sua idade, jamais ouvi falar de algo semelhante.

— O senhor deve ter amadurecido bem tarde.

— Não, amadureci bem rápido; esse foi exatamente o motivo. Quando eu tinha vinte anos de idade, já estava muitíssimo amadurecido. Trabalhava com unhas e dentes. O senhor não se sentiria entediado se tivesse o que fazer; mas vocês, jovens, são todos ociosos. Pensam demais no próprio prazer. São exigentes demais, indolentes demais e ricos demais.

— Ah, alto lá — exclamou lorde Warburton. — O senhor não é a pessoa mais indicada para acusar um semelhante de ser rico demais!

— Diz isso porque sou banqueiro? — perguntou o velho.

— Por isso, se quiser, e porque o senhor tem, não é mesmo?, recursos ilimitados.

— Ele não é muito rico — defendeu-o misericordiosamente o rapaz. — Distribuiu uma quantidade imensa de dinheiro.

— Bem, suponho que o dinheiro era dele — disse lorde Warburton —; e, nesse caso, haveria maior prova de riqueza? Não está certo um benfeitor público dizer que outros prezam demais o prazer.

— Papai preza muito o prazer... dos outros.

O velho meneou a cabeça.

— Não tenho pretensões de ter contribuído em nada para a diversão de meus contemporâneos.

— Meu caro pai, o senhor é modesto demais!

— Isso é outro gracejo, senhor — disse lorde Warburton.

— Vocês, jovens, gracejam demais. Quando não há mais do que gracejar, não lhes resta nada.

— Felizmente há sempre do que gracejar — observou o rapaz feioso.

— Não acredito nisso, acredito que as coisas estão se tornando mais sérias. E vocês, jovens, descobrirão que estou certo.

— A crescente seriedade das coisas. Essa é a grande oportunidade para gracejos.

— Terão quiser gracejos cruéis — disse o velho. — Estou convencido de que haverá grandes

mudanças; e nem todas para melhor.

— Concordo plenamente com o senhor — declarou lorde Warburton. — Tenho absoluta certeza de que haverá grandes mudanças e que todo tipo de coisas estranhas acontecerá. Eis por que encontro tanta dificuldade em pôr em prática seu conselho; como sabe, disse-me outro dia que eu deveria “agarrar-me” a alguma coisa. Hesito, porém, em agarrar-me a algo que, no momento seguinte, poderá ser mandado para o espaço.

— Você deveria agarrar-se a uma bela mulher — disse seu companheiro. — Ele está muito empenhado em apaixonar-se — acrescentou, à guisa de explicação, dirigindo-se ao pai.

— As belas mulheres também podem ir pelos ares! — exclamou lorde Warburton.

— Não, não, elas permanecerão firmes — retorquiu o velho —; não serão afetadas pelas mudanças sociais e políticas que acabei de mencionar.

— Quer dizer que elas não serão abolidas? Muito bem, então lançarei as mãos sobre uma tão logo seja possível e a amarrarei ao pescoço como um salva-vidas.

— As damas nos salvarão — disse o velho —; quero dizer, as melhores o farão — pois faço uma distinção entre elas. Corteje uma boa mulher e case-se com ela, e sua vida se tornará muito mais interessante.

Um silêncio momentâneo marcou, talvez, por parte dos ouvintes, o senso da magnanimidade desse discurso, pois não era segredo nem para o filho nem para o visitante que sua própria experiência matrimonial não fora feliz. Como dissera, no entanto, ele fazia uma distinção; e essas palavras podem ter tido a intenção de uma confissão de erro pessoal; embora, é claro, não fosse apropriado que nenhum de seus dois companheiros observasse que aparentemente a dama de sua escolha não fora das melhores.

— Se eu me casar com uma mulher interessante, ficarei interessado; é isso que quer dizer? — perguntou lorde Warburton. — Não estou nem um pouco entusiasmado para casar — seu filho deturpou minhas intenções. Mas não sei o que uma mulher interessante poderia fazer por mim.

— Eu gostaria de ver qual é a sua idéia de uma mulher interessante — disse-lhe o amigo.

— Meu caro, não se podem ver idéias, especialmente idéias tão altamente etéreas como as minhas. Se ao menos eu mesmo conseguisse vê-las, isso já seria um grande avanço.

— Bem, o senhor pode se apaixonar por quem lhe agrada; porém não deve fazê-lo por minha sobrinha — disse o velho.

O filho caiu na risada.

— Ele pensará que o senhor diz isso como uma provocação! Meu querido pai, o senhor convive com os ingleses há trinta anos e já assimilou muitas de suas expressões. Mas ainda não aprendeu o que eles não dizem!

— Eu digo o que me agrada — respondeu o velho, com toda a serenidade.

— Não tenho a honra de conhecer sua sobrinha — disse lorde Warburton. — Creio que é a primeira vez que ouço falar dela.

— Ela é sobrinha de minha esposa; a senhora Touchett a está trazendo para a Inglaterra.

Então o jovem senhor Touchett explicou:

— Minha mãe, como sabe, passou o inverno na América, e estamos aguardando sua volta. Ela

escreveu dizendo que descobriu uma sobrinha e convidou-a a vir também.

— Entendo, muito gentil da parte dela — disse lorde Warburton. — A jovem é interessante?

— Sabemos tanto quanto você a respeito dela; minha mãe não entrou em detalhes. Ela se comunica conosco principalmente por telegramas, e seus telegramas são bastante inescrutáveis. Dizem que as mulheres não sabem redigi-los, mas minha mãe dominou completamente a arte da condensação. “Cansada América, clima quente horrível, volto Inglaterra com sobrinha, primeiro navio cabine decente.” É esse o tipo de mensagem que recebemos dela — essa foi a última. Porém houve uma outra antes, que acredito conter a primeira menção à sobrinha. “Troquei hotel, muito ruim, funcionário insolente, endereço aqui. Adotei filha da irmã, morta ano passado, viagem à Europa, duas irmãs, muito independente.” Meu pai e eu não conseguimos decifrar de todo o conteúdo; pode admitir muitas interpretações.

— Mas há uma coisa bastante clara — disse o velho —; ela passou um sabão no funcionário do hotel.

— Nem sequer disso estou certo, uma vez que ele a tirou de perto. A princípio pensamos que a irmã mencionada pudesse ser a irmã do funcionário; porém a menção subsequente de uma sobrinha parece provar que a alusão refere-se a uma de minhas tias. Aí restou a questão sobre de quem eram as duas outras irmãs; são provavelmente duas das filhas de minha falecida tia. Mas quem é “muito independente”, e em que sentido o termo é usado? Esse ponto ainda não está esclarecido. A expressão aplica-se especificamente à jovem que minha mãe adotou, ou caracteriza suas irmãs? E é usada em sentido moral ou financeiro? Significa que elas ficaram em boa situação, ou que elas não desejam assumir nenhuma obrigação? Ou simplesmente significa que elas gostam de fazer as coisas do seu jeito?

— O que quer que signifique além disto, certamente é isto o que quer dizer — observou o senhor Touchett.

— Julgarão por si mesmos — disse lorde Warburton. — Quando chega a senhora Touchett?

— Estamos completamente no escuro; assim que encontrar uma cabine decente em algum navio. Talvez ela ainda esteja à espera; ou quem sabe até já desembarcou na Inglaterra.

— Nesse caso, provavelmente teria telegrafado a vocês.

— Ela jamais telegrafa quando se espera que o faça, somente quando não se espera — disse o velho. — Ela gosta de apanhar-me de surpresa; pensa que me encontrará fazendo algo errado. Ainda não conseguiu, mas tampouco desanimou.

— É o que toca a ela no acordo familiar, a independência que menciona. — A apreciação do filho sobre o assunto em questão era mais favorável. — Seja qual for a independência daquelas jovens, não é páreo para a dela. Ela gosta de fazer tudo por conta própria e não acredita que alguém seja capaz de ajudá-la. Ela me considera tão útil quanto um selo sem cola, e jamais me perdoaria se eu me atrevesse a ir até Liverpool para recebê-la.

— Poderei ao menos ser informado quando sua sobrinha chegar? — perguntou lorde Warburton.

— Somente com a condição de não se apaixonar por ela! — retrucou o senhor Touchett.

— Isso me parece muito duro. Não me considera bom o bastante?

— Considero-o bom demais, porque não gostaria que ela o desposasse. Ela não veio até aqui à procura de um marido, espero; tantas jovens estão fazendo isso, como se não houvesse bons partidos em seu país de origem. E talvez ela esteja comprometida; as moças norte-americanas geralmente têm compromisso, creio eu. Além disso, não estou certo, afinal de contas, de que o senhor seria um bom marido.

— Provavelmente ela está comprometida; conheci muitas moças norte-americanas, e elas sempre estavam. Mas não creio que isso faça alguma diferença, dou-lhe minha palavra. Quanto ao fato de eu ser um bom marido — prosseguiu o visitante do senhor Touchett —, também não estou certo a respeito disso. Só me resta tentar!

— Tente quanto lhe aprouver, mas não com minha sobrinha — sorriu o velho, cuja oposição à idéia era bastante jocosa.

— Bem — disse lorde Warburton em tom ainda mais jocoso —, é possível, afinal de contas, que ela não valha sequer a tentativa!

Enquanto essa troca de amabilidades acontecia entre os dois, Ralph Touchett afastou-se um pouco, curvado como de costume, as mãos nos bolsos, e o pequeno e barulhento *terrier* nos calcanhares. Seu rosto estava voltado em direção à casa, mas seus olhos fitavam, pensativos, o gramado; de modo que se prestou à observação de uma pessoa que acabara de aparecer na ampla soleira da porta durante alguns momentos, antes que ele a percebesse. Sua atenção foi atraída para ela pela conduta do cachorro, que subitamente avançou em direção à casa com latidos estridentes, cujo tom, entretanto, era mais de boas-vindas que de desafio. A pessoa em questão era uma jovem, que pareceu interpretar imediatamente a saudação do pequeno animal. Este avançou com grande rapidez e parou a seus pés, olhando para cima e latindo forte, e então, sem hesitar, ela se abaixou e apanhou-o nos braços, mantendo-o próximo ao rosto, enquanto ele continuava a emitir ruídos animados. Seu dono agora já tivera tempo de alcançá-los, e de observar que a nova amiga de Bunchie era uma moça alta, vestida de preto, e à primeira vista lhe parecia bonita. Estava sem chapéu, como se estivesse dentro da casa — fato que causou perplexidade ao filho do proprietário, consciente da imunidade a visitantes que se tornara necessária há algum tempo, devido à situação de saúde deste último. Nesse meio-tempo, os outros dois cavalheiros também haviam notado a recém-chegada.

— Minha nossa, quem é aquela mulher estranha? — perguntara o senhor Touchett.

— Talvez seja a sobrinha da senhora Touchett, a jovem independente — sugeriu lorde Warburton. — Creio ser ela, a julgar pelo modo como segura o cachorro.

O *collie* também desviara sua atenção para ela, e trotava em direção à jovem na soleira, sacudindo lentamente a cauda enquanto avançava.

— Mas onde está minha esposa, então? — murmurou o velho.

— Suponho que a jovem a tenha deixado em algum lugar: faz parte da independência.

A moça dirigiu-se a Ralph, sorrindo, mantendo ainda o *terrier* ao colo.

— Este cachorrinho é seu, senhor?

— Era meu até há alguns momentos; mas a senhorita assumiu de repente um notável ar de propriedade em relação a ele.

— Não poderíamos compartilhar essa propriedade? — perguntou a moça. — Ele é tão adorável!

Ralph olhou-a por um momento; era surpreendentemente bonita.

— Pode ficar com ele todinho — respondeu, então.

A jovem parecia ter muita confiança, tanto em si mesma quanto nos outros; mas a abrupta generosidade a fez corar.

— Devo dizer-lhe que provavelmente sou sua prima — declarou ela, colocando o animal no chão. — E aqui está outro! — acrescentou rapidamente, à chegada do *collie*.

— Provavelmente? — perguntou o jovem, rindo. — Achei que isso já estivesse totalmente definido! Chegou com minha mãe?

— Sim, há meia hora.

— Ela a deixou aqui e partiu novamente?

— Não, ela foi direto para o quarto, e pediu-me que, se eu o encontrasse, dissesse-lhe que deve ir vê-la às quinze para as sete.

O jovem olhou para o relógio.

— Muito obrigado; serei pontual. — E então olhou para a prima. — Seja bem-vinda. Estou encantado em conhecê-la.

Ela observava tudo com olhos que denotavam clara percepção: seu interlocutor, os dois cachorros, os dois cavalheiros sob as árvores, o lindo cenário que a rodeava.

— Jamais vi algo tão lindo quanto este lugar. Já visitei toda a casa e é encantadora!

— Lamento que esteja aqui há tanto tempo sem que soubéssemos.

— Sua mãe disse-me que na Inglaterra as pessoas chegam sem fazer alarde; portanto pensei que não haveria problema. Um daqueles cavalheiros é seu pai?

— Sim, o mais velho, o que está sentado — disse Ralph.

A moça deu uma risada.

— Não pensei que fosse o outro. Quem é ele?

— É um amigo nosso, lorde Warburton.

— Oh, eu esperava que houvesse um lorde; parece um romance! — E então: — Oh, você é uma coisinha adorável! — exclamou subitamente, abaixando-se e pegando o cãozinho no colo novamente.

Ela permaneceu no mesmo lugar, sem fazer menção de avançar ou dirigir-se até onde estava o senhor Touchett, e enquanto ela se mantinha à soleira da porta, esguia e encantadora, Ralph perguntou-se se ela esperava que o velho fosse até ali apresentar-lhe seus cumprimentos. As moças norte-americanas estavam acostumadas a grande deferência, e havia sido sugerido que essa possuía grande altivez. De fato, podia-se ver isso em seu rosto.

— Gostaria de vir comigo e conhecer meu pai? — aventurou-se a perguntar. — Ele está velho e enfermo, não pode sair da cadeira.

— Ah, pobre homem, sinto muito! — exclamou a moça, pondo-se a caminho imediatamente. — Sua mãe deu-me a impressão de que ele era bastante... bastante ativo.

Ralph Touchett permaneceu em silêncio por alguns instantes.

— Faz um ano que ela não o vê.

— Bem, ele tem um lugar muito agradável para se sentar. Vamos lá, cãozinho.

— É um lugar querido e familiar — disse o jovem, olhando de esguelha para a moça.

— Qual o nome dele? — perguntou ela, com a atenção novamente voltada para o *terrier*.

— O nome de meu pai?

— Sim — disse a jovem, divertida —; mas não conte a ele que perguntei.

Chegaram até o local onde o senhor Touchett estava sentado e este levantou-se devagar para cumprimentá-la.

— Minha mãe chegou — disse Ralph —, e esta é a senhorita Archer.

O homem idoso apoiou as duas mãos sobre os ombros da jovem, olhou-a por um momento com extrema benevolência e então, galantemente, beijou-a.

— É um grande prazer vê-la aqui; mas gostaria que nos tivesse proporcionado a oportunidade de recepcioná-la.

— Oh, nós fomos recepcionadas — disse a moça. — Havia cerca de uma dúzia de serviçais no saguão. E também uma velha senhora fazendo medidas no portão.

— Podemos fazer melhor que isso, desde que tenhamos oportunidade! — E o velho continuou de pé, sorrindo e esfregando as mãos, meneando lentamente a cabeça para ela. — Porém a senhora Touchett não gosta de recepções.

— Ela foi direto para o quarto.

— Sim... e trancou-se lá. Ela sempre faz isso. Bem, suponho que a verei na semana que vem. — E o marido da senhora Touchett reassumiu com lentidão a postura anterior.

— Antes disso — disse a senhorita Archer. — Ela descerá para o jantar às oito horas. Não se esqueça das quinze para as sete — acrescentou, voltando-se com um sorriso para Ralph.

— O que irá acontecer às quinze para as sete?

— Devo ver minha mãe — disse Ralph.

— Ah, garoto felizardo! — comentou o velho. — Sente-se, tome um pouco de chá — observou à sobrinha de sua esposa.

— Levaram chá ao meu quarto quando cheguei — respondeu a jovem. — Lamento que esteja doente — acrescentou, pousando os olhos sobre seu venerável anfitrião.

— Oh, eu sou um velho, minha cara; está na hora de isso acontecer. Mas ficarei melhor com você aqui.

Ela olhava ao redor novamente — o gramado, as grandes árvores, o estreito e prateado Tâmis, a bela casa antiga. Ao realizar esse exame, incluiu nele seus companheiros — abrangência de observação facilmente compreensível por parte de uma jovem que era obviamente inteligente e estava entusiasmada. Ela se sentara e pusera o căozinho no chão; suas mãos brancas, pousadas no colo, estavam cruzadas sobre o vestido preto; tinha a cabeça erguida, os olhos brilhantes; o corpo flexível voltava-se com facilidade para um lado e outro, solidário com a vivacidade com que ela evidentemente colhia impressões. E que eram numerosas, e refletiam-se todas em um sorriso claro e tranqüilo.

— Jamais vi algo tão lindo quanto isto.

— É mesmo bonito — disse o senhor Touchett. — Sei como a impressiona. Já passei pela mesma sensação. Mas você também é muito bonita — acrescentou com uma polidez que não era absolutamente jocosa, acrescida da feliz consciência de que sua idade lhe dava o privilégio de dizer tais coisas, mesmo para jovens que talvez pudessem alarmar-se com elas.

No caso dessa jovem, o grau de alarme sentido não podia ser medido exatamente; porém, pôs-se de pé no mesmo instante, com as faces cobertas de um rubor que não denotava uma negativa.

— Oh, sim, é claro que sou bonita! — respondeu ela, numa rápida risada. — De que época é sua casa? Elisabetana?

— É do início da era Tudor — disse Ralph Touchett.

Ela voltou-se para ele, fitando seu rosto.

— Início da era Tudor? Mas que maravilha! Suponho que haja muitas outras.

— Há outras, e muito melhores que esta.

— Não diga isso, meu filho! — protestou o velho. — Não há nada melhor que esta.

— Eu possuo uma muito boa; creio até que, em alguns aspectos, ela é um tanto melhor — disse

lorde Warburton, que ainda não se manifestara mas que mantinha o olhar atento sobre a senhorita

Archer. Ele inclinou-se ligeiramente, sorrindo; possuía excelentes maneiras para com as mulheres.

A moça apreciou seu gesto num instante; não se esquecera de que aquele era lorde Warburton. —

Terei muito prazer em mostrá-la para a senhorita — acrescentou.

— Não acredite nele — exclamou o velho —; não visite sua casa! É um barracão velho e imprestável, que não pode ser comparado à minha casa.

— Não sei... não posso julgar — disse a moça, sorrindo para lorde Warburton.

Ralph Touchett não estava nem um pouco interessado nesta discussão: permanecia de pé, com as mãos nos bolsos, parecendo muito interessado em reiniciar a conversa com a prima recém-descoberta.

— Gosta muito de cachorros? — perguntou ele, a título de abertura. Pareceu dar-se conta de que essa era uma forma muito desajeitada para um rapaz inteligente.

— Gosto muito mesmo.

— Pode ficar com o *terrier*, se quiser — continuou ele, ainda sem jeito.

— Terei prazer em ficar com ele enquanto estiver aqui.

— Isso será por muito tempo, espero.

— Você é muito gentil. Não sei ao certo. Minha tia cuidará disso.

— Tratarei de ajudá-la nessa tarefa às quinze para as sete. — Ralph olhou novamente para o relógio.

— Já estou muito contente só por estar aqui — disse a moça.

— Não creio que permita que decidam as coisas por você.

— Oh, sim; se forem decididas da maneira que me agrada.

— Cuidarei disso da maneira que agradar a mim — disse Ralph. — É inexplicável que não a tenhamos conhecido antes.

— Eu estava lá; a única coisa que tinham a fazer era visitar-me.

— Lá? De onde está falando?

— Dos Estados Unidos: Nova York, Albany e outras cidades americanas.

— Já estive lá, por toda parte, mas jamais a vi. Não consigo compreender por quê.

A senhorita Archer hesitou.

— É porque houve algum desentendimento entre sua mãe e meu pai após a morte de minha mãe, que aconteceu quando eu era criança. Em consequência disso, jamais esperávamos conhecê-los.

— Ora, mas eu não partilho de todas as brigas de minha mãe, que Deus me perdoe! — exclamou o rapaz. — Perdeu seu pai recentemente? — continuou ele, mais sério.

— Sim, há mais de um ano. Depois disso minha tia foi muito bondosa comigo. Foi visitar-me e propôs que eu viesse para a Europa com ela.

— Entendo — disse Ralph. — Ela a adotou.

— Adotou-me? — a moça olhou-o fixamente, e o rubor voltou-lhe às faces, juntamente com uma expressão momentânea de dor, que alarmou um pouco seu interlocutor. Ele subestimara o efeito de suas palavras. Lorde Warburton, que parecia nutrir o desejo constante de uma visão mais próxima da senhorita Archer, caminhou em direção aos dois primos, e, ao aproximar-se, a jovem voltou para ele os olhos muito abertos. — Oh, não; ela não me adotou. Não sou candidata à adoção.

— Peço-lhe mil perdões — murmurou Ralph. — Eu quis dizer... eu quis dizer... — nem ele sabia o que quisera dizer.

— Você quis dizer que ela me tomou sob sua proteção. Sim, ela gosta de proteger as pessoas. Tem sido muito bondosa para mim, mas — acrescentou com ansiedade visível de ser explícita — aprecio muito minha liberdade.

— Estão falando da senhora Touchett? — chamou o velho de sua cadeira. — Venha até aqui, querida, e fale-me sobre ela. Fico sempre agradecido por obter informações.

A moça hesitou novamente, sorrindo.

— Ela é realmente muito benevolente — respondeu ela; em seguida dirigiu-se até onde estava o tio, cuja hilaridade fora provocada por essas palavras.

Lorde Warburton foi deixado a sós com Ralph Touchett, a quem disse dali a um momento:

— Há pouco você desejava conhecer meu ideal de mulher interessante. Aí está!

A senhora Touchett era certamente uma pessoa de muitas excentricidades, dentre as quais seu comportamento ao voltar para a casa do marido após vários meses era uma amostra digna de nota. Ela tinha uma maneira peculiar de fazer tudo, e esta é a descrição mais simples de uma personalidade que, embora não fosse de modo algum desprovida de impulsos liberais, raramente conseguia dar uma impressão de suavidade. A senhora Touchett podia ser muito bondosa mas jamais era agradável. Essa sua maneira peculiar, da qual se orgulhava muito, não era intrinsecamente ofensiva — era apenas inequivocamente distinta das maneiras dos outros. As arestas de sua conduta eram tão bem delineadas que para as pessoas suscetíveis tinham às vezes um efeito cortante. Esse rígido refinamento veio à tona em seu comportamento durante as primeiras horas após seu retorno da América, sob circunstâncias em que teria parecido que seu primeiro ato seria cumprimentar o esposo e o filho. A senhora Touchett, por razões que reputava excelentes, sempre se recolhia, em tais ocasiões, a um isolamento impenetrável, adiando a formalidade mais sentimental até que houvesse reparado a desordem dos trajes, com uma perfeição que não tinha razão de ser, uma vez que nem beleza nem vaidade tinham algo a ver com isso. Ela era uma senhora de rosto banal, sem atrativos ou grande elegância, mas com extremo respeito por seus próprios motivos. Geralmente estava pronta para explicá-los — quando a explicação era solicitada como um favor; e nesse caso tais motivos se mostravam totalmente diferentes daqueles que lhe haviam sido atribuídos. Estava virtualmente separada do marido, mas não parecia notar nada de irregular nessa situação. Tornara-se claro, ainda no início de sua vida conjugal, que eles jamais desejariam a mesma coisa ao mesmo tempo, e tal constatação permitiu-lhe resgatar o desentendimento do reino vulgar da contingência. Fez o que pôde para transformá-lo em lei — aspecto muito mais edificante —, indo viver em Florença, onde comprou uma casa e estabeleceu-se, deixando ao marido a administração da filial inglesa de seu banco. Esse acordo a satisfazia amplamente; fora definido com muita propriedade. Isso atingia o marido sob a mesma luz, numa praça enevoada de Londres, onde, por vezes, era o fato mais definido que ele discernia; embora tivesse preferido que essas coisas antinaturais tivessem uma imprecisão maior. Concordar em discordar custara-lhe um esforço; ele estava pronto a concordar com quase tudo menos isso, e não via razão para que tanto os acordos quanto os desentendimentos devessem ser tão terrivelmente consistentes. A senhora Touchett não alimentava arrependimentos ou especulações, e geralmente passava um mês por ano com o marido, período em que parecia empenhar-se em convencê-lo de ter ela adotado o sistema correto. Ela não apreciava o estilo de vida inglês, e para isso tinha três ou quatro razões às quais normalmente aludia; diziam respeito a questões secundárias daquela antiga ordem, mas para a senhora Touchett justificavam amplamente sua ausência. Ela detestava o tradicional molho de pão para acompanhar a galinha assada, o qual, segundo dizia, tinha aparência de cataplasma e gosto de sabão; opunha-se

ao consumo de cerveja por parte das empregadas; e afirmava que as lavadeiras inglesas (a senhora Touchett era muito exigente com a aparência de sua roupa-branca) não eram especialistas nessa arte. A intervalos determinados, ela visitava seu próprio país; porém essa última viagem fora mais longa que qualquer das anteriores.

Ela tomara a sobrinha sob sua proteção — havia pouca dúvida a esse respeito. Certa tarde úmida, cerca de quatro meses antes dos acontecimentos narrados acima, a jovem encontrava-se sozinha, apenas na companhia de um livro. Isso significa dizer que sua solidão não a oprimia; pois sua ânsia de conhecimento era de natureza fértil e a imaginação, poderosa. Havia na ocasião, entretanto, uma falta de sabores novos em sua vida que a chegada de uma visita inesperada fez muito para corrigir. A visita não fora anunciada; a jovem ouviu-a andando no aposento adjacente. Era uma velha casa em Albany, uma casa grande, quadrada, com dependências separadas para duas famílias — e um cartaz de venda nas janelas de um dos cômodos do andar de baixo. Havia duas entradas, uma das quais estava havia muito sem uso, mas jamais fora removida. Eram exatamente iguais — grandes portas brancas em forma de arco, com largos postigos laterais, sobre pequenos “alpendres” de pedra vermelha, que desciam lateralmente para a calçada de tijolos da rua. As duas casas juntas formavam uma única residência, pois a parede divisória fora removida e os aposentos se comunicavam. No andar de cima, esses aposentos eram extremamente numerosos, e estavam todos pintados exatamente da mesma cor, de um branco amarelado que desbotara com o tempo. No terceiro andar havia um tipo de corredor em arco, ligando os dois lados da casa, que Isabel e as irmãs, quando crianças, costumavam chamar de túnel; embora curto e bem iluminado, à jovem sempre parecera estranho e solitário, especialmente nas tardes de inverno. Ela estivera na casa em diferentes períodos, durante a infância; naquele tempo, a avó morava lá. Depois houve uma ausência de dez anos, seguida do retorno a Albany, antes da morte do pai. A avó, a velha senhora Archer, exercitara, principalmente no âmbito familiar, generosa hospitalidade, e as meninas às vezes passavam semanas sob seu teto, período do qual Isabel nutria gratas recordações. A vida ali era diferente daquela em sua própria casa — maior, mais farta, praticamente mais festiva; a disciplina das crianças era deliciosamente vaga e a oportunidade de escutar a conversa dos mais velhos (que para Isabel representava raro prazer), quase ilimitada. Havia um constante vaivém: os filhos e filhas de sua avó, com seus respectivos filhos, pareciam gozar de permanente liberdade para chegar e ficar, de forma que a casa oferecia, até certo ponto, a aparência de uma movimentada hospedaria do interior, mantida por uma proprietária velha e bondosa, que suspirava bastante e jamais apresentava as contas. Isabel, logicamente, nada sabia a respeito de contas; mas considerava romântica a casa de sua avó. Havia uma varanda coberta na parte de trás, dotada de um balanço que era motivo de trêmulo interesse; mais além havia um grande jardim, que descia até a cavalariça e onde abundavam pessegueiros bastante familiares a Isabel. Ela ficara na casa da avó em várias épocas do ano, mas, de alguma forma, todas as suas visitas tinham gosto de pêssego. Do outro lado, atravessando a rua, havia uma velha casa, denominada Casa Holandesa, curiosa construção que datava do início do período colonial, revestida de tijolos pintados de amarelo e coroada por uma cumeeira que era costume mostrar aos forasteiros; ficava de lado sobre a via pública, protegida por uma fraca vedação de madeira. A casa era ocupada por uma escola primária mista, cuidada — ou

melhor, descuidada — por uma dama efusiva de quem Isabel recordava principalmente o cabelo preso nas têmporas por estranhas travessas que se costumava usar somente na intimidade e o fato de ser a viúva de alguém importante. A menina teve a oportunidade de iniciar-se no saber naquele local; porém, após ter estado lá apenas um dia, protestara contra o regulamento interno, e fora-lhe permitido permanecer em casa, onde, durante o mês de setembro, quando as janelas da Casa Holandesa estavam abertas, podia-se ouvir o murmúrio das vozes infantis repetindo as operações da tabuada. E então o gosto da liberdade e a mágoa da exclusão misturaram-se, indistintos em seu espírito. A iniciação no saber, portanto, deu-se no ócio da residência da avó, onde, como a maioria dos outros moradores não era dada à leitura, ela tinha livre acesso à biblioteca repleta de livros encadernados, que apanhava com o auxílio de uma cadeira. Quando encontrava um de seu agrado — e a seleção era feita principalmente pela ilustração da capa — levava-o para um aposento misterioso contíguo à biblioteca e que era tradicionalmente chamado, ninguém sabe por quê, de escritório. A quem pertencera o escritório e em que época fora utilizado, Isabel nunca soube; bastava-lhe o eco que continha e um agradável cheiro de mofo, e que fosse um lugar de exílio para velhas peças de mobília, cujos defeitos nem sempre eram evidentes (fazendo o exílio parecer imerecido e os móveis, vítimas de injustiça), com as quais a menina, como todas as crianças, estabelecera relações quase humanas e certamente dramáticas. Havia um velho sofá de tecido ao qual ela confienciava muitos de seus desgostos infantis. O lugar devia muito de sua misteriosa melancolia ao fato de que o acesso correto a ele era pela segunda porta da casa, a mesma que fora condenada a viver trancada por ferrolhos que uma menina tão franzina descobriu ser impossível forçar. Ela sabia que essa porta imóvel e silenciosa dava para a rua; que, se as janelas laterais não estivessem cobertas de papel verde, daria para ver o pequeno alpendre marrom e o piso de tijolos já gastos. Mas ela não desejava olhar para fora, pois isso teria interferido em sua teoria de que existia do outro lado um lugar estranho e nunca visto — um lugar que se tornara, na imaginação da criança, de acordo com seus diversos estados de espírito, uma região de deleite ou de terror.

Era no “escritório” que Isabel estava sentada naquela melancólica tarde de início da primavera que acabei de mencionar. Na ocasião, ela poderia dispor da casa inteira, e o aposento que escolhera era o de cenário mais despojado. Ela jamais abria a porta ferrolhada ou removera o papel verde (renovado por outras mãos) dos vidros das janelas; jamais se assegurara de que a rua vulgar existia por trás daquelas paredes. Uma chuva antipática e fria caía pesada; a primavera era, na verdade, um apelo — que parecia cínico e insincero — à paciência. Isabel, entretanto, dava pouca importância às conspirações do tempo; mantinha os olhos no livro e procurava concentrar-se. Ocorrera-lhe ultimamente que sua mente era um tanto errante, e empregara muito engenho para impor-lhe uma disciplina militar, ensinando-a a marchar, estacar, recuar, realizar manobras ainda mais complicadas à voz de comando. Nesse exato momento, acabava de dar-lhe ordem de marchar, fazendo-a arrastar-se com esforço por sobre as áridas planícies de uma história do pensamento alemão. De repente, percebeu um passo bastante diferente de seu próprio ritmo intelectual; apurou o ouvido e descobriu que alguém se movimentava na biblioteca, ao lado do escritório. A princípio, julgou tratar-se de uma pessoa de quem ela aguardava a visita, mas quase a seguir compreendeu que eram os passos de uma mulher desconhecida — ambas características alheias a

seu possível visitante. O andar possuía uma qualidade inquisidora e experimental que sugeria que a pessoa não se deteria no limiar do escritório; e, com efeito, a porta do aposento logo foi ocupada por uma senhora que parou ali e pôs-se a observar atentamente nossa heroína. Era uma mulher sem sofisticação, de meia-idade, vestindo ampla capa de chuva; o rosto revelava uma boa dose de violenta determinação.

— Ah — disse ela —, é aqui que você costuma ficar? — E olhou ao redor para o conjunto heterogêneo de cadeiras e mesas.

— Não quando tenho visitas — disse Isabel, levantando-se para receber a intrusa.

Levou-a de volta à biblioteca enquanto a visitante continuava a olhar em volta.

— Parece haver muitos outros aposentos, em melhores condições que este. Mas tudo está muito estragado.

— Veio para ver a casa? — perguntou Isabel. — A criada poderá mostrá-la à senhora.

— Mande-a embora. Não estou aqui para comprá-la. A criada provavelmente deve estar à sua procura no andar de cima; não me pareceu muito inteligente. É melhor dizer-lhe que não se preocupe. — E então, percebendo que a moça continuava hesitante e admirada, a inesperada crítica perguntou-lhe de chofre: — Você é uma das filhas, não é?

Isabel achou suas maneiras muito estranhas.

— Depende; a que filhas a senhora se refere?

— Às filhas do falecido senhor Archer, e da minha pobre irmã.

— Ah — disse Isabel lentamente —, a senhora deve ser a maluca da tia Lydia!

— Era assim que seu pai me chamava? Sou sua tia Lydia, mas não sou nem um pouco maluca. Não tenho alucinações! E qual das filhas é você?

— Sou a mais nova das três, e chamo-me Isabel.

— Sim, as outras são Lilian e Edith. E você é a mais bonita?

— Não tenho a menor idéia — disse a moça.

— Creio que deve ser. — E, dessa maneira, tia e sobrinha tornaram-se amigas. A tia discutira anos antes com o cunhado, após a morte da irmã, censurando-a pela forma como educava suas três filhas. Sendo de temperamento forte, ele dissera-lhe que cuidasse de sua própria vida, e ela seguira isso à risca. Durante muitos anos não se comunicara com ele, e após sua morte não dirigira uma palavra sequer às filhas, que haviam crescido com a opinião desrespeitosa que Isabel acabara de demonstrar. O comportamento da senhora Touchett era, como de costume, calculado. Pretendera ir à América para cuidar de seus investimentos (com os quais seu marido, a despeito de sua privilegiada posição financeira, nada tinha a ver) e aproveitar a oportunidade para verificar as condições das sobrinhas. Não valia a pena escrever, pois não daria importância a quaisquer informações sobre elas recebidas por carta; acreditava sempre em ver por si mesma. Isabel percebeu, entretanto, que a tia sabia muita coisa a respeito das irmãs, como o casamento das duas mais velhas; sabia que seu pobre pai deixara muito pouco dinheiro, mas que a casa de Albany, que fora herdada por ele, seria vendida em benefício das três; finalmente, sabia que Edmund Ludlow, o marido de Lilian, encarregara-se do negócio, e que o jovem casal, que fora para Albany durante a enfermidade do senhor Archer, permanecia ali, por esse motivo, ocupando a velha casa juntamente

com Isabel.

— Quanto dinheiro esperam obter pela casa? — perguntou a senhora Touchett à moça, que a levava à sala da frente, inspecionada sem entusiasmo pela visitante.

— Não tenho a menor idéia — disse a moça.

— É a segunda vez que você me diz isso — retorquiu a tia. — E não me parece nem um pouco estúpida.

— Não sou estúpida, mas não entendo nada a respeito de dinheiro.

— Sim, essa é a maneira como foram educadas: como se fossem herdar milhões! O que realmente herdaram?

— Realmente não lhe posso dizer. A senhora deve perguntar a Edmund e Lilian; eles estarão de volta em meia hora.

— Em Florença esta casa seria considerada muito ruim — disse a senhora Touchett —, mas aqui deve valer um bom dinheiro. Renderá uma soma considerável para cada uma de vocês. E você *deve* ter algo mais além disso; é realmente extraordinário que não saiba de nada. O local é valorizado e a construção será provavelmente demolida para dar lugar a uma fileira de lojas. Admira-me que vocês mesmos não façam isso; poderiam obter bons lucros com as lojas.

Isabel arregalou os olhos; a idéia de alugar lojas era nova.

— Espero que não derrubem a casa. Gosto imensamente dela.

— Não sei o que a faz gostar dela. Seu pai morreu aqui.

— Sim, mas nada muda por isso — foi a resposta um tanto estranha da moça. — Gosto de lugares onde aconteceram coisas, mesmo que tenham sido coisas tristes. Muitas pessoas morreram aqui; o lugar tem estado repleto de vida...

— É isso que você chama repleto de vida?

— Quero dizer, repleto de experiências, sentimentos e pesares das pessoas. E não somente pesares, pois fui muito feliz aqui, quando criança.

— Você deve ir a Florença, se gosta de casas onde aconteceram coisas, especialmente mortes. Eu moro em um velho palácio onde três pessoas foram assassinadas; três delas conhecidas, além de não sei quantas outras.

— Em um velho palácio? — repetiu Isabel.

— Sim, minha cara; algo muito diferente disto aqui. Esta casa é muito burguesa.

Isabel ficou ressentida, pois sempre tivera em grande consideração a casa de sua avó. Mas o ressentimento não a impediu de dizer:

— Gostaria muito de ir a Florença.

— Bem, se você se portar bem e fizer tudo o que eu lhe disser, eu a levarei — declarou a senhora Touchett.

A emoção da jovem aumentou; corou ligeiramente e sorriu, calada, para a tia.

— Fazer tudo o que me disser? Não creio ser capaz de prometer isso.

— Não, você não parece ser alguém desse tipo. Gosta de fazer o que bem entende e não cabe a mim censurá-la.

— Mas, para ir a Florença — exclamou dali a pouco Isabel —, eu prometeria quase tudo!

Edmund e Lilian demoraram a chegar, e a senhora Touchett teve uma hora de conversa ininterrupta com a sobrinha, que descobriu nela uma figura diferente e interessante: uma pessoa muito especial, uma das primeiras que conhecia. Ela era tão excêntrica quanto Isabel sempre imaginara; e até então, sempre que a moça ouvira falar de pessoas excêntricas, imaginara-as como desagradáveis e perigosas. O termo sempre lhe sugerira algo grotesco e até mesmo sinistro. Mas a tia transformou-o em ironia ou comédia, e a fez perguntar-se se o bom senso, que era tudo que conhecera até então, tinha sido alguma vez tão interessante. É certo que ninguém, em nenhuma ocasião, interessara-a tanto como essa mulher de lábios finos, olhos brilhantes e aparência estrangeira, que compensava o aspecto insignificante com suas maneiras distintas e que, sentada ali com sua gasta capa de chuva, falava das cortes européias com impressionante familiaridade. Não havia nada de desmiolado na senhora Touchett, que não reconhecia superioridades sociais e, julgando os grandes da terra de forma que deixava transparecer isso, gozava da certeza de impressionar uma mente cândida e sensível. A princípio, Isabel respondera a várias perguntas; e aparentemente foram suas respostas que levaram a senhora Touchett a ter em alta conta a inteligência da moça. Mas depois disso Isabel fez outras tantas perguntas, e as respostas de sua tia, quaisquer que fossem, deram-lhe alimento para profundas reflexões. A senhora Touchett aguardou o regresso da outra sobrinha tanto quanto julgou razoável, mas às seis horas a senhora Ludlow ainda não havia chegado, e ela preparou-se para partir.

— Sua irmã deve ser muito bisbilhoteira. Ela está acostumada a ausentar-se durante tantas horas?

— A senhora está aqui há quase tanto tempo quanto ela está fora — replicou Isabel —; ela saiu pouco antes de sua chegada.

A senhora Touchett olhou para a moça sem ressentimento; parecia apreciar respostas atrevidas e estava disposta a mostrar-se amável.

— Talvez ela não tenha uma desculpa tão boa quanto a minha. De qualquer modo, diga-lhe que deve procurar-me hoje à noite naquele horrível hotel. Pode levar o marido, se desejar, mas não é necessário que você vá. Não faltarão oportunidades de nos vermos, depois.

A senhora Ludlow era a mais velha das três irmãs, e geralmente considerada a mais sensata. A classificação costumava ser que Lilian era o senso prático, Edith, a beleza, e Isabel, a inteligência. A senhora Keyes, a segunda do grupo, era esposa de um oficial do corpo de engenheiros do Exército americano, e, como nossa história nada tem a ver com ela, basta saber que era realmente muito bonita e serviu de adorno em vários postos militares, em especial no antiquado Oeste, para onde, desgostosamente, o marido foi sendo sucessivamente relegado. Lilian desposara um advogado nova-iorquino, rapaz de voz contundente e entusiasmado pela profissão; não fora um grande casamento, assim como não o fora o de Edith, mas Lilian era considerada uma moça de sorte por ter conseguido casar — pois era bem menos bonita que as irmãs. Era, entretanto, muito feliz, e agora, como mãe de dois garotos ditatoriais e dona de uma casa de pedras pardas entalada à força na rua 53, parecia exultar com sua situação como se fosse ousada aventura. Era uma mulher de estatura baixa e sólida, de aparência questionável, porém com uma certa presença, embora não fosse majestosa; além disso, como diziam, melhorara com o casamento e as duas coisas na vida das quais tinha mais consciência eram a capacidade de argumentação do marido e a originalidade de sua irmã Isabel. “Nunca consegui acompanhar Isabel — isso tomaria *todo* o meu tempo”, observara muitas vezes; apesar disso, entretanto, mantinha-a ao alcance da vista, contemplando-a como um *spaniel* maternal olharia para um galgo livre.

— Vê-la casada e em segurança é o que mais desejo! — dizia freqüentemente ao marido.

— Bem, devo dizer que não teria nenhuma vontade especial de casar-me com ela — costumava responder Edmund Ludlow, alto e bom som.

— Sei que você diz isso para me contrariar; sempre me contradiz. Mas não sei o que tem contra ela a não ser sua originalidade.

— Ora, não gosto de originais; gosto de traduções — replicara mais de uma vez o senhor Ludlow. — Isabel está escrita numa língua estrangeira. Não consigo entendê-la. Ela deveria desposar um armênio ou um português.

— É exatamente o que receio que faça! — exclamava Lilian, que julgava Isabel capaz de tudo.

Ouviu com grande interesse a irmã contar-lhe sobre a aparência da senhora Touchett, e à noite preparou-se para atender as determinações da tia. Do que Isabel disse na ocasião, não ficou registro, mas sem dúvida as palavras da irmã levaram-na a fazer um comentário para o marido enquanto se preparava para a visita.

— Desejo imensamente que ela faça algo de bom para Isabel; é evidente que simpatizou bastante com ela.

— O que deseja que ela faça? — Edmund Ludlow perguntou. — Que lhe dê um grande presente?

— Não, claro que não. Nada desse tipo. Mas que se interesse por ela... simpatize com ela. É evidentemente o tipo de pessoa que pode apreciá-la. Viveu muito tempo no exterior e contou tudo a Isabel sobre isso. Você mesmo sempre achou Isabel um tanto estrangeira.

— Quer que ela dê a Isabel um pouco da simpatia estrangeira, é isso? Não acha suficiente a que ela tem em casa?

— Ora, Isabel precisa viajar — disse a senhora Ludlow. — É a pessoa certa para isso.

— E você quer que a velha a leve consigo, é isso?

— Ela se ofereceu para levá-la, está ansiosa para que Isabel vá. Mas o que quero que faça quando lá chegarem é que proporcione a minha irmã todas as vantagens. Estou certa de que tudo o que temos a fazer — disse a senhora Ludlow — é dar-lhe uma oportunidade.

— Uma oportunidade para quê?

— Para se desenvolver.

— Oh, céus! — exclamou Edmund Ludlow. — Espero que não se desenvolva ainda mais!

— Se não soubesse que você diz isso só para me contrariar, ficaria muito aborrecida — replicou a esposa. — Mas sei que você gosta dela.

— *Sabe* que gosto de você? — perguntou o cunhado jocosamente a Isabel pouco depois, enquanto escovava o chapéu.

— Estou pouco ligando se gosta ou não! — exclamou a moça, cuja voz e sorriso, entretanto, desmentiam a insolência das palavras.

— Ora, ela se sente muito importante desde a visita da senhora Touchett — disse a irmã.

Mas Isabel rebateu a afirmativa com grande seriedade.

— Não diga isso, Lily. Não me sinto absolutamente importante.

— Não há problema algum — disse Lily, conciliadora.

— Ah, mas não há nada na visita da senhora Touchett para que alguém se sinta importante.

— Ora — exclamou Ludlow —, ela está mais importante do que nunca!

— Se algum dia eu me sentir importante — disse a moça —, será por um motivo melhor.

Importante ou não, o fato é que ela se sentia de alguma maneira diferente, como se algo tivesse lhe acontecido. Sozinha em casa naquela noite, sentou-se ao lado do abajur durante algum tempo, as mãos vazias, negligenciando suas ocupações habituais. Depois levantou-se e começou a andar pelo aposento, e de um aposento a outro, preferindo os lugares onde não havia claridade. Sentia-se inquieta e até mesmo um tanto agitada; chegava a tremer em alguns momentos. A importância do que acontecera não era proporcional às aparências; realmente houvera uma mudança em sua vida. O que poderia advir daquilo era ainda de extrema indefinição; mas Isabel encontrava-se em situação de valorizar qualquer tipo de mudança. Desejava abandonar o passado atrás de si e, conforme dizia para si mesma, começar de novo. Na verdade esse desejo não era fruto da ocasião atual; era-lhe tão familiar quanto o barulho da chuva nas vidraças e levava-a a começar de novo várias vezes. Fechou os olhos, sentando-se em um dos recantos escuros da sala silenciosa, mas não por desejar cair num torpor que tudo apagaria. Ao contrário, era por sentir-se bastante desperta e desejar controlar a sensação de ver demasiadas coisas ao mesmo tempo. Sua imaginação era, de hábito, de uma atividade que beirava o ridículo: se a porta não estava aberta, saltava pela janela.

Não estava acostumada, na verdade, a mantê-la trancada, e nos momentos importantes, quando lhe seria útil usar unicamente o raciocínio, sofria as conseqüências de ter encorajado demais a faculdade de ver sem julgar. No momento, de par com a sensação de que soara a hora da mudança, ocorreu-lhe aos poucos uma série de imagens das coisas que estava deixando para trás. Os anos e as horas de sua vida ressurgiram e, durante longo tempo, num silêncio apenas quebrado pelo tique-taque do grande relógio de bronze, passou-os em revista. Sua vida fora bastante feliz e podia considerar-se uma pessoa muito afortunada — essa era a verdade que emergia com mais força. Tivera o melhor de tudo, e em um mundo em que as circunstâncias de tanta gente tornavam-na nada invejável, era uma vantagem jamais ter vivenciado nada particularmente desagradável. Parecia-lhe que o desagradável se ausentara mesmo de seu conhecimento, pois aprendera, em contato com a literatura, que esta era freqüentemente uma fonte de interesse e até mesmo de instrução. O pai mantivera os desgostos longe dela — seu belo e adorado pai, que sempre tivera grande aversão pela desgraça. Era uma grande felicidade ter sido sua filha; Isabel chegava a experimentar orgulho desse parentesco. Desde a morte dele, ela passara a compreender que ele procurara mostrar o melhor de si às filhas, e não conseguira, na prática, ignorar a feiúra da vida como desejaria. Porém isso apenas aumentava sua ternura por ele; mal chegava a ser doloroso supô-lo generoso demais, bonachão demais, ou indiferente demais a sórdidas preocupações. Muitas pessoas tinham achado que ele levava essa indiferença muito longe, especialmente o grande número delas a quem ele devia dinheiro. Isabel jamais fora claramente informada a respeito das opiniões alheias; mas talvez possa interessar ao leitor o fato de que, embora o senhor Archer fosse considerado notavelmente cativante e de maneiras muito atraentes (na verdade, como dissera alguém, ele estava sempre procurando atrair alguma coisa para si), dizia-se que ele empregava muito mal a vida. Dissipara uma fortuna considerável, divertira-se em banquetes e festas e era conhecido por jogar desmedidamente. Alguns poucos críticos mais severos foram mais longe a ponto de dizer que nem sequer criara as filhas, que não tinham tido instrução regular e lar permanente; ao mesmo tempo, eram mimadas e negligenciadas. Tinham vivido com babás e governantas (geralmente muito ruins) ou freqüentado escolas superficiais, dirigidas por francesas, das quais, ao final de um mês, eram retiradas aos prantos. Esse ponto de vista teria suscitado a indignação de Isabel, pois, segundo seu julgamento, tinham sido enormes suas oportunidades. Mesmo quando o pai deixara as filhas em Neufchâtel durante três meses com uma *bonne* francesa, que mais tarde fugira com um nobre russo, hospedado no mesmo hotel — mesmo nessa situação irregular (incidente que ocorreu quando a menina tinha onze anos) ela jamais se sentira assustada ou envergonhada, mas julgara o episódio romântico, parte de uma educação liberal. Seu pai tinha uma visão ampla da vida, da qual a constante agitação e até a incoerência ocasional de conduta eram algumas provas. Desejava que as filhas, mesmo enquanto crianças, vissem tanto do mundo quanto lhes fosse possível; e fora por isso que, antes de Isabel completar catorze anos, cruzara com elas três vezes o Atlântico, proporcionando-lhes, em cada ocasião, entretanto, apenas alguns meses de permanência nos lugares escolhidos: procedimento que aguçara a curiosidade de nossa heroína sem, contudo, satisfazê-la. Não admira que fosse uma aliada do pai, pois era o membro do trio que mais o afastava das coisas desagradáveis que ele não gostava de mencionar. Nos últimos dias de

vida, sua disposição geral de abandonar um mundo no qual a dificuldade de fazer o que se queria parecia aumentar à medida que se envelhecia tinha sido sensivelmente abrandada pela dor de separar-se da filha tão inteligente, superior e notável. Mais tarde, quando as viagens à Europa cessaram, ele ainda demonstrara para com as filhas toda sorte de indulgência, e, se os problemas econômicos o preocupavam, nada jamais perturbara a fé impensada das filhas de possuírem muitos recursos. Embora dançasse muito bem, Isabel não guardava a lembrança de ter feito sucesso no círculo coreográfico de Nova York; a irmã Edith era, segundo a opinião geral, muito mais encantadora. Edith era um exemplo tão forte de sucesso que Isabel não podia alimentar ilusões sobre o que constituía tal vantagem ou sobre as limitações de seu próprio poder de saltitar, rodopiar e dar gritinhos — sobretudo com resultados satisfatórios. Dezenove entre vinte pessoas (incluindo a própria irmã caçula) declaravam Edith a mais bela das duas. A vigésima, porém, além de se opor a tal julgamento, dava-se ao luxo de pensar que as outras eram criaturas vulgares e sem estética. Isabel abrigava nas profundezas de sua natureza um desejo ainda mais insaciável de agradar Edith; mas as profundezas da jovem eram um lugar muito afastado, cuja comunicação com a superfície era interrompida por dezenas de forças caprichosas. Ela via os rapazes que chegavam em grande número para ver a irmã; mas em geral tinham medo dela; acreditavam que fosse necessária alguma preparação especial para lhe falar. Sua reputação de muitas leituras pairava ao seu redor como a bruma que envolve as deusas épicas; julgavam que isso engendraria questões complicadas e manteria a conversa numa temperatura muito baixa. A pobre jovem gostava que a julgassem inteligente, mas detestava ser considerada pedante; costumava ler em segredo e, embora sua memória fosse excelente, abstinha-se de alardear citações. Possuía um grande desejo de conhecimento, mas na verdade quase preferia qualquer outra fonte de informação à página impressa; sua curiosidade pela vida era enorme e observava e indagava constantemente. Trazia dentro de si uma grande vitalidade, e seu maior deleite era sentir a ligação entre os movimentos interiores de sua alma e as agitações do mundo. Por essa razão, gostava de ver grandes multidões e as grandes extensões do país, ler sobre guerras e revoluções, admirar quadros históricos — gênero de esforço que freqüentemente a fez cometer o erro consciente de perdoar muita pintura ruim por amor ao assunto. Durante a guerra civil, ainda era pequena; porém passou meses daquele longo período em estado de excitação quase ardente, em que se sentia, às vezes (para sua extrema confusão), indiscriminadamente entusiasmada com as façanhas de um e de outro exército. É claro que a circunspecção dos desconfiados pretendentes jamais chegou ao ponto de torná-la uma proscrita social; pois o número daqueles cujos corações, ao se aproximarem dela, batiam rápido o bastante para lembrar-lhe que também possuíam mentes, mantivera-a alheia às supremas dificuldades de seu sexo e idade. Ela recebera tudo o que uma jovem deveria receber: amabilidade, admiração, bombons, flores, a sensação de não ser excluída dos privilégios do mundo no qual vivia; oportunidades abundantes para dançar, muitos vestidos novos, o *Spectator* de Londres, as mais recentes publicações, a música de Gounod, a poesia de Browning, a prosa de George Eliot.

Essas coisas que agora a memória buscava revestiam-se de uma multiplicidade de cenas e imagens. Fatos esquecidos voltavam ao seu pensamento; muitos outros, que há pouco considerava importantes, eram deixados de lado. O resultado era caleidoscópico, mas a cadência do

instrumento foi finalmente detida pela entrada da criada anunciando o nome de um cavalheiro. Seu nome era Caspar Goodwood; era um correto rapaz de Boston, que conhecera a senhorita Archer no ano anterior e, julgando-a a mais bela jovem de seu tempo, decretava esse tempo, de acordo com a regra já sugerida por mim, um tolo período da história. Ele lhe escrevia de vez em quando, e o fizera de Nova York há cerca de uma ou duas semanas. Isabel julgara sua visita bastante possível — estivera, na verdade, vagamente à espera dele durante todo o dia chuvoso. Agora que recebia a notícia de sua presença, no entanto, não se sentia entusiasmada por recebê-lo. Ele era o jovem mais perfeito que já conhecera até então, na verdade um esplêndido rapaz que lhe inspirava um sentimento de raro e grave respeito. Ela jamais se sentira assim com relação a nenhuma outra pessoa. Todos acreditavam que ele desejasse desposá-la, mas isso, é claro, só dizia respeito aos dois. Entretanto pode-se afirmar que ele viajara de Nova York até Albany com o objetivo expresso de vê-la, depois de ter sabido, naquela cidade onde se demorara alguns dias na esperança de encontrá-la, que ela ainda estava na capital do estado. Isabel demorou alguns minutos antes de ir ao seu encontro; pôs-se a andar de um lado para o outro no aposento, sentindo novas complicações no ar. Finalmente, porém, apresentou-se e encontrou-o em pé, ao lado do abajur. Era alto, forte embora magro, um tanto rígido, de pele morena. Não era bonito num sentido romântico, mas, ao contrário, de um modo um tanto obscuro, uma fisionomia que parecia pedir a atenção, e que recompensava de acordo com o encanto que se pudesse encontrar nos olhos azuis de notável fixidez, olhos de uma compleição diferente de todo o resto, além do queixo um tanto anguloso, que se convencionou ser típico dos temperamentos resolutos. Isabel disse a si mesma que, naquela noite, ele demonstrava resolução, o que não impediu Caspar Goodwood, que chegara tão esperançoso quanto resolutos, de voltar para casa, meia hora depois, com a sensação de um homem derrotado. Ele não era, cabe acrescentar, homem que aceitasse facilmente a derrota.

Ralph Touchett era um filósofo; não obstante isso bateu à porta dos aposentos da mãe (às quinze para as sete) com bastante ansiedade. Até mesmo os filósofos têm suas preferências, e deve-se admitir que, dos progenitores de Ralph, era o pai quem mais provia seu senso da doçura da dependência filial. Seu pai, como dizia a si mesmo muitas vezes, era o mais maternal; a mãe, por outro lado, era paternal, chegando a ser, de acordo com a gíria da época, mandona. Contudo, era muito afeiçoada a seu filho único e sempre insistira em que ele passasse três meses por ano com ela. Ralph rendia perfeita justiça a essa afeição e sabia que nos pensamentos e na vida tão programada e metódica da mãe sua vez sempre chegava, depois dos outros afazeres que exigiam a solícitude da senhora Touchett e para os quais sua vontade se exercia pontualmente. Ele a encontrou já vestida para o jantar, mas ela abraçou o filho com as mãos enluvadas e o fez sentar-se ao seu lado no sofá. Fez meticolosas perguntas a respeito da saúde do marido e do próprio jovem, e, não recebendo notícias muito animadoras sobre ambos, reafirmou estar mais do que nunca convencida de acertar em não se expor ao clima inglês. Caso o fizesse, sua própria saúde também poderia ter se ressentido. Ralph sorriu ante a idéia de sua mãe ficar doente, mas não fez questão de lembrá-la de que sua própria enfermidade não era resultante do clima da Inglaterra, de onde ele se ausentava durante grande parte do ano.

Era bem pequeno quando o pai, Daniel Tracy Touchett, natural de Rutland, no estado de Vermont, fora para a Inglaterra como sócio minoritário de uma casa bancária, da qual assumira o controle majoritário cerca de dez anos mais tarde. Daniel Touchett avistou diante de si uma permanência longa em seu país adotivo, do qual, desde o início, teve uma visão simples, lúcida e conciliadora. Entretanto, conforme dissera a si mesmo, não pretendia desamericanizar-se nem sequer desejava ensinar a seu filho arte tão sutil. Para ele tinha sido um problema de tão fácil solução morar na Inglaterra assimilado, porém não convertido, que lhe parecia igualmente simples que seu herdeiro legítimo levasse adiante, após a sua morte, o velho banco cinzento sob a branca luz americana. Entretanto, estava se esforçando para intensificar essa luz quando mandou o jovem estudar na América. Ralph passou vários semestres em escolas americanas e recebeu diploma de uma universidade local, após o que seu pai achou-o, na volta, nativo até demais e colocou-o durante três anos como residente em Oxford. Oxford engoliu Harvard e, finalmente, Ralph tornou-se suficientemente inglês. Seu conformismo aparente às maneiras que o cercavam não deixava de ser a máscara de uma mente que apreciava muitíssimo sua independência, na qual nada se impunha por muito tempo e que, dotada de inclinação natural à aventura e à ironia, entregava-se a uma ilimitada liberdade de avaliação. Começou sendo um jovem promissor; em Oxford, distinguiu-se, para a satisfação inefável do pai, e as pessoas próximas diziam que era uma grande lástima que um rapaz tão inteligente não pudesse ter uma carreira. Poderia ter tido uma carreira

voltando para seu próprio país (embora esse aspecto esteja envolto nas sombras da incerteza), e, mesmo que o senhor Touchett estivesse disposto a separar-se dele (o que não era o caso), teria sido difícil para Ralph manter todo um oceano em caráter permanente entre si e o velho, que considerava seu melhor amigo. Ralph não só gostava do pai como o admirava — gostava de poder observá-lo. No seu entender, Daniel Touchett era um homem de gênio, e, embora ele mesmo não tivesse qualquer pendor para os mistérios bancários, fez questão de aprender o bastante sobre eles para avaliar o grande papel que o pai representava. Não era isso, entretanto, que mais apreciava; era a fina superfície de marfim, como que polida pelo ar da Inglaterra, que o velho opusera às possibilidades de penetração. Daniel Touchett não estivera nem em Harvard nem em Oxford, e era culpa dele mesmo ter colocado nas mãos do filho a chave da crítica moderna. Ralph, com a cabeça cheia de idéias que o pai sequer imaginara, tinha em alta estima a originalidade deste último. Com ou sem razão, os americanos são elogiados pela facilidade com que se adaptam a circunstâncias estranhas, porém o senhor Touchett fizera dos próprios limites de sua flexibilidade metade da razão de seu sucesso geral. Retivera com todo o frescor a maioria de suas marcas de força primordial; seu tom, como o filho sempre notava com prazer, era o de alguém das partes mais exuberantes da Nova Inglaterra. No fim da vida, tornara-se, por razões pessoais, tão brando quanto rico; aliava extrema astúcia à disposição de fraternizar superficialmente, e sua “posição social”, com a qual nunca perdera tempo, tinha a firme perfeição de uma fruta intocada. Talvez fosse sua falta de imaginação e daquilo que é chamado de consciência histórica, mas para muitas das impressões que a vida inglesa costuma produzir no estrangeiro culto, seus sentidos estavam fechados de todo. Havia certas diferenças que jamais percebera, certos hábitos que nunca formara, certas obscuridades que jamais sondara. Com relação a estas últimas, no dia em que as *sondasse*, o filho teria uma opinião não tão boa a seu respeito.

Ao sair de Oxford, Ralph passara uns dois anos viajando; depois vira-se empoleirado num alto tamborete no banco do pai. A responsabilidade e a honra de tais posições não são, creio eu, medidas pela altura do tamborete, que depende de outras considerações; Ralph, na verdade, tinha pernas muito compridas e gostava de ficar de pé e até mesmo de andar para cá e para lá enquanto trabalhava. Contudo, foi obrigado a dedicar a esse exercício apenas um período limitado, pois, ao fim de uns dezoito meses, percebeu estar com a saúde muito combalida. Tinha apanhado violento resfriado que se concentrara em seus pulmões e os deixara em terrível estado. Teve que parar de trabalhar e seguir à letra a triste obrigação de cuidar de si mesmo. A princípio, descuidou-se da tarefa; parecia-lhe que não era nem um pouco de si que estava cuidando, mas de uma pessoa desinteressante e desinteressada com quem nada tinha em comum. Porém essa pessoa foi melhorando à medida que a conhecia, e Ralph, por fim, chegou a ter uma certa tolerância contrariada, até mesmo um respeito indemonstrado, por si mesmo. O infortúnio obriga-nos a conviver com toda espécie de pessoas, e nosso jovem, julgando ter um interesse especial no caso — geralmente isso o surpreendia, como sua reputação de inteligência comum —, dedicou a seu desairoso protegido uma atenção que foi devidamente notada e que, pelo menos, teve o efeito de manter o pobre sujeito vivo. Um dos pulmões começou a sarar, o outro prometeu seguir o exemplo, e garantiram-lhe que poderia atravessar uma dúzia de invernos se fosse para aqueles

climas em que os tuberculosos geralmente se reúnem. Como era muito afeiçoado a Londres, amaldiçoou a insipidez do exílio, mas, ao mesmo tempo que a amaldiçoava, foi se conformando e, aos poucos, ao descobrir que seu órgão sensível ficava agradecido até mesmo por austeros favores, concedeu-os com mãos mais delicadas. Passava os invernos fora, como se costuma dizer; deitava-se ao sol, ficava em casa quando o vento soprava, ia para a cama nos dias de chuva, e, uma ou duas vezes, quando nevou durante a noite, quase não se levantou mais.

Uma reserva secreta de indiferença — como uma grossa fatia de bolo que uma babá antiga e afetuosa tivesse escondido em sua primeira pasta escolar — veio em seu auxílio e ajudou-o a aceitar o sacrifício, pois, na melhor das hipóteses, estava demasiado doente para qualquer coisa que não fosse esse árduo jogo. Como disse a si mesmo, não havia realmente nada que quisesse muito fazer, de modo que ao menos não renunciara ao campo de batalha. Entretanto, no momento, a fragrância do fruto proibido parecia, de vez em quando, flutuar por perto e lembrar-lhe de que o melhor dos prazeres é o ímpeto de ação. Viver como vivia era como ler um livro bom numa tradução ruim — parca diversão para um jovem que talvez esperasse um dia se tornar um excelente lingüista. Passou bons invernos e maus invernos, e, enquanto os primeiros duraram, às vezes ele se viu vítima de uma miragem de recuperação verdadeira. Mas a visão se desfez uns três anos antes da ocorrência dos incidentes que dão início a esta história: na ocasião, ficara mais longamente que de costume na Inglaterra e fora alcançado pelo mau tempo, antes de chegar a Algiers. Chegou lá mais morto que vivo e ficou acamado várias semanas entre a vida e a morte. A convalescença foi um milagre, mas o primeiro uso que fez dela foi assegurar a si mesmo que milagres assim só acontecem uma vez. Convenceu-se de que sua hora estava próxima e de que não deveria perder isso de vista, porém também competia-lhe passar aquele período de modo tão agradável quanto fosse coerente com tal preocupação. Ante a perspectiva de perdê-las, o simples uso de suas faculdades tornou-se um prazer delicioso; parecia-lhe que as alegrias da contemplação jamais haviam sido exploradas. Longe ia o tempo em que achara duro ser obrigado a renunciar à idéia de se destacar, uma idéia não menos importuna por ser vaga ou menos deleitável por ter tido que lutar no mesmo peito com lampejos de inspiradora autocrítica. Os amigos agora achavam-no mais animado e atribuíam isso a uma teoria, que os fazia menear a cabeça sabiamente, de que recuperaria a saúde. Essa serenidade não era senão o surgimento de flores silvestres entranhadas em sua ruína.

É muito provável que fosse a doce propriedade da própria coisa observada a razão principal do imediato despertar do interesse de Ralph na chegada de uma jovem que evidentemente não era insípida. Se ele estivesse disposto a isso, algo lhe dizia que ali havia ocupação bastante para vários dias seguidos. Pode-se acrescentar, de modo sumário, que a imaginação de amar — em contraponto à de ser amado — ainda tinha lugar em seu reduzido plano. Apenas proibira a si mesmo o tumulto da expressão. Entretanto, ele não deveria inspirar paixão na prima, nem ela deveria conseguir, ainda que tentasse, levá-lo à paixão.

— E agora fale-me a respeito da moça — disse à mãe. — O que pretende fazer com ela?

A senhora Touchett foi rápida:

— Pretendo pedir a seu pai que a convide a ficar três ou quatro semanas em Gardencourt.

— Não é preciso fazer tanta cerimônia — disse Ralph. — Meu pai não achará nada de

extraordinário em convidá-la.

— Não estou tão certa disso. Ela é minha sobrinha, não dele.

— Meu Deus, mamãe querida, que senso de propriedade! Eis mais um motivo para que ele a convide. Mas depois disso, quero dizer, depois de três meses (pois é absurdo convidar a moça para ficar apenas três ou quatro míseras semanas), o que pretende fazer com ela?

— Pretendo levá-la a Paris. Quero comprar-lhe roupas.

— Ah, sim, é claro. Mas, e além disso?

— Vou convidá-la a passar o outono comigo em Florença.

— A senhora só me diz esses detalhes, mãe querida — disse Ralph. — O que gostaria de saber é o que a senhora pretende fazer com ela de um modo geral.

— O meu dever! — declarou a senhora Touchett. — Imagino que você sinta muita pena dela — acrescentou.

— Não, acho que não sinto. Ela não me parece ser do tipo que provoque tal sentimento. Acho que a invejo. Antes de ter certeza, porém, dê-me uma idéia do que pensa ser seu dever.

— Mostrar-lhe quatro países europeus — deixarei que escolha dois deles — e dar a ela a oportunidade de aperfeiçoar seu francês, que já conhece muito bem.

Ralph franziu um pouco o cenho.

— Isso soa um tanto monótono, mesmo permitindo-lhe que escolha dois países.

— Se for monótono — disse a mãe, com uma risada —, Isabel saberá animá-lo. Ela é agradável como uma chuva de verão, sempre.

— Quer dizer que é uma criatura talentosa?

— Não sei se é uma criatura talentosa, mas é uma moça inteligente, com vontade e temperamento muito fortes. Não sabe o que é ficar entediada.

— Posso imaginar — disse Ralph; depois acrescentou de repente: — Vocês duas se dão bem?

— Está querendo dizer com isso que sou maçante? Acho que ela não pensa assim. Algumas moças talvez pensassem, eu sei, mas Isabel é inteligente demais para fazê-lo. Acho que a divirto muito. Damo-nos bem porque eu a compreendo: sei que tipo de moça é. Ela é muito franca, e eu sou muito franca: sabemos exatamente o que esperar uma da outra.

— Ah, mamãe — exclamou Ralph —, sempre se sabe o que esperar da *senhora*! Nunca me surpreendeu a não ser uma vez, e isso foi hoje, ao apresentar-me uma bonita prima de cuja existência nunca suspeitei.

— Acha-a tão bonita assim?

— Muito bonita mesmo, mas não vou ficar falando nisso. É sua atitude de ser alguém especial que me impressiona. Quem é essa rara criatura e o que é ela? Onde a encontrou e como veio a conhecê-la?

— Encontrei-a numa velha casa em Albany, sentada num quarto triste num dia de chuva, lendo um livro grosso e morrendo de tédio. Ela não sabia que estava entediada, mas quando tirei-lhe qualquer dúvida quanto a isso, pareceu ficar muito agradecida pelo favor. Talvez você diga que eu não deveria tê-la despertado, que deveria tê-la deixado em paz. Até pode haver razão nisso, mas agi de acordo com minha consciência; achei que ela estava destinada a algo melhor. Ocorreu-me que

seria uma boa ação apresentá-la ao mundo. Pensa que conhece muito do mundo — como a maioria das moças americanas; mas, como todas elas, engana-se e muito. Se você quer saber, pensei que ela iria causar-me orgulho. Gosto que pensem bem de mim, e, para uma mulher da minha idade, não existe coisa mais conveniente, de certo modo, do que uma sobrinha atraente. Sabe que eu não via as filhas de minha irmã havia anos; não aprovava nem um pouco o pai delas. Mas sempre tive intenção de fazer algo por elas, quando ele tivesse ido para o outro mundo. Descobri onde podiam ser encontradas e, sem mais preliminares, fui até lá e apresentei-me. Há mais duas moças, ambas casadas, mas eu só vi a mais velha, casada, aliás, com um indivíduo bastante grosseiro. A moça, que se chama Lily, adorou a idéia de eu interessar-me por Isabel; disse que era justamente o que a irmã precisava — que alguém se interessasse por ela. Falou dela como se fala de alguma jovem de gênio, que precisasse de incentivo e de patronos. Pode ser que Isabel seja um gênio, mas, se for, ainda não encontrei seu campo particular. A senhora Ludlow demonstrou especial interesse em que eu trouxesse a irmã para a Europa; por lá, todos consideram a Europa um local de emigração, de salvação, um refúgio para a sua população supérflua. A própria Isabel pareceu muito contente em vir e tudo foi facilmente combinado. Houve uma certa dificuldade quanto à questão do dinheiro, pois ela parecia não querer ficar devendo obrigações pecuniárias. Porém tem uma pequena renda e imagina estar viajando por sua própria conta.

Ralph ouvira com atenção esse cuidadoso relato, que não prejudicou seu interesse no assunto.

— Ah, se ela é um gênio — disse ele —, temos que descobrir qual é sua área particular. Será por acaso o flerte?

— Acho que não. A princípio pode-se até desconfiar disso, mas verá que está errado. Penso que não será fácil, contudo, chegar a uma conclusão sobre ela.

— Então Warburton está errado! — exclamou Ralph, jubilante. — Ele se gaba de ter feito essa descoberta.

A mãe balançou a cabeça.

— Lord Warburton não vai entendê-la. Nem adianta tentar.

— Ele é muito inteligente — disse Ralph —, mas é certo que deva ficar intrigado de vez em quando.

— Isabel vai gostar de intrigar um lorde — observou a senhora Touchett.

O filho franziu de leve o cenho.

— O que sabe ela sobre lordes?

— Absolutamente nada; isso vai intrigá-lo ainda mais.

Ralph acolheu tais palavras com uma risada e olhou pela janela.

— Não vai descer para ver meu pai? — perguntou.

— Às quinze para as oito — retrucou a senhora Touchett.

O filho olhou para o relógio de pulso.

— Tem ainda um quarto de hora, então. Conte-me mais sobre Isabel. — Depois, como a senhora Touchett declinasse o convite, dizendo-lhe que descobrisse por si mesmo, continuou: — Bem, por certo ela vai causar-lhe orgulho. Mas não lhe causará problemas também?

— Espero que não, mas, se o fizer, não vou fugir deles. Nunca faço isso.

— Ela parece ser muito natural — comentou Ralph.

— Pessoas naturais em geral não causam problemas.

— Não — contestou Ralph —, a senhora mesma é prova disso. É muitíssimo natural e tenho certeza de que nunca causou problemas a ninguém. É preciso *ter* problemas para fazê-lo. Mas diga-me, acabo de pensar nisto. Isabel é capaz de tornar-se desagradável?

— Ah — exclamou a mãe —, você está fazendo perguntas demais! Descubra por si mesmo.

Entretanto, as perguntas não tinham terminado.

— Todo este tempo a senhora não me contou o que pretende fazer com ela.

— Fazer com ela? Você fala como se ela fosse um metro de pano. Não vou fazer absolutamente nada com ela, e ela fará tudo o que quiser. Ela me avisou disso.

— O que a senhora quis dizer no telegrama, então, é que ela é independente por temperamento.

— Eu nunca sei o que quero dizer nos telegramas, ainda mais os que mando da América. A clareza custa caro demais. Vamos descer para ver o seu pai.

— Ainda não são quinze para as oito — disse Ralph.

— Tenho que fazer alguma concessão à impaciência dele — retrucou a senhora Touchett.

Ralph sabia o que pensar da impaciência do pai, mas, sem fazer qualquer comentário, ofereceu o braço à mãe. Isso permitiu-lhe fazê-la parar um instante no patamar da escada — uma escadaria larga, baixa, de corrimão amplo, feita de carvalho escurecido pelo tempo, que era um dos pontos de maior destaque de Gardencourt.

— Tem planos de casá-la? — perguntou, sorrindo.

— Casá-la? Teria pena de fazer isso com ela! Fora isso, acho-a perfeitamente capaz de arranjar casamento sozinha. Tem tudo para fazê-lo.

— Quer dizer que já escolheu um marido?

— Eu não sei se será marido, mas há um rapaz em Boston.

Ralph continuou; não tinha o menor desejo de ouvir falar sobre o rapaz de Boston.

— Como diz meu pai, elas sempre estão noivas!

A mãe tinha-lhe dito que fosse satisfazer sua curiosidade na fonte, e logo tornou-se claro que não lhe faltaria ocasião para isso. Conversou bastante com sua jovem parente quando os dois ficaram sozinhos na sala. Lorde Warburton, que viera a cavalo de sua casa, a uns dezesseis quilômetros de distância, montou de novo e despediu-se antes do jantar e, uma hora após a refeição ter terminado, o senhor e a senhora Touchett, que pareciam ter esgotado por completo sua capacidade de conversa, retiraram-se com o pretexto válido de fadiga para seus respectivos aposentos. O rapaz passou uma hora com a prima; embora ela tivesse viajado durante metade do dia, não parecia estar nem um pouco cansada. Mas, na verdade, estava; sabia disso e também que pagaria por isso no dia seguinte, mas era costume seu nesse tempo levar a exaustão ao máximo e admiti-la somente quando a dissimulação cedesse. Uma leve hipocrisia era possível no momento. Estava interessada; estava, como dizia a si mesma, enlevada. Pediu a Ralph que lhe mostrasse os quadros; havia muitos na casa, a maioria escolhidos por ele. Os melhores estavam arrumados numa galeria de paredes de carvalho, de proporções adequadas, que tinha uma sala de estar em cada extremidade, e à noite, em geral, ficava iluminada. Mas a iluminação era insuficiente para mostrar

bem os quadros e a visita poderia ter ficado para a manhã seguinte. Ralph atrevera-se a fazer tal sugestão, porém Isabel pareceu desapontada, embora continuasse a sorrir.

— Se não se incomodar — disse —, gostaria de ver só alguns.

Estava ansiosa, sabia que estava, e agora também demonstrava ansiedade; não conseguia evitar.

“Não aceita sugestões, disse Ralph a si mesmo; mas pensou nisso sem se irritar; a pressão que ela fazia divertia-o, até chegava a agradar-lhe. As lâmpadas estavam presas às paredes por suportes, a intervalos, e, se a luz era insuficiente, era agradável também. Incidia nos indefinidos quadrados de ricas cores e no desbotado dourado das pesadas molduras; lançava um brilho no chão polido da galeria. Ralph pegou um castiçal e pôs-se a andar de um lado para o outro, mostrando aquilo de que gostava; Isabel, inclinando-se ora para um quadro ora para outro, soltava pequenas exclamações e murmúrios. Evidentemente era um bom juiz; tinha bom gosto natural e isso o impressionou. Ela também pegou um castiçal e passava-o devagar diante de um e de outro ponto; levantou-o bem, e, quando o fez, ele se viu parado no meio da galeria, com os olhos voltados muito menos para os quadros do que para a presença dela. Na verdade, nada perdeu com a mudança de foco, pois valia muito mais a pena olhar para ela do que para a maioria das obras de arte. Era inegavelmente magra, consideravelmente leve, comprovadamente alta; quando as pessoas queriam distingui-la das outras duas senhoritas Archer, sempre a mencionavam como a mais esbelta. O cabelo, tão escuro que era quase negro, fora objeto de inveja de muitas mulheres; os olhos, de um cinza claro, um pouco firmes demais talvez em seus momentos mais sérios, tinham uma encantadora amplitude de condescendência. Percorriam lentamente de um lado a outro a galeria, e então ela disse:

— Bem, sei agora mais do que quando comecei!

— Parece ter grande paixão pelo conhecimento! — devolveu o primo.

— Acho que tenho; a maioria das moças é terrivelmente ignorante.

— Dá-me a impressão de ser diferente da maioria das moças.

— Ah, algumas se interessariam, mas da maneira como lhes disseram para fazer! — murmurou Isabel, preferindo, no momento, não se alongar sobre a questão. Depois de um instante, continuou, para mudar de assunto: — Diga-me, existe algum fantasma?

— Fantasma?

— Um espectro da mansão, algo que aparece. Na América nós os chamamos de fantasmas.

— E nós também, quando os vemos.

— Já chegou a vê-los? Bem que seria possível, nesta casa antiga e romântica.

— Não é uma casa antiga e romântica — disse Ralph. — Ficaré desapontada se eu lhe contar. É uma casa de um prosaísmo desanimador; não existe nenhum romance aqui, a não ser o que talvez você tenha trazido consigo.

— Eu trouxe bastante, mas parece-me que foi para o lugar certo.

— Para mantê-lo seguro, certamente; nada irá jamais acontecer com ele aqui, entre mim e meu pai.

Isabel olhou-o por um momento.

— Nunca há ninguém aqui, além de seu pai e você?

— Claro, minha mãe.

— Oh, conheço sua mãe, ela não é romântica. Há outras pessoas?

— Muito poucas.

— Lamento isso; gosto muito de ver gente.

— Então convidaremos o condado inteiro para distraí-la — disse Ralph.

— Agora está zombando de mim — respondeu a moça, com certa gravidade. — Quem era o homem no gramado, quando cheguei?

— Um vizinho da região; não vem muito aqui.

— Lamento isso, gostei dele — disse Isabel.

— Ora, pareceu-me que mal falou com ele — objetou Ralph.

— Não faz mal, gostei dele assim mesmo. Gosto muito do seu pai, também, muito mesmo.

— Não está muito errada nisso. Ele é uma pessoa adorável.

— Lamento muito que esteja doente — disse Isabel.

— Tem que me ajudar a tomar conta dele; deve ser uma boa enfermeira.

— Não creio que seja; já me disseram que não sou; dizem que tenho teorias demais. Mas não me contou sobre o fantasma — acrescentou ela.

Ralph, porém, ignorou o comentário.

— Gosta de meu pai e gosta de lorde Warburton. Suponho que goste também de minha mãe.

— Gosto muito de sua mãe, porque... porque... — E então Isabel viu-se procurando uma razão para sua afeição pela senhora Touchett.

— Ah, nunca se sabe por quê! — disse seu companheiro, rindo.

— Eu sempre sei por quê — respondeu a moça. — É porque ela não espera que gostem dela. Não se importa se gostam ou não.

— Então você a adora, só por capricho? Bem, eu sou muito parecido com minha mãe — disse Ralph.

— Não acho; nem um pouco. Você quer que as pessoas gostem de você e tenta fazer com que gostem.

— Meu Deus, você vê dentro das pessoas! — exclamou ele com um espanto não de todo jocoso.

— Mas gosto de você assim mesmo — continuou a prima. — Uma boa maneira de consolidar isso é mostrar-me o fantasma.

Ralph balançou a cabeça, com ar de tristeza.

— Eu poderia fazer isso, mas você não conseguiria vê-lo. Esse privilégio não é dado a todos; não é tão desejável assim. Nunca foi visto por uma pessoa jovem, feliz, inocente como você. Tem que sofrer primeiro, sofrer muito, tem que ter adquirido algum conhecimento da desgraça. Desse modo, seus olhos se abrem para ele. Eu o vi faz muito tempo — acrescentou Ralph.

— Acabei de dizer-lhe que gosto muito de adquirir conhecimento — insistiu Isabel.

— Sim, o conhecimento da felicidade, o conhecimento agradável. Mas você não sofreu e não foi feita para sofrer. Espero que nunca veja o fantasma!

Ela ouvira-o com atenção, com um sorriso nos lábios, mas uma certa seriedade no olhar. Apesar de encantadora, Ralph achou-a um tanto presunçosa; aliás, isso era parte de seu encanto e ele se

perguntou o que ela iria dizer.

— Eu não tenho medo, sabe — disse ela, o que lhe pareceu presunçoso o bastante.

— Não tem medo de sofrer?

— Sim, tenho medo de sofrer. Mas não tenho medo de fantasmas. E acho que as pessoas sofrem com muita facilidade — acrescentou.

— Não acredito que *você* sofra — retrucou Ralph, olhando para ela, com as mãos nos bolsos.

— Não acho que isso seja um defeito — respondeu ela. — Não é uma absoluta necessidade sofrer; não fomos feitos para isso.

— Certamente você não foi.

— Não estou falando de mim. — E afastou-se um pouco para um lado.

— Não, não é um defeito — concordou o primo. — Ser forte é um mérito.

— Só que, quando não se sofre, somos tachados de insensíveis — observou Isabel.

Saíram da sala menor, para onde tinham voltado, e pararam no vestíbulo, ao pé da escadaria. Ali Ralph entregou à prima a vela para seu quarto, tirada de um nicho.

— Não se importe com o que possam dizer. Quando se sofre mesmo, somos chamados de idiotas. O que interessa é ser tão feliz quanto possível.

Ela olhou-o por um instante; estava com a vela na mão e um pé no degrau de carvalho.

— Bem — disse —, foi para isso que vim para a Europa: para ser tão feliz quanto possível. Boa noite.

— Boa noite! Desejo-lhe êxito e ficarei feliz de contribuir para isso!

Ela virou-se e começou a subir devagar, enquanto ele ficou olhando. Depois, ainda com as mãos nos bolsos, ele voltou para a saleta vazia.

Isabel Archer era uma jovem de muitas teorias; tinha imaginação extraordinariamente ativa. Tivera a sorte de possuir mente mais aguçada do que a maioria das pessoas que a rodeavam; de ter uma percepção mais ampla dos fatos e de se interessar pelo saber que se caracterizasse por ser fora do comum. É verdade que, entre seus contemporâneos, ela passava por uma jovem de extraordinária profundidade, pois essas excelentes pessoas jamais continham sua admiração por um alcance de intelecto do qual elas próprias não estavam conscientes e referiam-se a Isabel como um prodígio de sabedoria, alguém que diziam ter lido os clássicos — traduzidos. Sua tia paterna, a senhora Varian, certa vez espalhou o boato de que Isabel estava escrevendo um livro — pois a senhora Varian tinha verdadeira veneração por livros — e afirmou que a moça ganharia destaque nas letras. A senhora Varian tinha elevada opinião sobre literatura, à qual dedicava a estima que está relacionada a um senso de privação. A sua casa espaçosa, notável pela coleção de mesas em mosaico e tetos decorados, era desprovida de uma biblioteca, e à guisa de volumes impressos continha apenas meia dúzia de romances em brochura, numa estante que ficava nos aposentos de uma das senhoritas Varian. Na prática, o contato da senhora Varian com a literatura restringia-se ao jornal *Interviewer* de Nova York; como ela mesma dizia, depois de se ler o *Interviewer*, perde-se toda fé na cultura. Por isso, sua tendência era mais para manter o *Interviewer* fora do alcance das filhas; estava decidida a educá-las muito bem, e elas não liam absolutamente nada. Sua impressão sobre os esforços de Isabel era bastante ilusória: a moça nunca tentara escrever um livro e não tinha qualquer aspiração aos louros de escritora. Não possuía talento para expressão e tinha muito pouca consciência do gênio; tinha apenas uma idéia geral de que as pessoas estavam certas quando a tratavam como se fosse um tanto superior. Fosse ou não superior, as pessoas tinham razão de admirá-la se assim a consideravam; pois, com freqüência, parecia-lhe que sua mente movia-se com maior rapidez que as outras, o que estimulava uma impaciência fácil de ser confundida com superioridade. Pode ser dito sem mais delongas que Isabel era provavelmente muito suscetível ao pecado da auto-estima; com freqüência perscrutava complacentemente o campo de sua própria natureza; tinha o costume de tomar por certo, ante escassa evidência, que estava com a razão; obsequiava a si mesma com ocasiões de homenagem. Enquanto isso, seus erros e enganos eram muitas vezes daqueles que um biógrafo, interessado em preservar a dignidade de seu tema, evita mencionar. Suas idéias eram um emaranhado de vagos esboços, que nunca tinham sido corrigidos pelo juízo de pessoas que falassem com autoridade. Em questões de opinião, tinha campo livre e isso a levava a mil ziguezagues ridículos. De vez em quando, descobria estar errada de forma grotesca e aí entregava-se a uma semana de fervorosa humildade. Depois disso, tornava a manter a cabeça mais erguida que nunca, pois não havia remédio, ela tinha um desejo insaciável de pensar bem a seu próprio respeito. Tinha uma teoria de que somente com essa premissa a vida valeria a

pena ser vivida; que era preciso ser um dos melhores, estar consciente de ter uma excelente organização (ela não podia evitar de saber que sua organização era excelente), mover-se num círculo de luz, de sabedoria natural, de impulso feliz, de inspiração crônica, porém graciosa. Era quase tão desnecessário cultivar dúvidas sobre si mesma como cultivá-las sobre o melhor amigo: devia-se tentar ser o melhor amigo de si mesma e dar-se, desse modo, companhia ilustre. A moça tinha uma certa nobreza de imaginação que lhe prestava muitos bons serviços e também lhe pregava muitas peças. Passava a metade do tempo pensando em beleza, bravura e magnanimidade; tinha a determinação fixa de considerar o mundo como um lugar de claridade, de livre expansão, de irresistível ação: sustentava ser detestável ter medo ou vergonha. Tinha a esperança infinita de nunca fazer algo errado. Ficara tão descontente ao descobrir seus simples enganos de sentimento (a descoberta sempre a fazia tremer como se tivesse escapado de uma armadilha que poderia tê-la prendido e sufocado) que a possibilidade de infligir mal a outra pessoa, considerada apenas como uma hipótese, às vezes fazia com que perdesse o fôlego. Isso sempre lhe pareceu ser a pior coisa que poderia acontecer. No todo, se pensasse bem, não tinha nenhuma incerteza quanto às coisas que eram erradas. Não gostava de encará-las, mas, quando as examinava bem, reconhecia-as. Era errado ser mesquinha, ciumenta, falsa, cruel; tinha visto muito pouco do mal que existe no mundo, porém vira mulheres mentindo e tentando magoar umas às outras. A visão dessas coisas intensificara seu alto senso moral; parecia indecente não desprezá-las. É claro que o perigo de um senso moral tão alto era o da inconsistência — o perigo de manter a bandeira hasteada depois de ter se rendido; uma espécie de comportamento tão desonesto que quase chegava a ser uma desonra para a bandeira. Mas Isabel, que sabia pouco sobre a espécie de fogo de artilharia a que as moças estão expostas, gabava-se secretamente de que tais contradições nunca seriam vistas em sua conduta. Sua vida estaria sempre em harmonia com a impressão mais agradável que ela causasse; seria o que parecia e pareceria o que era. Às vezes, chegava até a desejar ver-se um dia numa situação difícil para poder ter o prazer de ser tão heróica quanto a ocasião exigisse. No todo, com seu parco conhecimento, seus ideais exacerbados, sua confiança ao mesmo tempo inocente e dogmática, seu temperamento ao mesmo tempo exigente e indulgente, sua mescla de curiosidade e enfado, de vivacidade e indiferença, seu desejo de aparecer sob um prisma favorável e, se possível, ser ainda melhor, sua determinação de ver, experimentar e conhecer, sua combinação de espírito delicado, inconstante como uma chama, com a impetuosa e pessoal criatura de recursos: seria vítima fácil de crítica científica se não fosse destinada a despertar no leitor um impulso mais terno e de expectativa mais pura.

Era uma das teorias de Isabel Archer ter muita sorte de ser independente e fazer uso muito bem esclarecido desse estado. Nunca o chamava de estado de solidão, muito menos de solteirismo; achava tais descrições fracas e, além disso, sua irmã Lily fazia-lhe constantes pedidos para ficar com ela. Tinha uma amiga com quem travara conhecimento pouco antes da morte do pai, e esta oferecia um exemplo tão bom de atividade útil que Isabel sempre pensava nela como modelo. Henrietta Stackpole gozava da vantagem de ter uma admirada habilidade: estava bem encaminhada no jornalismo e suas cartas para o *Interviewer*, escritas de Washington, Newport, das White Mountains e outros lugares, eram objeto de citação por toda parte. Isabel tachava-as

atrevidamente de “efêmeras”, mas prezava a coragem, energia e bom humor da escritora que, sem pais ou propriedades, adotara três crianças de uma irmã viúva e doente e pagava as despesas escolares com os rendimentos de seu trabalho literário. Henrietta estava na vanguarda do progresso e tinha idéias bem definidas sobre a maioria dos assuntos; seu mais ardente desejo sempre fora ir para a Europa e escrever uma série de cartas para o *Interviewer* do ponto de vista radical — um empreendimento nada difícil, pois sabia de antemão quais seriam suas opiniões e a quantas objeções a maioria das instituições européias está exposta. Quando soube que Isabel iria, quis começar de imediato, achando naturalmente que seria ótimo as duas viajarem juntas. Entretanto, fora forçada a adiar esse projeto. Considerava Isabel uma criatura maravilhosa e falava dela, de modo disfarçado, em algumas de suas cartas, embora nunca tivesse mencionado o fato à amiga, que não teria tido prazer com isso e que não era leitora assídua do *Interviewer*. Para Isabel, Henrietta era antes uma prova de que uma mulher poderia bastar-se a si mesma e ser feliz. Seus recursos eram evidentes, mas, mesmo que uma pessoa não tivesse o talento jornalístico e o dom de adivinhar o que o público, como dizia Henrietta, iria querer, nem por isso deveria concluir não ter vocação alguma, nenhuma aptidão beneficente de qualquer espécie e resignar-se a ser frívola e vazia. Isabel tinha a firme determinação de não ser vazia. Bastava esperar com a dose certa de paciência para encontrar alguma tarefa afortunada com que ocupar as mãos. É claro que, dentre suas teorias, essa jovem contava com uma coleção de opiniões sobre casamento. A primeira da lista era a convicção da vulgaridade de ter uma grande idéia sobre o assunto. De cair na ansiedade sobre este ponto, ela rezava com fervor para se livrar; sustentava que a mulher deveria ser capaz de viver para si, na ausência de excepcional frivolidade, e que era perfeitamente possível ser feliz sem consorciar com uma pessoa de mente mais ou menos vulgar do outro sexo. A prece da jovem foi atendida em cheio; algo de puro e altivo que havia nela — algo frio e seco seria o que um pretendente rejeitado com pendores analíticos talvez tivesse dito — até então a mantivera afastada de qualquer esforço vão de conjectura sobre possíveis maridos. Poucos dentre os homens que via pareciam valer a pena fazer o esforço, e pensar que um deles iria apresentar-se como incentivo à esperança e recompensa à paciência fazia-a sorrir. No fundo de sua alma — era o que havia de mais profundo ali — existia a convicção de que, se uma certa luz brilhasse, ela iria entregar-se por completo; mas essa imagem, no todo, era formidável demais para ser atraente. Os pensamentos de Isabel pairavam sobre ela mas era raro aí se demorarem; em pouco tempo, terminavam em alarme. Parecia-lhe muitas vezes que pensava demais sobre si mesma; seria possível fazê-la corar, fosse quando fosse, chamando-a de rematada egoísta. Estava sempre planejando seu aperfeiçoamento, desejando a perfeição, observando o próprio progresso. Em sua opinião, sua natureza tinha uma certa qualidade de jardim, a sugestão de perfume e o farfalhar de ramos, de sombras de caramanchões e paisagens a perder de vista, que a faziam pensar ser a introspecção, afinal de contas, um exercício ao ar livre e que uma visita aos recessos da própria mente era inofensiva quando se voltava com uma braçada de rosas. Mas tinha que se lembrar muitas vezes de que havia outros jardins no mundo além daqueles de sua notável alma e que, ainda por cima, havia inúmeros lugares que não eram jardins de modo algum — apenas extensões sombrias e pestíferas, cobertas pela vegetação da feiúra e da miséria. Na corrente dessa curiosidade recompensada em que nos últimos

tempos estava flutuando e que a trouxera a essa bela e antiga Inglaterra, e poderia levá-la mais longe ainda, muitas vezes parava para pensar nas milhares de pessoas menos felizes que ela — uma idéia que, de momento, fazia sua limpa e total consciência parecer um tanto imodesta. O que se deveria fazer com a miséria do mundo dentro do esquema do agradável a si mesmo? Temos que confessar que essa questão nunca a ocupava muito tempo. Era jovem demais, impaciente demais por viver, pouco familiarizada com a dor. Ela sempre voltava à sua teoria de que, afinal, uma jovem que todos achavam inteligente deveria começar obtendo uma impressão geral da vida. Essa impressão era necessária para evitar erros, e, depois de obtê-la, poderia fazer da situação infeliz de outrem um ponto de atenção especial.

A Inglaterra foi uma revelação para ela; ficou tão entretida como uma criança assistindo a um teatro de fantoches. Em suas excursões para a Europa, na infância, só vira o continente, e isso da janela do quarto; Paris, e não Londres, fora a Meca do pai, e é claro que suas filhas não tinham participado de muitos de seus interesses lá. As imagens dessa época, além disso, haviam se tornado fracas e remotas, e a qualidade de velho mundo de tudo que via agora tinha todo o encanto do desconhecido. A casa do tio parecia um quadro que ganhara vida; nenhum refinamento do agradável caía no vazio em Isabel; a rica perfeição de Gardencourt revelava um mundo e saciava uma necessidade ao mesmo tempo. As salas espaçosas e baixas, com tetos marrons e cantos escuros, os vãos profundos das janelas e os curiosos batentes, a luz suave a incidir nos lambris escuros e encerados, o verdor profundo lá fora que parecia sempre estar espiando para dentro, o senso de privacidade bem ordenada no centro de uma “propriedade” — um lugar em que os sons eram aprazivelmente casuais, em que os passos eram abafados pela própria terra e no ar temperado e espesso todo o atrito desaparecia do contato e toda a estridência desaparecia da fala — essas coisas eram bem ao gosto de nossa jovem, e seu gosto representava papel importante em suas emoções. Fez grande amizade com o tio e ficava sentada muitas vezes ao lado da cadeira dele, quando era levado para o gramado. Ele passava horas ao ar livre, sentado com as mãos cruzadas, como um plácido e feioso deus doméstico, um deus que fizera seu trabalho, recebera seu salário e estava tentando acostumar-se a semanas e meses compostos apenas de dias ociosos. Isabel entretinha-o mais do que pensava — o efeito que ela causava às pessoas era muitas vezes diferente do que imaginava —, e era freqüente ele procurar o prazer de ouvi-la tagarelar. Era com essa palavra que ele qualificava sua conversa, que tinha muito do “jeito” observável nas jovens de seu país, para quem os ouvidos do mundo estão muito mais voltados do que para as suas irmãs em outras terras. Como a grande maioria das moças americanas, Isabel fora encorajada a expressar-se; esperava-se dela que tivesse emoções e opiniões. Muitas de suas opiniões tinham, sem dúvida, pouco valor, muitas de suas emoções extinguíam-se ao serem expressas, mas haviam deixado vestígios ao dar-lhe o hábito de parecer pelo menos sentir e pensar, e, além disso, de conferir a suas palavras, quando estava comovida de fato, aquela imediata animação que tantas pessoas tinham considerado como um sinal de superioridade. O senhor Touchett costumava pensar que ela lembrava-lhe a esposa ainda adolescente. Fora por ela ser vivaz, natural e rápida no entender e no falar — características também da sobrinha — que ele se apaixonara pela senhora Touchett. Contudo, nunca revelou a analogia à moça, pois, se um dia a senhora Touchett fora como Isabel, esta não era nem um pouco

como a senhora Touchett. O velho era só bondade para com ela; fazia muito tempo, como dizia, que não tinham vida jovem na casa, e a nossa farfalhante heroína de movimentos rápidos e voz clara era tão agradável a seus sentidos como o som de um riacho a correr. Queria fazer alguma coisa por ela e queria que ela lhe pedisse isso. Ela não pedia nada, só fazia perguntas; é verdade que fazia uma infinidade delas. O tio tinha enorme reserva de respostas, embora às vezes a insistência dela viesse de um modo que o intrigava. Ela lhe fazia uma imensidão de perguntas sobre a Inglaterra, sobre a constituição inglesa, sobre o caráter inglês, sobre a situação política, sobre as maneiras e os costumes da família real, sobre as peculiaridades da aristocracia, o modo de viver e de pensar de seus vizinhos; e, ao pedir que a esclarecesse sobre esses aspectos, geralmente perguntava se correspondiam à descrição dos livros. O velho senhor sempre olhava para ela um pouco com seu bom sorriso seco enquanto alisava a manta a cobrir-lhe os joelhos.

— Os livros? — disse uma vez. — Bem, não sei muito a respeito de livros. Terá que perguntar a Ralph sobre isso. Eu sempre me informei por mim mesmo — obtive a informação de forma natural. Nunca tive sequer que fazer muitas perguntas; apenas fiquei quieto e prestei atenção. É claro que tive oportunidades muito boas — melhores do que uma jovem naturalmente teria. Sou de temperamento inquisitivo, embora talvez não se perceba isso: por mais que fique me observando, eu a estarei observando mais. Venho observando essa gente por mais de trinta e cinco anos e não hesito em dizer que adquiri grande cabedal de informações. É um país muito bom no todo — melhor, talvez, que o crédito que damos a ele do outro lado. Há várias melhorias que eu gostaria de ver introduzidas, mas a necessidade delas não parece ser ainda sentida de modo geral. Quando a necessidade de uma coisa é sentida de modo geral, acontece quase sempre de se obtê-la, porém as pessoas parecem esperar comodamente até lá. Sem dúvida, sinto-me mais à vontade entre eles do que esperava quando cheguei; suponho que seja por eu ter conseguido razoável sucesso. Quando se tem sucesso, é natural sentir-se mais à vontade.

— Acha que, se eu tiver sucesso, sentir-me-ei à vontade? — perguntou Isabel.

— Acho isso muito provável, e com certeza terá sucesso. Gostam muito das jovens americanas por aqui; cercam-nas de todo tipo de atenção. Mas não se sinta à vontade demais, está bem?

— Oh, não tenho certeza se *irei* ficar satisfeita — frisou Isabel, com ar ajuizado. — Gosto muito daqui, mas não sei se irei gostar das pessoas.

— As pessoas são pessoas muito boas, principalmente se gostar delas.

— Não duvido que sejam boas — retrucou Isabel —, mas serão agradáveis em sociedade? Não irão roubar-me ou bater em mim; mas serão agradáveis comigo? É isso que gosto que as pessoas façam. Não vacilo em dizê-lo, porque é o que sempre aprecio. Não creio que sejam simpáticas com moças; não são simpáticas com elas nos romances.

— Não sei nada sobre romances — disse o senhor Touchett. — Acho que os romances têm uma boa dose de talento, mas não acho que sejam muito precisos. Uma vez tivemos hospedada conosco uma dama que escrevia romances. Era amiga de Ralph, e ele a convidou. Era muito positiva, sempre a par de tudo, mas não era o tipo de pessoa com quem se pudesse contar como testemunha. Imaginação muito livre, acho que era isso. Depois publicou uma obra de ficção na qual aparentemente fazia uma representação — algo semelhante a uma caricatura, pode-se dizer — da

minha modesta pessoa. Eu não li, mas Ralph entregou-me o livro com as passagens mais importantes marcadas. Pretendia ser uma descrição da minha maneira de conversar: peculiaridades americanas, pronúncia anasalada, idéias ianques, estrelas e listras. Bom, não era nem um pouco parecido; ela não deve ter ouvido com muita atenção. Eu não tinha objeção alguma a que ela fizesse um relato da minha conversação, se quisesse, mas não gostei da idéia de não se ter dado ao trabalho de ouvir bem. É claro que falo como um americano — não posso falar como um hotentote. De qualquer maneira, fiz com que me entendessem bastante bem por aqui. Mas não falo como o velho cavalheiro do romance daquela senhora. Ele não era americano; não iríamos querê-lo por lá por dinheiro algum. Só estou mencionando esse fato para mostrar-lhe que nem sempre são precisos. É claro que, como não tenho filhas, e como a senhora Touchett mora em Florença, não tenho tido muitas oportunidades de saber como são as jovens. Às vezes parece que as moças da classe mais baixa não são muito bem tratadas, mas acho que a posição delas é melhor na classe alta e, até certo ponto, na classe média.

— Meu Deus — exclamou Isabel —, quantas classes eles têm? Umas cinqüenta, imagino.

— Bom, acho que nunca as contei. Nunca dei muita atenção às classes. Essa é a vantagem de ser americano aqui, não se pertence a classe alguma.

— Assim espero — disse Isabel. — Imagine alguém ter que pertencer a uma classe inglesa!

— Bem, acho que algumas são bastante confortáveis, principalmente à medida que se sobe. Mas para mim só existem duas: as pessoas em quem confio e as pessoas em quem não confio. Das duas, minha cara Isabel, você pertence à primeira.

— Fico-lhe muito grata — disse a moça depressa. Seu modo de aceitar elogios às vezes parecia um tanto seco; livrava-se deles tão rápido quanto possível. Mas, nesse particular, às vezes era mal interpretada, achavam que era insensível a eles, quando na realidade estava apenas tentando não demonstrar que a agradavam infinitamente. Demonstrar isso era demonstrar demais. — Tenho certeza de que os ingleses são muito convencionais — acrescentou.

— Têm tudo bem delimitado — admitiu o senhor Touchett. — Já têm tudo decidido de antemão, não deixam nada para a última hora.

— Eu não gosto de ter tudo decidido de antemão — disse a moça. — Gosto mais do inesperado.

O tio pareceu divertido com a diferenciação de preferência.

— Bem, já está decidido de antemão que você vai ser um grande sucesso — observou. — Imagino que goste disso.

— Não vou ser um grande sucesso se eles forem de uma estúpida convencionalidade. Eu sou bem o oposto disso. Não sou nem um pouco ligada a convenções estúpidas. É disso que não vão gostar.

— Não, não, você está errada — disse o velho. — Não pode antecipar do que eles vão gostar. São muito inconsistentes; esse é seu principal atrativo.

— Ah, bom — disse Isabel, pondo-se de pé na frente do tio, com as mãos enfiadas no cinto do vestido negro e percorrendo com o olhar o gramado —, isso será perfeito para mim!

Os dois entretinham-se, repetidas vezes, falando sobre a atitude do público britânico, como se a jovem estivesse em posição de apelar para ele, mas, na realidade, por enquanto esse público permanecia em total indiferença com relação à senhorita Isabel Archer, cujo destino a fizera ir parar, como dizia o primo, na casa mais aborrecida da Inglaterra. O tio gotoso recebia poucas visitas, e a senhora Touchett, não tendo cultivado amizade com os vizinhos do marido, não teria razão de esperar a visita deles. Tinha, contudo, um gosto estranho: gostava de receber cartões. Pelo que geralmente se chama de relações sociais, tinha pouco interesse, mas nada a agradava mais que ver a mesa do vestíbulo coberta de uma nevasca de retângulos simbólicos. Gabava-se de ser uma mulher muito justa e tinha chegado à descoberta da verdade soberana de que nada neste mundo se consegue em troca de nada. Não participara da vida social do lugar na qualidade de dona de Gardencourt, e não era de se supor que, nos arredores, um relatório detalhado de suas idas e vindas fosse mantido. Mas não é tão certo assim que ela concordasse que dessem tão pouca atenção à sua movimentação e que seu fracasso (realmente muito deliberado) em tornar-se importante na vizinhança não tivesse muito a ver com o azedume de suas alusões ao país de adoção do marido. Isabel logo se viu na singular posição de defender a constituição britânica perante a tia, já que esta adquirira o hábito de dar alfinetadas nesse venerando instrumento. Isabel sempre sentia o impulso de retirar os alfinetes; não que pensasse que causassem qualquer dano ao velho e resistente pergaminho, mas porque lhe parecia que a tia poderia dirigir para outro alvo essa acidez. Ela própria era muito crítica — isso estava associado à sua idade, sexo e nacionalidade —, mas também era muito sentimental, e havia algo na segura da senhora Touchett que abria as comportas de suas próprias reservas morais.

— Então qual é o seu ponto de vista? — perguntava à tia. — Quando critica tudo aqui, deveria ter um. O seu não parece ser americano — achou tudo lá tão desagradável! Quando eu critico, tenho o meu ponto de vista: é totalmente americano!

— Minha querida jovem — retrucou a senhora Touchett —, existem tantos pontos de vista no mundo como existem seres pensantes para adotá-los. Talvez você diga que isso não os torna muito numerosos! Americano? De modo algum, isso é de uma limitação chocante. Meu ponto de vista, graças a Deus, é pessoal!

Isabel achou que a resposta tinha sido melhor do que gostaria de admitir; era uma descrição aproximada de seu próprio modo de julgar, mas não teria soado bem se ela dissesse isso. Da boca de uma pessoa de posição menos elevada e menos esclarecida pela experiência que a senhora Touchett, tal declaração teria tido um sabor de imodéstia, até mesmo de arrogância. Arriscou-se a fazê-la, contudo, durante uma conversa com Ralph, com quem falava bastante e com quem a conversa era do tipo que permitia uma boa dose de extravagância. O primo costumava, como

dizem, troçar dela; logo ganhou junto a ela a reputação de tratar tudo como pilhéria, e não era homem de abrir mão dos privilégios que tal reputação conferia. Ela acusava-o de detestável falta de seriedade, de rir de tudo, começando por ele mesmo. A parca reserva de reverência que possuía era inteiramente centrada no pai; quanto ao resto, praticava seu humor com o filho de seu pai, com os pulmões fracos deste cavalheiro, sua vida inútil, sua fantástica mãe, os amigos (lorde Warburton em especial), seu país natal e o de adoção, sua recém-descoberta e encantadora prima.

— Tenho uma banda de música na minha ante-sala — disse a ela uma vez. — Tem ordem de tocar sem parar; presta-me dois serviços excelentes. Mantém os sons do mundo afastados de minha privacidade e faz o mundo pensar que há gente dançando lá dentro.

De fato, era música para dançar que se ouvia geralmente, ao chegar perto da banda de Ralph; as valsas mais animadas pareciam flutuar no ar. Muitas vezes, Isabel ficava irritada com esse perpétuo tocar; gostaria de passar pela ante-sala, como dizia o primo, e entrar nos aposentos privados. Pouco importava ele ter-lhe garantido que era um lugar sombrio; ela teria ficado contente em varrê-lo e colocá-lo em ordem. Era só meia hospitalidade deixá-la de fora, e para puni-lo por isso Isabel distribuía inúmeros golpes com a palmatória de seu jovem e direto humor. Deve-se dizer que seu humor era praticado na maioria das vezes em autodefesa, pois o primo divertia-se chamando-a de “Colúmbia” e acusando-a de patriotismo tão ardente que escaldava. Ele desenhou uma caricatura dela representada como uma jovem muito bonita, vestida, segundo um modelo da época, com a bandeira nacional. O maior medo de Isabel nesse período de seu desenvolvimento era aparentar mentalidade estreita; o segundo medo era, na verdade, tê-la. Mas, apesar disso, não teve escrúpulos em corresponder à idéia que o primo fazia dela e fingir suspirar pelos encantos de sua terra natal. Seria tão americana quanto agradasse a ele considerá-la, e, se ele decidisse caçoar, teria um prato cheio. Ela defendia a Inglaterra diante da mãe dele, mas, quando Ralph tecia-lhe louvores de propósito, como dizia ela, para provocá-la, ela conseguia discordar dele em uma infinidade de aspectos. Na verdade, a qualidade desse pequeno e maduro país lhe parecia tão doce como o sabor de uma pêra de outubro, e a satisfação que sentia era a razão do bom humor com que recebia as brincadeiras do primo, pagando-lhe na mesma moeda. Se esse bom humor esmorecia às vezes, não era por sentir-se abusada, mas porque de repente sentia pena de Ralph. Parecia-lhe que ele falava como um cego e que não punha grande fé no que dizia.

— Não sei o que há com você — observou um dia —, mas desconfio que seja um grande enganador.

— Problema seu — retrucou Ralph, que não estava acostumado a que lhe falassem de modo tão cru.

— Não sei do que gosta; acho que de nada. Na verdade, não gosta da Inglaterra quando a está elogiando; não liga para a América mesmo quando finge insultá-la.

— Não ligo para nada a não ser você, querida prima — disse Ralph.

— Se ao menos pudesse acreditar nisso, ficaria muito contente.

— Ah, sim, espero que sim! — exclamou o rapaz.

Isabel poderia ter acreditado e não estaria longe da verdade. Ele pensava muito nela; estava sempre presente em sua mente. Numa época em que seus pensamentos tinham sido uma carga

muito pesada, a repentina chegada dela, que nada prometia e era uma dádiva de mão beijada do destino, trouxera-lhes alívio e estímulo, dando-lhes asas e um motivo para voar. O pobre Ralph ficara, durante muitas semanas, mergulhado em melancolia; seu ânimo, habitualmente sombrio, sofria a influência de uma nuvem mais negra. Andava ansioso a respeito do pai, cuja gota, até então restrita às pernas, começara a se transferir a regiões mais vitais. O velho estivera gravemente doente na primavera, e os médicos haviam confidenciado a Ralph que outro ataque seria menos fácil de enfrentar. No momento, parecia estar livre de dores, mas Ralph não conseguia livrar-se da desconfiança de que isso fosse um subterfúgio do inimigo emboscado, para pegá-lo desprevenido. Se a manobra fosse bem-sucedida, haveria pouca esperança de grande resistência. Ralph sempre tivera como certo que o pai iria sobreviver a ele — que seu nome seria o primeiro a receber o triste chamado. Pai e filho tinham sido bons amigos, e a idéia de ficar sozinho com o restante de uma vida insípida nas mãos não era nada gratificante para ele, que sempre contara tacitamente com a ajuda do pai para enfrentar da melhor forma possível as circunstâncias desfavoráveis. Ante a perspectiva de perder sua grande motivação, Ralph perdeu na verdade sua única inspiração. Se os dois morressem ao mesmo tempo, tudo estaria bem; mas, sem o incentivo da presença do pai, ele mal teria paciência de esperar sua vez. Não tinha ânimo de achar que era indispensável para a mãe; era norma dela não olhar para trás. Ele sabia, é claro, que teria sido uma pequena bênção para o pai desejar que, dos dois, a parte ativa e não a passiva viesse a passar pela dor sentida; lembrava-se de que o velho sempre tratara sua previsão de fim prematuro como uma brilhante invenção, que lhe causaria grande prazer desmascarar, dentro do possível, morrendo antes. Mas, dentre os dois triunfos, o de refutar um filho sofisticado e o de agarrar-se por mais um tempo a um estado que, com todos os seus senões, ele apreciava, Ralph julgava não ser pecado algum ter esperança de que este último privilégio fosse concedido ao senhor Touchett.

Estas eram questões interessantes, mas a chegada de Isabel pôs um fim em suas reflexões sobre elas. Chegou até a sugerir que talvez houvesse uma compensação pelo intolerável tédio de sobreviver a seu genial progenitor. Perguntava-se se estaria nutrindo “amor” por aquela espontânea jovem de Albany, mas concluía que, considerando tudo, não estava. Depois de conhecê-la por uma semana, decidiu em definitivo que não, e a cada dia sentia-se mais seguro disso. Lorde Warburton estava certo sobre ela; era mesmo uma figurinha interessante. Ralph admirava-se de que o vizinho tivesse descoberto isso tão depressa, e depois disse a si mesmo que era apenas mais uma prova das altas qualidades de seu amigo que admirava muitíssimo. Se a prima nada mais ia ser para ele que uma distração, Ralph tinha consciência de que era uma distração de alto quilate.

“Um caráter assim”, dizia a si mesmo, “ter a chance de ter essa força ardente em ação é a coisa mais bela da natureza. É mais bela que a mais bela obra de arte: um baixo-relevo grego, um grande Ticiano, uma catedral gótica. É muito agradável ser tão bem tratado por quem menos se tinha esperado. Eu nunca estive tão melancólico, tão entediado como na semana anterior à chegada dela; nunca teria esperado que algo agradável fosse acontecer. De repente, recebo um Ticiano pelo correio, para pendurar na parede; um baixo-relevo grego para pregar sobre a lareira. A chave de um belo palácio é posta em minha mão e alguém me diz que posso entrar e admirar. Meu pobre rapaz, você foi muito ingrato, e agora é melhor que fique bem quietinho e não reclame mais.”

O sentimento que animava tais reflexões era muito justo; mas não era bem verdade que uma chave tivesse sido posta na mão de Ralph Touchett. Sua prima era uma moça muito brilhante, que necessitaria, nas palavras dele, ser conhecida muito bem, mas era preciso conhecê-la, e sua atitude com relação a ela, embora fosse contemplativa e crítica, não era de julgá-la. Examinava o edifício do lado de fora e admirava-o muito; espiava pelas janelas e recebia uma impressão de proporções igualmente harmoniosas. Mas sentia que o via apenas em vislumbres e que ainda não ficara de pé sob seu teto. A porta estava trancada, e, embora tivesse as chaves no bolso, tinha certeza de que nenhuma delas iria servir. Ela era inteligente e generosa; sua natureza era boa e livre, mas o que ia fazer de si mesma? Essa pergunta era anômala, pois com a maioria das mulheres não se tinha oportunidade de perguntar isso. A maioria não fazia nada delas mesmas; esperavam, em atitudes de maior ou menor graça passiva, que um homem aparecesse e lhes fornecesse um destino. A originalidade de Isabel era dar a impressão de já ter o seu.

— Oxalá eu esteja lá para ver — dizia Ralph —, quando ela o realizar!

Cabia a ele, é claro, fazer as honras da casa. O senhor Touchett estava preso à sua cadeira e a posição da esposa era parecida com a de uma visita mal-humorada, de modo que na linha de conduta que se abria para Ralph o dever e a propensão estavam combinados com harmonia. Não era homem de grandes caminhadas, mas passeava pela propriedade com a prima — um hábito que o tempo favoreceu com persistência não suspeitada na previsão um tanto lúgubre de Isabel sobre o clima; e nas longas tardes, das quais a duração era apenas a medida de sua vontade satisfeita, saíam de barco pelo rio, o riozinho simpático, como Isabel o chamava, em que a margem oposta parecia ainda fazer parte da paisagem mais próxima; ou saíam pelo campo num faetonte — um faetonte baixo, espaçoso, de rodas grossas, que o senhor Touchett usara muito no passado, mas que agora não apreciava mais. Isabel gostava muito dele, segurando as rédeas com um jeito que o cavaliariço aprovava como sendo “de quem sabe”, nunca se cansava de conduzir os excelentes cavalos do tio pelos caminhos e atalhos tortuosos, cheios dos acidentes rurais que ela esperara confiante encontrar: ao longo de casas de campo cobertas de sapé e guarnecidas de madeira, passando por cervejarias de treliças e chão de areia, por trechos de um antigo passeio público e vislumbres de parques vazios, por entre sebes fortalecidas pelo alto verão. Ao chegarem em casa, geralmente descobriam que o chá fora servido no gramado e que a senhora Touchett não se esquivara à tarefa de entregar a xícara ao marido. Mas a maior parte do tempo os dois ficavam sentados em silêncio; o velho com a cabeça recostada e os olhos fechados, sua mulher ocupada com o tricô e ostentando aquela aparência de rara profundidade com a qual algumas senhoras observam o movimento de suas agulhas.

Entretanto, um dia, chegou um visitante. Os dois jovens, depois de passar uma hora no rio, voltaram a pé para casa e viram lorde Warburton sentado sob as árvores, entretido em conversa, cujo caráter incoerente, mesmo a distância, podia ser notado, com a senhora Touchett. Ele viera de casa com uma maleta e pedira, como o pai e o filho já o tinham convidado muitas vezes, para ficar para jantar e passar a noite. Tendo-o visto durante meia hora no dia de sua chegada, Isabel descobrira nesse pequeno espaço de tempo que gostava dele; na verdade, ele ficara gravado com bastante intensidade nos aguçados sentidos da moça, que pensara nele várias vezes. Esperara tornar

a vê-lo — esperara também ver mais algumas pessoas. Gardencourt não era aborrecido; o lugar em si era maravilhoso, o tio era cada vez mais como uma espécie de avô adorável e Ralph não se parecia a nenhum primo que ela jamais conhecera — a idéia que tinha de primos pendia para o sombrio. Depois, suas impressões eram ainda tão recentes e se renovavam tão rápido que mal havia um vislumbre de lacuna à vista. Mas Isabel tinha que se lembrar sempre de que estava interessada na natureza humana e de que sua mais cara esperança ao ir para o exterior fora a de ver muitas pessoas. Quando Ralph lhe disse, como já o fizera várias vezes: “Admiro-me que ache isto suportável; deveria ver alguns dos vizinhos e alguns de nossos amigos, porque até temos alguns, embora seja difícil acreditar”. Quando ele ofereceu convidar o que chamava de “uma porção de gente” e familiarizá-la com a sociedade inglesa, ela encorajou o impulso hospitaleiro e prometeu de antemão atirar-se à luta. No momento, contudo, pouco resultara daquelas ofertas, e pode-se confidenciar ao leitor que, se o jovem adia sua execução, era porque achava a tarefa de dedicar-se à companheira de modo algum tão árdua que necessitasse ajuda de fora. Isabel falara com ele com freqüência sobre “espécimens”; era uma palavra que representava importante papel em seu vocabulário; dera-lhe a entender que queria ver a sociedade inglesa ilustrada por meio de casos eminentes.

— Bem, eis um espécimen — disse-lhe ele, ao reconhecer lorde Warburton quando vinham da margem do rio.

— Um espécimen do quê? — perguntou a moça.

— Um espécimen de cavalheiro inglês.

— Quer dizer que todos são como ele?

— Oh, não; nem todos são como ele.

— Então ele é um espécimen favorável — disse Isabel —, porque tenho certeza de que ele é ótimo.

— Sim, ele é muito bom. E tem muita sorte.

O afortunado lorde Warburton trocou um aperto de mão com nossa heroína e expressou seus votos de que estivesse bem.

— Mas nem precisava perguntar isso — observou —, já que andou às voltas com os remos.

— Estive remando um pouquinho — respondeu Isabel. — Mas como pôde saber isso?

— Oh, eu sei que *ele* não rema, é preguiçoso demais — disse o lorde, indicando Ralph Touchett com uma risada.

— Tem boa desculpa para a preguiça — retrucou Isabel, abaixando a voz um pouco.

— Ah, ele tem boa desculpa para tudo! — exclamou lorde Warburton, ainda dando vazão à sonora alegria.

— Minha desculpa para não remar é que minha prima rema muito bem — disse Ralph. — Ela faz tudo bem. Não há nada que toque que não fique melhor!

— Dá vontade de ser tocado, senhorita Archer — declarou lorde Warburton.

— Fique tocado no sentido certo e não se dará mal — disse Isabel que, embora contente de ouvir dizer que seus talentos eram muitos, felizmente conseguia refletir que tal complacência não era a indicação de uma mente fraca, porquanto havia várias coisas que fazia com grande habilidade.

O desejo que tinha de ter boa opinião a seu próprio respeito pelo menos tinha o elemento de humildade de sempre precisar ser baseado em provas.

Lorde Warburton não só passou a noite em Gardencourt como foi convencido a ficar no segundo dia e, quando este terminou, resolveu adiar sua partida até a manhã seguinte. Durante esse tempo, dirigiu grande parte de suas observações a Isabel, que aceitou de bom grado essa prova de consideração. Percebeu que estava gostando muito dele; a primeira impressão que lhe causara pesava, mas ao fim de uma noite em sua companhia ela quase chegou a vê-lo — embora sem qualquer exagero de cores — como um herói de romance. Foi deitar com uma sensação de boa sorte, com uma consciência despertada para possíveis motivos de ventura. “É muito bom conhecer duas pessoas tão encantadoras como eles”, pensou, querendo dizer com “eles” o primo e o amigo do primo. Além disso, é preciso mencionar que tinha acontecido um incidente que poderia parecer pôr à prova seu bom humor. O senhor Touchett foi para a cama às nove e meia, mas a esposa permaneceu na saleta com os outros membros do grupo. Ela prolongou a vigília por pouco menos de uma hora, e então levantou-se e comentou com Isabel que era hora de dar boa-noite aos cavalheiros. Isabel ainda não tinha o menor desejo de se retirar; na opinião dela, a ocasião revestia-se de caráter festivo, e as festas não costumavam terminar tão cedo. Assim, sem refletir, respondeu apenas:

— Eu preciso ir, querida tia? Subirei dentro de meia hora.

— Não posso esperar por você — retrucou a senhora Touchett.

— Ah, não é preciso! Ralph pode acender a vela para mim — Isabel volveu, toda animada.

— Eu acenderei a vela para a senhorita; por favor, deixe-me fazer isso, senhorita Archer! — exclamou lorde Warburton. — Só peço que isso não aconteça antes da meia-noite.

A senhora Touchett fixou nele seus olhinhos brilhantes e em seguida transferiu-os com frieza para a sobrinha.

— Você não pode ficar sozinha com os cavalheiros. Não está... não está na sua abençoada Albany, minha cara.

Isabel levantou-se, corada.

— É pena que não esteja — disse.

— Ora, vamos, mamãe! — interferiu Ralph.

— Minha cara senhora Touchett! — murmurou lorde Warburton.

— Eu não inventei o seu país, meu lorde — disse a senhora Touchett, com ar majestoso. — Tenho que aceitá-lo como é.

— Não posso ficar com meu próprio primo? — perguntou Isabel.

— Não me consta que lorde Warburton seja seu primo.

— Talvez seja melhor que *eu* vá me deitar! — sugeriu o hóspede. — Isso acertará as coisas.

A senhora Touchett lançou-lhe um olhar sem esperança e sentou-se de novo.

— Oh, se for preciso, ficarei em pé até a meia-noite.

Entrementes, Ralph tinha entregado a Isabel o castiçal. Ele a estivera observando; parecera-lhe que ela iria demonstrar mau gênio — um acidente que poderia ser interessante. Mas, se esperava algo como uma explosão, ficou desapontado, pois a moça limitou-se a dar uma risadinha, acenou

um boa-noite e saiu acompanhada da tia. Quanto a ele, estava aborrecido com a mãe, embora achasse que tinha razão. No andar de cima, as duas mulheres separaram-se diante da porta do quarto da senhora Touchett. Isabel não pronunciara palavra o caminho todo.

— É claro que está aborrecida por eu ter interferido — disse a senhora Touchett.

Isabel pareceu pensar um pouco:

— Não estou aborrecida, mas surpresa... e bastante intrigada. Não era de bom-tom eu ficar na saleta?

— Nem um pouco. As moças aqui, em casas decentes, não ficam sentadas sozinhas com homens até tarde da noite.

— Então a senhora teve razão em avisar-me — disse Isabel. — Não entendo isso, mas folgo em saber.

— Sempre irei avisá-la — retrucou a tia —, sempre que a vir tomando o que me parecer liberdade demais.

— Por favor, faça isso, mas não posso prometer que vou achar sua censura sempre justa.

— É muito provável que não. Você gosta muito de fazer as coisas à sua maneira.

— É, acho que gosto. Mas sempre quero saber o que não se deve fazer.

— Para fazê-lo? — perguntou a tia.

— Para escolher — retrucou Isabel.

Como ela se interessava por ambientes românticos, lorde Warburton atreveu-se a expressar a esperança de que fosse um dia ver sua casa, um prédio antigo, muito curioso. Conseguiu obter da senhora Touchett a promessa de levar a sobrinha a Lockleigh, e Ralph expressou sua anuência em acompanhar as damas, se o pai pudesse passar sem ele. Lorde Warburton assegurou a nossa heroína que, nesse meio-tempo, as irmãs dele iriam visitá-la. Ela sabia alguma coisa a respeito dessas irmãs por ter sondado, durante as horas que passaram juntos em Gardencourt, vários pontos relacionados com a família dele. Quando estava interessada, Isabel fazia um grande número de perguntas, e, como seu interlocutor era um grande falador, ela incentivou-o nessa ocasião, e não foi de modo algum em vão. Ele contou-lhe que tinha quatro irmãs e dois irmãos, e tinha perdido tanto o pai como a mãe. Os irmãos e as irmãs eram pessoas muito boas, “não muito espertas, sabe”, disse ele, “mas muito decentes e agradáveis”; e atrevia-se a nutrir esperança de que a senhorita Archer chegasse a conhecê-los bem. Um dos irmãos era da Igreja; estava estabelecido com o benefício eclesiástico da família, em Lockleigh, uma numerosa e espalhada paróquia, e era pessoa excelente apesar de terem idéias diversas em relação a todos os tópicos concebíveis. Depois lorde Warburton mencionou algumas opiniões do irmão, opiniões essas que Isabel vira externadas muitas vezes e que supunha serem predominantes em uma parcela considerável da família humana. Na verdade, muitas ela própria as tivera, até ele assegurar-lhe de que estava completamente errada, que isso era realmente impossível, que, sem dúvida, ela pensara ter tais opiniões, mas que podia ter toda a certeza de que, se refletisse um pouco, veria que eram vazias. Quando ela respondeu que já tinha refletido com grande atenção sobre várias das questões mencionadas, ele declarou que ela era mais um exemplo do que ele já notara muitas vezes antes — que, dentre todos os povos do mundo, os americanos eram os mais supersticiosos. Eram todos *Tories*, * arraigados e preconceituosos; não havia ninguém mais conservador que um conservador americano. O tio e o primo dela lá estavam como prova; nada era mais medieval que a maior parte das opiniões deles; tinham idéias que as pessoas na Inglaterra hoje em dia tinham vergonha de admitir, e além disso a impudência, disse o lorde dando risada, de pretender saber mais sobre as necessidades e perigos dessa pobre, velha e estúpida Inglaterra do que ele, que tinha nascido ali e era proprietário de considerável porção dela — pior para ele! De tudo isso, Isabel depreendeu que lorde Warburton era um nobre do tipo mais recente, um reformador, um radical, condenador das idéias antigas. O outro irmão dele, que estava no Exército na Índia, era um tanto rebelde e teimoso e não fizera grande coisa até então, a não ser contrair dívidas que Warburton tinha que pagar — um dos privilégios mais preciosos do irmão mais velho.

— Acho que não vou pagar mais — disse-lhe o amigo —, ele vive muitíssimo melhor que eu, permitindo-se luxos inauditos e julgando-se um cavalheiro muito melhor do que eu. Como sou

um radical coerente, só sou a favor da igualdade; não aprovo a superioridade dos irmãos caçulas.

Das quatro irmãs, duas, a segunda e a quarta, estavam casadas, uma delas muito bem casada, como diziam, a outra só mais ou menos. O marido da mais velha, lorde Haycock, era um sujeito ótimo, porém, infelizmente, um terrível *Tory*, e sua mulher, como todas as boas esposas inglesas, era pior que o marido. A outra desposara um pequeno proprietário de terras em Norfolk e, apesar de ter casado outro dia mesmo, já tinha cinco filhos. Essas informações e muito mais lorde Warburton forneceu à sua jovem ouvinte americana, dando-se ao trabalho de explicar-lhe muitas coisas e de expor à sua apreciação as peculiaridades da vida inglesa. Isabel divertia-se com freqüência com a franqueza dele e com a pouca importância que parecia dar tanto à experiência dela como à sua imaginação. “Acha que sou selvagem”, dizia a si mesma, “e que nunca vi garfos e facas.” E punha-se a fazer-lhe perguntas ingênuas pelo prazer de ouvi-lo responder com seriedade. Depois que ele caía na armadilha, ela comentava:

— É uma pena que não tenha me visto ainda com a pintura de guerra e as penas; se eu soubesse que o senhor era tão bondoso para com os pobres selvagens, teria trazido meus trajes típicos!

Lorde Warburton tinha viajado pelos Estados Unidos e sabia mais sobre os americanos que Isabel; condescendia em dizer que a América era o país mais encantador do mundo, mas suas lembranças encorajavam a impressão de que os americanos na Inglaterra precisariam que um grande número de coisas lhes fossem explicadas.

— Se ao menos eu tivesse a senhorita para explicar-me as coisas na América! — dizia. — Fiquei bastante intrigado em seu país; diria até mesmo confuso, e o problema é que as explicações pioravam ainda mais a confusão. Sabe, acho que muitas vezes davam-me explicações erradas de propósito; são muito chegados a isso lá. Mas, quando eu explico, a senhorita pode confiar em mim, não há erro no que lhe digo.

Pelo menos, não havia erro quanto ao fato de ele ser muito inteligente, culto e familiarizado com quase tudo no mundo. Apesar de proporcionar os vislumbres mais interessantes e emocionantes, Isabel sentia que ele nunca o fazia para gabar-se, e, embora tivesse tido excelentes oportunidades e tropeçado, como dizia ela, nos melhores prêmios, estava muito longe de utilizar isso como mérito. Gozara das melhores coisas da vida, mas isso não lhe estragara o senso de proporção. Sua qualidade era a mistura do efeito de uma rica experiência — oh, adquirida de modo tão fácil! — com a modéstia que às vezes beirava a de um garoto; esse sabor doce e saudável — tão agradável como algo que tivesse sido saboreado — nada perdia com a adição de um tom de responsável generosidade.

— Gosto muito do seu espécimen de cavalheiro inglês — disse Isabel a Ralph, depois que lorde Warburton tinha partido.

— Gosto dele também, tenho-lhe grande afeição — retrucou Ralph. — Mas tenho ainda mais pena.

Isabel olhou-o de esguelha.

— Ora, esse parece ser o único defeito dele; não se pode sentir nem um pouco de pena dele. Parece ter tudo, saber tudo, *ser* tudo.

— Oh, ele está mal! — insistiu Ralph.

— Está se referindo à sua saúde?

— Não, quanto a isso é abominavelmente saudável. Refiro-me ao fato de ser um homem de posição que está brincando muito com isso. Ele não se leva a sério.

— Ele se acha uma piada?

— Muito pior, vê a si próprio como um peso, uma ofensa.

— Bem, talvez seja — observou Isabel.

— Talvez seja, apesar de eu não achar. Mas, nesse caso, o que é mais digno de pena que um abuso sensível, consciente, plantado por outras mãos, bem arraigado mas sofrendo por sua própria injustiça? Eu, no lugar dele, seria tão solene quanto uma estátua de Buda. Ele ocupa uma posição que estimula minha imaginação. Grandes responsabilidades, grandes oportunidades, grande consideração, grande fortuna, grande poder, uma participação natural nos assuntos públicos de um grande país. Mas está todo confuso sobre si mesmo, sua posição, seu poder e até sobre tudo no mundo. É vítima de uma época crítica; deixou de acreditar em si mesmo e não sabe em que acreditar. Quando tento dizer-lhe isso (porque, se eu fosse ele, saberia muito bem no que deveria acreditar), chama-me de preconceituoso mimado. Creio que ele me acha mesmo um terrível filisteu: diz que não entendo minha época. Com certeza, entendo melhor que ele, que não consegue nem abolir a si mesmo como estorvo, nem manter-se como instituição.

— Não parece muito infeliz — observou Isabel.

— É possível que não; embora seja um homem dotado de gosto bastante refinado, penso que muitas vezes passe por momentos bem desconfortáveis. Mas o que significa dizer de uma pessoa com as oportunidades dele que não é infeliz? Além do mais, acho que é.

— Eu não acho — contrariou Isabel.

— Bem — revidou o primo —, se não é deveria ser!

À tarde, ela passou uma hora com o tio no gramado onde o velho ficava, como de hábito, com a manta nas pernas e segurando na mão uma grande xícara de chá bem fraco. Durante a conversa, ele perguntou-lhe o que ela achava do hóspede que acabara de partir.

Isabel respondeu rápido:

— Acho encantador.

— É uma boa pessoa — disse o senhor Touchett —, mas não recomendo que se apaixone por ele.

— Então não o farei; só vou apaixonar-me de acordo com as suas recomendações. Além disso — acrescentou Isabel —, meu primo tem me dado informações muito desalentadoras sobre lorde Warburton.

— Ah, é mesmo? Não sei o que pode haver para ser dito, mas você deve lembrar que Ralph *tem que* falar.

— Ele acha que o amigo é subversivo demais, ou não é subversivo o bastante! Não entendi bem qual dos dois — disse Isabel.

O velho meneou a cabeça devagar, sorriu e pousou a xícara.

— Eu também não sei. Ele ousa muito, mas é possível que muito não baste. Parece querer extinguir um grande número de coisas, mas também permanecer como é. Imagino que isso seja natural, mas um tanto incoerente.

— Oh, espero que permaneça como é — disse Isabel. — Se ele também tivesse que ser extinto, os amigos sentiriam muito a sua falta.

— Bem — disse o velho —, creio que vai ficar para divertir os amigos. Eu, por exemplo, sentiria muita falta dele aqui em Gardencourt. Sempre me distrai quando vem em visita, e acho que ele também se distrai. Há muitos iguais a ele, na sociedade; estão muito em moda atualmente. Não sei o que estão tentando fazer, se estão tentando uma revolução. De qualquer modo, espero que a adiem até eu ter partido. Sabe, querem desestabilizar tudo, mas eu sou proprietário de uma considerável extensão de terras por aqui e não quero ser desestabilizado. Não teria vindo para cá se achasse que iam comportar-se assim — continuou o senhor Touchett, com hilaridade crescente. — Vim para cá porque achei que a Inglaterra era um país seguro. Acho um golpe sujo introduzir qualquer mudança de peso; vai haver um grande número de pessoas desapontadas se isso acontecer.

— Oh, tomara mesmo que façam uma revolução! — exclamou Isabel. — Eu adoraria ver uma.

— Deixe-me ver — disse o tio, querendo ser engraçado —, esqueci se você está do lado do antigo ou do lado do novo. Já a ouvi adotar posições contrárias.

— Estou do lado de ambos. Acho que estou um pouco do lado de tudo. Numa revolução, depois que já estivesse bem adiantada, acho que seria uma legalista exaltada e orgulhosa. É mais fácil simpatizar com eles, pois têm a oportunidade de portar-se de modo esplêndido. Quero dizer, pitoresco.

— Não sei se entendo o que quer dizer com “portar-se de modo pitoresco”, mas parece que você sempre faz isso, minha querida.

— Oh, homem maravilhoso, se eu pudesse acreditar nisso! — interrompeu-o a moça.

— Receio, no fim das contas, que você não vá ter o prazer de marchar com dignidade para a guilhotina, aqui — continuou o senhor Touchett. — Se quiser ver uma grande explosão, terá que nos fazer uma longa visita. Sabe, quando chegar a hora H, não conviria a eles ser interpretados ao pé da letra.

— De quem está falando?

— Bem, refiro-me a lorde Warburton e seus amigos, os radicais da classe alta. É claro que só estou falando da impressão que tenho. Eles falam de mudanças, mas acho que não sabem bem o que é isso. Você e eu, nós sabemos o que é ter vivido em instituições democráticas; sempre as achei muito confortáveis, mas estava acostumado com elas desde o início. E, ademais, não sou lorde. Você é uma dama, minha filha, mas eu não sou um lorde. Aqui, não me parece que isso seja visto com muita clareza. É uma questão de todo dia, toda hora, e acho que muitos deles não iriam achar tão agradável quanto o que têm hoje. Claro que, se quiserem tentar, o problema é deles, mas minha idéia é de que não vão tentar com muito empenho.

— Não acha que sejam sinceros? — indagou Isabel.

— Bom, querem *sentir-se* sinceros — admitiu o senhor Touchett —, mas parece que só o fazem em teoria. Suas opiniões radicais são uma espécie de diversão; têm que ter alguma diversão, e poderiam ter gosto menos refinado que esse. Sabe, são muito dados ao luxo e essas idéias progressistas são o seu maior luxo. Elas fazem com que se sintam virtuosos e, no entanto, não ameaçam suas posições. Suas posições são tidas em alta conta; não deixe que um deles jamais a

convença do contrário, pois se enveredasse por aí iria dar num beco sem saída.

Isabel acompanhou com a maior atenção o argumento do tio, que ele desenvolveu com peculiar clareza, e, embora ela não estivesse familiarizada com a aristocracia britânica, achou que o argumento casava com suas impressões gerais sobre a natureza humana. Mas sentiu-se impelida a fazer um protesto em favor de lorde Warburton.

— Não acho que lorde Warburton seja um impostor; os outros talvez até sejam. Gostaria de ver lorde Warburton ser testado.

— Deus me proteja de meus amigos! — retrucou o senhor Touchett. — Lorde Warburton é um jovem muito afável, um jovem muito bom. Conta com cem mil libras por ano. É proprietário de cinqüenta mil acres de terra desta pequena ilha e mais uma série de outras coisas. Tem meia dúzia de casas para morar. Tem uma cadeira no Parlamento como eu tenho uma na minha sala de jantar. Tem gostos elegantes — gosta de literatura, de arte, de ciência, de moças bonitas. O mais elegante é o pendor que tem pelas novas idéias. Dá-lhe muito prazer, mais talvez que qualquer outra coisa, exceto as moças. A antiga mansão que tem por ali — qual é o nome que lhe dá? Lockleigh? — é muito imponente, mas não acho que seja tão agradável como esta. Isso não importa, entretanto. Ele tem muitas outras. As idéias dele não ofendem ninguém, penso eu; com certeza, não fazem mal a ele. E, se houvesse uma revolução, ele se sairia muito bem. Ninguém tocaria nele, deixariam-no permanecer; todos gostam muito dele.

— Ah, ele não poderia ser um mártir, mesmo que quisesse! — suspirou Isabel. — É uma posição lamentável!

— Nunca será mártir, a não ser que você o faça de mártir — disse o velho.

Isabel balançou a cabeça; poderia ser até engraçado ver que o fazia com um toque de melancolia:

— Nunca vou fazer alguém de mártir.

— Espero que nunca seja mártir, também.

— Espero que não. Mas então o senhor não sente pena de lorde Warburton como Ralph?

O tio olhou para ela por um momento com benigna perspicácia:

— Sim, no fundo, sinto!

* Membros do partido político inglês atualmente denominado Conservador. (N. T.)

As duas senhoritas Molyneux, irmãs do aristocrata em questão, logo foram visitá-la, e Isabel agradou-se das jovens damas, que lhe pareciam ter caráter muito original. É verdade que, ao descrevê-las para o primo com esse adjetivo, ele declarou que não havia epíteto menos aplicável às duas senhoritas Molyneux, uma vez que existiam cinqüenta mil jovens na Inglaterra bem parecidas com elas. Despojadas de tal vantagem, entretanto, as visitas de Isabel conservavam a qualidade de doçura e timidez extremas, e a de terem, na opinião dela, olhos como os espelhos d'água, os círculos de “água ornamental” colocados em meio aos canteiros de gerânios nos jardins artificiais.

“De qualquer forma, não são mórbidas, sejam o que forem”, disse nossa heroína com seus botões, e considerava isso um ponto muito favorável, pois duas ou três amigas de sua adolescência infelizmente tinham sido culpadas de tal característica (teriam sido ótimas sem isso); isso sem falar no fato de Isabel ter suspeitado de de vez em quando também ter essa tendência. As senhoritas Molyneux já tinham perdido o frescor da primeira juventude, porém tinham pele clara e viçosa e algo do sorriso da infância. Sim, os olhos admirados por Isabel eram redondos, tranqüilos, alegres, e os corpos, também de um arredondado generoso, estavam contidos em casacos de pele de foca. Eram muito amáveis, tanto que quase ficavam embaraçadas em demonstrá-lo; pareciam um tanto receosas da moça do outro lado do mundo, e mais demonstraram com o olhar do que expressaram com palavras seus bons votos. Porém deixaram claro que esperavam que ela fosse almoçar em Lockleigh, onde viviam com o irmão, e que tivessem oportunidade de vê-la muitas, muitas vezes. Perguntaram se não gostaria de ir um dia e pernoitar: estavam esperando alguns hóspedes no dia 29, assim talvez ela pudesse ir enquanto eles estivessem lá.

— Receio que não venha ninguém muito notável — disse a irmã mais velha —, mas acho que você vai nos aceitar como somos.

— Vou achar todos ótimos; acho que vocês são encantadoras, assim como são — retrucou Isabel, que tinha o hábito de fazer elogios rasgados.

As visitas enrubesceram, e o primo disse-lhe, depois que tinham ido embora, que, se continuasse a dizer coisas assim para as pobres moças, elas iriam pensar que estava fazendo pouco delas, livre e abertamente: ele tinha certeza de ser a primeira vez que alguém as chamava de encantadoras.

— Não pude evitar — respondeu Isabel. — Acho lindo serem tão tranqüilas, razoáveis e satisfeitas. Gostaria de ser assim.

— Deus me livre! — exclamou Ralph com ardor.

— Pretendo tentar imitá-las — disse Isabel. — Quero muito ver como são dentro de casa.

Teve esse prazer alguns dias depois, quando, acompanhada de Ralph e sua mãe, foi de carruagem até Lockleigh. Encontrou as senhoritas Molyneux sentadas numa vasta sala de estar (depois descobriu que era apenas uma de várias) em meio a uma imensidão de *chintz* descolorado; dessa vez,

vestiam belbutina preta. Isabel gostou ainda mais delas na própria casa do que em Gardencourt e, mais que nunca, notou o fato de não serem mórbidas. Antes parecera-lhe que, se tinham algum defeito, era ausência de agilidade mental, mas logo descobriu-as capazes de emoção profunda. Ficaram a sós durante algum tempo a um canto da sala, antes do almoço, enquanto lord Warburton, um pouco mais longe, conversava com a senhora Touchett.

— É verdade que seu irmão é um radical? — perguntou Isabel. Sabia que isso era verdade, mas já vimos que tinha intenso interesse pela natureza humana e desejava estimular as confidências das senhoritas Molyneux.

— Oh, Deus, sim; é muito avançado — disse Mildred, a mais nova.

— Ao mesmo tempo, Warburton é muito razoável — disse a mais velha.

Isabel observou-o por um instante do outro lado da sala: ficava bem claro que ele estava tentando tornar-se agradável para a senhora Touchett. Ralph estava entretido com um dos cachorros diante da lareira acesa, o que a temperatura de agosto na Inglaterra, naquelas enormes e antigas salas, não tornava absurdo.

— Acham que seu irmão é sincero? — perguntou Isabel com um sorriso.

— Oh, deve ser! — exclamou rápido Mildred, enquanto a mais velha fitava nossa heroína em silêncio.

— Acham que ele passaria no teste?

— No teste?

— É, por exemplo, se tivesse que abrir mão de tudo isto.

— Ter que abrir mão de Lockleigh? — disse a mais velha, depois de recobrar a voz.

— É, e dos outros lugares; como se chamam?

As duas irmãs trocaram um olhar quase atemorizado.

— Está querendo dizer... por causa da despesa? — perguntou a mais jovem.

— Julgo que talvez alugasse uma ou duas das casas — disse a outra.

— Alugaria sem cobrar? — insistiu Isabel.

— Nem o imagino abrindo mão de sua propriedade — disse a mais velha.

— Ah, receio que seja um impostor! — voltou Isabel. — Não acham que está numa posição falsa?

As interlocutoras, podia-se notar, tinham se perdido no caminho.

— A posição do meu irmão? — perguntou a mais velha.

— É considerada uma posição muito boa — disse a mais nova. — É a posição mais alta nesta parte do condado.

— Imagino que estejam me achando muito irreverente — Isabel achou que era a ocasião de comentar. — Penso que devam venerar seu irmão e têm até um pouco de medo dele.

— É claro que se olha com respeito para um irmão — disse simplesmente a mais velha.

— Se fazem isso, ele deve ser muito bom; porque é evidente que as duas são maravilhosamente boas.

— Ele é muito bondoso. Ninguém pode imaginar o bem que ele faz.

— Sua habilidade é conhecida — acrescentou Mildred. — Todos acham que é imensa.

— Oh, isso eu notei — disse Isabel. — Mas, se eu fosse ele, queria lutar até a morte; sabem, pela herança do passado. Eu me agarraria a ela.

— Acho que é preciso ser liberal — argumentou Mildred em tom brando. — Sempre fomos assim, mesmo nas épocas mais remotas.

— Ah, bom — disse Isabel —, tiveram muito êxito sendo assim; não me admira que gostem. Estou vendo que gostam muito desses bordados.

Quando lorde Warburton mostrou-lhe a casa, após o almoço, pareceu-lhe natural que fosse um ambiente nobre. Por dentro, fora bastante modernizada — alguns de seus melhores elementos haviam perdido a pureza; mas, vendo-a dos jardins, um prédio sólido cinzento, na tonalidade mais suave, mais profunda, mais desgastada pelo tempo, que surgia de um fosso largo e tranqüilo, a jovem visitante teve a impressão de ver um castelo de lenda. O dia estava fresco e um tanto embaçado; soara a primeira nota do outono e a aguada luz do sol pousava nas paredes em lampejos esmaecidos e errados, banhando-as, ou assim parecia, em lugares escolhidos com afeto, onde a dor da velhice fosse mais aguda. O irmão do anfitrião, o vigário, também viera para o almoço, e Isabel tinha tido uma conversa de cinco minutos com ele — tempo suficiente para empreender a busca por um profundo zelo religioso e desistir desanimada. As características do vigário de Lockleigh eram constituição grande e atlética, um rosto cândido e natural, prodigioso apetite e uma tendência a rir à toa. Mais tarde, pelo primo, Isabel soube que, antes de se ordenar, ele fora temido lutador de luta livre e ainda agora — no aconchego do círculo familiar, por assim dizer — era capaz de derrubar um oponente. Isabel gostou dele — estava disposta a gostar de tudo —, mas teve que forçar muito a imaginação para vê-lo como fonte de auxílio espiritual. O grupo todo, ao final do almoço, saiu para caminhar pela propriedade, mas lorde Warburton lançou mão de certo engenho para levar sua hóspede menos familiar a um passeio separado dos outros.

— Quero que a senhorita veja este lugar do modo certo, a sério — disse. — Não poderá fazer isso se sua atenção for distraída com falatório irrelevante. — A conversa dele (embora tivesse contado a Isabel muitas coisas sobre a casa, cuja história era muito curiosa) não foi puramente arqueológica; de vez em quando, voltava a assuntos mais pessoais — assuntos pessoais tanto para a moça quanto para ele mesmo. Mas, por fim, após uma pausa um tanto longa, voltou por um instante para o tema ostensivo da conversa: — Ah, estou realmente muito contente de que a senhorita aprecie o velho casebre. Gostaria que pudesse ver mais, ficar aqui por algum tempo. Minhas irmãs se afeiçoaram muito à senhorita, se é que isso pode servir de incentivo.

— Não faltam incentivos — respondeu Isabel —, mas receio não poder aceitar convites assim. Estou nas mãos de minha tia.

— Ah, perdoe-me se disser que não acredito muito nisso. Estou certo de que pode fazer o que quiser.

— Sinto muito se lhe dou essa impressão. Não creio que seja muito boa.

— Tem o mérito de permitir-me esperar. — E então lorde Warburton fez uma pausa.

— Esperar o quê?

— Que no futuro possa vê-la mais vezes.

— Ah — disse Isabel —, para ter esse prazer não preciso ser tão emancipada assim.

— Sem dúvida que não, e no entanto, ao mesmo tempo, não creio que seu tio goste de mim.

— Está muito enganado. Ouvi-o falar muito bem do senhor.

— Alegro-me que tenham falado a meu respeito — disse lorde Warburton. — Mas mesmo assim não creio que ele gostasse de me ver em Gardencourt com freqüência.

— Não posso responder pelos gostos de meu tio — retrucou a moça —, embora tenha que levá-los em consideração tanto quanto possível. Mas, quanto a mim, ficarei muito contente de vê-lo.

— Ah, gosto de ouvi-la dizer isso. Fico encantado quando o faz.

— Fica encantado com facilidade, meu lorde — disse Isabel.

— Não, não fico encantado com facilidade! — E então parou por um instante. — Mas a senhorita encantou-me, senhorita Archer.

Tais palavras foram pronunciadas com um tom indefinível que surpreendeu a moça; pareceu-lhe ser o prelúdio de algo sério: já o ouvira antes e reconheceu-o. No momento, contudo, não tinha o menor desejo que tal prelúdio tivesse seqüência, e por isso declarou, no tom mais alegre e rápido que um certo grau de agitação lhe permitiu:

— Receio não haver perspectiva de eu poder voltar aqui.

— Nunca? — indagou lorde Warburton.

— Não vou dizer “nunca”; isso soaria melodramático.

— Então poderei vê-la um dia na próxima semana?

— Mas é claro. O que haveria para impedir isso?

— Nada tangível. Mas com a senhorita nunca me sinto seguro. Tenho uma certa sensação de que está sempre avaliando as pessoas.

— Isso não implica necessariamente prejuízo para o senhor.

— Muito amável de sua parte, mas, mesmo que eu lucre com isso, justiça inflexível não é o que mais aprecio. A senhora Touchett vai levá-la em viagem ao exterior?

— Espero que sim.

— A Inglaterra não é boa o bastante para a senhorita?

— Esse é um discurso maquiavélico; não merece resposta. Quero ver o máximo de países que puder.

— Então continuará julgando, imagino.

— Desfrutando também, espero.

— Sim, é isso o que mais aprecia; não consigo entender o que está querendo — disse lorde Warburton. — Dá-me a impressão de ter propósitos misteriosos, vastos desígnios.

— O senhor tem a bondade de ter uma teoria sobre mim à qual não correspondo nem um pouco. Haverá algo de misterioso num propósito nutrido e executado todo ano, do modo mais público possível, por cinqüenta mil compatriotas meus — o propósito de melhorar a própria mente viajando ao exterior?

— A senhorita não pode melhorar sua mente, senhorita Archer — declarou seu acompanhante. — Já é um instrumento bastante formidável. Olha-nos de alto a baixo; despreza-nos.

— Desprezo os senhores? Está zombando de mim — disse Isabel, séria.

— Bem, acha-nos “pitorescos” — é a mesma coisa. Para início de conversa, não quero que me

achem pitoresco; não sou nada disso. Protesto.

— Esse protesto, sim, é uma das coisas mais pitorescas que já ouvi — retrucou Isabel com um sorriso.

Lorde Warburton ficou calado por um instante.

— A senhorita julga apenas pelo exterior, não se importa — disse então. — Só o que lhe importa é se divertir.

O tom que ela ouvira na voz dele pouco antes reaparecera, e mesclado a ele, agora, havia um traço audível de amargura — uma amargura tão abrupta e inconseqüente que a moça recebeu tê-lo magoado. Ouvira muitas vezes dizer que os ingleses são um povo muito excêntrico e até lera algum autor inventivo que escrevera serem eles, no fundo, a mais romântica das raças. Será que lorde Warburton estaria de repente ficando romântico, será que iria fazer uma cena, em sua própria casa, sendo que era apenas a terceira vez que se viam? Logo tranqüilizou-se com a certeza de que ele era um homem de boas maneiras, certeza essa não prejudicada pelo fato de ele já ter ido até o limite extremo do bom gosto ao expressar sua admiração por uma jovem que confiara em sua hospitalidade. Ela tinha razão em confiar na sua boa educação, pois ele logo continuou, com uma risadinha e sem qualquer vestígio do tom que a desconcertara:

— Não estou querendo dizer, é claro, que se diverte com trivialidades. Selecciona material mais grandioso como as franquezas, as atribulações da natureza humana, as peculiaridades das nações!

— Quanto a isso — replicou Isabel —, eu posso encontrar em meu próprio país diversão para uma vida toda. Mas temos um longo caminho de volta, e minha tia vai querer ir logo. — Assim dizendo, virou-se em direção aos outros, e lorde Warburton seguiu a seu lado em silêncio.

Mas, antes de se reunirem ao grupo, ele disse:

— Irei vê-la na próxima semana.

Ela sofrera um choque considerável; mas, à medida que foi passando, achou que não seria certo fingir a si mesma que fora muito doloroso. Entretanto, respondeu às palavras dele com certa frieza:

— Como quiser. — E essa frieza não era calculada; era um jogo que ela fazia em escala muito menor do que muitos críticos achariam provável. Provinha de um certo medo.

No dia que se seguiu à visita a Lockleigh, ela recebeu uma cartinha de sua amiga, a senhorita Stackpole — o envelope, por ostentar ao mesmo tempo o carimbo de expedição de Liverpool e a caligrafia bem-feita da hábil Henrietta, causou-lhe um certo alvoroço emocional. A senhorita Stackpole escrevia:

Cá estou eu, minha bela amiga; consegui sair finalmente. Só decidi na noite anterior à partida de Nova York — pois o *Interviewer* concordou finalmente com o meu preço. Joguei umas coisas na mala, como uma jornalista veterana, e fui de bonde até o navio. Onde está você e onde poderemos nos ver? Imagino que esteja visitando algum castelo ou coisa que o valha e já tenha adquirido o sotaque apropriado. Talvez tenha até se casado com um lorde; quase chego a desejar que o tenha feito, pois quero ser apresentada a pessoas importantes e conto com você para arranjar-me isso. O *Interviewer* quer que o ângulo da nobreza seja explorado. Minhas primeiras impressões (das pessoas em geral) não são muito favoráveis, mas gostaria de discutir isso com você, pois sabe que, seja eu o que for, pelo menos não sou superficial. Também tenho algo muito especial para contar-lhe. Diga logo onde poderemos nos encontrar; venha até Londres (eu gostaria tanto de ver os pontos principais com você!) ou então permita que eu vá até aí, *onde quer que esteja*. Será um prazer para mim, pois sabe que me interesso por tudo e gostaria de presenciar o máximo possível da vida doméstica.

Isabel achou melhor não mostrar essa carta ao tio, mas contou-lhe por alto o teor e, como esperava, ele pediu de imediato que escrevesse à senhorita Stackpole, em nome dele, dizendo-lhe que teria o maior prazer em recebê-la em Gardencourt.

— Embora seja uma dama letrada — disse ele —, imagino que, por ser americana, não vá tratar-me com ar de resto, como a outra o fez. Já viu pessoas como eu.

— Ela não conhece alguém tão encantador! — respondeu Isabel, mas não se sentia de todo tranqüila quanto à fidelidade dos retratos traçados por Henrietta, uma faceta do caráter da amiga que ela via com um mínimo de complacência. Contudo, escreveu à senhorita Stackpole, dizendo que seria muito bem-vinda à casa do senhor Touchett, e a vivaz jovem não perdeu tempo em anunciar sua pronta chegada. Estava em Londres, e era desse centro que tomaria o trem para a estação mais próxima de Gardencourt, onde Isabel e Ralph estariam lhe esperando.

— Vou gostar dela ou detestá-la? — perguntou Ralph, enquanto andavam para cá e para lá na plataforma.

— Seja o que for, não fará muita diferença para ela — comentou Isabel. — Não liga a mínima para o que os homens pensam dela.

— Como homem, então, serei obrigado a não apreciá-la. Deve ser um monstro. É muito feia?

— Não, é bem bonita até.

— Uma entrevistadora — um repórter de saias? Estou muito curioso para conhecê-la — admitiu Ralph.

— É fácil rir dela, mas não é nada fácil ser tão corajoso quanto ela.

— Imagino que não; crimes violentos e ataques às pessoas exigem uma certa coragem. Acha que vai me entrevistar?

— De modo algum. Não achará que tem tanta importância.

— Quer apostar? — comentou Ralph. — Ela vai mandar uma descrição de todos nós, inclusive de Bunchie, para seu jornal.

— Vou pedir a ela que não faça isso — respondeu Isabel.

— Então acha que seria capaz disso?

— Perfeitamente.

— E mesmo assim fez dela sua amiga do peito?

— Não é minha amiga do peito, porém gosto dela, apesar de seus defeitos.

— Ah, bom — disse Ralph —; acho que não vou gostar dela, apesar de seus méritos.

— Provavelmente ficará apaixonado ao cabo de três dias.

— E correr o risco de ver minhas cartas de amor publicadas no *Interviewer*? Nunca! — exclamou o rapaz.

O trem chegou em pouco tempo, e a senhorita Stackpole não demorou a descer, demonstrando, como Isabel dissera, ter uma delicada beleza, ainda que um tanto provinciana. Era uma pessoa bem-feita de corpo, gordinha, de estatura média, rosto redondo, boca pequena, tez delicada, uma pilha de cachos castanho-claros presos atrás da cabeça, e os olhos, muito abertos, aparentavam surpresa. O aspecto mais notável era a fixidez desses órgãos que pousavam sem despudor ou desafio, mas como o exercício consciente de um direito natural, sobre cada objeto com que acontecia depararem. Pousou-os assim sobre o próprio Ralph, que ficou um tanto impressionado com o aspecto gracioso e confortável da senhorita Stackpole, imaginando que não seria tão fácil como pensara não gostar dela. Ela farfalhava, reluzia em claras roupagens cinzentas, e Ralph viu, a um olhar, que era tão viçosa e nova e completa como o primeiro exemplar de um jornal antes de ser dobrado. Da cabeça aos pés, provavelmente ela não tinha um único erro de impressão. Falava em voz clara e alta — uma voz não melodiosa mas alta; porém, depois que ela se acomodou com os companheiros na carruagem do senhor Touchett, deu-lhe a impressão de não ser nem um pouco uma letra garrafal, a letra usada nas horríveis “manchetes”, como ele imaginara. Respondeu às perguntas feitas por Isabel, entretanto, e àquelas em que o rapaz atreveu-se a participar, com copiosa lucidez, e mais tarde, na biblioteca de Gardencourt, depois de conhecer o senhor Touchett (cuja esposa não achara necessário aparecer), fez ainda mais para demonstrar a extensão da própria confiança em sua capacidade.

— Bem, gostaria de saber se os senhores se consideram americanos ou ingleses — disse num rompante. — Sabendo isso, saberei como me dirigir aos senhores.

— Dirija-se a nós como quiser, e lhe ficaremos muito gratos — respondeu Ralph, liberal.

Ela fixou os olhos nele; havia algo naqueles olhos que lembrava a Ralph grandes botões envernizados — botões que poderiam ter sido usados para prender as alças elásticas de algum tenso receptáculo: ele parecia ver o reflexo dos objetos em torno da pupila. A expressão de um botão não costuma ser considerada humana, mas havia algo no olhar da senhorita Stackpole que o fazia se sentir, como um homem muito modesto, um tanto embaraçado — menos inviolável e mais desonrado do que gostaria. É necessário acrescentar que essa sensação, após passar um dia ou dois na companhia dela, diminuiu de modo sensível, embora nunca se extinguisse de todo.

— Espero que não vá querer persuadir-me de que o senhor é americano — disse ela.

— Para agradecer-lhe, serei inglês, serei turco!

— Bem, se pode mudar assim de um lado para o outro, então ótimo! — volveu a senhorita Stackpole.

— Estou certo de que a senhorita entende de tudo, e também que não considera barreira as diferenças de nacionalidade — continuou Ralph.

A senhorita Stackpole continuou a fitá-lo.

— Refere-se às línguas estrangeiras?

— As línguas não são nada. Refiro-me ao espírito, ao gênio.

— Não sei bem se estou entendendo — disse a correspondente do *Interviewer* —, mas espero conseguir antes de ir embora.

— Ele é o que se chama de cosmopolita — sugeriu Isabel.

— Isso quer dizer que é um pouco de tudo e não muito do que quer que seja. Devo dizer que para mim o patriotismo é como a caridade: começa em casa.

— Ah, mas onde é que começa a casa, senhorita Stackpole? — indagou Ralph.

— Não sei onde começa, mas sei onde termina. Terminou muito antes de eu chegar aqui.

— Não gosta daqui? — perguntou o senhor Touchett com sua voz idosa e inocente.

— Bem, senhor, ainda não decidi que posição tomar. Sinto-me um tanto sufocada. Senti isso na viagem de Liverpool para Londres.

— Talvez estivesse num compartimento muito cheio — sugeriu Ralph.

— Sim, mas estava cheio de amigos; um grupo de americanos com quem travei conhecimento a bordo do navio — um esplêndido grupo de Little Rock, Arkansas. Apesar disso, senti-me sufocada; como se algo pesasse sobre mim e eu não conseguisse identificar. Senti desde o início que eu não iria me dar bem com o clima. Mas imagino que farei meu próprio clima. É assim que devem ser feitas as coisas — só então se pode respirar. Seu ambiente me parece muito bom.

— Ah, nós também somos um grupo esplêndido! — disse Ralph. — Espere só um pouco e verá.

A senhorita Stackpole demonstrou total disposição para esperar, e não deixou dúvidas de que estava preparada para permanecer um bom tempo em Gardencourt. Ocupava-se de manhã com o trabalho literário; apesar disso, Isabel passava muitas horas com a amiga, que, uma vez tendo concluído suas tarefas diárias, desaprovava, e até mesmo contestava, a solidão. Logo Isabel teve oportunidade de desejar que ela parasse de celebrar os encantos de sua estada comum por escrito, ao descobrir, na manhã do segundo dia da visita da senhorita Stackpole, que ela se ocupava em escrever uma carta para o *Interviewer* cujo título, na sua caligrafia caprichada e legível (exatamente

igual à dos cadernos de que se lembrava nossa heroína na escola), era: “Americanos e os Tudor — Imagens de Gardencourt”. Com a consciência mais limpa do mundo, a senhorita Stackpole ofereceu-se para ler a carta para Isabel, que protestou de imediato.

— Acho que não deve fazer isso. Acho que não deve descrever este lugar.

Henrietta olhou para ela com sua expressão habitual.

— Ora, é exatamente o que as pessoas querem, e o lugar é lindo.

— É lindo demais para ser posto nos jornais, e não é o que o meu tio quer.

— Não creia nisso! — exclamou Henrietta. — Depois eles sempre ficam muito contentes.

— Meu tio não vai ficar contente; nem meu primo. Vão considerar um desrespeito à hospitalidade.

A senhorita Stackpole não demonstrou embaraço; limitou-se a enxugar a pena, com todo o cuidado, num pequeno e elegante utensílio que tinha para tal fim, e guardou o manuscrito.

— É claro que, se você não aprova, não o farei: mas estou sacrificando um assunto ótimo.

— Há muitos outros assuntos em toda a sua volta. Vamos dar um passeio; vou mostrar-lhe paisagens encantadoras.

— Paisagem não é minha especialidade: sempre preciso de um interesse humano. Sabe que sou profundamente humana, Isabel, sempre fui — insistiu a senhorita Stackpole. — Ia mencionar o seu primo, o americano alienado. Está muito em voga o americano alienado, e seu primo é um belo espécimen. Eu o teria tratado com bastante severidade.

— Isso o mataria! — exclamou Isabel. — Não pela severidade, mas pela publicidade.

— Bem, eu gostaria de matá-lo um pouquinho. E também teria imenso prazer em descrever seu tio, que me parece ser um tipo muito mais nobre — ainda o fiel americano. É um grande homem; não percebo por que ele teria objeções a que eu lhe prestasse homenagem.

Isabel olhou para a amiga, intrigada; parecia-lhe estranho que aquela personalidade em que ela encontrava tantas virtudes pudesse ter falhas aqui e ali.

— Minha pobre Henrietta — disse ela —, você não tem o menor senso de privacidade.

Henrietta ficou muito vermelha e, por um instante, seus olhos brilhantes ficaram úmidos, o que Isabel achou ainda mais incoerente.

— Está sendo muito injusta comigo — disse a senhorita Stackpole com dignidade. — Nunca escrevi uma palavra a meu respeito!

— Estou certa de que não, mas parece-me que devemos ser discretos quanto aos outros também!

— Ah, isso é ótimo! — exclamou Henrietta, agarrando a pena de novo. — Deixe-me anotar isso e guardar em algum lugar. — Era uma mulher de ótima índole e meia hora depois estava de tão bom humor quanto seria de esperar numa jornalista à cata de assunto. — Prometi fazer o aspecto social — disse a Isabel —, e como poderei fazer isso se não tiver idéias? Se não posso descrever este lugar, conhece algum outro que eu possa descrever? — Isabel prometeu que tentaria lembrar e, no dia seguinte, em conversa com a amiga, aconteceu de mencionar sua visita à antiga mansão de lorde Warburton. — Ah, você tem que me levar lá! — exclamou. — Preciso dar uma olhada na nobreza.

— Não posso levá-la — retrucou Isabel —, mas lorde Warburton virá aqui, e você terá oportunidade de vê-lo e observá-lo. Só que, se pretende utilizar o que ele disser, vou avisá-lo antes, com certeza.

— Não faça isso — pediu a amiga —, quero que ele seja natural.

— Um inglês nunca é tão natural como quando segura a língua — declarou Isabel.

Não estava óbvio, ao cabo de três dias, que o primo tivesse, de acordo com sua profecia, entregado o coração à visitante, embora passasse bastante tempo em companhia dela. Passeavam pelo parque e sentavam-se sob as árvores e, à tarde, quando era agradável deslizar pelo Tâmissa, a senhorita Stackpole ocupava um lugar no barco em que até então Ralph só tivera uma companhia. Sua presença provou ser de alguma forma menos irreduzível a suaves partículas do que Ralph esperara na natural perturbação de seu senso de perfeita solubilidade da presença da prima, pois a correspondente do *Interviewer* despertava-lhe a vontade de rir e ele já decidira há algum tempo que esse crescendo de alegria daria colorido a sua vida em declínio. Por seu lado, Henrietta não chegou a justificar a afirmativa de Isabel no tocante a sua indiferença pela opinião masculina, pois o pobre Ralph parecia ter se apresentado como um problema irritante que seria quase imoral não tentar resolver.

— O que faz ele na vida? — perguntou a Isabel na noite de sua chegada. — Anda por aí o dia todo com as mãos nos bolsos?

— Não faz nada — disse Isabel, sorrindo —, é um cavalheiro sem ocupação.

— Bem, acho isso uma vergonha, quando eu tenho que trabalhar como um motorneiro — retrucou a senhorita Stackpole. — Gostaria de expô-lo.

— Tem péssima saúde: está incapacitado para o trabalho — insistiu Isabel.

— Ah! Não acredite nisso. Eu trabalho quando estou doente — exclamou a amiga. Mais tarde, ao entrar no barco para participar do passeio fluvial, observou a Ralph que imaginava que ele a detestasse e quisesse afogá-la.

— Ah, não — contrapôs Ralph —, eu guardo minhas vítimas para torturas mais lentas. E a senhorita seria uma vítima muito interessante!

— Bem, o senhor me tortura mesmo, tenho que admitir. Mas eu choco todos os seus preconceitos, e isso é um consolo.

— Meus preconceitos? Não tenho um preconceito de que me gabar. Isso é pobreza intelectual, não acha?

— Então pior para o senhor; eu tenho alguns deliciosos. É claro que estrago seu flerte, ou como quer que chame isso, com sua prima; mas não me importo, pois presto-lhe o serviço de ir revelando o senhor. Ela verá como é ralo.

— Ah, continue a me revelar! — exclamou Ralph. — São poucas as pessoas que se dão a esse trabalho.

Com tal objetivo, a senhorita Stackpole parecia não poupar esforços, sempre recorrendo, quando a oportunidade se apresentava, ao expediente natural do interrogatório. No dia seguinte, o tempo ficou ruim, e à tarde, a título de distração dentro de casa, o rapaz ofereceu-se para mostrar-lhe os quadros. Henrietta caminhou ao lado dele pela longa galeria, enquanto ele mostrava suas

principais atrações, mencionando os pintores e as pessoas retratadas. A senhorita Stackpole contemplava os quadros em perfeito silêncio, não se comprometendo com qualquer opinião, e Ralph ficou contente pelo fato de ela não se entregar a nenhuma das pequenas exclamações de admiração de encomenda, tão ao gosto dos visitantes de Gardencourt. Essa jovem, para fazer-lhe justiça, era muito pouco apegada ao uso de termos convencionais; havia algo de sincero e inventivo em seu tom, que às vezes, em sua deliberação forçada, sugeria uma pessoa de grande cultura falando uma língua estrangeira. Ralph Touchett mais tarde veio a saber que houve um tempo em que ela atuara como crítica de arte de uma revista do outro continente, mas, apesar desse fato, ela parecia não trazer no bolso nada de troco miúdo da admiração. De súbito, logo depois de lhe chamar a atenção para um Constable encantador, ela virou-se e olhou-o como se ele próprio fosse um quadro.

— Sempre passa o seu tempo assim? — perguntou.

— É raro passá-lo de forma tão agradável.

— Bem, sabe a que me refiro: sem qualquer ocupação regular.

— Ah — disse Ralph. — Sou o homem mais ocioso que existe.

A senhorita Stackpole voltou o olhar para o Constable e Ralph chamou-lhe a atenção para um pequeno Lancret pendurado ao lado, que representava um cavaleiro de gibão cor-de-rosa, calções e rufos, encostado ao pedestal da estátua de uma ninfa num jardim, tocando viola para duas damas sentadas na relva.

— Este é o meu ideal de ocupação regular — disse ele.

A senhorita Stackpole voltou-se para ele de novo e, embora tivesse passado os olhos pelo quadro, ele percebeu que nem o notara. Ela estava pensando em algo muito mais sério.

— Não sei como sua consciência pode admitir isso.

— Prezada senhora, eu *não tenho* consciência!

— Bem, aconselho-o a cultivar uma. Vai precisar na próxima vez em que for à América.

— Provavelmente não irei mais.

— Tem vergonha de aparecer por lá?

Ralph meditou com um sorriso brando.

— Imagino que, quando não se tem consciência, não se tem vergonha.

— Bem, o senhor tem bastante segurança — declarou Henrietta. — Acha certo abrir mão de seu país?

— Ah, as pessoas não abrem mão de seu país tanto quanto não abrem mão de sua avó. Ambos são antecedentes à escolha, são elementos da composição de uma pessoa que não podem ser eliminados.

— Suponho que isso signifique que tentou e foi derrotado. O que acham do senhor por aqui?

— Eles me adoram.

— Isso porque os bajula.

— Ah, faça uma pequena concessão a meu encanto natural! — suspirou Ralph.

— Nada sei sobre seu encanto natural. Se tem algum encanto, é completamente inatural. É totalmente adquirido — ou pelo menos o senhor esforçou-se bastante para adquiri-lo, vivendo

aqui. Não estou dizendo que teve sucesso. É um encanto que não aprecio, de qualquer modo. Seja útil de alguma maneira e então conversaremos.

— Bem, diga-me o que devo fazer — disse Ralph.

— Voltar já para a sua terra, para início de conversa.

— Ah, percebo. E depois?

— Dedique-se a alguma coisa.

— Ah, é? Que tipo de coisa?

— O que quiser, desde que se dedique. Alguma idéia nova, algum trabalho grandioso.

— É muito difícil dedicar-se? — perguntou Ralph.

— Não, se quiser com muito empenho, de coração.

— Ah, de coração — disse Ralph. — Se depender do meu coração...

— Não tem coração?

— Tinha um há uns dias, mas perdi-o de lá para cá.

— Não está falando sério — observou a senhorita Stackpole —; esse é seu problema.

Mas apesar de tudo, depois de um ou dois dias, ela permitiu novamente que ele lhe ocupasse a atenção, e dessa vez atribuiu uma causa diferente a sua misteriosa perversão.

— Já sei qual é o seu problema, senhor Touchett — disse. — Acha que é bom demais para casar.

— Achava isso até conhecê-la, senhorita Stackpole — retrucou Ralph —, e então mudei de idéia, de repente.

— Oh, esqueça — gemeu Henrietta.

— Depois disso pareceu-me que eu não era bom o bastante.

— Iria torná-lo uma pessoa melhor. Além disso, é seu dever.

— Ah — exclamou o rapaz —, são tantos os deveres! Isso também é um dever?

— Claro que sim; nunca o soube antes? É dever de todos casar um dia.

Ralph ficou pensando durante alguns instantes; estava desapontado. Havia algo na senhorita Stackpole de que havia começado a gostar; achava que, se ela não era encantadora, pelo menos era alguém de boa cepa. Faltava-lhe distinção, mas, como dissera Isabel, era corajosa: entrava em jaulas, brandia chicotes como um domador de leões em trajes reluzentes. Ele não pensara que ela fosse capaz de artes vulgares, mas essas últimas palavras soaram-lhe como uma nota errada. Quando uma jovem em posição de casar aconselha o matrimônio a um rapaz desimpedido, a explicação mais óbvia dessa conduta não é um impulso altruístico.

— Ah, bom, há muito a ser dito sobre esse particular — voltou Ralph.

— Pode ser que haja divergência de opinião, mas o fato é esse. Devo dizer que parece muito orgulhoso, andando por aí sozinho, como se achasse que nenhuma mulher é suficientemente boa para o senhor. Acha que é melhor que qualquer outra pessoa no mundo? Na América, é costume as pessoas casarem-se.

— Se é dever meu — interpôs Ralph —, não será também seu, por analogia?

As superfícies oculares da senhorita Stackpole expuseram-se ao sol sem piscar.

— Estará nutrindo a doce esperança de encontrar uma falha no meu raciocínio? É claro que tenho tanto dever de casar quanto qualquer outra pessoa.

— Então — disse Ralph —, não vou dizer que me incomoda o fato de vê-la solteira. Ao contrário, agrada-me muito.

— Não está sendo sério ainda. Nunca vai ser.

— Não irá acreditar que esteja sendo sério no dia em que lhe disser que desejo abrir mão do costume de andar por aí sozinho?

A senhorita Stackpole olhou-o por um instante de um jeito que parecia prenunciar uma resposta que poderia ser chamada tecnicamente de encorajadora. Mas, para grande surpresa dele, tal expressão de repente dissolveu-se numa aparência de alarme e até mesmo de ressentimento.

— Não, nem mesmo nesse dia — respondeu secamente. Depois disso, afastou-se.

— Não concebi uma paixão por sua amiga — disse Ralph naquela noite a Isabel —, embora tenhamos conversado algum tempo sobre isso esta manhã.

— E você disse alguma coisa de que ela não gostou — respondeu a moça.

Ralph olhou-a espantado:

— Ela queixou-se de mim?

— Disse-me que acha o tom que os europeus usam para com as mulheres um tanto baixo.

— Ela me chamou de europeu?

— Um dos piores. Contou que você lhe disse uma coisa que um americano nunca teria dito. Mas não repetiu o que foi.

Ralph entregou-se a uma convulsão de riso.

— Ela é uma combinação extraordinária. Teria pensado que a estava cortejando?

— Não, acho que até os americanos fazem isso. Mas, aparentemente, parece que você interpretou mal a intenção de algo que ela disse e deu às palavras um sentido cruel.

— Pensei que ela estivesse me propondo casamento e eu aceitei. Isso foi cruel?

Isabel sorriu:

— Para mim, foi. Não quero que se case.

— Minha querida prima, o que se pode fazer para agradá-las todas? — perguntou Ralph. — A senhorita Stackpole diz que é meu dever inarredável, e que o dela é, em geral, cuidar para que eu cumpra o meu dever!

— Ela tem grande senso de dever — disse Isabel, séria. — Tem mesmo e é a motivação de tudo que diz. É por isso que gosto dela. Acha que é indigno de sua parte guardar tantas coisas para si. Era isso que estava tentando expressar. Se achou que ela estava tentando... tentando atraí-lo, estava muito errado.

— É verdade que foi de uma maneira muito estranha, mas pensei mesmo que estivesse tentando atrair-me. Perdoe minha depravação.

— É muito convencido. Ela não tinha propósitos interesseiros, e nunca imaginou que você fosse pensar que tivesse.

— É preciso ser muito modesto, então, para conversar com esse tipo de mulheres — disse Ralph, em tom humilde. — Mas ela é um tipo muito estranho. É demasiado pessoal, se considerarmos que espera que as outras pessoas não o sejam. Ela entra sem bater à porta.

— É — admitiu Isabel —, não reconhece muito a existência de aldrabas, e até me pergunto se

não acha que são um ornamento pretensioso. Acha que a porta de cada um deveria ficar entreaberta. Mas ainda assim gosto dela.

— Ainda assim continuo achando que é demasiado familiar — retrucou Ralph, naturalmente um tanto desconfortável com a sensação de ter se enganado duplamente com a senhorita Stackpole.

— Bem — disse Isabel, sorrindo —, receio que seja por ela ser um tanto vulgar que gosto dela.

— Ela ficaria lisonjeada com esse motivo!

— Se eu fosse dizer-lhe, não me expressaria desse modo. Diria que é porque há algo do “povo” nela.

— O que sabe você sobre o povo? E, por falar nisso, o que sabe ela?

— Sabe muita coisa, e eu sei o bastante para sentir que ela é uma espécie de emanção da grande democracia — do continente, do país, da nação. Não estou dizendo que ela resume tudo isso, pois seria pedir muito dela. Mas ela sugere, representa isso com grande vividez.

— Então gosta dela por razões patrióticas. Receio que seja por essa razão mesma que faço restrições a ela.

— Ah — disse Isabel, com uma espécie de suspiro de contentamento —, gosto de tantas coisas! Se uma coisa me afeta com certa intensidade, aceito-a. Não gosto de gabar-me, mas acho que eu sou bastante versátil. Gosto de que as pessoas sejam completamente diferentes de Henrietta, como as irmãs de lorde Warburton, por exemplo. Se olho para as irmãs Molyneux, parecem-me corresponder a um tipo de ideal. Então Henrietta aparece, e imediatamente sou convencida por ela; não tanto por ela mesma mas pelo que está por trás dela.

— Ah, você quer dizer a visão dela por trás — sugeriu Ralph.

— O que ela diz é verdade — retrucou a prima —, você nunca vai falar a sério. Gosto do grande país estendendo-se ao longe, para além dos rios e através das planícies, florindo, sorrindo e espalhando-se até o verde Pacífico! Isso parece desprender um aroma forte, doce e fresco, e Henrietta — perdoe-me a comparação — tem algo desse aroma em suas roupas.

Isabel corou um pouco ao concluir esse discurso, e o rubor, juntamente com o ardor momentâneo que pusera nas palavras, caía-lhe tão bem que Ralph ficou sorrindo para ela por um instante, depois de ela ter se calado.

— Não tenho certeza de que o Pacífico seja tão verde assim — disse ele —, mas você é uma moça dotada de grande imaginação. Contudo, Henrietta cheira mesmo ao futuro — isso quase nos derruba no chão!

Depois disso ele tomou a resolução de não interpretar mal as palavras da senhorita Stackpole mesmo quando suas abordagens assumiam um tom muito pessoal. Ele disse a si mesmo que as pessoas, na opinião dela, eram organismos simples e homogêneos, e que ele, por sua vez, era um representante pervertido demais da natureza humana para ter o direito de lidar com ela em estrita reciprocidade. Cumpriu sua resolução com muito tato, e a moça, no novo contato com ele, não encontrou nenhum obstáculo ao exercício de seu pendor para a indagação inflexível, emprego de sua confiança. Com isso, apreciada como vimos que ela era por Isabel, ela própria cheia de apreço por aquela ágil inteligência que, a seu ver, tornava o caráter da outra um espírito-irmão — e pela afável respeitabilidade do senhor Touchett, cujo tom nobre, como dizia, tinha toda a sua aprovação —, sua situação em Gardencourt teria sido perfeitamente confortável se não tivesse ela concebido uma irresistível desconfiança com relação à senhora a quem, a princípio, supôs ter que reconhecer como dona da casa. Logo descobriu que, na verdade, essa obrigação era muito pequena e que a senhora Touchett importava-se muito pouco com o comportamento da senhorita Stackpole. A senhora Touchett definira-a para Isabel tanto como aventureira quanto como uma pessoa enfadonha — as aventureiras geralmente causavam impacto maior; expressara alguma surpresa de a sobrinha ter escolhido uma pessoa assim para amiga, porém logo acrescentara que sabia serem as amigas de Isabel problemas dela e que nunca se dispusera a gostar de todas ou restringir a moça àquelas de quem gostava.

— Se você só tivesse permissão de ver as pessoas de quem gosto, minha cara, teria muito poucos amigos — admitiu a senhora Touchett com franqueza —, e acho que não gosto o bastante de qualquer homem ou mulher para recomendá-los a você. Quando se trata de recomendar, o assunto é sério. Não gosto da senhorita Stackpole — tudo nela me desagradava; fala muito alto e olha para as pessoas como se estas quisessem olhar para ela — o que não é o caso. Tenho certeza de que viveu a vida toda numa casa de cômodos e detesto os modos e as liberdades permitidos nesses lugares. Se quiser saber, prefiro meus próprios modos, que você com certeza acha maus. A senhorita Stackpole sabe que eu detesto cultura de casa de cômodos, e ela me detesta por eu detestá-la, por achar que é a cultura mais refinada do mundo. Ela gostaria de Gardencourt muito mais se fosse uma casa de cômodos. Quanto a mim, já acho que se parece demais com uma! Assim, nunca iremos nos dar bem e não adianta tentar.

A senhora Touchett tinha razão em pensar que Henrietta não gostava dela, mas não tinha atinado muito bem por quê. Um dia ou dois após a chegada da senhorita Stackpole, a dona da casa fizera algumas observações maldosas sobre os hotéis americanos, que tinham provocado um veio de argumentos contrários por parte da correspondente do *Interviewer* que, no exercício de sua profissão, tivera que se familiarizar com todo tipo de hospedaria dentro do mundo ocidental.

Henrietta expressou a opinião de que os hotéis americanos eram os melhores do mundo, e a senhora Touchett, recém-chegada de novos embates com eles, registrou a convicção de que eram os piores. Ralph, com sua jovialidade experimental, sugeriu, tentando reparar a discórdia, que a verdade ficava entre os dois extremos e que os estabelecimentos em questão deveriam ser descritos como medianos. Entretanto, tal contribuição para a discussão foi rejeitada com desprezo pela senhorita Stackpole. Ora veja, medianos! Se não eram os melhores do mundo, eram os piores, mas nada havia de mediano num hotel americano.

— Julgamos de pontos de vista diferentes, evidentemente — disse a senhora Touchett. — Gosto de ser tratada como um indivíduo; a senhorita gosta de ser tratada como um “grupo”.

— Não sei o que quer dizer — retrucou Henrietta. — Gosto de ser tratada como uma dama americana.

— Coitadas das damas americanas! — exclamou a senhora Touchett, com uma risada. — São as escravas de escravos.

— São as companheiras de homens livres — retrucou Henrietta.

— São as companheiras de seus criados: a camareira irlandesa e o garçom negro. Dividem com eles o trabalho.

— A senhora chama os empregados de uma casa americana de “escravos”? — indagou a senhorita Stackpole. — Se é assim que quer tratá-los, não admira que não goste da América.

— Se alguém não tem bons empregados, está perdido — disse a senhora Touchett com serenidade. — São muito ruins na América, mas em Florença tenho cinco perfeitos.

— Não sei para que precisa de cinco — Henrietta não conseguiu deixar de observar. — Acho que eu não gostaria de ver cinco pessoas em volta de mim em posição servil.

— Gosto mais deles nessa posição do que em algumas outras — proclamou a senhora Touchett, num tom bastante intencional.

— Gostaria mais de mim se eu fosse o seu mordomo, querida? — perguntou o marido.

— Acho que não; você não teria nem um pouco da *tendue*.

— Companheiras de homens livres; gostei disso, senhorita Stackpole — disse Ralph. — É uma bonita descrição.

— Quando disse “homens livres”, não me referi ao senhor!

E foi essa a única recompensa que Ralph recebeu por seu elogio. A senhorita Stackpole estava perplexa, estava claro que achava haver algo de traição na apreciação da senhora Touchett em relação a uma classe que ela particularmente achava ser um misterioso resquício do feudalismo. Talvez fosse por sua mente estar oprimida por essa imagem que deixou que se passassem alguns dias para dizer a Isabel:

— Querida amiga, pergunto-me se você estará perdendo a fé.

— Perdendo a fé? Perdendo a fé em você, Henrietta?

— Não, isso seria um grande desgosto, mas não é isso.

— Perdendo a fé no meu país, então?

— Ah, isso espero que nunca aconteça. Quando lhe escrevi de Liverpool, eu disse que tinha uma coisa para lhe contar. Você nunca me perguntou o que era. Será que foi porque desconfiou?

— Desconfiei de quê? Não é meu hábito desconfiar, acho eu — disse Isabel. — Agora me lembro dessa frase na carta, mas confesso que a tinha esquecido. O que tem para me contar?

Henrietta pareceu desapontada, e seu olhar firme denunciou isso.

— Não está perguntando corretamente, como se achasse importante. Está mudada; está pensando em outras coisas.

— Diga-me o que quer dizer com isso e vou pensar no assunto.

— Vai pensar mesmo? É disso que quero ter certeza.

— Não tenho tanto controle assim sobre meus pensamentos, mas vou tentar — disse Isabel.

Henrietta ficou olhando para ela em silêncio durante um tempo que acabou por esgotar a paciência de Isabel, fazendo com que ela acrescentasse: — Está querendo dizer que vai se casar?

— Não até ver a Europa! — disse a senhorita Stackpole. — Do que está rindo? — continuou. —

O que estou querendo dizer é que o senhor Goodwood veio comigo no navio.

— Ah! — foi a reação de Isabel.

— Disse *isso* bem. Conversei muito com ele; ele veio atrás de você.

— Ele disse isso?

— Não, não me disse nada; é por isso que sei — disse Henrietta com astúcia. — Falou muito pouco em você, porém eu falei muito a seu respeito.

Isabel esperou. Ao ouvir o nome do senhor Goodwood, ficara um pouco pálida.

— Lamento muito que tenha feito isso — observou por fim.

— Era um prazer para mim, e eu gostava do modo como ele ficava ouvindo. Eu poderia ter falado bastante tempo com um ouvinte como ele: ficava tão calado, tão intenso! Absorvia tudo.

— O que você disse a meu respeito? — perguntou Isabel.

— Disse que você era a melhor pessoa que já conheci.

— Lamento muito isso também. Ele já tem opinião exageradamente boa a meu respeito; não deve ser encorajado.

— Está querendo muito que alguém o encoraje. Posso ver seu rosto e o olhar sincero e absorto enquanto eu falava. Nunca vi um homem feio ficar tão atraente!

— Ele é muito simplório — disse Isabel. — E não é tão feio.

— Nada há de mais simplificador que uma grande paixão.

— Não é uma grande paixão. Tenho absoluta certeza de que não é.

— Não diz isso como se estivesse tão certa.

Isabel deu um sorriso um tanto frio.

— Direi isso melhor ao senhor Goodwood, pessoalmente.

— Logo terá essa oportunidade — retrucou Henrietta. Isabel não respondeu à afirmativa da amiga, feita com ar de grande confiança. — Ele vai encontrá-la mudada — continuou esta última.

— Você foi afetada por este novo ambiente.

— É provável. Sou afetada por tudo.

— Por tudo, menos pelo senhor Goodwood! — exclamou a senhorita Stackpole, com hilaridade levemente ácida.

Isabel não conseguiu nem mesmo sorrir e, logo em seguida, disse:

— Ele pediu-lhe para falar comigo?

— Não em palavras. Mas o fez com o olhar... e ao apertar-me a mão na despedida.

— Obrigada por tê-lo feito. — Dito isso, Isabel virou-se.

— É, você está mudada; adquiriu idéias novas por aqui — continuou a amiga.

— Espero que sim — disse Isabel —; deve-se adquirir o máximo de idéias novas.

— Sim, porém não deveriam interferir nas antigas, quando estas estavam certas.

Isabel virou-se para ela outra vez.

— Se está querendo dizer que eu tinha alguma idéia com relação ao senhor Goodwood... — Mas vacilou diante do olhar implacável da amiga.

— Cara criança, com certeza você encorajou-o.

Isabel pareceu por um instante negar a acusação, mas, em vez disso, respondeu:

— É verdade. Eu o encorajei. — E então perguntou se a amiga sabia o que o senhor Goodwood pretendia fazer. Era uma concessão à sua curiosidade, pois não gostava de discutir o assunto e achava que faltava delicadeza a Henrietta.

— Perguntei-lhe, e ele disse que não tinha intenção de fazer nada — respondeu a senhorita Stackpole. — Mas não creio; não é homem de não fazer nada. É homem de ação, ousada e rápida. Seja o que for que lhe aconteça, sempre fará alguma coisa, e faça o que fizer, sempre será certo.

— Não tenho a menor dúvida a esse respeito. — Henrietta podia não ter a delicadeza necessária, mas, ainda assim, a moça sentiu-se afetada por tal declaração.

— Ah, você se importa com ele, afinal! — exclamou a visitante.

— Faça o que fizer, sempre será certo — repetiu Isabel. — Quando um homem é feito de molde tão infalível, o que lhe importa o que outra pessoa sente?

— Pode não importar a ele, mas importa a essa pessoa.

— Ah, o que importa para mim; isso não é o que estamos discutindo — disse Isabel, com um sorriso frio.

Desta vez, a amiga ficou séria.

— Bom, não quero saber; você está mudada. Não é a moça de algumas semanas atrás, e o senhor Goodwood vai perceber isso. Estou esperando a chegada dele aqui a qualquer momento.

— Espero que ele me odeie então — disse Isabel.

— Creio que você espera tanto isso quanto eu creio que ele seja capaz de fazê-lo.

Nossa heroína não deu resposta a esse comentário; estava absorta no receio que lhe infundira a informação de Henrietta de que Caspar Goodwood iria apresentar-se em Gardencourt. Entretanto, para si mesma, fingiu achar tal probabilidade remota, e mais tarde comunicou a descrença à amiga. Apesar disso, durante as quarenta e oito horas seguintes, manteve-se preparada para ouvir o nome do moço ser anunciado. A sensação a oprimia; tornava o ar pesado, como se fosse ocorrer uma mudança de tempo, e o tempo, do ponto de vista social, tinha estado tão agradável durante a permanência de Isabel em Gardencourt que qualquer mudança seria para pior. Sua expectativa foi dissipada no segundo dia. Tinha ido passear no parque em companhia do sociável Bunchie, e, depois de andar por lá um pouco, sentou-se a um tempo com desânimo e nervosismo, num banco do jardim, à vista da casa, sob uma frondosa faia, onde, em seu vestido

branco enfeitado de fitas negras, ela compunha um gracioso e harmonioso quadro com as sombras trêmulas. Distraiu-se durante alguns instantes falando com o pequeno *terrier*, cuja propriedade dividida com o primo fora aplicada de modo tão imparcial quanto possível — tanto quanto as próprias simpatias um tanto inconstantes e volúveis de Bunchie permitiam. Mas pela primeira vez, nessa ocasião, notou o caráter finito do intelecto de Bunchie; até então só estivera impressionada com sua extensão. Por fim, achou que deveria apanhar um livro; antigamente, quando estava com o coração apertado, conseguia com ajuda de algum volume bem escolhido transferir a sede da consciência para o órgão da razão pura. Ultimamente, não podia negar que a literatura tornara-se uma luz bruxuleante e, mesmo depois de ela ter dito a si mesma que a biblioteca do tio tinha coleções completas dos autores que nenhum cavalheiro deveria deixar de ter, continuou sentada imóvel e de mãos vazias, com os olhos voltados para a fresca relva verde do prado. De repente, sua meditação foi interrompida pela chegada de uma criada que lhe entregou uma carta, cujo envelope trazia o carimbo de Londres e estava sobrescrito numa caligrafia conhecida, trazendo à sua mente, já tão povoada por ele, o colorido real da voz do missivista ou de seu rosto. Esse documento era curto e pode ser transcrito na íntegra:

Minha cara senhorita Archer,

Não sei se soube de minha vinda à Inglaterra, mas, mesmo que não saiba, não será grande a surpresa. Deve estar lembrada de que, quando me dispensou em Albany, há três meses, não aceitei. Protestei. De fato, a senhorita pareceu aceitar meu protesto e admitir que eu estava com a razão. Eu fora vê-la com esperança de que me deixasse convencê-la; meus motivos para ter essa esperança eram os melhores. Porém a senhorita frustrou-a; vi que tinha mudado e não pôde dar-me razão alguma para a mudança. Admitiu que não estava sendo razoável e foi essa a única concessão que fez, mas foi um argumento muito barato porque seu caráter não é esse. Não, a senhorita não é e nunca será arbitrária ou caprichosa. Por isso creio que me permitirá vê-la novamente. Disse-me que não lhe desagradou e acredito nisso, pois não sei como poderia desagradar-lhe. Sempre pensarei na senhorita; nunca pensarei em outra pessoa. Vim para a Inglaterra apenas porque está aqui; não podia ficar lá depois que partiu; detestava o país porque a senhorita não estava lá. Se agora gosto deste país é somente porque a senhorita está dentro dele. Já estive antes na Inglaterra, mas nunca a apreciei muito. Permitiria que eu a visse por meia hora? No momento, esse é o desejo mais caro do seu fiel

Caspar Goodwood.

Isabel leu a missiva com atenção tão profunda que não percebeu passos aproximando-se pela relva macia. Porém, ao erguer os olhos enquanto dobrava mecanicamente o papel, deparou com lord Warburton de pé diante dela.

Ela colocou a carta no bolso e voltou para o visitante um sorriso de boas-vindas sem demonstrar o menor vestígio de embaraço, meio surpresa com sua própria frieza.

— Disseram-me que estava aqui fora — disse lorde Warburton —, e, como não havia ninguém na saleta e é a senhorita que gostaria de ver, vim para cá sem mais demora.

Isabel levantou-se; nesse momento, não quis que ele se sentasse ao lado dela.

— Eu ia entrar agora mesmo.

— Por favor, não faça isso; está muito mais gostoso aqui; vim a cavalo de Lockleigh; o dia está esplêndido. — O sorriso era especialmente cordial e agradável e de toda a sua pessoa parecia emanar aquela radiação de bem-estar e saúde que tinham constituído o encanto da primeira impressão causada por ele. Essa aura rodeava-o como o clima de um belo dia de junho.

— Então vamos caminhar um pouco — disse Isabel, que não conseguia livrar-se da sensação de um propósito por parte de seu visitante e que desejava, ao mesmo tempo, frustrar tal intenção e satisfazer sua curiosidade sobre ela. Vislumbrara-a uma vez antes, e nessa ocasião, como sabemos, causara-lhe um certo alarme. Tal alarme era composto de vários elementos, nem todos desagradáveis: na verdade, passara alguns dias analisando-os e conseguira separar a parte agradável da idéia de lorde Warburton “declarar-se”.

Alguns leitores poderão achar que a jovem estava sendo ao mesmo tempo precipitada e inconvenientemente melindrosa; mas este último fato, se a acusação for verdade, poderá servir para exonerá-la do descrédito do primeiro. Não estava ansiosa por convencer-se de que um magnata territorial, como ouvira lorde Warburton ser chamado, estivesse caído por seus encantos; uma declaração vinda de tal fonte trazia na verdade mais perguntas do que respostas. Ela tivera uma forte impressão de que ele era uma “personagem” e ocupara-se do exame da imagem assim expressa. Com o risco de acumular evidência em favor da sua auto-suficiência, deve-se dizer que houve momentos em que essa possibilidade de admiração por uma personagem representara para ela uma agressão, quase no nível de afronta, já no nível de inconveniência. Até então não conhecera nenhuma personagem; não existiram personagens, nesse sentido, em sua vida: provavelmente não havia nenhuma assim em sua terra natal. Ao pensar na grandeza individual, pensara nisso com base no caráter e na inteligência — o que se poderia gostar na mente de um cavalheiro e em sua conversa. Ela própria era uma personalidade — não podia deixar de ter consciência disso; e até então suas visões de uma consciência acabada haviam estado relacionadas em geral com imagens morais — coisas sobre as quais a questão seria saber se agradavam à sua sublime alma. Lorde Warburton avultava diante dela, com grandeza e brilho, como uma coleção de atributos e poderes que não deveriam ser medidos por essa simples regra, mas que exigiam uma espécie diferente de apreciação — uma apreciação a que a moça, com seu hábito de julgar com rapidez e liberdade,

achava não ter paciência para se dedicar. Ele parecia exigir dela algo que ninguém mais, por assim dizer, tinha se atrevido a fazer. O que ela sentia era que um magnata territorial, político e social concebera o desígnio de atraí-la para o sistema dentro do qual ele vivia e se movia de modo um tanto arrogante. Um certo instinto, não imperioso mas persuasivo, dizia-lhe que resistisse — murmurava-lhe que, na verdade, ela possuía sistema e órbita próprios. Dizia-lhe outras coisas mais — coisas que se contradiziam e se confirmavam entre si ao mesmo tempo: que não era tão mau para uma moça confiar-se a um homem assim e que seria muito interessante ver um pouco desse sistema do ponto de vista dele; que, por outro lado, entretanto, havia muito nele, evidentemente, que ela consideraria apenas como uma complicação de cada hora, e que mesmo no todo havia algo de rígido e estúpido que o tornaria um fardo. Além do mais, havia um rapaz recém-chegado da América que não tinha sistema algum, mas que tinha uma personalidade que seria inútil para ela tentar convencer-se a si mesma ter causado só uma leve impressão em sua mente. A carta que trazia no bolso era mais do que suficiente para lembrá-la do contrário. Não sorriam, contudo, atrevo-me a repetir, dessa simples jovem de Albany a debater se deveria aceitar um par inglês antes de ele tê-la cortejado e disposta a acreditar que, no todo, poderia arranjar coisa melhor. Ela era uma pessoa de grande boa-fé e, se havia muito de falta de juízo em sua sabedoria, aqueles que a julgarem com severidade terão a satisfação de ver que, mais tarde, ela tornou-se sábia e coerente somente à custa de uma parcela de desvario que irá constituir quase um apelo direto à caridade.

Lorde Warburton parecia estar disposto a andar, sentar-se ou fazer qualquer coisa que Isabel propusesse, e assegurou-lhe isso com seu costumeiro ar de estar especialmente contente de exercer uma virtude social. Mas, apesar disso, não estava no controle de suas emoções, e enquanto caminhava ao lado dela em silêncio, olhando-a sem deixar que ela percebesse, havia algo embaraçoso em seu olhar e em suas risadas sem motivo. Sim, com toda a certeza — como já abordamos este aspecto, podemos voltar a ele por um instante — os ingleses são o povo mais romântico do mundo, e lorde Warburton estava prestes a dar um exemplo disso. Estava para dar um passo que espantaria a todos os seus amigos e desagradaria a muitos deles e que, na superfície, nada tinha que o tornasse atraente. A jovem senhorita que pisava a relva ao lado dele tinha vindo de um país esquisito de além-mar sobre o qual ele sabia muita coisa; os antecedentes e ligações dela estavam muito vagos para ele, exceto em caráter genérico, e nesse sentido pareciam-lhe distintos e sem importância. A senhorita Archer não tinha nem fortuna nem o tipo de beleza que justifica o homem perante a sociedade, e ele calculava ter passado umas vinte e seis horas em companhia dela. Ele já somara tudo isso — a perversidade do impulso, que se negara a aproveitar-se das oportunidades mais amplas para desaparecer, e o julgamento da humanidade, exemplificado em especial na sua metade mais rápida em julgar: encarara de frente essas coisas e depois as afastara de seus pensamentos. Ligava tanto para elas quanto para o botão de rosa em sua lapela. É uma felicidade, para o homem que durante a maior parte de sua vida absteve-se sem esforço de tornar-se desagradável a seus amigos, quando surge a necessidade de tomar tal atitude, que esta não esteja desacreditada por associações irritantes.

— Espero que tenha feito uma cavalgada agradável — disse Isabel, que notou a hesitação do companheiro.

— Teria sido agradável ainda que fosse apenas pelo fato de trazer-me até aqui.

— Gosta tanto assim de Gardencourt? — perguntou a moça, cada vez mais certa de que ele tentava fazer-lhe algum apelo, desejando não incentivá-lo se hesitasse e, no entanto, manter toda a calma de seu raciocínio se ele prosseguisse. De repente, ocorreu-lhe que há apenas algumas semanas ela teria considerado profundamente romântica a situação em que estava: o parque de uma antiga propriedade inglesa, com a frente do cenário embelezada por um “grande” (assim supunha ela) aristocrata no ato de cortejar uma jovem, cujo exame mais cuidadoso demonstraria ter acentuadas analogias com ela própria. Mas, se agora era a heroína da situação, nem por isso conseguia distanciar-se para olhá-la de fora.

— Não estou interessado em Gardencourt — disse seu companheiro. — Só estou interessado na senhorita.

— Conhece-me há muito pouco tempo para ter o direito de dizer isso e não posso crer que esteja falando sério.

As palavras de Isabel não eram de todo sinceras, pois ela não tinha a menor dúvida de que ele falava sério. Eram apenas um tributo ao fato, do qual ela estava bem consciente, de que as palavras que ele acabara de pronunciar teriam despertado surpresa por parte de um mundo vulgar. E, ademais, se algo mais além da sensação que ela já tinha de que lorde Warburton não era uma pessoa de pensamento irresponsável fosse preciso para convencê-la, o tom em que ele lhe deu a resposta serviria muito bem para tal propósito.

— O direito que se tem nessa questão não é medido por tempo, senhorita Archer, é medido pelo próprio sentimento. Se eu esperasse três meses, não faria diferença; não estarei mais certo do que quero dizer do que estou hoje. É claro que a vi muito pouco, porém minha impressão data logo da primeira hora em que nos conhecemos. Não perdi tempo, apaixonei-me pela senhorita naquela hora. Foi à primeira vista, como dizem os romances; agora sei que essa não é uma frase fantasiosa e de agora em diante terei melhor opinião sobre os romances. Aqueles dois dias que passei aqui foram decisivos; não sei se suspeitou de que eu estivesse fazendo isso, mas eu prestei — mentalmente falando, é claro — a maior atenção possível à senhorita. Nada do que disse, nada do que fez passou despercebido para mim. Quando foi até Lockleigh no outro dia — ou melhor, quando foi embora —, tive certeza absoluta. Ainda assim decidi pensar mais um pouco sobre o assunto e questionar-me mais a fundo. Fiz isso; foi só o que fiz esses dias todos. Não me engano sobre coisas assim; sou um animal muito ponderado. Não sou afetado com facilidade, mas, quando algo me toca, é para a vida toda. É para a vida toda, senhorita Archer, é para a vida toda — repetiu lorde Warburton, com a voz mais branda, terna e agradável que Isabel jamais ouvira, olhando-a com olhos cheios da luz de uma paixão que se purificara das partes mais vis da emoção — o ardor, a violência, a irracionalidade — e que ardia com tanta constância como a chama num lugar sem vento.

Por consentimento tácito, enquanto ele falava tinham começado a caminhar cada vez mais devagar e, por fim, pararam; ele pegou-lhe a mão.

— Ah, lorde Warburton, como me conhece pouco! — disse Isabel, com brandura. Também com brandura, soltou a mão.

— Não me atormente com isso; o fato de eu não conhecê-la melhor já me deixa bastante infeliz. É minha grande perda. Mas é isso que quero, e parece-me que estou tomando o melhor caminho. Se se tornar minha esposa, então irei conhecê-la, e, quando eu lhe disser todo o bem que sinto a seu respeito, não poderá dizer que é por ignorância.

— Se o senhor me conhece pouco, eu o conheço ainda menos — disse Isabel.

— Quer dizer que, ao contrário da senhorita, eu talvez não me revele alguém melhor com a familiaridade? Ah, é claro que isso é bem possível. Mas pense, para falar-lhe como falo, quanto determinado devo estar em tentar causar-lhe satisfação! Gosta um pouco de mim, não?

— Gosto muito do senhor, lorde Warburton — respondeu ela, e, naquele momento, gostava imensamente dele.

— Agradeço-lhe por dizer isso; demonstra que não me considera um estranho. Realmente acredito ter me saído muito bem em todas as outras relações da vida e não vejo por que não o farei com esta — pela qual estou me oferecendo à senhorita —, uma vez que estou muitíssimo mais empenhado nela. Pergunte às pessoas que me conhecem bem; tenho amigos que poderão falar em meu favor.

— Não preciso da recomendação de seus amigos — disse Isabel.

— Ah, isso agora é maravilhoso de sua parte. Acredita em mim por si mesma.

— Completamente — declarou Isabel. Nesse momento, sentiu até uma chama arder em seu peito pelo prazer de sentir que acreditava.

A luz no olhar de seu companheiro transformou-se num sorriso, e ele soltou uma longa exclamação de alegria.

— Se estiver errada, senhorita Archer, que eu perca tudo o que possuo!

Ela perguntou-se se com isso ele queria lembrar-lhe de que era rico, mas quase de imediato teve certeza de que não. Ele estava abstraindo o fato, como ele próprio teria dito; e, na verdade, poderia sem problemas deixá-lo a cargo da memória de qualquer interlocutor, em especial de alguém a quem ele estava oferecendo sua mão. Isabel pedira aos céus para não ficar agitada e tinha a mente bastante tranqüila — mesmo enquanto ouvia e perguntava-se o que seria melhor dizer — para permitir-se essa crítica incidental. “O que deveria dizer?”, teria perguntado a si mesma. Seu maior desejo era que fosse alguma coisa se possível não menos amável do que o que ele lhe dissera. As palavras dele tinham o peso da perfeita convicção; ela sentiu que, de uma forma muito misteriosa, importava mesmo para ele.

— Agradeço-lhe mais do que posso expressar com palavras a sua oferta — disse, por fim. — É uma grande honra para mim.

— Ah, não diga isso! — irrompeu ele. — Receava que fosse dizer algo assim. Não vejo o que quer dizer com isso. Não vejo por que tem que me agradecer, sou eu quem devo agradecer-lhe por escutar-me: um homem a quem conhece tão pouco saindo-se dessa maneira para cima da senhorita! É claro que é uma importante pergunta; tenho que admitir que prefiro fazer a pergunta a ter de respondê-la. Porém a maneira como ouviu — ou pelo menos já o próprio fato de ter ouvido — dá-me alguma esperança.

— Não tenha muita esperança — disse Isabel.

— Oh, senhorita Archer! — murmurou seu companheiro, sorrindo de novo na sua seriedade, como se o aviso talvez devesse ser tomado como um arroubo de exaltação, como a exuberância da alegria.

— Ficaria muito surpreso se eu lhe pedisse que não abrigasse esperança alguma? — perguntou Isabel.

— Surpreso? Não sei o que quer dizer com surpresa. Não seria isso; seria um sentimento muitíssimo pior.

Isabel continuou andando; ficou calada por alguns minutos, depois disse:

— Tenho toda a certeza de que, apesar de já ter alto conceito do senhor, se viesse a conhecê-lo bem, esse conceito só iria melhorar. Mas não tenho certeza de modo algum de que o senhor não fosse ficar desapontado. E não digo isso por modéstia convencional; é totalmente sincero.

— Estou disposto a arriscar-me, senhorita Archer — retrucou seu interlocutor.

— É uma pergunta grandiosa, como diz. É uma pergunta muito difícil.

— Não espero, é claro, que me responda de imediato. Pense no assunto o tempo que achar necessário. Se a espera puder ser em meu benefício, eu esperarei com prazer por muito tempo. Só se lembre de que, no fim, a minha mais cara ventura dependerá de sua resposta.

— Lamentaria muito mantê-lo em suspenso — disse Isabel.

— Ah, não se importe com isso. Eu prefiro ter uma boa resposta daqui a seis meses a ter uma ruim hoje.

— Mas é bem provável que mesmo daqui a seis meses eu talvez não possa dar-lhe uma resposta que considere boa.

— Por que não, já que gosta de mim?

— Ah, nunca duvide disso — retrucou Isabel.

— Então, ora, não sei o que mais quer!

— Não é o que quero, é o que posso dar. Não acho que lhe convenha; na verdade, não acho que deva fazer isso.

— Não precisa se preocupar. Isso é problema meu. Não deve ser mais realista que o rei.

— Não é só isso — interpôs Isabel. — Não tenho certeza de querer casar com alguém.

— É bem provável que não queira. Não duvido que muitas mulheres tenham começado assim — disse o lorde, que, verdade seja dita, não acreditava nem um pouco no axioma com que tentava iludir sua ansiedade. — Mas são persuadidas com freqüência.

— Ah, isso é porque querem sê-lo! — E Isabel soltou uma breve risada.

O semblante de seu pretendente perdeu a animação, e ele a contemplou por um instante em silêncio.

— Receio que seja o fato de eu ser inglês que a faça hesitar — disse dali a pouco. — Sei que seu tio acha que deveria casar em seu próprio país.

Isabel ouviu essa afirmativa com algum interesse; nunca lhe ocorrera que o senhor Touchett pudesse discutir suas perspectivas matrimoniais com lorde Warburton.

— Ele lhe disse isso?

— Lembro-me de ter feito um comentário assim. Talvez estivesse falando dos americanos em

geral.

— Ele próprio parece achar muito agradável viver na Inglaterra — disse Isabel, de um jeito que talvez parecesse um tanto malicioso, mas que expressava tanto sua percepção constante da ventura exterior do tio como a sua própria disposição geral de esquivar-se de qualquer obrigação de ter uma opinião restrita.

Isso deu esperança a seu companheiro, que imediatamente exclamou com calor:

— Ah, minha querida senhorita Archer, a velha Inglaterra é um país muito bom, sabe? E ficará ainda melhor quando a reformarmos um pouquinho.

— Ah, não a reforme, lorde Warburton; deixe-a em paz. Gosto dela assim.

— Então, se gosta dela, torna-se cada vez mais difícil para mim entender sua objeção à minha proposta.

— Receio não poder me fazer entender.

— Deveria tentar, pelo menos. Tenho inteligência razoável. Está com medo... com medo do clima? Poderemos facilmente morar em outro lugar, sabe. Pode escolher o clima que quiser, no mundo todo.

Essas palavras foram pronunciadas com uma candura que parecia um enlace de braços fortes — que se assemelhava à fragrância soprada bem no rosto dela, através dos lábios são e ofegantes dele, sem que se soubesse de que jardins estranhos, de que brisas perfumadas. Ela teria dado qualquer coisa naquele instante para sentir o simples e forte impulso de responder: “Lorde Warburton, é impossível para mim coisa melhor neste mundo maravilhoso, acho eu, do que entregar-me, com muita gratidão, à sua lealdade”. Porém, embora estivesse perdida de admiração pela oportunidade que se lhe deparava, conseguiu afastar-se para o lugar mais escuro de seu íntimo, como alguma criatura selvagem aprisionada numa ampla jaula. A “esplêndida” segurança que lhe era assim oferecida não era a maior que podia conceber. O que por fim lembrou-se de dizer foi algo muito diferente, algo que adiava a necessidade de confrontar de fato a crise:

— Não me julgue rude se lhe pedir que não fale mais sobre isso por hoje.

— Certamente, certamente! — exclamou seu interlocutor. — Não gostaria de aborrecê-la por nada deste mundo.

— Deu-me muito material para reflexão e prometo fazer justiça a ele.

— Isso é tudo o que lhe peço, é claro, e que se lembre de como a minha felicidade depende por completo da senhorita.

Isabel ouviu com total respeito essa advertência, mas disse, após um instante:

— Devo dizer-lhe que vou pensar num meio de fazê-lo compreender que o que está pedindo é impossível; fazê-lo saber sem torná-lo infeliz.

— Não há maneira de fazer isso, senhorita Archer. Não vou dizer que, se me rejeitar, vai matar-me; não vou morrer por isso. Mas será pior que isso; viverei sem propósito algum.

— Viverá para casar com uma mulher melhor que eu.

— Não diga isso, por favor — disse lorde Warburton, em tom grave. — Isso não é justo com nenhum de nós dois.

— Para casar com uma pior, então.

— Se existem mulheres melhores que a senhorita, então prefiro as piores. Isso é tudo o que posso dizer — continuou com a mesma intensa sinceridade. — Gosto não se discute.

A seriedade dele fez com que Isabel também ficasse séria, e ela demonstrou isso pedindo-lhe outra vez que deixasse o assunto de lado, por enquanto.

— Eu mesma falarei com o senhor, muito em breve. Talvez lhe escreva.

— Esteja à vontade para fazê-lo — retrucou ele. — Leve o tempo que levar, irá parecer longo para mim, e imagino que vou ter que agüentar isso como puder.

— Não vou mantê-lo na expectativa; só quero clarear minha mente um pouco.

Ele soltou um suspiro melancólico e ficou a olhá-la por um instante, com as mãos para trás, dando pequenos safanões nervosos no rebenque de caça que levava.

— Sabe que tenho muito medo dela? Dessa sua notável mente?

O biógrafo da nossa heroína não sabe bem por quê, mas a pergunta sobressaltou-a e fez com que um rubor envergonhado lhe subisse ao rosto. Ela devolveu-lhe o olhar por um momento, e depois, com uma nota na voz que quase soou como um apelo ao interlocutor, exclamou estranhamente:

— Eu também, meu lorde!

Porém a compaixão dele não foi despertada; tudo o que possuía da faculdade de piedade estava sendo necessário para ele mesmo.

— Ah, seja misericordiosa, seja misericordiosa! — murmurou.

— Acho melhor que vá embora — disse Isabel. — Vou escrever-lhe.

— Muito bem, mas, o que quer que escreva, virei vê-la, sabe disso. — E ficou parado, pensando, com os olhos fixos na cara observadora de Bunchie, que dava a impressão de ter entendido tudo o que fora dito e estar fingindo não ter sido indiscreto com um acesso simulado de curiosidade em relação às raízes de um antigo carvalho.

— Mais uma coisa — continuou. — Sabe, se não gostar de Lockleigh, se achar que é úmida ou coisa assim, não precisa chegar muito perto. Não é úmida, aliás; mandei examinar a casa toda com cuidado; está perfeitamente segura e sólida. Mas, se não lhe agradar, nem precisa pensar em morar lá. Não há problema nenhum em relação a isso; há uma porção de casas. Achei bom mencionar isso; algumas pessoas não gostam de fossos, sabe? Até logo.

— Eu adoro fossos — disse Isabel. — Até logo.

Estendeu a mão, e ela deu-lhe a sua por um instante — um instante suficientemente longo para ele curvar sua bela cabeça descoberta e beijá-la. Depois, ainda agitando o apetrecho de caça na tentativa de conter a emoção, afastou-se rápido. Era evidente que estava muito perturbado.

A própria Isabel estava perturbada, porém não tanto quanto teria imaginado. O que sentia não era uma grande responsabilidade, uma grande dificuldade de escolha; parecia-lhe que não havia nenhuma escolha. Não podia casar com lorde Warburton; essa idéia deixava de amparar qualquer predisposição esclarecida em favor da livre exploração da vida, que até então ela entretivera ou era capaz de entreter agora. Teria que escrever-lhe sobre isso, tinha que convencê-lo, e esse dever era comparativamente simples. Mas o que a perturbava, no sentido de que a enchia de espanto, era o próprio fato de custar-lhe tão pouco recusar uma “chance” magnífica. Não importa sob que aspecto, lorde Warburton oferecera-lhe uma grande oportunidade; a situação talvez fosse

desconfortável, talvez contivesse elementos opressivos, amesquinhadores; na verdade, quem sabe demonstraria ser nada mais que um entorpecente anódino; porém, não estava sendo injusta para com seu sexo ao acreditar que dezenove entre vinte mulheres teriam se acomodado à situação sem pestanejar. Então, por que isso não se impunha a ela de modo irresistível? Quem era ela, o que era ela, para manter-se assim, superior? Que visão da vida, que desígnio sobre o destino, que concepção de felicidade tinha, que pretendia ser maior que essas grandes, essas fabulosas oportunidades? Se não queria fazer tal coisa, então teria que fazer grandes coisas, fazer algo maior. A pobre Isabel tinha ocasião de lembrar-se de vez em quando de que não deveria ser tão orgulhosa, e nada poderia ser mais sincero que sua prece para que tal perigo fosse afastado: o isolamento e a solidão do orgulho tinham aos seus olhos o horror de um lugar deserto. Se era o orgulho o que impedia sua aceitação de lorde Warburton, uma tal *bêtise* era muito inadequada; e ela estava tão certa de gostar dele que se atreveu a assegurar a si mesma de que o que a impedia era a própria brandura, e a fina inteligência, da simpatia. Ela gostava demais dele para se casar, essa era a verdade; algo lhe dizia haver uma contradição em algum ponto da clara lógica da proposição — do ponto de vista *dele* —, apesar de não se poder detectar o que era; e infligir, a um homem que tanto oferecia, uma esposa com tendência a criticar seria uma ação bastante desonrosa. Ela prometera que iria considerar a pergunta dele, e, depois que ele a deixara, ao caminhar de volta para o banco onde ele a encontrara e mergulhar em profunda meditação, pareceu estar cumprindo a promessa. Mas não era esse o caso: estava se perguntando se não seria uma pessoa fria, dura e intolerante e, quando por fim levantou-se e voltou um tanto apressada para casa, sentia-se de fato com medo de si mesma, como dissera ao amigo.

Foi essa sensação e não o desejo de pedir conselho — pois não tinha a menor vontade disso — que a levou a falar com o tio sobre o que ocorreria. Queria falar com alguém; iria sentir-se mais natural, mais humana, e o tio, para esse objetivo, apresentava-se sob um prisma mais atraente do que a tia ou a amiga Henrietta. É claro que o primo era um possível confidente, mas exigiria violento esforço revelar esse segredo especial para Ralph. Assim, no dia seguinte, após o café-da-manhã, procurou uma oportunidade. O tio nunca saía de seus aposentos até a tarde, mas recebia seus camaradas, como dizia, em sua saleta. Isabel já pertencia de direito ao grupo assim designado, que, ademais, incluía o filho do velho, seu médico, seu criado pessoal, e até mesmo a senhorita Stackpole. A senhora Touchett não figurava na lista, e isso representava um obstáculo a menos para Isabel encontrar o dono da casa sozinho. Estava sentado numa complicada cadeira de rodas, diante da janela aberta do quarto, olhando para oeste, além do parque e do rio, com os jornais e as cartas empilhados a seu lado, a toailete recém-feita, e com o rosto liso e pensativo composto numa expressão de expectativa benevolente.

Ela chegou à questão sem rodeios.

— Creio que devo dizer-lhe que lorde Warburton pediu-me em casamento. Talvez devesse contar a minha tia, mas pareceu-me melhor contar ao senhor primeiro.

O velho não demonstrou surpresa e agradeceu-lhe a confiança que tinha nele.

— Importa-se de dizer-me se aceitou? — perguntou.

— Ainda não lhe dei uma resposta definitiva; pedi um pouco de tempo para pensar, porque me pareceu mais respeitoso. Mas não vou aceitar.

O senhor Touchett não fez qualquer comentário; parecia estar pensando que, fosse qual fosse o interesse que talvez pudesse ter no assunto do ponto de vista da sociabilidade, não tinha a menor voz ativa em relação a ele.

— Bem, eu lhe disse que faria sucesso aqui. Os americanos são muito apreciados.

— Muito mesmo — disse Isabel. — Mas ao risco de parecer tanto sem gosto como ingrata, não acho que possa me casar com lorde Warburton.

— Bem — continuou o tio —, é claro que um velho não sabe julgar por uma jovem. Estou contente que não tenha me perguntado antes de decidir. Acho que devo contar-lhe — acrescentou devagar, mas como se isso não tivesse muita importância — que estou sabendo de tudo há três dias.

— Sobre o estado de espírito de lorde Warburton?

— Sobre suas intenções, como dizem aqui. Ele escreveu-me uma carta muito agradável, contando-me tudo sobre isso. Gostaria de lê-la? — perguntou, obsequioso, o velho.

— Obrigada; acho que não quero. Mas estou contente que tenha escrito ao senhor; era a coisa correta a fazer, e ele não se furtaria a isso.

— Ah, bom, acho que gosta mesmo dele! — declarou o senhor Touchett. — Não precisa fingir que não.

— Gosto muitíssimo dele e não tenho intenção de negá-lo. Mas não quero casar com ninguém neste momento.

— Acha que aparecerá alguém de quem goste mais. Bem, isso é muito provável — disse o senhor Touchett, que parecia desejar demonstrar sua bondade para com a moça, facilitando-lhe a decisão, por assim dizer, e descobrindo boas razões para fazê-lo.

— Não me importo se não conhecer mais alguém. Gosto de lorde Warburton o bastante. — Ela caiu naquela aparente contradição de pontos de vista com que às vezes espantava e até mesmo desagradava a seus interlocutores.

O tio, contudo, parecia imune a qualquer uma dessas impressões.

— É um ótimo homem — continuou ele, num tom que poderia ser interpretado como de encorajamento. — Sua carta foi uma das mais agradáveis que recebi em muitas semanas. Penso que uma das razões por que gostei dela foi ser toda a seu respeito, isto é, toda menos a parte sobre ele próprio. Imagino que lhe tenha dito tudo isso.

— Ele teria dito tudo que eu quisesse perguntar-lhe — disse Isabel.

— Mas não estava curiosa?

— Minha curiosidade teria sido inútil, já que eu estava decidida a declinar sua oferta.

— Não a achou atraente o bastante? — indagou o senhor Touchett.

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Acho que foi isso — admitiu em seguida. — Mas não sei por quê.

— Felizmente as damas não são obrigadas a dar suas razões — disse o tio. — Há muito de agradável nessa idéia, mas não vejo por que os ingleses querem nos atrair para longe de nossa pátria. Sei que tentamos atraí-los para lá, mas isso é porque nossa população é insuficiente. Aqui, sabe, há gente demais. Mas imagino que ainda haja lugar para moças encantadoras em toda parte.

— Parece que tem havido lugar para o senhor aqui — disse Isabel, com os olhos vagando pelos amplos espaços de lazer do parque que rodeava a casa.

O senhor Touchett esboçou um sorriso astuto e deliberado:

— Há lugar em toda parte, minha querida, se você pagar o preço. Às vezes acho que paguei demais por este. Talvez você também tivesse que pagar demais.

— Talvez tivesse — retrucou a moça.

Essa sugestão deu-lhe algo de mais definido em que se basear do que o que já encontrara em seus próprios pensamentos, e o fato de a branda agudeza do tio com seu próprio dilema estar associada parecia provar que ela estava preocupada com as emoções naturais e razoáveis da vida e não era de todo vítima da ansiedade intelectual e de vagas ambições — ambições que iam além do belo apelo de lorde Warburton, seguindo em busca de algo indefinível e possivelmente não recomendável. Se o indefinível tinha uma influência sobre o comportamento de Isabel nessa conjuntura, ele não incluía a concepção, ainda que não formulada, de uma união com Caspar Goodwood; pois por mais que tivesse resistido a ser conquistada pelas calmas e grandes mãos do seu pretendente inglês, estava da mesma maneira tão longe da disposição de deixar o jovem de

Boston assumir positivamente sua posse. O sentimento em que procurou refugiar-se após ler a carta dele era uma visão crítica sobre o fato de ele ter vindo para um país estrangeiro; pois fazia parte da influência que ele exercia sobre ela querer privá-la do senso de liberdade. Havia um empurrão forte porém desagradável, uma espécie de intromissão de presença, no modo como ele surgia diante dela. Às vezes ela fora perseguida pela imagem, pelo perigo da desaprovação dele e perguntara-se — consideração que nunca dera em grau semelhante a mais ninguém — se ele iria gostar do que ela fizera. A dificuldade era que, mais que qualquer outro homem que ela conhecera, mais que o pobre lorde Warburton (ela agora começara a presentear o cavalheiro com o benefício desse epíteto), Caspar Goodwood expressava uma energia — e ela já sentira isso como um poder — que estava na própria natureza dele. Não era de modo algum uma questão das “vantagens” dele — era uma questão do espírito que se debruçava em seus olhos límpidos como uma incansável sentinela a uma janela. Ela poderia ou não gostar, mas ele insistia sempre, com todo seu peso e força: mesmo no contato habitual isso era algo a ser considerado. A idéia de uma liberdade reduzida era-lhe especialmente desagradável no momento, pois acabara de dar ênfase pessoal a sua independência ao olhar tão de frente a sedução de lorde Warburton e conseguir, no entanto, afastar-se dele. Às vezes, Caspar Goodwood parecera colocar-se ao lado do seu destino, ser o fato mais persistente que ela conhecia; nessas horas Isabel dizia a si mesma que poderia fugir dele durante algum tempo, mas que teria que enfrentá-lo por fim — em condições que seriam com certeza favoráveis a ele. Seu impulso fora munir-se das coisas que a ajudavam a resistir a tal obrigação, e esse impulso tivera muito a ver com a pronta aceitação do convite da tia, que lhe chegara numa hora em que esperava a cada dia ver o senhor Goodwood, e quando se dava por satisfeita se tinha uma resposta pronta para algo que certamente ele lhe diria. Quanto lhe dissera em Albany, na noite da visita da senhora Touchett, que não podia discutir naquele momento problemas difíceis, por estar encantada pela grande e instantânea abertura que proporcionava a oferta da Europa feita pela tia, ele declarou que isso não era resposta, e era para obter agora uma resposta melhor que ele a seguira através do oceano. Dizer a si mesma que ele era uma espécie de triste sina podia bastar para uma jovem fantasiosa, capaz de aceitar muitas coisas nele; mas o leito tem direito a uma visão mais nítida e clara.

Ele era filho de um proprietário de moinhos de algodão muito conhecidos de Massachusetts — um cavalheiro que acumulara considerável fortuna na atividade dessa indústria. Na ocasião, Caspar administrava as empresas com um senso e uma têmpera que, a despeito da acirrada concorrência e de épocas fracas, conseguira evitar que a prosperidade diminuísse. Recebera a maior parte de sua educação no Harvard College onde, contudo, destacara-se mais como atleta e remador que como sorvedor de saber mais variado. Mais tarde, aprendera que a inteligência mais apurada também podia fazer acrobacias e distender e esforçar-se — podia até, quebrando recordes, arrojar-se a raras proezas. Descobrira assim em si mesmo um olhar certo para o mistério da mecânica e inventara um aperfeiçoamento do processo de fiação do algodão, agora de uso generalizado e conhecido pelo seu nome. Talvez o leitor o tenha visto nos jornais relacionado a essa útil engenhoca; disso ele certificou Isabel, mostrando-lhe nas colunas do *Interviewer* de Nova York um extenso artigo sobre a “patente Goodwood” — artigo não preparado pela senhorita Stackpole, apesar de esta se ter

mostrado cordial com relação a seus interesses mais sentimentais. Havia coisas complicadas e difíceis com as quais ele gostava de se entreter; gostava de organizar, de lidar, de administrar; podia fazer as pessoas trabalharem de acordo com sua vontade, acreditarem nele, caminharem à sua frente e defendê-lo. Essa era a arte, como diziam, de dirigir homens — que nele repousava, além disso, em ousada, ainda que calculada, ambição. Os que o conheciam bem julgavam que poderia fazer coisas mais grandiosas que tomar conta de uma fábrica de algodão; não havia nada da maciez do algodão em Caspar Goodwood, e seus amigos davam como certo que ele, de algum modo, em alguma hora, inscreveria seu nome em letras descomunais. Mas era como se algo grande e confuso, algo sombrio e feio, tivesse que acertar contas: não estava, afinal, em harmonia com mera paz acomodada, ganância e ganho, uma ordem de coisas cujo alento vital era a publicidade onipresente. Isabel achava agradável acreditar que ele poderia ter cavalgado num ginete fogofo, em meio ao turbilhão de uma grande guerra — uma guerra como a conflagração civil, que lançara sombras sobre a infância consciente dela e a desabrochante juventude dele.

De qualquer modo, ela gostava da idéia de ele ser, por caráter e de fato, um instigador de homens — gostava muito mais dela que de alguns outros pontos da natureza e do aspecto dele. Não ligava nem um pouco para a fábrica de algodão — a patente Goodwood não lhe dizia absolutamente nada à imaginação. Ela não gostaria de modificar nada em sua virilidade, mas às vezes achava que ele seria bem melhor se sua aparência, por exemplo, fosse um pouco diferente. Tinha o maxilar demasiado quadrado e duro e o corpo demasiado empertigado e rígido; tais coisas sugeriam uma falta de consonância natural com os ritmos mais profundos da vida. Além disso, olhava com reservas o hábito que ele tinha de vestir-se sempre da mesma forma; aparentemente, não era que usasse continuamente a mesma roupa, pois, ao contrário, seus trajes tinham um certo ar de serem novos demais. Mas todos pareciam ser do mesmo talhe; o corte, a fazenda eram de enfadonha habitualidade. Ela lembrara a si própria mais de uma vez que essa era uma frívola objeção a uma pessoa de tal importância; e depois emendara a reprimenda dizendo que só seria uma objeção frívola se ela estivesse apaixonada. Não estava apaixonada por ele e, portanto, podia criticar seus pequenos defeitos tanto quanto os grandes — sendo que estes últimos consistiam na censura coletiva de ser sério demais, ou melhor, não de sê-lo, pois isso nunca é possível, mas com certeza de parecer sê-lo. Demonstrava seus desejos e desígnios de modo demasiado simples e natural; quando se ficava a sós com ele, falava demais sobre o mesmo assunto, e, quando outras pessoas estavam presentes, falava muito pouco sobre qualquer assunto. E, no entanto, era de um feitio extremamente forte e limpo — o que significava muito: ela via as diferentes partes conjugadas dele como vira, em museus e pinturas, as diferentes partes conjugadas de guerreiros em armaduras, em chapas de aço habilmente marchetadas de ouro. Era muito estranho: onde havia qualquer vínculo tangível entre a impressão dela e sua própria ação? Caspar Goodwood nunca correspondera à sua idéia de uma pessoa encantadora, e imaginava que por isso ele lhe provocava crítica tão dura. Porém, quando lord Warburton, que não só correspondia a isso mas até ampliava a descrição, apelava para a aprovação dela, Isabel descobria estar ainda insatisfeita. Era certamente estranho.

Seu senso de incoerência não servia de ajuda para responder a carta do senhor Goodwood, e

Isabel decidiu deixá-la algum tempo relegada. Se ele se dispusera a persegui-la, deveria sofrer as conseqüências; a principal delas era perceber quão pouco lhe agradava ele ter ido até Gardencourt. Ela já estava sujeita às incursões de um pretendente nesse lugar, e, embora fosse agradável ser apreciada por facções opostas, havia uma certa vulgaridade em entreter dois suplicantes tão ardentes ao mesmo tempo, mesmo no caso de que seu maior entretenimento fosse mandá-los embora. Não deu resposta ao senhor Goodwood; mas, ao fim de três dias, escreveu a lorde Warburton, e a carta tem lugar em nossa história.

Prezado lorde Warburton,

Grande e sincera reflexão não me levou a mudar de idéia sobre a sugestão que teve a bondade de fazer outro dia. Não consigo, de verdade mesmo, vê-lo como companheiro para a vida toda; ou pensar em sua casa — suas várias casas — como o lugar estabelecido para a minha existência. Essas coisas não podem ser rediscutidas, e eu lhe peço sinceramente que não volte ao assunto que debatemos em detalhes. Vemos nossa vida de nosso próprio ponto de vista; esse é o privilégio do mais fraco e humilde de nós; e não conseguiria jamais ver a minha do modo que me propôs. Queira ter a bondade de permitir que isso baste e faça-me a justiça de crer que eu dei à sua proposta a profunda e respeitosa consideração que merece. É com essa mesma estima que me subscrevo.

Cordialmente,

Isabel Archer.

Enquanto a autora desta missiva estava debatendo se deveria mandá-la, Henrietta Stackpole firmou uma resolução que pôs em prática sem hesitação. Convidou Ralph Touchett a dar uma caminhada com ela pelo jardim, e, quando ele aceitou com a alacridade que parecia constantemente confirmar suas grandes expectativas, ela informou-o de que tinha um favor a pedir-lhe. Pode-se admitir que ante essa informação o jovem tenha recuado, pois sabemos que a senhorita Stackpole causara nele a impressão de ser alguém que se aproveita de uma vantagem. Entretanto, seu susto era infundado, pois ele tinha tão pouca idéia da extensão da indiscrição da moça quanto da sua profundidade, e ele professou muito cortesmente o desejo de servi-la. Tinha medo dela e disse-lhe isso em poucos instantes.

— Quando olha para mim de um certo jeito, meus joelhos fraquejam, minhas faculdades me falham; fico cheio de tremores e só peço forças para executar suas ordens. A senhorita tem atitudes que nunca encontrei em mulher alguma.

— Bem — retrucou Henrietta, bem-humorada —, se eu já não soubesse que o senhor está tentando de alguma forma embaraçar-me, agora teria certeza. É claro que sou presa fácil; fui criada com costumes e idéias muito diferentes. Não estou habituada a seus padrões arbitrários, nunca falaram comigo na América como o senhor costuma fazer. Se lá um cavalheiro em conversa comigo falasse dessa maneira, eu não saberia o que pensar. Fazemos as coisas de modo muito mais natural e, afinal de contas, somos muito mais simples. Admito isto: eu mesma sou muito simples. Claro, se quer rir de mim, esteja à vontade: mas acho que, no todo, prefiro ser como sou a ser como

o senhor. Estou bastante satisfeita em ser eu mesma; não quero mudar. Há muita gente que me aprecia exatamente como sou. É verdade que são americanos simpáticos, simples e nascidos livres! — Nos últimos tempos, Henrietta adotara o tom de indefesa inocência e ampla concessão. — Quero que me ajude um pouco — continuou. — Não me importo se o divertir enquanto o fizer; mais que isso, estou em total acordo que sua diversão seja sua recompensa. Quero que me ajude com Isabel.

— Ela a magoou? — perguntou Ralph.

— Se o tivesse feito, não me importaria e nunca iria contar-lhe. Estou é com receio que magoe a si mesma.

— Acho que isso é muito possível —olveu Ralph.

Sua companheira de caminhada parou no alto de um atalho e fixou nele aquele olhar que o desconcertava.

— Isso também iria diverti-lo, imagino. Que modo tem de dizer as coisas! Nunca conheci alguém tão indiferente.

— Para com Isabel? Ah, isso não!

— Bem, não está apaixonado por ela, espero.

— Como posso, se estou apaixonado por outra?

— Está apaixonado por si mesmo, esse é o outro! — declarou a senhorita Stackpole. — Que faça bom proveito! Mas, se quiser ser sério uma vez na vida, esta é a hora; e, se gosta mesmo de sua prima, eis a oportunidade de prová-lo. Não espero que a compreenda; seria pedir muito. Mas não precisa compreender para fazer-me um favor. Eu fornecerei a inteligência necessária.

— Vou gostar muitíssimo disso! — exclamou Ralph. — Serei Caliban e a senhorita, Ariel.

— O senhor não é nem um pouco como Caliban, porque é sofisticado e Caliban não era. Mas não estou falando de personagens imaginárias e sim de Isabel. Ela é intensamente real. O que quero dizer-lhe é que a acho terrivelmente mudada.

— Desde que a senhorita chegou, quer dizer?

— Desde que eu cheguei e antes de eu chegar. Não é a mesma que um dia foi de modo tão belo.

— Não é a mesma que era na América?

— É, na América. Imagino que saiba que ela vem de lá. Não pode evitar, é de lá que vem.

— Quer que ela volte a ser como antes?

— É claro que sim, e quero que me ajude.

— Ah — suspirou Ralph —, eu sou apenas Caliban, não sou Próspero.

— Era suficientemente Próspero para transformá-la no que se tornou. Está agindo sobre Isabel Archer desde que ela veio para cá, senhor Touchett.

— Eu, minha cara senhorita Stackpole? De jeito nenhum. É Isabel Archer que tem agido sobre mim; ela o faz sobre todos. No entanto, me mantive absolutamente passivo.

— Então é passivo demais. É melhor que se mexa e tenha cuidado. Isabel está mudando a cada dia; está à deriva, indo para alto-mar. Venho-a observando e posso perceber isso. Não é a alegre moça americana que era. Está adotando opiniões diferentes, uma cor diferente e dando as costas a seus antigos ideais. Quero salvar esses ideais, senhor Touchett, e é aí que o senhor entra.

— Por certo não como um ideal.

— Bem, espero que não — retrucou de pronto Henrietta. — Em meu coração, receio que ela vá se casar com um desses bárbaros europeus e quero impedir que o faça.

— Ah, entendo — exclamou Ralph —, e para impedir que aconteça quer que eu interfira e me case com ela?

— Não é bem isso; esse remédio seria tão ruim como a doença, pois o senhor é o típico europeu bárbaro de quem quero salvá-la. Não; prefiro que o senhor se interesse por outra pessoa. Trata-se de um rapaz a quem ela um dia encorajou muito e que agora parece considerar como não sendo suficientemente bom. Ele é um homem absolutamente distinto e grande amigo meu, e gostaria muito que o convidasse para nos visitar.

Ralph ficou bastante intrigado com esse apelo, e talvez não seja um ponto a favor da pureza de seu espírito que a princípio não tenha encarado o pedido sob o aspecto mais simples. Aos olhos dele, tinha uma aparência tortuosa, e seu erro foi não ter toda a certeza de que qualquer coisa no mundo pudesse ser de fato tão cândida como parecia ser o pedido da senhorita Stackpole. Que uma jovem lhe pedisse que um cavalheiro a quem ela descrevia como amigo muito chegado fosse brindado com a oportunidade de agradar a uma outra jovem, alguém cuja atenção se desviara dele e cujos encantos eram maiores, era uma anomalia que, no momento, desafiava toda a sua capacidade de interpretação. Ler entrelinhas era mais fácil que seguir o texto, e supor que a senhorita Stackpole queria que o cavalheiro fosse convidado a Gardencourt por causa dela própria era sinal não tanto de uma mente vulgar como de uma mente atrapalhada. Contudo, até mesmo deste ato venial de vulgaridade Ralph foi salvo, e por uma força que posso apenas chamar de inspiração. Sem mais outra luz sobre o assunto do que já possuía, ele adquiriu de repente a convicção de que seria uma injustiça capital para com a correspondente do *Interviewer* atribuir motivo desonroso a qualquer ação da parte dela. Tal convicção penetrou em sua mente com extrema rapidez; talvez tenha sido gerada pela pura radiância do imperturbável olhar da jovem. Ele devolveu esse desafio por um momento, consciente, resistindo ao ímpeto de franzir o cenho como se costuma fazer em presença de pessoas de maior erudição.

— Quem é o cavalheiro a quem se refere?

— O senhor Caspar Goodwood, de Boston. Ele tem sido extremamente atencioso com Isabel, tão devotado a ela quanto é possível ser. Seguiu-a até aqui e está em Londres no momento. Não sei o endereço dele, mas acho que posso consegui-lo.

— Nunca ouvi falar nele — comentou Ralph.

— Bem, imagino que não tenha ouvido falar sobre todas as pessoas. Acho que ele nunca ouviu falar no senhor, mas não será por isso que Isabel não deverá se casar com ele.

Ralph soltou uma leve e ambígua risada.

— Que fúria a senhorita tem de casar as pessoas! Lembra-se de como queria casar a *mim* outro dia?

— Já me esqueci. O senhor não sabe como receber essas idéias. Mas o senhor Goodwood sabe, e é isso o que me agrada nele. É um homem esplêndido e um perfeito cavalheiro, e Isabel sabe disso.

— Ela gosta muito dele?

— Se não gosta, deveria gostar. Ele é simplesmente louco por ela.

— E a senhorita quer que eu o convide a vir aqui — disse Ralph em tom pensativo.

— Seria uma atitude de genuína hospitalidade.

— Caspar Goodwood — prosseguiu Ralph —; é um nome bastante imponente.

— Não estou interessada no nome dele. Poderia ser Ezekiel Jenkins e eu diria o mesmo. É o único homem que já vi que, na minha opinião, merece Isabel.

— A senhorita é uma amiga muito dedicada — observou Ralph.

— É claro que sou. Se está dizendo isso em tom de escárnio, não me importo.

— Não estou dizendo em tom de escárnio; estou bastante impressionado.

— Está sendo mais satírico que nunca, porém aconselho-o a não rir do senhor Goodwood.

— Posso assegurar-lhe que estou sendo muito sério; deveria compreender isso — insistiu Ralph.

Em um instante a moça compreendeu:

— Creio que está; agora está sério demais.

— É difícil agradá-la.

— Oh, está mesmo muito sério! Não vai convidar o senhor Goodwood.

— Não sei — retrucou Ralph. — Sou capaz de coisas estranhas. Conte-me alguma coisa sobre o senhor Goodwood. Como ele é?

— É bem o oposto do senhor. Está à testa de uma fábrica de algodão, uma grande fábrica.

— Ele tem modos agradáveis? — perguntou Ralph.

— Modos esplêndidos, no estilo americano.

— Ele seria um membro agradável em nosso pequeno círculo?

— Acho que não daria muita importância a nosso pequeno círculo. Iria concentrar-se em Isabel.

— E isso agradaria a minha prima?

— Possivelmente nem um pouco. Mas será bom para ela. Fará com que seus pensamentos sejam chamados de volta.

— De volta... de onde?

— De lugares estranhos e outros locais inaturais. Há três meses ela deu ao senhor Goodwood várias razões para supor que ele lhe fosse agradável, e não é digno de Isabel desprezar um amigo de verdade apenas por ter mudado de cenário. Eu também mudei de cenário, e em mim o efeito foi fazer-me mais apegada que nunca a minhas antigas ligações. Tenho a firme crença de que quanto mais depressa Isabel voltar ao que era, melhor. Conheço-a o bastante para saber que jamais seria realmente feliz aqui, e quero que crie algum vínculo americano forte que possa atuar como antídoto.

— Será que não está se precipitando um pouco? — indagou Ralph. — Não acha que deveria dar a ela mais oportunidades na pobre Inglaterra?

— Oportunidades para ela estragar sua brilhante e jovem vida? Nunca se é precipitado demais para salvar uma preciosa criatura humana do afogamento.

— Pelo que estou entendendo — disse Ralph —, quer que eu incentive o senhor Goodwood a ir atrás dela. Sabe que nunca ouvi minha prima mencionar o nome dele? — acrescentou.

Henrietta deu um sorriso radiante.

— Estou felicíssima por ouvir isso; prova quanto apreço ela tem por ele.

Ralph pareceu concordar que houvesse alguma razão nisso e mergulhou em reflexão enquanto a moça olhava-o de soslaio.

— Se eu convidar o senhor Goodwood — disse ele, por fim —, será para discutir com ele.

— Não faça isso; ele sairia ganhando.

— A senhorita está certamente fazendo de tudo para que eu o deteste! Acho, na verdade, que não posso convidá-lo. Fico com medo de ser rude.

— Faça o que quiser — retrucou Henrietta. — Não imaginei que o senhor também estivesse apaixonado por ela.

— Acredita mesmo nisso? — perguntou o rapaz, com as sobrancelhas erguidas.

— Essas são as palavras mais espontâneas que o ouvi dizer! É claro que acredito — disse a senhorita Stackpole, com habilidade.

— Bem — concluiu Ralph —, para provar-lhe que está errada, vou convidá-lo. Terá que ser, é claro, como amigo seu.

— Não será como amigo meu que ele virá, e não será para provar-me que estou errada que irá convidá-lo; mas para prová-lo a si mesmo!

Essas palavras finais da senhorita Stackpole (após as quais os dois se separaram) continham uma certa verdade que Ralph Touchett era obrigado a reconhecer; mas retirava a tal ponto o gume de um reconhecimento demasiado afiado que, apesar de desconfiar que seria um tanto mais indiscreto manter do que quebrar a promessa, escreveu ao senhor Goodwood um bilhete de seis linhas, expressando o prazer que teria o pai, o senhor Touchett, em recebê-lo para uma pequena reunião em Gardencourt, onde a senhorita Stackpole era uma hóspede de grande estima. Após enviar a carta (aos cuidados de um banqueiro que Henrietta sugeriu), ficou aguardando com certa expectativa. Ele ouvia essa nova e formidável personagem ser mencionada pela primeira vez; porque, quando sua mãe mencionara na chegada de Isabel uma história qualquer sobre a moça ter um “admirador” na sua terra, a idéia parecera carecer de realidade e ele não se dera ao trabalho de fazer perguntas cujas respostas envolveriam apenas o vago ou o desagradável. Agora, porém, a admiração nativa de que a prima era objeto tornara-se mais concreta; tomara a forma de um homem que a seguira até Londres, que tinha interesses numa beneficiadora de algodão e se portava no mais esplêndido estilo americano. Ralph tinha duas teorias sobre esse intruso: ou a paixão dele era uma ficção sentimental da senhorita Stackpole (sempre existia uma espécie de entendimento tácito entre as mulheres, nascido da solidariedade feminina, no sentido de terem o dever de descobrir ou inventar apaixonados umas para as outras) e, em tal caso, ele não inspirava receio e provavelmente não aceitaria o convite; ou então iria aceitar, e, nessa segunda hipótese, demonstraria ser uma criatura demasiado irracional para merecer maiores considerações. A última alternativa do argumento de Ralph poderia parecer incoerente, mas encarnava sua convicção de que, se o senhor Goodwood estivesse interessado em Isabel da maneira séria descrita pela senhorita Stackpole, não se dignaria a apresentar-se em Gardencourt por um chamado desta última. “Nessa hipótese”, pensou Ralph, “ele deve olhá-la como um espinho no caule de sua rosa; como intermediária, ele deve achar que lhe falta tato.”

Dois dias após ter mandado o convite, recebeu uma carta muito breve de Caspar Goodwood, agradecendo-lhe e lamentando que outros compromissos tornassem impossível uma visita a Gardencourt, além de apresentar também seus cumprimentos à senhorita Stackpole. Ralph entregou a carta a Henrietta, que, após lê-la, exclamou:

— Ora, nunca vi alguém ser tão orgulhoso!

— Receio que não seja tão afeiçoado a minha prima como a senhorita supõe — comentou Ralph.

— Não, não é isso; é algum motivo mais sutil. Ele é de natureza muito profunda. Mas estou decidida a sondá-la; e escreverei a ele para saber o que quer dizer com isso.

A recusa à proposta de Ralph era um tanto desconcertante; a partir do momento em que Caspar Goodwood declinou o convite para Gardencourt, nosso amigo começou a dar importância a ele. Perguntou-se que diferença fazia se os admiradores de Isabel fossem criminosos ou vadios; não eram seus rivais e tinham toda a liberdade de dar vazão ao próprio gênio. Não obstante, sentiu muita curiosidade sobre o resultado da prometida investigação da senhorita Stackpole quanto às causas do emproamento do senhor Goodwood — curiosidade por enquanto insatisfeita, ainda mais que, quando ele perguntou-lhe, três dias depois, se ela escrevera a Londres, ela teve que admitir que o fizera em vão: o senhor Goodwood não respondera.

— Imagino que esteja pensando — disse ela —; ele analisa muito as coisas; não é *mesmo* impetuoso. Mas estou acostumada a que respondam às minhas cartas no mesmo dia. — Não demorou muito para que propusesse a Isabel, por via das dúvidas, que fossem, juntas, dar uma volta em Londres.

— Para dizer a verdade — comentou — não estou vendo muita coisa ficando aqui, acho que você tampouco. Não vi sequer aquele aristocrata — como é o nome dele? —, lorde Warburton. Parece não fazer muita questão de sua companhia.

— Lorde Warburton virá amanhã, pelo que estou sabendo — retrucou a amiga, que recebera um bilhete do senhor de Lockleigh em resposta à sua carta. — Terá grande oportunidade de virá-lo do avesso.

— Bom, ele poderá servir para uma carta, mas o que é isso quando se quer escrever cinquenta delas? Descrevi toda a paisagem nestas vizinhanças e já elogiei todas as velhas e os burricos. Você pode dizer o que quiser, mas paisagem não compõe uma carta vital. Tenho que voltar a Londres e obter algumas impressões da vida real. Só fiquei lá três dias antes de vir para cá e isso é muito pouco tempo para se estabelecer contato.

Como na viagem de Nova York a Gardencourt Isabel vira ainda menos que isso da capital britânica, pareceu ser uma sugestão feliz de Henrietta que as duas fossem lá numa visita de lazer. A idéia parecia encantadora; Isabel estava curiosa sobre os copiosos aspectos de Londres que sempre tinham se apresentado como sólidos e ricos a seus olhos. Fizeram planos juntas, entregando-se a visões de horas românticas. Ficariam em uma antiga e pitoresca estalagem — uma das que foram descritas por Dickens —, andariam pela cidade num daqueles deliciosos fiacres. Henrietta era uma mulher de letras e a grande vantagem disso era poder ir a qualquer parte e fazer qualquer coisa. Jantariam num café e depois iriam ao teatro; visitariam a abadia e o Museu Britânico, e

descobririam onde haviam morado o doutor Johnson, Goldsmith e Addison. Isabel foi ficando entusiasmada e logo revelou a brilhante perspectiva a Ralph, que estourou numa enorme risada, longe de expressar a simpatia que ela almejava.

— É um plano magnífico — disse ele. — Aconselho-as a irem para a Cabeça do Duque, em Covent Garden, um lugar simples, informal e antiquado, e eu arranjurei para que as inscrevam no meu clube.

— Está querendo dizer que isso não fica bem? — perguntou Isabel. — Minha nossa, nada fica bem por aqui? Com Henrietta tenho certeza de que posso ir a qualquer lugar; ela não é assim tolhida. Já viajou por todo o continente norte-americano e pode pelo menos traçar seu próprio caminho, nesta diminuta ilha.

— Ah, então — disse Ralph — quero aproveitar a proteção dela para ir também até a cidade. Talvez jamais tenha uma oportunidade igual de viajar com tanta segurança!

Se dependesse da senhorita Stackpole, teriam saído imediatamente, mas, como vimos, Isabel fora avisada de que lorde Warburton voltaria outra vez a Gardencourt e achava ser seu dever permanecer ali para vê-lo. Por quatro ou cinco dias ele não dera resposta à sua carta; depois escrevera um bilhete bem conciso, dizendo que viria almoçar dali a dois dias. Havia algo nessas demoras e adiamentos que era tocante para a moça e renovava sua impressão de que ele desejava ser atencioso e paciente, e não parecer pressioná-la com grosseria; uma atenção ainda mais estudada por estar tão certa de ele “gostar mesmo” dela. Isabel disse ao tio que lhe escrevera, mencionando também que ele tinha a intenção de vir; o velho, por isso, saíra do quarto mais cedo que de hábito e aparecera para a refeição das duas horas. Não se tratava de modo algum de um ato de vigilância de sua parte, mas fruto de uma benevolente convicção de que, se ele fizesse parte do grupo, poderia contribuir para remediar alguma lacuna, caso Isabel desse ao nobre visitante outra audiência. Essa personagem chegou de Lockleigh trazendo sua irmã mais velha, medida que, presumimos, tenha sido ditada por reflexões da mesma ordem que as do senhor Touchett. As duas visitas foram apresentadas à senhorita Stackpole, que, durante o almoço, ocupou uma cadeira ao lado de lorde Warburton. Isabel, nervosa e nada contente com a perspectiva de discutir de novo a questão que ele abordara de modo tão prematuro, não pôde deixar de admirar nele seu autocontrole bem-humorado que disfarçava bem os sintomas daquela preocupação com a presença dela, o que era natural pensar que ele sentisse. Ele não a olhou e nem falou com ela, e o único sinal de emoção foi evitar encontrar-lhe o olhar. Falou bastante com todos os outros, contudo, e pareceu comer com gosto e apetite. A senhorita Molyneux, que tinha uma testa lisa de freira e usava uma grande cruz de prata pendurada ao pescoço, estava evidentemente preocupada com Henrietta Stackpole, em quem seus olhos pousavam constantemente de modo a sugerir um conflito entre profunda desafeição e admiração anelante. Das duas damas de Lockleigh, era de quem Isabel gostara mais; havia nela um profundo manancial de calma hereditária. Além disso, Isabel tinha certeza de que sua plácida testa e a cruz de prata referiam-se a algum estranho mistério anglicano — algum delicioso restabelecimento, talvez do pitoresco cargo de cônica. Perguntava a si mesma o que a senhorita Molyneux pensaria dela se soubesse que tinha rejeitado seu irmão; e então teve certeza de que a senhorita Molyneux nunca viria a saber, pois lorde Warburton jamais lhe contaria tais coisas. Ele gostava dela, era amável, mas, no todo, contava pouco a ela. Pelo menos, essa era a teoria de Isabel; à mesa, quando não estava entretida na conversa, geralmente ocupava-se em formar teorias sobre seus vizinhos. De acordo com Isabel, se a senhorita Molyneux viesse a saber um dia o que se passara entre ela e lorde Warburton, era provável que ficasse chocada com sua falta de vontade de subir na vida; ou não, antes (esta era a última interpretação de nossa heroína), atribuiria à jovem americana apenas a devida consciência

sobre desigualdade.

De qualquer modo, fosse o que fosse que Isabel tivesse feito de suas oportunidades, Henrietta Stackpole não estava de modo algum disposta a negligenciar aquelas que se lhe apresentavam no momento.

— Sabe que é o primeiro lorde que já vi? — perguntou logo a seu vizinho. — Imagino que me ache terrivelmente ignorante.

— Livrou-se de ver alguns homens muito feios — retrucou lorde Warburton, olhando um tanto distraído em volta da mesa.

— São muito feios? Tentam fazer-nos acreditar na América que são todos bonitos e magníficos e usam vestes e coroas maravilhosas.

— Ora, as vestes e as coroas saíram de moda — disse lorde Warburton —, como os tacapes e revólveres de vocês.

— Lamento isso; acho que a aristocracia deveria ser suntuosa — declarou Henrietta. — Se não for por isso, então para que serve?

— Oh, sabe, não serve para grande coisa, na melhor das hipóteses — admitiu o vizinho. — Aceita uma batata?

— Não sou muito amiga destas batatas européias. Não saberia dizer a diferença entre o senhor e um cavalheiro americano comum.

— Ah, vamos, fale comigo como se eu fosse um deles — disse lorde Warburton. — Não sei como consegue viver por aqui sem batatas; deve encontrar bem pouca coisa para comer.

Henrietta ficou em silêncio por um instante; havia uma possibilidade de ele não estar sendo sincero.

— Tenho tido pouco apetite desde que cheguei — continuou, por fim —, por isso não faz muita diferença. Não aprovo gente como o senhor, sabe; sinto que devo lhe dizer isso.

— Não aprova a mim?

— É; imagino que nunca lhe disseram isso antes, não é? Não aprovo os lordes como instituição. Acho que o mundo passou à frente deles, bem à frente.

— Ah, eu também. Não aprovo nem um pouco a mim mesmo. Às vezes, vem-me uma idéia: como eu faria objeções a mim, se eu não fosse eu, entende? Aliás, isso é bastante bom — não se vangloriar.

— Então por que não abre mão disso? — perguntou a senhorita Stackpole.

— Abrir mão de...? — perguntou lorde Warburton, rebatendo a áspera inflexão dela com uma suave modulação.

— Abrir mão de ser lorde.

— Oh, mas eu sou tão pouco lorde! Seria até possível esquecer, se vocês, pobres americanos, não estivessem sempre nos lembrando. Contudo, eu penso mesmo em abrir mão do lorde, do pouco que sobrou dele, um dia desses.

— Gostaria de vê-lo fazer isso! — exclamou Henrietta, em tom um tanto sombrio.

— Vou convidá-la para a cerimônia; haverá uma ceia e um baile.

— Bom — disse a senhorita Stackpole —, gosto de ver as coisas por todos os lados. Não aprovo

as classes privilegiadas, mas gosto de ouvir o que têm a dizer em seu favor.

— Muitíssimo pouco, como vê!

— Gostaria de descobrir mais um pouco do senhor — continuou Henrietta —, mas está sempre desviando o olhar. Tem medo de me olhar. Percebo que quer escapar de mim.

— Só estou procurando as menosprezadas batatas.

— Por favor, explique-me sobre aquela moça — a sua irmã —, então. Não estou entendendo. Ela é uma *lady*?

— É uma moça e tanto.

— Não gostei do modo como disse isso; como se quisesse mudar de assunto. A posição dela é inferior à sua?

— Nenhum de nós dois tem uma idéia formada nesse sentido, mas ela está melhor do que eu, porque não tem nada do aborrecimento.

— É, ela não tem mesmo cara de quem tem muito aborrecimento. Eu gostaria de ter tão pouco assim! Vocês produzem gente bem pacata por aqui, mesmo que não façam mais nada.

— Ah, sabe, leva-se a vida sem problemas, no geral — disse lorde Warburton. — E, além disso, somos um tanto maçantes. Ah, podemos ser muito maçantes quando queremos!

— Recomendaria que quisesse outra coisa. Eu não saberia sobre o que falar com sua irmã; ela tem um ar tão diferente! Aquela cruz de prata é um distintivo?

— Um distintivo?

— Uma marca de posição.

O olhar de lorde Warburton estava vagando pela mesa, mas ao ouvir isso encarou o olhar de sua vizinha de mesa.

— Oh, sim — respondeu, depois de um instante —, as mulheres têm uma queda por essas coisas. A cruz de prata é usada pelas filhas mais velhas de viscondes. — Essa foi sua inofensiva vingança por, às vezes, abusarem com facilidade de sua credulidade na América. Depois do almoço, propôs a Isabel irem até a galeria olhar os quadros e, apesar de ela saber que ele já vira os quadros vinte vezes antes, concordou sem críticas com tal pretexto. Sua consciência estava agora bem tranqüila: desde que lhe enviara a carta, sentira-se bastante aliviada. Ele foi andando devagar até o fim da galeria, olhando para os quadros, sem dizer nada; de repente, rompeu o silêncio:

— Eu esperava que não me escrevesse daquele modo.

— Era o único modo, lorde Warburton — disse a moça. — Por favor, acredite.

— Se eu pudesse acreditar nisso, é claro que poria o assunto de lado. Mas não posso fazê-lo só porque quero, e confesso que não entendo. Poderia entender a senhorita não gostar de mim; isso eu entenderia muito bem. Mas uma vez que admitiu que gos...

— O que admiti? — interrompeu Isabel, ficando um pouco pálida.

— Que me acha uma boa pessoa, não é isso? — Ela nada disse, e ele continuou: — Não parece ter razão alguma, e isso me dá a sensação de injustiça.

— Eu tenho uma razão, lorde Warburton. — Ela disse isso num tom que fez o coração dele contrair-se.

— Gostaria muito de saber qual é.

— Dir-lhe-ei no dia em que houver mais evidência dela.

— Desculpe dizer-lhe que até lá continuo a duvidar.

— Isso me faz muito infeliz — disse Isabel.

— Não sinto remorsos; talvez a ajude saber como me sinto. Poderia fazer-me o favor de responder a uma pergunta? — Isabel não assentiu de maneira audível, porém aparentemente ele viu algo nos olhos dela que lhe deu coragem para prosseguir. — Estou sendo preterido por outra pessoa?

— Essa é uma pergunta que eu prefiro não responder.

— Ah, então estou! — murmurou seu pretendente, com amargura.

A amargura comoveu-a, e ela exclamou:

— Está enganado! Não está.

Ele sentou-se num banco, sem cerimônia, obstinado, como um homem com problemas, os cotovelos apoiados nos joelhos e o olhar fixo no chão.

— Não consigo nem alegrar-me com isso — disse, por fim, recostando-se num repente à parede —, pois seria uma desculpa.

Ela ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— Uma desculpa? Eu tenho que me desculpar?

Ele não deu resposta à pergunta. Outra idéia lhe viera à cabeça.

— Será por causa de minhas opiniões políticas? Acha que vou longe demais?

— Não posso ter objeções contra suas opiniões políticas porque não as entendo.

— Não se importa com o que penso! — exclamou ele, levantando-se. — Não faz a menor diferença para a senhorita.

Isabel caminhou para o outro lado da galeria e ficou lá, de pé, exibindo para ele suas encantadoras costas, sua esbelta e leve figura, o longo pescoço alvo ao curvar a cabeça e a espessura de suas tranças escuras. Parou diante de um pequeno quadro como que com o propósito de examiná-lo, e havia algo de tão jovem e livre em seu movimento que sua própria flexibilidade parecia zombar dele. Mas os olhos nada viam; tinham ficado de repente inundados de lágrimas. Dali a um momento, ele seguiu-a, mas então ela já enxugara as lágrimas, apesar de seu rosto estar pálido ao virar-se, e os olhos com uma expressão estranha.

— Aquele motivo que não queria contar-lhe, vou revelar, afinal. É que não posso escapar a meu destino.

— Seu destino?

— Estaria tentando escapar se casasse com o senhor.

— Não compreendo. Por que *este* não poderia ser o seu destino, como qualquer outro?

— Porque não é — retrucou Isabel, de modo feminino. — Sei que não é. Não é meu destino renunciar, sei que não pode ser.

O pobre lorde Warburton ficou a olhá-la com uma expressão interrogativa.

— Acha que casar comigo é renunciar?

— Não no sentido habitual. É receber, receber, receber muitas coisas. Mas é renunciar a outras oportunidades.

— Outras oportunidades de quê?

— Não me refiro a oportunidades matrimoniais — disse Isabel, com a cor restaurada ao rosto. E então parou, e olhou para baixo com o cenho franzido, como se fosse inútil tentar tornar claro o que queria dizer.

— Não creio que seja presunção de minha parte sugerir que ganhará mais do que perderá — observou o companheiro.

— Não posso fugir da infelicidade — disse Isabel. — Ao casar com o senhor, estarei tentando fazer isso.

— Não sei se estaria tentando, mas com certeza fugiria: isso tenho que admitir francamente! — exclamou ele, com uma risada ansiosa.

— Não devo; não posso! — exclamou a moça.

— Bem, se está decidida a ser infeliz, não vejo por que deve também querer que eu o seja. Sejam quais forem os encantos que uma vida infeliz tenha para a senhorita, não tem nenhum para mim.

— Não estou decidida a levar uma vida infeliz — disse Isabel. — Sempre estive intensamente decidida a ser feliz e muitas vezes acreditei que seria. Disse isso a todos; pergunte a quem quiser. Mas de vez em quando me vem à cabeça que nunca poderei ser feliz de um modo extraordinário; não virando as costas, separando-me.

— Separando-se do quê?

— Da vida. Das oportunidades e dos perigos habituais, dos que a maioria das pessoas conhece e sofre.

Lorde Warburton abriu um sorriso que quase denotava esperança.

— Ora, minha querida senhorita Archer — começou a explicar com enorme vivacidade —, não lhe estou oferecendo exoneração da vida ou de quaisquer oportunidades ou perigos. Gostaria de poder fazê-lo; pode acreditar que sim! O que pensa que sou? Diga! Que Deus me ajude, não sou o imperador da China! Tudo o que lhe ofereço é a oportunidade de viver seu quinhão em conforto. O quinhão de cada um? Ora, eu sou totalmente a favor do quinhão de cada um! Faça uma aliança comigo e prometo-lhe que não lhe faltará o seu quinhão. Não se separará de absolutamente nada, nem mesmo de sua amiga, a senhorita Stackpole.

— Ela não iria aprovar nunca — disse Isabel, tentando sorrir e aproveitar-se desse desvio na conversa, mas desprezando-se também por fazê-lo.

— Estamos falando da senhorita Stackpole? — perguntou o lorde, impaciente. — Nunca vi uma pessoa julgar as coisas em bases tão teóricas.

— Agora imagino que esteja falando de mim — retrucou Isabel, humilde, e virou-se de novo, pois viu a senhorita Molyneux entrar na galeria, acompanhada de Henrietta e de Ralph.

A irmã de lorde Warburton dirigiu-se a ele com certa timidez, para lembrar-lhe de que ela deveria estar em casa para o chá, pois esperava convidados. Ele não lhe deu resposta; parecia não tê-la ouvido; estava preocupado e tinha bons motivos para estar. A senhorita Molyneux, como se ele fosse a realeza, ficou parada como uma dama da corte.

— Mas onde é que já se viu, senhorita Molyneux? — disse Henrietta Stackpole. — Se eu quisesse ir embora, ele teria que ir. Se eu quisesse que meu irmão fizesse uma coisa, ele teria que fazê-la.

— Oh, Warburton faz tudo o que queremos — respondeu a senhorita Molyneux com uma risadinha breve e tímida. — Quantos quadros vocês têm! — continuou, voltando-se para Ralph.

— Parecem ser muitos porque estão todos juntos — disse Ralph. — Mas na verdade é um arranjo ruim.

— Oh, eu acho muito bom. Gostaria que tivéssemos uma galeria em Lockleigh. Gosto tanto de quadros! — continuou a senhorita Molyneux, persistente, para Ralph, como se estivesse com medo de que a senhorita Stackpole tornasse a falar com ela. Henrietta parecia fasciná-la e amedrontá-la ao mesmo tempo.

— Ah, sim, quadros são muito convenientes — disse Ralph, que parecia estar muito informado sobre o tipo de reflexão aceitável para ela.

— São muito agradáveis quando chove — prosseguiu a jovem dama. — Ultimamente tem chovido tanto!

— Sinto muito que vá embora, lorde Warburton — disse Henrietta. — Eu queria descobrir muito mais com o senhor.

— Não vou embora — retrucou lorde Warburton.

— Sua irmã está dizendo que o senhor terá que ir. Na América os cavalheiros obedecem às damas.

— Receio que tenhamos algumas pessoas para o chá — disse a senhorita Molyneux, olhando para o irmão.

— Está bem, minha cara, então vamos.

— Eu estava esperando que o senhor resistisse! — exclamou Henrietta. — Queria ver o que a senhorita Molyneux faria.

— Nunca faço nada — disse esta última.

— Suponho que, na sua posição, basta existir! — volveu a senhorita Stackpole. — Gostaria muito de visitá-la em sua casa.

— Deve ir a Lockleigh outra vez — disse a senhorita Molyneux, com doçura, para Isabel, ignorando a observação da amiga dela.

Isabel fitou os olhos calmos da outra por um momento e, nesse instante, pareceu-lhe ver em suas profundezas cinzentas o reflexo de tudo a que renunciara ao rejeitar lorde Warburton — a paz, a bondade, a honra, as posses, uma profunda segurança e uma grande exclusão. Beijou a senhorita Molyneux e disse:

— Receio nunca mais poder ir.

— Nunca mais?

— Acho que vou embora.

— Oh, lamento tanto! — disse a senhorita Molyneux. — Acho que está cometendo um grande erro.

Lorde Warburton observou esse colóquio; depois virou-se e ficou olhando para um quadro. Na barra que protegia o quadro encostou-se com as mãos nos bolsos, enquanto Ralph o observava.

— Eu gostaria de visitá-lo em sua casa — disse Henrietta, postando-se ao lado de lorde Warburton. — Gostaria de ter uma conversa de uma hora com o senhor; há um grande número de

perguntas que gostaria de lhe fazer.

— Terei o maior prazer em vê-la — retrucou o proprietário de Lockleigh. — Mas tenho certeza de que não poderei responder a muitas de suas perguntas. Quando irá?

— Quando a senhorita Archer me levar. Estamos pensando em ir para Londres, mas podemos visitá-lo antes. Estou resolvida a obter alguma satisfação do senhor.

— Se depender da senhorita Archer, receio que não obterá muita. Ela não irá a Lockleigh; não gosta daquele lugar.

— Ela me disse que era lindo! — disse Henrietta.

Lorde Warburton hesitou.

— Mesmo assim, não irá. É melhor ir sozinha — acrescentou.

Henrietta empertigou-se e seus olhos grandes abriram-se ainda mais.

— Teria feito esse comentário para uma dama inglesa? — perguntou com aspereza controlada.

Lorde Warburton olhou-a, espantado.

— Sim, se eu gostasse dela o suficiente para isso.

— Tomaria o cuidado de não gostar o suficiente dela. Se a senhorita Archer não quer visitar sua casa novamente, é porque não quer me levar. Sei o que ela pensa a meu respeito e imagino que o senhor pense o mesmo: que eu não devo entrar no aspecto pessoal. — Lorde Warburton estava perdido; não lhe tinham dito qual era a atividade profissional da senhorita Stackpole e não conseguia compreender sua alusão. — A senhorita Archer o avisou! — continuou ela.

— Avisou-me?

— Não foi por isso que ela se retirou para cá com o senhor? Para pô-lo na defensiva?

— Oh, céus, não! — disse lorde Warburton com descaro. — Nossa conversa não tinha um caráter tão solene assim.

— Bem, o senhor se coloca na defensiva, e muito. Imagino que isso lhe seja natural; e é exatamente isso que eu queria observar. E também a senhorita Molyneux; ela não queria se comprometer. Pelo menos ela foi avisada — continuou Henrietta, voltando-se para a moça —; mas para a senhorita não era necessário.

— Espero que não — disse a senhorita Molyneux, de modo vago.

— A senhorita Stackpole faz anotações — explicou Ralph, para apaziguar os ânimos. — É uma grande satirista; vê dentro de nós todos e trabalha com isso.

— Bem, tenho que admitir que nunca tive uma coleção tão vasta de material ruim! — declarou Henrietta, olhando de Isabel para lorde Warburton, e desse nobre senhor para a irmã dele e para Ralph. — Há algo de errado com vocês todos; estão desanimados como se tivessem recebido uma notícia ruim!

— A senhorita vê mesmo dentro de nós, senhorita Stackpole — disse Ralph, em voz baixa, acenando-lhe de leve com a cabeça com ar esperto enquanto conduzia o grupo para fora da galeria. — Há algo de errado conosco.

Isabel vinha atrás dos dois; a senhorita Molyneux, que decididamente gostava muitíssimo dela, tomara-lhe o braço para caminhar a seu lado pelo chão encerado. Lorde Warburton foi andando do outro lado, com as mãos às costas e os olhos baixos. Durante alguns momentos, nada disse;

então perguntou:

— É verdade que vai para Londres?

— Acho que foi o combinado.

— E quando voltará?

— Dentro de alguns dias, mas provavelmente só por um tempo muito curto. Vou a Paris com minha tia.

— Então quando a verei novamente?

— Não durante algum tempo — respondeu Isabel. — Mas um dia desses, espero.

— Realmente espera?

— Muito.

Ele deu mais alguns passos em silêncio, depois parou e estendeu a mão.

— Adeus.

— Adeus — disse Isabel.

A senhorita Molyneux beijou-a outra vez, e ela deixou os dois se retirarem. Depois, sem juntar-se a Henrietta ou Ralph, retirou-se para seu quarto onde, antes do jantar, foi encontrada pela senhora Touchett, que tinha parado lá a caminho do salão.

— Quero adiantar-lhe — disse a dama — que seu tio informou-me a respeito de seu relacionamento com lorde Warburton.

Isabel refletiu.

— Relacionamento? Nem é um relacionamento. Isso é que é estranho: ele só me viu umas três ou quatro vezes.

— Por que contou a seu tio e não a mim? — perguntou a senhora Touchett com voz neutra.

A moça hesitou de novo.

— Porque ele conhece melhor lorde Warburton.

— Sim, mas eu a conheço melhor.

— Não tenho certeza disso — disse Isabel, com um sorriso.

— Nem eu, no fim das contas; principalmente quando você me olha com esse ar tão convencido! Parece que está muito satisfeita consigo mesma e que recebeu um prêmio! Imagino que, se recusa uma oferta como a de lorde Warburton, é porque espera conseguir algo melhor.

— Ah, meu tio não disse isso! — exclamou Isabel, ainda sorrindo.

Tinha sido combinado que as duas jovens iriam para Londres acompanhadas de Ralph, embora a senhora Touchett não visse com bons olhos esse plano. Era o tipo de plano, disse ela, que a senhorita Stackpole sugeriria, e perguntou se a correspondente do *Interviewer* levaria o grupo para se hospedar em sua pensão favorita.

— Não quero saber para onde nos leva, desde que haja cor local — disse Isabel. — É para isso que estamos indo a Londres.

— Imagino que, depois de uma moça recusar um lorde inglês, pode fazer qualquer coisa — insistiu a tia. — Depois disso, não precisa mais se preocupar com ninharias.

— A senhora gostaria que eu me casasse com lorde Warburton? — perguntou Isabel.

— É claro que sim.

— Pensei que detestasse os ingleses.

— E detesto; maior razão ainda para fazer uso deles.

— Essa é a sua idéia do casamento? — E Isabel atreveu-se a acrescentar que lhe parecia ter ela utilizado muito pouco o senhor Touchett.

— Seu tio não é um nobre inglês — disse a senhora Touchett —, mas, mesmo que fosse, provavelmente eu teria continuado a residir em Florença.

— Acha que lorde Warburton poderia tornar-me melhor do que sou? — perguntou a moça com alguma animação. — Não estou querendo dizer que seja boa demais para ser melhorada. Quero dizer... quero dizer que não amo suficientemente lorde Warburton para casar-me com ele.

— Então agiu certo ao rejeitá-lo — disse a senhora Touchett, com sua voz breve e seca. — Só espero que, quando receber outra boa oferta, consiga preencher seus requisitos.

— É melhor esperarmos que a oferta se concretize antes de falarmos sobre ela. Espero realmente não ter mais ofertas no momento. Perturbam-me muito.

— Provavelmente não será incomodada com ofertas se adotar um permanente estilo boêmio de vida. Mas prometi a Ralph que não a criticaria.

— Farei tudo o que Ralph disser que é certo — volveu Isabel. — Tenho confiança ilimitada nele.

— A mãe dele fica-lhe muito agradecida! — disse a senhora, com uma risada seca.

— Acho mesmo que deveria ficar! — disse Isabel, num rompante.

Ralph tinha-lhe garantido que não haveria violação da decência no fato de eles fazerem uma visita — o pequeno grupo de três — aos pontos turísticos da metrópole, mas a senhora Touchett tinha opinião diferente. Como muitas senhoras de seu país que haviam vivido muito tempo na Europa, perdera por completo o tato nativo com relação a esses assuntos, e, em sua reação, não condenável em si mesma, contra a liberdade permitida além-mar aos jovens, tinha caído em gratuitos e exagerados escrúpulos. Ralph acompanhou suas hóspedes à cidade e instalou-as numa

tranqüila hospedaria, numa rua que ia dar em Piccadilly. A primeira idéia tinha sido levá-las para a casa do pai na Winchester Square, uma grande e aborrecida mansão que, nessa época do ano, estava amortalhada em silêncio e linho cru; mas disse a si mesmo que, como a cozinheira estava em Gardencourt, não havia ninguém na casa para preparar-lhes as refeições, e assim o Pratt's Hotel acabou sendo o lugar onde se acomodaram. Por sua vez, Ralph encontrou alojamento na Winchester Square, que tinha um “estúdio” do qual gostava muito, e por estar acostumado com medos mais profundos que o causado por uma cozinha apagada. Utilizou em grande escala as facilidades do Pratt's Hotel, começando o dia com uma visita matinal a suas companheiras de viagem, que contavam com o senhor Pratt em pessoa, de enorme colete branco prestes a estourar, para servir-lhes a refeição. Ralph aparecia, como dizia ele, depois do café-da-manhã, e o pequeno grupo compunha o plano de diversão do dia. Como Londres exhibe no mês de setembro uma face neutra, exceto pelas manchas da refeição anterior, o rapaz, de vez em quando e em tom de desculpa, era obrigado a lembrar à sua companheira, para grande escárnio da senhorita Stackpole, que não havia viva alma na cidade.

— Suponho que queira dizer que a aristocracia esteja ausente — respondeu Henrietta —, mas acho que não poderíamos ter melhor prova de que, se estivessem totalmente ausentes, sua falta não seria sentida. Parece-me que este lugar já está tão cheio quanto possível. Não há ninguém aqui, é claro, a não ser três ou quatro milhões de pessoas. Como é que vocês os chamam? Classe média baixa? São apenas a população de Londres, e isso não tem importância.

Ralph afirmou que para ele a aristocracia não deixava vazio algum que a própria senhorita Stackpole não pudesse preencher, e que um homem mais satisfeito que ele no momento não seria encontrado. Ao dizer isso, falava a verdade, pois os insípidos dias de setembro, na enorme cidade meio vazia, continham um encanto análogo ao de uma pedra preciosa e colorida embrulhada num pano empoeirado. Quando voltava à noite para a casa vazia da Winchester Square, depois de uma sucessão de horas com suas comparativamente entusiásticas amigas, ia até a grande e sombria sala de jantar, onde a vela que apanhara da mesa do vestíbulo depois de entrar constituía a única iluminação. A praça estava quieta, a casa estava quieta; ao levantar uma das janelas da sala de jantar para deixar entrar o ar, ouviu o lento ranger das botas de um guarda solitário. Seus próprios passos, na casa vazia, pareciam altos e sonoros; alguns tapetes tinham sido levantados, e por onde quer que andasse despertava um eco melancólico. Sentou-se em uma das poltronas; a grande e escura mesa de jantar reluziu aqui e ali à fraca luz da vela; os quadros na parede, todos eles muito castanhos, tinham um ar vago e incoerente. Havia uma presença fantasmagórica como a de jantares há muito digeridos, de conversas em torno da mesa que perderam sua atualidade. Esse toque de sobrenatural talvez tivesse algo a ver com o fato de sua imaginação criar asas e ele ficar na cadeira por muito tempo, além da hora em que deveria ter se deitado, sem fazer nada, nem mesmo ler o jornal vespertino. Digo que nada fazia e mantenho a frase diante do fato de, nesses momentos, ele pensar em Isabel. Pensar nela só poderia ser, para ele, ocupação ociosa que a nada levava e de pouco proveito seria. Sua prima nunca lhe parecera tão encantadora quanto naqueles dias, passados a sondar, como turistas, as profundezas e os baixios do elemento metropolitano. Isabel era cheia de premissas, de conclusões, de emoções; se tinha vindo em busca de cor local, encontrava-a por toda

parte. Fazia mais perguntas do que ele podia responder e lançava corajosas teorias sobre as causas históricas e os efeitos sociais, que ele também não conseguia aceitar ou refutar. O grupo foi mais de uma vez até o Museu Britânico e àquele palácio mais brilhante da arte que tenta reaver para a multiplicidade de antigüidades uma vasta área de um monótono subúrbio; passaram a manhã na Abadia de Westminster e foram numa barca que cobrava um *penny* até a Torre de Londres; olharam quadros tanto de coleções públicas como particulares e sentaram-se em ocasiões diversas sob as grandes árvores de Kensington Gardens. Henrietta provou ser excursionista indestrutível e juiz mais tolerante do que Ralph atrevera-se a esperar. Ela ficou de fato muito desapontada várias vezes, e Londres em geral sofreu em comparação à vívida lembrança que tinha dos pontos mais fortes das idéias cívicas americanas; mas ela fez boa cara às suas desbotadas dignidades, só deixando escapar ocasionais suspiros e incoerentes “Bom!”, que não iam mais longe e acabavam se perdendo em retrospecto. A verdade era, como dizia para si mesma, que não estava em seu elemento.

— Não tenho simpatia por objetos inanimados — comentou para Isabel na Galeria Nacional, e continuou a padecer da exigüidade do vislumbre que até agora lhe fora concedido da vida interior. Paisagens pintadas por Turner e touros assírios eram substitutos pobres dos jantares literários nos quais esperara conhecer o gênio e o renome da Grã-Bretanha.

— Onde estão seus homens públicos, onde estão os homens e mulheres de intelecto? — perguntou ela a Ralph, de pé no meio da Trafalgar Square, como se tivesse julgado ser esse o lugar onde naturalmente iria encontrar alguns. — Esse no alto da coluna é um deles? Lorde Nelson? Ele também era lorde? Já não era suficientemente alto, precisavam empoleirá-lo a trinta metros de altura? Isso é o passado; não estou interessada no passado; quero ver algumas das mentes de liderança do presente. Não vou dizer do futuro, porque não acredito muito no futuro de vocês. — O pobre Ralph tinha poucas mentes de liderança entre suas amizades e raramente tinha o prazer de falar de perto com uma celebridade; essa situação parecia à senhorita Stackpole indicar uma deplorável falta de iniciativa. — Se eu estivesse do outro lado, faria uma visita — disse ela — e diria ao cavalheiro, quem quer que ele fosse, que ouvira falar muita coisa a seu respeito e lá estava para tirar a prova. Mas percebo, pelo que o senhor diz, que não é esse o costume aqui. Vocês parecem ter uma porção de costumes sem sentido, mas nenhum que sirva para alguma coisa. Nós *estamos* na frente, com certeza. Imagino que vou ter que renunciar por completo ao lado social — e Henrietta, apesar de andar por toda parte com um guia e um lápis, e ter escrito uma carta para o *Interviewer* a respeito da Torre de Londres (na qual descrevia a execução de *lady* Jane Grey), tinha a triste sensação de não estar se mantendo à altura da missão.

O incidente que precedera a partida de Isabel de Gardencourt deixara vestígios dolorosos na mente de nossa jovem; ao tornar a sentir no rosto, como repetida onda, o hálito frio da surpresa de seu último pretendente, a única coisa que podia fazer era tapar a cabeça com as mãos até que a sensação passasse. Não poderia ter feito menos do que fez; isso era verdade, com certeza. Mas a necessidade dela, ainda assim, tinha sido tão desprovida de graça como um ato físico numa atitude rígida, e ela não sentia desejo algum de gabar-se de sua conduta. Junto com esse orgulho imperfeito, não obstante, havia uma sensação de liberdade que era doce por si só e que, enquanto ela vagueava pela grande cidade com seus desencontrados companheiros, pulsava de vez em

quando em estranhas demonstrações. Ao caminhar em Kensington Gardens, fazia parar as crianças (geralmente as pobres) que via brincando no gramado; perguntava-lhes o nome e dava-lhes seis *pence* e, se fossem bonitinhas, beijava-as. Ralph notou essas peculiares caridades; ele notava tudo o que ela fazia. Uma tarde, para ajudar as companheiras a passar o tempo, convidou-as a tomar chá em Winchester Square e mandou arrumar a casa tanto quanto possível para a visita delas. Havia outra pessoa convidada, um solteirão simpático, velho amigo de Ralph, que estava na cidade e para quem o imediato contato com a senhorita Stackpole pareceu não apresentar problemas ou temores. O senhor Bantling, um homem corpulento e elegante de uns quarenta anos, sorridente, bem vestido, dotado de conhecimento sobre tudo, que se divertia ao ponto da incoerência e ria desbragadamente de tudo que Henrietta dizia, serviu-lhe várias xícaras de chá, examinou em sua companhia um bricabraque da coleção considerável que Ralph possuía, e depois, quando o anfitrião propôs que fossem até a praça e fizessem de conta que era uma *fête champêtre*, caminhou com ela em volta do limitado espaço várias vezes, e, após uma dúzia de voltas e muita conversa, respondeu — como que com positiva paixão pela discussão — aos comentários dela sobre vida íntima.

— Ah, entendo; imagino que tenha achado Gardencourt muito parada. É claro que não está acontecendo lá grande coisa, com tanta doença que eles têm. Touchett está muito mal, sabe; os médicos proibiram-no de ficar na Inglaterra, e ele só voltou para cuidar do pai. O velho, acho eu, tem lá uma meia dúzia de problemas. Dizem que é gota, mas tenho informação segura de que ele tem uma doença tão adiantada que, esteja certa, qualquer dia desses ele se vai, e bem depressa. Claro que esse tipo de coisa torna a casa muito aborrecida; pergunto-me por que recebem as pessoas tendo tão pouco tempo para ocupar-se com elas. Depois, creio que o senhor Touchett está sempre discutindo com a esposa; ela mora separada do marido, sabe, seguindo esses seus extraordinários costumes americanos. Se a senhorita quiser uma casa onde sempre esteja acontecendo alguma coisa, recomendo-lhe que fique com minha irmã, *lady* Pensil, em Bedfordshire. Vou escrever para ela amanhã, e tenho certeza de que ficará encantada em recebê-la. Sei exatamente o que quer: uma casa em que as pessoas se interessem por encenar peças teatrais, fazer piqueniques e coisas afins. Minha irmã é bem esse tipo de mulher; está sempre organizando uma coisa e outra e fica contente de ter pessoas que possam ajudá-la. Tenho certeza de que lhe enviará o convite com a volta do correio; ela gosta muitíssimo de gente ilustre e de escritores. Ela também escreve, sabe; embora eu não tenha lido tudo o que ela escreveu; geralmente é poesia e eu não sou muito afeiçoado a poesia — a não ser Byron. Imagino que tenham opinião muito boa sobre Byron na América — continuou o senhor Bantling, expandindo-se ante a atmosfera estimulante da atenção da senhorita Stackpole, encadeando as frases com rapidez e mudando de tópico com um ágil meneio da mão. Contudo, com igual graça, manteve viva a idéia, deslumbrante para Henrietta, de ela ficar com *lady* Pensil, em Bedfordshire. — Sei o que gostaria de ver: alguma atividade genuinamente inglesa. Os Touchett não são nada ingleses, sabe; têm seus próprios hábitos, sua própria comida — até mesmo uma religião estranha, creio eu. O velho acha maldade caçar, pelo que me contaram. A senhorita tem que ir para a casa de minha irmã antes da peça, e tenho certeza de que ela ficará feliz por lhe dar um papel. Estou certo de que representa bem; sei

que a senhorita é muito inteligente. Minha irmã tem quarenta anos e sete filhos, e vai fazer o papel principal. Embora não seja bonita, acho que se apresenta muito bem — isso devo dizer em favor dela. É claro que, se não quiser, a senhorita não precisará representar.

E, falando assim, o senhor Bantling ia passeando pelo gramado da Winchester Square, pois a relva, embora manchada pela fuligem de Londres, ainda era agradável ao pisar. Henrietta achou esse solteirão exuberante e de fala fácil, com sua impressionabilidade pelo mérito feminino e seu esplêndido leque de interesses, um homem muito agradável, e deu o devido valor à oportunidade que ele lhe oferecia.

— Não poderia deixar de ir, se sua irmã me convidasse. Acho que seria um dever. Como é mesmo o nome dela?

— Pensil. É um nome estranho, mas não é mau.

— Acho que tanto vale um nome como outro. Mas qual é a posição dela?

— Oh, ela é esposa de um barão; é uma posição muito adequada. É de gente de bem, mas não de bem demais.

— Talvez ela seja de bem demais para mim. Como se chama o lugar onde ela mora? Bedfordshire?

— É bem na extremidade norte dessa região. É um lugar cansativo, mas acho que a senhorita não vai se importar. Tentarei dar um pulo até lá durante sua estada.

Tudo isso era muito agradável para a senhorita Stackpole, que lamentou ter que se separar do amável irmão de *lady* Pensil. Mas acontece que tinha encontrado na véspera, em Piccadilly, amigas a quem não via há um ano: as senhoritas Climber, originárias de Wilmington, Delaware, que tinham estado viajando pelo continente e já se preparavam para retornar à América. Henrietta tivera uma longa conversa com elas na calçada de Piccadilly, e, embora as três senhoras falassem todas ao mesmo tempo, não tinham esgotado suas reservas. Ficou combinado, portanto, que Henrietta jantaria com elas na casa onde tinham alugado quartos, na Jermyn Street, às seis horas do dia seguinte, e agora ela se lembrava desse compromisso. Preparou-se para ir até a Jermyn Street, despedindo-se antes de Ralph Touchett e de Isabel que, sentados em cadeiras de jardim em outro canto da praça, estavam entretidos — se é que o termo pode ser usado — numa troca de amenidades menos objetiva que o colóquio prático da senhorita Stackpole com o senhor Bantling. Depois de ficar acertado entre Isabel e a amiga que tornariam a se encontrar num horário decente, no Pratt's Hotel, Ralph observou que Henrietta teria que tomar um carro. Não poderia andar até a Jermyn Street.

— Imagino que queira dizer que não fica bem eu andar sozinha! — exclamou Henrietta. — Misericórdia, será que cheguei a esse ponto?

— Não há a menor necessidade de a senhorita ir sozinha — interpôs o senhor Bantling, num tom alegre. — Eu terei o maior prazer em acompanhá-la.

— Eu só quis dizer que se atrasaria para o jantar —olveu Ralph. — As pobres senhoras podem pensar que, no último instante, nos negamos a nos afastar de sua companhia.

— É melhor você tomar um fiacre, Henrietta — disse Isabel.

— Eu vou conseguir-lhe um, se confiar em mim — continuou o senhor Bantling. — Podemos

andar um pouco, até encontrarmos um.

— Não vejo por que não deveria confiar nele; o que você acha? — perguntou Henrietta a Isabel.

— Não vejo o que o senhor Bantling poderia lhe fazer — respondeu Isabel, como era esperado —, mas se quiser poderemos acompanhá-la até que encontre uma condução.

— Não é preciso; vamos sozinhos. Venha, senhor Bantling, e veja se me arranja uma boa carruagem.

O senhor Bantling prometeu fazer o possível, e os dois foram embora, deixando a moça e o primo na praça, onde um entardecer límpido de setembro agora começava a cair. Tudo estava parado; o amplo quadrilátero de casas já escuras não ostentava uma única luz acesa nas janelas, cujas venezianas e postigos estavam fechados; as calçadas eram áreas desertas e, com exceção de duas crianças pequenas de um cortiço próximo, que atraídas pelos sintomas de movimentação anormal na praça enfiavam a cara entre as grades enferrujadas que a cercavam, o objeto mais vívido à vista era a grande caixa vermelha de correio na esquina sudeste.

— Henrietta vai pedir a ele que entre no fiacre e a acompanhe até a Jermyn Street — comentou Ralph. Sempre dirigia-se à senhorita Stackpole como Henrietta.

— É bem possível — retorquiu sua companheira.

— Ou melhor, não; não o fará — continuou ele. — Mas Bantling pedirá licença para ir junto.

— É bem possível, também. Estou contente que tenham se dado tão bem.

— Ela fez uma conquista. Ele a acha uma mulher brilhante. Isso pode ir longe — disse Ralph.

Isabel ficou calada por um instante.

— Eu acho Henrietta uma mulher brilhante, mas não acho que vá longe. Nunca chegariam a conhecer um ao outro, na verdade. Ele não tem a menor idéia de como ela realmente é, e ela não tem uma compreensão exata a respeito do senhor Bantling.

— Não existe base mais usual para uma união que um mal-entendido mútuo. Mas não deve ser tão difícil entender Bob Bantling — acrescentou Ralph. — É um organismo muito simples.

— Sim, mas Henrietta é mais simples ainda. E, por falar nisso, o que eu vou fazer? — perguntou Isabel, olhando em volta, à luz cada vez mais tênue que fazia o paisagismo limitado da praça assumir uma proporção efetiva e enaltecida. — Não imagino que proponha que você e eu, para nos divertirmos, devamos ficar andando de fiacre por Londres.

— Não há razão para não ficarmos aqui, se você estiver gostando. Está bastante quente; ainda falta meia hora para escurecer e, se me der licença, vou fumar um cigarro.

— Pode fazer o que quiser — disse Isabel —, se me entretiver até as sete horas. Pretendo voltar nessa hora e fazer uma simples e solitária refeição: dois ovos escaldados e um pãozinho, no Pratt's Hotel.

— Não jantaria comigo? — perguntou Ralph.

— Não, você janta no seu clube.

Estavam de volta às cadeiras no meio da praça, e Ralph tinha acendido o cigarro. Ele teria imenso prazer de participar do modesto banquete que ela descrevera; mas, não sendo possível, gostava até mesmo que isso lhe fosse proibido. No momento, contudo, estava apreciando muitíssimo ficar a sós com ela, em meio às sombras do crepúsculo, no centro da fervilhante cidade;

fazia com que ela parecesse depender dele e estar em suas mãos. Esse era um poder que ele só podia exercer de forma vaga; o melhor modo de exercê-lo era aceitar a decisão dela docilmente — nisso, certamente, havia uma emoção.

— Por que não me permite jantar com você? — indagou, depois de uma pausa.

— Porque não quero.

— Imagino que esteja cansada de mim.

— Vou estar cansada daqui a uma hora. Como vê, tenho o poder de previsão.

— Oh, nesse meio-tempo vou ser encantador — disse Ralph. Mas não disse mais nada e, como ela também não comentou nada, ficaram durante algum tempo num silêncio que parecia contradizer a promessa que ele fizera de entretê-la. Ele achou que ela estava preocupada e perguntou-se o que estaria pensando; havia dois ou três assuntos muito prováveis. Por fim, rompeu o silêncio:

— Sua objeção à minha companhia esta noite seria causada pela expectativa de outra visita?

Ela voltou a cabeça para ele e olhou-o com seus olhos claros e límpidos:

— Outra visita? Que visita seria essa?

Ele não tinha ninguém para sugerir, o que tornava sua pergunta ainda mais tola, além de brutal.

— Você tem muitas amizades que não conheço. Tem todo um passado do qual eu fui excluído perversamente.

— Você foi reservado para o meu futuro. Deve lembrar-se de que meu passado está lá do outro lado do oceano. Não há nada dele aqui em Londres.

— Muito bom, então, já que seu futuro está sentado a seu lado. É uma grande coisa ter o seu futuro tão à mão. — E Ralph acendeu outro cigarro, refletindo que Isabel provavelmente queria dizer que recebera notícia de que o senhor Caspar Goodwood tinha viajado para Paris. Depois de acender o cigarro, ficou fumando durante algum tempo, e então continuou: — Acabei de prometer ser muito divertido, mas está vendo que não estou dando conta do recado; o fato é que é uma grande temeridade alguém se propor a divertir uma pessoa como você. O que lhe interessam minhas débeis tentativas? Você tem idéias grandiosas, tem alto padrão nessas questões. O mínimo que eu poderia fazer era mandar vir uma banda de música ou um grupo de saltimbancos.

— Um saltimbanco já basta, e você faz muito bem esse papel. Por favor, continue, e daqui a uns dez minutos vou começar a dar risada.

— Garanto-lhe que estou muito sério — disse Ralph. — Você exige muito mesmo.

— Não sei o que quer dizer. Não estou exigindo nada!

— Não aceita nada — disse Ralph. Ela enrubesceu, e de repente pareceu-lhe ter adivinhado o que ele queria dizer. Mas por que ele tinha que lhe falar dessas coisas? Ele hesitou um pouco e depois continuou: — Há uma coisa que gostaria muito de dizer-lhe. É uma pergunta que quero fazer. Parece-me que tenho esse direito, porque estou um tanto interessado na resposta.

— Pergunte o que quiser — retrucou Isabel, em tom brando —, e tentarei satisfazê-lo.

— Bem, então espero que não se importe que eu lhe diga que Warburton contou-me alguma coisa sobre o que se passou entre vocês dois.

Isabel dissimulou um sobressalto e ficou olhando para o leque aberto.

— Bem, imagino que seja natural ele contar-lhe.

— Tenho permissão dele para dizer a você que me contou. Ele ainda nutre esperanças — disse

Ralph.

— Ainda?

— Alguns dias atrás, ainda nutria.

— Não creio que ainda o faça — disse a moça.

— Lamento por ele, então; é um homem honesto.

— Diga-me: ele pediu-lhe que falasse comigo?

— Não, não mesmo. Mas contou-me porque não pôde evitar. Somos velhos amigos e ele sofreu um desapontamento muito grande. Escreveu-me algumas linhas pedindo-me para ir vê-lo, e eu fui até Lockleigh na véspera do dia em que ele e a irmã almoçaram conosco. Ele estava muito acabrunhado; tinha acabado de receber sua carta.

— Ele lhe mostrou a carta? — perguntou Isabel, com involuntária elevação.

— De modo algum. Mas disse-me que era uma negativa clara. Lamentei muito por ele — repetiu Ralph.

Durante alguns instantes, Isabel nada disse. Depois, por fim, perguntou:

— Sabe quantas vezes ele tinha me visto? Cinco ou seis.

— Isso só a enaltece.

— Não é por isso que estou falando.

— Então por quê? Não é para provar que o estado de espírito do pobre Warburton é superficial, pois tenho toda a certeza de que não é isso o que pensa.

Certamente Isabel não podia dizer que era isso o que pensava; mas logo disse outra coisa:

— Se não lhe foi pedido por lorde Warburton que insistisse comigo, então faz isso de forma desinteressada ou por amor à discussão.

— Não tenho o menor desejo de discutir com você. Só quero deixá-la em paz. É que estou muito interessado em seus sentimentos.

— Fico-lhe muito grata! — exclamou Isabel, com um riso levemente nervoso.

— Naturalmente o que você quer dizer é que estou me metendo no que não me diz respeito. Mas por que eu não deveria falar-lhe sobre esse assunto sem aborrecê-la ou sentir-me embaraçado? Para que serve ser seu primo se não posso ter alguns privilégios? De que adianta eu adorá-la sem esperança de retribuição se não posso ter algumas compensações? De que adianta estar doente e inválido e limitado a ser mero espectador do jogo da vida se de fato não posso ver o espetáculo quando paguei tão caro por minha entrada? Diga-me uma coisa — continuou Ralph enquanto ela ouvia com atenção desperta —, no que estava pensando quando rejeitou lorde Warburton?

— No que eu estava pensando?

— Qual era a lógica, a opinião sobre sua situação, que ditou ação tão inusitada?

— Eu não queria casar com ele, se isso é lógico.

— Não, não é lógico, eu já sabia disso. Não é nada, na verdade, sabe? O que foi que *disse* a si mesma? Certamente mais do que isso.

Isabel refletiu por um instante, depois respondeu com uma pergunta:

— Por que diz que foi uma ação inusitada? É o que sua mãe também pensa.

— Warburton é ótima pessoa; como homem, considero-o quase sem defeitos. E depois ele é, como se diz aqui, de primeira categoria. Tem imensas posses e a esposa dele seria considerada um ser superior. Ele combina as vantagens intrínsecas e extrínsecas.

Isabel examinou o primo como que vendo até onde iria:

— Então eu o rejeitei por ser perfeito demais. Eu mesma não sou perfeita e ele é bom demais para mim. Além disso, a perfeição dele iria irritar-me.

— Isso é mais inteligente do que franco — disse Ralph. — Na verdade, não achará nada no mundo perfeito demais para você.

— Julga-me assim tão boa?

— Não, mas é exigente, e ainda assim sem a desculpa de se achar boa. Dezenove de cada vinte mulheres, no entanto, mesmo as do tipo mais exigente, teriam dado um jeito de ficar com Warburton. Talvez não saiba como ele tem sido assediado.

— Não quero saber. Mas parece-me — disse Isabel — que um dia, quando falamos com ele, você mencionou algumas de suas esquisitices.

Ralph ponderou, enquanto fumava:

— Espero que o que eu disse naquela ocasião não tenha pesado, pois as coisas que mencionei não eram defeitos: eram simples peculiaridades da posição dele. Se eu tivesse sabido que ele queria casar com você, nunca as teria mencionado. Acho que, no tocante a essa posição, eu disse que ele era bastante cético. Estaria em suas mãos torná-lo mais crente.

— Eu não acho. Não entendo do assunto e não tenho consciência de uma missão dessas. É evidente que você está desapontado — acrescentou Isabel, olhando para o primo com branda mágoa. — Gostaria que eu tivesse aceitado esse pedido de casamento.

— Não é nada disso. Não tenho querer algum no assunto. Não existe a pretensão de dar-lhe conselhos e contento-me em observá-la, com o mais vivo interesse.

Ela soltou um suspiro um tanto embaraçado:

— Oxalá eu fosse tão interessante para mim mesma como sou para você!

— Não está sendo franca de novo; você é de extremo interesse para si mesma. Mas sabe que, se deu mesmo a resposta final a Warburton, até me alegro que tenha sido assim. Não quero dizer que me alegre por você, e menos ainda por ele, é claro. Alegro-me por mim.

— *Você* está pensando em declarar-se a mim?

— Em absoluto. Do ponto de vista de que falo isso seria fatal; eu estaria matando a galinha que fornece o material das minhas inimitáveis omeletes. Estou usando esse animal como símbolo de minhas insanas ilusões. O que quero dizer é que terei a emoção de ver o que vai fazer uma jovem que não quer se casar com lorde Warburton.

— É com isso que sua mãe também está contando — disse Isabel.

— Ah, vai haver muitos espectadores! Vamos ficar atentos ao resto de sua carreira. Eu não a verei toda, mas provavelmente presenciarei os anos mais interessantes. É claro que, se casasse com nosso amigo, ainda assim teria uma carreira — muito decente, na verdade, muito brilhante. Mas, falando de um ponto de vista relativo, seria um pouco prosaica. Definitivamente estaria delineada

de antemão; não teria o toque do inesperado. Sabe que gosto muitíssimo do inesperado, e agora que ficou com as cartas na mão conto com você para dar-nos algum grandioso exemplo de imprevisto.

— Eu não o entendo muito bem — disse Isabel —, mas entendo o suficiente para poder dizer que, se está esperando grandiosos exemplos de qualquer coisa de minha parte, vou desapontá-lo.

— Só o fará desapontando a si mesma — e isso você não vai aceitar fácil!

Ela não deu uma resposta direta a isso; havia uma certa verdade que merecia consideração. Por fim, disse abruptamente:

— Não vejo que mal há em não querer me prender. Não quero começar a vida me casando. Há outras coisas que uma mulher pode fazer.

— Não há nada que possa fazer tão bem. Mas você é uma mulher de muitas facetas, naturalmente.

— Basta que se tenha duas facetas — disse Isabel.

— Você é o mais encantador dos polígonos — exclamou seu companheiro. Mas, a um olhar dela, tornou-se sério de novo e, para prová-lo, continuou: — Você quer ver a vida — uma ova que não quer!, como dizem os rapazes.

— Não creio que eu queria vê-la como querem os rapazes. Mas quero, sim, dar uma olhada por aí.

— Quer esvaziar a taça da experiência.

— Não, nem quero tocar nessa taça. É uma bebida envenenada! Só quero ver por mim.

— Você quer ver, mas não quer sentir — observou Ralph.

— Não creio que, em se tratando de seres dotados de percepção, tal distinção possa ser feita. Sou muito parecida com Henrietta. Outro dia, quando lhe perguntei se queria casar, ela respondeu: “Não até eu ver a Europa!”. Eu também não quero me casar até ver a Europa.

— Evidentemente espera que alguma cabeça coroada fique impressionada por você.

— Não, isso seria pior do que casar com lorde Warburton. Mas está ficando muito escuro — continuou Isabel — e tenho que ir para o hotel. — Ela ergueu-se do banco, porém Ralph permaneceu imóvel, olhando para ela. Como ele não se mexeu, ela parou; trocaram um olhar que de ambos os lados, mas especialmente no de Ralph, era cheio de significados vagos demais para serem expressos em palavras.

— Você respondeu à minha pergunta — disse ele, por fim. — Disse-me o que eu queria saber. Fico-lhe muito grato.

— Parece-me que disse muito pouco.

— Disse-me o que era importante: que o mundo a interessa e que quer atirar-se a ele.

Os olhos dela brilharam por um momento como prata em meio ao lusco-fusco.

— Eu nunca disse isso.

— Acho que era isso que você queria dizer. Não negue. É tão bonito!

— Não sei o que está tentando impingir-me, pois não tenho nenhum espírito aventureiro. As mulheres não são como os homens.

Ralph levantou-se devagar de seu lugar e puseram-se a andar juntos até o portão da praça.

— Não — disse ele —, são raras as mulheres que se gabam de sua coragem. Os homens o fazem com certa frequência.

— Os homens têm do que se gabar!

— As mulheres também. Você tem muito.

— O bastante para ir até o Pratt's Hotel num fiacre, mas nada além disso.

Ralph abriu o portão e, depois de terem passado, voltou a fechá-lo.

— Vamos achar um carro para você — disse, e quando entraram em uma rua próxima onde a busca teria maiores chances de êxito, ele tornou a perguntar-lhe se não podia acompanhá-la até o hotel.

— De modo algum — respondeu ela —, você está muito cansado; deve ir para casa e deitar-se.

Encontraram o fiacre, e ele a ajudou a subir, parando por um instante ao lado da porta.

— Quando as pessoas esquecem que eu sou um pobre coitado, quase sempre fico irritado — disse. — Mas é pior quando se lembram!

Ela não tinha um motivo especial para não querer que ele a levasse; o fato é que, de repente, se dera conta de que durante alguns dias vinha consumindo uma razoável parcela do tempo dele, e o espírito independente da jovem americana, a quem a exorbitância de auxílio coloca numa situação que ela acaba achando “afetada”, tinha feito com que decidisse que, por algumas horas, ela teria que ser sua própria companhia. Além disso, era muito propensa a intervalos de solidão, que desde sua chegada à Inglaterra tinham sido muito exíguos. Era um luxo de que ela sempre podia gozar em casa e de que tinha se absterido de propósito. Naquela noite, contudo, aconteceu um incidente que, se tivesse havido um crítico para notá-lo, teria lançado suspeita sobre a teoria de que seu desejo de estar só fora o motivo que a levara a dispensar a companhia do primo. Por volta das nove horas, sentada à pálida luz do Pratt’s Hotel, tentando mergulhar com a ajuda de duas longas velas na leitura de um volume que trouxera de Gardencourt, só conseguia ler palavras outras que não as escritas na página — palavras que Ralph lhe dissera naquela tarde. De repente, uma batida discreta do camareiro à porta foi ouvida, substituída logo depois pela exibição de um cartão de visita, por parte do serviçal, com a atitude de quem ostenta um glorioso troféu. Quando o tal objeto revelou, ao seu olhar fixo, o nome do senhor Caspar Goodwood, ela deixou o homem ali parado sem dizer-lhe o que desejava fazer.

— Devo mandar o cavalheiro subir, senhora? — perguntou ele com inflexão levemente encorajadora.

Isabel ainda hesitava, e, enquanto hesitava, olhou-se no espelho.

— Ele pode subir — disse, por fim, e esperou por ele, mais preparando o espírito do que arranjando o cabelo.

Assim Caspar Goodwood dali a pouco estava trocando um aperto de mão com ela, porém sem dizer nada até o criado ter saído do quarto.

— Por que não respondeu a minha carta? — perguntou, então, num tom breve, cheio e um tanto peremptório: o tom de um homem cujas perguntas são usualmente diretas e que é capaz de muita insistência.

Ela respondeu com uma pergunta pronta:

— Como soube que eu estava aqui?

— A senhorita Stackpole informou-me — respondeu Caspar Goodwood. — Disse-me que estaria provavelmente sozinha no hotel esta noite, e disposta a ver-me.

— Onde ela o viu para dizer-lhe isso?

— Ela não me viu: ela escreveu-me.

Isabel ficou calada; nenhum dos dois tinha sentado; ficaram ali de pé numa atitude de desafio, ou pelo menos de confronto.

— Henrietta não me disse que lhe escreveu — disse ela, por fim. — Isso não foi muito bonito da parte dela.

— É tão desagradável para a senhorita ver-me? — perguntou o rapaz.

— Não esperava vê-lo. Não gosto de surpresas assim.

— Mas sabia que eu estava na cidade; era natural que nos encontrássemos.

— Chama a isto de encontro? Eu esperava não vê-lo. Num lugar tão grande como Londres, isso me parecia pouco provável.

— Aparentemente até escrever-me era-lhe repugnante — continuou o visitante.

Isabel não deu resposta; o sentimento da traição de Henrietta Stackpole, como naquele instante a qualificou, pesava-lhe muito.

— Henrietta com certeza não é um modelo de delicadeza! — exclamou, amarga. — Foi grande a liberdade que ela tomou.

— Suponho não ser um modelo, também, dessas virtudes ou de outras quaisquer. A culpa é tanto minha quanto dela.

Ao olhá-lo Isabel teve a impressão de que o maxilar dele nunca tinha sido tão quadrado. Isso podia tê-la desagradado, mas ela enveredou por outro caminho.

— Não, não é sua culpa tanto quanto dela. O que fez era inevitável, suponho, para o *senhor*.

— Era mesmo! — exclamou Caspar Goodwood, com uma risada voluntária. — E agora que vim, de qualquer modo, posso ficar?

— Pode sentar-se, sem dúvida.

Ela voltou para sua poltrona, enquanto o visitante sentava-se no lugar mais próximo, como um homem acostumado a prestar pouca atenção a essa espécie de amparo.

— Tenho esperado todos os dias por uma resposta a minha carta. Poderia ter me escrito algumas linhas.

— Não foi pelo incômodo de escrever que não o fiz; poderia muito bem ter-lhe escrito tanto quatro páginas como uma. Mas meu silêncio abrigava uma intenção — disse Isabel. — Achei isso melhor.

Ele mantinha os olhos fixos nela enquanto ela falava; depois baixou o olhar e fixou-o num ponto do tapete, como se estivesse fazendo um esforço violento para não dizer nada que não devesse. Ele era um homem forte que estava errado e era perspicaz o bastante para saber que uma exibição intransigente de sua força iria apenas colocar em evidência a falsidade de sua posição. Isabel não era incapaz de saborear a vantagem de sua posição em face de uma pessoa dessa qualidade, e, embora não querendo alardear isso diante dele, ela poderia gozar do fato de poder dizer: “Sabe que não deveria ter me escrito!”, e de dizer isso com ar de triunfo.

Caspar Goodwood ergueu os olhos para ela outra vez; pareciam brilhar através do visor de um elmo. Ele tinha forte senso de justiça e estava pronto a qualquer hora do dia — inclusive com relação a outras coisas — a discutir a questão de seus direitos.

— Disse que tinha esperança de nunca mais ter notícias minhas; sei disso. Mas nunca aceitei essa regra como minha. Avisei-a de que as teria muito em breve.

— Eu não disse que tinha esperança de *nunca* mais ter notícias suas — disse Isabel.

— Não durante cinco anos, então; dez anos, vinte anos. É a mesma coisa.

— Acha isso? Parece-me que há uma grande diferença. Posso imaginar que, ao cabo de dez anos, possamos ter uma troca de correspondência muito agradável. Já terei amadurecido meu estilo epistolar.

Ela desviou o olhar ao dizer essas palavras, sabendo-as de aspecto muito menos sério do que o do semblante de seu ouvinte. Entretanto, por fim, seu olhar voltou para ele, no exato momento em que ele disse, fora de propósito:

— Está gostando da visita a seu tio?

— Muitíssimo, mesmo. — Ela deixou passar um instante, mas depois irrompeu: — O que pensa obter de bom com sua insistência?

— O bem de não perdê-la.

— Não tem o direito de falar sobre perder algo que não é seu. E mesmo de seu ponto de vista — acrescentou Isabel —, deveria saber quando abandonar uma coisa.

— Eu a desagradei muito — disse Caspar Goodwood em tom sombrio; não como que provocando a compaixão dela por um homem cômico desse fato desastroso, mas como que para colocá-lo diante de si mesmo, de modo a tentar agir sem perdê-lo de vista.

— Sim, não me agrada nem um pouco: não se ajusta de modo algum ao momento, e o pior de tudo é que pôr tudo à prova deste modo é completamente desnecessário. — Não é, certamente, que a natureza dele fosse suscetível, de modo que alfinetadas lhe tirassem o sangue; e ela, desde o princípio de sua amizade com ele, por ter sempre que se defender de uma certa atitude dele de saber o que era melhor para ela mais do que ela própria, reconhecera o fato de que a franqueza total era sua melhor arma. Tentar poupar-lhe a sensibilidade ou escapar por uma tangente, como seria possível fazer com um homem que tivesse bloqueado o caminho de modo menos eficiente — isso, ao lidar com Caspar Goodwood, que se agarraria a qualquer coisa de qualquer espécie que lhe fosse dada, era desperdiçar agilidade. Não é que ele não tivesse suscetibilidades, mas sua superfície passiva, tanto quanto a ativa, era ampla e dura, e podia-se confiar que ele próprio trataria de suas feridas, tanto quanto fosse necessário. Ela tornou a cair, apesar de consciente das possíveis mágoas e dores que podia provocar nele, em sua antiga convicção de que ele possuía armadura e blindagem naturais, e estava armado essencialmente para a agressão.

— Não posso aceitar isso — disse ele apenas. Havia uma perigosa liberalidade nisso, pois ela sabia quanto estava aberto a ele insistir no ponto de que nem sempre a desgostava.

— Não posso aceitar isso tampouco, e não é essa a situação que deveria existir entre nós. Se ao menos tentasse expulsar-me de sua cabeça durante alguns meses, tornaríamos a ser amigos.

— Entendo. Se eu deixasse de pensar em você por completo durante um período determinado, acabaria descobrindo que poderia continuar assim por tempo indefinido.

— Indefinido é mais do que eu peço. É até mesmo mais do que eu iria gostar.

— Sabe que o que pede é impossível — disse o rapaz, usando o adjetivo com uma segurança que ela achou irritante.

— Não consegue fazer um esforço consciente? — perguntou ela. — É forte para tudo mais; por que não é forte para isso?

— Um esforço consciente para quê? — E vendo que ela recuava um pouco prosseguiu: — Não consigo fazer nada com respeito à senhorita a não ser estar infernalmente apaixonado. Quando se é forte, ama-se com mais força ainda.

— Não há como questionar isso — e, de fato, nossa jovem sentia a força daquilo; sentiu que aquilo era lançado, na vastidão da verdade e da beleza, como uma isca para a sua imaginação. Mas logo se recuperou. — Pense em mim, ou não, como achar melhor; mas deixe-me em paz.

— Até quando?

— Bem, durante um ou dois anos.

— Qual das duas coisas? Entre um ano e dois anos há um mundo de diferença.

— Então que sejam dois — disse Isabel, com um efeito estudado de impaciência.

— E o que ganharei com isso? — indagou o amigo sem dar mostras de fraqueza.

— Terá feito um grande favor a mim.

— E qual será minha recompensa?

— Precisa receber uma recompensa por um ato de generosidade?

— Sim, quando isso envolve um grande sacrifício.

— Não há generosidade sem algum sacrifício. Os homens não entendem essas coisas. Se fizer esse sacrifício, terá toda a minha admiração.

— Não dou um tostão por sua admiração — nem uma palha, se ela não resultar em nada. Quando vai casar comigo? Essa é a única questão.

— Nunca, se continuar a fazer com que me sinta como me sinto no momento.

— Então o que é que eu ganho não tentando fazer com que se sinta de outro modo?

— Ganha o mesmo que por me perturbar deste jeito! — Caspar Goodwood baixou os olhos de novo e ficou fitando a copa do chapéu por um instante. Um forte rubor espalhou-se por seu rosto; ela percebeu que seu tom áspero tinha por fim penetrado. Isso teve um valor imediato — clássico, romântico, redentor, e nem sabia o que mais — para ela; o “homem forte sofrendo” era uma das categorias de apelo à simpatia humana, por menor que fosse o encanto que ele exibisse no caso em questão. — Por que me faz dizer-lhe coisas assim? — exclamou ela com voz trêmula. — Eu só quero ser educada, ser bondosa. Não é agradável sentir que alguém gosta de mim e, apesar disso, eu ter de convencê-lo a não gostar. Acho que os outros também deviam ter consideração; cada um de nós tem que julgar por si mesmo. Sei que o senhor tem consideração, tanto quanto pode ter; tem boas razões para o que está fazendo. Mas eu não quero mesmo me casar ou falar sobre isso agora, de modo algum. Provavelmente nunca me casarei — não, nunca. Tenho todo o direito de sentir-me assim e não é um favor para uma mulher pressioná-la tão duramente, forçá-la contra sua vontade. Se lhe estou causando dor, só posso dizer que lamento muito. Não é culpa minha; não posso me casar com o senhor apenas para agradá-lo. Não vou dizer que sempre serei sua amiga, porque quando as mulheres dizem isso, nestas situações, parece, creio eu, uma espécie de zombaria. Mas volte a falar comigo um dia.

Durante o tempo em que ela falou, Caspar Goodwood manteve os olhos fixos no nome do seu chapeleiro, e só algum tempo depois de ela ter parado foi que os ergueu. Quando o fez, a visão de uma linda e rosada ansiedade no rosto de Isabel lançou certa confusão em sua tentativa de analisar-

lhe as palavras.

— Voltarei para casa, irei amanhã; vou deixá-la em paz — conseguiu dizer, por fim. — Só que — acrescentou com pesar — detesto perdê-la de vista!

— Não se preocupe. Não vou fazer nada de errado.

— Vai se casar com outra pessoa, isso é tão certo como estou aqui sentado — Caspar Goodwood declarou.

— Acha isso uma acusação generosa?

— Por que não? Muitos jovens vão tentar fazer com que se case com eles.

— Acabei de dizer-lhe que não quero me casar e que é quase certo que nunca venha a fazê-lo.

— Sei o que disse, e gostei do “é quase certo”! Não ponho fé nenhuma em suas palavras.

— Muito obrigada. Está me acusando de mentir para desembaraçar-me do senhor? Diz coisas muito delicadas!

— Por que não deveria dizê-las? A senhorita não me fez promessa alguma.

— Não, era só o que faltava!

— Pode até acreditar que está segura só porque quer estar. Mas não está — continuou o rapaz, como que se preparando para o pior.

— Muito bem, então. Vamos admitir que eu não esteja segura. Seja como o senhor quiser.

— Porém — disse Caspar Goodwood —, não sei se o fato de eu mantê-la sob a minha mira impediria o perigo.

— Não sabe mesmo? Afinal, eu tenho tanto medo do senhor! Acha que é tão fácil agradar-me? — perguntou, de repente, mudando de tom.

— Não, não acho; tentarei consolar-me com isso. Mas existem alguns homens muito fascinantes no mundo, sem dúvida; e, se houvesse só um, já seria o suficiente. O mais fascinante dentre todos irá ter direto com a senhorita. Não será a senhorita quem aceitará alguém que não seja fascinante.

— Se por fascinante o senhor se refere a uma inteligência excepcional — disse Isabel —, e não posso imaginar a que mais se refira, não preciso da ajuda de um homem inteligente para ensinar-me a viver. Posso aprender por mim mesma.

— Aprender a viver sozinha? Oxalá possa *me* ensinar, quando estiver pronta!

Ela olhou-o por um instante; depois disse, com um sorriso breve:

— Oh, *o senhor* deveria se casar!

Não se pode culpá-lo se, por um momento, essa exclamação soou para ele como uma pá de cal, e não há registro de que o motivo de ela ter lançado tal dardo fosse dos mais límpidos. Ele não deveria vagar pelo mundo magro e faminto — *isso* era o que, com certeza, ela sentia por ele.

— Deus a perdoe! — murmurou ele entre os dentes, virando-se para o lado.

O tom da voz dela a tinha prejudicado um pouco e, após alguns instantes, sentiu necessidade de redimir-se. A melhor maneira de fazê-lo era colocá-lo na posição em que ela estivera.

— O senhor está cometendo uma grande injustiça; diz o que não sabe! — exclamou. — Eu não seria uma vítima fácil e provei isso.

— Oh, para mim, sem dúvida.

— Provei para outros também — e fez uma pausa. — Recusei um pedido de casamento na

semana passada, a que chamariam, sem dúvida alguma, de fascinante.

— Alegro-me por ouvir isso — disse o rapaz, em tom sério.

— Era um pedido que muitas moças teriam aceitado; tinha tudo para ser recomendado. — Isabel não tinha pretendido contar essa história mas, agora que começara, a satisfação de mencioná-la e fazer justiça a si mesma tomou conta dela. — Foi-me oferecida uma grande posição e uma grande fortuna, por uma pessoa de quem gosto muito.

Caspar olhou-a com intenso interesse.

— Ele é inglês?

— É um aristocrata inglês — respondeu Isabel.

O visitante recebeu essa notícia a princípio em silêncio, mas, por fim, disse:

— Alegro-me de que o tenha desapontado.

— Bem, então, já que tem companheiros de infortúnio, conforme-se e vá em frente.

— Não o chamaria de companheiro — disse Caspar, sombrio.

— Por que não, já que recusei a oferta dele em definitivo?

— Isso não o torna meu companheiro. Além disso, é inglês.

— E quer dizer que um inglês não é um ser humano? — indagou Isabel.

— Ah, essa gente? Não faz parte da *minha* humanidade e não me importo com o que lhe aconteça.

— Está muito zangado — disse a moça. — Já discutimos esse assunto o suficiente.

— Oh, sim, estou muito zangado. Confesso essa culpa!

Ela deu-lhe as costas, andou até a janela aberta e ficou parada um momento olhando para o vazio sombrio da rua, onde um único lampião de gás, de luz mortiça, representava a animação social. Durante algum tempo, nenhum dos jovens falou; Caspar ficou perto da lareira, olhando-a fixamente. Ela tinha lhe feito o que correspondia a um pedido para que fosse embora — ele sabia disso; mas, correndo o risco de tornar-se desagradável, fincou pé. Ela era uma necessidade acalentada durante tempo demais para uma renúncia fácil, e ele atravessara o oceano só para obter dela uma migalha de promessa. Logo ela saiu da janela e voltou para perto dele.

— Não me faz a devida justiça, depois de ter-lhe contado o que lhe contei. Arrependo-me de tê-lo feito, já que tem tão pouca importância para o senhor.

— Ah — exclamou o rapaz —, se estivesse pensando em *mim* quando o fez! — E então parou, receando que ela contradissesse essa idéia feliz.

— Pensava um pouquinho no senhor — retrucou Isabel.

— Um pouquinho? Não entendo. Se estar ciente do que sinto pela senhorita pesou de algum modo em sua decisão, dizer que foi um “pouquinho” é não dar o mínimo valor a isso.

Isabel meneou a cabeça como para afastar um erro.

— Rejeitei um cavalheiro muito bom e aristocrata. Conforme-se com isso.

— Então agradeço-lhe — disse Caspar Goodwood, em tom grave. — Agradeço-lhe muitíssimo.

— E agora é melhor que vá para casa.

— Não posso vê-la outra vez? — perguntou.

— Acho melhor que não. Vai, com toda a certeza, voltar a falar neste assunto, e já está vendo que

não leva a nada.

— Prometo-lhe não dizer uma palavra que a aborreça.

Isabel refletiu por um momento e respondeu:

— Volto dentro de um ou dois dias para a casa de meu tio e não vou convidá-lo a ir lá. Seria contraditório demais.

Caspar Goodwood, por sua vez, refletiu.

— Também deve fazer-me justiça. Recebi um convite para a casa de seu tio há mais de uma semana e recusei-o.

Ela demonstrou surpresa.

— De quem foi o convite?

— Do senhor Ralph Touchett, que presumo ser seu primo. Recusei porque não tinha sua autorização para aceitá-lo. Parece que a sugestão para o convite do senhor Touchett partiu da senhorita Stackpole.

— Com certeza não partiu de mim. Henrietta realmente vai longe demais — acrescentou Isabel.

— Não a julgue com tanta severidade; isso me atinge.

— Não; se recusou, fez muito bem e agradeço-lhe — e ela deixou escapar um pequeno tremor de assombro ao pensar que lorde Warburton e o senhor Goodwood poderiam ter se encontrado em Gardencourt; seria tão embaraçoso para lorde Warburton!

— Quando sair da casa de seu tio, para onde irá? — perguntou seu interlocutor.

— Vou para o exterior com minha tia; para Florença e outros lugares.

A serenidade de tal notícia esfriou o coração do rapaz; via-a ser levada para círculos dos quais ele estava irremediavelmente excluído. Contudo, ele logo continuou com suas perguntas:

— E quando voltará à América?

— Talvez não volte por muito tempo. Estou muito feliz aqui.

— Tem intenção de abandonar sua pátria?

— Não seja infantil!

— Bem, ficará mesmo longe dos meus olhos — disse Caspar Goodwood.

— Não sei — retrucou ela, de modo um tanto imponente. — O mundo, com todos esses lugares dispostos desta maneira e encostados uns aos outros, acaba se mostrando um tanto pequeno.

— É grande demais para mim! — exclamou Caspar, com uma simplicidade que nossa jovem talvez tivesse achado tocante, se ela não endurecesse o rosto contra qualquer concessão.

Essa atitude era parte de um sistema, de uma teoria, que ela abraçara ultimamente e, para completá-la, disse após um momento:

— Não pense que sou má se eu disser que é justamente de ficar longe de seus olhos que gosto. Se o senhor estivesse no mesmo lugar que eu, eu iria sentir que o senhor estava me vigiando, e disso eu não gosto — aprecio demais minha liberdade. Se há algo no mundo de que gosto — continuou, com uma leve recaída na imponentia — é minha independência pessoal.

Mas o que quer que houvesse de superior nessas palavras despertou a admiração de Caspar Goodwood; nada em seus ares altivos causou-lhe repulsa. Ele nunca supôs que ela não tivesse asas e necessidade de movimentos livres e belos, com seus longos braços e pernas; ele não temia a força

dela. As palavras de Isabel, se é que tinham a intenção de chocá-lo, erraram o alvo e só o fizeram sorrir com a sensação de que havia um terreno comum entre eles.

— Quem iria querer menos cercar-lhe a liberdade do que eu? O que poderia dar-me maior prazer do que vê-la completamente independente, fazendo o que quisesse fazer? É para torná-la independente que quero me casar com a senhorita.

— Esse é um belo sofisma — disse a moça, com um sorriso mais belo ainda.

— Uma mulher solteira, uma moça de sua idade, não é independente. Há todo um mundo de coisas que não pode fazer. É tolhida a cada passo.

— Isso depende de como ela enfrenta o problema — retrucou Isabel, com grande vivacidade. — Não sou tão jovem assim; posso fazer o que decidir — pertenço à classe independente. Não tenho pai nem mãe; sou pobre e de caráter sério; não sou bonita. Portanto, não sou obrigada a agir com timidez e ser convencional; de fato, não posso ter tais luxos. Além disso, tento julgar as coisas por mim mesma; julgar errado, acho eu, é mais honroso do que não fazer julgamento algum. Não quero ser apenas uma ovelha no rebanho; quero escolher meu destino e aprender alguma coisa sobre os problemas humanos, além daquilo que as outras pessoas acham adequado ao decoro contar-me. — Fez uma pequena pausa, porém não o suficiente para permitir ao companheiro que respondesse. Aparentemente ele estava prestes a fazê-lo quando ela continuou: — Deixe-me dizer-lhe isto, senhor Goodwood: o senhor teve a bondade de falar que tinha medo de que eu me casasse. Se ouvir um boato de que estou para fazê-lo — as moças estão sujeitas a que se digam tais coisas a seu respeito —, lembre-se do que lhe falei sobre o amor que tenho pela liberdade e ouse duvidar.

Havia algo apaixonadamente positivo no tom em que ela lhe deu tal conselho, e ele viu a candura brilhar-lhe nos olhos, o que contribuiu para que acreditasse. No todo, sentiu-se reconfortado, e isso podia ser notado no modo como disse, com sofreguidão:

— Só quer viajar durante dois anos? Estou disposto a esperar por dois anos e pode fazer o que quiser nesse meio-tempo. Se é só isso que quer, por favor, diga. Não quero que seja convencional; será que lhe pareço convencional? Quer aprimorar sua mente? Ela parece bastante boa para mim; mas se estiver interessada em vagar por aí durante algum tempo e ver países diferentes, terei o maior prazer em ajudá-la de todos os modos possíveis.

— É muito generoso; isso não é novidade para mim. A melhor maneira de ajudar-me é manter tantas centenas de quilômetros de oceano entre nós quanto possível.

— Dá até a impressão de que a senhorita vai cometer alguma atrocidade! — disse Caspar Goodwood.

— Talvez cometa. Quero ser livre para fazer até isso, se o capricho assim me ditar.

— Bom, então — disse ele, devagar — volto para casa. — E estendeu a mão, tentando parecer contente e confiante.

A confiança que Isabel tinha nele, contudo, era maior do que a que ele podia ter nela. Não que a achasse capaz de cometer alguma atrocidade; mas, por mais que examinasse sob vários aspectos, havia algo de funesto no modo como ela se reservava a opção. Quando ele lhe apertou a mão, ela sentiu grande respeito por ele; sabia o quanto ele gostava dela e julgou-o magnânimo. Ficaram assim por um momento, olhando um para o outro, unidos por um aperto de mão que, do lado

dela, não era apenas passivo.

— Está certo — disse ela com bondade, quase com ternura. — Não perderá nada sendo razoável.

— Mas voltarei, onde quer que a senhorita esteja, daqui a dois anos — retrucou ele com sua severidade característica.

Já vimos que nossa jovem dama era inconseqüente, e ao ouvir isso mudou de repente de tom.

— Ah, lembre-se de que não estou prometendo nada, absolutamente nada! — Depois, em tom mais suave, como que ajudando-o a deixá-la: — E lembre-se também de que não serei uma vítima fácil!

— Ficaré farta de sua independência.

— Talvez fique; é bem provável. Quando esse dia chegar, terei muito prazer em vê-lo.

Ela tinha pousado a mão na maçaneta da porta de seu quarto e esperava para ver o visitante partir. Mas ele parecia incapaz de mover-se; ainda havia uma imensa relutância em sua atitude e uma censura magoada em seu olhar.

— Preciso deixá-lo agora — disse Isabel; e abriu a porta passando para o outro quarto.

O aposento estava escuro, mas a escuridão era temperada por uma vaga luminosidade vinda da janela que dava para o pátio do hotel, e Isabel podia distinguir os contornos da mobília, o pálido reflexo do espelho e o vulto maior da grande cama de quatro colunas. Ficou parada por um instante, à escuta, e, por fim, ouviu Caspar Goodwood sair da sala de estar e fechar a porta ao sair. Ficou imóvel mais um instante e, então, num impulso irresistível, deixou-se cair de joelhos diante da cama e escondeu o rosto entre os braços.

Não estava rezando; estava tremendo — tremendo dos pés à cabeça. Era muito afeita a tremores, de fato um acontecimento constante, e agora ela vibrava como uma harpa que tivesse sido tocada. Porém só precisava agasalhar-se, proteger-se novamente sob o linho cru, mas quis resistir à excitação, e a postura de devoção em que se manteve durante algum tempo pareceu ajudá-la a aquietar-se. Sentia imensa satisfação pelo fato de Caspar Goodwood ter ido embora: havia algo em ter se livrado dele daquela maneira que se assemelhava ao pagamento contra recibo de alguma dívida que há muito tempo pesava-lhe na mente. Ao sentir o alívio, curvou a cabeça um pouco mais; a sensação lá estava, pulsando-lhe no íntimo. Era parte de sua emoção, mas era algo de que se envergonhar — era profano e descabido. Ela demorou ainda uns dez minutos para se levantar, e mesmo depois de voltar para a sala de estar os tremores não tinham cessado de todo. Na verdade, as causas foram duas: em parte eles podiam ser atribuídos à longa discussão com o senhor Goodwood, mas receia-se que o resto se devesse simplesmente à satisfação que ela encontrava no exercício do seu poder. Sentou-se outra vez na mesma cadeira e pegou seu livro, mas sem ir até o ponto de abri-lo. Recostou-se no espaldar com aquele murmúrio baixo, suave e aspirado com que ela costumava revestir sua reação a acidentes cujo lado mais luminoso não era superficialmente óbvio, e entregou-se à satisfação de ter rejeitado dois ardentes pretendentes num espaço de quinze dias. Aquele amor à liberdade do qual pintara a Caspar Goodwood um quadro tão ousado era até então quase que exclusivamente teórico; não pudera ainda ser gozado em grande escala. Mas parecia-lhe ter causado algum efeito; permitira-lhe saborear o deleite, se não da batalha, pelo menos da vitória; ela fizera o que era mais fiel a seu plano. À luz da consciência disso, a imagem do senhor Goodwood empreendendo sua triste viagem de volta para casa através da sombria cidade apresentava-se com uma certa força reprobatória: assim, como no mesmo momento a porta do quarto foi aberta, ela se levantou temerosa de que ele tivesse voltado. Mas era apenas Henrietta Stackpole voltando do jantar.

A senhorita Stackpole logo percebeu que nossa jovem tinha passado por “alguma” e, na verdade, tal descoberta não exigia grande perspicácia. Ela foi direto até a amiga, que a recebeu sem cumprimentá-la. A satisfação de Isabel por ter mandado Caspar Goodwood de volta para a América pressupunha de algum modo que ela tivesse ficado contente por ele ter ido vê-la, mas, ao mesmo tempo, não lhe permitia esquecer que Henrietta não tinha o direito de lhe ter preparado uma armadilha.

— Ele esteve aqui, meu bem? — perguntou esta última, ansiosa.

Isabel afastou-se dela e, durante alguns momentos, nada respondeu. Por fim, declarou:

— Você agiu muito mal.

— Agi com a intenção de fazer o melhor. Só espero que você também tenha feito o mesmo.

— Não é você quem julga. Não posso confiar em você — disse Isabel.

A afirmação era pouco lisonjeira, mas Henrietta era demasiado altruísta para dar atenção à acusação que ela continha. Só se importava com o que isso significava com relação à amiga.

— Isabel Archer — observou, com igual brusquidão e solenidade —, se casar com alguma destas pessoas, nunca mais falo com você!

— Antes de fazer tão terrível ameaça, é melhor esperar até que me peçam — retrucou Isabel. Como nunca dissera uma palavra à senhorita Stackpole sobre os avanços de lorde Warburton, não tinha agora a menor vontade de justificar-se, contando a Henrietta que tinha rejeitado o aristocrata.

— Oh, logo vão pedir-lhe, quando for para o continente. Annie Climber foi pedida em casamento três vezes na Itália. A pobre e singela Annie.

— Bem, se Annie Climber não foi apanhada, por que eu deveria ser?

— Não creio que Annie tenha sido tão assediada, mas você será.

— Essa é uma idéia lisonjeira — disse Isabel, sem se alarmar.

— Não é lisonja, Isabel, é a pura verdade! — exclamou a amiga. — Espero que não esteja querendo me dizer que não deu esperança alguma ao senhor Goodwood.

— Não vejo por que devo lhe contar o que quer que seja; como acabei de dizer agora mesmo, não posso confiar em você. Mas já que está tão interessada no senhor Goodwood, não vou lhe esconder que ele voltará imediatamente para a América.

— Quer dizer que o mandou embora? — Henrietta quase gritou.

— Pedi-lhe que me deixasse em paz, e peço a você a mesma coisa, Henrietta. — Por um momento a senhorita Stackpole fαιscou de espanto e depois foi até o espelho sobre a lareira e tirou o chapéu. — Espero que tenha se divertido no jantar — continuou Isabel.

Porém sua companheira não seria distraída por frases frívolas:

— Você sabe para onde está indo, Isabel Archer?

— No momento, estou indo para a cama — disse Isabel, persistindo na frivolidade.

— Sabe para onde está se deixando levar? — Henrietta continuou, segurando com delicadeza o chapéu.

— Não, não tenho a menor idéia e acho muito agradável que seja assim. Uma carruagem veloz, numa noite escura, sacolejando com quatro cavalos por estradas que não se pode ver — essa é a minha idéia de felicidade.

— Com certeza o senhor Goodwood não lhe ensinou a dizer essas coisas, típicas de uma heroína de um romance imoral — disse a senhorita Stackpole. — Está sendo levada para um grande erro.

Isabel estava irritada com a interferência da amiga, mas ainda assim tentou pensar que verdade poderia haver em tal declaração. Não lhe ocorreu nada que a impedisse de dizer:

— Você deve ser muito afeiçoada a mim, Henrietta, para dispor-se a ser tão agressiva.

— Tenho imensa afeição por você, Isabel — disse a senhorita Stackpole com emoção.

— Bem, se é mesmo tão afeiçoada a mim, deixe-me em paz com a mesma intensidade. Pedi isso ao senhor Goodwood e tenho que pedir-lhe também o mesmo.

— Tome cuidado para não ser deixada em paz em demasia.

— Isso foi o que o senhor Goodwood me disse. E eu disse a ele que devo correr o risco.

— Você é uma criatura voltada para riscos, me faz até tremer! — exclamou Henrietta. —

Quando o senhor Goodwood voltará para a América?

— Não sei. Ele não me disse.

— Talvez você não tenha perguntado — disse Henrietta, num tom de virtuosa ironia.

— Dei-lhe muito pouca satisfação para ter o direito de fazer-lhe perguntas.

Por um momento tal afirmativa pareceu à senhorita Stackpole um desafio a comentários, mas, por fim, ela exclamou:

— Bem, Isabel, se eu não conhecesse você, poderia pensar que não tem coração!

— Cuidado — respondeu a outra —, assim você está me mimando.

— Receio já ter feito isso. Espero, pelo menos — acrescentou a senhorita Stackpole —, que ele cruze com Annie Climber!

Na manhã seguinte, Isabel ouviu Henrietta dizer que decidira não voltar para Gardencourt (onde o velho senhor Touchett lhe prometera renovadas boas-vindas), mas esperar em Londres o convite que o senhor Bantling lhe prometera de parte da irmã, *lady* Pensil. A senhorita Stackpole contou com detalhes a conversa com o sociável amigo de Ralph Touchett e informou a Isabel que acreditava mesmo ter conseguido desta vez lançar mão de algo que a levaria a alguma coisa positiva. Assim que recebesse a carta de *lady* Pensil — o senhor Bantling tinha praticamente garantido a chegada desse documento —, ela partiria para Bedfordshire, e se Isabel estivesse interessada em ler suas impressões no *Interviewer* poderia fazê-lo, pois com certeza as encontraria lá. Era óbvio que desta vez Henrietta ia ver algo da vida íntima.

— Você sabe para onde está sendo levada, Henrietta Stackpole? — perguntou Isabel, imitando o tom que a amiga usara para com ela na noite anterior.

— Estou sendo levada para uma grande posição, a de rainha do jornalismo americano. Se minha próxima carta não for reproduzida em todo o Oeste, engolirei meu limpa-penas!

Tinha combinado com a amiga Annie Climber, a jovem senhorita das propostas de casamento continentais, de fazerem juntas aquelas compras que constituiriam a despedida da senhorita Climber de um hemisfério no qual, pelo menos, ela tinha sido apreciada; e logo dirigiu-se para Jermyn Street para apanhar a amiga. Pouco depois da saída dela, Ralph Touchett foi anunciado; tão logo ele entrou, Isabel percebeu que vinha com um propósito. Em seguida ele partilhou com a prima sua preocupação. Tinha recebido da mãe um telegrama comunicando que o pai sofrera um ataque agudo da antiga enfermidade; dizia-se muito preocupada e lhe pedia encarecidamente que voltasse para Gardencourt. Nesta ocasião, pelo menos, a devoção da senhora Touchett ao cabo telegráfico não estava sujeita a críticas.

— Achei que o melhor seria ver o grande médico *sir* Matthew Hope primeiro — disse Ralph —; por sorte ele está na cidade. Ele me receberá ao meio-dia e meia e vou pedir-lhe que vá comigo para Gardencourt — o que fará com grande presteza, ainda mais que já viu meu pai várias vezes, tanto aqui como lá. Há um expresso às duas e quarenta e cinco que pretendo tomar, e você poderá ir comigo ou ficar aqui mais uns dias, como preferir.

— Certamente irei com você — retrucou Isabel. — Não sei se poderei ser de grande utilidade a

meu tio, mas, se ele está doente, gostaria de estar perto dele.

— Acho que gosta dele — disse Ralph, demonstrando um certo prazer tímido no rosto. — Você o aprecia, o que é algo que o mundo não fez. A qualidade é fina demais.

— Na verdade, eu o adoro — disse Isabel, após um instante.

— Isso é muito bom. Depois do filho, ele é o seu maior admirador.

Ela aceitou com gosto tal afirmação, mas por dentro deu um pequeno suspiro de alívio por pensar que o senhor Touchett era um daqueles admiradores que não podiam propor-lhe casamento. Não foi isso, contudo, o que disse; comunicou a Ralph que havia outras razões para que ela não permanecesse em Londres. Tinha se cansado dali e queria ir embora, e, além disso, Henrietta estava partindo — ia ficar em Bedfordshire.

— Em Bedfordshire?

— Com *lady* Pensil, a irmã do senhor Bantling, que lhe garantiu um convite.

Ralph estava tomado de grande ansiedade, mas ao ouvir aquilo irrompeu numa risada. De repente, contudo, ficou sério outra vez.

— Bantling é um homem de coragem. E se o convite perder-se pelo caminho?

— Pensei que o correio britânico fosse impecável.

— O bom pombo-correio às vezes cochila — disse Ralph. — Porém — continuou em tom mais alegre —, o velho Bantling nunca cochila e, o que quer que aconteça, ele tomará conta de Henrietta.

Ralph saiu para seu encontro com *sir* Matthew Hope, e Isabel tomou as providências para sair do Pratt's Hotel. A condição do tio a tocava muito de perto; parada diante da mala aberta, a olhar em volta procurando distraída o que poderia colocar dentro dela, as lágrimas vieram-lhe de súbito aos olhos. Talvez tenha sido por esse motivo que, quando Ralph foi buscá-la às duas horas para levá-la à estação, ela ainda não estivesse pronta. Ele encontrou a senhorita Stackpole, contudo, na sala de estar, onde ela acabara de almoçar, e essa dama expressou de imediato seu pesar pela doença de seu pai.

— Ele é um velho e tanto — disse ela —; é fiel até o fim. E, se for mesmo o fim — perdoe-me a menção, mas o senhor já deve ter pensado na possibilidade muitas vezes —, lamentarei não estar em Gardencourt.

— Irá divertir-se muito mais em Bedfordshire.

— Vou lamentar divertir-me numa ocasião dessas — disse Henrietta, com grande decoro. Mas logo acrescentou: — Eu gostaria tanto de testemunhar a cena final!

— Meu pai talvez viva por muito tempo — disse Ralph, apenas. Depois, passando a tópicos mais alegres, fez perguntas à senhorita Stackpole quanto ao futuro dela.

Agora que Ralph tinha um problema, ela o tratava com maior indulgência, e dessa maneira respondeu que lhe estava muito agradecida por tê-la feito conhecer o senhor Bantling.

— Ele contou-me exatamente as coisas que eu queria saber — disse —, todos os aspectos da sociedade e tudo sobre a família real. Não sei bem se o que me contou sobre a família real conta a favor dela, mas, segundo ele, é apenas meu modo peculiar de ver as coisas. Bem, tudo o que quero é que ele me forneça fatos; posso juntar coisa com coisa muito bem, depois que tenho os fatos. — E

acrescentou que o senhor Bantling tivera a bondade de prometer apanhá-la para saírem naquela tarde.

— E irem aonde? — arriscou-se Ralph a perguntar.

— Ao Palácio de Buckingham. Ele vai mostrá-lo a mim, para eu ter uma idéia de como eles vivem.

— Ah — fez Ralph —, então a deixamos em boas mãos. A próxima coisa que saberemos é que foi convidada para o Castelo de Windsor.

— Se me convidarem, não há dúvida de que irei. Depois que começo, não tenho medo. Mas, apesar de tudo — acrescentou Henrietta, logo em seguida —, não estou satisfeita; não estou tranqüila a respeito de Isabel.

— Qual foi o último delito dela?

— Bem, já lhe contei antes e suponho que não haja nada de mal em continuar. Sempre termino um assunto que enceto. O senhor Goodwood esteve aqui ontem à noite.

Ralph abriu os olhos; chegou até mesmo a corar um pouco — esse rubor era o sinal de uma emoção um tanto aguda. Lembrou-se de que Isabel, ao separar-se dele na Winchester Square, tinha rejeitado sua insinuação de que o motivo de ela fazer aquilo era a expectativa de uma visita no Pratt's Hotel; e era um novo golpe pensar que ela o enganara. Por outro lado, apressou-se a dizer a si mesmo, que lhe importava que ela tivesse marcado um encontro com um namorado? Em todas as épocas, não foi sempre considerado apropriado que as jovens senhoritas fizessem mistério a respeito de tais encontros? Ralph deu uma resposta diplomática à senhorita Stackpole:

— Eu pensei que, devido às idéias que me expôs outro dia, isso a satisfaria muito.

— Que ele viesse vê-la? Isso estava certo, até esse ponto. Era um pequeno plano meu; eu mandei avisá-lo de que estávamos em Londres, e, quando combinei de passar a noite fora, enviei-lhe um recado — com palavras que só se dizem aos “iniciados”. Eu esperava que ele a encontrasse sozinha; não vou fingir que preferia que o senhor não estivesse por aqui. Ele veio vê-la, mas quase seria preferível que não o tivesse feito.

— Isabel foi cruel? — perguntou Ralph, com o rosto iluminado pelo alívio de saber que a prima não tinha usado de falsidade com ele.

— Não sei exatamente o que se passou entre os dois. Mas ela não lhe deu satisfação: mandou-o de volta para a América.

— Pobre senhor Goodwood — suspirou Ralph.

— Parece que ela só pensou em ver-se livre dele — continuou Henrietta.

— Pobre senhor Goodwood — repetiu Ralph. Há de se confessar que a exclamação era automática; não correspondia com exatidão a seus pensamentos, que estavam enveredando por outro caminho.

— Não diz isso como se sentisse. Não creio que se importe.

— Ah — disse Ralph —, deve lembrar-se de que não conheço esse interessante rapaz, que nunca o vi.

— Bem, eu vou vê-lo e vou dizer-lhe para não desistir. Se eu não acreditasse que Isabel acabaria cedendo, bem, eu de minha parte desistiria. Isto é, desistira *dela!* — acrescentou a senhorita

Stackpole.

Tinha ocorrido a Ralph que, nessas circunstâncias, a despedida entre Isabel e a amiga seria um tanto embaraçosa. Assim, dirigiu-se para a porta do hotel antes da prima, que, após uma breve demora, apareceu com o que lhe pareceram os vestígios de uma reprovação não aceita no olhar. Os dois fizeram a viagem para Gardencourt em silêncio quase total, e o criado que foi esperá-los na estação não tinha notícias melhores sobre o senhor Touchett para dar-lhes — fato que fez com que Ralph se congratulasse de novo por *sir* Matthew Hope ter prometido chegar no trem das cinco horas e ficar até o dia seguinte. Soube que a senhora Touchett, desde que voltara, tinha estado constantemente ao lado do velho senhor e no momento estava com ele; tal fato fez Ralph pensar que, afinal, o que tinha faltado à mãe era apenas a ocasião certa. As naturezas melhores eram aquelas que brilhavam nas ocasiões maiores. Isabel foi para seu quarto, notando que pairava em toda a casa aquela perceptível calma que precede a crise. Ao cabo de uma hora, entretanto, desceu para procurar a tia, de quem queria saber notícias sobre o senhor Touchett. Entrou na biblioteca, mas a senhora Touchett não estava lá, e como o tempo, que tinha estado úmido e frio, agora deteriorara por completo, não era provável que ela tivesse saído para sua habitual caminhada pela propriedade. Isabel estava prestes a chamar uma criada para mandar saber dela em seu quarto quando tal propósito retraiu-se diante de um som inesperado — o som de música suave vindo, aparentemente, do salão. Sabia que a tia nunca tocava piano e era provável que o pianista fosse Ralph tocando para si mesmo. Se ele tivesse recorrido a tal distração no momento, isso poderia indicar que sua ansiedade a respeito do pai fora aplacada; assim, a moça encaminhou-se, quase que com o ânimo recobrado, para a origem dos sons harmoniosos. A sala de estar de Gardencourt era um aposento de grande extensão, e, como o piano estava colocado do lado mais distante da porta por onde ela entrou, sua chegada não foi notada pela pessoa sentada diante do instrumento. Essa pessoa não era nem Ralph nem sua mãe; era uma dama que Isabel logo percebeu ser-lhe desconhecida, apesar de estar de costas para a porta. Essas costas — amplas e bem vestidas — foram examinadas por Isabel durante alguns instantes, com surpresa. Estava claro que a dama era uma visita que chegara durante a sua ausência, e não fora mencionada por nenhuma das criadas — uma delas a criada da tia — com quem falara desde sua chegada. Entretanto, Isabel já aprendera por que tesouros de discrição a função de receber ordens pode ser acompanhada e estava consciente, acima de tudo, de ter sido tratada com *secura* pela criada da tia, por cujos dedos ela escapulira com um pouco de desconfiança e com a plumagem ainda mais brilhante. A chegada de um hóspede nada tinha em si de desconcertante; ela ainda não se despira da convicção dos jovens de que cada nova amizade iria exercer alguma influência momentosa em sua vida. Ao concluir tais reflexões, deu-se conta de que a dama ao piano tocava extremamente bem. Estava tocando algo de Schubert — Isabel não sabia o que era, mas reconheceu Schubert — e dedilhava o piano com arte muito

pessoal. Demonstrava prática, transpirava emoção; Isabel sentou-se sem fazer barulho na cadeira mais próxima e esperou até o fim da peça. Ao final, sentiu grande vontade de agradecer à pianista, e levantou-se para fazê-lo, enquanto, ao mesmo tempo, a estranha voltava-se rapidamente, como se tivesse acabado de notar-lhe a presença.

— Isso é muito bonito, e o modo como o toca torna-o ainda melhor — disse Isabel, com toda a jovem radiância com que costumava expressar verdadeiro prazer.

— Não acha que posso ter incomodado o senhor Touchett, então? — perguntou a pianista de modo tão agradável quanto o cumprimento merecia. — A casa é tão grande e o quarto dele tão longe que pensei que poderia arriscar-me, ainda mais que toquei só... só *du bout des doigts*.

“Ela é francesa”, pensou Isabel, “sua pronúncia soa como se o fosse.” E tal suposição fez com que a visita se tornasse mais interessante para nossa curiosa heroína.

— Espero que meu tio esteja melhor — acrescentou Isabel. — Creio que ouvir música tão bela como essa fará com que se sinta melhor, certamente.

A dama sorriu e observou:

— Receio que haja momentos na vida em que nem mesmo Schubert tenha algo a nos dizer. Porém, temos que admitir serem esses os nossos piores momentos.

— Então não é esse o meu estado, agora — disse Isabel. — Ao contrário, ficaria muito contente se tocasse mais um pouco.

— Se lhe dá prazer, com todo o gosto. — E aquela criatura prestativa acomodou-se novamente na banquetta e dedilhou alguns acordes, ao mesmo tempo que Isabel se sentava mais perto do piano. De repente, a recém-chegada deteve-se com as mãos sobre o teclado, virou um pouco o corpo e olhou por sobre o ombro. Tinha uns quarenta anos e não era bonita, embora sua expressão encantasse.

— Perdoe-me — disse —, mas a senhorita é a sobrinha, a jovem americana?

— Eu sou sobrinha da senhora Touchett — respondeu Isabel com simplicidade.

A senhora permaneceu na mesma posição mais um instante, lançando um olhar de interesse por sobre o ombro.

— Ah, isso é ótimo; então somos patrícias. — E começou a tocar.

“Ah, ela não é francesa”, murmurou Isabel, e como a suposição anterior a tornara romântica, poder-se-ia pensar que a revelação teria significado um esmorecimento. Mas não foi isso o que aconteceu; aparentemente, mais raro ainda do que ser francesa era ser americana em condições tão interessantes.

A dama tocou do mesmo modo que antes, baixo e solene, e, enquanto tocava, as sombras foram se adensando no salão. O crepúsculo de outono foi chegando, e de seu lugar Isabel pôde ver a chuva, que agora tinha começado de verdade, encharcando o gramado frio, e o vento a sacudir as grandes árvores. Por fim, quando a música cessou, a outra levantou-se e, aproximando-se com um sorriso, antes que Isabel tivesse tempo de agradecer-lhe de novo, disse:

— Estou muito contente que tenha voltado; ouvi falar muito a seu respeito.

Isabel achou-a uma pessoa muito atraente, mas, apesar disso, foi com certa brusquidão que respondeu:

— Quem lhe falou a meu respeito?

A estranha hesitou por um momento breve e respondeu:

— Seu tio. Estou aqui há três dias e no primeiro ele permitiu que eu lhe fizesse uma visita em seu quarto. Então falou todo o tempo sobre a senhorita.

— Como não me conhecia, isso deve ter sido um tanto enfadonho para a senhora.

— Fez-me querer conhecê-la. Ainda mais porque, desde então, por causa de sua tia ficar tanto com o senhor Touchett, tenho estado muito sozinha e um tanto cansada da minha própria companhia. Não escolhi uma boa ocasião para minha visita.

Uma criada tinha vindo acender as lâmpadas, e logo foi seguida por outra que trazia a bandeja do chá. Aparentemente a senhora Touchett tinha sido avisada sobre essa refeição, pois logo chegou e ocupou-se com o bule. Sua maneira de receber a sobrinha não foi muito diferente de seu modo de levantar a tampa desse receptáculo a fim de examinar-lhe o conteúdo: em qualquer dos atos, não era apropriado demonstrar avidez. Ao lhe ser perguntado sobre o marido, não pôde dizer que estava melhor, mas o médico local estava com ele e esperava-se muito esclarecimento da conferência desse cavalheiro com *sir* Matthew Hope.

— Suponho que as duas tenham travado conhecimento — acrescentou. — Se não o fizeram, recomendo-lhes que o façam, pois, enquanto nós, Ralph e eu, continuarmos ocupados à cabeceira do senhor Touchett, não é provável que terão outra companhia a não ser uma à outra.

— Eu só sei a seu respeito que é uma grande pianista — disse Isabel à hóspede.

— Há muito mais para saber — afirmou a senhora Touchett, em seu tom seco.

— Muito pouco, tenho certeza, contentará a senhorita Archer! — exclamou a dama, com uma risada leve. — Sou uma velha amiga de sua tia; moro em Florença. Sou madame Merle. — Deu essa última informação como se estivesse se referindo a uma pessoa de identidade razoavelmente conhecida. Porém, para Isabel, pouco representava; só pôde continuar achando que madame Merle tinha os modos mais encantadores que jamais vira.

— Não é estrangeira, apesar do nome — disse a senhora Touchett. — Ela nasceu... sempre esqueço onde a senhora nasceu.

— Então não vale a pena eu lhe contar.

— Ao contrário — contrapôs a senhora Touchett, a quem era raro acontecer deixar passar um ponto de lógica —; se eu lembrasse, seria supérfluo a senhora dizer-me.

Madame Merle lançou um olhar para Isabel com um sorriso muito abrangente, algo que ultrapassava fronteiras.

— Nasci à sombra da bandeira nacional.

— Ela gosta muito de um mistério — disse a senhora Touchett —; esse é seu grande defeito.

— Ah — exclamou madame Merle —, eu tenho grandes defeitos, mas não acho que esse seja um deles; com certeza, não é o maior. Eu vim ao mundo no estaleiro naval do Brooklyn. Meu pai era um oficial graduado da Marinha dos Estados Unidos e tinha um posto — um posto de responsabilidade — nesse estaleiro, na época. Suponho que eu deveria adorar o mar, mas detesto. É por isso que não volto para a América. Amo o país; é bom amar alguma coisa.

Como testemunha imparcial, Isabel não ficara impressionada com a força da caracterização que

a senhora Touchett fizera da visita, que tinha um rosto expressivo, comunicativo e sensível, de modo algum aparentando o que, na idéia de Isabel, poderia sugerir um temperamento reservado. Era um rosto que revelava amplitude de natureza e movimentos rápidos e livres e, embora não fosse dotado de beleza regular, era simpático em alto grau e prendia as pessoas. Madame Merle era uma mulher alta, clara e roliça; tudo nela era redondo e repleto, embora sem as acumulações que sugerem peso. Seus traços eram grandes, mas em perfeita proporção e harmonia, e sua tez tinha uma clareza saudável. Os olhos cinzentos eram pequenos, mas cheios de luz e incapazes de estupidez — incapazes, segundo algumas pessoas, até de lágrimas; tinha uma boca generosa, de contornos cheios, que, quando sorria, levantava-se do lado esquerdo de um modo que quase todos achavam muito estranho, alguns muito afetado e uns poucos muito gracioso. Isabel tendia a incluir-se na última categoria. Madame Merle tinha cabelos fartos e claros, penteados de uma certa forma “clássica”, como se ela fosse uma escultura, pensava Isabel: uma Juno ou uma Níobe; e mãos grandes e alvas, de forma perfeita, tão perfeita que sua dona, preferindo deixá-las sem adorno, não usava nenhum anel como jóia. A princípio, Isabel a tomara, como vimos, por francesa; mas observação mais prolongada poderia tê-la classificado como alemã — uma alemã de alta classe, talvez uma austríaca, uma baronesa, condessa ou princesa. Nunca alguém teria suposto que ela tivesse vindo ao mundo no Brooklyn — embora sem dúvida não se pudesse sustentar até o fim a tese de que o ar de distinção que a marcava de modo tão eminente fosse incoerente com tal nascimento. Era verdade que o pavilhão nacional tinha tremulado bem em cima de seu berço e a liberdade despreendida das estrelas e listras talvez tivesse irradiado certa influência sobre a atitude que ela ali tomou com relação à vida. E no entanto ela nada tinha da qualidade trêmula e agitada de um pedaço de tecido ao vento; seus modos exprimiam a calma e a confiança que vêm de grande experiência. A experiência, porém, não lhe abafara a juventude; apenas a tornara compreensiva e flexível. Numa palavra, era uma mulher de fortes impulsos mantidos em ordem admirável. Isso parecia a Isabel uma combinação ideal.

A moça foi fazendo tais reflexões enquanto as três mulheres tomavam o chá, mas esse ritual foi logo interrompido pela chegada do grande médico de Londres, que foi imediatamente conduzido à sala de estar. A senhora Touchett levou-o à biblioteca para uma conversa particular, e nesse ponto madame Merle e Isabel separaram-se para se verem novamente no jantar. A perspectiva de tornar a ver a interessante mulher contribuiu em muito para mitigar a sensação de tristeza que Isabel sentia começar a abater-se sobre Gardencourt.

Quando entrou na saleta, antes do jantar, encontrou-a vazia, mas num instante Ralph chegou. A ansiedade dele a respeito do pai fora aliviada; a opinião de *sir* Matthew Hope sobre o estado do doente fora menos pessimista que a sua própria tinha sido. O médico recomendara que apenas a enfermeira permanecesse com o velho durante as três ou quatro horas seguintes; assim, Ralph, a mãe e o grande médico puderam sentar-se à mesa. A senhora Touchett e *sir* Matthew apareceram; por último, chegou madame Merle.

Antes de isso acontecer, Isabel mencionou-a a Ralph, que estava de pé diante da lareira.

— Diga-me, por favor, quem é essa madame Merle?

— A mulher mais esperta que conheço, sem excluir você — disse Ralph.

— Pareceu-me muito agradável.

— Eu tinha certeza de que a acharia muito agradável.

— Foi por isso que a convidou?

— Não a convidei, e, quando voltamos de Londres, eu não sabia que ela estava aqui. Ninguém a convidou. É amiga de minha mãe e, pouco antes de você e eu termos ido para a cidade, minha mãe recebeu um bilhete dela. Chegara à Inglaterra (costuma morar fora, embora sempre passe longas temporadas aqui) e pedia licença para vir aqui por alguns dias. É o tipo de mulher que pode fazer esse tipo de proposta com perfeita confiança; é sempre bem-vinda aonde quer que vá. E, no tocante à minha mãe, não havia por que hesitar; é a única pessoa no mundo a quem ela muito admira. Se ela não fosse quem é (o que, afinal, prefere de longe), gostaria de ser madame Merle. Seria de fato uma grande mudança.

— Bem, ela é encantadora — disse Isabel. — E toca divinamente.

— Faz tudo divinamente. É completa.

Isabel olhou para o primo por um instante.

— Você não gosta dela.

— Ao contrário, um dia estive apaixonado por ela.

— E ela não lhe correspondeu e é por isso que não gosta dela.

— Como poderíamos ter discutido tal coisa? *Monsieur* Merle estava vivo na época.

— E agora está morto?

— É o que ela diz.

— Não acredita nela?

— Acredito, porque tal afirmação está de acordo com as probabilidades. O marido de madame Merle esteve propenso a falecer.

Isabel fitou o primo de novo.

— Não sei o que quer dizer. Está querendo dizer algo que não é o que está dizendo. Quem era *monsieur* Merle?

— O marido de *madame*.

— Está sendo muito irritante. Ela tem filhos?

— Nem um filhinho, felizmente.

— Felizmente?

— Quero dizer felizmente para a criança. Com toda a certeza ela iria estragá-la.

Isabel estava prestes a dizer ao primo pela terceira vez que ele estava sendo irritante, mas a discussão foi interrompida pela chegada da dama que era o tópico em questão. Ela entrou apressada, desculpando-se por estar atrasada, fechando um bracelete; usava um vestido de cetim azul-escuro, que deixava à mostra um colo alvo, mal encoberto por um curioso colar de prata. Ralph ofereceu-lhe o braço com a exagerada presteza do homem que não é mais um apaixonado.

Mesmo que essa fosse ainda sua condição, contudo, Ralph tinha outras coisas em que pensar. O grande médico passou a noite em Gardencourt e, ao voltar para Londres na manhã seguinte, após outra reunião com o médico particular do senhor Touchett, concordou com o desejo de Ralph de que voltasse para ver o paciente no dia seguinte. Assim, no outro dia, *sir* Matthew Hope tornou a

aparecer em Gardencourt, e dessa vez teve uma impressão menos animadora sobre o estado do idoso senhor, que piorara nas últimas vinte e quatro horas. Sua fraqueza era extrema e, para o filho, que estava constantemente à sua cabeceira, muitas vezes parecia que o fim estava próximo. O médico local, um homem muito sagaz, em quem secretamente Ralph tinha muito mais confiança do que em seu ilustre colega, estava em constante prontidão, e *sir* Matthew Hope voltou várias vezes. O senhor Touchett estava inconsciente a maior parte do tempo; dormia muito; raramente falava. Isabel tinha imensa vontade de fazer algo por ele e teve a permissão de ficar de vigília quando as outras pessoas que cuidavam dele (das quais a senhora Touchett não era menos regular) iam descansar um pouco. Ele nunca parecia reconhecê-la, e ela sempre dizia para si mesma: “Imagine se ele morresse enquanto estou aqui”, idéia que a agitava e a mantinha acordada. Uma vez, ele abriu os olhos durante alguns momentos e fixou-os nela com lucidez; porém, quando ela foi até ele, esperando que a reconhecesse, ele fechou os olhos e tornou a cair em estupor. Entretanto, no dia seguinte, reanimou-se durante um período de tempo mais longo, mas dessa vez apenas Ralph estava com ele. O velho começou a falar, para grande satisfação do filho, que lhe assegurou que logo o poriam sentado.

— Não, meu rapaz — disse o senhor Touchett —; não, a não ser que você queira enterrar-me na posição sentada, como alguns antigos — eram os antigos? — costumavam fazer.

— Ah, papai, não fale assim — murmurou Ralph. — Não pode negar que está melhor.

— Não vou precisar negar se você não insistir nisso — retrucou o velho. — Por que temos que tergiversar agora no fim? Nunca fizemos isso antes. Tenho que morrer algum dia, e é melhor morrer quando se está doente do que quando se está bem. Eu estou muito doente, tão doente quanto jamais tornarei a estar. Espero que você não queira provar que um dia estarei pior do que estou. Isso seria lamentável. Não quer? Então está bem.

Tendo conseguido essa excelente vitória, ficou calado, mas na vez seguinte que Ralph estava com ele tornou a entabular conversa. A enfermeira tinha ido jantar, e Ralph estava sozinho tomando conta dele, tendo acabado de substituir a senhora Touchett, que ficara de plantão desde o almoço. O quarto estava iluminado apenas pela luz bruxuleante da lareira acesa, que nos últimos tempos tornara-se necessária, e a alta sombra projetada por Ralph desenhava-se na parede e no teto com contornos em constante variação, mas sempre grotescos.

— Quem está aqui comigo? É o meu filho? — perguntou o velho.

— Sim, é o seu filho, papai.

— E não há mais ninguém?

— Ninguém.

O senhor Touchett nada disse por alguns instantes, mas depois continuou:

— Quero conversar um pouco.

— Não vai se cansar? — objetou Ralph.

— Não faz mal se me cansar. Terei um longo descanso. Quero falar a seu respeito.

Ralph aproximou-se da cama; sentou-se curvado para a frente, segurando a mão do pai.

— É melhor escolher um tópico mais alegre.

— Você sempre foi alegre; eu costumava ter orgulho de sua alegria. Gostaria tanto de pensar

que você vai fazer alguma coisa...

— Se nos deixar — disse Ralph —, não vou fazer outra coisa que não seja sentir sua falta.

— É justamente o que não quero; e é sobre isso que quero falar. Você deve arranjar um novo interesse.

— Não quero um novo interesse, papai. Tenho mais interesses do que idéia do que fazer com eles.

O velho ficou lá deitado, olhando para o filho; o rosto era o de um moribundo, mas os olhos eram os de Daniel Touchett. Parecia estar considerando os interesses de Ralph. Por fim, disse:

— É claro que tem sua mãe. Você tomará conta dela.

— Minha mãe sempre saberá tomar conta de si própria — retrucou Ralph.

— Bem — disse o pai —, talvez, à medida que vá ficando mais velha, precise de um pouco de ajuda.

— Não vou ver isso. Ela viverá mais do que eu.

— É provável que sim, mas não é motivo suficiente... — O senhor Touchett deixou a frase morrer num suspiro indefeso mas não de todo queixoso, e voltou a ficar calado.

— Não se preocupe conosco — disse o filho. — Minha mãe e eu nos damos muito bem, o senhor sabe.

— Dão-se bem por estarem sempre longe um do outro; isso não é natural.

— Se o senhor nos deixar, provavelmente vamos nos ver mais.

— Bem — observou o velho de modo inoportuno —, não se pode dizer que minha morte vá fazer muita diferença na vida de sua mãe.

— Provavelmente fará mais do que o senhor pensa.

— Bem, ela vai ter mais dinheiro — disse o senhor Touchett. — Deixei-lhe a parte que uma boa esposa merece, como se ela tivesse sido uma boa esposa.

— Ela o foi, papai, de acordo com suas próprias idéias. Nunca o incomodou.

— Ah, alguns incômodos são agradáveis — murmurou o senhor Touchett. — Os que você me causou, por exemplo. Mas sua mãe tem estado menos... menos... como direi? Menos escondida desde que fiquei doente. Presumo que ela saiba que notei.

— Vou dizer-lhe, com certeza; estou contente que o senhor tenha mencionado isso.

— Não fará diferença alguma para ela; não o faz para agradar-me. Faz para agradar... para agradar... — E então ficou quieto um momento, tentando pensar por quem ela o faria. — Faz porque isso lhe convém. Mas não é sobre isso que quero falar — acrescentou. — É sobre *você*. Você vai ficar muito bem financeiramente.

— Sim — volveu Ralph. — Sei disso. Mas espero que não tenha esquecido a conversa que tivemos há um ano, quando eu lhe disse exatamente quanto dinheiro preciso e pedi-lhe que fizesse bom uso do restante.

— Sim, sim, eu me lembro. Fiz um novo testamento, há poucos dias. Imagino que foi a primeira vez que uma coisa dessas aconteceu: um jovem tentando fazer com que um testamento o desfavorecesse.

— Não me desfavorece — disse Ralph. — Iria desfavorecer-me ter uma grande propriedade para

cuidar. É impossível para um homem no meu estado de saúde gastar muito dinheiro, e o que preciso já é tão bom quanto um banquete.

— Bem, vai ter o que precisa e mais um pouco. Vai haver mais que o suficiente para uma pessoa; haverá o bastante para duas.

— Isso é demais — disse Ralph.

— Ah, não diga isso. A melhor coisa que pode fazer, quando eu não estiver mais aqui, é casar.

Ralph tinha adivinhado aonde o pai queria chegar, e essa sugestão não era de modo algum nova. Fora durante muito tempo a maneira mais engenhosa de o senhor Touchett adotar uma opinião otimista sobre a possível duração da vida do filho. Ralph sempre levava a coisa na brincadeira, mas as circunstâncias presentes impediam o tom brincalhão. Limitou-se a recostar-se na cadeira e retribuir o olhar súplice do pai.

— Se eu, com uma mulher que não tem sido muito carinhosa comigo, tive uma vida muito feliz — disse o velho, forçando sua faculdade inventiva um pouco mais além —, que vida você não poderia ter se casasse com uma pessoa diferente da senhora Touchett? Há mais gente diferente dela do que parecida com ela. — Ralph continuou calado e, após uma pausa, o pai continuou baixinho: — O que acha de sua prima?

Ao ouvir isso, Ralph teve um sobressalto e esboçou um sorriso contrafeito.

— Estou entendendo que o senhor quer que eu me case com Isabel?

— Bom, acaba nisso. Não gosta de Isabel?

— Sim, muito. — Dizendo isso, Ralph levantou-se da cadeira e caminhou até perto da lareira. Ficou ali um instante, depois curvou-se e remexeu o fogo num gesto mecânico. — Gosto muito de Isabel — repetiu.

— Bem — disse o pai —, sei que ela gosta de você. Ela contou-me o quanto gosta de você.

— Ela disse que gostaria de se casar comigo?

— Não, mas não deve ter nada contra isso. E é a moça mais encantadora que já vi. E seria boa para você. Pensei muito a esse respeito.

— Eu também — observou Ralph, voltando para perto da cama. — Não me importo de dizer isso ao senhor.

— *Está* apaixonado por ela, então? Não me espantaria se estivesse. É como se ela tivesse vindo para cá de propósito.

— Não, não estou apaixonado por ela, mas poderia estar, se... se certas coisas fossem diferentes.

— Ah, as coisas são sempre diferentes do que deveriam ser — disse o velho. — Se esperar que mudem, nunca fará nada. Não sei se sabe — continuou —, mas suponho que não há mal em mencionar isso a estas alturas: uma pessoa quis casar com Isabel outro dia e ela não aceitou.

— Sei que rejeitou Warburton: ele próprio me contou.

— Bem, isso prova que há chance para outro.

— Um outro arriscou sua chance outro dia em Londres e não conseguiu nada com isso.

— Foi você? — perguntou o senhor Touchett, ansioso.

— Não, foi um amigo mais antigo, um pobre homem que veio da América só para isso.

— Bem, lamento por ele, seja lá quem for. Mas isso serve apenas para provar o que estou

dizendo: que a porta está aberta para você.

— Se está, meu caro pai, é uma pena que eu não possa passar por ela. Não tenho muitas convicções, mas há três ou quatro às quais me apego com ardor. Uma é que, em geral, não se deve casar com primas. Outra é que, quando se tem uma doença pulmonar em estado adiantado, é melhor não casar com ninguém.

O velho levantou a mão fraca e agitou-a de um lado para o outro diante do rosto.

— O que quer dizer com isso? Encara as coisas de um modo que torna tudo errado. Que espécie de prima é essa que você não viu por mais de vinte anos da vida dela? Nós somos todos primos uns dos outros e, se fôssemos considerar isso, a raça humana iria extinguir-se. É a mesma coisa com o seu pulmão doente. Você está muito melhor do que antes. Tudo o que precisa é levar uma vida natural. E nada mais natural que se casar com uma moça bonita por quem se está apaixonado, em vez de continuar solteiro por falsos princípios.

— Eu não estou apaixonado por Isabel — disse Ralph.

— Acabou de dizer que estaria se não achasse que é errado. Quero lhe provar que não é errado.

— Só vai ficar cansado, querido pai — disse Ralph, admirado com a tenacidade do pai e com ele encontrar forças para insistir. — Então o que vai ser de nós todos?

— O que vai ser de você, se eu não cuidar disso? Não quer se dedicar ao banco e não terá a mim para cuidar. Diz ter tantos interesses, mas não consigo vê-los.

Ralph recostou-se na cadeira com os braços cruzados, permanecendo com o olhar fixo e meditativo durante algum tempo. Por fim, com o ar de alguém que cria coragem, disse:

— Tenho grande interesse em minha prima, mas não o tipo de interesse que o senhor deseja. Não vou viver muitos anos, mas espero que seja o bastante para ver o que ela vai fazer com sua vida. Ela é completamente independente de mim; quase não posso exercer influência sobre ela. Mas gostaria de fazer alguma coisa por ela.

— O que gostaria de fazer?

— Gostaria de ajudá-la com um empurrãozinho.

— O que quer dizer com isso?

— Gostaria de facilitar-lhe algumas coisas que quer fazer. Quer ver o mundo, por exemplo. Eu gostaria de pôr dinheiro na sua carteira.

— Ah, alegro-me que tenha pensado nisso — disse o velho. — Mas eu também pensei. Deixei-lhe um legado: cinco mil libras.

— Isso é ótimo; é muito generoso. Mas eu gostaria de fazer um pouco mais.

Um pouco da dissimulada sagacidade com que Daniel Touchett ouvira em toda a sua vida as propostas financeiras ainda transparecia no rosto em que o inválido não obliterara o homem de negócios.

— Terei prazer em ouvir — disse baixinho.

— Isabel é pobre, isso é certo. Minha mãe contou-me que tem apenas algumas centenas de dólares por ano. Eu gostaria de tomá-la rica.

— O que quer dizer com “rica”?

— Para mim, pessoas ricas são aquelas que podem satisfazer as exigências de sua imaginação.

Isabel tem muita imaginação.

— Você também, filho — disse o senhor Touchett, ouvindo com muita atenção, apesar de um tanto confuso.

— O senhor está dizendo que eu terei dinheiro suficiente para duas pessoas. O que eu estou querendo é que o senhor faça o favor de aliviar-me do supérfluo e que o passe para Isabel. Divida minha herança em duas metades iguais e dê-lhe uma delas.

— Para ela fazer o que quiser?

— Tudo o que quiser.

— E sem nada em troca?

— O que poderia haver em troca?

— O que já mencionei.

— Ela se casar? Com um ou outro? É exatamente para acabar com isso que estou fazendo minha sugestão. Se ela tiver uma renda confortável, não precisará nunca casar para ser sustentada. É isso que quero sagazmente evitar. Ela quer ser livre, e a sua herança a tornará livre.

— Bem, parece que já pensou em tudo muito bem — disse o senhor Touchett. — Mas não vejo por que pedir isso a mim. O dinheiro será seu e poderá muito bem dá-lo a ela, você mesmo.

Ralph encarou o pai, estarrecido:

— Ah, pai, *eu* não posso oferecer dinheiro a Isabel!

O velho soltou um gemido.

— Não me venha dizer que não está apaixonado por ela! Quer que *eu* leve o crédito por isso?

— Completamente. Gostaria que fosse apenas uma cláusula no seu testamento, sem a menor referência a mim.

— Quer que eu faça um novo testamento, então?

— Bastam algumas palavras; poderá cuidar disso da próxima vez que se sentir forte.

— Então deve telegrafar ao senhor Hilary. Não vou fazer nada sem meu advogado.

— O senhor Hilary estará aqui amanhã.

— Ele vai pensar que brigamos, nós dois — disse o velho.

— É provável; gostaria que pensasse isso — retrucou Ralph, sorrindo —, e, para levar adiante tal idéia, já vou avisando que vou ser bem brusco, bem malcriado e estranho com o senhor.

Isso pareceu afetar o pai, que ficou algum tempo pensando a respeito.

— Farei o que quer — disse o senhor Touchett, por fim —, mas não estou convencido de que seja o certo. Diz que quer lhe dar um empurrãozinho, mas não tem medo que seja um empurrão grande demais?

— Eu gostaria de vê-la a todo o vapor! — respondeu Ralph.

— Fala como se isso fosse para sua mera diversão.

— E é, em grande parte.

— Bem, acho que não estou entendendo — disse o senhor Touchett com um suspiro. — Os rapazes de hoje são bem diferentes de como eu era. Quando eu gostava de uma moça, na minha juventude, queria mais do que olhar para ela. Você tem escrúpulos que eu não teria tido e tem idéias que eu também não teria. Está dizendo que Isabel quer ser livre e que o fato de ser rica

evitará que se case por dinheiro. Acha que ela é o tipo de moça que faria isso?

— De modo algum. Mas ela tem menos dinheiro do que jamais teve antes. O pai dava-lhe tudo naquele tempo, porque costumava gastar seu capital. Ela nada tem a não ser as migalhas daquele banquete e, na verdade, não sabe quão parcias elas são — ainda vai aprender isso. Minha mãe contou-me tudo. Isabel vai aprender quando for de fato jogada ao mundo, e seria muito penoso para mim pensar que ela venha a ter consciência de que a maioria de seus desejos não poderão ser satisfeitos.

— Estou lhe deixando cinco mil libras. Ela pode satisfazer muitos desejos com isso.

— De fato, pode. Mas é provável que as gastasse em dois ou três anos.

— Acha que ela seria tão extravagante?

— Com toda a certeza — retrucou Ralph, sorrindo sereno.

A sagacidade do pobre senhor Touchett estava cedendo lugar rapidamente à pura confusão.

— Seria uma simples questão de tempo, então, ela gastar a quantia maior?

— Não, embora a princípio eu ache que ela realmente use muito desse dinheiro; provavelmente dará uma parte para as irmãs. Mas depois cairá na razão, lembrará que ainda tem uma vida toda diante de si e viverá dentro de suas possibilidades.

— Bem, você já raciocinou sobre tudo — disse o velho, vendo que nada mais podia fazer. — Realmente está interessado nela.

— Não pode dizer com coerência que fui longe demais. O senhor queria que eu fosse mais longe ainda.

— Bem, não sei — respondeu o senhor Touchett. — Não creio partilhar seu ponto de vista. Parece-me imoral.

— Imoral, papai?

— Bem, não sei se é certo tornar tudo tão fácil para alguém.

— Certamente depende de que alguém. Se é alguém bom, o fato de lhe tornar as coisas fáceis fica a crédito da virtude. Facilitar o desempenho de bons impulsos — o que pode ser mais nobre?

Isso era um tanto difícil de acompanhar, e o senhor Touchett ficou meditando sobre esse aspecto por um instante. Por fim, disse:

— Isabel é uma jovem muito meiga, mas acha que seja tão boa assim?

— É tão boa quanto suas melhores oportunidades — respondeu Ralph.

— Bem — declarou o senhor Touchett —, ela deverá ter muitíssimas oportunidades com sessenta mil libras.

— Não duvido de que as terá.

— É claro que farei o que quer — disse o velho. — Só queria entender um pouco.

— Bem, querido pai, não está entendendo agora? — perguntou o filho carinhosamente. — Se não estiver, não vamos mais nos preocupar com isso. Vamos deixar esse assunto de lado.

O senhor Touchett ficou um longo tempo sem nada dizer. Ralph imaginou que tivesse desistido de acompanhar seu raciocínio. Mas finalmente, com muita lucidez, retomou o fio da conversa:

— Responda-me primeiro isto: não acha que uma jovem com sessenta mil libras possa ser vítima dos caçadores de fortuna?

— Dificilmente será vítima de mais de um.

— Bem, um já basta.

— Com certeza. É um risco e entrou nos meus cálculos. Acho que deve ser levado em conta, mas é pequeno, e estou preparado para corrê-lo.

A sagacidade do pobre senhor Touchett tinha dado lugar à perplexidade, e a perplexidade agora se transformava em admiração.

— Bem, você pensou mesmo em tudo! — repetiu. — Mas não percebo o que há de bom nisso para você.

Ralph debruçou-se sobre a cama e ajeitou com carinho os travesseiros do pai; tinha consciência de que a conversa fora demasiado longa.

— O que há de bom é só o que eu queria colocar ao alcance de Isabel, como disse há pouco: satisfazer as exigências de minha imaginação. Mas é escandalosa a forma como me aproveitei do senhor!

Como a senhora Touchett tinha previsto, Isabel e madame Merle foram deixadas muito tempo na companhia uma da outra durante a doença de seu anfitrião, de modo que, se não tivessem se tornado íntimas, teria sido quase uma falta de educação. A educação delas era das melhores, mas, além disso, aconteceu de gostarem uma da outra. Talvez seja demais dizer que juraram amizade eterna, mas pelo menos de modo tácito elas apelaram para o futuro como testemunha. Isabel fez isso com consciência muito descansada, embora hesitasse em admitir ser íntima da nova amiga no alto sentido que dava pessoalmente à expressão. Muitas vezes perguntava-se se na verdade jamais tivera sido íntima de alguém ou se um dia poderia ser. Tinha um ideal de amizade, bem como de vários outros sentimentos, que não lhe pareceu, neste caso — como não lhe parecera em outros casos —, que a relação atual expressasse por completo. Mas lembrava a si mesma com frequência que havia razões essenciais para o ideal de uma pessoa nunca poder tornar-se concreto. Era algo em que se acreditar, não para se ver — uma questão de fé, não de experiência. Contudo, a experiência talvez pudesse fornecer-nos imitações muito confiáveis do ideal, e o papel da sabedoria era fazer o melhor que pudesse com isso. Com certeza, em geral Isabel nunca encontrara uma personagem mais agradável e interessante que madame Merle; nunca conhecera uma pessoa com tão pouco daquele defeito que é o principal obstáculo à amizade: o ar de reproduzir as partes mais cansativas, mais repetitivas, familiares demais, do caráter da própria pessoa. Os portais da confiança da jovem estavam mais abertos do que jamais estiveram; disse coisas a essa amável ouvinte que ainda não tinha dito a ninguém. Às vezes, alarmava-se com sua candura: era como se tivesse dado a uma relativa estranha as chaves de seu cofre de jóias. Tais gemas espirituais eram as únicas de alguma magnitude que Isabel possuía, mas isso era um motivo a mais para serem guardadas com cuidado. Depois, porém, sempre lembrava-se de que não deveria ficar arrependida de um erro generoso e que, se madame Merle não tinha os méritos que ela lhe atribuía, pior para madame Merle. Não havia dúvida de que ela tinha grandes méritos: era encantadora, simpática, inteligente, culta. Mais que isso (pois Isabel não tivera o azar de passar pela vida sem conhecer, dentre seu próprio sexo, várias pessoas de quem não pudesse dizer menos com justiça), era rara, superior e preeminente. Existem muitas pessoas agradáveis no mundo, e madame Merle estava longe de ser vulgarmente bem-humorada e inquietamente espirituosa. Sabia pensar — um feito raro nas mulheres — e utilizava o pensamento com muito bom propósito. É claro que também sabia sentir; Isabel não poderia ter passado uma semana com ela sem ficar certa disso. Na verdade esse era o grande talento de madame Merle, seu dom mais perfeito. A vida a marcara, sentira-a com grande força, e parte da satisfação que se sentia em sua companhia provinha de que, quando a jovem falava do que gostava de chamar de assuntos sérios, essa senhora a entendia com rapidez e facilidade. A emoção, na verdade, tornara-se nela um tanto histórica; não fazia segredo do fato de que a fonte da

paixão, graças a ter sido exaurida com violência num determinado período, não corria agora tão abundante como outrora. Além disso, ela pretendia, e também esperava, deixar de sentir; admitia abertamente que em tempos antigos tinha sido um tanto louca e agora pretendia ser perfeitamente sã.

— Julgo mais do que costumava — disse a Isabel —, mas parece-me que se adquire esse direito. Não se pode julgar antes de se ter quarenta anos; antes disso, somos demasiado ávidos, demasiado duros, demasiado cruéis, e, além do mais, demasiado ignorantes. Lamento por você; *falta-lhe* muito para os quarenta anos. Mas, quando se ganha por um lado, perde-se por outro; às vezes acho que, depois dos quarenta, não se *consegue* sentir realmente. O frescor, a rapidez certamente já não mais existem. Você vai conservá-las por mais tempo que a maioria das pessoas; será uma grande satisfação para mim vê-la daqui a alguns anos. Quero ver o que a vida fez de você. Uma coisa é certa: ela não poderá estragar você. Talvez a massacre um pouco, mas duvido que a quebre.

Isabel recebeu essa afirmativa como um jovem soldado, ainda ofegante de uma leve escaramuça da qual se saiu honrosamente, receberia um tapinha no ombro do coronel. Do mesmo modo que esse reconhecimento de mérito, ela parecia emanar de uma autoridade. Como poderia deixar de ser, partindo de uma pessoa que estava pronta a falar, de quase tudo que Isabel lhe contava: “Oh, já passei por isso, minha querida; como tudo, logo passa”? Em muitos interlocutores, madame Merle talvez tivesse causado um efeito irritante; era desconcertantemente difícil surpreendê-la. Mas Isabel, embora não fosse incapaz de desejar causar algum impacto, no momento não tinha tal impulso. Era sincera demais, interessada demais em sua judiciosa companheira. E também madame Merle nunca dizia tais coisas em tom de triunfo ou de ostentação; deixava-as cair como frias confissões.

Um período de mau tempo tinha se abatido sobre Gardencourt; os dias estavam ficando mais curtos e os agradáveis chás sobre a relva tinham chegado ao fim. Mas a nossa jovem mantinha longas conversas dentro de casa com a outra hóspede e, apesar da chuva, as duas mulheres muitas vezes aventuravam-se a uma caminhada, equipadas com o aparato protetor que o clima inglês e a engenhosidade local levaram em conjunto à perfeição. Madame Merle gostava de quase tudo, inclusive da chuva, na Inglaterra.

— Sempre cai um pouquinho e nunca demais de uma vez — dizia —, nunca nos deixa molhados, e sempre cheira bem. — Afirmava que, na Inglaterra, os prazeres do olfato eram grandes; nessa inimitável ilha havia uma certa mescla de neblina e cerveja e fuligem que, por mais estranho que parecesse, era o aroma nacional, muito agradável às narinas; e costumava erguer a manga do casaco britânico e enterrar o rosto nele, aspirando o distinto e bom cheiro da lã. O pobre Ralph Touchett, mal o outono se esboçou, tornou-se quase um prisioneiro; no mau tempo, não podia sair de casa e às vezes postava-se a uma das janelas com as mãos nos bolsos e, com ar meio tristonho, meio crítico, ficava observando Isabel e madame Merle caminharem pela alameda protegidas por dois guarda-chuvas. Os caminhos ao redor de Gardencourt eram tão firmes, mesmo com tempo muito ruim, que as duas damas sempre voltavam com um rubor saudável nas faces; e, olhando para as solas das botas limpas e fortes, declaravam que a caminhada lhes fizera muitíssimo bem. Sempre antes do almoço, madame Merle ficava ocupada; Isabel admirava e invejava o modo rígido como

ela se apoderava de sua manhã. Nossa heroína sempre passara por uma pessoa de recursos e tivera um certo orgulho de sê-lo, mas ficava perambulando, como que do lado de fora do muro de um jardim particular, em torno dos talentos, habilidades e aptidões de madame Merle, lá dentro encerrados. Dava-se conta de que queria imitá-los e, de dezenas de maneiras, esta senhora apresentava-se como modelo.

“Eu gostaria tanto de ser *assim!*”, Isabel exclamou para si, mais de uma vez, à medida que um após o outro dos aspectos favoráveis da amiga vinham à luz, e em pouco tempo sabia que tinha aprendido uma lição de uma autoridade abalizada. Não demorou muito, de fato, para ela sentir-se, como se costuma dizer, sob a influência da outra.

“Que mal há nisso”, perguntou-se, “desde que seja uma boa influência? Quanto mais se está sob uma influência boa, melhor. O importante é vermos os passos que estamos dando, entendermos o que estamos fazendo ao caminhar. Isso, com certeza, sempre vou fazer. Não preciso ter medo de tornar-me flexível demais; meu defeito não é não ser bastante flexível?”

Dizem que a imitação é a forma mais sincera de lisonja e, se Isabel às vezes era levada a ficar boquiaberta diante da amiga, com anseio e desespero, não era tanto por querer ela própria brilhar, mas por desejar que o brilho de madame Merle fosse visível. Às vezes perguntava-se o que Henrietta Stackpole diria de ela ter uma opinião tão alta sobre aquele produto pervertido do seu torrão comum, e tinha certeza de que ele receberia julgamento muito severo. Henrietta não seria de modo algum a favor de madame Merle; por razões que não poderia definir, essa verdade tornou-se clara para a jovem. Por outro lado, também tinha igual certeza de que, se aparecesse oportunidade, sua nova amiga encontraria uma opinião agradável para dar sobre a antiga amiga: madame Merle tinha um grande senso de humor e uma aguda capacidade de observação para não fazer justiça a Henrietta, e ao travar conhecimento com ela provavelmente poria em ação uma demonstração de tato à qual a senhorita Stackpole não poderia nutrir a esperança de se igualar. Parecia dispor dentro de sua experiência de uma pedra de toque para tudo, e, em algum lugar do espaçoso reservatório de sua memória genial, encontraria a chave para o valor de Henrietta.

— Essa é a coisa maravilhosa — ponderou Isabel, solene —, é a suprema ventura: estar em posição melhor para apreciar as pessoas do que estas para nos apreciar. — E acrescentou que, se fôssemos analisar, essa era apenas a essência da situação aristocrática. A essa luz, se não por nenhuma outra, é que se deveria ter como meta a situação aristocrática.

Não vou contar todos os elos da cadeia que levaram Isabel a pensar na posição de madame Merle como aristocrática — opinião nunca expressada por qualquer alusão da própria dama. Conhecera grandes coisas e grandes pessoas, mas nunca representara grande papel. Fazia parte dos pequenos do mundo; não nascera em meio a honradas e conhecia o mundo bem demais para nutrir ilusões fátuas sobre o lugar que ela própria ocupava nele. Encontrara muitos dos poucos afortunados e conhecia muito bem os pontos em que a ventura deles diferia da sua. Mas, se para sua própria apreciação bem informada não era personagem de um grande cenário, ainda assim tinha, para a imaginação de Isabel, uma espécie de grandeza. Ser tão culta e civilizada, tão sábia e tão agradável e, além disso, minimizar tudo — isso era, de fato, ser uma grande dama, principalmente quando o porte e a apresentação eram de uma dama. Era como se, de algum modo,

ela tivesse toda a sociedade contribuindo para si, e todas as artes e graças que esta sociedade praticava — ou seria antes o efeito dos encantadores usos encontrados *por* ela, mesmo a distância, do sutil serviço por ela prestado a um mundo clamoroso, onde quer que ela estivesse? Após o desjejum, ela escrevia uma série de cartas, pois as que chegavam para ela pareciam inúmeras: sua correspondência era fonte de surpresa para Isabel, quando caminhavam às vezes juntas até a vila para depositar as oferendas de madame Merle ao correio local. Conhecia mais gente, como dizia a Isabel, do que era capaz de lidar e sempre aparecia alguma coisa que merecia ser escrita. Gostava de pintura com devoção e, para ela, fazer um esboço era tão fácil como tirar as luvas. Em Gardencourt, estava constantemente se aproveitando de uma hora de sol para sair com um banco dobrável e uma caixa de aquarelas. Já notamos que era boa pianista, e a prova do fato era que, quando ela se sentava ao piano, como fazia às noites, seus ouvintes resignavam-se sem um murmúrio a perder o encanto de sua conversa. Desde que a conhecera, Isabel sentia vergonha de sua própria facilidade, que agora considerava desprezivelmente inferior; e, de fato, embora em casa tivesse sido considerada quase um prodígio, a perda para a sociedade quando ela dava as costas ao salão para se acomodar na banquetta era considerada maior do que o proveito. Se madame Merle não estava escrevendo, pintando ou tocando piano, geralmente estava entretida em maravilhosas tarefas de elaborados bordados, almofadas, cortinas, enfeites para o console da lareira, arte na qual sua capacidade de inventividade ousada e livre era tão notada quanto a agilidade na agulha. Nunca ficava ociosa, pois, quando não estava ocupada com as atividades que descrevi, ou lia (parecia a Isabel que ela lia “tudo o que era importante”), ou dava uma caminhada, ou jogava paciência, ou conversava com as outras pessoas da casa. E nisso tudo sempre mantinha a qualidade social, nunca era rude pela ausência e também nunca estava acomodada demais. Abandonava os passatempos com tanta facilidade como os pegava: trabalhava e falava ao mesmo tempo, e parecia atribuir pouco valor ao que fazia. Presenteava os esboços e as tapeçarias; levantava-se do piano ou lá ficava, de acordo com a conveniência de seus ouvintes, que ela parecia sempre adivinhar sem falhar. Em suma, era a mais confortável, proveitosa e amena pessoa para se conviver. Se tinha algum defeito para Isabel, era de que não fosse natural; com isso, a jovem queria dizer não que fosse afetada ou pretensiosa, pois de tais vícios vulgares mulher alguma poderia ser mais isenta, mas que sua natureza tinha sido encoberta demais pelo hábito, e suas arestas, muito aparadas. Tornara-se flexível demais, útil demais, era demasiado madura e definitiva. Numa palavra, era com perfeição o animal social que se supõe que o homem e a mulher devam ser e livrara-se de qualquer vestígio daquela impetuosidade tônica, que podemos presumir ter sido característica até das pessoas mais amáveis, nas eras em que a vida elegante do campo ainda não tinha virado moda. Isabel achava difícil pensar nela em qualquer espécie de isolamento ou privacidade; ela existia apenas nas suas relações, diretas ou indiretas, com os outros mortais. Podia-se até perguntar que comunicação manteria com seu próprio espírito. Acabava-se sempre, porém, por sentir que uma superfície encantadora não prova necessariamente que a pessoa é superficial; foi essa uma ilusão da qual, na juventude, escapou-se por pouco de ser nutrida. Madame Merle não era superficial; ela não. Era profunda, e sua natureza falava, contudo, através de seu comportamento, porque usava uma linguagem convencional. “O que é a linguagem, afinal, senão convenção?”, perguntava-se Isabel.

“Ela tem o bom gosto de não fingir que se expressa por sinais originais, ao contrário de algumas pessoas que conheci.”

— Receio que tenha sofrido muito — teve oportunidade de dizer uma vez à amiga, em resposta a uma alusão qualquer que lhe parecera ter ido longe demais.

— O que a faz pensar assim? — perguntou madame Merle com o sorriso divertido de alguém que participa de um jogo de adivinhações. — Espero não ter a aparência abatida das pessoas incompreendidas.

— Não, mas às vezes diz coisas que acho que aqueles que sempre foram felizes não teriam descoberto.

— Nem sempre fui feliz — disse madame Merle, sorrindo ainda, mas com fingida gravidade, como se estivesse contando um segredo a uma criança. — Que coisa mais maravilhosa!

Mas Isabel soube reagir à ironia.

— Muitas pessoas me dão a impressão de nunca terem sentido nada, nem por um instante.

— Isso é bem verdade; há mais tachos de ferro do que porcelana fina. Mas pode ter certeza de que cada um de nós leva alguma marca; mesmo os tachos mais duros têm um pequeno amassado, um buraquinho em algum lugar. Eu me gabo de ser bastante forte, mas, para dizer a verdade, sofri muitos arranhões e fraturas. Ainda sirvo para o uso diário porque me fizeram um bom trabalho de colagem; tento ficar no armário — no armário tranqüilo e escuro, que tem cheiro de temperos velhos — tanto quanto posso. Mas quando tenho que sair e enfrentar a luz forte, então, minha cara, sou horrível!

Não sei se foi nessa ocasião ou em outra que, depois de a conversa enveredar por onde acabei de descrever, ela disse a Isabel que um dia lhe contaria uma história. Isabel garantiu-lhe que teria imenso prazer em ouvi-la, e lembrou-a dessa promessa mais de uma vez depois disso. Madame Merle, entretanto, pediu repetidas vezes um adiamento e, por fim, disse claramente à jovem companheira que teria de esperar até se conhecerem melhor. Isso viria a acontecer com toda a certeza: uma longa amizade estendia-se claramente diante delas. Isabel concordou, mas ao mesmo tempo indagou se a outra não a considerava de confiança, se a achava capaz de trair uma confidência.

— Não que eu esteja receosa de que repita o que eu disser — redargüiu a outra hóspede. — Ao contrário, meu receio é que o guarde demais para si. Iria julgar-me com muito rigor; está na idade cruel. — Por enquanto, ela preferia conversar com Isabel sobre Isabel, e demonstrava o maior interesse na história, nos sentimentos, nas opiniões e nas perspectivas de nossa heroína. Fazia-a tagarelar e escutava-a com inesgotável disposição. Isso lisonjeava e estimulava a moça, que ficava impressionada com todas as pessoas ilustres que a amiga conhecera e com o fato de ter vivido, como dizia a senhora Touchett, nos melhores ambientes da Europa. Isabel tinha melhor opinião a seu próprio respeito por estar gozando da atenção de alguém com um campo de comparação tão amplo, e talvez fosse, em parte, para gratificar a sensação de sair ganhando na comparação que muitas vezes apelava para essas reservas de reminiscências. Madame Merle tinha residido em muitos lugares e mantinha vínculos sociais em uma dezena de países diferentes.

— Não digo que tenha tido educação esmerada — dizia —, mas acho que conheço minha

Europa — e falou em ir um dia à Suécia visitar uma velha amiga, e outra vez em ir até Malta aprofundar uma nova amizade. Com a Inglaterra, onde residira várias vezes, estava bem familiarizada e, em benefício de Isabel, esclareceu os costumes do país e o caráter do povo que, “afinal de contas”, como costumava dizer, era o mais conveniente do mundo para se conviver.

— Não deve achar estranho ela ficar aqui numa ocasião destas, com o senhor Touchett desenganado — observou a esposa desse cavalheiro para a sobrinha. — É incapaz de uma grosseria; é a pessoa mais cheia de tato que conheço. É um favor que ela me faz por permanecer; está adiando muitas visitas a grandes mansões — continuou a senhora Touchett, que nunca esquecia que, quando ela própria estava na Inglaterra, o valor social da outra caía dois ou três graus na escala. — Ela pode escolher aonde quer ir; endereços é que não lhe faltam. Mas pedi-lhe que ficasse porque queria que você a conhecesse. Acho que será uma boa coisa para você. Serena Merle não tem defeitos.

— Se eu já não gostasse muito dela, essa descrição poderia alarmar-me — retrucou Isabel.

— Ela nunca está “por fora”. Eu trouxe você para cá e quero fazer o melhor possível por você. Sua irmã Lily disse-me que esperava que eu lhe proporcionasse boas oportunidades. É o que estou fazendo pondo-a em contato com madame Merle. É uma das mulheres mais brilhantes da Europa.

— Gosto mais dela do que da descrição que faz dela — Isabel insistiu.

— Acha mesmo que um dia conseguirá ter uma crítica a fazer a respeito dela? Espero que me avise quando descobrir.

— Isso seria cruel... para a senhora — disse Isabel.

— Não precisa se importar comigo. Não vai descobrir um único defeito nela.

— Talvez não. Mas ousou dizer que não me fará falta.

— Ela sabe tudo o que há para se saber neste mundo — disse a senhora Touchett.

Depois disso, Isabel observou para a amiga que esperava que ela soubesse que a senhora Touchett julgava não existir mancha nenhuma em sua perfeição. E a isso madame Merle retrucou:

— Sou grata a você, mas receio que sua tia não imagina, ou pelo menos não menciona, nenhuma aberração que não seja medida pelo relógio.

— Então está querendo dizer que tem um lado selvagem que ela desconhece?

— Ah, não, receio que meu lado mais oculto seja o mais pacato. Quero dizer que não ter defeitos, para sua tia, minha cara, significa nunca chegar atrasada para o jantar — ou melhor, ao jantar *dela*. Eu não me atrasei, aliás, outro dia, quando você voltou de Londres; o relógio batia oito horas quando entrei na saleta: eram vocês que estavam todos adiantados. Não ter defeitos significa responder a uma carta no dia em que se recebe e, quando se vem passar um tempo com ela, não trazer muita bagagem ou ter-se o cuidado de não ficar doente. Para a senhora Touchett, essas coisas equivalem à virtude; é um dom conseguir reduzi-la a seus elementos.

A conversa de madame Merle, como pode ser notado, era enriquecida por ousados e livres toques de crítica que, apesar do efeito restritivo, nunca pareceram a Isabel maliciosos. Não poderia ocorrer à moça, por exemplo, que a hóspede perfeita da senhora Touchett estivesse falando mal dela; e isso por muitos bons motivos. Em primeiro lugar, Isabel reagia instantaneamente ao sentido de suas nuances; em segundo lugar, madame Merle dava a entender que havia ainda muito mais

para ser dito; e claro estava, em terceiro lugar, que, quando uma pessoa falava sem cerimônia à outra de seus parentes mais próximos, isso significava agradável sinal de intimidade entre as duas. Esses sinais de íntima comunhão multiplicavam-se à medida que os dias iam passando, e não havia nenhum que sensibilizasse mais Isabel que a preferência de sua companheira em fazer da própria senhorita Archer o tópico da conversa. Embora se referisse com freqüência a incidentes de sua própria carreira, nunca se detinha muito neles; tinha tão pouco de uma egoísta grosseira como de uma bisbilhoteira comum.

— Estou velha, cansada e acabada — disse mais de uma vez —; sou tão interessante como o jornal da semana passada. Você é jovem e viçosa, e é de hoje. Tem aquilo que importa: atualidade. Eu a tive um dia — todos nós a temos por uma hora. Porém você a terá por mais tempo. Então vamos falar a seu respeito; não há nada que você diga que eu não esteja interessada em ouvir. É sinal de que estou ficando velha isso de eu gostar de conversar com gente mais jovem. Acho que é uma forma de compensação muito bonita. Se não temos a juventude dentro de nós, podemos tê-la fora, e acho até que a sentimos e percebemos melhor dessa forma. É claro que temos que estar em afinidade com ela — isso eu sempre estarei. Não sei se algum dia vou me tornar maldosa para com os velhos; tomara que não! Na verdade, há algumas pessoas idosas de quem gosto muito. Mas nunca serei outra coisa senão servil para com os jovens: eles me comovem e emocionam demais. Então dou-lhes *carte blanche*; você pode até ser impertinente, se quiser; deixarei que isso passe e vou mimá-la horrivelmente. Estou falando como se tivesse cem anos, não é isso que está pensando? Bem, eu tenho, faça-me o favor; nasci antes da Revolução Francesa. Ah, minha cara, *je viens de loin*, pertencço ao mundo antigo, muito antigo. Mas não é disso que quero falar; quero falar sobre o novo. Deve contar-me mais sobre a América, nunca me fala o bastante. Estou aqui desde que para cá me trouxeram como uma criança indefesa, e é ridículo, ou melhor, escandaloso, como sei pouco sobre aquele esplêndido, terrível e engraçado país — com certeza, o maior e mais esquisito de todos os países. Há muitos de nós aqui por estas bandas e devo admitir que nos considero um miserável grupo de pessoas. Devia-se viver em sua própria terra; seja ela como for, nosso lugar natural é lá. Se não somos bons americanos, por certo somos maus europeus: nosso lugar natural não é aqui. Somos meros parasitas arrastando-nos pela superfície; nossos pés não estão fincados no solo. Pelo menos, pode-se ter consciência disso e não ter ilusões. Talvez a mulher possa se dar bem: parece-me que a mulher não tem um lugar natural em parte alguma; onde quer que se encontre, tem que ficar na superfície e mais ou menos arrastar-se por ali. Está protestando, minha cara? Está horrorizada? Jura que nunca irá se arrastar? É bem verdade que não a imagino arrastando-se; está muito mais ereta do que um grande número de pobres criaturas. Muito bem, em geral acho que não vai se arrastar. Mas os homens, os americanos, *je vous demande un peu*, como se arranjam por aqui? Não os invejo na tentativa. Olhe para o pobre Ralph Touchett; que tipo de pessoa é ele? Felizmente, tem tuberculose; digo felizmente porque isso o ocupa de algum modo. A tuberculose dele é sua *carrière*: é um tipo de posição. Pode-se dizer: “Oh, o senhor Touchett cuida bem dos pulmões, conhece muito sobre climas”. Mas, tirando isso, o que seria ele, o que representaria? “O senhor Ralph Touchett, um americano que vive na Europa.” Isso não quer dizer absolutamente nada — é impossível significar menos. “Ele é muito refinado”, dizem, “tem uma coleção muito

bonita de caixas de rapé antigas.” A coleção é o que basta para dar o toque patético. Estou cansada de ouvir essa palavra; acho-a grotesca. Com o coitado do pai, é diferente; ele tem identidade e é até um homem de peso. Representa uma grande casa financeira e isso, nos dias que correm, é tão bom quanto qualquer outra coisa. Para um americano, pelo menos, está muito bem. Mas insisto em achar que seu primo tem muita sorte de ter uma enfermidade crônica, desde que não morra dela. É muito melhor do que as caixas de rapé. Se não estivesse doente, você acha que faria alguma coisa? Assumiria o lugar do pai na casa? Minha pobre criança, eu duvido; não creio que goste nem um pouco da casa. Porém, você o conhece melhor do que eu, embora antigamente eu o conhecesse bastante bem e possa conceder a ele o benefício da dúvida. Acho que o pior caso é o de um amigo meu, patrício nosso, que mora na Itália (para onde ele também foi levado antes de poder avaliar o que isso significava) e que é um dos homens mais encantadores que conheço. Um dia tem que conhecê-lo. Vou reuni-los e verá o que quero dizer. Chama-se Gilbert Osmond — vive na Itália; é só o que se pode dizer ou resumir a respeito dele. É dotado de enorme sagacidade; é um homem nascido para destacar-se, mas, como lhe disse, esgota-se a descrição depois de dizer que ele é o senhor Osmond, que vive *tout bêtement* na Itália. Sem carreira, sem nome, sem posição, sem fortuna, sem passado, sem futuro, sem nada. Ah, sim, ele pinta, se você quer, pinta aquarelas como eu, só que um pouco melhor. As pinturas dele são bem ruins, e em parte alegro-me com isso. Por sorte é muito indolente, tão indolente que quase chega a fazer disso um tipo de ocupação. Pode dizer: “Ah, eu não faço nada: sou preguiçoso demais. Não se pode fazer nada hoje, a não ser que se levante às cinco da manhã”. Desse modo, ele se torna uma espécie de exceção; tem-se a impressão de que para que ele fizesse algo bastaria que acordasse cedo. Nunca fala sobre sua pintura às pessoas em geral; é inteligente demais para fazê-lo. Mas tem uma menina — uma menininha encantadora —, e *nela* ele fala. É muito apegado a ela, e, se constituísse carreira ser bom pai, ele se destacaria nesse campo. Mas receio que isso não seja melhor que as caixas de rapé, nem tão bom, talvez. Conte-me o que fazem na América — prosseguiu madame Merle, que, diga-se de passagem, não expressou de uma vez todas essas opiniões apresentadas aqui e agrupadas para conveniência do leitor. Falava sobre Florença, onde o senhor Osmond morava e a senhora Touchett ocupava um palácio medieval; falava de Roma, onde ela própria tinha um pequeno *pied-à-terre* com algum damasco razoavelmente bom. Falava de lugares, de pessoas e, até, como se diz, de “temas”; e de vez em quando falava de seu bondoso anfitrião e da perspectiva de sua recuperação. Desde o começo achava tal possibilidade remota, e Isabel ficou impressionada com a maneira positiva, perspicaz e competente como avaliara o que restava a ele de vida. Uma noite, anunciou em definitivo que ele não viveria.

— *Sir* Matthew Hope disse-me isso de modo tão claro quanto possível — comentou —, ali de pé, perto da lareira, antes do jantar. Ele sabe ser muito agradável, o grande médico. Não estou dizendo que o fato de ele ter dito isso tenha algo a ver. Mas é um homem de grande tato. Eu disse a ele que não me sentia à vontade ficando aqui numa ocasião dessas; parecia-me indiscreto — a menos que eu soubesse cuidar de doentes. “Deve ficar, deve ficar”, respondeu; “seu trabalho virá depois.” Não foi uma maneira muito delicada de dizer que o pobre senhor Touchett iria finir-se e que eu seria útil para consolar? Na verdade, porém, não vou ter utilidade alguma. Sua tia vai

consolar a si própria; ela, melhor que ninguém, sabe a exata medida de consolo de que vai precisar. Seria questão muito delicada outra pessoa dispor-se a administrar a dosagem. Com seu primo, será diferente; sentirá imensa falta do pai. Porém eu não teria nunca a presunção de partilhar a dor do senhor Ralph; não temos esse tipo de intimidade. — Madame Merle aludira mais de uma vez a uma indefinida incongruência nas relações entre ela e Ralph Touchett, de modo que Isabel aproveitou a ocasião para perguntar-lhe se não eram bons amigos.

— Somos, mas ele não gosta de mim.

— O que fez a ele?

— Absolutamente nada. Mas não é preciso ter motivo.

— Para não gostar da senhora? Acho que é preciso ter um motivo muito bom.

— Você é muito amável. Tenha um à mão para o dia em que você começar.

— Começar a não gostar da senhora? Nunca vai acontecer.

— Espero que não, porque, se o fizer, nunca mais parará. É isso o que acontece com seu primo; ele não consegue superar. É uma antipatia de natureza, se é que posso chamá-la assim, uma vez que é toda do lado dele. Não tenho absolutamente nada contra ele e não lhe quero mal algum por não me fazer justiça. Justiça é tudo o que quero. Contudo, sente-se que é um cavalheiro e que nunca diria algo desleal a meu respeito. *Cartes sur table* — prosseguiu madame Merle após um momento —, não tenho medo dele.

— Espero mesmo que não tenha — disse Isabel, acrescentando algo sobre ele ser a pessoa mais bondosa do mundo. Porém, lembrou-se de que, na primeira vez em que lhe falara a respeito de madame Merle, ele respondera de uma forma que, sem ser explícita, essa dama poderia achar injuriosa. Havia algo entre eles, disse Isabel para si mesma, mas não disse nada além disso. Se fosse algo importante, deveria inspirar respeito; se não fosse, não valia a sua curiosidade. Além de todo o seu amor ao conhecimento, ela tinha uma repulsa natural à idéia de afastar cortinas e espiar nos cantos escuros. O gosto pelo conhecimento coexistia em sua mente com a mais apurada capacidade de ignorar.

Mas madame Merle às vezes dizia coisas que a surpreendiam, fazendo-a alçar as sobrancelhas claras, no momento, e refletir sobre as palavras, mais tarde.

— Eu daria muita coisa para ter novamente a sua idade — desabafou um dia com uma amargura que, apesar de diluída em sua costumeira despreocupação, não ficara de todo disfarçada. — Se ao menos eu pudesse começar de novo, se pudesse ter a vida toda diante de mim!

— A sua vida ainda está toda a sua frente — respondeu Isabel com brandura, pois tinha ficado um tanto impressionada.

— Não; o melhor já passou, e passou por nada.

— Com certeza não foi por nada — disse Isabel.

— Por que não? O que é que eu tenho? Nem marido, nem filho, nem fortuna, nem posição, nem os restos de uma beleza que nunca tive.

— Tem muitos amigos, minha querida senhora.

— Não tenho tanta certeza! — exclamou madame Merle.

— Ah, está errada. Tem lembranças, graças, talentos...

Mas madame Merle interrompeu-a.

— O que me deram os meus talentos? Nada além da necessidade de usá-los para atravessar as horas, os anos, para iludir-me com uma certa aparência de movimento, de inconsciência. Quanto às minhas graças e lembranças, quanto menos falarmos delas, melhor. Você será minha amiga até descobrir melhor utilidade para sua amizade.

— Então fica a seu cargo que isso não aconteça — disse Isabel.

— Sim, eu faria um esforço para conservá-la — disse sua companheira, olhando-a séria. — Quando digo que gostaria de ter a sua idade, isso só valeria com as suas qualidades — ser franca, generosa e sincera como você. Nesse caso, eu teria feito algo melhor da minha vida.

— O que gostaria de ter feito e não fez?

Madame Merle pegou uma partitura — estava sentada ao piano e voltara-se abrupta na banquetta ao começar a falar — e pôs-se a virar as páginas mecanicamente.

— Sou muito ambiciosa! — respondeu por fim.

— E suas ambições não foram satisfeitas? Devem ter sido grandes.

— *Eram* grandes. Eu pareceria ridícula se falasse delas.

Isabel perguntou-se quais teriam sido, se madame Merle teria aspirado a usar uma coroa.

— Não sei qual é sua idéia de sucesso, mas a mim parece bem-sucedida. Na verdade, para mim a senhora é a imagem viva do sucesso.

Madame Merle pôs de lado a música, com um sorriso.

— Qual é a idéia que *você* tem a respeito de sucesso?

— Está claro que a senhora acha que deve ser uma idéia muito comportada. É ver algum sonho da juventude realizar-se.

— Ah — exclamou madame Merle —, isso eu nunca vi! Mas meus sonhos eram tão grandiosos, tão absurdos... Deus me perdoe, estou sonhando agora! — E virou-se para o piano e se pôs a tocar com imponência. No dia seguinte, disse a Isabel que sua definição de sucesso tinha sido muito bonita, apesar de ser assustadoramente triste. Medido dessa maneira, quem algum dia teve sucesso? Ora, os sonhos da juventude eram encantadores, eram divinos! Quem, algum dia, vira coisas assim acontecerem?

— Eu mesma já vi... alguns deles — atreveu-se a dizer Isabel.

— Já? Devem ter sido sonhos de ontem.

— Comecei a sonhar muito jovem — disse Isabel, sorrindo.

— Ah, se está falando nas aspirações da infância, de se ter uma faixa cor-de-rosa e uma boneca que fecha os olhos...

— Não, não é disso que estou falando.

— Ou de um moço de bigodinho ajoelhando a seus pés...

— Não, também não é isso — afirmou Isabel com mais ênfase ainda.

Madame Merle pareceu notar-lhe a ansiedade.

— Desconfio de que seja mesmo isso. Todas tivemos o sonho do moço de bigodinho. É o inevitável moço; ele não conta.

Isabel ficou em silêncio por um breve momento, mas depois falou com extrema e característica

inconseqüência:

— Por que não deve contar? Há moços e moços.

— E o seu era um modelo; é isso o que está querendo dizer? — indagou a amiga, com uma risada. — Se conseguiu o moço idêntico àquele com quem sonhava, então foi mesmo um sucesso, e dou-lhe meus mais sinceros parabéns. Só que, nesse caso, por que não foi com ele para o seu castelo nos Apeninos?

— Ele não tem castelo nos Apeninos.

— O que tem, então? Uma casa feia de tijolinhos na rua 40? Não vá me dizer isso; recuso-me a aceitá-lo como um ideal.

— Não me importo nem um pouco com a casa dele — retrucou Isabel.

— Isso é muito imaturo da sua parte. Quando tiver vivido tanto quanto eu, verá que todo ser humano tem sua concha e que é preciso levar essa concha em consideração. Quando digo concha, quero dizer todo o invólucro de circunstâncias. Não existe homem, ou mulher, isoladamente; cada um de nós é feito de algum agrupamento de pertences. Como devemos chamar nosso “eu”? Onde ele começa? Onde termina? Espalha-se por tudo o que nos pertence e depois corre de volta novamente. Sei que grande parte de mim está nas roupas que escolho para usar. Tenho grande respeito por *objetos*! O eu de alguém — para as outras pessoas — é a expressão desse eu; como a casa de alguém, sua mobília, suas roupas, os livros que lê, as companhias que escolhe — tudo isso é expressivo.

Era tudo muito metafísico; não mais, porém, que vários comentários que madame Merle já fizera antes. Isabel gostava de metafísica, mas não conseguia acompanhar a amiga nessa ousada análise da personalidade humana.

— Não concordo com isso. Penso exatamente o contrário. Não sei se sou bem-sucedida ao expressar-me, mas sei que os objetos não me expressam. Nada que me pertença serve de medida para mim; ao contrário, tudo é um limite, uma barreira, e totalmente arbitrária. Por certo, as roupas que, como diz, escolho para usar não me expressam; e ainda bem que não o fazem!

— Você se veste muito bem — interpôs madame Merle, em tom leve.

— É possível, mas não gostaria de ser julgada por isso. Minha roupa pode expressar a costureira, mas não expressa a mim. Para início de conversa, não é por escolha minha que a uso; é-me imposta pela sociedade.

— Preferiria andar sem ela? — perguntou madame Merle, num tom que praticamente encerrou a discussão.

Sou forçado a confessar, embora isso venha lançar um certo descrédito no esboço que fiz da juvenil lealdade demonstrada por nossa heroína para com a talentosa dama, que Isabel nada lhe havia dito sobre lorde Warburton e fora também reservada no tocante a Caspar Goodwood. Contudo, não ocultara o fato de ter tido oportunidades de casar e até mesmo contara à amiga como tinham sido vantajosas. Lorde Warburton tinha deixado Lockleigh e partira para a Escócia, levando as irmãs consigo; e, embora tivesse escrito a Ralph mais de uma vez para indagar sobre a saúde do senhor Touchett, a jovem não estava sujeita ao embaraço das perguntas que, se estivesse por perto, ele sentiria obrigação de fazer, em pessoa. Ele tinha excelentes maneiras, mas ela tinha

certeza de que, se ele fosse a Gardencourt, teria visto madame Merle, e, se a visse, teria gostado dela e lhe contado que estava apaixonado por sua jovem amiga. Acontece que durante as visitas anteriores desta dama a Gardencourt — muito mais curtas que a atual —, ou ele não estava em Lockleigh ou não visitara o senhor Touchett. Portanto, embora ela o conhecesse de nome como o grande homem daquele condado, não tinha motivo para desconfiar de que fosse um pretendente da sobrinha recém-importada da senhora Touchett.

— Você tem muito tempo — dissera ela a Isabel, em troca das mutiladas confidências que a nossa jovem lhe fizera e que não pretendiam ser perfeitas, embora tenhamos visto que por vezes a moça se arrependia de ter contado até mesmo tão pouco. — Alegro-me que ainda não tenha feito nada; que ainda tenha isso por fazer. É uma boa coisa uma moça ter recusado alguns bons partidos — é claro que desde que não sejam os melhores que algum dia venha a ter. Perdoe-me se meu tom parece horrivelmente corrupto; às vezes somos obrigados a ter uma visão mundana das coisas. Apenas não vá recusando só por recusar, pois, afinal, aceitar também é um exercício de poder. Existe sempre o perigo de recusar demais. Não foi isso o que aconteceu comigo; eu não recusei o bastante. Você é uma criatura especial, e eu gostaria de vê-la casada com um primeiro-ministro. Mas, de um ponto de vista estrito, você sabe, você não é o que se chama tecnicamente um *parti*. É muito bonita e muito inteligente; por si mesma, é excepcional. Parece ter idéias muito vagas sobre seus bens terrenos, mas, pelo que pude perceber, não possui renda. Gostaria que tivesse um pouco de dinheiro.

— Quisera eu tê-lo! — disse Isabel, parecendo ter esquecido por um momento que sua pobreza tinha sido um pecado venial para dois galantes cavalheiros.

Apesar da benevolente recomendação de *sir* Matthew Hope, madame Merle não ficou até o fim, como o assunto da doença do senhor Touchett passara agora a ser claramente denominado. Estava comprometida com outras pessoas e tinha que acabar satisfazendo-as; partiu de Gardencourt com a idéia de que veria a senhora Touchett ali novamente, ou então na cidade, antes de deixar a Inglaterra. Sua despedida de Isabel foi ainda mais próxima do despontar de uma amizade do que o havia sido o primeiro encontro.

— Vou visitar seis lugares, um atrás do outro, mas não vou encontrar ninguém de quem goste tanto quanto de você. Porém, são todos velhos amigos; na minha idade, não se fazem novos amigos. Abri uma grande exceção a você. Deve lembrar-se disso e pensar tão bem de mim quanto possível. E recompensar-me, acreditando em mim.

Como resposta, Isabel beijou-a e, embora algumas mulheres beijem com facilidade, existem beijos e beijos, e o gesto foi satisfatório para madame Merle. Depois disso, nossa jovem ficou muito sozinha; só via a tia e o primo às refeições e descobriu que, das horas em que a senhora Touchett estava invisível, apenas uma pequena parte era dedicada a cuidar do marido. Passava o restante do tempo em seus aposentos — cujo acesso não era permitido nem mesmo à sobrinha —, aparentemente ocupada com misteriosas e inescrutáveis atividades. À mesa, permanecia séria e calada, porém sua solenidade não era uma atitude — Isabel podia ver que era uma convicção. Ela perguntava a si mesma se a tia estaria arrependida de ter trilhado aquele seu caminho, mas não havia disso evidência visível — nem lágrimas, nem suspiros, nem excessos do zelo sempre adequado

a seu próprio senso. A senhora Touchett parecia simplesmente sentir necessidade de pensar sobre as coisas e resumi-las; tinha um pequeno livro contábil moral — com colunas perfeitamente demarcadas a régua e um forte fecho de aço —, que mantinha em dia com cuidado exemplar. Uma reflexão pronunciada tinha sempre, por parte dela, um tom prático.

— Se eu tivesse previsto isso, não teria proposto a sua vinda para a Inglaterra agora — observou a Isabel, depois que madame Merle foi embora. — Teria esperado e a mandado vir no próximo ano.

— Assim eu talvez nunca tivesse conhecido meu tio. É uma grande felicidade para mim ter vindo agora.

— Isso pode ser. Mas não foi para conhecer seu tio que eu a trouxe à Europa. — Palavras de perfeita veracidade mas, na opinião de Isabel, pouco oportunas. Ela tinha tempo para pensar nisso e em outros assuntos. Fazia uma solitária caminhada todos os dias e passava horas sem fim folheando livros na biblioteca. Dentre os assuntos que lhe ocupavam a atenção, estavam as aventuras da senhorita Stackpole, com quem mantinha correspondência regular. Isabel gostava do estilo epistolar privado da amiga mais do que do estilo público, isto é, achava que suas cartas públicas seriam excelentes se não fossem publicadas. Contudo, a carreira de Henrietta não estava tendo tanto sucesso como seria de se desejar, no interesse de sua felicidade privada; aquela visão da vida íntima da Grã-Bretanha que ela estava tão ansiosa por ter parecia dançar-lhe diante dos olhos como um *ignisfatuus*. O convite de *lady* Pensil, por razões misteriosas, nunca chegara, e o coitado do senhor Bantling, com todo seu cordial engenho, não conseguira explicar um extravio tão grave de uma missiva que fora obviamente enviada. Estava claro que ele se empenhara demais por Henrietta e achava que lhe devia uma compensação por essa ilusória visita a Bedfordshire.

— Ele diz que eu deveria ir para o continente — escreveu Henrietta —, e, como ele mesmo está pensando em ir para lá, suponho que seu conselho seja sincero. Ele quer saber por que eu não procuro ter uma visão da vida francesa, e eu, na verdade, quero muito ver a nova república. O senhor Bantling não está muito interessado na república, mas está pensando em ir até Paris, de qualquer modo. Devo dizer que ele é tão atencioso quanto eu poderia desejar e, pelo menos, terei conhecido um inglês cortês. Estou sempre dizendo ao senhor Bantling que ele deveria ter nascido americano; precisa ver como isso o deixa contente. Sempre que digo isso, ele irrompe na mesma exclamação: “Ora, por favor!”.

Alguns dias depois, escreveu dizendo que tinha decidido ir a Paris no fim da semana e que o senhor Bantling prometera acompanhá-la até a estação — talvez chegasse a ir com ela até Dover. Henrietta acrescentou que iria esperar em Paris a chegada de Isabel, falando como se esta fosse encetar sua viagem continental sozinha, e não fazendo nenhuma alusão à senhora Touchett. Lembrando-se do interesse de Ralph por sua antiga companheira, nossa heroína comunicou vários trechos dessa correspondência a ele, que seguia com emoção próxima ao suspense a carreira da representante do *Interviewer*.

— Parece que ela está indo muito bem — disse ele; — ir a Paris com um ex-lanceiro! Se ela quiser assunto para escrever, basta falar desse episódio.

— Certamente não é convencional — retrucou Isabel —, mas, se está querendo dizer — pelo

menos no que concerne a ela — que isso não é completamente inocente, está muito enganado. Nunca vai compreender Henrietta.

— Perdão, eu a compreendo muito bem. No começo não entendia nada, mas agora já tenho uma idéia. Receio, porém, que não seja esse o caso de Bantling: ele pode ter umas surpresas. Oh, eu entendo Henrietta tão bem como se a tivesse fabricado!

Isabel não estava de modo algum certa a respeito disso, mas absteve-se de expressar mais dúvidas, pois naqueles dias estava disposta a demonstrar grande caridade para com o primo. Uma tarde, menos de uma semana depois da partida de madame Merle, estava sentada na biblioteca com um livro que não lhe prendia a atenção. Fora postar-se num banco encaixado sob a janela, de onde podia olhar para o tristonho e úmido parque e, como a biblioteca ficava em ângulo reto com a entrada da frente da casa, pôde ver a charrete do médico à espera por mais de duas horas à porta. Ficou espantada por ele se demorar tanto tempo, mas por fim viu-o aparecer no pórtico, parar por um momento enquanto calçava devagar as luvas, olhando para as pernas do cavalo, e depois subir no veículo e ir embora. Isabel permaneceu ali durante meia hora; grande silêncio reinava na casa. Era tão grande que, por fim, quando ouviu um pisar leve e lento no tapete alto da sala, quase levou um susto com o som. Virou-se rápida para a porta e deparou com Ralph Touchett ali parado, com as mãos sempre nos bolsos, mas com o rosto completamente despido de seu costumeiro sorriso latente. Ela levantou-se e seu movimento e seu olhar eram uma indagação.

— Está tudo acabado — disse Ralph.

— Quer dizer que meu tio...? — E Isabel parou aí.

— Meu querido pai morreu faz uma hora.

— Ah, meu pobre Ralph! — ela gemeu suavemente, estendendo-lhe as duas mãos.

Uns quinze dias depois, madame Merle chegou num fiacre de aluguel à casa da Winchester Square. Ao descer do veículo, notou, pendurado entre as janelas da sala de jantar, um grande e bonito cartaz de madeira sobre cujo fundo preto brilhante estavam escritas em tinta branca as palavras: “Esta nobre mansão livre de quaisquer vínculos está à venda”; embaixo, o nome do corretor a quem deveriam ser dirigidas as eventuais consultas.

“Eles não perdem tempo mesmo”, disse a visitante para si mesma, enquanto esperava que lhe abrissem a porta, após bater com a grande aldrava de latão. “É um país prático!” E, dentro da casa, ao subir para a sala de estar, percebeu inúmeros sinais de abandono: quadros tirados das paredes e colocados sobre os sofás, janelas sem reposteiros e os assoalhos nus. Dentro em pouco, a senhora Touchett recebeu-a e deu a entender em poucas palavras que podia dispensar as condolências.

— Sei o que vai dizer, que ele era um homem muito bom, Mas disso eu sei melhor que ninguém, porque lhe dei mais oportunidades para demonstrá-lo. Nesse ponto, creio que fui boa esposa. — A senhora Touchett acrescentou que, no fim, o marido pareceu ter reconhecido tal fato. — Ele tratou-me com grande liberalidade; não vou dizer que com mais liberalidade do que eu esperava, porque eu não esperava. Você sabe que, em geral, eu nada espero. Mas ele decidiu, suponho, reconhecer que, embora eu vivesse muito no exterior e tivesse muito contato, pode-se dizer livremente, com estrangeiros, nunca demonstrei a menor preferência por qualquer outra pessoa.

“Por qualquer outra pessoa a não ser você mesma”, qualificou mentalmente madame Merle, uma reflexão que foi completamente inaudível.

— Nunca sacrifiquei meu marido em favor de outra pessoa — continuou a senhora Touchett com sua pesada concisão.

“Oh, não”, pensou madame Merle, “nunca fez nada por outra pessoa!”

Havia um certo cinismo nesses comentários mudos que exige explicação, ainda mais por não estarem de acordo nem com a opinião, um tanto superficial talvez, com que até agora nos entretínhamos a respeito do caráter de madame Merle, nem com os fatos literais da história dessa dama; e também porque ela tinha convicção bem firme de que o último comentário da amiga não era, de modo algum, para ser interpretado como uma indireta para ela própria. A verdade é que, no momento em que transpusera a soleira da porta, tivera a impressão de que a morte do senhor Touchett tivera sutis conseqüências e que tais conseqüências tinham sido benéficas para um pequeno círculo de pessoas, dentre as quais ela não se incluía. É claro que um acontecimento desses teria naturais conseqüências; sua imaginação detivera-se nesse fato mais de uma vez durante sua estada em Gardencourt. Mas era uma coisa prever algo mentalmente e outra estar rodeada por vários desses registros. A idéia de uma distribuição de propriedades, ela quase diria de despojos, agora pesava-lhe nos sentidos, irritando-a com uma sensação de exclusão. Longe de mim querer

descrevê-la como uma das bocas ávidas ou corações invejosos da multidão, mas já sabemos que tinha desejos que nunca haviam sido satisfeitos. Se tivessem lhe perguntado, é claro que teria admitido, com um belo sorriso de orgulho, que não tinha a menor pretensão à participação nas relíquias do senhor Touchett.

— Nunca houve absolutamente nada entre nós, nem mesmo isto aqui, pobre homem! — ela teria dito, indicando com um gesto do polegar e do médio. Além do mais, apresso-me a acrescentar que, se não conseguia no momento evitar ter desejos, tinha o maior cuidado em não se trair. Afinal tinha tanta simpatia pelos ganhos da senhora Touchett como pelas perdas.

— Deixou-me esta casa — disse a dama recém-viúva —, mas é claro que não vou morar nela: tenho outra muito melhor em Florença. Só faz três dias que leram o testamento, mas já pus a casa à venda. Também tenho ações do banco, mas ainda não entendi se posso mexer nelas. Se puder, certamente vou vendê-las. Ralph, naturalmente, tem Gardencourt, mas não tenho certeza se ele terá renda suficiente para mantê-la. É claro que ficou muito bem, mas o pai deu de mão beijada quantias muito grandes; há legados para um sem-fim de primos em terceiro grau em Vermont. Mas Ralph é muito apegado a Gardencourt e seria bem capaz de morar lá — no verão — com uma empregada para todo o serviço e um jardineiro. O testamento de meu marido tem uma cláusula notável — acrescentou a senhora Touchett. — Deixou uma fortuna para minha sobrinha.

— Uma fortuna! — repetiu madame Merle, baixinho.

— Isabel recebe qualquer coisa como setenta mil libras.

As mãos de madame Merle estavam enlaçadas no colo, mas ao ouvir isso levantou-as ainda enlaçadas e apertou-as por um instante de encontro ao peito, fixando os olhos, um tanto arregalados, nos olhos da amiga.

— Ah — exclamou —, criatura esperta!

A senhora Touchett lançou-lhe rápido olhar.

— O que quer dizer com isso?

Por um instante, o colorido do rosto de madame Merle acentuou-se e ela baixou o olhar.

— É certamente uma esperteza conseguir tais resultados sem nenhum esforço!

— É claro que não houve esforço. Não diga que foi uma conquista.

Era raro madame Merle ser vítima da penosa obrigação de ter de se retratar: sua habilidade consistia mais em manter o que dissera, colocando-o sob uma luz favorável.

— Minha querida amiga Isabel com toda a certeza não receberia setenta mil libras de legado se não fosse a moça mais encantadora do mundo. O encanto dela inclui grande inteligência.

— Ela nunca imaginou, tenho certeza, que meu marido fosse fazer alguma coisa por ela, e nem eu, tampouco, pois nunca me contou que tivesse intenção de fazê-lo — disse a senhora Touchett. — Ela nada tinha a exigir dele, de modo algum; não era grande recomendação aos olhos dele que ela fosse sobrinha minha. O que quer que tenha conseguido, fê-lo de forma inconsciente.

— Ah — volveu madame Merle —, esses são os maiores golpes!

A senhora Touchett reservou sua opinião.

— A moça tem sorte, não nego. Mas, no momento, está simplesmente assombrada.

— Quer dizer que ela não sabe o que fazer com o dinheiro?

— Acho que essa parte ela ainda nem considerou. Não sabe o que pensar sobre a questão, isso sim. Foi como se, de repente, um forte canhão fosse disparado atrás dela; ela ainda está se apalmando para ver se está ferida. Só faz três dias que recebeu a visita do principal testamenteiro, que, muito galante, veio dar-lhe a notícia em pessoa. Ele contou-me depois que, ao terminar de falar, ela caiu em lágrimas. O capital deverá ficar vinculado ao banco e ela poderá sacar os juros.

Madame Merle abanou a cabeça com um sorriso sábio e agora bastante benigno.

— Que coisa maravilhosa! Depois de fazer isso duas ou três vezes, acabará se acostumando. — Então, depois de uma pausa, perguntou abrupta: — O que pensa o seu filho a respeito disso?

— Ele saiu da Inglaterra antes da leitura do testamento, esgotado de fadiga e ansiedade e com pressa de chegar ao sul. Está a caminho da Riviera e ainda não tive notícias dele. Mas é provável que não tenha qualquer objeção a algo que o pai tenha feito.

— Não disse que a parte dele tinha sido diminuída?

— Apenas segundo a vontade dele. Sei que insistiu com o pai para que fizesse algo pelos parentes da América. Ele não é nada afeito à idéia de estar em primeiro lugar.

— Depende de quem ele considera em primeiro lugar — disse madame Merle. E permaneceu um momento pensativa, com o olhar voltado para o chão. — Eu vou ter oportunidade de ver sua feliz sobrinha? — perguntou, por fim, levantando o olhar.

— Pode vê-la, mas não vai achá-la feliz. Está com ar tão solene, nestes três últimos dias, como o de uma Madona de Cimabue! — E a senhora Touchett tocou a campainha para chamar uma criada.

Isabel apareceu logo depois de a criada ter ido chamá-la, e ao vê-la madame Merle achou que a comparação da senhora Touchett cabia bem. A moça estava pálida e séria; tal efeito não era mitigado pelo pesado luto; mas o sorriso dos seus momentos mais alegres iluminou-lhe o rosto ao ver a amiga, que se adiantou, pousou a mão no ombro de nossa heroína e, depois de fitá-la por um instante, beijou-a como se estivesse retribuindo o beijo que recebera dela em Gardencourt. Essa foi a única alusão que a visitante, com seu imenso bom gosto, fez, no momento, à herança de sua jovem amiga.

A senhora Touchett não tinha intenção de esperar em Londres a venda da casa. Depois de escolher dentre os móveis as peças que desejava transportar para a sua outra residência, deixou o restante à disposição do leiloeiro e partiu para o continente. Naturalmente, nessa viagem, foi acompanhada pela sobrinha, que agora tinha bastante tempo livre para medir e pesar e lidar com a bênção pela qual madame Merle a congratulara disfarçadamente. Isabel pensava com muita freqüência nesse seu aumento de recursos, considerando-o sob vários aspectos diferentes, mas agora não tentaremos acompanhar seu fluxo de pensamento ou explicar exatamente por que sua nova consciência era, a princípio, opressiva. Essa impossibilidade de experimentar uma alegria imediata foi na verdade de curta duração; logo a moça decidiu que ser rica era uma virtude porque significava ser capaz de *fazer*, e fazer só podia ser bom. Era o gracioso oposto do lado estúpido da fraqueza — em especial da variedade feminina. Ser fraca era, para uma pessoa jovem e delicada, um tanto gracioso, mas, afinal de contas, como Isabel dizia a si mesma, existiam graças maiores que essa. Naquele momento, é verdade, não havia muito a fazer — depois de ter enviado um cheque a

Lily e outro para a pobre Edith; mas sentia-se grata pelos meses tranquilos que sua roupa de luto e a recente viuvez da tia as forçava a passar juntas. A aquisição de poder tornava-a séria; ela inspecionava esse poder com uma certa ferocidade terna, mas não estava ansiosa por exercê-lo. Começou a fazê-lo durante uma permanência de algumas semanas em Paris com a tia, porém de maneiras que parecerão inevitavelmente triviais. Eram as maneiras impostas de modo mais natural numa cidade em que as lojas fazem a admiração do mundo e que eram recomendadas sem reservas por orientação da senhora Touchett, que adotava uma visão de rígida praticidade com relação à transformação da sobrinha de moça pobre em rica.

— Agora que é uma jovem possuidora de fortuna, deve aprender a representar seu papel, isto é, a desempenhá-lo bem — disse em tom de finalidade a Isabel, e acrescentou que o primeiro dever da moça era ter tudo bonito. — Você não sabe cuidar de suas coisas, mas deve aprender — continuou; esse era o segundo dever de Isabel. Ela aceitou, mas, no momento, isso não despertou seu entusiasmo; ansiava por oportunidades, mas não eram essas as oportunidades em que pensava.

A senhora Touchett raramente mudava de planos, e, como tinha tencionado passar uma parte do inverno em Paris, antes de o marido morrer, não via por que privar-se — e menos ainda privar sua companheira — desse benefício. Embora fosse viver uma vida bem reclusa, ainda assim poderia apresentar a sobrinha, de maneira informal, ao pequeno círculo de conterrâneos que moravam nos arredores dos Champs-Élysées. De muitos desses afáveis colonizadores a senhora Touchett era íntima; partilhava da expatriação deles, de suas convicções, de seus passatempos, de seu tédio. Isabel via-os aparecer com grande assiduidade no hotel da tia e julgava-os com mordacidade, sem dúvida explicável pela temporária exaltação de seu senso de dever humano. Ela chegou à conclusão de que a vida deles era insípida, embora luxuosa, e granjeou alguma antipatia ao expressar tal opinião em belas tardes de domingo, quando os americanos ausentes estavam ocupados visitando uns aos outros. Embora seus ouvintes fossem tidos como pessoas dotadas de exemplar bom humor por seus cozinheiros e costureiros, dois ou três deles acharam a inteligência dela, que em geral era reconhecida, inferior à das recentes peças teatrais.

— Todos vocês vivem aqui deste modo, mas a que isso leva? — comprazia-se ela em perguntar. — Não parece levar a nada e penso que deve ser muito cansativo.

A senhora Touchett achou que a pergunta era bem no estilo de Henrietta Stackpole. As duas tinham encontrado Henrietta em Paris, e Isabel via-a com freqüência; assim, a senhora Touchett tinha certa razão em dizer a si mesma que, se a sobrinha não fosse bastante inteligente para criar qualquer coisa, seria de se suspeitar que tivesse tomado de empréstimo esse estilo de observação da amiga jornalista. A primeira vez que Isabel falou foi durante uma visita feita à senhora Luce, uma velha amiga da senhora Touchett e a única pessoa em Paris a quem ela ainda visitava. A senhora Luce vivia em Paris desde os tempos de Luís Filipe; costumava dizer, brincando, que pertencia à geração de 1830 — uma piada que nem sempre era entendida. Quando esta falhava, a senhora Luce costumava explicar:

— Oh, sim, eu faço parte dos românticos. — Seu francês nunca atingiu a perfeição. Estava sempre em casa nas tardes de domingo, rodeada por compatriotas solidários, geralmente os mesmos. Na verdade, estava em casa sempre, reproduzindo com admirável veracidade, em seu

cantinho bem confortável da deslumbrante cidade, o tom doméstico de sua Baltimore natal. Isso reduzia o senhor Luce, o distinto marido, um cavalheiro alto, esbelto, grisalho e bem-arrumado, que usava um monóculo de ouro e plantava o chapéu um pouco atrás da cabeça, ao mero elogio platônico das “distrações” de Paris — essa era a grande palavra cunhada por ele —, pois nunca seria possível adivinhar de que afazeres ele escapava para essas distrações. Um deles era ir todos os dias ao banco americano, onde havia um posto de correio, instituição quase tão sociável e coloquial ali como numa cidade americana do interior. Passava uma hora (com tempo bom) sentado numa cadeira nos Champs-Élysées e jantava excepcionalmente bem à sua própria mesa, com os pés pisando o assoalho encerado, que a senhora Luce se comprazia em acreditar que ostentava um brilho maior que qualquer outro na capital francesa. De vez em quando, jantava com um dos dois amigos no Café Anglais, onde seu talento para escolher os pratos de uma refeição era fonte de felicidade para os companheiros e objeto de admiração até mesmo para o chefe dos garçons do estabelecimento. Esses eram seus únicos passatempos conhecidos, mas tinham feito o encanto de seu tempo por mais de meio século e sem dúvida justificavam sua freqüente declaração de que não existia cidade como Paris. Em nenhum outro lugar, nesses termos, poderia o senhor Luce se jactar de estar gozando a vida. Não existia nada como Paris, mas deve-se admitir que o senhor Luce não tinha opinião tão boa desse cenário de suas dissipações como no tempo antigo. Da lista de seus recursos, suas reflexões políticas não devem ser omitidas, pois eram sem dúvida o princípio animador de muitas horas aparentemente vazias. Como muitos de seus companheiros colonizadores, o senhor Luce era um alto — ou melhor, profundo — conservador e não punha fé alguma no governo recém-estabelecido na França. Não acreditava em sua duração e afirmava a todos, ano após ano, que o fim estava próximo.

— Eles querem ser mantidos com rédea curta, meu senhor, com rédea curta; somente um pulso forte, um punho de ferro, serve para eles — dizia com freqüência, referindo-se ao povo francês; e seu ideal de um bom governo, claro e inteligente, era o do império, que se fora. — Paris está muito menos atraente que no tempo do imperador: *ele* sabia como tornar a cidade agradável. — O senhor Luce dissera isso muitas vezes para a senhora Touchett, que partilhava essa opinião de coração e queria saber por que tinham cruzado aquele odioso Atlântico senão para escapar de repúblicas.

— Ora, senhora, sentado nos Champs-Élysées, em frente ao Palácio da Indústria, vi passarem as carruagens da corte de um lado para o outro, até sete vezes por dia. Lembro-me de uma vez em que foram nove vezes. O que se vê agora? Não adianta nem falar, não há mais classe. Napoleão sabia o que o povo francês queria, e pairará uma nuvem negra sobre Paris, a nossa Paris, até que se tenha de volta o império.

Dentre os visitantes da senhora Luce nas tardes de domingo havia um jovem com quem Isabel havia conversado muito e a quem julgava possuidor de conhecimentos valiosos. O senhor Edward Rosier — chamavam-no de Ned Rosier — tinha nascido em Nova York e fora criado em Paris, lá vivendo sob a guarda do pai, que, por acaso, tinha sido amigo íntimo, nos velhos tempos, do falecido senhor Archer. Edward Rosier lembrava-se de Isabel ainda menina; fora o pai dele que acudira as meninas Archer na hospedaria em Neufchâtel (estava viajando por ali com o filho e parara no hotel por acaso) quando a *bonne* das crianças fugiu com um príncipe russo e o paradeiro

do senhor Archer permaneceu envolto em mistério durante alguns dias. Isabel lembrava-se perfeitamente do menino muito arrumadinho, cujo cabelo cheirava a delicioso cosmético, e que tinha uma *bonne* só dele, empenhada em não perdê-lo de vista, fosse qual fosse o motivo. Isabel fez uma caminhada com os dois pela margem do lago e achou que o pequeno Edward era lindo como um anjo — comparação de modo algum convencional, a seu ver, pois tinha uma concepção muito definida do tipo de feições que supunha serem angelicais e as quais seu novo amigo ilustrava à perfeição. Um rostinho rosado, coroado por um boné de veludo azul e emoldurado por uma gola bordada e engomada tornara-se o semblante de seus sonhos infantis, e durante algum tempo depois disso tivera a firme convicção de que as hostes celestiais conversavam entre si num estranho dialeto francês-inglês, expressando os sentimentos mais apropriados, como quando Edward lhe dissera que estava “defendido”* pela *bonne* de se aproximar da margem do lago e que sempre se deve obedecer à *bonne*. O inglês de Ned Rosier tinha melhorado; pelo menos, exhibia em menor grau a variação francesa. O pai dele tinha morrido e a *bonne* fora despedida, mas o rapaz ainda se conformava ao espírito de seus ensinamentos — nunca se aproximava da beirada do lago. Ainda havia nele algo agradável ao olfato e não ofensivo aos órgãos mais nobres. Era um jovem muito gentil e gracioso, de gostos tidos como cultivados — era conhecedor de porcelana antiga, de bom vinho, de encadernações de livros, do *Almanach de Gotha*, das melhores lojas, dos melhores hotéis, dos horários de trem. Sabia escolher um jantar quase tão bem quanto o senhor Luce e era provável que, à medida que acumulasse experiência, chegasse a ser um sucessor à altura do velho senhor, cujas opiniões políticas um tanto pessimistas ele também defendia em voz baixa e inocente. Tinha um apartamento encantador em Paris, decorado com antigas rendas de altar espanholas, para a inveja de suas amigas que afirmavam estar a cornija de sua lareira mais bem vestida que as espáduas altivas de muita duquesa. Geralmente, porém, passava uma parte do inverno em Pau, e uma vez passara dois meses nos Estados Unidos.

Ficou muito interessado em Isabel, lembrando-se muito bem do passeio em Neufchâtel, quando ela teimara em se aproximar do lago. Pareceu reconhecer a mesma tendência na subversiva indagação que mencionei ainda há pouco, e dispôs-se a responder à pergunta de nossa heroína com mais urbanidade do que talvez merecesse.

— Aonde isso leva, senhorita Archer? Ora, Paris leva a toda parte. Não se pode ir a lugar algum sem antes vir aqui. Toda pessoa que vem à Europa tem que passar por aqui. Mas não está falando nesse sentido! Refere-se ao bem que isso faz a alguém? Ora, como se pode penetrar no futuro? Como é possível adivinhar o que ainda está por vir? Se for um caminho agradável, pouco me importa aonde leve. Gosto do caminho, senhorita Archer; gosto do velho asfalto amigo. Não se consegue cansar dele — nem tentando. A gente pensa que vai acabar se cansando, mas não é assim: sempre aparece algo novo e fresco. Veja o Hôtel Drouot, agora; às vezes há três ou quatro liquidações por semana. Onde se pode ter tantas coisas como aqui? Apesar de tudo que dizem, ainda afirmo que também são mais baratas, quando se conhece os lugares certos. Eu conheço muitos lugares, mas os guardo para mim. Posso contar-lhe, se quiser, como um favor especial, só que não deve dizer a ninguém mais. Não vá a lugar algum sem me consultar primeiro; quero que me prometa isso. Em princípio, evite os bulevares; pode-se fazer muito pouco neles. Falando com

consciência — *sans blague* —, não creio que alguém conheça Paris melhor do que eu, A senhorita e a senhora Touchett devem almoçar comigo um dia desses para que eu lhes mostre algumas coisas; *je ne vous diz que ça!* Tem-se falado muito a respeito de Londres ultimamente; está na moda elogiar Londres. Mas não é nada disso, não se pode fazer nada em Londres. Não há mobília Luís XV, nada do Primeiro Império; nada além do eterno Queen Anne. Serve para o quarto de dormir, o Queen Anne, para a sala de banho; mas não é adequado para um *salon*. Se eu passo a vida nos leilões? — continuou o senhor Rosier, em resposta a outra pergunta de Isabel. — Oh, não. Não tenho recursos para tanto. Gostaria de ter. A senhorita acha que sou um mero ocioso, posso adivinhar pela expressão de seu rosto — tem um rosto maravilhosamente expressivo, aliás. Espero que não se importe que eu diga isso; estou só lhe dando uma espécie de aviso. Acha que eu deveria fazer alguma coisa e eu também concordo, desde que isso fique meio vago. Mas, quando chega a hora, percebe-se que é preciso parar. Não posso voltar para a América e ser dono de loja. Acha que sirvo para isso? Ah, senhorita Archer, tem uma idéia exagerada de meu talento. Sei comprar muito bem, mas não sei vender; deveria ver-me quando tento, às vezes, livrar-me de alguma coisa minha. É preciso muito mais habilidade para fazer outras pessoas comprarem do que a gente mesmo comprar. Quando penso como devem ser espertas essas pessoas que *me* fazem comprar! Ah, não, eu não poderia ser comerciante; não posso ser médico, é uma ocupação repulsiva. Não posso ser clérigo, não tenho convicções. E também não sei pronunciar corretamente os nomes da Bíblia. São muito difíceis, especialmente os do Antigo Testamento. Não posso ser advogado; não entendo — como é mesmo que se diz? — a *procédure* americana. Há mais alguma coisa? Não há nada que sirva para um cavalheiro na América. Gostaria de ser diplomata, mas a diplomacia americana... também não é para cavalheiros. Tenho certeza de que se a senhorita tivesse visto o último min...

Henrietta Stackpole, companhia quase constante da amiga quando o senhor Rosier vinha apresentar seus cumprimentos no fim da tarde, expressando-se da maneira que acima esbocei, geralmente interrompia o rapaz nesse ponto e fazia-lhe um sermão sobre os deveres do cidadão americano. Ela o julgava muito estranho; era pior que o pobre Ralph Touchett. Contudo, Henrietta estava mais que nunca, nessa ocasião, inclinada a uma refinada crítica, pois sua consciência fora alertada de novo com respeito a Isabel. Não congratulara a jovem dama por sua riqueza e pedira licença para não fazê-lo.

— Se o senhor Touchett tivesse me consultado sobre lhe deixar esse dinheiro, eu teria dito a ele: “Nunca!” — afirmou com franqueza.

— Entendo — respondeu Isabel. — Acha que acabará sendo uma maldição disfarçada. Talvez seja.

— Deixe para alguém de quem não goste tanto, é o que eu teria dito.

— A você, por exemplo? — sugeriu Isabel, jocosa. E depois perguntou, em tom bem diferente: — Acredita mesmo que vá me arruinar?

— Espero que não a arruíne, mas com certeza irá reforçar suas tendências perigosas.

— Refere-se ao amor ao luxo, à extravagância?

— Não, não — disse Henrietta —, refiro-me ao fato de você ficar exposta do lado moral. Eu aprovo o luxo; acho que se deve ser tão elegante quanto possível. Veja o luxo de nossas cidades do

Leste; nada vi aqui que se compare a elas. Espero que nunca fique totalmente materialista, mas não é o que receio. O perigo é que você vive demais no mundo de seus próprios sonhos. Não está suficientemente em contato com a realidade, com o mundo trabalhador, esforçado, sofrido e — posso até dizer — pecador que a rodeia. É exigente demais; tem ilusões graciosas em demasia. Seus milhões recém-adquiridos irão confiná-la cada vez mais ao convívio de uns poucos egoístas e desalmados, que estarão interessados em manter suas ilusões.

Os olhos de Isabel arregalaram-se contemplando esse cenário sombrio.

— Quais são as minhas ilusões? — perguntou. — Tento tanto não ter nenhuma!

— Bem — retrucou Henrietta —, você acha que pode levar uma vida romântica, que pode viver agradando a si mesma e aos outros. Verá que está enganada. Seja qual for a vida que escolher, terá que pôr a alma nela, se quiser ter algum sucesso; e, no momento em que fizer isso, ela deixará de ser romance, posso assegurar-lhe: tornar-se-á a feia realidade! E não é possível sempre agradar a si mesma; às vezes é preciso agradar aos outros. Admito que você esteja pronta para isso; mas há outra coisa que é ainda mais importante: muitas vezes, terá que desagradar a algumas pessoas. Terá que estar sempre preparada para fazê-lo — nunca deverá esquivar-se. E não é nada que se pareça com você, que aprecia tanto a admiração, gosta que pensem bem a seu respeito. Acha que podemos fugir dos deveres desagradáveis adotando idéias românticas — essa é a sua grande ilusão, minha cara. Mas não podemos. Deve estar preparada em muitas ocasiões da vida para não agradar a ninguém, nem mesmo a si própria.

Isabel balançou a cabeça com ar de tristeza; parecia perturbada e assustada.

— Para você, Henrietta, esta deve ser uma dessas ocasiões! — disse.

Era bem verdade que a senhorita Stackpole, durante sua visita a Paris, que do ponto de vista profissional fora muito mais compensadora do que sua permanência na Inglaterra, não estivera vivendo no mundo dos sonhos. O senhor Bantling, que agora estava de volta à Inglaterra, fora seu companheiro durante as primeiras quatro semanas de sua estada e nada havia de sonhador a respeito dele. Isabel ouviu da amiga que os dois tinham levado uma vida de grande intimidade pessoal e que isso fora de especial vantagem para Henrietta, devido ao notável conhecimento que o cavalheiro tinha de Paris. Ele explicara tudo, mostrara tudo a ela, fora seu guia e intérprete constante. Tinham almoçado juntos, jantado juntos, ido ao teatro juntos, ceado juntos, de fato, de um certo modo, vivido juntos. Ele era um amigo de verdade, como mais de uma vez Henrietta afirmou à nossa heroína, e nunca imaginara que pudesse gostar tanto de um inglês. Isabel não saberia explicar a razão, mas ela via algo que levava ao riso na aliança que a correspondente do *Interviewer* fizera com o irmão de *lady* Pensil; e, apesar de considerar isso um crédito para ambos, ainda continuava achando tudo muito engraçado. Isabel não conseguia livrar-se da desconfiança de que os dois de alguma forma estavam agindo em direções contrárias — de que a simplicidade de cada um caíra numa armadilha. Mas tal simplicidade era, de ambos os lados, não menos honrada por isso. Era tão gracioso por parte de Henrietta acreditar que o senhor Bantling tinha interesse na difusão do jornalismo dinâmico e em consolidar a posição dos correspondentes de sexo feminino, como o era por parte de seu companheiro supor que a causa do *Interviewer* — um periódico do qual nunca formara conceito muito definido — fosse, à luz de uma análise sutil (de cuja tarefa o

senhor Bantling se julgava estar à altura), nada mais que a causa da necessidade de afeição demonstrativa da senhorita Stackpole. Cada um desses tateantes celibatários supria de qualquer modo uma necessidade da qual o outro tinha impaciente consciência. O senhor Bantling, que era de temperamento um tanto lento e discursivo, apreciava uma mulher animada, sagaz e positiva que o encantava com a influência de um olhar claro e desafiador, com uma espécie de frescor de coisa nova, despertando-lhe a percepção de um vigor numa mente para a qual o cardápio habitual da vida parecia insosso. Henrietta, por outro lado, gozava da companhia de um cavalheiro que parecia, de uma certa forma, por processos custosos, indiretos e quase “pitorescos”, feito para o uso dela, e cuja condição ociosa, embora em geral indefensável, era uma positiva vantagem para uma companheira afobada; e que era dotado de respostas fáceis, tradicionais, embora relativamente exaustivas, a quase qualquer pergunta social ou prática que aparecesse. Com frequência ela achava as respostas do senhor Bantling muito convenientes, e, no afã de pegar o correio para a América, usava-as sem parcimônia ou modéstia para publicação. Era de recear que estivesse de fato escorregando para aqueles abismos de sofisticação sobre os quais Isabel, querendo ouvir uma resposta bem-humorada, a tinha alertado. Talvez houvesse perigos reservados para Isabel, mas era difícil esperar que a senhorita Stackpole, por seu lado, encontrasse permanente refúgio em sua adoção das opiniões de uma classe comprometida com todos os antigos abusos. Isabel continuou a alertá-la com bom humor; o irmão prestativo de *lady* Pensil tornava-se, às vezes, nos lábios de nossa heroína, o objeto de alusões irreverentes e brincalhonas. Nada, entretanto, conseguia derrubar a afabilidade de Henrietta nesse ponto; ela costumava deleitar-se com o senso de ironia de Isabel e enumerar com júbilo as horas que passara com esse perfeito homem do mundo — um termo que deixara de ter para ela, como dantes, o significado de opróbrio. Depois, alguns instantes mais tarde, esquecia que tinham estado brincando a respeito daquilo e mencionava com impulsiva franqueza algum passeio que fizera com prazer na companhia dele.

— Oh, conheço tudo em Versalhes — dizia —, fui até lá com o senhor Bantling. Eu queria ver tudo em detalhe; avisei-o quando fomos que eu era meticulosa, de modo que passamos três dias no hotel e vimos tudo por lá. Fazia um tempo magnífico — uma espécie de veranico, só que não tão bom. Praticamente vivemos no parque. Oh, sim, você não vai contar-me sobre Versalhes nada que eu já não saiba.

Henrietta parecia ter combinado as coisas de modo a encontrar seu galante amigo na Itália, durante a primavera.

* Em francês, o verbo *défendre*, “defender”, também significa “proibir”. (N. T.)

Antes de chegar a Paris, a senhora Touchett marcara a data de sua partida e, em meados de fevereiro, pôs-se em viagem para o sul. Interrompeu a viagem para fazer uma visita ao filho, que estivera passando em San Remo, na costa italiana do Mediterrâneo, um entediante e claro inverno sob um pára-sol branco em lenta rotação. Isabel foi com a tia, como era natural, embora esta, com simples e costumeira lógica, tivesse lhe oferecido duas alternativas.

— É claro que você agora é dona de seu nariz e tão livre quanto os pássaros no céu. Não estou querendo dizer que não o fosse antes, mas no momento está numa posição diferente — a propriedade erige uma espécie de linha demarcatória. Quando se é rico, pode-se fazer um grande número de coisas que sofreriam severas críticas se se fosse pobre. Você pode andar de um lado para o outro, pode viajar sozinha, pode ter sua própria residência; quero dizer, é claro, se arranjar uma companheira — alguma dama que conheceu melhores dias, possuidora de um *cashmere* cerzido e ostentando cabelos tingidos, e que sabe pintar em veludo. Acha que não iria gostar disso? É claro que pode fazer o que quiser; só quero que entenda quanta liberdade tem. Poderia tomar a senhorita Stackpole como dama de companhia; ela manteria muito bem as pessoas à distância. Porém, acho que será muito melhor se ficar comigo, apesar de não ter obrigação alguma. É melhor por várias razões, independentemente de você gostar ou não. Imagino que não goste, mas recomendo que faça o sacrifício. É claro que qualquer novidade que pudesse ter existido no convívio comigo já desapareceu, e você me vê como sou — uma mulher idosa, enfadonha, obstinada e de mentalidade estreita.

— Não acho que seja nem um pouco enfadonha — Isabel respondera a isso.

— Mas acha que sou obstinada e de mente estreita? Bem que eu disse! — exclamou a senhora Touchett com grande júbilo de ter razão.

Isabel permaneceu esse tempo com a tia porque, apesar de impulsos excêntricos, tinha grande consideração pelo que em geral era julgado decente, e uma jovem senhorita sem parentes visíveis sempre lhe parecera uma flor sem folhagem. Era verdade que a conversa da senhora Touchett nunca voltara a parecer tão brilhante como naquela primeira tarde em Albany, sentada com seu impermeável úmido a esboçar as oportunidades que a Europa poderia oferecer a uma jovem de bom gosto. Isso, entretanto, era em grande parte culpa da própria moça; ela tivera um vislumbre da experiência da tia e sua imaginação antecipava constantemente os juízos e emoções de uma mulher que tinha em grau muito pequeno tal faculdade. Fora isso, a senhora Touchett tinha um grande mérito: era tão honesta quanto um relógio de alta precisão. Havia conforto em sua rigidez e firmeza; sabia-se exatamente onde iria estar e não se ficava sujeito a encontros e desencontros casuais. Em seu próprio terreno, ela estava perfeitamente presente, mas nunca era demasiado inquisitiva a respeito do território de seu próximo. Isabel acabou sentindo uma certa piedade

indemonstrável por ela; parecia haver algo de triste na condição de uma pessoa cuja natureza tinha, por assim dizer, tão pouca superfície — oferecia uma face tão limitada às aderências decorrentes do contato humano. Nada de terno, nada de solidário jamais tivera a oportunidade de agarrar-se a ela — nenhuma semente trazida pelo vento, nenhum musgo familiar suavizador. Sua extensão oferecida, em outras palavras, sua extensão passiva, era a do fio de uma faca. Isabel tinha motivos para crer, a despeito disso, que, à medida que ela ficava mais velha, fazia mais concessões ao senso de algo obscuramente distinto da conveniência — mais concessões do que ela precisava independentemente. Estava aprendendo a sacrificar a consistência em favor de considerações daquela ordem inferior, para as quais tem que ser encontrada uma desculpa em cada caso especial. Não contava a favor de sua absoluta retidão ela ter escolhido o caminho mais longo para Florença a fim de passar algumas semanas com o filho inválido, já que, no passado, fora uma de suas convicções mais definidas que, quando Ralph quisesse vê-la, tinha total liberdade de pensar que o Palazzo Crescentini incluía aposentos bem espaçosos, conhecidos como o apartamento do *signorino*.

— Gostaria de perguntar-lhe uma coisa — disse Isabel para o rapaz, no dia seguinte à sua chegada em San Remo —; uma coisa que pensei mais de uma vez em perguntar-lhe por carta, mas no fim hesitei em fazê-lo. Cara a cara, porém, minha pergunta parece bastante fácil. Sabia que seu pai tinha intenção de deixar-me tanto dinheiro?

Ralph esticou as pernas um pouco mais que de costume e fitou com maior atenção o Mediterrâneo.

— Que diferença faz, minha querida Isabel, se eu sabia? Meu pai era muito teimoso.

— Ah, então você sabia — disse a moça.

— Sim, ele me contou. Até conversamos um pouco a respeito disso.

— Por que ele fez isso? — perguntou Isabel, abrupta.

— Ora, foi uma espécie de elogio.

— Elogio a quê?

— Ao fato de você existir de modo tão belo.

— Ele gostava excessivamente de mim — disse ela, pouco depois.

— Como todos nós.

— Se eu acreditasse nisso, ficaria muito infeliz. Por sorte, não acredito. Quero ser tratada com justiça; nada mais quero além disso.

— Muito bem. Mas deve lembrar-se de que justiça para com um ser encantador é, afinal de contas, uma espécie aparatosa de sentimento.

— Não sou um ser encantador. Como pode dizer isso no mesmo instante em que estou fazendo perguntas tão desagradáveis? Devo parecer-lhe muito melindrosa!

— Parece perturbada! — retrucou Ralph.

— Estou perturbada.

— Com o quê?

Durante um momento ela nada respondeu, depois disse subitamente:

— Acha que é bom para mim ficar rica assim de repente? Henrietta não acha.

— Oh, aos diabos com Henrietta! — disse Ralph, com grosseria. — Se quer saber a *minha* opinião, eu estou contentíssimo.

— Foi por isso que seu pai o fez? Para diverti-lo?

— Discordo da senhorita Stackpole — continuou Ralph, em tom mais grave —, acho muito bom você ter recursos.

Isabel fitou-o com olhar sério.

— Será que você sabe o que é bom para mim? Será que se importa com isso?

— Se eu sei, pode ter certeza de que me importo. Quer que lhe diga o que é bom? Não atormentar a si própria!

— Não atormentar você, acho que é o que quer dizer.

— Não vai conseguir fazê-lo; sou à prova disso. Aceite as coisas mais docilmente. Não fique se perguntando tanto se isso ou aquilo é bom para você. Não questione tanto sua consciência, vai acabar desafinando como quando se martela demais num piano. Guarde-a para as grandes ocasiões. Não tente formar tanto seu caráter — é como tentar abrir à força um botão fechado e tenro de rosa. Viva como achar melhor e seu caráter cuidará de si mesmo. A maioria das coisas é boa para você; as exceções são muito raras, e uma boa renda não é uma delas. — Ralph fez uma pausa e sorriu; Isabel tinha escutado com atenção. — Você tem uma capacidade de pensamento demasiado grande, e, acima de tudo, consciência demais — acrescentou Ralph. — É fora de propósito a quantidade de coisas que você acha erradas! Atrase o relógio. Alimente sua febre. Abra as asas. Alce vôo acima do solo. Nunca é errado fazer isso.

Como eu disse, ela escutara atentamente, e era próprio dela entender depressa.

— Pergunto-me se avalia o que está dizendo. Se o faz, está assumindo uma grande responsabilidade.

— Está me metendo um pouco de medo, mas acho que estou com a razão — disse Ralph, mantendo o tom alegre.

— Ainda assim, o que diz é bem verdade — continuou Isabel. — Não poderia dizer nada mais verdadeiro. Estou imersa em mim mesma; olho para a vida como se fosse uma receita médica. Por que devemos estar sempre pensando se as coisas são boas para nós, como se fôssemos pacientes numa cama de hospital? Por que eu tenho tanto medo de não fazer a coisa certa? Como se o mundo se importasse se eu faço o certo ou o errado!

— Você é uma pessoa fantástica para se aconselhar — observou Ralph —; saiu-me melhor que a encomenda!

Ela olhou para ele como se não tivesse ouvido — embora estivesse seguindo o raciocínio que ele próprio suscitara.

— Tento importar-me mais com o mundo do que comigo mesma, mas sempre acabo voltando para mim. É porque tenho medo. — Parou, a voz lhe havia tremido um pouco. — Sim, tenho medo; quanto nem posso dizer. Uma grande fortuna significa liberdade e tenho medo disso. É uma coisa muito boa e algo de que se deve fazer bom uso. E, se não fizer, haverá vergonha nisso. E é preciso pensar o tempo todo; é um esforço constante. Não tenho certeza se não será uma felicidade maior não ter poder algum.

— Para pessoas fracas, não duvido que seja uma felicidade maior. Para pessoas fracas, o esforço para não ser desprezível deve ser grande.

— E como sabe que não sou fraca? — perguntou Isabel.

— Ah — respondeu Ralph, com um rubor que a moça notou —, se você for, então estarei perdido!

O encanto da costa mediterrânea apenas se acentuou à medida que nossa heroína a foi conhecendo, pois era o limiar da Itália, o portal das maravilhas. A Itália, ainda vista e sentida de forma imperfeita, estendia-se diante dela como uma terra de promessa, uma terra em que o amor pelo belo poderia ser confortado por conhecimento infinito. Sempre que caminhava pela praia com o primo — e ela era a companheira do passeio diário dele — olhava para além-mar, com olhos ardentes, onde sabia estar Gênova. Estava contente, porém, de ficar parada no limiar dessa aventura maior; havia uma grande excitação até mesmo naquela preliminar suspensão. Isso a afetava, além do mais, como um interlúdio de paz, como um abafar dos tambores e dos pífanos numa carreira que, por enquanto, ela tinha pouco motivo para considerar agitada, mas que, apesar disso, ela estava sempre imaginando para si mesma à luz de suas esperanças, de seus receios, de suas fantasias, de suas ambições, de suas predileções, e que refletia os acidentes subjetivos de modo suficientemente dramático. Madame Merle tinha predito à senhora Touchett que, depois que nossa jovem amiga metesse a mão no bolso meia dúzia de vezes, iria acostumar-se à idéia de o mesmo ter sido enchido por um tio generoso, e os fatos justificavam, como já fora o caso tantas vezes, a perspicácia dessa senhora. Ralph Touchett tinha elogiado a prima por ser moralmente inflamável, isto é, por logo aceitar um conselho bem-intencionado. O conselho dele talvez tivesse ajudado; pelo menos, antes de sair de San Remo, ela se acostumara a sentir-se rica. A consciência em questão encontrou lugar adequado em meio a um pequeno grupo bastante denso de idéias que ela tinha a respeito de si mesma, e freqüentemente esse conhecimento não era de modo algum o menos agradável. Esse pensamento tomava como certas um milhão de boas intenções. Ela perdia-se num labirinto de visões; as boas coisas a serem feitas por uma moça rica, independente e generosa, dotada de ampla visão humana das oportunidades e das obrigações, eram sublimes na sua maioria. Assim, sua fortuna tornou-se, a seu ver, parte do seu melhor eu; concedeu-lhe importância e até mesmo, na sua própria imaginação, uma certa beleza ideal. O que fez por ela na imaginação dos outros é outro assunto, e a esse respeito iremos falar também com o tempo. As visões de que acabo de falar confundiam-se com outros debates. Isabel preferia pensar no futuro a pensar no passado, mas, às vezes, enquanto ouvia o murmúrio das ondas do Mediterrâneo, seu olhar alçava-se num vôo de volta. Ia pousar em duas figuras que, a despeito da distância crescente, ainda eram bastante destacadas; podiam ser reconhecidas sem dificuldade como Caspar Goodwood e lorde Warburton. Era estranho como essas imagens de energia tinham caído tão rápido para segundo plano na vida de nossa jovem. Ela tinha propensão a sempre perder a fé na realidade das coisas ausentes; podia invocar de volta a fé, em caso de necessidade, com um esforço, mas que era muitas vezes penoso mesmo quando a realidade tinha sido agradável. O passado tendia a parecer morto e seu reviver parecia antes destacar a luz lívida de um dia do Juízo. Além disso, a moça não era propensa a tomar como certo que ela própria vivesse na mente dos outros — não possuía a fatuidade de acreditar

que deixasse traços indeléveis. Era capaz de sentir-se magoada ao descobrir que fora esquecida, mas de todas as liberdades aquela que julgava ser a melhor era a liberdade de esquecer. Não tinha dado seu último xelim, sentimentalmente falando, nem a Caspar Goodwood nem a lorde Warburton e, no entanto, não podia deixar de sentir que eles tinham enorme dívida para com ela. É claro que dissera a si mesma que voltaria a ter notícias do senhor Goodwood, mas isso não seria antes de um ano e meio e, nesse ínterim, muitas coisas poderiam acontecer. Na verdade, ela deixara de dizer a si mesma que seu pretendente americano poderia encontrar alguma outra moça em situação mais confortável para cortejar porque, embora fosse certo que muitas outras moças fossem aparecer nessas condições, ela não tinha a menor convicção de que tal mérito o atraísse. Mas refletia que ela mesma poderia conhecer a humilhação da mudança; poderia, na verdade, chegar ao fim das coisas que não fossem Caspar (muito embora aparecessem tantas delas) e encontrar descanso nos próprios elementos da presença dele que agora lhe surgiam como empecilhos a respirar com desafogo. Era concebível que tais empecilhos viessem a ser algum dia uma espécie de bênção disfarçada — um porto limpo e tranqüilo, protegido por forte quebra-mar de granito. Mas esse dia só chegaria quando fosse a hora, e ela não podia esperar de braços cruzados. Que lorde Warburton continuasse a nutrir afeição pela sua imagem parecia-lhe mais do que a nobre humildade ou o orgulho esclarecido devessem enfrentar. Ela decidira de modo tão definitivo não preservar registro algum do que transpirara entre eles que um esforço paralelo da parte dele seria de eminente justiça. Isso não era, como pode parecer, apenas uma teoria carregada de sarcasmo. Isabel acreditava com toda a inocência que o lorde iria, como se diz, superar o desapontamento. Ele tinha sido profundamente afetado — nisso ela acreditava e ainda era capaz de sentir prazer com tal convicção; mas era absurdo que um homem tão inteligente e que fora tratado de forma honrada ostentasse uma cicatriz em total desproporção para com qualquer ferida. Além do mais, os ingleses gostavam de conforto, dizia Isabel, e havia muito pouco conforto para lorde Warburton, no final das contas, em ficar cismando sobre uma auto-suficiente moça americana que fora mera amizade casual. Ela dizia a si mesma que, se soubesse de um dia para o outro que ele tinha se casado com alguma outra jovem de seu próprio país, uma que tivesse feito mais por merecê-lo, receberia a notícia sem um sobressalto sequer de surpresa. Só provaria que ele acreditava na firmeza dela — e isso era o que ela queria parecer a ele: firme. Só isso já lhe gratificava o orgulho.

Num dos primeiros dias de maio, cerca de seis meses após a morte do velho senhor Touchett, um pequeno grupo que poderia ser descrito por um pintor como uma boa composição reuniu-se numa das muitas salas de uma antiga *villa* encimando uma colina carpetada de oliveiras do lado de fora do portão romano de Florença. A *villa* era uma estrutura longa e um tanto inexpressiva, dotada daquele telhado saliente tão apreciado na Toscana e que, nas colinas circundando Florença, à distância, fazia um retângulo harmonioso com os ciprestes retos, escuros e definidos, em geral surgidos em grupos de três ou quatro ao lado do retângulo. A casa dava frente para uma pequena *piazza* vazia, rural e gramada, que ocupava parte do topo da colina, e a fachada, rompida por algumas janelas em relação irregular e dotada de um banco de pedra ajustado ao longo da base da estrutura, banco esse útil como lugar de descanso para uma ou duas pessoas que ostentassem em maior ou menor medida aquele ar de mérito subestimado que, na Itália, por alguma razão, sempre é conferido com graça a alguém que assume com confiança uma atitude totalmente passiva — essa antiga e sólida fachada, castigada pelo tempo, porém imponente, tinha caráter um tanto comunicativo. Era a máscara, não o rosto da casa. Tinha pálpebras pesadas mas não olhos; na realidade, a casa estava olhando para outro lado — olhava para trás, para a esplêndida amplidão e vastidão da luz vespertina. Desse lado, a *villa* dava para o declive da colina e para o vasto vale do Arno, enevoado em meio ao colorido italiano. Tinha um estreito jardim, mais como um terraço, que produzia principalmente emaranhados de rosas silvestres e outros velhos bancos de pedra, cobertos de musgo e aquecidos pelo sol. O parapeito do terraço era da altura certa para servir de apoio, e abaixo dele o terreno ia num declive até olivais e vinhedos imprecisos. Entretanto, não é com o exterior da casa que estamos preocupados; nessa clara manhã de plena primavera seus ocupantes tinham motivos para preferir o lado sombrio das paredes. As janelas do andar térreo, vistas da *piazza*, eram, com suas proporções nobres, belas linhas arquitetônicas, porém sua função parecia mais talhada para desafiar o mundo a olhar para dentro do que para oferecer comunicação. Tinham pesadas barras de ferro a fechá-las, colocadas a tal altura que a curiosidade, mesmo na ponta dos pés, extinguiu-se antes de alcançá-las. Num apartamento iluminado por uma fileira de três dessas ciumentas aberturas — um dos vários apartamentos independentes em que a *villa* estava dividida e que na maioria eram ocupados por estrangeiros de várias nacionalidades há muito residentes em Florença — um cavalheiro estava sentado em companhia de uma menina e de duas freiras de uma instituição religiosa. A sala, porém, estava menos sombria do que nossa descrição talvez tenha sugerido, pois tinha uma porta larga e alta, agora aberta para o exuberante jardim dos fundos, e as altas gelosias deixavam passar de vez em quando mais que suficiente luz do sol italiano. Além do mais, era um lugar de comodidade, até de luxo, revelando arrumações estudadas sutilmente e refinamentos ostentados francamente, contendo uma variedade daqueles reposteiros

desbotados de damasco e tapeçarias, daquelas arcaas e armários de carvalho entalhado e polido pelo tempo, daqueles exemplares angulosos da arte pictórica em molduras afetadamente primitivas, daquelas relíquias de aparência perversa de latão e cerâmica medieval, de que a Itália vem sendo um depósito ainda não completamente exaurido. Essas coisas casavam com as peças de mobiliário moderno que contemplavam com indulgência uma geração mais dada ao sentar relaxado; era de se notar que todas as poltronas eram fundas e bem acolchoadas e que muito espaço era ocupado por uma escrivaninha, cuja engenhosa perfeição trazia a marca de Londres e do século XIX. Havia uma profusão de livros e revistas e jornais, e alguns quadros pequenos rebuscados, estranhos, na maioria aquarelas. Um desses produtos estava num cavalete de sala diante do qual, no momento em que começamos a nos ocupar dela, a jovem que mencionei tinha se postado. Olhava para o quadro em silêncio.

Silêncio — total silêncio — não reinava entre seus companheiros, porém a conversa deles tinha um ar de continuidade embaraçada. As duas freiras não tinham se acomodado em suas respectivas poltronas; sua atitude expressava uma reserva definitiva e o rosto mostrava o verniz da prudência. Eram mulheres de aparência comum, robustas, de feições amenas, com uma certa modéstia quase profissional à qual o aspecto impessoal do linho engomado e da sarja que as envolvia, como se estivessem pregadas em molduras, favorecia. Uma delas, um tanto idosa, de óculos, tez fresca e maçãs do rosto cheias, tinha ar mais perspicaz do que sua companheira, bem como a responsabilidade de sua missão, aparentemente relacionada com a jovem. O objeto desse interesse estava de chapéu — adorno de extrema simplicidade e bem de acordo com seu vestido singelo de musselina, curto demais para a idade da jovem, embora devesse já ter sido “abaixado”. O cavalheiro, que, podia-se presumir, estava fazendo sala para as duas irmãs, talvez estivesse consciente das dificuldades de sua própria função, já que de certa forma é tão árduo conversar com os muito humildes quanto com os muito poderosos. Ao mesmo tempo, estava claro que ele estava muito ocupado com a silenciosa protegida das freiras, pois, embora esta estivesse de costas, seu olhar pousava grave no vulto esbelto e pequeno dela. Ele tinha uns quarenta anos, cabeça alta mas bem formada e cabeleira farta ainda, mas de um prematuro grisalho, cortada bem curta. Tinha rosto fino, estreito, bem modelado e composto, cujo único defeito era exatamente o fato de tender um tanto para o anguloso; uma aparência para a qual o formato da barba contribuía bastante. A barba, aparada à moda dos quadros do século XVI e coroada por um bigode claro, cujas pontas faziam uma romântica virada para cima, conferia a seu dono uma aparência estrangeira e tradicional a sugerir que ele era um cavalheiro que estudava estilo. Contudo, seus olhos conscientes e curiosos, ao mesmo tempo vagos e penetrantes, inteligentes e duros, expressando o observador bem como o sonhador, assegurariam a quem o visse que o estudava apenas dentro de limites bem escolhidos e que o encontrava na medida em que o procurava. Seria difícil tarefa determinar seu clima e país originais; nada tinha dos sinais superficiais que geralmente tornam a resposta a esta pergunta insipidamente fácil. Se tinha sangue inglês nas veias, provavelmente recebera alguma mistura francesa ou italiana; mas ele, como boa moeda de ouro, não sugeria nenhuma estampa ou emblema da cunhagem comum prevista para circulação geral; era a elegante e complicada medalha cunhada para ocasiões especiais. Tinha o corpo magro, um tanto lânguido,

não era alto nem baixo. Vestia-se como se veste um homem que se preocupa apenas o bastante com isso para não usar coisas vulgares.

— Então, minha querida, o que acha? — perguntou à menina. Usou a língua italiana e o fez com perfeita fluência, mas isso não teria convencido o leitor de que era italiano.

A criança virou o rosto com ar sério para um lado e para o outro.

— É muito bonito, papai. Foi o senhor quem fez?

— É claro que sim. Não acha que sou hábil?

— Sim, papai, muito hábil; eu também aprendi a fazer pinturas. — E voltando-se, deixou ver um rosto pequeno e bonito onde se pintava um sorriso fixo e de imensa doçura.

— Deveria ter trazido um exemplar de seus talentos.

— Trouxe muitos; estão na minha mala.

— Ela desenha com muito, muito cuidado — disse a mais velha das freiras, em francês.

— Folgo em sabê-lo. Foi a senhora quem a ensinou?

— Felizmente não — disse a freira, corando um pouco. — *Ce n'est pas ma partie*. Eu não ensino nada; deixo isso para outros mais sábios. Temos um excelente professor de desenho, o senhor... senhor... como é o nome dele? — perguntou à companheira.

A companheira pôs-se a fitar o tapete, confusa.

— É um nome alemão — disse em italiano, como se houvesse necessidade de tradução.

— Sim — continuou a outra —, ele é alemão e já está conosco há muitos anos.

A menina não estava prestando atenção à conversa; tinha andado até a porta aberta da grande sala e estava olhando para o jardim.

— E a senhora, irmã, é francesa — disse o cavalheiro.

— Sim, senhor — respondeu brandamente a visitante. — Falo com os alunos em minha própria língua, não conheço outra. Mas temos freiras de outros países: inglesas, alemãs, irlandesas. Todas falam sua própria língua.

O cavalheiro sorriu.

— A minha filha está aos cuidados de uma das irmãs irlandesas? — E então, percebendo que as visitantes desconfiavam de uma piada, embora sem entendê-la, acrescentou de imediato: — As senhoras são muito completas.

— Oh, sim, somos. Temos tudo, e tudo do melhor.

— Temos ginástica — atreveu-se a observar a freira italiana. — Mas não perigosa.

— Espero que não. Essa é a *sua* matéria? — Tal pergunta provocou grande hilaridade inocente por parte das duas senhoras; quando as risadas amainaram, o anfitrião olhou para a filha e comentou que ela tinha crescido.

— Sim, mas acho que parou. Vai ser... não grande — disse a freira francesa.

— Não me importo. Prefiro as mulheres como os livros: muito bons e não muito longos. Mas não conheço motivo algum para que minha filha seja baixa — disse o cavalheiro.

A freira deu de ombros levemente como a sugerir que tais coisas estivessem acima do conhecimento das pessoas.

— Ela goza de ótima saúde; essa é a melhor coisa.

— É, parece saudável. — O pai da menina observou-a por um instante. — O que vê no jardim?

— perguntou-lhe em francês.

— Vejo muitas flores — respondeu ela, com voz suave e branda e pronúncia tão boa quanto a dele.

— Sim, mas muitas não são boas. Seja como for, vá lá e colha algumas para *cesdames*.

A criança voltou-se para ele com o sorriso ampliado pelo prazer.

— Posso mesmo?

— Ah, estou dizendo que pode —olveu o pai.

A criança olhou para a freira mais velha.

— Posso mesmo, *ma mère*?

— Obedeça a *monsieur* seu pai, minha filha — disse a irmã, corando de novo.

Satisfeita com a autorização, a criança deixou a soleira e logo desapareceu de vista.

— As senhoras não as mimam — disse o pai, em tom alegre.

— Têm que pedir permissão para tudo. Nosso sistema é esse. A permissão é dada quase sempre, mas tem que ser pedida.

— Oh, não discuto o seu sistema; não duvido de que seja excelente. Mandeí minha filha para as senhoras para ver o que fariam com ela. Eu tinha fé.

— É preciso ter fé — concordou a irmã com brandura, olhando através dos óculos.

— Então, minha fé foi recompensada? O que fizeram dela?

A irmã baixou o olhar por um instante.

— Uma boa cristã, *monsieur*.

O anfitrião também baixou o olhar, mas era provável que o movimento tivesse um impulso diferente em cada caso.

— Sim, e o que mais?

Ele contemplou a senhora do convento, pensando provavelmente que ela iria dizer que ser boa cristã bastava, mas, apesar de toda a sua simplicidade, não era rústica a esse ponto.

— Uma mocinha encantadora, uma mulherzinha de verdade, uma filha que não irá lhe causar senão alegrias.

— Ela me parece muito *gentille* — disse o pai. — É bonita mesmo.

— É perfeita. Não tem defeitos.

— Nunca os teve quando criança e alegro-me que as senhoras não lhe tenham posto nenhum.

— Gostamos demais dela — retrucou a freira de óculos, com dignidade. — E, quanto a defeitos, como podemos pôr o que não temos? *Le couvent n'est pas comme le monde, monsieur*. Ela é nossa filha, pode-se dizer. Está conosco desde bem pequena.

— De todas as que vamos perder este ano, a falta dela será a que mais sentiremos — murmurou a freira mais nova, em tom deferente.

— Ah, sim, vamos falar durante muito tempo dela — disse a outra. — Vamos usá-la como exemplo para as novas. — E, dizendo isso, a freira pareceu ficar com os óculos embaçados enquanto a outra, depois de remexer no bolso por um momento, retirou do mesmo um lenço de textura durável.

— Não é certo que vão perdê-la; nada está decidido ainda — o anfitrião apressou-se a observar; não para evitar as lágrimas delas, mas no tom de um homem dizendo o que era mais agradável a ele próprio.

— Ficariamos muito felizes com isso. Quinze anos, é muito jovem para deixar-nos.

— Oh — exclamou o cavalheiro com maior vivacidade do que até então demonstrara —, não sou eu quem quer tirá-la de lá. Eu gostaria que pudessem ficar com ela para sempre!

— Ah, *monsieur* — disse a freira mais velha, sorrindo e levantando-se —, ainda que muito boa, ela é feita para o mundo. *Le monde y gagnera*.

— Se todas as pessoas boas estivessem escondidas nos conventos, como o mundo poderia continuar? — perguntou baixinho a companheira, levantando-se também.

Essa era uma pergunta de escopo mais amplo do que a boa mulher pudesse supor, e a freira de óculos adotou uma atitude conciliadora, dizendo:

— Felizmente, há gente boa em toda parte.

— Se as senhoras se forem, haverá menos duas aqui — observou o anfitrião, galante.

Ante a extravagância do gracejo, as simplórias visitantes nada tiveram para dizer, limitando-se a se entreolhar em decente depreciação, porém sua confusão logo foi disfarçada pela volta da mocinha com dois grandes ramalhetes de rosas — um, todo branco, o outro, todo vermelho.

— Deixo à sua escolha, irmã Catherine — disse a mocinha. — Só a cor é diferente, irmã Justine; há tantas rosas num ramo como no outro.

As duas irmãs voltaram-se uma para a outra, sorrindo e hesitando, a dizer:

— Qual prefere?

— Não, é você quem deve escolher.

— Vou escolher o vermelho, obrigada — disse irmã Catherine, a de óculos. — É tão vermelho quanto eu. Vai nos servir de conforto a caminho de Roma.

— Ah, não vão durar — exclamou a mocinha. — Quisera ter algo duradouro para dar-lhes!

— Deu-nos uma boa recordação de você, minha filha. Isso durará!

— Gostaria que as freiras pudessem usar coisas bonitas. Poderia dar-lhes meu colar de contas azuis — persistiu a menina.

— E voltarão hoje para Roma? — perguntou o pai.

— Sim, vamos de trem novamente. Temos tanto para fazer *là-bas*!

— Não estão cansadas?

— Nunca estamos cansadas.

— Ah, irmã, às vezes — murmurou a religiosa mais moça.

— De qualquer modo, hoje não. Descansamos muitíssimo aqui. *Que Dieu vous garde, ma fille*.

Enquanto elas trocavam beijos de despedida, o dono da casa adiantou-se para abrir a porta por onde deveriam passar, mas, ao fazê-lo, soltou uma exclamação inaudível e ficou olhando para fora. A porta dava para uma antecâmara de teto abobadado, alto como o de uma capela, o piso coberto de ladrilhos vermelhos; e nessa antecâmara um criado acabara de admitir uma senhora; ele, um rapazola com uma libré puída, guiava-a para o apartamento em que nossos amigos estavam reunidos. O cavalheiro à porta, após soltar a exclamação, permaneceu em silêncio; em silêncio,

também, a dama avançou. Ele não ofereceu a ela nenhum outro cumprimento audível, e não lhe ofereceu a mão, mas afastou-se para deixá-la entrar no salão. Na soleira, ela hesitou.

— Há alguém aí? — perguntou.

— Há, como pode ver.

Ela entrou e se deparou com as duas freiras e sua pupila, que vinha entre elas, com as mãos no braço de cada uma. Ao verem a nova visita, todas tinham parado, e a dama, que também parara, ficou olhando para elas. A mocinha soltou um suspiro suave:

— Ah, madame Merle!

A visitante tinha ficado um tanto espantada, mas no minuto seguinte sua atitude já era graciosa, apesar de tudo.

— Sim, é madame Merle, que veio lhe dar as boas-vindas. — E estendeu as duas mãos para a mocinha que, de pronto, aproximou-se, apresentando-lhe a testa para um beijo. Madame Merle saudou essa porção da encantadora jovencinha e depois ficou lá, sorrindo para as freiras. Estas receberam o sorriso com decente reverência, mas sem se permitir uma observação detalhada e direta da imponente e brilhante mulher que parecia trazer em si algo da radiância do mundo exterior.

— Estas senhoras trouxeram minha filha para casa e agora voltarão ao convento — explicou o cavalheiro.

— Ah, vão voltar para Roma? Acabo de vir de lá. Está muito linda agora — disse madame Merle.

As boas irmãs, com as mãos enfiadas nas mangas, aceitaram tal afirmativa sem crítica, e o dono da casa perguntou à nova visita quanto tempo fazia que estivera em Roma.

— Ela foi ver-me no convento — disse a mocinha, antes que a senhora a quem a pergunta era dirigida tivesse tempo de responder.

— Fui mais de uma vez, Pansy — declarou madame Merle. — Eu não sou a sua grande amiga em Roma?

— Lembro-me melhor da última vez — disse Pansy —, porque me disse que eu iria sair de lá.

— Disse-lhe isso? — perguntou o pai da menina.

— Não lembro bem. Disse-lhe o que achei que iria lhe agradecer. Estive em Florença durante uma semana. Esperava que você fosse me ver.

— Eu teria ido, se soubesse que estava lá. Não se sabem tais coisas por inspiração — embora imagine que se devesse saber. É melhor sentar-se.

Essa troca de palavras foi feita num tom de voz particular — um tom meio baixo e cuidadosamente tranqüilo, embora mais como hábito que por alguma necessidade definida. Madame Merle olhou em torno, escolhendo onde sentar-se.

— Vai até a porta com essas mulheres? Não deixe que eu interrompa a cerimônia. *Je vous salue, mesdames* — acrescentou em francês, para as freiras, como que as despedindo.

— Esta senhora é grande amiga nossa; devem tê-la visto no convento — disse o anfitrião. — Temos muita confiança em seu julgamento, e ela irá ajudar-me a decidir se minha filha deve voltar para o convento no fim das férias.

— Espero que decida a nosso favor, madame — a freira de óculos arriscou-se a observar.

— Isso é brincadeira do senhor Osmond; eu nada decido — disse madame Merle, também em tom de gracejo. — Creio que as senhoras têm uma escola muito boa, mas os amigos da senhorita Osmond devem lembrar-se de que é natural ela estar destinada ao mundo.

— Isso foi o que eu disse a *monsieur* — respondeu irmã Catherine. — É exatamente para adequá-la ao mundo — murmurou, lançando um olhar para Pansy, que, de pé, a pequena distância, examinava o elegante traje de madame Merle.

— Está ouvindo, Pansy? Está naturalmente destinada ao mundo — disse o pai.

A menina fitou-o por um momento com seus límpidos olhos jovens.

— Eu não estou destinada ao senhor, papai?

O pai deu uma risada breve e leve.

— Uma coisa não impede a outra! Eu sou do mundo, Pansy.

— Dêem-nos licença para nos retirarmos — disse irmã Catherine. — Seja boa e ajuizada e feliz de qualquer modo, minha filha.

— Eu irei com toda a certeza voltar a vê-las —olveu Pansy, recomeçando os abraços que logo foram interrompidos por madame Merle.

— Fique comigo, querida — disse —, enquanto seu pai acompanha as boas senhoras até a porta.

Pansy olhou para ela, desapontada, mas sem protestar. Ela estava evidentemente impregnada da idéia de submissão devida a qualquer pessoa que adotasse o tom de autoridade e era espectadora passiva da operação de seu destino.

— Não posso ir com irmã Catherine até a carruagem? — ainda assim perguntou com brandura.

— Eu preferiria que ficasse comigo — disse madame Merle, enquanto o senhor Osmond e as freiras, que tinham feito outra mesura para a visitante, passavam para a antecâmara.

— Oh, sim; eu vou ficar — respondeu Pansy, e foi postar-se ao lado de madame Merle, a quem entregou sua mãozinha. Ficou olhando pela janela com olhos marejados de lágrimas.

— Alegro-me que lhe tenham ensinado a obedecer — disse madame Merle. — Isso é o que meninas boazinhas devem fazer.

— Ah, sim, eu obedeço muito bem — exclamou Pansy, com suave ansiedade, quase como que se gabando, como se falasse de sua habilidade ao piano. E então soltou um suspiro leve, quase inaudível.

Ainda segurando-lhe a mão, madame Merle puxou-a para cima de sua própria palma delicada e olhou. O olhar era crítico, mas nada havia para criticar; a mãozinha da menina era delicada e alva.

— Espero que sempre lhe façam usar luvas — disse logo em seguida. — As meninas geralmente não gostam de usá-las.

— Eu não gostava, mas agora gosto — retrucou a menina.

— Muito bom. Vou lhe dar de presente uma dúzia.

— Fico-lhe muito grata. De que cor vão ser? — perguntou Pansy, com interesse.

Madame Merle pensou um instante.

— De cores úteis.

— Mas muito bonitas?

— Gosta muito de coisas bonitas?

— Sim; mas... não demais — disse Pansy, com uma ponta de ascetismo.

— Bem, não serão bonitas demais — voltou madame Merle com uma risada. Pegou a outra mão da menina e puxou-a mais para perto. Depois continuou, olhando por um instante: — Vai sentir falta de irmã Catherine?

— Sim, quando pensar nela.

— Tente não pensar, então. Talvez algum dia tenha outra mãe — acrescentou madame Merle.

— Não acho que isso seja preciso — disse Pansy, tornando a soltar seu suave suspiro conciliatório. — Eu tinha mais de trinta mães no convento.

Os passos do pai soaram de novo na antecâmara, e madame Merle levantou-se, soltando a criança. O senhor Osmond entrou e fechou a porta; depois, sem olhar para madame Merle, empurrou uma ou duas cadeiras de volta a seus lugares. A visitante esperou por um momento que ele falasse, observando-o enquanto andava de lá para cá. Por fim, ela disse:

— Esperei que fosse a Roma. Achei possível que quisesse ir buscar Pansy pessoalmente.

— É uma suposição natural, mas receio que não seja a primeira vez que ajo contrariando seus cálculos.

— É verdade — disse madame Merle —, acho que é muito perverso.

O senhor Osmond ocupou-se por um instante com a sala — havia bastante espaço em que se mover — como alguém que busca mecanicamente um pretexto para não dar uma atenção que possa ser embaraçosa. Dali a pouco, contudo, esgotou seus pretextos; nada mais lhe restava — a não ser que pegasse um livro para ler — senão postar-se de pé, com as mãos nas costas, olhando para Pansy.

— Por que não foi se despedir da irmã Catherine? — perguntou-lhe, abruptamente, em francês.

Pansy hesitou por um instante, olhando para madame Merle.

— Pedi-lhe que ficasse comigo — disse a dama, que se sentara em outro lugar.

— Ah, isso foi melhor — admitiu Osmond. Depois deixou-se cair numa poltrona e ficou olhando para madame Merle, um pouco curvado para a frente, com os cotovelos na beirada dos braços da poltrona e as mãos entrelaçadas.

— Ela vai dar-me luvas — disse Pansy.

— Não precisa contar isso para todo mundo, querida — observou madame Merle.

— É muito boa para ela — disse Osmond. — Ela já deve ter tudo de que precisa.

— Imagino que já tenha tido o suficiente de freiras.

— Se vamos discutir o assunto, é melhor que ela saia da sala.

— Deixe-a ficar — disse madame Merle. — Vamos falar de outra coisa.

— Se quiserem, eu não vou ouvir — sugeriu Pansy, com uma aparência de candura que impunha convicção.

— Pode ouvir, criança encantadora, porque não vai entender — retrucou o pai. A menina sentou-se, deferente, perto da porta aberta, à vista do jardim para onde voltou seus olhos inocentes e melancólicos, e o senhor Osmond continuou de modo irrelevante, dirigindo-se a sua outra companhia: — Você está especialmente bem.

— Acho que sempre estou igual — disse madame Merle.

— Sempre é igual. Não varia. É uma mulher maravilhosa.

— Sim, acho que sou.

— Mas às vezes muda de idéia. Disse-me, ao voltar da Inglaterra, que não sairia de Roma por enquanto.

— Alegro-me que se lembre tão bem do que digo. Essa era minha intenção. Mas vim a Florença encontrar alguns amigos recém-chegados e cujos planos na época eu não conhecia bem.

— Esse motivo é bem típico. Está sempre fazendo alguma coisa pelos amigos.

Madame Merle abriu um amplo sorriso para seu anfitrião.

— É menos típico que seu comentário, que é totalmente insincero. Mas não julgo isso um crime — acrescentou — porque, se não acredita no que diz, não haveria também razão para dizê-lo. Eu não me arruíno por meus amigos; não mereço seu elogio. Importo-me muito comigo mesma.

— Exato, mas isso inclui muitos outros seres — tanto animados quanto inanimados. Nunca conheci alguém cuja vida tocasse tantas outras.

— O que você chama de vida de alguém? — perguntou madame Merle. — A aparência, as idas e vindas, os compromissos, a companhia que se tem?

— Chamo de *sua* vida as suas ambições — disse Osmond.

Madame Merle olhou para Pansy por um instante.

— Pergunto-me se ela entende isso — murmurou.

— Como vê, ela não pode ficar conosco! — O pai de Pansy deu um sorriso um tanto triste. — Vá até o jardim, *mignonme*, e colha umas flores para madame Merle — continuou em francês.

— É justamente o que eu queria fazer — exclamou Pansy, levantando-se prontamente e saindo sem fazer barulho. O pai seguiu-a até a porta aberta, ficou um momento a olhá-la e depois voltou, porém permaneceu de pé, ou melhor, andando de um lado para o outro, como que cultivando uma sensação de liberdade que talvez lhe fizesse falta se adotasse outra atitude.

— Minhas ambições são principalmente em relação a você — disse madame Merle, erguendo o olhar para ele com certa coragem.

— Isso remete ao que acabei de dizer. Sou parte da sua vida — eu e milhares de outras pessoas. Você não é egoísta, não posso admitir isso. Se fosse egoísta, o que eu seria? Que epíteto iria descrever-me bem?

— É indolente. Para mim, esse é o seu pior defeito.

— Receio que seja, na verdade, o melhor.

— Você não se importa — disse madame Merle, séria.

— Não, acho que não me importo muito. Que tipo de defeito diria ser esse? Minha indolência, de qualquer modo, foi uma das razões por que não fui a Roma. Mas foi só uma delas.

— Não tem importância, para mim pelo menos, que não o tenha feito; embora eu fosse ficar contente se o visse. Alegro-me de que não esteja em Roma agora — onde poderia estar, e provavelmente estaria, se tivesse ido para lá há um mês. Há algo que eu gostaria que você fizesse agora em Florença.

— Lembre-se, por favor, da minha indolência — disse Osmond.

— Estou lembrando, mas peço-lhe que a esqueça. Desse modo, terá tanto a virtude como a

recompensa. Não será grande trabalho e talvez venha a ser de genuíno interesse. Quanto tempo faz desde que travou uma nova amizade?

— Acho que não fiz nenhuma desde que a conheci.

— Está na hora de conhecer mais alguém. Há uma amiga minha que quero que conheça.

Enquanto caminhava, o senhor Osmond voltara até a porta aberta e olhava de novo para a filha, que se movimentava à luz intensa do sol.

— Que bem me fará isso? — perguntou, com uma espécie de grosseria cordial.

Madame Merle esperou.

— Vai diverti-lo. — Não havia nada de cru nessa resposta; fora considerada com grande cuidado.

— Se diz isso, eu acredito — disse Osmond, indo na direção dela. — Há alguns pontos em que minha confiança em você é total. Por exemplo, estou convencido de que sabe distinguir boas companhias de más.

— Companhias são todas más.

— Com licença! Isto — o conhecimento que lhe imputo — não é um tipo comum de sabedoria. Adquiriu-a do modo certo, através da experiência; comparou um número imenso de pessoas mais ou menos impossíveis umas às outras.

— Bem, convido-o a aproveitar-se de meu conhecimento.

— Aproveitar? Está tão certa de que o farei?

— É o que espero. Vai depender de você. Se eu ao menos pudesse induzi-lo a fazer um esforço!

— Ah, lá vem você! Eu sabia que podia esperar algo cansativo. O que há nesse mundo, que possa aparecer por aqui, que valha um esforço?

Madame Merle corou, como se sua intenção tivesse sido ferida.

— Não seja tolo, Osmond. Ninguém sabe melhor que você o que *vale* um esforço. *Eu*, por acaso, não o vi nos velhos tempos?

— Reconheço algumas coisas. Mas nenhuma delas é provável nesta pobre vida.

— É o esforço que as torna prováveis — disse madame Merle.

— Isso não deixa de ter certa razão. Então, quem é sua amiga?

— A pessoa que fui ver em Florença. É sobrinha da senhora Touchett, de quem deve estar lembrado.

— Sobrinha? A palavra “sobrinha” sugere juventude e ignorância. Estou percebendo aonde quer chegar.

— Sim, ela é jovem, tem vinte e três anos. É muito amiga minha. Conheci-a pela primeira vez na Inglaterra, há vários meses, e nos demos muito bem. Gosto muitíssimo dela, e até chego a fazer algo que não costumo fazer todos os dias: admiro-a. Com você será o mesmo.

— Não, se eu puder evitar.

— Exatamente. Mas não vai conseguir.

— Ela é bonita, inteligente, rica, esplêndida, de sagacidade universal e de virtudes sem precedentes? Somente com esses requisitos estarei disposto a conhecê-la. Sabe que lhe pedi há algum tempo para não me falar jamais sobre qualquer criatura que não correspondesse a tal

descrição. Conheço muitas pessoas medíocres e não quero conhecer mais nenhuma.

— A senhorita Archer não é medíocre; é radiante como a manhã. Corresponde à sua descrição e é por isso que quero que a conheça. Atende a todos os seus requisitos.

— Mais ou menos, é claro.

— Não, literalmente. É bela, culta, generosa e, para uma americana, de boa família. Também é muito inteligente, muito agradável e tem uma fortuna apreciável.

O senhor Osmond ouviu em silêncio tudo isso, como se debatesse mentalmente enquanto mantinha o olhar fixo em sua informante. Por fim, perguntou:

— O que quer fazer com ela?

— O que está vendo. Colocá-la no seu caminho.

— Ela não está destinada a algo melhor que isso?

— Não tenho pretensões de saber a que as pessoas estão destinadas — respondeu madame Merle. — Só sei o que posso fazer com elas.

— Sinto muito pela senhorita Archer! — declarou Osmond.

Madame Merle levantou-se.

— Se isso é um princípio de interesse por ela, tomei nota.

Os dois ficaram face a face; ela ajustou a mantilha, olhando para ele ao fazê-lo.

— Está com ótima aparência — repetiu Osmond, com menos relevância ainda que antes. — Está tendo alguma idéia. Nunca está tão bem como quando tem uma idéia; as idéias sempre lhe caem bem.

No modo e tom dessas duas pessoas, pelo menos no primeiro encontro, e em especial quando se encontravam na presença de outros, havia algo de indireto e circunspecto, como se se aproximassem um do outro de modo oblíquo e se dirigissem um ao outro por implicação. O efeito de um parecia intensificar em alto grau o mal-estar do outro. É claro que madame Merle disfarçava qualquer embaraço melhor que o amigo, mas mesmo ela não estava, nesta ocasião, na boa forma em que gostaria de estar — o perfeito autodomínio que gostaria de exibir para o anfitrião. Porém, aonde se quer chegar é que, num certo momento, o elemento entre eles, fosse qual fosse, sempre se nivelava e deixava-os mais próximos do que qualquer um dos dois jamais ficava com outra pessoa. Isso acontecia agora. Lá estavam eles conhecendo bem um ao outro, e cada um, no fim das contas, disposto a aceitar a satisfação de conhecer, como compensação pelo inconveniente, fosse ele qual fosse, de ser conhecido.

— Eu gostaria muitíssimo que você não fosse tão sem coração — disse, baixo, madame Merle —; isso sempre agiu em seu detrimento e o fará agora.

— Não sou tão sem coração como pensa. De vez em quando algo me comove, como, por exemplo, quando você disse, agora mesmo, que suas ambições são em relação a mim. Não entendo isso; não vejo como ou por que deveriam ser. Mas, ainda assim, me comove.

— Provavelmente entenderá ainda menos à medida que o tempo passar. Há algumas coisas que nunca vai entender. E não há nenhuma necessidade particular de que as entenda.

— Você, no fim das contas, é uma mulher extraordinária — disse Osmond. — Tem mais dentro de si que qualquer outra pessoa. Não sei por que acha que a sobrinha da senhora Touchett poderia

me importar, uma vez que... que... — porém deteve-se por um instante.

— Uma vez que eu própria importei tão pouco?

— É claro que não era isso que eu pretendia dizer. Uma vez que eu conheci e apreciei uma mulher como você.

— Isabel Archer é melhor do que eu — disse madame Merle.

O outro soltou uma risada.

— Que triste opinião tem dela para dizer isso!

— Pensa que sou capaz de ter ciúmes? Responda isso, por favor.

— Com respeito a mim? Não, em geral não acho.

— Então venha ver-me daqui a dois dias. Estarei na casa da senhora Touchett, o Palazzo Crescentini; a moça vai estar lá.

— Por que não me convidou primeiro, simplesmente, sem falar na moça? — perguntou Osmond. — Poderia tê-la encontrado lá, de qualquer modo.

Madame Merle olhou-o com o ar de uma mulher a quem nenhuma pergunta que ele fizesse jamais poderia encontrar despreparada.

— Quer saber por quê? Porque falei a ela a seu respeito.

Osmond franziu o cenho e virou-se.

— Preferia não saber isso. — Depois, logo em seguida, apontou para o cavalete onde estava pousada a pequena aquarela. — Viu aquela ali? Foi a última que fiz.

Madame Merle aproximou-se e examinou-a.

— São os Alpes venezianos? Um dos esboços que fez o ano passado?

— Sim, mas como é que pode adivinhar tanto?

Ela ficou mais um instante olhando, depois virou-se.

— Sabe que eu não gosto de seus desenhos.

— Sei disso, mas isso sempre me espanta. São, na verdade, melhores que os da maioria das pessoas.

— Pode ser que sejam, mas como é a única coisa que você faz... bem, é tão pouco! Eu gostaria que fizesse muitas outras coisas: essas eram as minhas ambições.

— Sim, já me disse isso muitas vezes; coisas que são impossíveis.

— Coisas que são impossíveis — repetiu madame Merle. E depois, num tom diferente: — Por si, o seu quadrinho é muito bom. — Ela lançou um olhar em redor da sala: os armários antigos, os quadros, as tapeçarias, as superfícies de seda desbotada. — Pelo menos sua casa é perfeita. Sempre me impressiono com isso cada vez que venho; não conheço nenhuma outra melhor em qualquer lugar. Você entende dessas coisas melhor que ninguém. Tem incrível bom gosto.

— Estou farto do meu incrível bom gosto — disse Gilbert Osmond.

— Ainda assim, deve deixar que a senhorita Archer venha vê-lo. Eu falei a ela sobre isso.

— Não sou contra mostrar minhas coisas, quando as pessoas não são imbecis.

— Você o faz de maneira encantadora. Como cicerone do seu próprio museu, você aparece sob uma luz muito favorável.

Em retribuição a tal elogio, o senhor Osmond limitou-se a adotar um ar ao mesmo tempo frio e

atencioso.

— Disse que ela é rica?

— Tem setenta mil libras.

— *En écus bien comptés?**

— Não há dúvida alguma sobre a fortuna dela. Eu mesma vi, pode-se dizer.

— Mulher satisfatória! — Refiro-me a *você*. E, se eu for vê-la, conhecerei a mãe?

— A mãe? Não tem; nem pai, tampouco.

— A tia, então. Quem disse que era? A senhora Touchett?

— Posso mantê-la afastada facilmente.

— Não tenho objeções quanto a ela — disse Osmond. — Até gosto da senhora Touchett. Tem um certo caráter antiquado que está acabando — uma identidade vívida. Mas aquele palhaço do filho vai estar por lá?

— Está lá, mas não irá incomodá-lo.

— Ele é um grande pedaço de asno.

— Acho que está enganado. É um homem muito inteligente. Mas não gosta de estar lá quando eu estou, porque não gosta de mim.

— O que poderia ser mais estúpido do que isso? Disse que ela é bonita? — continuou Osmond.

— Sim, mas não vou repetir, senão você acabará ficando desapontado. Venha e será um começo; é tudo o que lhe peço.

— Começo do quê?

Madame Merle ficou calada por um instante.

— É claro que quero que se case com ela.

— O começo do fim? Bem, vou ver por mim. Falou a ela sobre isso?

— Por quem me toma? Ela não é uma engrenagem de máquina tão grosseira e nem eu sou.

— Realmente — disse Osmond, após meditar um pouco —, não entendo suas ambições.

— Acho que vai entendê-las depois que vir a senhorita Archer. Não julgue ainda. — Enquanto falava, madame Merle fora se aproximando da porta aberta que dava para o jardim, e ali se postou, olhando para fora. — Pansy cresceu mesmo e ficou bonita — acrescentou logo depois.

— Foi o que achei também.

— Mas já chega de convento para ela.

— Não sei — disse Osmond. — Gosto do que fizeram com ela. É encantador.

— Isso não foi o convento. É a natureza da menina.

— É a combinação de ambos, acho eu. Ela é pura como uma pérola.

— Por que então não volta com as minhas flores? — perguntou madame Merle. — Ela não parece ter pressa.

— Vamos buscá-las.

— Ela não gosta de mim — murmurou a visitante, abrindo a sombrinha ao passarem para o jardim.

* Literalmente: “Em moedas bem contadas?”. Em francês no original. (N. E.)

Madame Merle, que fora para Florença a convite da senhora Touchett — esta oferecera-lhe por um mês a hospitalidade do Palazzo Crescentini —, voltou a falar com Isabel sobre Gilbert Osmond e expressou a esperança de que ela viesse a conhecê-lo, sem fazer disso, contudo, algo importante, como a vimos fazer ao recomendar a moça à atenção do senhor Osmond. A razão disso talvez fosse que Isabel não oferecia nenhuma resistência à proposta de madame Merle. Na Itália, como na Inglaterra, essa senhora tinha uma imensidão de amigos, tanto entre as pessoas da terra como entre seus heterogêneos visitantes. Ela mencionara para Isabel a maioria das pessoas que a moça acharia bom “conhecer” — é claro, disse, Isabel podia conhecer quem quisesse no mundo — e colocara o senhor Osmond quase encabeçando essa lista. Era um velho amigo dela; conhecia-o há uns doze anos. Era um dos homens mais inteligentes e agradáveis — ora, da Europa, simplesmente. Estava bem acima da média respeitável; era bem diferente. Não era um sedutor profissional — ao contrário; e o efeito que produzia dependia muito do estado de seus nervos e de seu espírito. Quando não estava no humor certo, podia cair tão baixo quanto qualquer outra pessoa, salvo pelo fato de parecer, nessas horas, muito com um príncipe desmoralizado no exílio. Mas, quando se importava ou estava interessado ou sentia-se desafiado do modo certo — tinha que ser do modo exatamente certo —, então podia-se sentir sua inteligência e distinção. Nele, tais qualidades não dependiam, como em tantas pessoas, do fato de ele não se prender ou não se expor. Tinha seus caprichos — o que, na verdade, Isabel iria descobrir ser o caso de todos os homens que valia mesmo a pena conhecer — e não distribuía seus favores igualmente entre todas as pessoas. Madame Merle, porém, julgava poder jurar que, para Isabel, ele seria brilhante. Entediava-se com facilidade, com demasiada facilidade, e as pessoas enfadonhas sempre o incomodavam, mas uma moça de mente ágil e culta como Isabel iria dar-lhe um estímulo demasiado ausente em sua vida. De todo modo, era uma pessoa que não se devia deixar de conhecer. Não se podia morar na Itália sem travar amizade com Gilbert Osmond, que conhecia mais sobre o país que qualquer um, afora dois ou três professores alemães. E, se estes tinham conhecimento maior que o dele, era ele quem tinha maior percepção e gosto — por ser totalmente artístico. Isabel lembrava-se de a amiga ter falado sobre ele durante os mergulhos que, em Gardencourt, elas davam nas profundezas da conversação, e perguntou-se qual seria a natureza do laço que prendia esses espíritos superiores. Ela achava que os laços de madame Merle sempre tinham histórias de uma forma ou de outra, e essa impressão era parte do interesse suscitado por essa mulher fora do comum. No tocante a suas relações com o senhor Osmond, contudo, ela não mencionou nada, a não ser uma tranqüila amizade de longo tempo. Isabel disse que ficaria contente de conhecer pessoa que gozara de tão alta confiança durante tantos anos.

— Você deveria ver muitos homens — observou madame Merle —, deveria ver tantos quanto

pudesse, para se acostumar a eles.

— Acostumar-me a eles? — repetiu Isabel, com aquele olhar solene, que às vezes parecia proclamar sua falta de senso de comédia. — Ora, não tenho medo deles; estou tão acostumada a eles quanto a dona de casa ao merceeiro.

— Acostumada a eles, quero dizer, para desprezá-los. É isso o que acontece quando se conhece a maioria deles. Poderá escolher para sua companhia os poucos a quem não despreza.

Essa era uma nota de cinismo que madame Merle raramente se permitia, mas Isabel não ficou alarmada, pois nunca imaginara que, à medida que se conhecia melhor o mundo, o sentimento de respeito fosse se tornando a emoção mais ativa. Apesar disso, tal sentimento era ativado pela bela cidade de Florença, que a agradava não menos do que prometera madame Merle, e, se a percepção, por si só, não fosse capaz de avaliar esses encantos, ela tinha companheiros sagazes como sacerdotes do mistério. De fato, não sentia falta alguma de esclarecimento estético, pois Ralph tinha o maior prazer numa renovação de sua antiga paixão, servindo de cicerone à sua interessada e jovem parente. Madame Merle ficava em casa; ela vira os tesouros de Florença repetidas vezes e sempre tinha outra coisa a fazer. Mas falava sobre tudo com notável vigor de memória — lembrava-se do canto direito da grande tela de Perugino e da posição das mãos de santa Elisabete, no quadro ao lado. Tinha opinião sobre o caráter das muitas obras de arte famosas, muitas vezes divergindo de Ralph com grande calor e defendendo suas interpretações com tanta engenhosidade quanto bom humor. Isabel presenciava essas discussões com a sensação de que colheria grande benefício delas e de que eram essas as vantagens de que não teria gozado, por exemplo, em Albany. Nas claras manhãs de maio, antes do almoço formal — essa refeição era sempre servida na casa da senhora Touchett ao meio-dia —, vagueava com o primo pelas ruas estreitas e assombreadas de Florença, parando um instante na penumbra mais acentuada de alguma igreja histórica ou nas câmaras abobadadas de algum convento desabitado. Ia a galerias e palácios; olhava quadros e estátuas que até então tinham sido para ela apenas grandes nomes e trocava, por um conhecimento que às vezes era uma limitação, um pressentimento que em geral provava ter sido um vazio. Praticou todos aqueles atos de prostração mental aos quais, na primeira visita à Itália, a juventude e o entusiasmo se entregam com tanta liberdade; sentiu o coração bater na presença de um gênio imortal e conheceu a doçura das lágrimas marejarem os olhos diante de afrescos descorados e mármore escurecidos. Mas a volta, a cada dia, era ainda mais agradável do que a saída: a volta para o amplo e monumental pátio da grande casa na qual a senhora Touchett há muitos anos se instalara e para as salas altas e frescas onde as vigas entalhadas e os pomposos afrescos do século XVI contemplavam do alto as comodidades comuns à era da propaganda. A senhora Touchett morava num prédio histórico, numa rua estreita, cujo próprio nome evocava as contendas de facções medievais; e encontrava compensação para a escuridão de sua fachada na modicidade do aluguel e na claridade do jardim, onde a própria natureza parecia tão arcaica quanto a austera arquitetura do palácio, e que iluminava e perfumava as salas em uso. Para Isabel, morar num lugar assim era como encostar ao ouvido, o dia inteiro, uma concha marinha do passado. O vago e eterno rumorejar mantinha sua imaginação desperta.

Gilbert Osmond foi ver madame Merle, que o apresentou à jovem meio escondida no outro

canto da sala. Dessa vez, Isabel tomou pequena parte na conversa; mal chegava a sorrir quando os outros se voltavam para ela, cordiais; ficou lá como se estivesse sentada num teatro e até tivesse pago uma grande soma pela poltrona. A senhora Touchett não estava presente, e os outros dois não tinham, para efeito de brilhantismo, nada que os limitasse. Falaram sobre o mundo de Florença, de Roma, sobre o mundo cosmopolita, e poderiam ser tomados por atores conhecidos representando para fins de caridade. Tudo tinha a rica exatidão decorrente de ensaio. Madame Merle apelava para Isabel como se ela estivesse no palco, mas esta poderia ignorar qualquer deixa aprendida sem estragar a cena; embora, é claro, desse modo prejudicasse muitíssimo a amiga, que dissera ao senhor Osmond que se podia contar com ela. Isso não era assunto para uma única vez; mesmo que houvesse mais coisas em jogo, ela não poderia ter feito tentativa alguma para brilhar. Havia algo no visitante que a detinha e a mantinha na expectativa — tornava-se mais importante receber uma impressão sobre ele do que ela mesma produzir uma. Além disso, ela era pouco hábil quando se tratava de produzir impressões que sabia serem esperadas: nada poderia ser mais feliz do que parecer cintilante, mas ela tinha obstinada relutância em brilhar por encomenda. O senhor Osmond, justiça lhe seja feita, tinha o ar bem-educado de nada esperar, um calmo desembaraço que tudo abrangia, inclusive a primeira demonstração de sua inteligência. Isso era ainda mais atraente na medida em que seu rosto, sua cabeça, era sensível; ele não era bonito, mas elegante, tão elegante como um dos desenhos da longa galeria sobre a passagem dos Uffizi. E mesmo sua voz era elegante — e o mais estranho ainda é que, apesar da clareza, não era doce. Na verdade, era isso que fazia com que ela se abstivesse de interferir. A fala dele tinha a vibração do vidro, e, se ela estendesse um dedo, talvez alterasse o timbre e estragasse o concerto. Porém, antes de ele sair, ela teve que falar.

— Madame Merle — disse ele — concordou em subir até a minha colina na semana que vem para tomar chá no jardim. Eu teria muito prazer em que a senhorita fosse com ela. Há quem ache lá muito bonito: tem-se o que se chama de vista panorâmica. Minha filha também gostaria muito, ou melhor, já que ela é jovem demais para ter emoções fortes, *eu* gostaria muito, muito mesmo. — E o senhor Osmond fez uma pausa com leve ar de embaraço, deixando sua frase inacabada. — Gostaria muito que conhecesse minha filha — continuou dali a pouco.

Isabel respondeu que ficaria encantada em conhecer a senhorita Osmond, e, se madame Merle quisesse levá-la até a colina, ficaria muito grata. Ante tal afirmativa, o visitante fez suas despedidas, após o que Isabel tinha certeza de que a amiga iria censurá-la por ter sido tão tola. Mas, para surpresa sua, a dama, que na verdade nunca caía no simples e corriqueiro, disse-lhe, alguns instantes depois:

— Esteve encantadora, querida; foi exatamente como seria de desejar que fosse. Nunca desaponta as pessoas.

Censuras talvez tivessem sido irritantes, embora seja muito mais provável que Isabel as aceitasse com boa índole, mas por estranho que pareça as palavras de madame Merle causaram-lhe a primeira sensação de desprazer que jamais essa aliada lhe provocara.

— Isso é mais do que eu queria — respondeu com frieza. — Não tenho obrigação alguma, que eu saiba, de encantar o senhor Osmond.

Madame Merle corou de modo perceptível, mas nós sabemos que não era hábito dela recuar.

— Minha querida criança, não estava falando por ele, coitado; estava falando por mim. É claro que não se trata de ele gostar de você — pouco importa que ele goste ou não! Mas pensei que *você* tivesse gostado dele!

— Eu gostei — respondeu Isabel com franqueza. — Mas também não vejo por que isso possa importar.

— Tudo a respeito de você me importa — voltou madame Merle, com sua nobreza cansada —, ainda mais quando ao mesmo tempo outro velho amigo está envolvido.

Fossem quais fossem as obrigações de Isabel para com o senhor Osmond, é preciso admitir que ela as achou suficientes para fazer várias perguntas a respeito dele a Ralph. Achava que as opiniões de Ralph estavam distorcidas por seus sofrimentos, mas orgulhava-se de ter aprendido a dar um desconto por isso.

— Se eu o conheço? — perguntou o primo. — Oh, sim, “conheço-o”, não bem, mas o suficiente, por alto. Nunca cultivei a companhia dele e aparentemente ele nunca achou a minha indispensável a seu bem-estar. Quem é ele, o que é ele? É um vago e inexplicado americano que vive há uns trinta anos na Itália. Por que digo que é inexplicado? Apenas para encobrir minha ignorância; não conheço seus antecedentes, sua família, sua origem. Pela parte que me toca, pode ser um príncipe em disfarce, aliás até parece ser um príncipe que abdicou num assomo de enfado e desde então permanece enojado. Costumava viver em Roma, mas nos últimos tempos adotou residência aqui; lembro-me de ouvi-lo dizer que Roma tinha se tornado vulgar. Tem pavor à vulgaridade; esse é seu traço marcante; não tem outro, que eu saiba. Vive de suas rendas, que desconfio não serem de amplidão vulgar. É um cavalheiro pobre mas honesto — isso é o que diz de si mesmo. Casou jovem, perdeu a mulher e penso que tem uma filha. Também tem uma irmã casada com algum conde insignificante, ou algo assim, destas paragens; lembro-me de tê-la conhecido antigamente. Ela é melhor que ele, acho, mas bastante difícil. Lembro-me de correrem umas histórias a respeito dela. Acho que não posso recomendar que trave amizade com ela. Mas por que não pergunta sobre essas pessoas a madame Merle? Ela conhece todas elas muito melhor que eu.

— Pergunto a você porque quero também a sua opinião — disse Isabel.

— Está pouco se importando com a minha opinião! Se ficar apaixonada pelo senhor Osmond, que importância ela terá para você?

— Não muito, provavelmente. Mas nesse ínterim tem uma certa importância. Quanto mais informação se tem sobre os perigos que nos ameaçam, melhor.

— Não concordo com isso; pode converter algumas coisas em perigos. Sabemos demais a respeito das pessoas hoje em dia; ouvimos muitas coisas. Nossos ouvidos, nossas mentes, nossas bocas estão recheadas de personalidades. Não ligue para nada que alguém lhe diga sobre outra pessoa. Julgue a todos e a tudo por si mesma.

— É isso o que tento fazer — respondeu Isabel —, mas, quando se faz isso, se é tachada de presunçosa.

— Não se importe com isso — é exatamente o que estou tentando dizer: não se importe com o que digam a seu respeito, tanto quanto com o que disserem sobre um amigo ou inimigo seu.

Isabel ponderou.

— Acho que está com a razão, mas há algumas coisas que não posso deixar de levar em conta: por exemplo, quando um amigo é atacado ou quando eu mesma sou elogiada.

— É claro que sempre tem liberdade para julgar o crítico. Julgue as pessoas como críticas, contudo — acrescentou Ralph —, e condenará todas!

— Verei o senhor Osmond eu mesma — disse Isabel. — Prometi fazer-lhe uma visita.

— Fazer-lhe uma visita?

— Ver a vista da casa dele, seus quadros, a filha — não sei bem o quê. Madame Merle é quem vai levar-me; disse-me que muitas senhoras vão visitá-lo.

— Ah, com madame Merle pode-se ir a qualquer lugar, *de confiance* — disse Ralph. — Ela só conhece as melhores pessoas.

Isabel nada mais disse a respeito do senhor Osmond, mas logo depois comentou com o primo que não estava satisfeita com o tom empregado por ele ao falar de madame Merle.

— Parece-me que está insinuando coisas a seu respeito. Não sei o que quer dizer, mas, se tiver algum motivo para não gostar dela, acho que deveria mencioná-lo com franqueza ou então não dizer nem uma palavra.

Porém Ralph reagiu a tal acusação com uma seriedade mais aparente do que geralmente demonstrava.

— Falo de madame Merle exatamente como falo *com* ela: com respeito, até exagerado.

— É isso mesmo: exagerado. É disso que estou falando.

— Faça-o porque os méritos de madame Merle são exagerados.

— Por quem, faça-me o favor? Por mim? Se for, presto-lhe um mau serviço.

— Não, não; por ela mesma.

— Ah, protesto! — exclamou Isabel, intensa. — Se há uma mulher que conta pouca vantagem!...

— Você tocou na ferida — interrompeu Ralph. — A modéstia dela é exagerada. Ela nada tem a ver com poucas vantagens — tem todo o direito de contar grandes vantagens.

— Então é um grande mérito. Você está se contradizendo.

— O mérito dela é imenso — disse Ralph. — É de indescritível inculpabilidade; um deserto de virtudes sem trilhas; a única mulher que conheço que nunca dá uma chance a alguém.

— Uma chance para quê?

— Ora, para chamá-la de boba! É a única mulher que conheço que só tem esse pequeno defeito.

Isabel virou-se, impaciente:

— Não o compreendo; é paradoxal demais para minha mente simples.

— Deixe-me explicar. Quando digo que ela exagera, não me refiro no sentido vulgar — que ela se gabe, embeleze, descreva a si mesma de maneira por demais favorável. Quero dizer, literalmente, que ela leva a busca de perfeição longe demais — que seus próprios méritos estão sendo submetidos a um esforço muito grande. Ela é boa demais, generosa demais, inteligente demais, culta demais, realizada demais, é tudo demais. É completa demais, em suma. Confesso que ela me ataca os nervos e que me sinto, com relação a ela, como aquele ateniense de intensa humanidade se sentia com relação a Aristides, o Justo.

Isabel olhou com atenção para o primo, mas o espírito zombeteiro, se estava à espreita por trás das palavras dele, desta vez não transpareceu em seu rosto.

— Quer que madame Merle seja afastada?

— De jeito nenhum. Ela é ótima companhia. Aprecio muito madame Merle — respondeu Ralph Touchett, apenas.

— Você é detestável, meu senhor! — exclamou Isabel. E então perguntou se ele sabia de alguma coisa que não honrasse sua brilhante amiga.

— Absolutamente nada. Não percebe que é isso mesmo que estou dizendo? No caráter de todas as outras pessoas pode-se encontrar alguma manchazinha negra; se algum dia eu dedicasse meia hora a essa pesquisa, estou certo de que conseguiria encontrar alguma no seu. No que me diz respeito, naturalmente, sou pintado como um leopardo. Mas com madame Merle não há nada, nada, nada!

— É isso mesmo que eu acho! — retrucou Isabel, jogando a cabeça para trás. — É por isso que gosto tanto dela.

— Ela é uma pessoa ótima para se conhecer. Já que quer ver o mundo, não poderia ter guia melhor.

— Suponho que esteja querendo dizer que ela é mundana?

— Mundana? Não — disse Ralph —, ela é o próprio vasto e redondo mundo!

Não fora, como Isabel por um momento acreditou, um refinamento de malícia da parte dele dizer que apreciava madame Merle. Ralph Touchett colhia suas fontes de distração onde quer que as encontrasse e não teria perdoado a si mesmo se tivesse ficado completamente imune à sedução dessa mestra na arte social. Existem simpatias e antipatias viscerais, e poderia ser que, a despeito da justiça que pelas mãos dele lhe fora dispensada, a ausência dela da casa de sua mãe não teria tornado a vida dele enfadonha. Mas Ralph Touchett tinha aprendido de modo mais ou menos inescrutável a esperar, e nada poderia haver de mais “estabelecido” para esperar que o desempenho geral de madame Merle. Ele a degustava aos pequenos goles, punha-a de lado com um oportunismo que nem ela própria teria podido superar. Havia momentos em que ele quase chegava a sentir pena dela e, por estranho que pareça, era nessas ocasiões que seus bons sentimentos eram menos demonstrativos. Ele tinha certeza de que ela fora extremamente ambiciosa e de que o que tinha visivelmente conseguido ficava bem abaixo de sua medida secreta. Ela treinara até chegar à forma perfeita, mas não obtinha nenhum dos prêmios. Continuava sendo madame Merle apenas, viúva de um negociante suíço, com uma pequena renda e um amplo círculo de grandes amizades; que se hospedava na casa dos outros bastante tempo e que era “apreciada” de modo tão universal quanto um tolo romance da moda. O contraste entre essa posição e qualquer uma de meia dúzia de outras que ele supunha, em ocasiões diversas, terem alimentado as esperanças dela tinha um elemento de tragédia. Sua mãe pensava que ele se dava às mil maravilhas com sua genial hóspede; na opinião da senhora Touchett, duas pessoas tão voltadas para tão engenhosas teorias de conduta — isto é, da conduta delas — teriam muito em comum. Ele dedicara a devida consideração à amizade de Isabel por sua eminente amiga, pois há muito decidira que não podia, sem oposição, ter a prima para si, e aceitava isso da melhor forma, como já fizera com coisas piores. Achava que tudo

terminaria bem; nada duraria para sempre. Nenhuma dessas duas pessoas superiores conhecia a outra tão bem como pensava, e, quando uma delas fizesse uma ou duas importantes descobertas, ocorreria, se não uma ruptura, pelo menos um esfriamento. Nesse meio-tempo, ele estava disposto a admitir que a conversa da senhora mais velha era uma vantagem para a mais jovem, que tinha muito a aprender e aprenderia, sem dúvida, melhor por intermédio de madame Merle que de alguns outros instrutores dos jovens. Não era provável que Isabel sáísse machucada.

Com certeza teria sido difícil saber que machucado poderia advir a ela da visita que logo fez à colina do senhor Osmond. Nada poderia ter sido mais encantador do que essa ocasião — uma tarde suave na plenitude da primavera toscana. As amigas saíram pela Porta Romana, passando por baixo da superestrutura lisa que coroa o belo e simples arco desse portal, tornando-o despojadamente impressionante, e seguiram um caminho tortuoso por entre vielas de muros altos para as quais a abundância dos pomares em flor transbordava e lançava fragrâncias, até chegarem à pequena *piazza* situada no alto da cidade, torta em seu formato, na qual a longa parede castanha da *villa*, ocupada em parte pelo senhor Osmond, formava um objeto, se não essencial, pelo menos muito imponente. Isabel acompanhou a amiga por um amplo e alto pátio, cuja parte inferior repousava na sombra, e em cima duas galerias de arcos leves, uma diante da outra, recebiam os raios do sol em suas delgadas colunas e nas plantas floridas que as recobriam. Havia algo de grave e forte naquele lugar; dava a impressão de, uma vez lá dentro, ser preciso um ato de energia para sair. Mas, para Isabel, ainda não havia, é claro, nenhuma idéia de sair, mas só de entrar. O senhor Osmond recebeu-a na fresca antecâmara — era fria mesmo no mês de maio — e conduziu-a, juntamente com sua guia, até o apartamento que já tivemos ocasião de conhecer. Madame Merle ia na frente, e, enquanto Isabel se demorava um pouco, conversando com ele, foi-se adiantando com familiaridade e cumprimentou duas pessoas que estavam sentadas no salão. Uma delas era a pequena Pansy, em quem deu um beijo; a outra era uma dama que o senhor Osmond apresentou a Isabel como sua irmã, a condessa Gemini.

— E esta é a minha garotinha — disse ele —, que acaba de sair do convento.

Pansy usava um vestido branco muito leve e o cabelo claro estava preso numa rede; os pequenos sapatos eram amarrados com tirinhas nos tornozelos. Fez uma pequena reverência típica do convento para Isabel e depois adiantou-se para ser beijada. A condessa Gemini limitou-se a menear a cabeça sem se levantar: Isabel pôde notar que era uma mulher da alta sociedade. Era magra, morena e nada bonita, com feições que lembravam algum pássaro tropical — nariz encurvado como um bico, olhos pequenos de movimentos rápidos, a boca e o queixo bastante recuados. Mas a expressão dela, graças às várias intensidades de ênfase e admiração, de horror e júbilo, não era inumana e, no tocante à sua aparência, estava óbvio que ela se conhecia e tirava partido de seus pontos favoráveis. Seu traje, volumoso e delicado, cheio de elegância, lembrava uma plumagem iridescente, e seus gestos eram tão leves e repentinos como os de uma ave pousada num galho. Tinha muitos maneirismos: Isabel, que nunca tinha conhecido ninguém com tantas maneiras, imediatamente classificou-a como a mulher mais afetada do mundo. Lembrou-se de que Ralph não a recomendara como amizade, mas estava pronta a admitir que, para um observador casual, a condessa Gemini não revelava profundidade alguma. Suas manifestações sugeriam o violento

agitar de uma bandeira de trégua — seda branca com fitas tremulando ao vento.

— Saberá que estou contente em conhecê-la se lhe disser que foi só por saber que estava aqui que vim. Não venho visitar meu irmão — faça-o ir ver-me. Esta colina é impossível — não sei o que deu nele. Realmente, Osmond, você ainda vai acabar com os meus cavalos um dia, e, se ficarem machucados, vou exigir que me dê outra parelha. Dava para ouvi-los resfolegar, hoje; garanto que ouvi. É muito desagradável ouvir os cavalos resfolegando quando se está sentada na carruagem; soa como se eles não fossem o que deviam ser. Mas sempre tive bons cavalos; podiam faltar outras coisas, mas isso sempre tive. Meu marido não conhece muita coisa, mas conhece cavalos. Em geral, os italianos não os conhecem, mas meu marido adora, segundo sua pobre opinião, tudo o que é inglês. Meus cavalos são ingleses — por isso é pior ainda que se machuquem. Preciso dizer-lhe — continuou, dirigindo-se diretamente a Isabel — que Osmond não me convida com frequência; acho que não gosta que eu venha. Foi idéia minha vir aqui hoje. Gosto de conhecer pessoas novas e estou certa de que a senhorita é muito nova. Mas não se sente aí; essa cadeira não é bem o que parece. Há algumas poltronas muito boas aqui, mas também há alguns horrores.

Essas observações eram feitas em meio a uma série de sacudidelas e arremessos, com trinados estridentes e um sotaque que era como uma lembrança querida de bom inglês, ou melhor, de bom americano, na adversidade.

— Eu não gosto que você venha, minha querida? — perguntou o irmão. — Para mim você é preciosa.

— Não estou vendo nenhum horror por aqui — disse Isabel, olhando em volta. — Tudo me parece bonito e delicado.

— Tenho algumas coisas boas — admitiu o senhor Osmond —; na verdade, não há nada muito ruim. Mas não tenho o que gostaria.

Ele permaneceu ali, um tanto desajeitado, sorrindo e relanceando em redor; sua atitude era uma estranha mescla de indiferença e interesse. Parecia sugerir que nada, a não ser os “valores” certos, tinha importância. Isabel fez uma rápida dedução: perfeita simplicidade não era o lema da família dele. Mesmo a mocinha do convento, que no seu decoroso vestido branco, rostinho submisso e mãos entrelaçadas no colo estava ali parada como se fosse receber a primeira comunhão, até mesmo essa diminuta filha do senhor Osmond tinha um certo acabamento que não era de todo natural.

— Você gostaria de algumas coisinhas dos Uffizi e dos Pitti; é disso que teria gostado — disse madame Merle.

— Pobre Osmond, com essas velhas cortinas e crucifixos! — exclamou a condessa Gemini: parecia chamar o irmão apenas pelo sobrenome. Sua exclamação não tinha um objetivo especial; sorriu para Isabel ao fazê-la e examinou-a dos pés à cabeça.

O irmão não a ouvira dizer isso; parecia estar pensando no que poderia dizer a Isabel.

— Gostaria de tomar um chá? Deve estar cansada — conseguiu, por fim, dizer.

— Não, não estou cansada; o que fiz para cansar-me? — Isabel sentia uma certa necessidade de ser muito direta, de nada fingir; havia algo no ar, na impressão geral que ela tinha das coisas (não saberia dizer o que era), que a privava da disposição de se pôr em evidência. O lugar, a ocasião, a

combinação de pessoas tinham significado maior do que se via na superfície; ela tentaria entender — não se limitaria apenas a dizer graciosas trivialidades. A pobre Isabel com certeza não sabia que muitas mulheres teriam dito graciosas trivialidades para encobrir o andamento de suas observações. Deve-se confessar que o orgulho dela estava um tanto alarmado. Um homem de quem ouvira falar em termos que despertavam interesse, e que obviamente era capaz de distinguir-se, convidara-a, uma jovem não generosa com suas atenções, a ir visitá-lo. Agora que o fizera, o ônus de distraí-la era naturalmente dele. Isabel não se tornou menos observadora e, naquele momento, assim achamos, não se tornou mais indulgente, ao perceber que o senhor Osmond suportava o ônus com menor complacência do que teria sido de esperar.

“Que tolo fui de deixar-me cair nessa sem necessidade alguma!”, podia ela imaginá-lo censurando a si mesmo.

— Vai estar cansada quando for para casa, se ele lhe mostrar todos os bibelôs e fizer uma preleção sobre cada um deles — disse a condessa Gemini.

— Não temo por isso, mas, se ficar cansada, pelo menos terei aprendido alguma coisa.

— Muito pouco, desconfio. Mas minha irmã tem pavor de aprender qualquer coisa — disse o senhor Osmond.

— Oh, admito isso; não quero saber nada mais; já sei muito. Quanto mais se sabe, mais se é infeliz.

— Não deveria depreciar o conhecimento diante de Pansy, que não terminou seus estudos — interpôs madame Merle com um sorriso.

— Pansy nunca vai correr risco algum — disse o pai da menina. — Pansy é uma florzinha do convento.

— Oh, conventos, conventos! — exclamou a condessa com um farfalhar de babados. — Nem me fale de conventos! Pode-se aprender qualquer coisa lá; eu também sou uma flor do convento. Não faço de conta que sou boa, mas as freiras fazem. Entende o que quero dizer? — continuou, apelando para Isabel.

Isabel não tinha certeza se entendia, e respondeu que não era muito boa em acompanhar discussões. A condessa então declarou que, quanto a ela, detestava discussões, mas que o gosto do irmão era a favor — sempre discutia.

— Por mim — disse —, gosta-se de uma coisa ou não; não se pode gostar de tudo, é claro. Mas não se deve tentar racionalizar isso — nunca se sabe aonde se vai chegar. Há sentimentos muito bons que têm motivos maus, não sabia? E também há sentimentos muito maus, às vezes, que têm bons motivos. Entende o que quero dizer? Não me importo nem um pouco com os motivos, mas sei do que gosto.

— Ah, isso é que é importante — disse Isabel, sorrindo e suspeitando que sua amizade com essa personagem esvoaçante não levaria a um repouso intelectual. Se a condessa era contrária a discussões, no momento Isabel não estava nem um pouco inclinada a elas, e assim estendeu a mão para Pansy com a sensação agradável de que tal gesto não a comprometia em nada que admitisse divergência de opiniões. Gilbert Osmond pareceu sentir-se pouco à vontade com o tom da irmã e desviou a conversa para outro tópico. Depois sentou-se do outro lado da filha, que, tímida, roçava

os dedos pelos dedos de Isabel, mas acabou tirando-a da cadeira e fazendo-a ficar entre seus joelhos, encostada nele, que a enlaçava em volta da esbelta cintura. A menina pousou o olhar em Isabel com uma expressão calma e desinteressada que parecia despida de intenção, contudo consciência de certa atração. O senhor Osmond falou sobre vários assuntos; madame Merle dissera que ele podia ser agradável quando optava por isso, e ali, depois de um certo tempo, ele parecia não só ter optado mas estar determinado a isso. Madame Merle e a condessa Gemini ficaram sentadas um pouco à parte, conversando à maneira fácil das pessoas que se conhecem suficientemente bem para ficarem à vontade; mas, de vez em quando, Isabel ouvia a condessa, diante de alguma coisa dita pela companheira, mergulhar na lucidez desta última como um *poodle* se atira à água para apanhar um graveto jogado. Era como se madame Merle estivesse vendo até onde ela iria. O senhor Osmond falava sobre Florença, sobre a Itália, sobre o prazer de morar nesse país e sobre as coisas que diminuía tal prazer. Havia tanto satisfações como desvantagens; as desvantagens eram inúmeras; as pessoas de fora tinham grande propensão a ver esse mundo como romântico. Isso convinha, apaziguadoramente, ao fracasso humano, ao fracasso social — com isso ele se referia às pessoas que não conseguiam “capitalizar”, como diziam, sua sensibilidade. Ali podiam nutri-la, em sua pobreza, sem incorrer em ridículo, como se conserva um objeto de família ou uma inconveniente propriedade vinculada que não traz lucro algum. Nesse sentido havia vantagens em morar no país que continha a maior quantidade de beleza. Certas impressões só podiam ser obtidas ali. Outras, favoráveis à vida, nunca eram obtidas, e havia algumas muito ruins. Mas de vez em quando recebia-se uma de uma qualidade que compensava tudo. Mesmo assim, a Itália tinha estragado muita gente; ele até se atrevia a acreditar, às vezes, que ele próprio poderia ter sido uma pessoa melhor se tivesse passado lá menos tempo de sua vida. Tornava as pessoas ociosas, diletantes e inferiores; não proporcionava disciplina para o caráter, não cultivava nas pessoas, em outras palavras, a bem-sucedida “audácia” social ou outro tipo de “audácia” que florescia em Paris e Londres.

— Somos docemente provincianos — disse o senhor Osmond — e estou sabendo muito bem que eu mesmo sou tão enferrujado como uma chave que não encontra fechadura que lhe sirva. Perco um pouco dessa ferrugem falando com a senhorita — não que me atreva a pretender abrir essa fechadura tão complicada que, desconfio, seja seu intelecto! Mas irá partir antes que eu possa vê-la três vezes, e talvez nunca mais o faça depois disso. Isso é morar num país que as pessoas visitam. Quando são desagradáveis aqui, já é ruim; quando são agradáveis, é pior ainda. Quando se começa a gostar delas, já estão indo embora! Fui iludido muitas vezes; parei de criar laços, de permitir-me sentir atrações. Tem intenção de ficar, de estabelecer-se? Isso seria de fato muito bom. Ah, sim, sua tia é uma espécie de garantia; creio que se pode confiar nela. Oh, ela já é florentina há tempo, quero dizer, literalmente, uma florentina antiga, não uma forasteira moderna. É contemporânea dos Medici; já devia estar presente quando Savonarola foi queimado, e não duvido que tenha atirado um punhado de gravetos na fogueira. O rosto dela é muito semelhante a alguns que se vêem nas pinturas antigas: pequenos rostos secos e definidos que deviam ter muita expressão, mas quase sempre a mesma. Na verdade, posso mostrar-lhe o retrato dela num afresco de Ghirlandaio. Espero que não se importe de eu falar assim de sua tia, hein? Imagino que não. Talvez você ache isso ainda pior. Garanto-lhe que não há nenhuma falta de respeito para com

nenhuma das duas. A senhorita sabe que eu sou especial admirador da senhora Touchett.

Enquanto seu anfitrião esforçava-se por entretê-la desse modo um tanto confidencial, Isabel olhava de vez em quando para madame Merle, que lhe retribuía o olhar com um sorriso distraído, no qual, dessa vez, não havia a insinuação inoportuna de que nossa heroína estivesse se saindo bem. A uma certa altura, madame Mede convidou a condessa Gemini para irem ao jardim, e a condessa, levantando-se e sacudindo as penas, pôs-se farfalhante a caminho da porta.

— Pobre senhorita Archer! — exclamou, examinando o grupo com expressiva compaixão. — Foi trazida para bem dentro da família.

— A senhorita Archer não deve ter nada que não seja simpatia por uma família à qual você pertence — respondeu o senhor Osmond com uma risada que, embora contivesse um traço de zombaria, também revelava uma paciência mais meritória.

— Não sei o que quer dizer com isso! Tenho certeza de que ela não vai descobrir mal algum em mim exceto o que você lhe contar. Sou melhor do que ele diz, senhorita Archer — continuou a condessa. — Só que sou um tanto tola e chata. Foi só isso o que ele disse? Ah, a senhorita o mantém, então, de bom humor. Ele já enveredou por um de seus assuntos favoritos? Já vou lhe avisando que ele tem dois ou três que trata *à fond*. Nesse caso, é melhor que tire seu chapéu.

— Não creio que eu saiba quais são os assuntos prediletos do senhor Osmond — disse Isabel que se levantara.

A condessa assumiu por um instante uma atitude de intensa meditação, apertando uma das mãos, com as pontas dos dedos juntas, contra a têmpora.

— Vou dizer-lhe já, já. Um deles é Maquiavel; o outro, Vittoria Colonna e, a seguir, Metastasio.

— Ah — disse madame Merle, passando o braço pelo da condessa Gemini, como que a guiá-la no caminho do jardim —, comigo o senhor Osmond nunca é tão histórico.

— Oh, a senhora — respondeu a condessa enquanto se afastavam —, a senhora é o próprio Maquiavel, é a própria Vittoria Colonna!

— Daqui a pouco vai dizer que a pobre madame Merle é Metastasio! — suspirou Gilbert Osmond, com resignação.

Isabel levantara-se por presumir que eles também iriam até o jardim, mas seu anfitrião permaneceu parado, sem qualquer disposição aparente de sair da sala, com as mãos nos bolsos do paletó, e a filha, que agora estava de braço dado com ele, agarrada a ele, com os olhos voltados para cima a mover-se do rosto dele para o de Isabel. Isabel esperou, com certo contentamento não expresso, que lhe dissessem o que fazer; gostava da conversa, da companhia do senhor Osmond: sentia o que sempre lhe dera uma íntima emoção, que é a consciência de uma nova relação. Pelas portas abertas da grande sala, viu madame Merle e a condessa passeando pela bela grama do jardim; depois, voltou-se e deixou o olhar vaguear pelas coisas espalhadas a seu redor. Fora combinado que o senhor Osmond lhe mostraria seus tesouros; seus quadros e os armários pareciam todos tesouros. Depois de um instante, Isabel encaminhou-se para um dos quadros para melhor apreciá-lo, mas, no exato momento em que o fez, ele disse abruptamente:

— Senhorita Archer, o que acha de minha irmã?

Ela encarou-o com certa surpresa.

— Ah, não me pergunte isso; vi sua irmã tão pouco.

— Sim, viu-a muito pouco, mas deve ter observado que não há muito nela para ser visto. O que acha do tom de nossa família? — continuou com seu sorriso distante. — Gostaria de saber qual é a impressão em uma mente nova e sem preconceitos. Sei o que vai dizer: quase não teve oportunidade de observá-la. É claro que foi apenas um vislumbre. Mas, no futuro, preste atenção se tiver oportunidade. Às vezes penso que nos habituamos mal, vivendo entre coisas e pessoas que não são as nossas, sem responsabilidades ou vínculos, sem nada a manter-nos unidos ou a amparar-nos; casando com estrangeiros, formando gostos artificiais, pregando peças em nossa missão natural. Deixe-me dizer, entretanto, que falo isso muito mais por mim do que por minha irmã. Ela é uma senhora muito honesta — mais do que parece. É um tanto infeliz, e, como não é dada a muita seriedade, não tende a demonstrar isso de modo trágico; em vez disso demonstra-o de maneira cômica. Tem um marido horrível, embora eu não tenha certeza de que ela saiba aproveitar seus pontos positivos. Mas é claro que um marido horrível é uma coisa desagradável. Madame Merle dá-lhe excelentes conselhos, mas é como dar um dicionário a um menino para que desse modo aprenda um idioma. Ele pode procurar as palavras, mas não consegue juntá-las. Minha irmã precisa de uma gramática, mas infelizmente não é gramatical. Desculpe incomodá-la com esses detalhes; minha irmã tinha toda a razão em dizer que a senhorita foi trazida para dentro da família. Dê-me licença de baixar esse quadro; precisa de mais luz.

Tirou o quadro da parede, levou-o até a janela, contou alguns fatos curiosos a respeito dele. Ela examinou as outras obras de arte, e ele deu-lhe toda a informação adicional que parecesse mais aceitável para uma jovem visitante, numa tarde de verão. Os quadros, medalhões e tapeçarias eram interessantes, mas, depois de um tempo, Isabel achou o dono muito mais interessante, independente dos objetos, apesar de parecerem obscurecê-lo de todos os lados. Ele não se parecia com ninguém que ela conhecesse; a maioria das pessoas que conhecia podia ser dividida em grupos de meia dúzia de espécimens. Havia uma ou duas exceções a isso; ela não conseguia pensar, por exemplo, em grupo algum que pudesse encaixar sua tia Lydia. Havia outras pessoas relativamente originais — como se diria por cortesia —, como o senhor Goodwood, como o primo Ralph, como Henrietta Stackpole, como lorde Warburton, como madame Merle. Mas no essencial, quando se parava para examiná-los, esses indivíduos pertenciam a tipos já presentes em sua mente, que não continha nenhuma classe que oferecesse um lugar natural para o senhor Osmond — ele era um espécimen em separado. Não que ela reconhecesse todas essas verdades naquele momento, mas estavam se ordenando diante dela. No momento, só dizia a si mesma que essa “nova relação” talvez viesse a ser a mais relevante. Madame Merle tivera aquele toque de raridade, mas que poder diverso esse toque imediatamente adquiriria ao ser exercido por um homem! Não tanto pelo que ele dizia e fazia, mas antes pelo que deixava de dizer ou fazer, o que, para ela, como que o marcava com um daqueles sinais muito estranhos que ele lhe mostrava no lado de baixo de pratos antigos ou no canto dos desenhos do século XVI: ele não se dava ao luxo de desvios marcantes da praxe, era original sem ser excêntrico. Ela nunca tinha conhecido pessoa alguma de natureza tão refinada. A distinção era física, para começar, e estendia-se a coisas impalpáveis. O cabelo farto e delicado, as feições cinzeladas, retocadas, a pele clara, madura sem ser grosseira, a própria regularidade do

crescimento da barba e aquela leve e flexível esbeltez de estrutura que fazia com que o movimento de um único dedo causasse o efeito de um gesto expressivo — esses pontos pessoais impressionavam nossa jovem sensível como sinais de qualidade, de intensidade, de algum modo como promessas de interesse. Ele era certamente metuculoso e crítico; provavelmente irritadiço. Sua sensibilidade o governava — era possível que o governasse demais: tornava-o impaciente a problemas vulgares e levava-o a viver sozinho, num mundo selecionado, peneirado, arrumado, a pensar sobre arte e beleza e história. Valera-se de seu próprio gosto em tudo — de seu próprio gosto apenas, talvez como um doente, cômscio de não ter cura, consulta no fim apenas o seu advogado; isso é que o tornava tão diferente de todos os outros. Ralph tinha algo dessa mesma qualidade, esse ar de achar que na vida devia-se tratar de ser um *connoisseur*, mas nele isso era uma anomalia, uma espécie de excrescência humorística, enquanto no senhor Osmond era a nota principal e tudo estava em harmonia com ela. Por certo Isabel estava longe de compreendê-lo de todo; o que ele queria dizer não era sempre óbvio. Era difícil saber o que ele queria dizer, por exemplo, ao falar de seu lado provinciano — que era exatamente o lado que ela teria imaginado que mais lhe faltasse. Seria um paradoxo inofensivo, destinado a intrigá-la? Ou seria o último refinamento da alta cultura? Ela esperava saber com o tempo; seria muito interessante ter esse conhecimento. Se era provinciano ter tal harmonia, então qual seria o polimento da capital? E ela podia se perguntar tal coisa a despeito de sentir de forma tão intensa que seu anfitrião era uma personagem tímida; uma vez que timidez como a dele — a timidez de nervos delicados e percepções apuradas — estava em perfeita consonância com a melhor educação. Na verdade, era quase prova de padrões e valores distintos do vulgar: ele devia ter muita certeza de que o vulgar seria o primeiro a imperar. Não era homem de tranqüila auto-segurança que tagarelasse e bisbilhotasse com a fluência da natureza superficial, que ele criticava em si mesmo tanto quanto nos outros e, exigindo muito dos demais para achá-los agradáveis, provavelmente adotava uma opinião bastante irônica do que ele próprio tinha para oferecer: uma prova a mais de que não era dotado de convencimento grosseiro. Se não fosse tímido, não teria efetuado aquela gradual, sutil e bem-sucedida conversão à qual ela atribuía tanto o que lhe agradava nele quanto o que a intrigava. Se de repente ele lhe tinha perguntado o que achava da condessa Gemini, isso era, sem dúvida, prova de seu interesse nela; dificilmente seria para auxiliá-lo a conhecer a própria irmã. O fato de estar tão interessado demonstrava uma mente inquisitiva, embora fosse um tanto estranho que sacrificasse seus sentimentos fraternos à sua curiosidade. Essa era a coisa mais excêntrica que ele tinha feito.

Havia mais duas salas adiante daquela na qual ela fora recebida, também repletas de objetos românticos; e nesses aposentos Isabel passou um quarto de hora. Tudo era extremamente curioso e precioso, e o senhor Osmond continuou a ser o mais amável cicerone ao conduzi-la de uma bela sala para a outra, sempre segurando a menina pela mão. A amabilidade dele quase chegou a surpreender nossa jovem amiga, que se perguntava por que ele estaria tendo tanto trabalho com ela e, por fim, sentiu-se oprimida com o acúmulo de beleza e conhecimento que lhe era apresentado. Bastava por enquanto; ela deixara de prestar atenção ao que ele dizia; ouvia-o com olhos atentos, mas não estava pensando no que ele lhe contava. Provavelmente ele a julgava mais rápida de

raciocínio, mais inteligente, sob todos os aspectos, mais preparada do que realmente era. Madame Merle provavelmente teria exagerado para melhor, o que era uma pena, porque, no fim, certamente ele iria descobrir, e então talvez nem a verdadeira inteligência dela fosse capaz de reconciliá-lo com seu engano. Parte da fadiga de Isabel provinha do esforço de parecer tão inteligente quanto pensava madame Merle tê-la descrito e do receio (muito raro nela) de expor — não sua ignorância, com isso importava-se comparativamente pouco — sua possível percepção grosseira. Teria ficado aborrecida de exprimir preferência por alguma coisa que, em seu superior esclarecimento, ele julgasse que não deveria apreciar, ou passar por cima de outra diante da qual a mente verdadeiramente iniciada se deteria. Não tinha o menor desejo de cair no grotesco em que vira outras mulheres (isso servia de aviso) serenamente, mas de forma ignóbil, afundarem. Assim tomava o máximo cuidado com o que notava ou deixava de notar; mais cuidado do que jamais tomara antes.

Voltaram para a primeira sala, onde o chá estava sendo servido, mas, como as duas outras senhoras ainda estavam no terraço e como Isabel ainda não tivera ocasião de gozar a vista, suprema distinção daquele lugar, o senhor Osmond guiou-lhe os passos para o jardim, sem mais demora. Madame Merle e a condessa tinham mandado vir cadeiras, e como a tarde estava linda a condessa propôs que tomassem o chá ao ar livre. Assim, Pansy foi mandada para instruir o criado a servi-lo lá. O sol já ia baixo, a luz dourada assumira um tom mais profundo e, nas montanhas e na planície estendida abaixo deles, os bolsões de sombra arroxeadas brilhavam com tanta intensidade como os lugares ainda expostos. A cena era de extraordinário encanto. O ar tinha quase que uma solene imobilidade, e a vasta expansão da paisagem, com suas plantações semelhantes a jardins e sua nobreza de linhas, o vale fértil e as colinas de delicados matizes, os toques de aparência peculiarmente humana das habitações, lá estava em esplêndida harmonia e clássica beleza.

— Parece estar tão satisfeita que acho que vai voltar — disse Osmond, enquanto acompanhava a visitante a um dos ângulos do terraço.

— É claro que voltarei — respondeu ela —, apesar de o senhor dizer que é ruim morar na Itália. O que foi que disse a respeito da missão natural de cada um? Será que renunciarei à minha missão natural se me estabelecer em Florença?

— A missão natural da mulher é estar onde é mais apreciada.

— O difícil é descobrir onde fica isso.

— Verdade; geralmente ela perde muito tempo pesquisando. As pessoas deveriam tornar isso bem claro para ela.

— Esse tipo de coisa teria que ser muito esclarecido para mim — disse Isabel com um sorriso.

— De qualquer modo, estou contente de ouvi-la falar em estabelecer-se. Madame Merle deu-me a impressão de que a senhorita tinha a intenção de perambular por aí. Pensei tê-la ouvido dizer que a senhorita tinha planos de dar a volta ao mundo.

— Estou um pouco envergonhada a respeito de meus planos; faço um novo a cada dia.

— Não vejo por que deva envergonhar-se; é o maior dos prazeres.

— Parece frívolo, acho — disse Isabel. — Deveria escolher alguma coisa de modo bem deliberado e ser fiel a ela.

— De acordo com essa regra, então, não tenho sido frívolo.

— Nunca fez planos?

— Sim, fiz um há anos e cumpro-o até hoje.

— Deve ter sido um plano muito agradável — Isabel atreveu-se a observar.

— Era muito simples: ser tão tranqüilo quanto possível.

— Tranqüilo? — repetiu a moça.

— Não me preocupar, não me debater ou lutar. Resignar-me. Contentar-me com pouco — pronunciou as frases devagar, com pequenos intervalos entre uma e outra, mantendo seu olhar inteligente fixo no da visitante, com o ar consciente do homem que convenceu a si mesmo de confessar alguma coisa.

— Chama isso de simples? — perguntou ela, com leve ironia.

— Sim, porque é negativo.

— Sua vida tem sido negativa?

— Pode dizer que é afirmativa, se quiser. Só que tem afirmado minha indiferença. Veja bem, não minha indiferença natural, pois eu não tinha *nenhuma*, mas a minha renúncia estudada, voluntária.

Ela mal o entendia; ele poderia estar brincando ou não. Por que alguém que lhe parecia ter um grande fundo de reserva de repente decidira se tornar tão confidencial? Isso era problema dele, contudo, e suas confidências eram interessantes.

— Não vejo por que deveria ter renunciado — disse ela, após um instante.

— Porque eu nada podia fazer. Não tinha perspectivas, era pobre e não era um homem de gênio. Nem mesmo tinha talentos; muito cedo na vida, fiz minha própria avaliação. Era apenas o mais exigente jovem cavalheiro que existia. Havia duas ou três pessoas no mundo a quem invejava — o imperador da Rússia, por exemplo, e o sultão da Turquia! Havia horas em que invejava até o papa em Roma — pela consideração de que goza. Eu adoraria ser considerado a esse ponto, mas, como isso não podia ser, não me importei com nada menos que isso e decidi não dar atenção a honrarias. O mais pobre cavalheiro sempre pode ter alguma consideração por si mesmo e felizmente eu era, apesar de pobre, um cavalheiro. Nada podia conseguir na Itália — nem mesmo ser um patriota italiano. Para isso teria que sair do país, mas gostava demais dele para fazê-lo, isso sem dizer que eu estava demasiado satisfeito com ele de um modo geral, como era naquele tempo, para desejar que fosse mudado. Assim passei vários anos aqui naquele nível tranqüilo de que lhe falei. Não fui nem um pouco infeliz. Não estou querendo dizer que não me importei com nada, mas as coisas que me tocaram foram definidas, limitadas. Os acontecimentos de minha vida passaram totalmente despercebidos a todos, exceto a mim: conseguir um antigo crucifixo de prata por preço irrisório (é claro que nunca comprava nada caro) ou descobrir, como aconteceu uma vez, um esboço de Correggio num painel tido como rabiscado por algum idiota inspirado.

Essa teria sido uma descrição um tanto seca da carreira do senhor Osmond, se Isabel tivesse acreditado nela, mas sua imaginação supriu o elemento humano que, ela tinha certeza, não faltara. A vida dele tinha sido mesclada a outras vidas mais do que ele admitia; é claro que ela não poderia esperar que ele entrasse nesses detalhes. Por enquanto, absteve-se de provocar mais revelações; insinuar que ele não lhe havia contado tudo demonstraria maior familiaridade e menor

consideração do que ela desejava demonstrar no momento — seria, na verdade, uma gritante vulgaridade. Ele lhe contara o bastante, por certo. Entretanto, a predisposição dela no momento era expressar moderada simpatia pelo sucesso que ele tivera na preservação de sua independência.

— É uma vida muito agradável — disse ela — renunciar a tudo menos a Correggio!

— Oh, a meu modo fiz disso um sucesso. Não pense que estou me lamuriando. É nossa própria culpa se não estamos felizes.

Isso era muito grande; ela ateu-se a algo menor:

— Sempre morou aqui?

— Não, nem sempre. Vivi muito tempo em Nápoles e muitos anos em Roma. Mas estou aqui há um bom tempo. Talvez tenha que mudar, fazer outra coisa. Agora não posso pensar só em mim. Minha filha está crescendo e talvez não ligue tanto para os Correggios e crucifixos como eu. Terei que fazer o que for melhor para Pansy.

— Sim, terá — disse Isabel. — É uma menina adorável.

— Ah — exclamou Gilbert Osmond, com ímpeto —, é uma santinha do céu! É minha maior felicidade!

Enquanto esse colóquio bastante íntimo (que continuou por algum tempo depois que deixamos de segui-lo) estava em andamento, madame Merle e sua companheira, rompendo um silêncio de certa duração, tinham começado a trocar algumas palavras. Estavam sentadas numa atitude de expectativa não expressa; atitude essa mais notada na condessa Gemini, que sendo dotada de temperamento mais nervoso que a outra, praticava com menor sucesso a arte de disfarçar a impaciência. O que era esperado pelas damas não estaria aparente e talvez não estivesse bem definido nem em suas próprias mentes. Madame Merle esperava que Osmond liberasse a jovem amiga do *tête-à-tête*, e a condessa também esperava porque madame Merle o fazia. Além disso, a condessa, enquanto esperava, achou a ocasião oportuna para uma de suas pequenas perversidades. Talvez estivesse desejando encontrar o momento para desfechá-la. O irmão foi andando com Isabel até o fim do jardim e os olhos dela seguiram-nos até esse ponto.

— Minha cara — observou então para a companheira —, deve desculpar-me se não lhe dou os parabéns!

— De bom grado, pois não sei por que deveria fazê-lo.

— Não tem um pequeno plano de que se orgulha bastante? — E, dizendo isso, indicou com um gesto da cabeça o casal isolado.

Os olhos de madame Merle seguiram a mesma direção; depois olhou serena para a companheira.

— Sabe que eu nunca a entendo muito bem — disse, sorrindo.

— Ninguém me entende melhor que a senhora, quando quer. Estou vendo que no momento *não* quer.

— A senhora me diz coisas que ninguém mais diz — observou madame Merle com ar grave, porém sem amargura.

— Refere-se a coisas de que não gosta? Osmond não diz às vezes coisas de que não gosta?

— O que o seu irmão diz tem um propósito.

— Sim, às vezes envenenado. Se está querendo dizer que não sou tão inteligente quanto ele, não pense que vou sofrer por causa de sua idéia a respeito de nossa diferença. Mas será muito melhor se me entender.

— Por quê? — indagou madame Merle. — A que levará isso?

— Se eu não aprovar o seu plano, deve saber disso para poder avaliar o risco de eu interferir nele.

Madame Merle pareceu estar pronta a admitir que isso tinha algum fundo de razão, mas não demorou muito para dizer, com voz tranqüila:

— Julga-me mais calculista do que sou.

— Não é do seu calculismo que penso mal; é do fato de calcular errado. Foi o que fez neste caso.

— A senhora deve ter feito profundos cálculos para chegar a essa descoberta.

— Não, não tive tempo. Só vi a moça esta vez — disse a condessa —, e de repente tive essa certeza. Gosto muito dela.

— Eu também — retrucou madame Merle.

— Tem uma maneira estranha de demonstrá-lo.

— Com certeza proporcionei a ela a vantagem de travar conhecimento com a senhora.

— De fato — apressou-se a dizer a condessa —; talvez essa seja a melhor coisa que podia lhe acontecer!

Madame Merle nada disse por algum tempo. Os modos da condessa eram detestáveis, eram até baixos, mas isso era uma velha história, e, com os olhos fixos na encosta violeta do monte Morello, ela entregou-se à reflexão. Por fim, continuou:

— Minha cara senhora, aconselho-a a não se agitar. O assunto a que se refere tem a ver com três pessoas de propósitos muito mais fortes do que os seus.

— Três pessoas? A senhora e Osmond, é claro. Mas a senhorita Archer também é de temperamento resoluto?

— Tanto quanto nós.

— Ah, então — fez a condessa, radiante —, se eu conseguir convencê-la de que é melhor para ela resistir a vocês, certamente ela o fará!

— Resistir a nós? Por que se expressa de forma tão grosseira? Ela não está sendo exposta a qualquer compulsão ou embuste.

— Não tenho certeza disso. Vocês são capazes de qualquer coisa, a senhora e Osmond. Não Osmond sozinho, e não a senhora sozinha. Mas juntos são perigosos — como uma reação química.

— Então é melhor não se meter conosco — disse madame Merle, com um sorriso.

— Não tenho intenção de tocar em vocês, mas vou falar com a moça.

— Minha pobre Amy, não sei o que meteu na cabeça — murmurou madame Merle.

— Estou interessada nela — foi isso que meti na cabeça. Gosto dela.

Madame Merle hesitou por um instante.

— Não creio que ela goste da senhora.

Os olhinhos brilhantes da condessa arregalaram-se e seu rosto contorceu-se numa careta.

— Ah, a senhora é perigosa, mesmo estando sozinha!

— Se quer que ela goste da senhora, não lhe fale mal do seu irmão — disse madame Merle.

— Suponho que não esteja querendo dizer que ela se apaixonou por ele com apenas dois encontros.

Madame Merle olhou por um momento para Isabel e para o dono da casa. Ele estava apoiado no parapeito, de frente para ela, com os braços cruzados, e naquele instante era evidente que ela não estava absorta na mera paisagem impessoal, por mais que nela fixasse o olhar com persistência. Enquanto madame Merle a observava, ela baixou o olhar; ouvia, talvez com certo embaraço, enquanto apertava a ponta da sombrinha no chão. Madame Merle levantou-se da cadeira.

— Sim, acho que sim!

O criado mal-arrumado chamado por Pansy — pela libré desleixada e pela estranheza do tipo,

ele poderia ter surgido de algum esboço perdido sobre costumes antigos ou ter sido esboçado pelo pincel de um Longhi ou um Goya — trouxera uma mesinha que colocou sobre a relva e depois voltara trazendo a bandeja com o chá; desaparecera e novamente voltara com duas cadeiras. Pansy ficou parada, olhando tais preparativos com o maior interesse, as mãozinhas juntas na frente do vestido leve, mas não chegou ao ponto de oferecer ajuda. Quando a mesa ficou pronta, porém, aproximou-se com delicadeza.

— Acha que papai se incomodaria se eu servisse o chá?

A condessa fitou-a com um olhar deliberado e crítico, e, sem responder à pergunta, disse:

— Minha pobre sobrinha, esse é o seu melhor vestido?

— Oh, não — respondeu Pansy —, é só uma roupa simples para ocasiões comuns.

— Chama de ocasião comum o dia em que venho vê-la? Isso sem falar em madame Merle e na moça bonita ali adiante.

Pansy pensou por um minuto, olhando séria de uma das pessoas mencionadas para a outra. Então seu rosto se abriu num sorriso perfeito.

— Tenho um vestido bonito, mas mesmo ele é muito simples. Por que deveria expô-lo ao lado das suas coisas bonitas?

— Porque é o mais bonito que você tem; para mim, sempre deve usar o mais bonito. Faça o favor de vesti-lo da próxima vez. Parece-me que não a vestem como deveriam.

A menina passou a mão esparsamente pela saia antiquada.

— É um bom vestido para servir chá, não acha? Acha que papai deixaria?

— Para mim, é impossível saber, minha filha — disse a condessa. — Para mim, as idéias do seu pai são insondáveis. Madame Mede entende-as melhor. Pergunte a *ela*.

Madame Merle sorriu com sua graça habitual.

— É uma questão séria; deixe-me pensar. Parece-me que agradaria a um pai ver sua filhinha atenciosa servir o chá. É a tarefa própria da filha da casa, quando crescer.

— É o que eu penso também, madame Merle! — exclamou Pansy. — A senhora vai ver como eu sei. Uma colher para cada um — e começou a ocupar-se em volta da mesa.

— Para mim, duas colheres — disse a condessa que, juntamente com madame Merle, ficou durante alguns instantes observando-a. — Ouça, Pansy — continuou por fim a condessa —, gostaria de saber o que acha da sua visita.

— Ah, ela não é minha visita, é do papai — objetou Pansy.

— A senhorita Archer também veio para conhecer você — interpôs madame Merle.

— Fico muito contente por isso. Ela foi muito educada comigo.

— Então gosta dela? — perguntou a condessa.

— Ela é encantadora... encantadora — repetiu Pansy com o tom correto que usava nas conversas. — Ela me agrada muitíssimo.

— E acha que agrada a seu pai?

— Ora, condessa, vamos! — murmurou madame Merle, para dissuadi-la. — Vá chamá-los para o chá — disse, voltando-se para a menina.

— Tomara que eles gostem! — declarou Pansy, e afastou-se para chamar os outros que ainda

permaneciam na outra ponta do terraço.

— Se a senhorita Archer vai ser mãe dela, certamente interessa saber se a menina gosta dela — disse a condessa.

— Se seu irmão casar de novo, não será por Pansy — respondeu madame Merle. — Ela logo vai fazer dezesseis anos e, depois disso, vai precisar de um marido e não de uma madrasta.

— E a senhora também providenciará o marido?

— Com certeza vou ter interesse em que ela case bem. Imagino que a senhora faça o mesmo.

— Pode apostar que não! — exclamou a condessa. — Por que eu, dentre todas as mulheres, deveria atribuir tanto valor a um marido?

— A senhora não se casou bem; é disso que estou falando. Quando me refiro a marido, refiro-me a um bom marido.

— Não existem bons maridos; Osmond não será bom marido.

Madame Merle fechou os olhos por um instante.

— No momento, a senhora está irritada, não sei por quê — disse, logo depois. — Acho que, na verdade, não terá objeções quanto ao casamento de seu irmão ou de sua sobrinha, quando chegar a hora; e, quanto a Pansy, estou certa de que um dia teremos o prazer de procurar um marido para ela, juntas. Seu grande círculo de amizades será de grande valia.

— Sim, estou irritada — disse a condessa. — A senhora costuma me irritar. O fato de permanecer impassível é fabuloso. É uma mulher estranha.

— É muito melhor agirmos sempre em conjunto — continuou madame Merle.

— Isso é uma ameaça? — perguntou a condessa, levantando-se.

Madame Merle balançou a cabeça, como que divertida.

— É, de fato, a senhora não fica impassível como eu!

Isabel e Osmond vinham caminhando devagar na direção delas, e Isabel tomara a mão de Pansy.

— Acredita que ele a faria feliz? — disse a condessa, incisiva.

— Se ele casasse com a senhorita Archer, creio que se comportaria como um cavalheiro.

A condessa contorceu-se numa série de atitudes.

— Refere-se ao modo como a maioria dos cavalheiros se comporta? Isso já seria meio caminho andado! É claro que Osmond é um cavalheiro; não é preciso lembrar sua própria irmã disso. Mas ele pensa que pode se casar com qualquer moça que lhe apraza escolher? É claro que Osmond é um cavalheiro, mas devo dizer que nunca; não, não, nunca vi ninguém com as pretensões de Osmond! No que todas elas se baseiam é mais do que posso dizer. Sou irmã dele; seria normal pensar que eu soubesse. Quem é ele, faça o favor de dizer-me? O que fez algum dia na vida? Se houvesse algo de especialmente grandioso em sua origem, se fosse feito de argila superior, imagino que eu tivesse alguma idéia a respeito. Se houvesse alguma grande honra ou esplendor na família, com certeza eu teria tirado disso o máximo proveito: seria bem do meu jeito. Mas não há nada, nada, nada. Naturalmente, os nossos pais foram encantadores; mas os seus também foram, não tenho dúvidas. Hoje em dia, todo mundo é encantador. Até eu sou uma pessoa encantadora; não ria, foi-me dito literalmente. Quanto a Osmond, ele sempre pareceu acreditar que descendia dos deuses.

— Pode dizer o que quiser — observou madame Merle, que escutara esse breve rompante com atenção, podemos crer, apesar de seus olhos desviarem-se de sua interlocutora e suas mãos ocuparem-se com a arrumação dos laços de fita em seu vestido. — Vocês, Osmond, são de raça fina; seu sangue deve provir de fonte muito pura. Seu irmão, como um homem inteligente, sempre teve essa convicção, apesar de não ter as provas. A senhora é modesta sobre isso, mas também tem grande distinção. E o que dizer de sua sobrinha? A menina é uma princesinha. Mesmo assim — acrescentou madame Merle —, não será fácil Osmond se casar com a senhorita Archer. Mas ele pode tentar.

— Espero que ela o recuse. Isso vai fazer com que ele fique um pouco mais humilde.

— Não devemos esquecer que ele é muitíssimo inteligente.

— Já a ouvi dizer isso, mas ainda não descobri o que ele fez.

— O que ele fez? Ele nada fez que tenha que ser desfeito. E tem sabido esperar.

— Esperar pelo dinheiro da senhorita Archer? Quanto dinheiro é?

— Não foi isso que eu quis dizer — respondeu madame Merle. — A senhorita Archer tem setenta mil libras.

— Bem, é uma pena que seja tão encantadora — declarou a condessa. — Para ser sacrificada, qualquer moça serviria. Não precisava ser superior!

— Se ela não fosse superior, seu irmão nem olharia para ela. Ele tem que ter o melhor.

— É — concordou a condessa, enquanto se adiantavam um pouco para ir ao encontro dos outros —, ele é muito difícil de se satisfazer. Isso me faz estremecer pela felicidade dela!

Gilbert Osmond foi visitar Isabel outra vez; isto é, foi ao Palazzo Crescentini. Tinha outros amigos lá também, e para com a senhora Touchett e madame Merle era sempre de imparcial civilidade, mas a primeira notou o fato de, no decorrer de uma quinzena, ele aparecer cinco vezes, e comparou isso com outro fato que não tinha dificuldade em lembrar. Duas visitas por ano até então tinham constituído o regular tributo que ele prestava ao valor da senhora Touchett, e ela nunca notara que ele escolhesse para tais visitas as ocasiões de freqüência quase periódica em que madame Merle estava sob seu teto. Não era por madame Merle que ele vinha; os dois eram velhos amigos e ele nunca se incomodava com ela. Não gostava de Ralph — Ralph assim lhe dissera — e não era de se supor que o senhor Osmond tivesse se tomado de amores súbitos por seu filho. Ralph permanecia imperturbável — tinha uma espécie de urbanidade desleixada que o envolvia como um casaco mal cortado, mas que ele nunca despia; achava o senhor Osmond muito boa companhia e estava disposto a qualquer instante a considerá-lo à luz da hospitalidade. Mas não se iludia quanto ao motivo das visitas ser um desejo de reparar injustiças passadas; interpretava a situação com maior clareza. Isabel era a atração e, a bem da verdade, atração suficiente. Osmond era um crítico, um estudioso do extraordinário e era natural que estivesse curioso sobre aparição tão rara. Assim, quando a mãe comentou que era óbvio aquilo em que o senhor Osmond estava pensando, Ralph respondeu que tinha a mesma opinião. A senhora Touchett há longo tempo tinha encontrado um lugar em sua magra lista para esse cavalheiro, embora perguntando-se um tanto confusa por meio de que arte e processo — por mais negativos e sábios que fossem — ele tinha conseguido impor-se por toda parte com tanta eficiência. Como ele nunca fora uma visita inoportuna, não tivera ocasião de ser desagradável e se recomendava a ela pela aparência de poder passar tão bem sem ela como ela sem ele — qualidade que, por estranho que pareça, sempre a afetava como sendo um motivo para um relacionamento. Entretanto, não lhe dava satisfação alguma pensar que ele tivesse metido na cabeça a idéia de casar com sua sobrinha. Tal aliança, por parte de Isabel, teria ares de capricho quase mórbido. A senhora Touchett lembrava bem que a moça tinha recusado um aristocrata inglês, e, que uma jovem com quem lord Warburton não obtivera sucesso fosse contentar-se com um obscuro diletante americano, um viúvo de meia-idade com uma filha misteriosa e uma renda ambígua, isso não correspondia em nada à concepção que a senhora Touchett fazia do sucesso. Deve-se notar que ela tinha uma idéia não sentimental mas política a respeito do matrimônio — idéia que sempre teve muito a seu favor.

— Espero que ela não faça a loucura de dar ouvidos a ele — disse ao filho, ao que Ralph retrucou que dar ouvidos era uma coisa e responder, outra bem diferente. Ele sabia que ela ouvira várias partes, como diria o pai dele, mas fizera com que todas a ouvissem, por sua vez, e ele achava muito divertida a idéia de, durante os poucos meses em que a conhecera, vê-la ter um novo

pretendente batendo à sua porta. Ela queria ver a vida, e a sorte estava servindo-a a seu gosto; uma série de excelentes cavalheiros pondo-se de joelhos diante dela servia tão bem quanto qualquer outra coisa. Ralph ansiava por um quarto, um quinto, um décimo atacante; ele não estava convencido de que ela pararia no terceiro. Manteria a porta entreaberta e entabularia conversações; certamente não deixaria o número três entrar. Expressou tal opinião, um pouco à sua maneira, para a mãe, que o olhou como se ele estivesse dançando ua jiga.* Ele tinha um modo tão estranho e pictórico de dizer as coisas como se estivesse se comunicando com ela no alfabeto de surdos-mudos.

— Não creio ter entendido o que quis dizer — disse ela —; você usa demasiadas figuras de retórica; eu nunca consegui entender alegorias. As duas palavras da língua que mais respeito são “sim” e “não”. Se Isabel quiser casar com o senhor Osmond, irá fazê-lo, apesar de todas as suas comparações. Deixe-a descobrir sozinha as boas comparações em qualquer coisa que empreender. Sei muito pouco sobre o rapaz da América; acho que ela não passa muito tempo pensando nele e desconfio de que ele tenha se cansado de esperar por ela. Nada existe no mundo que a impeça de casar com o senhor Osmond, se ela simplesmente o considerar por um certo prisma. Isso está muito bem; ninguém é mais a favor de alguém fazer o que lhe agrada do que eu. Mas ela encontra prazer nas coisas mais estranhas; é capaz de casar com o senhor Osmond pela beleza das opiniões dele ou por seu autógrafo de Michelangelo. Ela quer ser desinteressada; como se fosse a única pessoa que corre o risco de não sê-lo! Será que *ele* vai ser tão desinteressado quando puder gastar o dinheiro dela? Essa era a idéia dela antes da morte do seu pai, e desde então isso adquiriu novo encanto. Ela deveria casar com alguém sobre cujo desinteresse tenha certeza, e não haveria prova melhor do que a pessoa ter grande fortuna própria.

— Querida mamãe, eu não estou com medo — respondeu Ralph. — Ela está nos fazendo a todos de tolos. É claro que vai fazer o que lhe agrada, mas fará isso estudando a natureza humana bem de perto e ainda assim conservando sua liberdade. Ela embarcou numa exibição exploratória e acho que não vai mudar de rumo, logo de início, a um aceno de Gilbert Osmond. Pode ter diminuído a velocidade por um momento, mas antes de nos darmos conta estará indo para a frente a todo o vapor novamente. Desculpe outra metáfora.

A senhora Touchett talvez o tenha desculpado, mas não ficou tão tranqüilizada a ponto de esconder de madame Merle a expressão de seus receios.

— Você, que sabe tudo — disse —, deve saber isto: se aquela estranha criatura está mesmo cortejando minha sobrinha.

— Gilbert Osmond? — Madame Merle arregalou os olhos límpidos e, com total compreensão, exclamou: — Oh, céus, isso é uma idéia e tanto!

— Não lhe tinha ocorrido?

— Você faz com que me sinta uma idiota, mas confesso que não. Eu me pergunto se terá ocorrido a Isabel — acrescentou.

— Oh, vou perguntar-lhe agora — disse a senhora Touchett.

Madame Merle refletiu.

— Não lhe ponha a idéia na cabeça. O certo seria perguntar ao senhor Osmond.

— Não posso fazer isso — respondeu a senhora Touchett. — Não quero que me pergunte — o que é perfeitamente capaz de fazer, com aquele jeito dele, considerando a situação de Isabel — o que é que eu tenho a ver com isso.

— Eu mesma vou perguntar a ele — declarou madame Merle, corajosa.

— Mas o que é que você — na opinião *dele* — teria a ver com isso?

— Uma vez que não tenho nada a ver, é por isso mesmo que posso me dar ao luxo de perguntar. Tenho menos a ver com isso que todos os outros e assim ele poderá despistar-me com o que quiser. Mas pelo modo como o fizer é que vou saber.

— Então, por favor, diga-me logo — disse a senhora Touchett —, conte-me os frutos de sua investigação. Porém, se não posso falar com ele, pelo menos posso falar com Isabel.

Ao ouvir isso, sua companheira deu o brado de alarme.

— Não se mostre muito ansiosa com ela. Não lhe acenda a imaginação.

— Nunca na vida tive qualquer efeito na imaginação de quem quer que fosse. Mas sempre estou certa de que ela vai fazer alguma coisa — bem, não algo que *eu* faria.

— Não, você não gostaria disso — observou madame Merle, sem colocar ponto de interrogação.

— E por que deveria, faça-me o favor? O senhor Osmond não tem nada de sólido para oferecer a ela.

Madame Merle caiu de novo em silêncio enquanto um sorriso pensativo esboçava-se no canto esquerdo de sua boca, com mais encanto que de costume.

— Vamos fazer uma distinção. Gilbert Osmond com certeza não é o primeiro candidato. É um homem que, em condições favoráveis, poderia muito bem causar boa impressão. Já causou boa impressão, que eu saiba, mais de uma vez.

— Não venha contar-me sobre seus casos de amor, com toda a certeza muito frios e racionais; não significam nada para mim! — exclamou a senhora Touchett. — O que você diz é a razão exata por que quero que ele pare suas visitas. Ele nada possui no mundo a não ser uma dúzia, talvez, de telas famosas e uma filha mais ou menos engraçadinha.

— As telas agora valem bastante dinheiro — disse madame Merle —, e a filha é uma criatura muito jovem, muito inocente e muito inofensiva.

— Em outras palavras, é uma pirralha insípida. É isso que quer dizer? Não tendo fortuna, não poderá casar como se casa aqui, de modo que Isabel terá que fornecer a ela ou sustento ou dote.

— Isabel provavelmente não teria objeções a ser generosa. Acho que gosta da pobrezinha.

— Outra razão para o senhor Osmond ficar em casa! Senão, daqui a uma semana, vamos ter minha sobrinha chegando à conclusão de que sua missão na vida é provar que uma madrasta pode sacrificar-se — e que, para provar isso, primeiro terá que se tornar uma madrasta.

— Ela seria uma madrasta encantadora — disse madame Merle, com um sorriso —, mas concordo plenamente com você que é melhor que ela não tome uma decisão apressada sobre sua missão. Mudar o formato da missão de alguém é quase tão difícil quanto mudar o formato do nariz: um está no meio do rosto e a outra no meio do caráter; é preciso começar desde o começo. Mas vou investigar e lhe direi alguma coisa.

Tudo isso se passava totalmente às costas de Isabel; não desconfiava de que suas relações com o

senhor Osmond estivessem sendo discutidas. Madame Merle nada dissera para não pô-la de sobreaviso; não se referia com mais ênfase a ele do que aos outros cavalheiros de Florença, italianos ou estrangeiros, que agora compareciam em grande número para prestar suas homenagens à tia da senhorita Archer. Isabel achava-o interessante — era assim que o via; era assim que gostava de pensar nele. Trouxera consigo da visita à colina uma imagem que o conhecimento subsequente que adquirira dele nada fizera para apagar, e que, para ela, apresentava especial harmonia com outras coisas supostas e adivinhadas, histórias dentro de histórias: a imagem de um homem calado, inteligente, sensível e distinto, passeando num terraço coberto de musgo, acima do suave vale do Arno, e segurando a mão de uma menina cujo alvor cristalino conferia novo encanto à infância. O quadro não tinha esplendores, mas ela gostava do seu tom comedido e da atmosfera de crepúsculo de verão que o permeava. Falava do tipo de questão pessoal que a tocava mais de perto: da escolha entre objetos, assuntos, relações — como poderia dizer? — de interesse ralo ou de interesse abundante; de uma vida solitária, de estudo, numa região belíssima; de uma tristeza antiga que às vezes doía no presente; de um sentimento de orgulho quem sabe exagerado, mas dotado de um elemento de nobreza; de um zelo pela beleza e pela perfeição, tão natural e ao mesmo tempo tão cultivado que tal ocupação parecia estender-se lá embaixo, até o cenário bem disposto e nas graduações de escadarias e terraços e fontes de um jardim italiano formal — fazendo concessões apenas a lugares áridos, refrescados pelo orvalho natural da condição singular de pai, meio ansiosa, meio desamparada. No Palazzo Crescentini, os modos do senhor Osmond permaneciam iguais; retraído, a princípio — oh, tímido, sem dúvida! —, mas cheio do esforço (visível apenas a um olhar amigo) de superar tal desvantagem, esforço esse que costumava resultar em conversa abundante, fácil, animada, muito positiva, um tanto agressiva, sempre sugestiva. A conversa do senhor Osmond não era afetada pela indicação de uma vontade de brilhar; Isabel não achava difícil acreditar que uma pessoa que ostentava tantos sinais de forte convicção fosse sincera — como, por exemplo, uma apreciação explícita e graciosa de qualquer coisa que pudesse ouvir em favor do lado da questão que ele abraçava, e dita, talvez, especialmente pela senhorita Archer. O que continuava a agradar a jovem era que, embora ele falasse assim por diversão, não o fazia, como ouvira em outras pessoas, por “efeito”. Expressava suas idéias como se, por estranhas que parecessem muitas vezes, estivesse acostumado a elas por longa convivência; cabos antigos e polidos, punhos feitos de substâncias preciosas, que poderiam ser adaptados, caso necessário, a novas bengalas — não galhos arrancados por penúria da árvore comum e depois brandidos com excessiva elegância. Um dia, levou a filha, e esta, ao apresentar a testa para ser beijada por todos os presentes no círculo, fez Isabel pensar na *ingénue* de uma peça teatral francesa. Isabel nunca tinha visto uma criança desse tipo; as meninas americanas eram muito diferentes; diferentes também eram as moças da Inglaterra. Pansy era formada e acabada para seu pequeno lugar no mundo e, no entanto, podia-se perceber que sua imaginação era inocente e infantil. Ficou sentada no sofá ao lado de Isabel; usava uma pequena capa de tecido leve e um par de luvas que madame Merle lhe dera — pequenas luvas cinzentas de botão único. Ela era como uma folha de papel em branco — a *jeune fille* ideal da ficção estrangeira. Isabel tinha esperança de que uma página tão bonita e limpa viesse a ser coberta por um texto edificante.

A condessa Gemini também foi visitá-la, mas essa era um caso bem diferente. Não era de modo algum uma folha em branco; já se escrevera nela com caligrafias bem variadas, e a senhora Touchett, que não se sentia nem um pouco honrada com a visita dela, declarou que vários borrões inconfundíveis podiam ser vistos na superfície. A condessa de fato deu ensejo a uma certa discussão entre a dona da casa e a visitante de Roma, na qual madame Merle (que não era tola a ponto de irritar as pessoas por sempre concordar com elas) valeu-se com grande felicidade da ampla licença de discordar daquilo que sua anfitriã permitia com tanta liberdade quanto praticava. A senhora Touchett declarara ser muita audácia daquele caráter tão comprometido apresentar-se naquela hora do dia à porta de uma casa em que era tão pouco apreciada, como deveria saber que o era, no Palazzo Crescentini. Isabel fora posta a par da opinião vigente sob aquele teto: a irmã do senhor Osmond era representada como uma dama que administrara tão mal suas impropriedades que estas tinham deixado de formar um todo — o mínimo que se exigia em tais assuntos — e tinham se tornado meros fragmentos flutuantes de uma reputação destroçada, entravando sua circulação social. Ela fora casada pela mãe — pessoa mais administradora, com um gosto por títulos estrangeiros que a filha, para fazer-lhe justiça, provavelmente já jogara fora àquela altura — com um nobre italiano que talvez tenha lhe dado algum motivo para tentar saciar a consciência de ultraje. A condessa, porém, tinha se consolado de forma ultrajante, e a lista de suas desculpas estava agora perdida no labirinto de suas aventuras. A senhora Touchett nunca tinha consentido em recebê-la, embora há muito a condessa ensaiasse uma entrada. Florença não era uma cidade austera, mas, como dizia a senhora Touchett, era preciso estabelecer um limite em algum ponto.

Madame Merle defendeu a desafortunada dama com grande zelo e espírito. Não compreendia por que a senhora Touchett tinha que fazer de bode expiatório uma mulher que na verdade não fizera nenhum mal, embora fizesse o bem de modo errado. É certo que é preciso estabelecer um limite em algum ponto, mas, já que se vai fazer isso, que se faça direito: era um limite muito torto riscado a giz, o que excluía a condessa Gemini. Nesse caso, seria melhor que a senhora Touchett fechasse suas portas; talvez essa fosse a melhor atitude enquanto permanecesse em Florença. É preciso ser justo e não fazer diferenças arbitrárias: sem dúvida, a condessa tinha sido imprudente, não tinha sido tão esperta como outras mulheres. Era uma boa pessoa mas não muito inteligente; mas desde quando isso constituía razão para a exclusão da melhor sociedade? Já fazia um tempo enorme que ninguém ouvia nada a respeito dela e não poderia haver prova melhor de sua renúncia aos caminhos errados do que seu desejo de tornar-se parte do círculo da senhora Touchett. Isabel não pôde contribuir em nada para essa interessante disputa, nem mesmo dedicando atenção paciente; contentou-se com ter dado cordiais boas-vindas à pobre dama, que, fossem quais fossem seus defeitos, tinha pelo menos o mérito de ser irmã do senhor Osmond. Como gostava do irmão, Isabel julgou apropriado tentar gostar da irmã; a despeito da crescente complexidade das coisas, ainda era capaz dessas seqüências primitivas. Não tivera a melhor das impressões ao conhecer a condessa na *villa*, mas agradecia a oportunidade de reparar o acaso. O senhor Osmond não tinha dito que ela era uma pessoa respeitável? Vinda de Gilbert Osmond, essa era uma afirmação crua, mas madame Merle despejou sobre ela um certo verniz embelezador. Contou mais a Isabel sobre a pobre condessa do que o senhor Osmond fizera, e relatou a história de seu casamento e de suas

conseqüências. O conde era membro de uma antiga família da Toscana, mas com patrimônio tão pequeno que ficara contente por aceitar Amy Osmond, a despeito da questionável beleza que ainda não lhe tinha estorvado a carreira, com o modesto dote que a mãe pôde oferecer — quantia equivalente àquela que já tinha formado o quinhão do irmão. Desde então, porém, o conde Gemini tinha herdado dinheiro e agora estavam bem de vida, pelo menos para os italianos, embora Amy fosse terrivelmente extravagante. O conde era um bruto de hábitos baixos; dera à mulher inúmeros pretextos. Ela não tinha filhos; perdera três com menos de um ano de vida. A mãe, que fora cheia de pretensões à cultura elegante, publicara poemas descritivos e escrevera sobre assuntos italianos para semanários ingleses, morrera três anos depois do casamento da condessa, e o pai, perdido na cinzenta madrugada americana da época, mas de quem se dizia já ter sido rico e tempestuoso, tinha morrido muito antes. Podia-se perceber isso em Gilbert Osmond, afirmava madame Merle — perceber que tinha sido criado por uma mulher, embora, para fazer-lhe justiça, pudesse se imaginar que fosse uma mulher mais sensata que a Corinne americana, como a senhora Osmond gostava de ser chamada. Trouxera os filhos para a Itália depois que o marido morrera, e a senhora Touchett lembrava-se dela durante o primeiro ano que se seguiu à sua chegada. Achou-a uma esnobe terrível, mas isso demonstrava irregularidade de opinião por parte da senhora Touchett, pois ela, como a senhora Osmond, aprovava casamentos políticos. A condessa era muito boa companhia e, na verdade, não a cabeça oca que parecia ser; tudo o que se tinha a fazer era observar a simples condição de não acreditar numa palavra do que ela dizia. Madame Merle sempre a aceitara da melhor maneira por causa do irmão; ele apreciava qualquer gesto bom demonstrado a Amy, porque (se é que isso tem que ser confessado em nome dele) sentia de um certo modo que ela tinha humilhado o nome que lhes era comum. Naturalmente ele não podia gostar do estilo, da estridência, do egoísmo, das violações do bom gosto e, acima de tudo, da verdade, por parte dela. A irmã afetava-lhe os nervos, não era o *seu* tipo de mulher. E qual era o seu tipo de mulher? Oh, bem o oposto da condessa, uma mulher para quem a verdade fosse sagrada. Isabel não sabia dizer quantas vezes, no espaço de meia hora, sua visitante a profanara: de fato, a condessa dera-lhe a impressão de uma sinceridade um tanto tola. Falara quase que exclusivamente sobre si mesma; como gostaria de conhecer melhor a senhorita Archer; como ficaria contente de ter uma verdadeira amiga; como eram vulgares as pessoas de Florença; como ela estava cansada dali; quanto gostaria de morar em outro lugar — em Paris, Londres ou Washington; como era impossível conseguir algo bonito para usar na Itália que não fosse renda antiga; como o mundo estava ficando caro; quantos sofrimentos e privações tinha passado na vida. Madame Merle ouviu com atenção o relato de Isabel nesse particular, mas não precisou dele para se livrar da ansiedade. No todo, não temia a condessa e podia dar-se ao luxo de fazer o que era o melhor: não demonstrar temê-la.

Entrementes, Isabel tinha outra visitante a quem não era fácil proteger, mesmo pelas costas: Henrietta Stackpole, que saíra de Paris após a partida da senhora Touchett para San Remo e fora, como dizia, ganhando seu sustento enquanto passava pelas cidades do Norte da Itália, chegando às margens do Arno em meados de maio. Madame Merle avaliou-a a um simples olhar, aquilatou-a dos pés à cabeça e, após uma pontada de desespero, decidiu aturá-la. Decidiu, aliás, gostar da

companhia dela. Ela não servia para ser cheirada como uma rosa, mas podia ser agarrada como uma urtiga. Madame Merle espremeu-a com gênio até a insignificância, e Isabel sentiu que, ao prever tal liberalidade, tinha feito justiça à inteligência da amiga. A chegada de Henrietta fora anunciada pelo senhor Bantling, que, vindo de Nice enquanto ela estava em Veneza e esperando encontrá-la em Florença, o que ainda não tinha acontecido, apareceu no Palazzo Crescentini para expressar seu desapontamento. O advento mesmo de Henrietta ocorreu dois dias mais tarde e produziu no senhor Bantling uma emoção amplamente fundamentada no fato de ele não tê-la visto desde o término do episódio em Versalhes. A atitude geral era divertida quanto à situação dele, mas expressada apenas por Ralph Touchett, que na intimidade de seus aposentos, enquanto Bantling lá fumava um charuto, entregava-se a sabe-se lá que alta comédia sobre a questão da grande julgadora e seu patrono britânico. Esse cavalheiro aceitou a brincadeira de bom grado e confessou candidamente que considerava o caso como uma positiva aventura intelectual. Gostava muitíssimo da senhorita Stackpole; achava que tinha cabeça muito assentada e sábia e sentia-se muito bem na companhia de uma mulher que não estava perpetuamente pensando sobre o que iriam dizer, e sobre o que iria parecer o que ela fazia ou o que *elas* faziam — e os dois tinham feito coisas! A senhorita Stackpole nunca ligava para o que poderiam pensar e, se ela não ligava, então por que ele ligaria? Mas a curiosidade dele fora provocada; queria muito ver se algum dia *ela* ligaria. Estava preparado para ir tão longe quanto ela — não via por que deveria ceder primeiro.

Henrietta não dava sinal de estar cedendo. Suas perspectivas tinham melhorado depois de partir da Inglaterra e agora estava em pleno gozo de seus copiosos recursos. Na verdade, fora obrigada a sacrificar suas esperanças com relação à vida íntima; a questão social, no continente, era repleta de dificuldades, ainda mais numerosas do que as que encontrara na Inglaterra. Mas, no continente, havia a vida exterior, palpável e visível a cada instante, e de conversão mais fácil ao uso literário que os costumes daqueles ilhéus opacos. Ao ar livre, em países estrangeiros, como observava com habilidade, aparentemente se via o lado direito da tapeçaria; ao ar livre, na Inglaterra, via-se o avesso, o que não dava nenhuma noção do desenho. É doloroso para este narrador admitir, mas Henrietta, desesperançada de coisas mais ocultas, dedicava agora mais atenção à vida exterior. Estivera a estudá-la durante dois meses em Veneza, tendo enviado dessa cidade para o *Interviewer* um relato consciencioso sobre as gôndolas, sobre a *Piazza*, sobre a Ponte dos Suspiros, os pombos, e o jovem gondoleiro que declamava Tasso. O *Interviewer* talvez tenha se desapontado, mas Henrietta pelo menos estava vendo a Europa. Seu propósito agora era descer até Roma, antes que a malária atacasse — aparentemente supunha que isso começasse num dia determinado, e com tal desígnio iria passar apenas alguns dias em Florença. O senhor Bantling deveria ir a Roma com ela e, conforme enfatizou para Isabel, como ele já tinha estado lá, como era um militar e tinha tido educação clássica — fora aluno de Eton, onde não se estuda nada a não ser latim e Whyte-Melville, disse a senhorita Stackpole —, ele iria ser companheiro de extrema utilidade na cidade dos Césares. A essa altura, Ralph teve a feliz idéia de propor a Isabel que ela também, na companhia dele, fizesse uma peregrinação a Roma. Ela tencionava passar uma parte do inverno seguinte lá — isso estava bem; mas, nesse meio-tempo, não havia nada de mau em dar uma olhada no local. Faltavam dez

dias para terminar o belo mês de maio — o mais precioso dos meses para o verdadeiro amante de Roma. E Isabel iria tornar-se amante de Roma: isso era sabido de antemão. Ela dispunha de uma confiável companheira de seu próprio sexo, cujo convívio, graças ao fato de haver outros chamados disputando a atenção dessa dama, provavelmente não seria opressivo. Madame Merle ficaria com a senhora Touchett; deixara Roma no verão e não gostaria de voltar. Disse estar encantada de ser deixada em paz em Florença; tinha trancado o apartamento e mandado a cozinheira para Palestrina. Porém, instou com Isabel para que aceitasse a proposta de Ralph e assegurou-lhe que uma boa apresentação a Roma não era coisa que se desprezasse. Isabel, na verdade, não precisava de que instassem com ela, e o grupo de quatro combinou a pequena excursão. Nessa ocasião, a senhora Touchett tinha se resignado à ausência de uma dama de companhia; vimos que ela agora estava mais inclinada a acreditar que a sobrinha deveria lidar com as coisas sozinha. Um dos preparativos de Isabel consistiu em ver Gilbert Osmond antes de partir e mencionar a ele sua intenção.

— Eu gostaria de estar em Roma com a senhorita — comentou ele. — Gostaria de vê-la nesse local maravilhoso.

Ela mal hesitou.

— O senhor poderia vir então.

— Mas vai haver muita gente com a senhorita.

— Ah — admitiu Isabel —, é claro que não vou estar sozinha.

Durante um breve instante, ele nada mais disse. Por fim, continuou:

— Vai gostar de lá. Estragaram a cidade, mas a senhorita ficará maravilhada com ela.

— Eu deveria desgostar dela porque a pobre coitada, a Níobe das nações, foi estragada? — perguntou.

— Não, acho que não. Foi estragada muitas vezes — disse ele, com um sorriso. — Se eu for, o que farei com a minha garotinha?

— Não pode deixá-la na *villa*?

— Não sei se gostaria de fazer isso, embora haja uma senhora de idade, muito boa, para cuidar dela. Não tenho condições de ter uma governanta.

— Leve-a, então — disse Isabel, de imediato.

O senhor Osmond assumiu uma expressão grave.

— Ela esteve em Roma o inverno todo, no convento, e é pequena demais para fazer viagens de prazer.

— Não gosta que ela saia para o mundo? — perguntou Isabel.

— Não, acho que meninas deveriam ser mantidas fora do mundo.

— Eu fui criada num sistema diferente.

— A senhorita? Oh, com a senhorita deu bom resultado porque era... era excepcional.

— Não vejo por quê — contrapôs Isabel, que, contudo, não tinha certeza se não havia alguma verdade no que ouvia.

O senhor Osmond não explicou; limitou-se a continuar:

— Se eu achasse que juntar-se a um grupo social em Roma faria com que ela se parecesse com a

senhorita, levá-la-ia amanhã mesmo para lá.

— Não a faça parecer-se comigo — disse Isabel. — Deixe que seja ela mesma.

— Eu poderia mandá-la para a casa da minha irmã — comentou o senhor Osmond. Era quase como se pedisse um conselho; parecia gostar de falar de seus assuntos domésticos com a senhorita Archer.

— Sim — concordou ela. — Acho que isso não contribuiria muito para fazê-la parecer-se comigo!

Depois que ela saiu de Florença, Gilbert Osmond encontrou madame Merle na casa da condessa Gemini. Havia outras pessoas presentes; o salão da condessa em geral estava cheio e a conversa era generalizada. Mas depois de alguns instantes Osmond saiu de onde estava e foi sentar-se numa otomana, meio atrás, meio ao lado da cadeira de madame Merle.

— Ela quer que eu vá para Roma com ela — comentou em voz baixa.

— Ir com ela?

— Quer que eu esteja lá enquanto ela estiver. Ela propôs isso.

— Suponho que queira dizer que você propôs e ela aceitou.

— É claro que lhe dei a oportunidade. Mas ela me encoraja — me encoraja bastante.

— Alegro-me em ouvir isso, mas não proclame vitória tão rápido. É claro que você vai a Roma.

— Ah — disse Osmond —, dá trabalho essa sua idéia!

— Não finja não gostar; está sendo muito ingrato. Não se ocupa em coisa tão boa há muitos anos.

— O modo como toma isso tudo é bonito — disse Osmond. — Eu deveria ser-lhe grato.

— Não tanto assim — respondeu madame Merle. Falava com seu sorriso habitual, recostada na cadeira e relanceando o olhar pelo salão. — Você causou muito boa impressão e eu percebo por conta própria que também recebeu boa impressão. Não foi sete vezes à casa da senhora Touchett para fazer-me um favor.

— A moça não é desagradável — admitiu Osmond, tranqüilamente.

Madame Merle volveu o olhar para ele por um momento, enquanto seus lábios comprimiam-se com certa firmeza.

— É só isso que encontra para dizer sobre essa esplêndida criatura?

— Só? Não é bastante? De quantas pessoas já me ouviu dizer mais?

Ela não deu resposta a isso, mas continuou exibindo sua aparência de boa conversa para a sala. Por fim, murmurou:

— Você é insondável. Temo pelo abismo em que a terei lançado.

Ele recebeu isso quase com alegria.

— Não pode voltar atrás; já foi muito longe.

— Muito bem, mas você deverá fazer o resto sozinho.

— Farei — retrucou Gilbert Osmond.

Madame Merle permaneceu em silêncio, e ele mudou novamente de lugar; e, quando ela se levantou para ir embora, ele também se despediu. A vitória da senhora Touchett esperava a hóspede no pátio, e, depois de ajudar a amiga a embarcar, ele ficou lá parado impedindo-a de ir.

— Você é muito indiscreto — disse ela, num tom um tanto cansado —, não deveria ter saído quando saí.

Ele tirou o chapéu e passou a mão pela testa.

— Sempre esqueço; estou desabitado.

— Você é mesmo insondável — repetiu ela, lançando um olhar para as janelas da casa, uma construção moderna na parte nova da cidade.

Ele não deu atenção ao comentário, mas continuou falando sobre o que lhe interessava.

— Ela é de fato encantadora. Acho que conheci poucas pessoas tão graciosas.

— Faz-me bem ouvi-lo dizer isso. Quanto mais gostar dela, melhor para mim.

— Gosto muito dela. É tudo o que você descreveu e, além disso, capaz, eu sinto, de grande devoção. Só tem um defeito.

— Qual é?

— Idéias demais.

— Avisei que ela era inteligente.

— Felizmente são idéias muito ruins — disse Osmond.

— Por que felizmente?

— Ora, se têm que ser sacrificadas...

Madame Merle recostou-se no assento, olhando fixo à frente, depois deu uma ordem ao cocheiro. Mas o amigo deteve-a de novo.

— Se eu for para Roma, o que devo fazer com Pansy?

— Eu irei vê-la — respondeu madame Merle.

* Jiga: antiga dança italiana, de movimentos rápidos. (N. R.)

Não vou tentar relatar por completo a reação de nossa jovem ao profundo apelo de Roma, analisar seus sentimentos enquanto caminhava pelo pavimento do Fórum ou contar suas pulsações ao cruzar a soleira da Basílica de São Pedro. Basta dizer que a impressão dela foi a que se podia esperar de uma pessoa com seu frescor e avidez. Ela sempre gostara muito de história, e lá estava a história nas pedras da rua e nos átomos da luz do sol. Sua imaginação acendia-se com a menção de grandes feitos, e para onde quer que olhasse algum grande feito fora realizado. Tais coisas causavam-lhe grande emoção, mas tudo apenas no íntimo. Parecia a seus companheiros que falava menos do que de hábito, e Ralph Touchett, parecendo estar olhando desinteressado e desajeitado por cima da cabeça dela, estava na verdade dedicando-lhe intensa observação. Pelos seus próprios padrões, ela estava muito feliz; estava até disposta a julgar esses momentos os mais felizes que já vivera. A sensação do terrível passado humano era pesada para ela, mas algo muito contemporâneo iria de repente dar-lhe asas que poderiam ser agitadas no azul. Sua consciência estava tão confusa que mal sabia aonde partes diferentes dela a levariam e andava num êxtase reprimido de contemplação, muitas vezes vendo nas coisas que olhava muito mais do que nelas havia, e no entanto não vendo muitos dos itens discriminados no seu guia *Murray*. Como dizia Ralph, Roma colocava em evidência o momento psicológico. O tropel dos turistas a ecoar já cessara e a maioria dos lugares tinha voltado à sua solenidade. O céu era de um deslumbrante azul e o rumorejar das fontes em seus nichos musgosos tinha perdido a frieza e redobrado sua música. Nas esquinas das ruas cálidas e claras, tropeçava-se em braçadas de flores. Nossos amigos tinham ido, uma tarde — no terceiro dia —, olhar as recentes escavações do Fórum, cujas obras já há algum tempo vinham sendo muito ampliadas. Desceram da rua moderna para o nível da Via Sacra, ao longo da qual caminharam compasso reverente mas não igual por parte de cada um. Henrietta Stackpole estava impressionada com o fato de a Roma antiga ter sido calçada de modo bastante semelhante a Nova York, e encontrou até mesmo analogia entre os fundos sulcos visíveis das bigas na rua antiga e os sulcos barulhentos do ferro que expressam a intensidade da vida americana. O sol começara a se pôr, o ar era uma névoa dourada e as longas sombras de colunas partidas e vagos pedestais projetavam-se sobre o campo de ruínas. Henrietta afastou-se com o senhor Bantling, a quem aparentemente gostava de ouvir falar sobre Júlio César como “um sujeito atrevido”, e Ralph dirigiu as explicações que tinha para dar ao ouvido atento de nossa heroína. Um dos humildes arqueólogos que ficam por lá pusera-se à disposição dos dois e repetia com fluência sua lição, que o declínio da tarde em nada prejudicara. Uma obra em escavação estava em andamento num canto distante do Fórum; ela logo observou que, se agradasse aos *signori* ir vê-la, talvez houvesse algo interessante. A proposta interessou mais a Ralph que a Isabel, cansada de tanto andar; assim ela disse ao companheiro que satisfizesse sua curiosidade enquanto ela esperava pacientemente pelo

seu retorno. A hora e o lugar estavam muito a seu gosto — ela gostaria de ficar sozinha por um breve instante. Então Ralph foi com o guia enquanto Isabel se sentava numa coluna caída perto dos alicerces do Capitólio. Queria um breve espaço de solidão, mas não teve muito tempo para gozá-lo. Por maior que fosse seu interesse nas rudes relíquias do passado romano espalhadas à sua volta e nas quais a corrosão de séculos ainda deixara tanta vida, seu pensamento, após pousar por um instante em tais coisas, divagou, por meio de uma concatenação de etapas, cujo acompanhamento exigiria certa sutileza, para regiões e objetos dotados de um apelo mais ativo. Do passado romano para o futuro de Isabel Archer havia um longo passo, mas a imaginação dela o galgara num só vôo e agora pairava em círculos lentos sobre o campo mais próximo e mais rico. Estava tão absorta em seus pensamentos, olhando para uma linha de lajes rachadas mas não deslocadas cobrindo o solo a seus pés, que não ouviu o som de passos se aproximando, até uma sombra cair sobre sua linha de visão. Levantou o olhar e viu um cavalheiro — um cavalheiro que não era Ralph de volta para dizer que as escavações eram enfadonhas. Essa personagem ficou tão espantada quanto ela; ficou de pé ali, descobrindo a cabeça ante a perceptível palidez de sua surpresa.

— Lorde Warburton! — exclamou Isabel, levantando-se.

— Eu não tinha idéia que fosse a senhorita. Virei-me e a vi de repente.

Ela olhou em volta para explicar.

— Estou sozinha, mas meus companheiros acabaram de se separar de mim. Meu primo foi olhar uma obra ali.

— Ah, sim, percebo. — E o olhar de lorde Warburton desviou-se vagamente na direção indicada por ela. Agora estava firme à frente dela; tinha recobrado o equilíbrio e parecia querer demonstrá-lo, mas com muita delicadeza. — Não gostaria de importuná-la — continuou, olhando para o pilar tombado em que ela estava sentada. — Receio que esteja cansada.

— Sim, estou um pouco — hesitou por um momento, mas voltou a sentar-se. — Não quero interferir em *seu* passeio — acrescentou.

— Oh, não, estou sozinho, não tenho nada para fazer. Nem imaginava que a senhorita estivesse em Roma. Acabei de chegar do Oriente. Só estou aqui de passagem.

— Esteve fazendo uma longa viagem — disse Isabel, que soubera por Ralph que lorde Warburton estava fora da Inglaterra.

— Sim, fui viajar por seis meses, logo depois da última vez em que a vi. Estive na Turquia e na Ásia Menor; cheguei outro dia de Atenas... — Ele conseguiu não parecer embaraçado, mas não estava à vontade, e após um olhar mais longo à moça foi fiel à própria natureza. — Quer que eu vá embora ou deixará que eu fique um pouquinho?

Ela reagiu, afável.

— Não quero que vá embora, lorde Warburton; estou muito contente por vê-lo.

— Obrigado por dizer isso. Posso sentar?

A coluna canelada que ela estava usando como assento comportaria várias pessoas e havia lugar bastante mesmo para um inglês bem crescido. Esse excelente espécimen daquela grande classe sentou-se perto de nossa jovem e, no decorrer de cinco minutos, fez-lhe várias perguntas um tanto

ao acaso, e cujas respostas pareceu de algum modo ter perdido, pois fez algumas delas mais de uma vez; também deu a ela algumas informações sobre ele próprio que não passaram despercebidas ao mais calmo senso feminino dela. Ele repetiu mais de uma vez que não tinha esperado vê-la, e era evidente que o encontro afetava-o de tal modo que uma preparação teria sido recomendável. Pôs-se a passar abruptamente da impunidade das coisas para sua solenidade e de serem elas maravilhosas para serem impossíveis. Estava esplendidamente bronzeado; até mesmo sua barba farta tinha sido queimada pelo sol da Ásia. Usava as roupas confortáveis e heterogêneas que o viajante inglês costuma usar em países estrangeiros, para atender a sua comodidade e afirmar sua nacionalidade; e, com o olhar agradável e firme, pele bronzeada, fresca por sob o moreno, a figura varonil, os modos modestos e o ar geral de ser um cavalheiro e um explorador, era um representante da raça britânica que não envergonharia em localidade alguma àqueles que têm preferência por ela. Isabel notou essas coisas e alegrou-se de ter gostado sempre dele. Ele conservara, evidentemente, a despeito de choques, todos os seus méritos — propriedades essas inerentes à essência das grandes e decentes casas, poder-se-ia dizer, semelhantes a seus pertences e ornamentos mais íntimos, não sujeitos a mudanças vulgares e removíveis apenas por alguma destruição completa. Falaram dos assuntos naturalmente em pauta: da morte do tio dela, do estado de saúde de Ralph, de como passara o inverno, da visita a Roma, da volta a Florença, de seus planos para o verão, em que hotel estava hospedada; e depois das aventuras do próprio lorde Warburton, de seus movimentos, suas intenções, impressões e presente domicílio. Por fim, caiu o silêncio, e este dizia tão mais que qualquer um dos dois dissera que quase prescindia das palavras finais dele:

— Escrevi-lhe várias vezes.

— Para mim? Nunca recebi suas cartas.

— Nunca as mandei. Queimei-as todas.

— Ah — disse Isabel com uma risada —, foi melhor que o fizesse do que eu!

— Achei que não gostaria delas — continuou ele, com uma simplicidade que a comoveu. —

Pareceu-me que, afinal de contas, eu não tinha o direito de incomodá-la com cartas.

— Eu teria ficado muito contente em saber notícias suas. Sabe como eu tinha esperança de que...

de que... — mas interrompeu-se aí; expressar seu pensamento seria insípido.

— Sei o que vai dizer. Que esperava que fôssemos sempre bons amigos. — A fórmula, conforme

foi expressada por lorde Warburton, era certamente bastante insípida, mas ele estava interessado em que soasse assim.

Ela viu-se reduzida apenas a dizer:

— Por favor, não fale mais nisso — palavras que não lhe pareceram nada melhores que as outras.

— É um pequeno consolo que me concede! — exclamou com força seu companheiro.

— Não tenho pretensões de consolá-lo — respondeu a jovem, que, bem tranqüila ali, voltou com uma espécie de triunfo íntimo à resposta que tão pouco o satisfizera seis meses antes. Ele era agradável, era poderoso, era galante; não havia homem melhor que ele. Mas sua resposta ainda era a mesma.

— Está muito bem que não tente consolar-me; não estaria em seu poder — ela ouviu, sob a sensação de uma estranha exaltação.

— Esperava que nos encontrássemos de novo porque não receava que iria fazer-me sentir que o tratara mal. Mas, quando faz assim, a dor é maior que o prazer. — E, dizendo isso, ela levantou-se com uma certa majestade consciente, procurando com o olhar os companheiros.

— Não quero que sinta isso; é claro que não posso dizer isso. Só quero que saiba uma ou duas coisas, para ser justo comigo, por assim dizer. Não voltarei ao assunto. Senti com intensidade o que lhe expressei no ano passado; não conseguia pensar em mais nada. Tentei esquecer, com energia, com método. Tentei interessar-me por outra pessoa. Digo-lhe isto porque quero que saiba que cumpri meu dever. Não tive sucesso. Foi com o mesmo propósito que fui viajar para tão longe quanto possível. Dizem que viajar distrai a mente, mas não distraiu a minha. Tenho pensado na senhorita o tempo todo, desde a última vez em que a vi. Estou exatamente na mesma. Amo-a tanto quanto antes e tudo o que lhe disse naquela ocasião continua sendo verdadeiro. Neste instante em que lhe falo, fica demonstrado para mim exatamente quanto, para minha grande desventura, a senhorita me *encanta*. É isso, não posso dizer menos. Porém, não tenciono insistir; é só por um instante. Gostaria de acrescentar que quando a encontrei há poucos minutos, sem ter a mínima idéia de vê-la, eu estava, palavra de honra, desejando saber onde a senhorita estava. — Ele tinha recuperado o autocontrole e, enquanto falava, este tornou-se absoluto. Poderia estar falando a um pequeno comitê, fazendo com toda a tranqüilidade e clareza uma declaração importante, auxiliado por uma olhadela ocasional a anotações escondidas no chapéu, que não tornara a colocar na cabeça. E o comitê, sem sombra de dúvida, teria a coisa como provada.

— Eu pensei muitas vezes no senhor, lorde Warburton — respondeu Isabel. — Pode ter certeza de que sempre o farei. — E acrescentou num tom em que buscou acentuar a boa vontade e reduzir o significado: — Não há mal nisso, para nenhum de nós.

Puseram-se a caminhar juntos, e ela logo lhe perguntou sobre as irmãs, pedindo-lhe que lhes enviasse lembranças. Naquele momento, ele absteve-se de tocar outra vez na grande questão, mas mergulhou em águas mais rasas e mais seguras. Quis saber quando ela deixaria Roma, e, quando ela mencionou o limite de sua estada, declarou-se contente por ainda estar tão distante.

— Por que diz isso, se o senhor só está aqui de passagem? — indagou com certa ansiedade.

— Ah, quando eu disse que estava de passagem, não quis dizer que trato Roma como se fosse Clapham Junction. Passar por Roma significa ficar uma ou duas semanas.

— Seja franco e diga que pretende ficar tanto tempo quanto eu.

O sorriso ruborizado dele, por um instante, pareceu sondá-la.

— Não vai gostar. Tem medo de me ver muito.

— Não importa do que gosto. Certamente não posso esperar que deixe este lugar delicioso por minha causa. Mas confesso que estou com medo do senhor.

— Com medo de que eu recomece? Prometo tomar muito cuidado.

Aos poucos, tinham parado e ficaram por um momento frente a frente.

— Pobre lorde Warburton! — disse ela, com uma compaixão que pretendia que fosse boa para ambos.

— Pobre lorde Warburton mesmo! Mas vou tomar cuidado.

— Pode ser que o senhor esteja infeliz, mas não fará a *mim* infeliz. Isso não posso permitir.

— Se eu acreditasse que poderia fazê-la infeliz, acho que tentaria. — Ao ouvir isso, ela pôs-se a andar na frente e ele seguiu-a, completando: — Jamais direi uma palavra que a desagrade.

— Muito bem. Se o fizer, nossa amizade terminará.

— Talvez um dia, depois de um tempo, a senhorita me dê permissão.

— Permissão para fazer-me infeliz?

Ele hesitou.

— Para dizer-lhe outra vez... — Mas interrompeu-se. — Vou conter-me. Sempre me conterei.

Henrietta Stackpole e seu acompanhante tinham se juntado a Ralph Touchett em sua visita às obras de escavação e os três surgiram por entre os montes de terra e pedra empilhados em volta da abertura e depararam com Isabel e seu companheiro. O pobre Ralph cumprimentou o amigo com alegria mesclada de admiração, e Henrietta exclamou em voz estridente.

— Meu Deus, olha aquele lorde! — Ralph e seu vizinho inglês cumprimentaram-se com a austeridade empregada pelos vizinhos ingleses após longas separações, e a senhorita Stackpole pousou seu olhar franco e intelectual sobre o viajante bronzeado. Mas em seguida esclareceu sua relação com o momento. — Imagino que não se lembre de mim, senhor.

— Lembro-me muito bem — disse lorde Warburton. — Convidei-a a visitar-me e a senhorita nunca foi.

— Não vou a todo lugar a que sou convidada — respondeu a senhorita Stackpole, com frieza.

— Ah, bom, não vou mais convidá-la — disse o dono de Lockleigh, rindo.

— Se me convidar, irei; portanto esteja certo!

Apesar de toda a hilaridade, lorde Warburton parecia estar certo o bastante. O senhor Bantling tinha permanecido por perto, sem exigir reconhecimento, mas aproveitou a oportunidade para cumprimentar o lorde com um aceno de cabeça, obtendo como resposta um cordial “oh, você por aqui, Bantling?” e um aperto de mão.

— Não sabia que o conhecia! — disse Henrietta.

— Acho que não sabe quem são todas as pessoas que conheço — retrucou o senhor Bantling, em tom de brincadeira.

— Pensei que quando um inglês conhece um lorde, sempre contasse para a gente.

— Ah, receio que Bantling tenha vergonha de mim — disse lorde Warburton, rindo de novo. Isabel sentiu prazer com isso; deu um pequeno suspiro de alívio ao se encaminharem para o hotel.

O dia seguinte era domingo; Isabel passou a manhã compondo duas longas cartas: uma para sua irmã Lily, a outra para madame Merle, mas em nenhuma das epístolas mencionou o fato de um pretendente rejeitado tê-la ameaçado com novo apelo. Nas tardes de domingo, todos os bons romanos (e os melhores romanos muitas vezes são os bárbaros do Norte) seguem o costume de ir às vésperas na Basílica de São Paulo, e ficara combinado entre nossos amigos que iriam todos juntos à grande igreja. Após o almoço, uma hora antes de a carruagem chegar, lorde Warburton apresentou-se no Hôtel de Paris para fazer uma visita às duas damas, pois Ralph Touchett e o senhor Bantling tinham saído. O visitante parecia querer provar a Isabel sua intenção de manter a promessa que lhe fizera na tarde anterior; estava ao mesmo tempo discreto e franco — nem mesmo vagamente inoportuno ou remotamente intenso. Assim, deixava-a julgar por si mesma que amigo

bom e simples ele podia ser. Conversou sobre suas viagens, sobre a Pérsia, a Turquia, e, quando a senhorita Stackpole perguntou-lhe se valeria a pena visitar tais países, ele assegurou-lhe que ofereciam vasto campo para a iniciativa feminina. Isabel fez-lhe justiça, mas perguntou a si mesma qual seria o propósito dele e o que esperaria ganhar, mesmo provando a linhagem superior de sua sinceridade. Se esperava demovê-la mostrando que bom sujeito era, podia poupar-se o trabalho. Ela conhecia a linhagem superior de tudo o que se referia a ele e nada que pudesse fazer agora seria necessário para clarear essa imagem. Além disso, o fato de ele estar em Roma afetava-a como uma complicação do tipo errado — a ela, que gostava tanto de complicações do tipo certo. Apesar disso, quando, no final da visita, ele disse que também iria estar na basílica e procuraria a ela e seus amigos, Isabel foi forçada a responder que ele se sentisse à vontade para fazê-lo.

Na igreja, ao caminhar pelos pisos de mosaico, ele foi a primeira pessoa que ela encontrou. Ela não fora um dos turistas superiores que ficam “desapontados” com a Basílica de São Pedro e acham-na menor que sua fama; a primeira vez que passou por baixo da enorme cortina de couro que range e bate na entrada, a primeira vez que se viu sob a abóbada curva e distante, e viu a luz passando difusa pelo ar carregado de incenso e dos reflexos de mármore e dourado, de mosaico e bronze, seu conceito de grandeza aumentou e o fez de maneira vertiginosa. Depois disso, nunca lhe faltou espaço para levantar vôo. Ela contemplava e admirava-se como uma criança ou um camponês, prestava seu silencioso tributo aos sublimes santos ali sentados. Lorde Warburton andava a seu lado e falava de santa Sofia de Constantinopla; ela receava, por exemplo, que ele acabasse chamando a atenção dela para sua conduta exemplar. Os serviços religiosos ainda não tinham começado, mas na basílica há muito para ser visto, e como existe algo de quase profano na vastidão do lugar, que parece destinado tanto ao exercício físico como ao espiritual, os diferentes vultos e grupos, a mistura de fiéis e espectadores podem seguir suas várias intenções sem conflito ou escândalo. Nessa esplêndida imensidão, a indiscrição é sentida apenas a pouca distância. Porém, Isabel e seus companheiros não foram culpados de nenhuma, pois, embora Henrietta fosse obrigada, com toda a honestidade, a afirmar que a abóbada de Michelangelo perdia em comparação com a do Capitólio de Washington, ela desabafou tal protesto em particular aos ouvidos do senhor Bantling, e reservou-o em sua forma mais acentuada para as colunas do *Interviewer*. Isabel fez a volta da igreja com o lorde, e, ao chegarem perto do coro à esquerda da entrada, as vozes dos cantores do papa foram levadas até eles por sobre as cabeças do grande número de pessoas do lado de fora das portas. Pararam por um instante nas proximidades da multidão, composta em partes iguais por romanos da classe baixa e por estrangeiros curiosos, e enquanto ali estavam o concerto sagrado continuou. Ralph, com Henrietta e o senhor Bantling, estava aparentemente lá dentro, onde Isabel, olhando para além do denso grupo diante dela, viu a luz da tarde, prateada por nuvens de incenso que pareciam misturar-se ao esplêndido canto, cair em ângulo através das reentrâncias ornamentadas das altas janelas. Depois de um tempo, o canto terminou e então lorde Warburton pareceu disposto a afastar-se com ela. Isabel só podia acompanhá-lo e, ao fazê-lo, viu-se diante de Gilbert Osmond, que parecia ter estado um pouco atrás dela. Ele aproximou-se com todas as formalidades — parecia tê-las multiplicado nessa ocasião para estar de acordo com o lugar.

— Então decidiu vir? — perguntou ela, estendendo-lhe a mão.

— Sim, cheguei ontem à noite e fui até seu hotel esta tarde. Disseram-me que tinha vindo para cá e pus-me a procurá-la.

— Os outros estão lá dentro — arriscou-se ela a dizer.

— Eu não vim pelos outros — retrucou ele, prontamente.

Ela desviou o olhar; lorde Warburton estava olhando para eles; talvez tivesse ouvido. De repente, ela lembrou-se de que era exatamente o que ele dissera na manhã em que fora a Gardencourt pedi-la em casamento. As palavras do senhor Osmond haviam-lhe trazido rubor às faces e tal reminiscência nada fez para dissipá-lo. Ela reparou qualquer traição ao mencionar a cada um dos dois o nome do outro e, felizmente, naquele momento, o senhor Bantling emergiu do coro, rompendo a multidão com bravura britânica, seguido pela senhorita Stackpole e Ralph Touchett. Digo felizmente, mas essa talvez seja uma idéia superficial sobre a questão, já que, ao ver o cavalheiro de Florença, Ralph Touchett pareceu não receber isso como motivo de alegria. Contudo, por polidez, não ficou para trás, e dali a pouco comentou para Isabel, com a devida benevolência, que logo ela teria consigo todos os seus amigos. A senhorita Stackpole tinha conhecido o senhor Osmond em Florença, mas já tivera a oportunidade de dizer a Isabel que não gostava mais dele que de seus outros admiradores — o senhor Touchett e lorde Warburton —, e ainda menos que do pequeno senhor Rosier, em Paris.

— Não sei o que você tem — atrevera-se a comentar —, mas, para uma moça agradável, realmente atrai as pessoas menos naturais. O senhor Goodwood é o único por quem tenho algum respeito, e é exatamente ele que você não aprecia.

— Qual é a sua opinião sobre a basílica? — perguntou o senhor Osmond, entrementes, à nossa jovem.

— É muito grande e muito clara — contentou-se ela em responder.

— É grande demais, faz a gente sentir-se como um átomo.

— Não seria essa a maneira certa de sentir-se no maior templo dos homens? — perguntou ela, com um certo gosto pela frase que compusera.

— Imagino que seja a maneira certa de se sentir em toda parte, quando se é ninguém. Mas eu gosto tão pouco disso numa igreja como em qualquer outro lugar.

— O senhor deveria mesmo ser papa! — exclamou Isabel, lembrando-se de algo que ele mencionara em Florença.

— Ah, eu teria gostado muito! — disse Gilbert Osmond.

Nesse meio-tempo, lorde Warburton juntara-se a Ralph Touchett, e os dois foram caminhando juntos.

— Quem é o sujeito falando com a senhorita Archer? — perguntou o lorde.

— O nome dele é Gilbert Osmond; mora em Florença — disse Ralph.

— O que é, além disso?

— Nada. Oh, sim, é americano, mas a gente acaba esquecendo isso; é bem pouco americano.

— Ele conhece a senhorita Archer há muito tempo?

— Três ou quatro semanas.

— Ela gosta dele?

— Está tentando descobrir isso.

— E vai?

— Descobrir? — perguntou Ralph.

— Vai gostar dele?

— Quer dizer se vai aceitá-lo?

— Sim — disse lorde Warburton depois de uma pausa —, receio que seja isso que quero saber.

— Talvez não, se ninguém fizer nada para evitar isso — respondeu Ralph.

O nobre encarou-o por um momento, mas depois compreendeu.

— Então devemos ficar completamente calados?

— Calados como um túmulo. E nem assim há certeza! — acrescentou Ralph.

— Certeza de que o aceitará?

— Ou de que não o aceitará.

Ao ouvir isso, a princípio, lorde Warburton permaneceu em silêncio, mas voltou a falar.

— Ele é muito inteligente?

— Muito — respondeu Ralph.

O outro pensou um pouco.

— E o que mais?

— O que mais você quer? — resmungou Ralph.

— Você quer dizer, o que mais *ela* quer?

Ralph tomou-lhe o braço para voltarem; tinham que se juntar aos outros.

— Ela não quer nada que *nós* possamos dar-lhe.

— Ah, bom, se ela não aceita *você!*... — disse o lorde, com nobreza, enquanto voltavam.

Na noite seguinte, lorde Warburton foi de novo ver os amigos no hotel e, ao chegar lá, foi informado de que tinham ido à ópera. Foi até a ópera com a idéia de visitá-los no camarote, à maneira informal dos italianos; e, depois de comprar o ingresso — era um dos teatros secundários —, deu uma olhada na sala grande, nua e mal iluminada. Um ato acabara naquele instante e, assim, pôde proceder à busca sem impedimentos. Depois de examinar uma ou duas filas de camarotes, percebeu numa das frisas maiores uma pessoa a quem reconheceu com facilidade. A senhorita Archer estava sentada de frente para o palco e um pouco escondida pela cortina do camarote, e, ao lado dela, recostado na poltrona, estava o senhor Gilbert Osmond. Pareciam estar sozinhos, e Warburton imaginou que os outros tivessem aproveitado o intervalo para desfrutar o relativo frescor do saguão. Ficou ali de pé um momento olhando para o interessante par; perguntou-se se deveria subir e perturbar a harmonia. Por fim, achou que Isabel o tinha visto e isso o fez decidir. Não deveria deixar visível uma retração. Pôs-se a caminho do andar superior, e na escada encontrou Ralph Touchett, que descia devagar, com o chapéu colocado numa posição que indicava tédio e as mãos em seu lugar habitual.

— Acabei de vê-lo lá embaixo e desci para falar com você. Sinto-me só e quero companhia — foi assim que Ralph o saudou.

— Tem companhia muito boa, a quem abandonou.

— Refere-se à minha prima? Oh, ela tem visita e não me quer. Depois, a senhorita Stackpole e o senhor Bantling foram até um café para tomar um sorvete — a senhorita Stackpole adora sorvete. Não achei que quisessem a *mim* tampouco. A ópera é muito ruim; as mulheres parecem lavadeiras e cantam como pavões. Senti-me muito deprimido.

— É melhor você ir para casa — disse lorde Warburton, sem afetação.

— E deixar minha jovem neste lugar lamentável? Ah, não, tenho que tomar conta dela.

— Ela parece ter bastantes amizades.

— Sim, é por isso que tenho que tomar conta — voltou Ralph, com a mesma melancolia profunda e zombeteira.

— Se ela não o quer, é provável que não me queira.

— Não, você é diferente. Vá até o camarote e fique lá, enquanto eu dou uma volta por aí.

Lorde Warburton foi ao camarote no qual a acolhida de Isabel foi como para um amigo de idade tão venerável que ele se perguntou vagamente que estranha província temporal ela estaria anexando. Cumprimentou o senhor Osmond, a quem fora apresentado no dia anterior e que, depois de ele chegar, permaneceu sentado em neutro retraimento e silêncio, como que repudiando competência nos temas de conversa agora prováveis. O recém-chegado notou que a senhorita Archer, em circunstâncias líricas, tinha uma radiância, até mesmo uma leve exaltação; porém, como

ela era sempre uma jovem de olhar vivo, gesto rápido e grande animação, ele pode ter se enganado a esse respeito. Além disso, sua conversa indicava presença de espírito; expressava consideração tão engenhosa e deliberada que sugeria que ela estava de posse indiscutível de suas faculdades. O pobre lorde Warburton passou por momentos de confusão. Ela o desencorajara de modo formal, tanto quanto uma mulher o faria; então, o que ela tinha a ver com tais artes e frases felizes, principalmente com tais entonações de reparação — de preparação? Sua voz tinha modulações de doçura, mas por que utilizá-las com *ele*? Os outros voltaram; a ópera despojada, familiar e trivial recomeçou. O camarote era grande e havia lugar para ele, se sentasse um pouco atrás, no escuro. Ele assim o fez durante meia hora, enquanto o senhor Osmond permanecia na frente, curvado, com os cotovelos pousados nos joelhos, bem atrás de Isabel. Lorde Warburton nada ouviu, e do seu canto sombrio nada viu, a não ser o nítido perfil dessa jovem recortado contra a fraca iluminação da sala. Quando o intervalo veio, ninguém se mexeu. O senhor Osmond pôs-se a falar com Isabel, e lorde Warburton ficou no seu canto. Mas só o fez por pouco tempo, depois levantou-se e deu boa-noite às damas. Isabel nada disse para detê-lo, mas isso não impediu que ele ficasse novamente intrigado. Por que ela deveria destacar tanto um dos seus valores — com toda certeza o errado —, quando não queria ter nada com o outro, que era o certo? Ficou com raiva de si mesmo por ficar intrigado, e depois com raiva de estar com raiva. A música de Verdi nada fez para consolá-lo, e ele saiu do teatro e caminhou para casa, sem saber por onde ia, através das tortuosas e trágicas ruas de Roma, onde desgostos mais pesados que o dele tinham sido carregados sob a luz das estrelas.

— Qual é o caráter desse cavalheiro? — perguntou Osmond a Isabel, depois de ele ter ido embora.

— Irrepreensível; não se nota?

— Ele possui metade da Inglaterra; esse é o caráter dele — observou Henrietta. — É a isso que chamam de país livre!

— Ah, ele é um grande proprietário? Felizardo! — disse Gilbert Osmond.

— Acha que é felicidade ser proprietário de miseráveis seres humanos?! — exclamou a senhorita Stackpole. — Ele é dono de seus arrendatários e tem milhares deles. É bom possuir alguma coisa, mas para mim bastam os objetos inanimados. Não insisto em ter carne, ossos, mentes e consciências.

— Parece-me que você é dona de um ou dois seres humanos — sugeriu o senhor Bantling em tom jocoso. — Será que Warburton dá ordens aos arrendatários como você dá a mim?

— Lorde Warburton é um radical — disse Isabel. — Tem idéias muito avançadas.

— Tem muros de pedra muito avançados. A propriedade dele é circundada por uma gigantesca cerca de ferro, com uns cinqüenta quilômetros de extensão — proclamou Henrietta, para conhecimento do senhor Osmond. — Eu gostaria que ele trocasse umas idéias com alguns dos nossos radicais de Boston.

— Eles não aprovam cercas de ferro? — perguntou o senhor Bantling.

— Só para encarcerar conservadores maldosos. Sempre sinto como se estivesse falando com *você* por cima de cacos de vidro.

— Conhece bem esse reformista não reformado? — Osmond continuou, perguntando a Isabel.

— O bastante para o que ele representa para mim.

— E quanto representa para a senhorita?

— Bem, gosto de gostar dele.

— “Gostar de gostar”, ora, essa é a definição de paixão! — disse Osmond.

— Não — refletiu ela —, corrija para gostar de *não* gostar.

— Então quer provocar em mim — disse Osmond, rindo — uma paixão por *ele*?

Ela nada disse por um instante, mas depois reagiu à leve pergunta com exagerada gravidade.

— Não, senhor Osmond; não creio que ousaria provocá-lo. De qualquer modo, lorde Warburton é um homem muito bom — acrescentou, mais à vontade.

— De grande habilidade? — persistiu o outro.

— De excelente habilidade e tão bom quanto parece.

— Tão bom quanto bonito, quer dizer? É um homem muito bonito. Que detestável boa sorte — ser um grande magnata inglês, ser inteligente e bonito ainda por cima e, para dar o toque final, gozar de suas boas graças! Esse é um homem a quem eu poderia invejar.

Isabel examinou-o com interesse.

— Parece que está sempre invejando alguém. Ontem era o papa; hoje é o coitado do lorde Warburton.

— Minha inveja não é perigosa, não faria mal a uma mosca. Não quero destruir as pessoas, quero apenas *ser* elas. Como vê, destruiria apenas a mim mesmo.

— Gostaria de ser o papa? — perguntou Isabel.

— Adoraria; mas deveria ter me dedicado a isso antes. Mas por que —olveu Osmond — refere-se a seu amigo como coitado?

— As mulheres, quanto são muito, muito boas, às vezes têm pena dos homens depois de magoá-los; é uma maneira de demonstrar bondade — disse Ralph, intervindo na conversa pela primeira vez e com cinismo tão transparentemente engenhoso que chegava a ser virtualmente inocente.

— Diga-me, por favor, quando foi que magoei lorde Warburton? — perguntou Isabel, levantando as sobrancelhas como se a idéia fosse nova.

— Ele merece, se você o fez — disse Henrietta, enquanto a cortina se erguia para o balé.

Isabel não viu mais sua pretensa vítima durante as vinte e quatro horas seguintes, mas, no segundo dia depois da ópera, encontrou-o na galeria do Capitólio, parado diante da jóia da coleção, que é a estátua do *Gladiador agonizante*. Ela fora com os outros, entre os quais, novamente, estava Gilbert Osmond, e o grupo, depois de subir a escada, entrara na primeira e mais bela das salas. Lorde Warburton aproximou-se dela com bastante animação, mas dali a pouco disse que ia embora.

— E estou indo embora de Roma — acrescentou. — Quero despedir-me da senhorita. — Sem motivo razoável. Isabel agora ficou triste ao ouvir isso. Talvez fosse porque tivesse parado de reacar que ele recomeçasse a cortejá-la; estava pensando em outra coisa. Esteve prestes a expressar sua tristeza, mas controlou-se e limitou-se a desejar-lhe feliz viagem, o que o fez olhar para ela, um tanto desanimado.

— Receio que vá me achar muito “volátil”. Disse-lhe, no outro dia, que queria muito ficar.

— Oh, não, o senhor tem todo o direito de mudar de idéia.

— Foi o que fiz.

— Então, *bon voyage*.

— Está com muita pressa de livrar-se de mim — disse o lorde, num tom bastante desanimado.

— De modo algum. Mas detesto despedidas.

— Não se importa com o que eu faça — continuou ele, de uma maneira que despertava piedade.

Isabel olhou-o durante um momento.

— Ah, não está cumprindo sua promessa!

Ele ruborizou como um garoto de quinze anos.

— Se não estou, é porque não posso, e é por isso que vou embora.

— Então adeus.

— Adeus — mas ficou parado mais um pouco. — Quando voltarei a vê-la?

Isabel hesitou, mas logo disse, como se tivesse uma feliz inspiração:

— Algum dia, quando o senhor já estiver casado.

— Isso não vai acontecer nunca. Será depois que a senhorita o fizer.

— Também pode ser assim — disse ela com um sorriso.

— É, pode sim. Adeus.

Trocaram um aperto de mãos, e ele deixou-a sozinha na magnífica sala, em meio a polidos mármore antigos. Ela sentou-se no centro do círculo daquelas presenças, olhando-as perdidamente, pousando o olhar nos belos rostos vazios, escutando, por assim dizer, seu eterno silêncio. É impossível, pelo menos em Roma, ficar olhando por muito tempo um grupo de esculturas gregas sem sentir o efeito de sua nobre quietude, que, como um portal fechado para uma cerimônia, estende com lentidão sobre o espírito o grande manto branco da paz. Digo em Roma, em especial, porque o ar de Roma é um delicioso meio para tais impressões. A luz dourada do sol combina-se com elas; a profunda quietude do passado, ainda tão vívida, embora nada mais seja do que um vazio cheio de nomes, parece lançar solene encanto sobre elas. As persianas estavam semicerradas nas janelas do Capitólio e sombras definidas e cálidas pousavam nas figuras, tornando-as mais humanas. Isabel ficou ali sentada por muito tempo, sob o feitiço de sua graça imóvel, perguntando-se o que viam seus ausentes olhos abertos e como, a nossos ouvidos, soariam seus lábios estranhos. As escuras paredes vermelhas do salão punham-nas em relevo; o chão de mármore polido refletia-lhes a beleza. Tinha-as visto todas antes, mas seu prazer renovava-se e era ainda maior por ela estar novamente contente por estar sozinha. Por fim, porém, sua atenção esmoreceu, atraída pela maré mais profunda de vida. Turistas ocasionais entravam, paravam e olhavam por um instante para o *Gladiador agonizante* e depois continuavam seu caminho, saindo pela outra porta, os passos rangendo no chão liso. Depois de meia hora, Gilbert Osmond apareceu, aparentemente adiantando-se aos outros. Foi caminhando devagar na direção dela, com as mãos nas costas e seu habitual sorriso indagador, porém não de todo súplice.

— Estou surpreso de encontrá-la sozinha. Pensei que tivesse companhia.

— E tenho a melhor — lançou um olhar para *Antínoo e o fauno*.

— Acha-os melhor companhia que um fidalgo inglês?

— Ah, meu fidalgo inglês deixou-me há algum tempo — disse, levantando-se e falando com voz intencionalmente seca.

O senhor Osmond notou a secura que para ele contribuiu para o interesse de sua pergunta.

— Receio que seja verdade o que ouvi na outra noite: a senhorita é um tanto cruel para com esse nobre.

Isabel olhou por um instante para o *Gladiador* derrotado.

— Não é verdade. Sou escrupulosamente boa.

— É a isso exatamente que me refiro! —olveu Gilbert Osmond, e com tanta hilaridade que sua brincadeira precisa ser explicada. Sabemos que apreciava originais, raridades, o superior e o belo, e agora que vira lorde Warburton, a quem considerava um belo exemplo de sua raça e categoria, notou uma nova atração na idéia de tomar para si uma jovem que merecera figurar na sua coleção de objetos seletos, ao declinar tão nobre mão. Gilbert Osmond tinha em alto conceito esse patriciado em particular, não tanto por sua distinção, que considerava facilmente superável, quanto por sua sólida realidade. Nunca perdoara sua sina por não tê-lo beneficiado com um título de duque inglês, e podia avaliar o inesperado de uma conduta como a de Isabel. Seria apropriado que a mulher com quem ele viesse a casar tivesse feito algo assim.

Em conversa com seu excelente amigo, Ralph Touchett tinha destacado de forma um tanto enfática, como sabemos, o reconhecimento dos méritos pessoais de Gilbert Osmond; mas na verdade ele poderia ter se considerado mesquinho à luz do comportamento desse cavalheiro durante o resto da visita a Roma. Osmond passava parte de cada dia com Isabel e os outros e acabou mostrando-se a eles como o homem de convivência mais fácil do mundo. Quem deixaria de ver que ele podia, por assim dizer, invocar ao mesmo tempo tato e alegria? — o que talvez fosse a precisa razão de Ralph ter feito de sua aparência antiquada de sociabilidade superficial uma fonte de censura. Mesmo o despeitado parente de Isabel era obrigado a admitir que no momento ele era companhia das mais agradáveis. Tinha imperturbável bom humor; seu conhecimento do fato certo e a aptidão pela palavra certa eram tão convenientes como o cordial acender de um fósforo para o seu cigarro. Estava claro que ele se divertia — fazia-o tanto quanto podia um homem que se espantava tão pouco, e isso o tornava quase digno de aplauso. Não é que estivesse tão animado — nunca iria tocar, no concerto do prazer, o tambor maior nem mesmo com um dedo; tinha aversão mortal à nota alta e desafinada, ao que chamava de desnorteios desvairados. Achava que a senhorita Archer agia às vezes com prontidão precipitada. Era uma pena que tivesse tal defeito, porque, se não o tivesse, de fato não teria nenhum; seria tão suave à sua necessidade geral como o é o marfim antigo, sentido na palma da mão. Contudo, se ele não era pessoalmente espalhafatoso, era profundo, e durante aqueles dias finais do maio romano experimentou uma complacência que combinava com lentas caminhadas irregulares sob os pinheiros de Villa Borghese, entre as pequenas e suaves flores da campina e as estátuas de mármore cobertas de musgo. Ele estava contente com tudo; nunca antes estivera contente com tantas coisas ao mesmo tempo. Antigas impressões, antigos gostos renovavam-se; uma noite, voltando para seu quarto na estalagem, escreveu um pequeno soneto ao qual deu o título de “Roma revisitada”. Um ou dois dias depois, exibiu essa amostra de poesia correta e engenhosa a Isabel, explicando que era moda na Itália comemorar as ocasiões da vida com um tributo à musa.

Em geral, o prazer que ele sentia era isolado; estava quase sempre — teria admitido isso — agudamente cômico de algo errado, de algo mau; o orvalho fertilizante de uma felicidade concebível caía de raro em raro em seu espírito. Mas, no momento, estava feliz — mais feliz do que talvez jamais estivera na vida, e tal sentimento tinha um sólido alicerce. Era nada mais que a sensação do sucesso — a emoção mais agradável do coração humano. Osmond nunca sentira muito isso; nesse particular, tinha a irritação da saciedade, como sabia muito bem e costumava lembrar-se. “Ah, não, não fui estragado; certamente não fui estragado”, costumava repetir a si mesmo. “Se tiver sucesso antes de morrer, terei mesmo merecido.” Estava muito propenso a raciocinar como se “merecer” tal bênção consistisse acima de tudo em ansiar por ela às escondidas, e estivesse

confinado a esse exercício. Também sua carreira não fora totalmente desprovida de sucesso; ele até poderia ter sugerido a um ou outro espectador que estava descansando sobre vagos louros. Mas seus triunfos, alguns deles, eram agora muito velhos; outros tinham sido fáceis demais. Este agora fora menos árduo do que teria sido de esperar, mas só fora fácil — isto é, fora rápido — porque ele fizera um esforço excepcional, um esforço maior do que acreditara possível fazer. O desejo de ter uma ou outra coisa para mostrar de seus “talentos” — mostrá-las de um modo ou de outro — fora um sonho da juventude, mas, à medida que os anos passaram, as condições vinculadas a qualquer prova distinta de raridade foram-lhe parecendo cada vez mais grosseiras e detestáveis, como virar várias canecas de cerveja para proclamar quanto se “agüentava”. Se um desenho anônimo numa parede de museu tivesse consciência e atenção, teria talvez conhecido esse singular prazer de ser súbita e finalmente identificado — como pela mão de um grande mestre — pelo tão alto e tão despercebido fato do estilo. Seu “estilo” foi o que a jovem descobriu com uma certa ajuda, e agora, além de ela própria apreciá-lo, proclamaria ao mundo sem que ele tivesse trabalho algum. Ela faria a tarefa *por* ele, e ele não teria esperado em vão.

Pouco antes da data predeterminada para a partida, a jovem recebeu um telegrama da senhora Touchett, com o seguinte teor: “Viajo de Florença 4 de junho para Bellagio e posso levá-la se não tem outros planos. Mas não posso esperar se for se demorar em Roma”. Demorar-se em Roma seria muito agradável, mas Isabel tinha planos diferentes, e avisou a tia que iria juntar-se a ela imediatamente. Contou a Gilbert Osmond, e ele respondeu que, como passava tantos verões e até mesmo invernos na Itália, ficaria por mais algum tempo à sombra fresca da Basílica de São Pedro. Não voltaria para Florença antes de dez dias, e a essa altura ela já teria partido para Bellagio. Poderiam se passar meses, nesse caso, antes que ele voltasse a vê-la. Essa conversa aconteceu na grande e decorada sala de estar ocupada por nossos amigos no hotel; já era noite, e Ralph Touchett iria acompanhar a prima a Florença no dia seguinte. Osmond encontrara a moça sozinha; a senhorita Stackpole travara amizade com uma encantadora família americana do quarto andar e subira a interminável escadaria para fazer-lhes uma visita. Henrietta travava amizades, em viagem, com grande abandono, sendo que algumas de suas relações mais valiosas haviam sido iniciadas em vagões de trem. Ralph estava tomando providências para a partida na manhã seguinte, e Isabel estava sentada sozinha em meio a uma selva de estofados amarelos. As cadeiras e os sofás eram laranja; as paredes e janelas tinham reposteiros em púrpura e dourado. Os espelhos e os quadros tinham grandes molduras extravagantes; o teto era abobadado e pintado com querubins e musas nuas. Para Osmond, o aposento era feio de doer; as cores falsas, o esplendor artificial eram como conversa vulgar, jactanciosa, mentirosa. Isabel tinha apanhado um volume de Ampère que lhe fora dado de presente por Ralph ao chegarem a Roma, mas, embora o tivesse no colo com um dedo marcando mais ou menos a página, não estava impaciente em prosseguir o estudo. Um abajur com um véu de papel de seda cor-de-rosa a pender frouxo sobre ele estava aceso na mesa ao lado dela, difundindo uma estranha palidez rósea no ambiente.

— Diz que vai voltar, mas quem sabe? — disse Gilbert Osmond. — Acho que é muito mais provável que comece sua viagem ao redor do mundo. Não tem obrigação alguma de voltar; pode fazer exatamente o que quiser; pode ficar vagando pelo espaço.

— Bem, a Itália é parte do espaço — respondeu Isabel. — Posso incluí-la na rota.

— Na rota ao redor do mundo? Não, não faça isso. Não nos coloque entre parênteses — dê-nos um capítulo inteiro. Não quero vê-la durante uma de suas viagens. Prefiro vê-la quando tiverem terminado. Gostaria que fosse quando estiver cansada e saciada — acrescentou Osmond, após um instante. — Vou preferi-la assim.

Com os olhos baixos, Isabel folheou as páginas do livro de Ampère.

— O senhor torna as coisas ridículas sem parecer que faz isso, apesar de não ter intenção, acho eu. Não tem respeito por minhas viagens; acha-as ridículas.

— Onde foi buscar isso?

Ela continuou no mesmo tom, mexendo na beirada do livro com a espátula.

— O senhor vê minha ignorância, meus erros, o modo como ando por aí como se o mundo me pertencesse, só porque... porque me foi dado o poder de fazê-lo. O senhor acha que uma mulher não deveria fazer isso. Acha ousado e sem graciosidade.

— Acho lindo — disse Osmond. — A senhorita conhece minhas opiniões; já as tornei bem claras em várias ocasiões. Não se lembra de eu dizer que deveríamos fazer de nossa vida uma obra de arte? A princípio, a senhorita pareceu um tanto chocada, mas então eu lhe disse que era exatamente o que me parecia que a senhorita estava tentando fazer com a sua.

Ela levantou os olhos do livro.

— O que o senhor mais detesta no mundo é arte ruim, é arte estúpida.

— É possível. Mas a sua parece-me muito clara e muito boa.

— Se eu fosse para o Japão no próximo inverno, o senhor daria risada de mim — persistiu ela.

Osmond esboçou um sorriso — um sorriso amplo, mas não uma risada, pois o tom da conversa não era jocoso. Na verdade, Isabel assumira sua solenidade; ele já vira isso antes.

— A senhorita tem uma imaginação espantosa!

— É justamente o que estou dizendo. O senhor acha essa idéia absurda.

— Eu daria qualquer coisa para ir ao Japão; é um dos países que eu mais gostaria de conhecer. Não dá para acreditar nisso, sabendo como gosto de laca antiga?

— Eu não tenho o gosto pela laca antiga para servir de pretexto — disse Isabel.

— Tem pretexto melhor, que são os meios para fazê-lo. Está completamente errada na sua teoria de que cação da senhorita. Não sei o que lhe faz imaginar isso.

— Não seria estranho se o senhor achasse ridículo eu ter os meios para viajar quando o senhor não os tem, pois sabe tudo e eu não sei nada.

— Uma razão a mais para viajar e aprender — disse Osmond, sorrindo. — Além disso, eu não sei tudo — acrescentou, como se isso fosse algo a deixar bem claro.

Isabel não achou estranho que ele dissesse isso em tom grave; estava pensando que o incidente mais agradável de sua vida — era assim que gostava de referir-se àqueles poucos dias em Roma que ela poderia, de humor meditativo, ter comparado à figura de alguma princesinha de uma das épocas de pesadas roupagens, envolvida num manto real, a arrastar uma cauda que precisava ser carregada por pajens ou historiadores —, essa feliz ocasião estava chegando ao fim. Que a maior parte do interesse daquele período fosse devida ao senhor Osmond era uma reflexão que no

momento ela não estava preocupada em fazer; já dera ao assunto justa e abundante atenção. Mas disse a si mesma que, se houvesse perigo de nunca mais se encontrarem, talvez fosse até bom, no fim das contas. As coisas felizes não se repetem, e sua aventura já tinha assumido a face mudada, a face de frente para o mar de uma ilha romântica, da qual, depois de se banquetear com uvas pretas, ela estivesse partindo com o vento a favor. Ela poderia voltar à Itália e achá-lo diferente — aquele homem estranho, que a agradava do jeito que era; e seria melhor não voltar a correr tal risco. Mas, se ela não voltasse, maior era a pena de que o capítulo estivesse encerrado; sentiu por um momento uma dor que quase lhe arrancou lágrimas. A sensação fê-la manter-se em silêncio, e Gilbert Osmond também permaneceu calado — olhando para ela. Por fim, disse em voz baixa e bondosa:

— Vá a toda parte; faça tudo; tire tudo da vida. Seja feliz, seja triunfante.

— O que quer dizer com triunfante?

— Ora, fazer o que se quer.

— Então triunfar parece-se com fracassar! Fazer todas as coisas vãs de que se gosta é muitas vezes cansativo.

— Exatamente — disse Osmond, com sua rapidez tranqüila. — Como dei a entender agora mesmo, vai se cansar um dia. — Fez uma pausa e depois prosseguiu: — Não sei se não seria melhor eu esperar até lá para dizer-lhe uma coisa.

— Ah, não posso aconselhá-lo sem saber o que é. Mas sou horrível quando estou cansada — acrescentou Isabel, com devida incoseqüência.

— Não creio nisso. Fica zangada, às vezes — nisso posso acreditar, embora nunca a tenha visto assim. Mas tenho certeza de que nunca fica “rabugenta”.

— Nem mesmo quando perco o equilíbrio?

— Não o perde, encontra-o, e isso deve ser muito bonito — disse Osmond com nobre sinceridade. — Devem ser momentos muito belos de se ver.

— Se ao menos eu pudesse encontrá-lo agora! — exclamou Isabel, nervosa.

— Não estou com medo; eu cruzaria os braços e ficaria admirando-a. Estou falando muito sério — curvou-se para a frente, apoiando uma mão em cada joelho e fitando o chão por alguns instantes. — O que eu gostaria de dizer — continuou, por fim, levantando os olhos — é que descobri que estou apaixonado pela senhorita.

Ela levantou-se de um salto.

— Ah, deixe isso para quando eu *estiver* cansada!

— Cansada de tanto ouvir isso dos outros? — Ele continuou sentado, erguendo o olhar para ela. — Não; pode dar-me atenção agora ou nunca, como quiser. Mesmo assim preciso dizer agora. — Ela se virou, mas ao fazer o movimento deteve-se e deixou o olhar cair sobre ele. Os dois ficaram um momento assim, trocando um longo olhar — o grande e consciente olhar das horas críticas da vida. Então ele se levantou e chegou perto dela, com grande respeito, como se receasse estar sendo demasiado íntimo. — Estou absolutamente apaixonado.

Repetiu a declaração num tom de discrição quase impessoal, como um homem que esperasse muito pouco disso mas que falava por sua própria necessidade de alívio. As lágrimas subiram aos olhos dela; dessa vez, obedeceram à aguda pontada que lhe parecia ser como um fino ferrolho

sendo empurrado — para a frente, para trás, ela não saberia dizer. As palavras que ele pronunciara tornavam-no, ali de pé, belo e generoso, investiam-no, por assim dizer, do ar dourado do princípio do outono, mas, do ponto de vista moral, ela recuou — ainda de frente para ele — como o fizera nos outros casos, em situação semelhante.

— Oh, não diga isso, por favor — respondeu com uma intensidade que expressava o temor de ter, também nesse caso, que escolher e decidir. O que tornava grande seu temor era exatamente a força que, assim lhe parecia, deveria ter banido todo o temor — a sensação de algo em seu interior, lá no fundo, que ela supunha ser uma inspirada e confiante paixão. Estava lá como uma grande quantia guardada num banco que inspirava terror ter que começar a gastar. Se tocasse nela, tudo se escoaria.

— Não imagino que importe muito para a senhorita — disse Osmond. — Tenho muito pouco para oferecer-lhe. O que tenho basta para mim, mas não para a senhorita. Não tenho nem fortuna, nem fama, nem vantagens extrínsecas de qualquer tipo. Assim, nada ofereço. Só lhe digo porque acho que isso não a ofende, e algum dia talvez lhe traga prazer. A mim dá prazer, posso garantir-lhe — continuou, de pé diante dela, inclinado com respeito, virando o chapéu que tinha apanhado devagar no movimento que tinha o decente tremor do embaraço e nada de sua estranheza, e voltando para ela seu rosto firme, refinado, um pouco devastado. — Não me causa dor alguma, porque é perfeitamente simples. Para mim, sempre será a mulher mais importante do mundo.

Isabel considerou-se nesse papel — considerou-se com atenção, achando que o desempenhava com certa graça. Mas o que disse não foi a expressão de tal complacência.

— O senhor não me ofende, mas deveria lembrar-se de que, sem estar ofendida, poderia estar incomodada, perturbada. — “Incomodada”, ouviu-se dizer, e lhe pareceu uma palavra ridícula. Mas foi o que lhe ocorreu, de modo tolo.

— Lembro-me muito bem. É claro que está surpresa e espantada. Mas, se não for mais que isso, passará. E talvez deixe algo de que eu não precise me envergonhar.

— Não sei o que poderia deixar. De qualquer modo, o senhor está vendo que eu não estou tão impressionada — disse Isabel, com um sorriso um tanto pálido. — Não estou perturbada demais para pensar. E penso que me alegro por estarmos nos separando, por eu estar indo embora de Roma amanhã.

— É claro que não concordo com a senhorita nesse particular.

— Não *conheço* o senhor nem um pouco — continuou ela, de repente, e depois corou ao ouvir-se dizer o que dissera quase um ano antes para lorde Warburton.

— Se não estivesse indo embora, iria conhecer-me melhor.

— Farei isso em outra ocasião.

— Espero que sim. É muito fácil conhecer-me.

— Não, não — retrucou ela, com ênfase —, aí não está sendo sincero. Não é fácil conhecê-lo; ninguém poderia ser mais difícil.

— Bem, eu disse isso porque me conheço. Pode ser que eu esteja me gabando, mas é verdade — disse ele, rindo.

— É provável, mas o senhor é muito inteligente.

— A senhorita também, senhorita Archer! — exclamou Osmond.

— No momento, não é como me sinto. De qualquer modo, sou suficientemente inteligente para achar que é melhor que o senhor se vá. Boa noite.

— Deus a abençoe! — disse Gilbert Osmond, tomando a mão que ela não lhe estendera. Depois continuou: — Se nos encontrarmos outra vez, verá que estarei como me deixou. Se não nos encontrarmos, ainda assim continuarei o mesmo.

— Muito obrigada. Adeus.

Havia algo tranqüilo e firme no interlocutor de Isabel; ele poderia partir por sua própria vontade, mas não seria enxotado.

— Há mais uma coisa. Nada lhe pedi, nem mesmo que pense em mim no futuro; tem que reconhecer isso. Mas há um pequeno favor que gostaria de lhe pedir. Não voltarei para casa por vários dias; Roma é encantadora e é um bom lugar para alguém no meu estado de ânimo. Oh, sei que a senhorita lamenta ter que deixar a cidade, mas tem razão em fazer o que sua tia quer.

— Ela nem quer! — interrompeu Isabel, estranhamente.

Osmond parecia estar a ponto de dizer alguma coisa que casasse com tais palavras, mas mudou de idéia e apenas insistiu:

— Ah, bem, está certo que vá com ela, muito certo. Faça sempre a coisa certa; gosto disso. Desculpe-me por ser tão condescendente. Diz que não me conhece, mas quando o fizer descobrirá quanto cultuo o que é certo.

— Não é convencional? — perguntou Isabel, séria.

— Gosto do modo como pronuncia essa palavra! Não, não sou convencional; sou a própria convenção. Não compreende isso? — Fez uma pequena pausa, sorrindo. — Gostaria de explicar. — Depois, com naturalidade repentina e alegre, pediu: — Volte, sim. Há tantas coisas de que falarmos...

Ela ficou lá, parada, com os olhos baixos.

— De que favor falava há pouco?

— Vá ver minha filha antes de partir de Florença. Ela está sozinha na casa; decidi não mandá-la para a casa da minha irmã, que não tem de modo algum as minhas idéias. Diga-lhe que deve amar muito seu pobre pai — disse Gilbert Osmond, com suavidade.

— Será para mim um grande prazer — respondeu Isabel. — Darei a ela o seu recado. Mais uma vez adeus.

Desta vez, ele despediu-se com rapidez e respeito. Depois que ele foi embora, ela ficou por um momento olhando em torno e depois sentou-se devagar e com deliberação. Permaneceu sentada até os outros voltarem, com as mãos cruzadas, os olhos fixos no feio tapete. A agitação que sentia, pois ainda não tinha diminuído, era recôndita, profunda. O que acontecera tinha sido algo que, durante uma semana, sua imaginação se antecipara para defrontar, mas agora, tendo acontecido, ela parou. Aquele sublime princípio de alguma forma se romperá. O modo como a mente dessa jovem trabalhava era estranho, e só posso transmitir a vocês como o vejo, sem esperança de que possa parecer de todo natural. Sua imaginação, como eu dizia, agora retraía-se; havia um último espaço vago que ela não podia atravessar — um trecho sombrio, incerto, que parecia ambíguo e até

mesmo um tanto traiçoeiro, como um pântano visto ao crepúsculo do inverno. Mas ela ainda conseguiria atravessá-lo.

No dia seguinte, Isabel voltou para Florença na companhia do primo, e Ralph Touchett, embora habitualmente inquieto na disciplina da ferrovia, achou muito boas as horas sucessivas passadas no trem que distanciava sua companheira da cidade agora distinguida pela preferência de Gilbert Osmond — horas que deveriam marcar o primeiro estágio num plano de viagem maior. A senhorita Stackpole ficara; planejava uma pequena viagem a Nápoles, a ser realizada com a ajuda do senhor Bantling. Isabel passaria três dias em Florença, antes de 4 de junho, a data da partida da senhora Touchett, e decidiu devotar o último deles a cumprir sua promessa de visitar Pansy Osmond. Porém, seu plano por um momento pareceu sujeito a mudanças em deferência a uma idéia de madame Merle. Essa senhora ainda estava na Casa Touchett, mas também ela estava prestes a deixar Florença, sendo sua próxima parada um antigo castelo nas montanhas da Toscana, residência de uma nobre família da região, cuja amizade (ela os conhecia, como dizia, “desde sempre”) parecera a Isabel, à luz de certas fotografias da imensa mansão coroada de ameias que a amiga lhe mostrou, um precioso privilégio. Ela mencionou para essa afortunada mulher que o senhor Osmond tinha lhe pedido que desse uma olhada na filha, mas omitiu que ele também lhe fizera uma declaração de amor.

— *Ab, comme cela se trouve!* — exclamou madame Merle. — Eu também tenho pensado que seria uma coisa boa fazer uma visitinha à criança, antes de ir-me embora.

— Podemos ir juntas, então — respondeu Isabel, com moderação: “com moderação” porque a proposta não foi formulada com espírito de entusiasmo. Ela havia previsto sua pequena peregrinação sem companhia; teria preferido que fosse assim. Entretanto, estava preparada para sacrificar esse sentimento místico à grande consideração que tinha pela amiga.

Mas esta personagem meditou bem:

— Afinal, por que deveríamos ir as duas, se ambas temos tanto que fazer nestas últimas horas?

— Está bem, eu posso ir sozinha.

— Não sei se deve ir sozinha à casa de um simpático solteirão. Ele foi casado, mas há tanto tempo!

Isabel fitou-a espantada.

— Mas se o senhor Osmond não está, que diferença faz?

— Eles não sabem que ele não está.

— Eles? A quem se refere?

— A todos. Mas talvez não tenha importância.

— Se a senhora ia, por que não posso ir? — perguntou Isabel.

— Porque eu sou uma bruxa velha e você é uma linda jovem.

— Mesmo que se admita isso, a senhora não prometeu a ele ir lá.

— Que valor você dá a promessas! — exclamou a mulher mais velha, com leve zombaria.

— Dou muito valor a minhas promessas. Isso a surpreende?

— Tem razão — refletiu em voz alta madame Merle. — Realmente acho que você quer fazer um bem à menina.

— Quero muito fazer-lhe bem.

— Então vá vê-la; ninguém ficará sabendo. E diga-lhe que eu iria, se você não fosse. Ou melhor

— acrescentou madame Merle —, *não* diga nada. Ela não vai se importar com isso.

Enquanto Isabel ia sendo levada na publicidade de um veículo aberto, pelo caminho tortuoso

que subia a colina do senhor Osmond, perguntou-se o que a amiga teria pretendido ao dizer que

ninguém ficaria sabendo. De vez em quando, a intervalos distantes, essa dama, cujo discreto curso

era, em geral, mais para mar aberto do que para um canal arriscado, emitia uma nota que soava

falsa. O que importava a Isabel Archer as vulgares opiniões de pessoas obscuras? E madame Merle

supunha-a capaz de fazer qualquer coisa que tivesse que ser feita às escondidas? É claro que não:

ela devia estar querendo dizer outra coisa — algo que, no corre-corre das horas que precederam

suapartida, não tivera tempo de explicar. Isabel voltaria ao assunto algum dia; havia coisas que

preferia deixar bem claras. Ouviu Pansy dedilhando o piano em outro aposento, quando foi

admitida à saleta do senhor Osmond; a menina estava “estudando” e Isabel ficou contente por ver

que ela cumpria seu dever com rigor. Ela logo veio, alisando o vestido, e fez as vezes de anfitriã da

casa do pai com o zelo ansioso da cortesia. Isabel ficou lá sentada uma meia hora, e Pansy esteve à

altura da ocasião como a pequena fada alada voa pelo palco com auxílio de fios escondidos — não

tagarelando, mas conversando e demonstrando pelas palavras de Isabel o mesmo interesse

respeitoso que esta gentilmente demonstrava pelas suas. Isabel se admirava com ela; nunca lhe fora

apresentada ao olfato de forma tão direta a alva flor da doçura cultivada. Como a criança fora bem

ensinada, dizia-se nossa jovem admirada; como fora bem dirigida e moldada e, no entanto, como a

mantiveram simples, natural e inocente! Isabel apreciava sempre a questão do caráter e da

qualidade, e gostava de sondar, por assim dizer, o profundo mistério pessoal, e até agora lhe

agradava ficar em dúvida sobre se essa tenra criaturinha não seria, na verdade, bastante sabida. Não

seria o extremo de sua candura nada mais que a perfeição da consciência de si mesma? Seria essa

candura assumida para agradar a visita do pai ou a expressão direta de uma natureza imaculada? A

hora que Isabel passou na bela sala vazia, sombria, da casa de Osmond — as janelas tinham sido

parcialmente fechadas para manter o calor fora, e aqui e ali, através de uma fresta fácil, o

esplêndido dia de verão espiava para dentro, iluminando um retalho de cor desbotada ou dourado

fosco na rica obscuridade —, sua entrevista com a menina da casa, digo eu, resolveu tal questão de

uma vez por todas. Pansy era de fato uma página em branco, uma superfície de puro alvor, assim

mantida com êxito; não tinha arte, nem malícia, nem mau gênio, nem talento — apenas dois ou

três pequenos instintos apurados: conhecer um amigo, evitar um erro, cuidar de um brinquedo

antigo ou de um vestido novo. Que fosse, contudo, tão terna era tocante, e podia-se senti-la como

uma vítima fácil do destino. Ela não teria vontade, nenhuma força para resistir, nenhum senso de

sua própria importância; seria facilmente enganada, facilmente esmagada: toda sua força estaria em

saber quando e onde agarrar-se. Ela andou pela casa com sua visitante, que pedira permissão para

ver novamente os outros aposentos, onde Pansy expressou sua opinião sobre diversas obras de arte. Falou sobre seu futuro, suas ocupações, as intenções do pai; não era egocêntrica, mas achava apropriado fornecer informações que uma visita tão distinta teria razão de esperar.

— Diga-me, por favor — disse —, papai foi ver irmã Catherine em Roma? Disse-me que iria, se tivesse tempo. Talvez não tenha tido. Papai gosta de ter bastante tempo. Ele queria falar sobre a minha educação; não está concluída ainda, sabe. Não sei o que mais podem fazer comigo, mas parece que ainda falta muita coisa. Papai disse-me outro dia que achava que ele mesmo se ocuparia do que faltava; pois nos últimos dois anos, no convento, os professores que ensinam as meninas grandes são muito caros. Papai não é rico, e eu ficaria muito triste se tivesse que gastar muito dinheiro comigo, porque acho que não vale a pena. Não aprendo com facilidade nem tenho boa memória. Para o que me contam, sim — ainda mais se forem coisas boas; mas não para o que leio nos livros. Havia uma menina que era minha melhor amiga, e eles a tiraram do convento quando tinha catorze anos para fazer — como se diz em inglês? — para fazer o dote. Não é assim que se diz? Espero que não esteja errado; o que estou querendo dizer é que queriam guardar dinheiro para casá-la. Não sei se é para isso que papai quer guardar dinheiro: para casar-me. Custa caro casar! — continuou Pansy, suspirando. — Acho que papai poderia fazer essa economia. De qualquer modo, ainda sou nova demais para pensar nisso, e não estou interessada em nenhum cavalheiro, isto é, em nenhum a não ser nele. Se ele não fosse meu pai, é com quem gostaria de me casar. Prefiro ser filha dele a ser mulher de... de algum estranho. Sinto muita saudade dele, mas não tanto quanto se poderia imaginar, porque fiquei longe dele muito tempo. Papai sempre existiu para mim nas férias. Sinto mais falta de irmã Catherine, mas não diga isso a ele. Não vai vê-lo novamente? Sinto muito, e ele também vai sentir. De todas as pessoas que vêm aqui, a senhora é de quem gosto mais. Isso não é um grande elogio, porque não vem tanta gente assim. Foi muito gentil ter vindo hoje — está tão longe da sua casa, e eu sou apenas uma criança, ainda. Oh, sim, só tenho as ocupações de uma criança. Quando *a senhora* deixou as ocupações de criança? Gostaria de saber quantos anos tem, mas não sei se é certo perguntar. No convento, aprendi que nunca se deve perguntar a idade. Não gosto de fazer nada que seja inesperado; parece que não se foi bem educada. Jamais gosto de ser pega de surpresa. Papai deixou instruções para tudo. Eu me deito bem cedo. Quando o sol deixa de bater deste lado, eu vou para o jardim. Papai deixou ordens estritas para eu não me queimar. Sempre gosto da vista; as montanhas são muito graciosas. Em Roma, no convento, não se via nada senão telhados e campanários. Eu estudo piano durante três horas. Não toco muito bem. A senhora toca? Gostaria muito que tocasse alguma coisa para mim; papai acha que eu devo ouvir boa música. Madame Merle tocou para mim várias vezes; é disso que gosto em madame Merle: tem grande facilidade. Eu nunca vou ter facilidade. E não tenho boa voz — só um fiapinho, como o rangido do giz riscando na lousa.

Isabel atendeu ao respeitoso pedido, tirou as luvas e sentou-se ao piano, enquanto Pansy, de pé ao lado dela, olhava suas alvas mãos moverem-se ágeis sobre as teclas. Quando parou, deu um beijo de despedida na criança, abraçou-a, olhou-a por algum tempo.

— Seja muito boa — disse-lhe —, dê esse prazer a seu pai.

— Acho que é para isso que vivo — respondeu Pansy. — Ele não tem muito prazer; é um

homem bastante triste.

Isabel ouviu essa afirmativa com um interesse que chegava a ser penoso obrigar-se a esconder. Era o orgulho que a obrigava a isso, além de um certo senso de decência; havia também coisas em sua mente que a impulsionavam, mas foram imediatamente controladas, a dizer a Pansy sobre o pai; havia outras que lhe teria dado prazer ouvir a criança dizer, fazê-la dizer. Mas, mal tomou consciência dessas coisas, sua imaginação foi silenciada ante o horror da idéia de se aproveitar da menina — era disso que ela teria se acusado — e de exalar naquele ar, onde ele ainda poderia vir a ter uma sutil percepção disso, qualquer sopro de seu estado de encantamento. Ela tinha ido... tinha ido, mas só ficara uma hora. Levantou-se rápido da banquetta do piano; e mesmo então continuou parada um momento, a abraçar a pequena, puxando seu suave corpinho mais para perto e olhando-a quase com inveja. Era obrigada a confessar a si mesma que teria sentido profundo prazer em falar de Gilbert Osmond para essa inocente e franzina criaturinha, tão próxima a ele. Mas não disse nem mais uma palavra; limitou-se a beijar Pansy mais uma vez. Foram juntas pelo vestíbulo até a porta que dava para o pátio, e lá a jovem anfitriã parou, olhando um tanto melancólica para fora:

— Não posso ir adiante. Prometi a papai que não atravessaria esta porta.

— Tem razão em obedecer-lhe; ele nunca pediria nada que não fosse razoável.

— Sempre obedecerei a ele. Mas quando voltará a visitar-me?

— Vai demorar um pouco, eu acho.

— Logo que a senhorita possa, espero. Eu sou só uma menininha, mas sempre estarei à sua espera — disse Pansy. E o pequeno vulto permaneceu na soleira alta e escura, vendo Isabel atravessar o claro pátio cinzento e desaparecer na claridade para além do grande portão, que deixou passar uma luz mais forte ao ser aberto.

Isabel voltou a Florença, mas só depois de vários meses, um intervalo de tempo que foi repleto de incidentes. Porém não é desse período que vamos nos ocupar mais; nossa atenção está de novo voltada para um certo dia no fim da primavera, logo depois de sua volta ao Palazzo Crescentini, e um ano depois da data dos acontecimentos que acabamos de narrar. Dessa vez, estava sozinha em um dos aposentos menores dentre os vários devotados pela senhora Touchett a usos sociais, e havia algo em sua expressão e atitude que sugeria estar esperando uma visita. A alta janela estava aberta e, embora as venezianas verdes estivessem semicerradas, o ar brilhante do jardim entrava por uma grande fresta e enchia a sala de calor e perfume. Nossa jovem ficou perto da janela durante algum tempo, com as mãos atrás das costas; olhava para fora com a indefinição do desassossego. Demasiado perturbada para prestar atenção, ela pôs-se a andar em vagos círculos. Porém não podia estar pensando em ter uma rápida visão do visitante antes de ele entrar na casa, já que a entrada não era pelo jardim, onde a privacidade e a quietude sempre reinavam. Antes, ela queria prever sua chegada por meio de um processo de conjeturas, e, a julgar pela expressão de seu rosto, tal tentativa mantinha-a bem ocupada. Estava séria e com certeza mais sobrecarregada pela experiência do decorrer de um ano que ela passara vendo o mundo. Tinha vagado, digamos, pelo espaço e examinado grande parte da humanidade e, portanto, agora era, a seus próprios olhos, pessoa muito diferente da jovem frívola de Albany que começara a avaliar a Europa no gramado de Gardencourt uns dois anos antes. Agradava-lhe pensar que recolhera sabedoria e aprendera muito mais da vida do que aquela criatura fútil sequer desconfiava. Se o pensamento dela agora tivesse se voltado em retrospecto, em vez de bater asas nervosamente em volta do presente, teria evocado uma multidão de imagens interessantes. Tais imagens teriam sido tanto de paisagens como de pessoas; sendo que estas últimas seriam as mais numerosas. Com várias das imagens que poderiam ter sido projetadas nesse fundo já travamos conhecimento. Haveria, por exemplo, a conciliadora Lily, irmã de nossa heroína e esposa de Edmund Ludlow, que saíra de Nova York para passar cinco meses com a irmã. Deixara o marido em casa, mas trouxera os filhos, para quem Isabel agora desempenhava com tanta generosidade quanto ternura o papel de tia solteira. No final, o senhor Ludlow conseguiu arranjar umas semanas de folga de suas vitórias forenses e, atravessando o oceano com extrema rapidez, passou um mês com as duas em Paris, antes de levar a esposa de volta. Os pequenos Ludlow não tinham ainda, mesmo à maneira de ver dos americanos, chegado à idade apropriada para o turismo; de modo que, enquanto a irmã esteve com ela, Isabel restringira suas atividades a um círculo pequeno. Lily e as crianças juntaram-se a ela na Suíça, no mês de julho, onde passaram um verão de tempo magnífico num vale dos Alpes, de campinas cobertas de flores e sombras de grandes castanheiras, que criavam recantos de repouso para as escaladas que as damas e as crianças se atrevessem a fazer nas tardes quentes. Depois tinham ido até a capital francesa, que

foi adorada, e com custosos rituais, por Lily, mas que para Isabel era como que repleta de um vazio ruidoso, pois durante esses dias utilizava suas lembranças de Roma como teria feito, numa sala quente e cheia de gente, com um frasco de um aroma pungente escondido no lenço.

A senhora Ludlow, como eu disse, reverenciava Paris, porém tinha dúvidas e perguntas não respondidas naquele altar, e depois que o marido juntou-se a ela encontrou mais uma razão para desgosto, por ele não se atirar a essas especulações. Todas elas tinham Isabel por objeto; mas Edmund Ludlow, como sempre fizera, recusava-se a ficar surpreso, ou aborrecido, ou mistificado, ou jubilante, com qualquer coisa que a cunhada pudesse ter feito ou deixado de fazer. A atividade mental da senhora Ludlow era bastante variada. Numa hora, achava que seria muito natural a jovem voltar para o seu país e estabelecer-se numa casa em Nova York — a dos Rossiter, por exemplo, que tinha uma elegante estufa e ficava pertinho da sua; noutra hora, não conseguia dissimular surpresa por a moça não se casar com algum membro de uma das grandes aristocracias. No todo, como já disse, ela deixara de comungar com as probabilidades. Sentira maior satisfação na ascensão de Isabel à fortuna do que se o dinheiro tivesse sido deixado para ela própria; pareceu-lhe que isso oferecia o ambiente exato e adequado para a figura um tanto frágil, mas nem por isso menos eminente, da irmã. Contudo, Isabel se desenvolvera menos do que Lily tinha achado provável — na idéia de Lily, desenvolvimento estava, de algum modo misterioso, ligado a visitas matinais e festas noturnas. Sem dúvida, do ponto de vista intelectual, fizera imenso progresso, mas parecia ter alcançado poucas daquelas conquistas sociais cujos troféus a senhora Ludlow tivera esperança de admirar. A concepção de Lily de tais sucessos era extremamente vaga, mas isso era exatamente o que tinha esperado de Isabel — que esta lhes desse forma e corpo. Isabel poderia ter ido tão bem quanto fora em Nova York, e a senhora Ludlow apelou ao marido para saber se havia algum privilégio de que ela gozasse na Europa que a sociedade de lá não pudesse lhe oferecer. Nós sabemos que Isabel tinha feito conquistas — se eram inferiores ou não àquelas que poderia ter feito no seu país natal, é assunto delicado para se decidir, e não é com sentimento de complacência que mais uma vez menciono que ela não tornara públicas essas vitórias honrosas. Não contara à irmã a história de lorde Warburton nem mencionara nada a respeito do estado de espírito do senhor Osmond, e não tivera motivo maior para seu silêncio que o fato de não querer falar. Achava mais romântico não dizer nada, e, sorvendo com avidez e em segredo o romance, estava tão pouco disposta a pedir o conselho da pobre Lily quanto estaria para fechar aquele raro volume para sempre. Mas Lily nada sabia dessas discriminações e só podia julgar a carreira da irmã um estranho anticlímax — impressão confirmada pelo fato de o silêncio de Isabel a respeito do senhor Osmond, por exemplo, estar em proporção direta com a freqüência com que ele lhe ocupava os pensamentos. Como isso acontecia com muita constância, às vezes parecia à senhora Ludlow que a irmã perdera a coragem. O estranho resultado de um incidente tão estimulante como herdar uma fortuna era naturalmente desconcertante para a alegre Lily; confirmava sua idéia geral de que Isabel não era nem um pouco como as outras pessoas.

Entretanto, a coragem de nossa jovem dama poderia ser considerada como tendo atingido seu ápice depois que seus parentes voltaram para casa. Ela podia imaginar coisas mais corajosas do que passar o inverno em Paris — cujos aspectos lembravam tanto Nova York; Paris era como prosa

limpa e elegante — e sua assídua correspondência com madame Merle muito fazia para estimular tais rasgos de imaginação. Nunca tivera uma sensação tão aguda de liberdade, da absoluta ousadia e extravagância da liberdade, quanto quando se afastou da plataforma da estação Euston num dos últimos dias de novembro, após a partida do trem que levaria a pobre Lily, o marido e os filhos para o navio, em Liverpool. Tinha sido bom dar atenção às visitas; estava ciente disso. Era, como sabemos, muito observadora a respeito do que era bom para ela, e se esforçava constantemente no sentido de encontrar algo que fosse bom o bastante. Para aproveitar a presente vantagem até o último momento, tinha feito a viagem de Paris com os viajantes não invejados. Ela teria ido com eles até Liverpool, também, mas Edmund Ludlow pedira-lhe, como um favor, que não o fizesse: deixava Lily tão inquieta e ela fazia perguntas impossíveis! Isabel ficou olhando o trem ir embora; jogou um beijo com a mão para o mais velho de seus sobrinhos, uma criança afetuosa, que se debruçou na janela do vagão com grave risco, tornando a separação uma ocasião de violenta hilaridade, e depois caminhou de volta para a rua cheia de nevoeiro londrino. O mundo estendia-se diante dela — podia fazer o que quisesse. Isso tudo representava profunda emoção, mas no momento sua escolha foi toleravelmente discreta; decidiu apenas ir caminhando da Euston Square para o hotel. O crepúsculo prematuro da tarde de novembro já caíra; os lampiões da rua, no ar denso e turvo, pareciam fracos e vermelhos; nossa heroína estava desacompanhada, e a Euston Square era bem longe de Piccadilly. Mas Isabel percorreu aquele trecho, saboreando os perigos, e perdeu-se quase de propósito, a fim de obter mais sensações, de modo que ficou desapontada quando um policial atencioso deu-lhe a informação certa sem grande dificuldade. Gostava tanto do espetáculo da vida humana que apreciava até a aparência do lusco-fusco crescente nas ruas de Londres — as pessoas andando, as carruagens rápidas, as lojas iluminadas, as barracas coloridas, a escura e luzidia umidade de tudo. Naquela noite, no hotel, ela escreveu a madame Merle que estaria a caminho de Roma dentro de um ou dois dias. Desceu a Roma sem pôr os pés em Florença — indo primeiro a Veneza e depois descendo por Ancona. Realizou a viagem sem outra ajuda a não ser a de sua criada, pois seus protetores naturais agora não estavam no continente. Ralph Touchett passava o inverno em Corfu e a senhorita Stackpole, em setembro, fora chamada de volta à América por telegrama, pelo *Interviewer*. Esse jornal ofereceu a sua brilhante correspondente campo mais novo para seu gênio do que as cidades emboloradas da Europa, e Henrietta foi encorajada em sua partida por uma promessa do senhor Bantling de logo ir vê-la. Isabel escreveu à senhora Touchett para pedir-lhe desculpas por não ter se apresentado ainda em Florença, e a tia respondeu de modo bastante característico. Desculpas, a senhora Touchett deu a entender, eram de tanta utilidade para ela como as aparências, e ela própria nunca lidava com tais artigos. Ou se fazia uma coisa ou não se fazia, e o que se “teria” feito pertencia ao reino do irrelevante, como a idéia de uma vida futura ou da origem das coisas. A carta dela era franca, mas (caso raro para a senhora Touchett) não tão franca como pretendia. Perdoava com facilidade a sobrinha por não passar por Florença, porque entendeu isso como um sinal de que Gilbert Osmond estava menos em questão do que antes. É claro que ela ficou de sobreaviso para ver se ele arranjaría, então, um pretexto para ir a Roma, e sentiu algum consolo ao saber que ele não fora culpado de qualquer ausência.

Isabel, por sua vez, não estava nem há uma quinzena em Roma quando propôs a madame Merle

fazerem uma pequena peregrinação ao Oriente. Madame Merle comentou que a amiga estava inquieta, mas acrescentou que ela própria sempre ardera de vontade de visitar Atenas e Constantinopla. Assim, as duas damas embarcaram nessa expedição e passaram três meses na Grécia, na Turquia, no Egito. Isabel encontrou muita coisa que lhe interessou nesses países, embora madame Merle continuasse a notar que, mesmo em meio ao cenário mais clássico, nos lugares mais calculados para sugerir repouso e reflexão, uma certa incoerência transparecia nela. Isabel viajava com rapidez e precipitação; era como alguém sedento a esvaziar copo sobre copo. Entrementes, madame Merle, como a dama de companhia de uma princesa viajando incógnita, vinha ofegando um pouco atrás. Estava lá a convite de Isabel e conferia a devida dignidade ao estado descomposto da moça. Desempenhava seu papel com o tato que poderia se esperar dela, retraindo-se e aceitando a posição de acompanhante, cujas despesas eram pagas com generosidade. A situação, porém, não tinha maiores dificuldades e as pessoas que tivessem visto essa dupla reservada porém notável durante suas viagens não teriam podido dizer quem era a benfeitora e quem a favorecida. Dizer que madame Merle melhorava à medida que o conhecimento aumentava é expressar mal a impressão que ela causava na amiga que, desde o início, a achara muito tolerante e fácil. Ao cabo de um convívio de três meses, Isabel pensou conhecê-la melhor; seu caráter se revelara e a admirável mulher por fim cumprira a promessa de contar sua história a partir de seu próprio ponto de vista — realização ainda mais desejável pelo fato de Isabel já tê-la ouvido ser contada do ponto de vista dos outros. Era uma história muito triste (no que tangia ao falecido senhor Merle, um declarado aventureiro, ela poderia dizer, embora a princípio tão plausível que se aproveitara anos antes da juventude dela e de uma inexperiência em que, sem dúvida, os que a tinham conhecido só agora achariam difícil acreditar); continha uma abundância de incidentes tão espantosos e lamentáveis que sua companheira perguntava-se como uma pessoa tão *éprouvée* podia ter mantido tanto frescor, tanto interesse na vida. Ela adquiriu grande compreensão a respeito do frescor de madame Merle; parecia considerá-lo profissional, um tanto mecânico, carregado no estojo como o violino do virtuose, ou agasalhado e arreado como o cavalo favorito do jóquei. Continuava a gostar dela como sempre, mas havia um canto da cortina que nunca era levantado; era como se ela tivesse permanecido, afinal de contas, como uma atriz, condenada a emergir em público apenas no papel e na roupagem da personagem. Tinha dito uma vez que vinha de um lugar distante, que pertencia ao “velho, velho” mundo, e Isabel nunca perdeu a impressão de que ela era o produto de um ambiente moral ou social diferente do seu, de que crescera sob a luz de outras estrelas.

Assim, acreditava que, no fundo, ela tivesse moral diferente. É claro que a moral das pessoas civilizadas sempre tem muito em comum, mas nossa jovem tinha a impressão de que os valores da outra se tinham adulterado ou, como se dizia nas lojas, tinham sido remarcados. Julgava, com a presunção da juventude, que moral diferente da sua própria deveria ser-lhe inferior, e essa convicção era valiosa para detectar um ocasional lampejo de crueldade, uma ocasional falta de candura, na conversa de alguém que elevara a amabilidade delicada à categoria de arte e cujo orgulho era alto demais para os métodos estreitos de dissimulação. Sua concepção das motivações humanas poderia, de certos ângulos, ter sido adquirida na corte de algum reino em decadência e

havia várias naquela lista das quais nossa heroína nem tinha ouvido falar. Ela não tinha ouvido falar de tudo, isso era muito claro, evidentemente havia coisas no mundo que era vantajoso não conhecer. Uma ou duas vezes tinha levado um susto, pois muito a afetava ter que exclamar, falando da amiga: “Que Deus a perdoe, ela não me compreende!”. Por absurdo que pareça, tal descoberta atuou como um choque, deixando-a com um vago desalento, no qual existia até mesmo um elemento de presságio. O desalento, é claro, foi desaparecendo, à vista de alguma prova repentina da notável inteligência de madame Merle, mas permaneceu como uma marca de preamar no fluxo e refluxo da confiança. Madame Merle afirmara uma vez sua convicção de que, quando a amizade deixa de crescer, começa imediatamente a declinar — por não existir ponto de equilíbrio entre gostar mais e gostar menos. Uma afeição estacionária, em outras palavras, era impossível — tinha que se movimentar para um lado ou para o outro. Fosse como fosse, no momento a moça tinha milhares de usos para seu senso do romântico, que estava mais ativo que nunca. Não me refiro ao impulso que recebeu enquanto contemplava as pirâmides durante uma excursão saída do Cairo, ou enquanto estava parada em meio às colunas quebradas da Acrópole, com os olhos fitos no ponto que lhe indicaram como sendo o estreito de Salamina, por mais profundas e memoráveis que tais emoções tivessem permanecido. Ela voltou no último dia de março do Egito e da Grécia e ficou mais uma temporada em Roma. Alguns dias após sua chegada, Gilbert Osmond veio de Florença e ficou três semanas, durante as quais o fato de ela estar com sua velha amiga, madame Merle, em cuja casa ela se hospedara, tornou virtualmente inevitável que ele a visse todos os dias. Quando o fim de abril chegou, ela escreveu para a senhora Touchett que agora ficaria contente em aceitar um convite feito há muito, e foi fazer uma visita ao Palazzo Crescentini, enquanto madame Merle, dessa vez, ficava em Roma. Encontrou a tia sozinha; o primo ainda estava em Corfu. Porém, Ralph era esperado em Florença a qualquer momento, e Isabel, que já não o via há mais de um ano, estava preparada para dar-lhe a acolhida mais carinhosa.

Não era nele, no entanto, que ela estava pensando, parada perto da janela, onde a encontramos minutos atrás, e tampouco em quaisquer dos assuntos que rapidamente delineei há pouco. Não estava voltada para o passado, mas para a hora seguinte, que se aproximava. Tinha motivos para esperar uma cena, e não gostava de cenas. Não estava se perguntando o que deveria dizer ao seu visitante; essa pergunta já havia sido respondida. O que ele diria a ela, isso era o interessante. Não poderia ser nada brando — disso tinha certeza —, e essa convicção, sem dúvida, transparecia na fisionomia dela. Quanto ao resto, entretanto, tudo nela era claridade; havia deixado o luto de lado e andava em reluzente esplendor. Apenas sentia-se mais velha — bem mais, e como se “tivesse mais valor” por isso, como se fosse uma curiosa peça rara na coleção de algum antiquário. De qualquer modo, não ficou indefinidamente apreensiva, pois, finalmente, um criado postou-se à sua frente com um cartão na bandeja.

— Faça o cavalheiro entrar — disse, e continuou a olhar pela janela até o criado sair. E virou-se somente quando ouviu a porta fechar atrás do visitante.

Ali estava Caspar Goodwood — e ali mesmo recebeu, em seguida, da cabeça aos pés, o olhar brilhante e seco que ela usou para evitar, em vez de oferecer, seu cumprimento. Se o senso de maturidade dele tinha acompanhado o de Isabel, talvez venhamos logo a saber; enquanto isso, permitam-me dizer que, em contraposição ao olhar crítico dela, ele nada demonstrava do passar do tempo. Ereto, forte e duro, nada havia em sua aparência que falasse de modo positivo de juventude ou envelhecimento; se não tinha inocência nem fraqueza, tampouco tinha filosofia prática. Seu queixo tinha a mesma linha dura e voluntariosa de antes; mas uma crise como a de agora o tornava, naturalmente, algo amargo. O ar era o de um homem que viajara muito; nada disse, de início, como se estivesse sem fôlego. Isso deu a Isabel tempo de refletir: “Pobre rapaz, capaz de coisas tão grandiosas, mas pena que desperdice sua força esplêndida de maneira tão infeliz! Que lástima que não se possa agradar a todos!”. Deu-lhe tempo de fazer mais ainda, de dizer ao cabo de um minuto:

— Não posso expressar-lhe como desejei que não viesse!

— Não tenho dúvidas quanto a isso. — E procurou com o olhar um lugar para sentar-se. Não apenas estava lá como pretendia acomodar-se.

— Você deve estar muito cansado — disse Isabel, sentando-se, e generosamente pensou, dando-lhe a oportunidade de acomodar-se também.

— Não, não estou nada cansado. Já me viu alguma vez cansado?

— Nunca; gostaria de ter visto! Quando chegou?

— Ontem à noite, muito tarde; num tipo de trem lento como um caracol a que chamam de “expresso”. Esses trens italianos viajam à velocidade de um funeral americano.

— Deve ter lhe caído feito uma luva; você deve ter se sentido como se tivesse vindo enterrar-me!

— E forçou um sorriso de encorajamento para que a situação deles fosse encarada mais facilmente. Ela havia pensado bastante no assunto, tornando bem claro que não ferira nenhuma confiança e tampouco falsificara qualquer contrato; mas, apesar de tudo, estava com medo de seu visitante. Tinha vergonha desse medo; mas agradecia a Deus não haver nada mais de que pudesse envergonhar-se. Ele olhou para ela com dura insistência, na qual havia total falta de tato, especialmente quando seu olhar mortiço e negro pousava nela como um peso físico.

— Não, não me senti assim; não podia pensar em você como se estivesse morta. Gostaria de poder! — arrematou com franqueza.

— Agradeço imensamente.

— Preferiria pensar em você morta a vê-la casada com outro homem.

— É muito egoísta de sua parte! — replicou ela, com o ardor de uma convicção verdadeira. — Se você não está feliz, os outros têm esse direito.

— Com toda a certeza isso é egoísta; mas não me importo que diga tal coisa. Não me importo que diga o que quiser agora — nada consigo sentir. As coisas mais cruéis que poderia dizer seriam meras alfinetadas. Depois do que você fez jamais poderia sentir mais nada — nada além do que foi feito. E isso sentirei pelo resto de minha vida.

O senhor Goodwood fez esses comentários díspares de modo frio e proposital, em seu tom americano, duro e lento, não dando qualquer tonalidade atmosférica a tais declarações intrinsecamente cruas. O tom fez com que Isabel ficasse zangada em vez de emocionada; mas talvez fosse positiva sua ira, pois deu-lhe mais uma razão para controlar-se. Foi sob a pressão de tal controle que se tornou, dali a instantes, despropositada.

— Quando saiu de Nova York?

Ele olhou para cima, como se estivesse a calcular.

— Há dezessete dias.

— Deve ter viajado depressa, a despeito da lentidão dos trens.

— Vim o mais rápido que pude. Teria vindo cinco dias antes, se pudesse.

— Não teria feito nenhuma diferença, senhor Goodwood — disse ela, com um sorriso gélido.

— Para a senhorita, não. Mas para mim, sim.

— Não vejo o que poderia ter lucrado com isso.

— Isso é problema meu!

— Claro. A mim parece que o senhor está apenas se atormentando. — E então, para mudar de assunto, perguntou-lhe se vira Henrietta Stackpole. O semblante dele não era de alguém que tivesse vindo de Boston a Florença para falar de Henrietta Stackpole; mas respondeu, com bastante clareza, que essa jovem senhora tinha estado com ele um pouco antes de deixar a América. — Ela foi visitá-lo? — perguntou Isabel.

— Sim, ela estava em Boston e foi ao meu escritório. No dia em que recebi sua carta.

— O senhor contou a ela? — perguntou Isabel, com uma certa ansiedade.

— Oh, não — disse Caspar Goodwood simplesmente —; não quis contar nada. Ela saberá de tudo rapidamente; ela sempre sabe de tudo.

— Vou escrever-lhe, e então ela responderá censurando-me — afirmou Isabel, tentando sorrir novamente.

Caspar, no entanto, permaneceu rigidamente sério.

— Creio que virá em seguida — disse.

— Para ralar comigo?

— Não sei. Parecia pensar que não tinha visitado toda a Europa.

— Ainda bem que o senhor me contou isso — disse Isabel. — Preciso preparar-me para recebê-la.

O senhor Goodwood fixou os olhos no chão por um instante; depois, por fim, erguendo-os, perguntou:

— Ela conhece o senhor Osmond?

— De passagem. E não gosta dele. Mas, é claro, não estou me casando para agradar a Henrietta — acrescentou. Teria sido melhor para o pobre Caspar que ela tivesse tentado agradar à senhorita Stackpole um pouco mais; mas ele não disse isso; apenas perguntou, dali a pouco, quando seria o casamento. Ela respondeu que não sabia ainda. — Sei apenas que será logo. Não disse a mais ninguém a não ser ao senhor e a uma outra pessoa, uma velha amiga do senhor Osmond.

— É um casamento que seus amigos desaprovam? — perguntou ele.

— Realmente não sei. Conforme disse, não me caso para agradar a meus amigos.

Ele continuou, sem exclamações ou comentários, apenas a fazer perguntas e com bastante falta de tato.

— Então, quem é o que é o senhor Gilbert Osmond?

— Quem é o quê? Ninguém e nada, mas um homem muito bom e honrado. Não tem negócios — disse Isabel. — Não é rico; não é conhecido por nada em especial.

Ela odiou as perguntas do senhor Goodwood, mas disse a si mesma que devia pelo menos satisfazer-lhe a curiosidade até onde pudesse. A satisfação que o pobre Caspar exibia era, no entanto, muito pouca; continuava ali ereto, olhando para ela.

— De onde ele vem? Qual é sua origem?

Ela não gostou nada da ênfase dada à palavra “origem”.

— Não vem de lugar algum. Passou a maior parte de sua vida na Itália.

— Disse na carta que ele era americano. Não tem por acaso um lugar de nascimento?

— Sim, mas esqueceu onde foi. Deixou sua cidade natal quando ainda era muito pequeno.

— Nunca voltou?

— Por que voltaria? — perguntou Isabel, corando, na defensiva. — Ele não tem uma profissão.

— Poderia ter voltado só para visitar. Ele não gosta dos Estados Unidos?

— Não conhece o país. E, além disso, é muito pacato e muito simples; contenta-se com a Itália.

— Com a Itália e com a senhorita — disse o senhor Goodwood, com melancólica simplicidade e sem a intenção de fazer um epigrama. — O que é que ele já fez na vida? — perguntou, abruptamente.

— Para eu me casar com ele? Absolutamente nada — respondeu Isabel, enquanto sua paciência ajudava a si própria tornando-se um pouco dura. — Se ele tivesse feito grandes coisas na vida, o

senhor me perdoaria mais facilmente? Desista de mim, senhor Goodwood; vou casar-me com uma nulidade. Não tente se interessar por ele. Não conseguirá.

— Não conseguirei gostar dele; é isso o que quer dizer. E é claro que de modo algum está querendo dizer que ele seja uma nulidade. A senhorita acha que ele é grande, acha que é o maior, embora ninguém mais pense assim.

Isabel enrubesceu mais ainda; achou isso muito sagaz da parte dele e era certamente uma prova da ajuda que a paixão podia dar a percepções que ela jamais julgara apuradas.

— Por que tem sempre que voltar ao que os outros pensam? Não consigo discutir o senhor Osmond com o senhor.

— Claro que não — disse Caspar, com franqueza. E ficou ali imóvel com aquele ar de desamparo, como se não apenas esse fato fosse verdade, mas também como se não houvesse nada mais que pudessem discutir.

— O senhor vê como tem pouco a ganhar — disse ela —, como posso lhe dar pouco conforto ou satisfação.

— Não esperava que me desse muito mais que isso.

— Não posso entender, então, por que veio.

— Vim porque queria vê-la outra vez, vê-la como está agora.

— Agradeço ao senhor; mas, se tivesse esperado um pouco, mais cedo ou mais tarde iríamos fatalmente encontrar-nos, e nosso encontro teria sido mais agradável para um e outro do que está sendo agora.

— Esperado até depois do casamento? Exatamente o que eu não queria fazer. A senhorita estaria muito diferente então.

— Nem tanto. Sempre serei sua grande amiga. O senhor verá.

— Isso tornará as coisas ainda piores — disse o senhor Goodwood, tristonho.

— Oh, o senhor é difícil de agradar! Não posso prometer odiá-lo para ajudá-lo a aceitar a situação.

— Não me importaria se o fizesse!

Isabel levantou-se com um gesto de reprimida impaciência e foi até a janela, onde ficou algum tempo olhando para fora. Quando se voltou, o visitante continuava imóvel em seu lugar. Ela caminhou novamente em sua direção e estacou, com a mão pousada no espaldar da cadeira que ocupara.

— Está dizendo que veio apenas para olhar-me? Isso talvez seja melhor para o senhor do que para mim.

— Queria ouvir o som de sua voz — disse ele.

— Então já ouviu e, como vê, ela não diz nada muito doce.

— Assim mesmo, dá prazer. — E, dizendo isso, levantou-se.

Ela sentira dor e desprazer ao saber, bem cedo naquele dia, a notícia de que ele estava em Florença e que, caso ela concordasse em recebê-lo, estaria lá dentro de uma hora. Sentira-se irritada e aborrecida, embora tivesse respondido ao mensageiro que ele podia vir quando quisesse. Não se sentira melhor quando o vira; sua mera presença implicava muitas coisas. Implicava coisas

com as quais jamais poderia concordar; direitos, reprimendas, queixumes, censuras, expectativas de que ela pudesse alterar seus planos. Essas coisas, entretanto, mesmo esperadas, não tinham sido expressadas; e agora nossa jovem senhorita, por mais estranho que pareça, começou a ter raiva do notável autocontrole de seu visitante. Havia nele um ar de tristeza muda que a irritava; havia uma firmeza máscula de propósitos que fazia com que seu coração batesse mais forte. Sentiu a agitação crescer e disse a si mesma que estava zangada como uma mulher se zanga quando sabe que está errada. Ela não estava errada; felizmente, não tinha que engolir esse amargor; mas, de qualquer modo, desejava que ele a acusasse um pouco. Desejara que sua visita fosse breve, pois não tinha propósito e muito menos razão de ser; e, no entanto, agora que ele parecia estar prestes a ir embora, ela sentia um repentino terror de que ele a deixasse sem dizer uma palavra que lhe desse oportunidade de defender-se mais do que fizera por escrito há um mês, quando, com algumas palavras cuidadosamente escolhidas, comunicara-lhe seu noivado. Se ela não estava errada, por que desejava defender-se, então? Era um excesso de generosidade da parte de Isabel desejar que o senhor Goodwood ficasse zangado. E, se ele não tivesse se contido de maneira tão firme, certamente se sentiria zangado ao ouvir o tom com que ela repentinamente exclamou, como se o acusasse de tê-la acusado:

— Não o enganei! Eu estava totalmente livre!

— Sim, eu sei disso — disse Caspar.

— Avisei-o claramente de que faria exatamente o que quisesse.

— A senhorita disse que provavelmente jamais iria casar, e disse-o de um jeito que eu realmente acreditei.

Ela pensou sobre isso por uns instantes.

— Ninguém pode estar mais surpreso que eu com minha atual intenção.

— A senhorita me disse que, se algum dia viesse a saber que estava noiva, não deveria acreditar

— continuou Caspar. — Soube há vinte dias, exatamente por você, mas lembrei-me do que dissera.

Pensei que talvez houvesse um engano e, em parte, eis por que vim.

— Se quiser ouvir as palavras de meus próprios lábios, posso dizê-las. Não há engano algum.

— Foi o que percebi tão logo entrei nesta sala.

— Que bem lhe faria se eu não casasse? — perguntou ela com uma certa ferocidade.

— Preferiria isso a esta situação.

— O senhor é muito egoísta, como eu já disse antes.

— Sei disso. Sou egoísta como o ferro.

— Até mesmo o ferro às vezes derrete. Se o senhor for razoável, eu o verei novamente.

— Não estou sendo razoável agora?

— Não sei o que lhe dizer — respondeu ela com repentina humildade.

— Não irei perturbá-la durante muito tempo — continuou o jovem. Deu um passo em direção à porta, mas parou. — Uma outra razão por que vim é desejar ouvir que explicação daria por ter mudado de idéia.

Sua humildade desapareceu tão rapidamente quanto tinha surgido.

— Explicação? O senhor acha que tenho que dar explicações?

Ele lançou-lhe um de seus longos olhares mudos.

— A senhorita tinha falado de modo tão positivo! Acreditei no que disse.

— Também eu. Acha que poderia agora explicar-lhe, se quisesse?

— Não, creio que não. Bem — acrescentou —, fiz o que queria fazer. Consegui vê-la.

— Quão pouco lucrou com essas terríveis viagens! — disse ela, sentindo a pobreza de sua resposta.

— Se a senhorita pensa que estou fora de combate ou algo assim, fique tranqüila quanto a isso.

— Voltou-se, desta vez decidido, e nenhum aperto de mão ou despedida foi trocado entre eles.

Parou na porta com a mão na maçaneta. — Parto de Florença amanhã — disse, sem pestanejar.

— Estou muito contente em saber disso! — respondeu ela com vigor. Cinco minutos depois de ele ter partido, ela irrompeu em lágrimas.

A crise de choro, entretanto, logo amainou, e todos os seus sinais desapareceram quando, uma hora mais tarde, ela deu a má notícia à tia. Uso essa expressão porque ela tinha certeza de que a senhora Touchett não iria gostar; Isabel apenas esperou para dizer-lhe depois de ter visto o senhor Goodwood. Tinha a estranha impressão de que não seria honrado tornar público o fato antes de ouvir o que o senhor Goodwood teria a dizer a respeito. Ele dissera bem menos do que ela esperava, e agora sentia-se um tanto zangada em ter perdido tempo à toa. Mas não iria perder mais; esperou que a senhora Touchett entrasse na sala para o almoço e então começou:

— Tia Lydia, tenho algo para dizer-lhe.

A senhora Touchett teve um pequeno sobressalto e olhou para ela quase com ferocidade.

— Não precisa dizer nada; eu sei o que é.

— Não sei como pode saber.

— Assim como sei que uma janela está aberta quando sinto uma corrente de ar. Você vai casar com aquele homem.

— A que homem a senhora se refere? — indagou Isabel com grande dignidade.

— O amigo de madame Merle; o senhor Osmond.

— Não sei por que a senhora o chama de amigo de madame Merle. É o ponto principal pelo qual é conhecido?

— Se não é amigo dela, deveria ser, depois do que ela fez por ele! — exclamou a senhora Touchett. — Não esperava isso dela; estou desapontada.

— Se a senhora acha que madame Merle teve alguma coisa a ver com meu noivado, está muito enganada — declarou Isabel, com uma espécie de ardente frieza.

— Está querendo dizer que seus atrativos eram suficientes, sem que o cavalheiro precisasse ser amarrado? Você está certa. São imensos os seus atrativos, e ele jamais teria ousado pensar em você se ela não o tivesse incitado. Ele tem uma opinião muito boa de si mesmo, mas não é homem de se dar ao trabalho. Madame Merle deu-se ao trabalho *por* ele.

— Ele se esforçou um pouco também! — exclamou Isabel, com um riso forçado.

A senhora Touchett assentiu brevemente.

— Creio que sim, afinal, para fazê-la gostar tanto dele.

— Pensei que ele tivesse agradado até mesmo à *senhora*.

— Numa certa época, sim; e é por isso que estou zangada com ele.

— Fique zangada comigo, não com ele — disse a jovem.

— Oh, estou sempre zangada com você; não vejo aí satisfação nenhuma! Foi por ele que você recusou lord Warburton?

— Por favor, não recomece esse assunto. Por que eu não deveria gostar do senhor Osmond se

outras pessoas gostaram?

— As outras, mesmo no auge da loucura, nunca quiseram casar com ele. Ele não tem *nada* — explicou a senhora Touchett.

— Então ele não pode me magoar — disse Isabel.

— Você acha que vai ser feliz? Ninguém é feliz nessas circunstâncias, sabia?

— Então lançarei a moda. Por que é que alguém se casa?

— Por que *você* vai casar, isso só Deus sabe. As pessoas geralmente casam pela mesma razão que entram numa sociedade: para formar uma casa. Mas, na sua sociedade, você terá que entrar com tudo.

— Porque o senhor Osmond não é rico? É disso que a senhora está falando? — perguntou Isabel.

— Ele não tem dinheiro, não tem nome, não tem importância. Eu dou valor a essas coisas e tenho a coragem de admiti-lo; acho que são coisas muito preciosas. Muitas outras pessoas pensam assim, e o demonstram. Mas oferecem alguma outra razão.

Isabel hesitou um pouco.

— Acho que dou valor a tudo o que é valioso. Dou muita importância ao dinheiro e é por isso que quero dá-lo um pouco ao senhor Osmond.

— Então dê-lhe dinheiro, mas case com alguma outra pessoa.

— Para mim, o nome dele é suficiente — continuou a jovem. — É um nome muito bonito. Será que o meu é tão bonito?

— Mais uma razão para melhorá-lo. Existe apenas uma dúzia de nomes americanos. Está se casando com ele por caridade?

— Era meu dever dar-lhe a notícia, tia Lydia, mas não acho que seja meu dever dar explicações. Mesmo que fosse, não conseguiria. Por isso, por favor, não me venha com admoestações; discutir esse assunto com a senhora coloca-me em grande desvantagem. Não posso fazê-lo.

— Não a estou admoestando. Estou simplesmente respondendo: tenho que dar alguma mostra de inteligência. Vi o que estava para acontecer e nada disse. Eu nunca interfiro.

— É verdade, e agradeço-lhe muito. A senhora tem sido muito compreensiva.

— Não foi compreensão, foi conveniência — disse a senhora Touchett. — Mas vou falar com madame Merle.

— Não sei por que insiste em trazê-la à baila. Ela tem sido uma boa amiga para mim.

— Talvez; mas tem sido uma amiga insatisfatória para mim.

— O que foi que ela lhe fez?

— Ela me enganou. Praticamente tinha prometido que iria evitar seu noivado.

— Não conseguiria fazê-lo.

— Ela pode fazer qualquer coisa; por isso eu sempre gostei dela. Eu sabia que ela podia representar qualquer papel; mas achei que desempenhasse um de cada vez. Não sabia que podia representar dois ao mesmo tempo.

— Não sei que papel ela estava representando para a senhora — disse Isabel —; isso é entre as duas. Para mim, ela tem sido sincera, amável e devotada.

— Devotada, é claro; ela deseja que você se case com o candidato dela. Contou-me que a vigiava apenas para poder interferir.

— Ela disse isso apenas para agradá-la — respondeu a jovem, cônica, entretanto, da fraqueza de tal explicação.

— Agradar-me, enganando-me? Ela me conhece muito bem. Pareço estar contente agora?

— Acho que a senhora nunca está muito contente — Isabel foi obrigada a responder. — Se madame Merle sabia que a senhora iria descobrir a verdade, o que teria a ganhar usando de insinceridade?

— Ganhou tempo, como vê. Enquanto eu esperava que ela interferisse, você já estava em marcha, e ela, na verdade, marcava o passo com o tambor.

— Tudo bem. Mas, conforme a senhora mesma declarou, ela viu que eu estava marchando, e mesmo que tivesse dado o alarme a senhora não teria tentado me parar.

— Não, mas alguma outra pessoa o faria.

— A quem se refere? — perguntou Isabel, olhando com firmeza para a tia.

Os olhinhos brilhantes da senhora Touchett, apesar de ativos como de costume, sustentaram o olhar da jovem, em vez de devolvê-lo.

— Você teria ouvido Ralph?

— Não, se ele ofendesse o senhor Osmond.

— Ralph não ofende as pessoas; você sabe muito bem disso. Ele gosta muito de você.

— Eu sei disso — disse Isabel —; e saberei o valor dessa afeição agora, pois ele sabe que qualquer coisa que eu faça é por uma boa razão.

— Ele jamais acreditou que você fosse fazer isso. Eu disse que você era capaz de tanto, e ele argumentou o contrário.

— Deve ter sido só para discutir — sorriu a jovem. — A senhora não o acusa de tê-la enganado; por que acusa madame Merle?

— Ele jamais insinuou que seria capaz de impedi-la.

— Isso me deixa contente! — exclamou Isabel, alegre. — Gostaria muito — acrescentou dali a instantes — que, tão logo ele chegasse, a senhora lhe contasse em primeiro lugar sobre meu noivado.

— É claro que irei contar — disse a senhora Touchett. — Não discutirei mais isso com você, mas devo avisá-la que conversarei com outras pessoas.

— Faça como lhe agradar. Apenas quero dizer que acho melhor que a notícia seja dada pela senhora e não por mim.

— Concordo totalmente; é bem mais correto! — E, com estas palavras, tia e sobrinha dirigiram-se para o almoço, durante o qual a senhora Touchett manteve a palavra e nenhuma alusão fez a Gilbert Osmond. Após um intervalo de silêncio, entretanto, ela perguntou à outra quem havia sido o visitante que recebera uma hora antes.

— Um velho amigo, um cavalheiro americano — disse Isabel, com um leve rubor.

— Um cavalheiro americano, naturalmente. Só um cavalheiro americano faria uma visita às dez da manhã.

— Eram dez e meia; ele estava com muita pressa; viaja esta noite.

— Não poderia ter vindo ontem, na hora apropriada?

— Ele só chegou ontem à noite.

— E passa apenas vinte e quatro horas em Florença? — exclamou a senhora Touchett. — É realmente um cavalheiro americano.

— É, de fato — disse Isabel, pensando com perversa admiração no que Caspar Goodwood havia feito por ela.

Dois dias depois, Ralph chegou; embora Isabel tivesse certeza de que a senhora Touchett não perdera tempo em contar-lhe o grande acontecimento, a princípio ele não demonstrou estar sabendo de alguma coisa. O primeiro assunto foi, naturalmente, a saúde dele; Isabel tinha muitas perguntas a fazer sobre Corfu. Ela ficou chocada com sua aparência quando o recebeu na sala; havia esquecido como ele parecia doente. A despeito de Corfu, ele estava com uma aparência especialmente doentia, e ela se perguntou se ele realmente estaria pior ou se ela estaria apenas desacostumada a conviver com um inválido. O pobre Ralph não se aproximava da beleza convencional conforme ia envelhecendo, e agora a aparente perda total de saúde não fizera muito para mitigar a estranheza natural de sua pessoa. Consumido e exaurido, mas reagindo e ainda irônico, seu rosto era como uma lanterna acesa remendada com papel, em mãos poucos firmes; a barba rala escasseava na face magra; a curva exorbitante do nariz delineava-o mais aquilino. Estava magro, esquelético e comprido, as juntas parecendo soltas; uma coesão accidental de ângulos relaxados. O casaco marrom de veludo já se tornara perene; as mãos não saíam mais dos bolsos; andava e tropeçava e se mexia de maneira que denotava grande desamparo físico. Era talvez esse jeito trôpego que ajudava mais que nunca a delinear sua personalidade, como a de um inválido engraçado, aquele para quem até mesmo as inaptidões faziam parte da grande piada. Poderiam muito bem ter sido, no tocante a Ralph, a causa principal da falta de seriedade que marcava sua visão de um mundo em que a razão para sua presença nele continuava a desafiar uma resposta. Isabel aprendera a gostar de sua feiúra; sua falta de jeito tornava-o querido a ela. Esses defeitos haviam se suavizado com a convivência; pareciam ser justamente os pontos que o tornavam encantador a seus olhos. Ele era tão encantador que a idéia que ela fazia da doença tinha algo de reconfortante; o estado de saúde dele não parecia uma limitação, mas um tipo de vantagem intelectual; absolvía-o de todas as emoções profissionais e oficiais e deixava-o com o luxo de ser exclusivamente pessoal. A personalidade resultante era maravilhosa; ele tinha permanecido invulnerável ao marasmo da doença; tivera que consentir em ficar deploravelmente doente e, no entanto, de algum modo se livrara de ficar formalmente doente. Essa foi a impressão da jovem sobre o primo; e, quando sentiu pena dele, foi somente após a reflexão. Ao refletir bastante, dedicara-lhe uma certa quantidade de compaixão; mas sempre temera desperdiçar essa essência — um bem precioso, que valia mais para o doador que para qualquer outra pessoa. Desta vez, no entanto, não precisava de maior sensibilidade para sentir que a expectativa de vida do pobre Ralph era menor do que deveria ser. Ele era um espírito brilhante, livre e generoso, tinha toda a luz da sabedoria e nada de seu pedantismo e, no entanto, estava, dolorosamente, morrendo.

Isabel mais uma vez sentiu que a vida certamente era dura para algumas pessoas e um delicado

lampejo de vergonha acompanhou-lhe o pensamento de quão fácil sua própria vida prometia se tornar agora. Estava preparada para ouvir de Ralph que ele não ficara satisfeito com seu noivado; mas não estava preparada, a despeito da afeição que nutria por ele, para deixar que esse fato estragasse a situação. Também não estava preparada, pelo menos assim pensava, para ressentir-se com a falta de solidariedade dele; pois ele teria o privilégio — seria, aliás, sua postura natural — de achar defeitos em qualquer passo que ela desse em direção ao casamento. Os primos sempre fingem odiar os maridos: é a tradição, é clássico; faz parte da maneira como os primos sempre fingem adorar as primas. Ralph era bastante crítico; e, embora ela tivesse certamente gostado, assim como de outras coisas, que ele, mais que ninguém, aprovasse seu casamento, seria absurdo achar importante o fato de sua escolha combinar com as opiniões dele. Aliás, quais eram as opiniões dele? Fingira acreditar que ela estaria melhor casando com lorde Warburton, mas só porque havia recusado essa excelente pessoa. Se o tivesse aceito, Ralph certamente teria uma opinião diferente; ele sempre ficava na oposição. Podia-se criticar qualquer casamento; é a essência de um casamento estar sempre aberto a críticas. E ela própria poderia, se estivesse assim propensa, criticar sua futura união! Tinha outros afazeres, entretanto, e Ralph era bem-vindo para aliviá-la de tal trabalho. Isabel estava pronta para ser muito paciente e indulgente. Ele deve ter percebido isso e, assim, tornou-se ainda mais estranho o fato de nada dizer. Depois de se passarem três dias sem uma só palavra, nossa jovem cansou-se de esperar; mesmo não gostando, ele poderia ao menos cumprir as formalidades. Nós, que sabemos mais sobre o pobre Ralph que sua prima, podemos acreditar com facilidade que, durante as horas que se seguiram à sua chegada no Palazzo Crescentini, ele tinha, em particular, passado por muitas formalidades. Sua mãe o havia praticamente recebido com as grandes novas, que foram muito mais gélidas que o beijo maternal da senhora Touchett. Ralph ficou chocado e humilhado; seus cálculos haviam caído por terra e a pessoa no mundo por quem ele mais se interessava estava perdida. Ele vagava pela casa como um barco à deriva numa torrente sobre rochas, ou ficava sentado no jardim do palácio numa grande poltrona de vime, com as longas pernas esticadas, a cabeça jogada para trás e o chapéu a cobrir-lhe os olhos. Sentia um frio no coração; jamais desgostara tanto de uma coisa. O que podia fazer, o que podia dizer? Se a moça era irrecuperável, poderia fingir que estava gostando do fato? Tentar recuperá-la era permissível somente se a tentativa pudesse ter sucesso. Tentar convencê-la de que existia algo de sórdido ou sinistro no homem a cuja profunda arte sucumbira seria decentemente discreto apenas no caso de ela ser convencida. Caso contrário, ele teria simplesmente desgraçado a si próprio. Custava-lhe igual esforço expressar seu pensamento ou disfarçá-lo; não conseguia concordar com sinceridade e tampouco protestar esperançoso. Entrementes, sabia — ou, digamos, presumia — que o casal de noivos diariamente renovava os votos mútuos. Osmond, nesse momento, aparecia muito pouco no Palazzo Crescentini; mas Isabel encontrava-se com ele todos os dias em outro lugar, e tinha toda a liberdade de fazê-lo depois que seu noivado fora anunciado. Havia contratado uma carruagem para o mês todo, para não ficar em débito com sua tia ao prosseguir num curso que a senhora Touchett desaprovava, e todas as manhãs dirigia-se para o Cascine. Esse bosque suburbano não tinha, nas primeiras horas do dia, intrusos de espécie alguma, e nossa jovem encontrava o namorado na sua parte mais calma e passeava com ele pelas cinzentas

sombras italianas, a ouvir o canto dos rouxinóis.

Uma manhã, quando voltava de seu passeio, cerca de meia hora antes do almoço, ela desceu da carruagem no pátio do palácio e, em vez de subir a grande escadaria, atravessou o pátio, passou sob um outro arco e seguiu pelo jardim. Naquele momento, não se podia imaginar um local mais agradável. A quietude do meio-dia jazia imóvel sobre o lugar e a cálida sombra, suave e quieta, formava caramanchões como cavernas espaçosas. Ralph estava ali sentado, à clara meia-luz, aos pés de uma estátua de Terpsícore, uma ninfa dançante de dedos finos e roupas esvoaçantes, à maneira de Bernini; o extremo relaxamento de sua atitude sugeriu a Isabel, a princípio, que ele estivesse dormindo. Seus passos leves na grama não o acordaram e, antes de voltar, ela ficou-se um instante a fitá-lo. Nesse momento, ele abriu os olhos; então ela sentou-se numa cadeira rústica que era par daquela onde ele estava. Embora, em sua irritação, ela o tivesse acusado de indiferença, não estava cega ao fato de que, visivelmente, ele tivera algo ocupando sua mente. Mas explicara o ar ausente em parte pela languidez de sua crescente fraqueza, em parte pelas preocupações resultantes da propriedade que havia herdado do pai — o fruto de estranhos arranjos, que a senhora Touchett desaprovava e que, conforme contara a Isabel, estavam encontrando oposição dos outros parceiros do banco. Ele deveria ter ido à Inglaterra, dissera a mãe, em vez de estar em Florença; estava ausente de lá havia meses e estava tão interessado no banco quanto no Estado da Patagônia.

— Desculpe tê-lo acordado — disse Isabel —; você parece muito cansado.

— Sinto-me cansado, sim. Mas não estava dormindo. Estava pensando em você.

— É disso que está cansado?

— Bastante. Não leva a nada. A estrada é longa e nunca chego.

— Aonde você desejaria chegar? — perguntou ela, fechando a sombrinha.

— Ao ponto de expressar-me corretamente sobre o que penso acerca de seu noivado.

— Não pense muito sobre isso — retornou ela, com leveza.

— Você quer dizer que não é da minha conta?

— Até um certo ponto, sim.

— É esse ponto que quero fixar. Fiquei pensando que você poderia achar que me faltavam boas maneiras. Ainda não a cumprimentei pelo noivado.

— É claro que percebi isso. Fiquei intrigada com seu silêncio.

— Havia muitas razões fortes. Vou contar-lhe agora — disse Ralph. Tirou o chapéu e colocou-o no chão; aí ficou-se a olhá-la. Recostou-se sob a proteção de Bernini, com a cabeça encostada no pedestal de mármore, os braços caídos ao longo do corpo, as mãos sobre os braços da ampla cadeira. Parecia desajeitado, desconfortável; hesitou por algum tempo. Isabel nada disse; quando as pessoas ficavam embaraçadas, geralmente ela sentia pena delas, mas estava determinada a não ajudar Ralph a pronunciar uma única palavra que não fosse a favor de sua grande decisão.

— Creio que ainda não superei a surpresa que senti — disse ele finalmente. — Você era a última pessoa que eu imaginava que fosse cair na armadilha.

— Não sei por que chama de armadilha.

— Porque você vai ser posta numa gaiola.

— Se eu gosto da minha gaiola, isso não deve preocupá-lo — respondeu ela.

— É sobre isso que estou curioso; é nisso que penso tanto.

— Se você está pensando, pode imaginar quanto eu pensei! Estou satisfeita de estar agindo corretamente.

— Você deve ter mudado muito. Um ano atrás valorizava sua liberdade, acima de tudo. Queria apenas ver a vida.

— Já vi — disse Isabel. — Não me parece agora, devo admitir, algo tão convidativo.

— Não suponho que seja; é que imaginei que você tivesse um ponto de vista animado a esse respeito e desejasse estudar toda a área disponível.

— Descobri que não se pode fazer algo tão vasto. Devemos escolher um canto e cultivá-lo.

— É o que penso também. E devemos escolher o melhor canto possível. Não podia imaginar, durante todo o inverno, enquanto lia suas deliciosas cartas, que você estivesse escolhendo. Nada disse sobre o assunto, e seu silêncio pegou-me desprevenido.

— Não era o tipo de assunto que eu comentaria com você. Além disso, eu nada sabia do futuro. Aconteceu tudo repentinamente. Se você estivesse prevenido — perguntou Isabel —, o que teria feito?

— Eu teria dito: “Espere um pouco mais”.

— Esperar o quê?

— Bem, um pouco mais de luz — disse Ralph com um sorriso um tanto absurdo, enquanto suas mãos achavam o caminho dos bolsos.

— De onde deveria vir minha luz? De você?

— Eu talvez pudesse acender uma ou outra centelha.

Isabel tinha tirado as luvas; alisou-as sobre os joelhos. A suavidade desse movimento era accidental, pois sua expressão não era conciliatória.

— Você está fazendo rodeios, Ralph. Está querendo dizer que não gosta do senhor Osmond, e, no entanto, tem medo.

— Pronto para ferir mas receoso de atacar? Estou pronto a *feri-lo*, sim, mas não a ferir você. É de você que tenho medo, não dele. Se você casar com ele, não terá sido muito feliz o fato de eu ter me manifestado.

— Se eu casar com ele? Você tem alguma esperança de dissuadir-me?

— É claro que isso lhe parece muito tolo.

— Não — disse Isabel, pouco depois —, parece-me comovente demais.

— É a mesma coisa. Torna-me tão ridículo que você chega a sentir piedade de mim.

Ela alisou as luvas novamente.

— Eu sei que você sente grande afeição por mim. Não posso esquecer isso.

— Pelo amor de Deus, nem tente. Pense sempre nisso. Servirá para convencê-la quão

intensamente quero que você se dê bem.

— E quão pouco confia em mim!

Houve um momento de silêncio; o cálido meio-dia parecia tudo ouvir.

— Confio em você, não confio nele — disse Ralph.

Ela ergueu os olhos e lançou-lhe um olhar amplo e profundo.

— Agora você o disse, e estou contente que tenha feito de forma tão clara. Mas irá sofrer por isso.

— Não se você for justa.

— Sou muito justa — disse Isabel. — Que melhor prova disso pode haver que o fato de eu não estar zangada com você? Não sei o que se passa comigo, mas não estou. Estava, quando você começou, mas já passou. Talvez devesse me zangar, mas o senhor Osmond não pensaria assim. Ele quer que eu saiba tudo; isso é o que gosto nele. Você nada tem a ganhar, sei disso. Nunca fui muito boa para você, como uma garota, para que tenha razão em desejar que eu continue sendo uma. Você sempre dá bons conselhos; sempre o fez. Não, estou bastante calma; sempre acreditei em sua sabedoria — continuou, vangloriando-se da própria calma e, no entanto, falando com uma espécie de exaltação contida. Era seu desejo fremente ser justa; tocou Ralph direto no coração, afetou-o como a carícia de uma criatura a quem ele tivesse ferido. Ele queria interrompê-la, reconfortá-la; por um momento tornou-se absurdo e inconsistente; teria retirado o que dissera. Mas ela não lhe deu chance; continuou, ao capturar um vislumbre, assim pensou, do discurso heróico, e desejando avançar nessa direção. — Vejo que você tem uma idéia especial; gostaria muito de ouvi-la. Tenho certeza de que é desinteressada, sinto que é. Parece algo estranho para ser discutido, e, naturalmente, devo dizer-lhe de uma vez por todas que, se pretende dissuadir-me, é melhor desistir. Não vai demover-me; é tarde demais. Como você disse, caí na armadilha. Certamente não será agradável para você lembrar-se disso, mas sua dor estará em seus próprios pensamentos. Jamais irei censurá-lo.

— Não creio que o faça — disse Ralph. — Não é nem um pouco o tipo de casamento que pensei que fizesse.

— Que tipo de casamento seria, se me permite perguntar?

— Bem, mal posso explicar. Não tinha exatamente uma visão positiva dele, mas tinha a negativa. Não achei que você fosse escolher... bem, escolher *aquele* tipo.

— O que há de errado com o tipo do senhor Osmond, se é que há algo errado? O fato de ele ser tão independente, tão individual, é o que *eu* vejo de melhor nele — afirmou a jovem. — O que sabe contra ele? Você mal o conhece.

— Sim — disse Ralph —, conheço-o muito pouco e confesso que não tenho os fatos e itens que o mostrem como um vilão. Mas, ao mesmo tempo, não posso deixar de achar que você está correndo um grave risco.

— O casamento sempre é um grave risco, e o risco que ele corre é tão grave quanto o meu.

— Isso é problema dele! Se ele estiver com medo, que desista. Quisera Deus que desistisse.

Isabel recostou-se em sua cadeira, cruzou os braços e olhou por um momento para o primo.

— Não sei se entendo você — disse, por fim, com frieza. — Não sei do que está falando.

— Achei que você se casaria com um homem de maior importância.

Frio era o tom da voz dela, mas, ao ouvir isto, uma cor feito chama aflorou a seu rosto.

— De maior importância para quem? Parece-me suficiente que um marido tenha importância para a própria esposa!

Ralph enrubesceu também; sua atitude o embaraçava. Do ponto de vista físico, ele começou a mudá-la; endireitou-se, depois curvou-se para a frente, pousando uma mão em cada joelho. Fixou os olhos no chão; tinha o ar da mais respeitosa deliberação.

— Direi num momento a que me refiro — disse, logo depois. Sentia-se agitado, cheio de intensa ansiedade; agora que tinha aberto a discussão queria aliviar sua mente. Mas desejava também usar de superlativa gentileza.

Isabel esperou um pouco, depois continuou, com majestade:

— Em todas as coisas que nos fazem gostar de alguém, o senhor Osmond é superior. Pode haver outras naturezas mais nobres, mas nunca tive o prazer de conhecer uma delas. O senhor Osmond é a melhor que conheço; é suficientemente bom para mim, suficientemente interessante e suficientemente inteligente. Estou muito mais impressionada com o que ele tem e representa do que com o que talvez lhe falte.

— Eu tinha me permitido ter uma visão encantadora de seu futuro — Ralph observou, sem responder a ela. — Entreti-me planejando um grande destino para você. Não era para acontecer nada disso nesse destino. Você não iria ser abatida tão facilmente ou tão depressa.

— Abatida, você disse?

— Bem, para mim foi o que lhe aconteceu. Era como se você estivesse voando lá no azul do céu, navegando na luz brilhante, pairando por sobre a cabeça dos homens. De repente alguém atira-lhe um botão de rosa fanado — um petardo que jamais deveria tê-la alcançado —, e você cai direto no chão. Isso me dói — disse Ralph, com audácia —; dói-me como se eu próprio tivesse despencado!

O olhar de dor e perplexidade acentuou-se no rosto de sua interlocutora.

— Não compreendo você nem um pouco — repetiu ela. — Diz que se divertiu com um plano para a minha carreira; não entendo isso. Não se divirta tanto assim, ou pensarei que o faz à minha custa.

Ralph meneou a cabeça.

— Não temo que não acredite que tive grandes idéias para você.

— O que quer dizer com navegar e voar? — continuou ela. — Jamais estive num plano mais alto do que este em que estou agora. Não existe nada mais alto para uma moça que se casar com... uma pessoa de quem gosta — disse a pobre Isabel, entrando pelo campo da didática.

— É sua afeição pela pessoa de quem falamos que ousou criticar, minha querida prima. Eu deveria ter dito que o homem de sua escolha teria que ser mais ativo, maior, de natureza mais livre. — Ralph hesitou, depois acrescentou: — Não consigo tirar da cabeça a idéia de que Osmond seja talvez... bem, pequeno. — Havia emitido essa última palavra com pouca segurança; tinha medo de que voltasse a reagir violentamente. Mas, para sua surpresa, ela ficou muda; parecia estar pensando.

— Pequeno? — Fez a pergunta parecer imensa.

— Acho que ele é tacanho, egoísta. Ele se leva tão a sério!

— Ele tem um grande respeito por si mesmo; não o censuro por isso — disse Isabel. — Faz com que tenhamos a certeza de respeitar os outros.

Por um momento Ralph quase sentiu-se reconfortado pelo tom razoável da voz dela.

— Sim, mas tudo é relativo; temos que sentir as relações que temos com as coisas... com os outros. Não creio que o senhor Osmond sinta isso.

— Estou principalmente interessada em suas relações comigo. Nisso é excelente.

— Ele é a encarnação do bom gosto — continuou Ralph, pensando seriamente qual a melhor maneira de expressar os sinistros atributos de Gilbert Osmond sem colocar-se numa posição de parecer descrevê-lo grosseiramente. Desejava que a descrição fosse impessoal, científica. — Ele julga e mede, aprova e condena, tudo baseado nesse seu gosto.

— Então é muito bom que seu gosto seja tão apurado.

— De fato, é apurado, pois levou-o a selecioná-la como noiva. Mas você já chegou alguma vez a ver esse gosto — um gosto tão delicado — irritado?

— Espero que eu nunca tenha a má sorte de deixar de gratificar o bom gosto de meu marido.

Ao ouvir essas palavras, uma súbita paixão assomou aos lábios de Ralph.

— Oh, isso é teimosia, é indigno de você! Você não é pessoa para ser medida assim; você nasceu para algo muito melhor que manter guarda à sensibilidade de um diletante estéril!

Isabel ergueu-se de um salto, e ele fez o mesmo, de modo que ficaram os dois a se entreolhar como se ele tivesse lançado um desafio ou um insulto. Mas ela simplesmente sussurrou:

— Você foi longe demais.

— Disse o que ia na minha mente, e disse porque a amo!

Isabel empalideceu; estaria ele também naquela cansativa lista? Sentiu uma vontade repentina de riscá-lo dela.

— Ah, então você não é parte desinteressada.

— Eu a amo, mas sem esperanças — disse Ralph, rapidamente, forçando um sorriso e sentindo que na última afirmação tinha dito mais do que pretendia.

Isabel afastou-se e ficou a olhar para a quietude ensolarada do jardim; dali a pouco, virou-se para ele.

— Receio que suas palavras sejam então produto do desespero! Não entendo, mas não faz mal. Não estou discutindo com você; seria impossível fazê-lo; tentei apenas escutá-lo. Agradeço muito por tentar explicar — disse ela gentilmente, como se a ira que a invadira já tivesse diminuído. — É muita gentileza de sua parte tentar alertar-me, se é que está realmente alarmado; mas não prometerei pensar no que disse; esquecerei suas palavras tão logo possa. Tente esquecer-las você também; cumpriu seu dever, e ninguém pode fazer mais que isso. Não posso explicar-lhe o que sinto, em que acredito, e não tentaria, mesmo que pudesse. — Fez uma pausa e continuou com tal inconseqüência que Ralph chegou a notá-la, mesmo em meio à sua ansiedade de descobrir algum sintoma de concessão. — Não consigo conceber a idéia que você faz do senhor Osmond; não posso acreditar nela, porque o vejo de uma maneira bem diferente. Ele não é importante — não, não é importante; é um homem para quem importância é algo de suprema indiferença. Se é a isso que se refere ao chamá-lo de “pequeno”, então ele é pequeno mesmo. Para mim isso é grande — é a

maior coisa que conheço. Não pretendo discutir com você sobre a pessoa com quem vou me casar — repetiu Isabel. — Não estou absolutamente preocupada em defender o senhor Osmond; ele não é tão fraco que necessite de minha defesa. Penso que seja estranho até mesmo para você que eu esteja falando dele com tanta calma e frieza, como se fosse uma outra pessoa qualquer. Eu não conversaria sobre ele com mais ninguém a não ser você; e, quanto a você, depois do que disse, quero responder-lhe de uma vez por todas. Diga-me, gostaria que eu fizesse um casamento mercenário, o que chamam de um casamento de ambição? Minha ambição é apenas uma: ser livre para ter bons sentimentos. Tive outras um dia, mas desapareceram. Você se queixa do senhor Osmond porque não é rico? Pois é disso que gosto nele. Felizmente, tenho dinheiro suficiente; nunca me senti tão grata por isso como agora. Houve momentos em que senti vontade de ajoelhar-me diante do túmulo de seu pai: talvez ele tenha feito algo melhor do que imaginava ao colocar em minhas mãos o poder de me casar com um homem pobre — um homem que suportou sua pobreza com tanta dignidade, com tanta indiferença. O senhor Osmond jamais disputou ou lutou — pois não estava preocupado com nenhum prêmio terreno. Se isso é ser mesquinho, se isso é ser egoísta, então, muito bem. Não tenho medo de palavras desse tipo, não estou nem triste; lamento apenas que você tenha errado. Outros poderiam tê-lo feito, mas estou surpresa de que tenha sido *você*. Deveria reconhecer um cavalheiro quando vê um pela frente — deveria reconhecer uma pessoa inteligente. O senhor Osmond não comete erros! Ele sabe tudo, ele entende tudo, tem o espírito mais amável, gentil e altruísta que conheci. Você está com uma idéia errada na cabeça. É uma pena, mas não posso impedir isso; tem mais a ver com você do que comigo.

Isabel fez uma pausa, olhando para o primo com olhos iluminados por um sentimento que contradizia a calma estudada de seu modo de falar — uma mescla de dor exaltada despertada pelas palavras dele, e o orgulho ferido por ter que justificar uma escolha sobre a qual sentia apenas nobreza e pureza. Apesar da pausa, Ralph nada disse; percebeu que ela tinha mais a dizer. Estava grandiosa, mas bastante ansiosa; estava indiferente, mas tomada de paixão.

— Com que tipo de pessoa você gostaria que eu me casasse? — perguntou ela, de repente. — Você fala sobre pairar e voar, mas para casar temos que ter os pés no chão. Temos sentimentos e necessidades humanas, temos um coração no peito e temos que casar com um indivíduo em particular. Sua mãe jamais me perdoou por não ter chegado a um entendimento melhor com lorde Warburton, e está horrorizada por eu contentar-me com uma pessoa que não tem nenhuma das grandes vantagens dele — propriedades, títulos, honrarias, casas, terras, posição, reputação ou pertences valiosos de qualquer tipo. É a total ausência dessas coisas que me agrada. O senhor Osmond é simplesmente um homem muito solitário, culto e honesto; ele não é um prodigioso proprietário.

Ralph tinha ouvido com grande atenção, como se tudo o que ela dissesse merecesse profunda consideração; mas, na verdade, ele apenas pensava em parte nas coisas que ouvia, pois estava tentando acomodá-las ao peso de sua impressão geral — a impressão de ardente boa-fé da prima. Ela estava errada, mas acreditava naquilo; estava enganada, mas era tristemente consistente. Era uma maravilhosa característica dela o fato de, tendo inventado uma bela teoria acerca de Gilbert Osmond, amá-lo, não pelo que ele realmente possuísse, mas por suas próprias deficiências

transformadas em honrarias. Ralph lembrava-se de haver dito ao pai que desejava colocar nas mãos dela o poder de atender às exigências de sua imaginação. Foi o que ele fez, e a jovem aproveitara-se plenamente desse luxo. O pobre Ralph sentia-se mal; sentia-se envergonhado. Isabel dissera as últimas palavras com uma calma e solene convicção que virtualmente punha um fim à discussão, e encerrara-a formalmente ao dar-lhe as costas e caminhar de volta para casa. Ralph foi caminhando ao lado dela e, juntos, entraram no pátio que precedia a grande escadaria. Aí ele parou e Isabel também, voltando para ele uma expressão de júbilo — de absoluta e obstinada gratidão. A oposição dele tornara a sua própria conduta mais clara.

— Não vai subir para o almoço? — perguntou ela.

— Não; não quero almoçar; não estou com fome.

— Você deveria comer — disse a jovem —; você se alimenta de ar.

— Sim, isso mesmo, e até demais; voltarei ao jardim para mais uma golfada. Só estou aqui para dizer-lhe o seguinte: eu lhe disse o ano passado que, se você tivesse problemas, eu iria me sentir terrivelmente derrotado. É como me sinto hoje.

— Você acha que estou com problemas?

— Quando estamos errados, temos problemas.

— Muito bem — disse Isabel —; jamais irei queixar-me dos meus problemas com você! — Dito isso, subiu as escadas.

Ralph, parado com as mãos nos bolsos, seguiu-a com os olhos; depois um frio sorrateiro no pátio de muros altos tocou-o e fê-lo estremecer, fazendo-o voltar ao jardim para alimentar-se dos raios do sol florentino.

Ao passear no Cascine com seu noivo, Isabel não sentiu impulso nenhum de contar-lhe a pouca aprovação que ele merecia no Palazzo Crescentini. A discreta oposição oferecida ao seu casamento pela tia e pelo primo não lhe causara, no todo, grande impressão; a razão de tudo era simplesmente que eles não gostavam de Gilbert Osmond. Essa aversão não chegava a alarmar Isabel; ela mal a lamentava, pois servia principalmente para pôr em relevo o fato, sob todos os aspectos tão honroso, de que ela se casava para agradar a si mesma. Outras coisas eram feitas para agradar a outras pessoas; mas isso seria feito para uma satisfação pessoal; e a satisfação de Isabel era confirmada pela admirável conduta de seu namorado. Gilbert Osmond estava apaixonado, e ele jamais merecera menos que nesses dias calmos e brilhantes, contados um a um por precederem a realização de suas esperanças, as duras críticas que Ralph Touchett fizera a seu respeito. A impressão principal causada no espírito de Isabel por essas críticas era de que a paixão amorosa separava quem a sentia de todos, exceto do objeto de seu amor. Sentia-se desligada de todos os que conhecera antes — das duas irmãs, que lhe escreveram expressando, como um dever, suas esperanças de que ela fosse feliz, e a surpresa, um tanto mais vaga, por ela não ter escolhido um consorte que fosse herói de um acúmulo maior de histórias; de Henrietta que, ela tinha certeza, mais tarde apareceria, tarde demais, para admoestá-la; de lorde Warburton, que certamente iria acabar se consolando, e de Caspar Goodwood, que provavelmente não o faria; de sua tia, que tinha idéias frias e superficiais acerca do casamento, pelo qual não se furtava a demonstrar desprezo; e de Ralph, cuja conversa de ter grandes visões sobre ela certamente não passava de extravagante cobertura para um desapontamento pessoal. Aparentemente Ralph não queria que ela se casasse de modo algum — é o que realmente queria dizer — porque se divertia com o espetáculo de suas aventuras como mulher solteira. Seu desapontamento fê-lo dizer coisas desagradáveis sobre o homem a quem ela preferira, até a ele próprio; Isabel iludia-se, dizendo acreditar que Ralph estivesse mesmo zangado. Era-lhe mais fácil acreditar nisso porque, como já disse, restava-lhe agora pouca emoção livre e desocupada para as coisas pequenas, e aceitava como um incidente, aliás, quase como um ornamento do destino, a idéia de que preferir Gilbert Osmond, como ela o fazia, quebraria por força todos os outros vínculos. Saboreou a doçura dessa escolha e tornou-se consciente, quase com reverência, da maré invejada e sem remorso da encantada e possuída condição, pois grande era a honra tradicional e a presumida virtude de estar apaixonada. Esse era o lado trágico da felicidade: o direito de um compunha-se sempre do erro de outrem.

A exultação do sucesso, que com certeza ardia com força dentro de Osmond, emitia entrementes muito pouca fumaça para fogueira tão crepitante. Da parte dele, o contentamento não assumia forma vulgar; a excitação, nesse homem tão cômico de si mesmo, era uma espécie de êxtase de autocontrole. Essa disposição, entretanto, tornava-o um amante admirável; dava-lhe uma visão

constante do estado enamorado e devotado. Ele nunca se esquecia de si mesmo, como eu disse, e por isso nunca se esquecia de ser gracioso e terno, de assumir a aparência — que de fato não implicava dificuldade alguma — de ter sentidos agitados e profundas intenções. Estava satisfeitíssimo com a jovem que encontrara. Madame Merle dera-lhe um presente de valor incalculável. O que poderia ser melhor que viver com um espírito elevado, afinado com a suavidade? Pois não seria a suavidade toda para si próprio, e a energia para a sociedade, que admirava o ar de superioridade? Que dom mais afortunado desejaria numa companheira que a mente ágil e rica, que poupava repetições e refletia os pensamentos do outro numa superfície elegante e polida? Osmond detestava ver seus pensamentos reproduzidos de forma literal — isso fazia-os parecerem antiquados e estúpidos; preferia que fossem renovados na reprodução como as “palavras” o são na música. Seu egoísmo nunca assumira a forma grosseira de querer uma esposa obtusa; a inteligência dessa dama seria uma salva de prata, não de cerâmica — salva que ele encheria de frutas maduras, emprestando-lhe valor decorativo, de modo que a conversação pudesse tornar-se, para ele, como que uma sobremesa bem servida. Ele encontrou a qualidade argêntea dessa perfeição em Isabel; ele podia bater na imaginação dela com os nós dos dedos e fazê-la vibrar. Sabia muito bem, embora isso não lhe tivesse sido dito, que a união deles não era bem vista pelos parentes da moça, mas sempre a tratara de modo tão completo como uma pessoa independente que não parecia necessário expressar seu pesar pela atitude da família dela. Assim mesmo, numa manhã, fez uma súbita alusão a isso.

— É a diferença entre nossas fortunas que não apreciam — disse. — Acham que estou apaixonado pelo seu dinheiro.

— Está falando de minha tia, de meu primo? — perguntou Isabel. — Como sabe o que pensam?

— Você não me disse que estão contentes, e quando escrevi à senhora Touchett outro dia ela não respondeu ao meu bilhete. Se tivessem ficado contentes, eu teria tido algum sinal disso, e o fato de eu ser pobre e você rica é a explicação mais óbvia para o retraimento deles. Mas é claro que, quando um homem pobre casa com uma moça rica, deve estar preparado para imputações. Não me importo com isso; só me importo com uma coisa: que você não tenha a menor sombra de dúvida. Não me importo com o que pessoas a quem nada peço pensem — não sou nem mesmo capaz, talvez, de querer saber. Nunca me preocupei com isso, Deus me perdoe, e por que vou começar agora, quando tomei para mim a compensação por tudo? Não vou dizer que lamento que você seja rica; alegro-me. Alegro-me com tudo o que é seu — seja dinheiro ou virtude. Dinheiro é uma coisa horrível para se buscar, mas algo encantador de ser encontrado. Porém, parece-me que eu já provei o suficiente os limites de meu desejo por ele; nunca na vida tentei ganhar um tostão, e eu deveria ser menos suscetível de suspeita que a maior parte das pessoas que vemos labutando e batalhando. Imagino que eles tenham obrigação de suspeitar — a sua família; aliás, é certo que o façam. Algum dia vão gostar mais de mim; você também, garanto. Enquanto isso, meu dever é não ficar com raiva, mas apenas dar graças pela vida e pelo amor.

Em outra ocasião, disse:

— Tornei-me uma pessoa melhor ao amá-la; fiquei mais sábio e mais tolerante e, não nego, mais alegre e mais agradável; e também mais forte. Antes eu costumava querer um sem-número de

coisas e ficava com raiva por não tê-las. Em teoria, eu estava satisfeito, como lhe disse uma vez. Dizia a mim mesmo que limitara minhas necessidades. Mas era propenso à irritação; costumava ter acessos mórbidos, estéreis e odiosos de ânsia e de desejo. Agora estou realmente satisfeito porque não posso pensar em nada melhor. É como quando alguém tenta decifrar um livro à meia-luz e, de repente, a luz é acesa. Eu estava cansando meus olhos com o livro da vida e nada encontrava para recompensar-me pelo esforço; mas agora que posso ler direito, vejo que é uma história maravilhosa. Minha querida, não posso expressar como a vida parece estender-se diante de nós — que longa tarde de verão nos aguarda! É o final de um dia italiano — um mormaço dourado, com as sombras adensando-se sob a divina delicadeza da luz, do ar, da paisagem que amei a vida toda e que hoje você também ama. Por tudo o que me é sagrado, não sei por que não deveríamos nos dar bem. Temos aquilo de que gostamos — isso sem falar de termos um ao outro. Temos a capacidade de admirar e várias convicções capitais. Não somos estúpidos, não somos mesquinhos, não estamos presos a laço algum de ignorância ou monotonia. Você é toda frescor, e eu sou bem amadurecido. Temos minha filhinha para me divertir; vamos tentar criar uma vida para ela. É tudo suave e brando — tudo tem o colorido italiano.

Fizeram muitos planos futuros mas também deixaram para si próprios muita latitude; estava entendido, contudo, que iriam viver na Itália por enquanto. Fora na Itália que se tinham conhecido; a Itália fizera parte de suas primeiras impressões um do outro, e a Itália faria parte de sua felicidade. Osmond tinha o vínculo da antiga amizade, e Isabel, o estímulo da nova, o que parecia garantir a ela um futuro num alto nível de consciência do belo. O desejo de expansão ilimitada fora suplantado em sua alma pela sensação de que a vida seria vazia se não tivesse algum dever particular que concentrasse as energias num ponto. Ela dissera a Ralph que tinha “visto a vida” num ano ou dois e que já estava cansada, não de viver, mas de observar. O que tinha acontecido a todo o seu ardor, a suas aspirações, suas teorias, sua grande estima pela independência e sua incipiente convicção de que nunca casaria? Essas coisas tinham sido absorvidas por uma necessidade mais primitiva — uma necessidade cuja resposta afastava inúmeras perguntas, porém gratificava infinitos desejos. Simplificava a situação de um golpe, descia do alto como a luz das estrelas e não necessitava de explicação. Já havia suficiente explicação no fato de ele ser o seu amor, só dela, e ela poder ser útil a ele. Ela podia entregar-se a ele com uma certa humildade, podia casar com ele com um certo orgulho; não estava apenas tomando, estava dando. Ele levou Pansy duas ou três vezes até o Cascine — Pansy estava pouco mais alta que um ano antes e não muito mais velha. O pai expressou a convicção de que ela sempre seria uma criança, segurando-lhe a mão, embora ela já tivesse dezesseis anos, e dizendo-lhe que fosse brincar enquanto ele ficava um pouco com a bonita dama. Pansy usava vestido curto e casaco longo; o chapéu sempre parecia ser grande demais para ela. Entretinha-se em andar com passos rápidos e curtos até o fim da alameda e depois voltar com um sorriso que parecia pedir aprovação. Isabel aprovou com abundância, e a abundância tinha o toque pessoal que a natureza afetuosa da criança necessitava. Ela observava suas indicações como se, para ela, muito também dependesse delas — Pansy já representava parte do serviço que ela poderia prestar, parte da responsabilidade que poderia enfrentar. Tal era a opinião do pai sobre sua infantilidade que ainda não lhe explicara o novo relacionamento que agora mantinha com a

elegante senhorita Archer. Disse a Isabel:

— Ela não sabe; nem adivinha; acha perfeitamente natural que você e eu venhamos aqui passear juntos, apenas como bons amigos. Isso me parece algo encantadoramente inocente, é como gosto que ela seja. Não, não sou um fracasso, como costumava pensar; tive êxito em duas coisas. Vou casar com a mulher a quem adoro e eduquei minha filha como desejava, à moda antiga.

Ele era muito afeito, em tudo, à “moda antiga”; isso, para Isabel, era um de seus aspectos bons, calmos e sinceros.

— Estou pensando que não saberá se teve êxito até contar-lhe — disse ela. — Tem que ver como ela receberá a notícia. Pode ficar horrorizada, pode ficar com ciúmes.

— Não tenho medo disso; ela gosta muito de você, independentemente de qualquer coisa. Eu gostaria de deixá-la na ignorância um pouco mais — para ver se lhe entra na cabeça que, se não estamos noivos, deveríamos estar.

Isabel ficou impressionada com a visão artística, plástica, de Osmond, como parecia ser, sobre a inocência de Pansy — já que sua própria apreciação em relação a ela era mais ansiosamente moral. Mas, provavelmente, nem por isso ficou menos contente quando ele lhe disse, alguns dias depois, que comunicara o fato à filha, e esta fizera um discurso muito bonito:

— Oh, então vou ter uma irmã muito bonita! — Não tinha ficado surpresa nem alarmada; não tinha chorado, como ele previra.

— Talvez já tivesse adivinhado — comentou Isabel.

— Não diga isso; eu ficaria desgostoso se acreditasse nisso. Pensei que fosse ser um pequeno choque, mas o modo como ela recebeu a notícia prova que suas boas maneiras são o que prevalece. Isso é também o que eu queria. Você verá por si mesma; amanhã ela vai dar-lhe as felicitações pessoalmente.

No dia seguinte, o encontro aconteceu na casa da condessa Gemini, aonde Pansy fora levada pelo pai, sabedor de que Isabel deveria estar lá à tarde, em retribuição a uma visita que a condessa lhe fizera ao saber que iriam tornar-se cunhadas. Tendo ido até a casa dos Touchett, a condessa não encontrara Isabel; mas depois que nossa jovem foi conduzida a sua saleta, Pansy chegou para avisar que a tia viria logo. Pansy estava passando o dia com essa senhora, cuja opinião era de que a menina já tinha chegado a uma idade em que deveria começar a aprender como se comportar na companhia dos outros. Isabel, por sua vez, achava que a garota poderia dar lições de comportamento à tia, e nada poderia ter justificado mais tal convicção do que a maneira como Pansy se portou enquanto esperavam juntas pela condessa. A decisão do pai, no ano anterior, tinha sido por fim mandá-la de volta ao convento para receber os toques finais, e irmã Catherine tinha evidentemente posto em prática sua teoria de que Pansy deveria estar equipada para o mundo lá fora.

— Papai contou-me que a senhora teve a bondade de consentir casar-se com ele — disse a aluna daquela excelente senhora. — É maravilhoso; acho que vai dar muito certo.

— Acha que acertarei com *você*?

— A senhora vai acertar muito comigo, mas o que quis dizer é que a senhora e papai vão dar muito certo um com o outro. Os dois são tão tranquilos e tão sérios! A senhora não é tão quieta

quanto ele — ou mesmo quanto madame Merle —, mas é mais calada que muitas outras pessoas. Ele não deveria, por exemplo, ter uma esposa como a minha tia. Ela está sempre em movimento, em agitação — principalmente hoje; a senhora vai ver quando ela chegar. Aprendi no convento que é errado julgar os mais velhos, mas imagino que não haja mal em julgá-los de modo favorável. A senhora será uma companheira ótima para papai.

— Para você também, espero — disse Isabel.

— Falei nele antes de propósito. Já lhe disse o que eu mesma penso a seu respeito: gostei da senhora desde o início. Admiro-a tanto que acho que será uma grande sorte tê-la sempre perto de mim. A senhora será meu modelo; tentarei imitá-la, embora receie que seja difícil. Estou muito contente por papai — ele precisava de algo além de mim. Sem a senhora, não vejo como poderia ter. A senhora será minha madrasta, mas não devemos usar essa palavra. Dizem que madrastas sempre são cruéis, e eu não acho que a senhora vá beliscar-me ou mesmo empurrar-me. Não tenho medo nenhum.

— Minha pequenina Pansy — disse Isabel, com brandura —, serei muito boa com você. — Uma vaga e inconseqüente visão de vir a precisar ser boa, de alguma maneira estranha, causou-lhe um tremor.

— Muito bem, então nada tenho a temer — retrucou a menina, com seu tom de preparada presteza. Que educação tivera!, parecia sugerir — ou que castigos por descumprimento dessa educação ela temia!

A descrição que fizera da tia não fora incorreta; a condessa Gemini estava mais longe que nunca de ter dobrado as asas. Entrou na sala adejando pelo ar e beijou Isabel primeiro na testa e depois em cada face, como que seguindo algum antigo ritual. Puxou a visitante para um sofá e, olhando para ela com toda uma variedade de meneios da cabeça, começou a falar de modo muito semelhante ao que usaria se, sentada de pincel na mão diante de um cavalete, estivesse aplicando uma série de retoques calculados a uma composição de figuras já esboçadas.

— Se espera que eu a felicite, devo pedir-lhe que me desculpe. Não penso que se importe que o faça ou deixe de fazer; creio que dizem que não se importa — por ser tão inteligente — com grande número de coisas comuns. Mas eu me importo de dizer mentiras; nunca as digo, a não ser que haja algo de muito bom a ganhar com isso. Não sei o que teria a ganhar com a senhorita — principalmente porque não acreditaria em mim. Não invento coisas, assim como não faço flores de papel ou abajures empetecados — não sei fazer. Meus abajures com certeza pegariam fogo, minhas flores e minhas mentiras seriam muito exageradas. Fico muito contente que a senhorita se case com Osmond, mas não vou fingir estar contente pela senhorita. É muito brilhante — sabe que é assim que sempre falam da senhorita; é uma herdeira muito bonita e original, nada *banal*, de modo que é uma boa coisa tê-la na família. Nossa família é muito boa, sabe; Osmond deve ter-lhe dito isso. Minha mãe era muito distinta — chamavam-na de Corinne americana. Mas nós decaímos muito na vida, acho eu, e talvez a senhorita nos levante novamente. Tenho grande confiança na senhorita; há tantas coisas sobre as quais gostaria de falar-lhe! Nunca felicito moça alguma pelo casamento; acho que de algum modo deveriam tornar menos horrível a armadilha de aço que ele é. Imagino que Pansy não deveria ouvir tudo isso, mas é por essa razão que está em minha casa: para

adquirir o tom da sociedade. Não há mal em ela saber que horrores talvez lhe estejam reservados. Quando imaginei, no começo, que meu irmão tinha intenções a seu respeito, pensei em escrever-lhe para recomendar de forma muito enérgica que não o escutasse. Depois achei que seria deslealdade e detesto esse tipo de coisa. Além disso, como eu estava dizendo, fiquei encantada por mim mesma e, afinal de contas, sou muito egoísta. Por falar nisso, a senhorita não vai me respeitar, nem um tiquinho, e nunca seremos íntimas. Eu gostaria, mas a senhorita não vai querer. Algum dia, mesmo assim, vamos ser melhores amigas do que a senhorita pode estar pensando. Meu marido irá vê-los, embora, como provavelmente sabe, ele não esteja em bons termos com Osmond. Ele aprecia muito visitar mulheres bonitas, mas não tenho medo da senhorita. Em primeiro lugar, não me importa o que ele faz. Em segundo, a senhorita não vai ligar a mínima para ele; não vai achá-lo, em momento algum, nem um pouco interessante e, embora estúpido como é, perceberá que a senhorita não é para ele. Algum dia, se estiver disposta, vou contar-lhe tudo a respeito de meu marido. Acha que minha sobrinha deveria sair da sala? Pansy, vá estudar um pouco de piano em meu *boudoir*.

— Deixe-a ficar, por favor — disse Isabel. — Prefiro não ouvir nada que Pansy não possa ouvir!

Num dia de outono de 1876, ao cair da tarde, um rapaz de aparência agradável tocou a campainha de um pequeno apartamento no terceiro andar de uma velha casa romana. Quando atenderam à porta, perguntou por madame Merle, e a criada, uma mulher asseada e simples, com feições francesas e modos de camareira pessoal, levou-o até uma saleta minúscula e perguntou-lhe o nome.

— Senhor Edward Rosier — disse o jovem, sentando-se para esperar pela dona da casa.

O leitor talvez não tenha esquecido que o senhor Rosier era um ornamento do círculo americano em Paris, mas também deve se lembrar de que ele às vezes desaparecia desse horizonte. Tinha passado parte de vários invernos em Pau, e, como era cavalheiro de hábitos estabelecidos, poderia ter continuado a visitar anualmente, durante anos, o encantador recanto. No verão de 1876, entretanto, aconteceu um incidente que alterou a corrente não só de seu pensamento, mas de seus programas costumeiros. Ele passou um mês no Alto Engadin e encontrou em Saint-Moritz uma encantadora jovem. A essa pessoa dedicou, de imediato, especial atenção; ela lhe pareceu o exato anjo doméstico que há muito vinha buscando. Ele nunca era precipitado, nunca era nada a não ser discreto, de modo que desistiu no momento de declarar sua paixão, mas pareceu-lhe, quando se despediram — a jovem, para voltar à Itália, e seu admirador, para prosseguir para Genebra, onde ele se comprometera a encontrar outros amigos —, que ele ficaria infeliz se não a visse de novo. A maneira mais simples de fazê-lo era ir no outono a Roma, onde a senhorita Osmond residia com a família. O senhor Rosier encetou sua peregrinação para a capital italiana e lá chegou no dia 1º de novembro. Era uma coisa agradável de fazer, mas para o jovem havia um traço de heroísmo no empreendimento. Ele poderia expor-se, desacostumado, ao veneno do ar romano, que em novembro ficava, como era notório, à espreita. A fortuna, porém, favorece os corajosos, e esse aventureiro, que tomava três grãos de quinino por dia, ao cabo de um mês não tinha motivo algum para deplorar sua temeridade. De certa forma, fizera bom uso de seu tempo; tinha-o dedicado em vão a encontrar um defeito na composição de Pansy Osmond. Ela era de admirável acabamento; tinha recebido o último retoque; era, de fato, uma peça acabada. Ele pensava nela em meditação amorosa de modo muito semelhante ao que pensaria numa pastora de porcelana de Dresden. De fato, a senhorita Osmond, no frescor de sua juventude, tinha um toque de rococó que Rosier, cujo gosto pendia muito para esse estilo, não podia deixar de apreciar. Que ele apreciava as produções de períodos comparativamente frívolos teria ficado aparente na atenção que ele dedicava à saleta de madame Merle, a qual, embora mobiliada com espécimens de todos os estilos, era especialmente rica em artigos dos últimos dois séculos. Ele tinha posto imediatamente um monóculo no olho e dado uma olhada em torno, e então murmurado, ansiosamente:

— Por Júpiter, ela tem umas coisas bem bonitas! — A sala era pequena e abarrotada de móveis;

dava a impressão de seda descorada e estatuetas que poderiam desabar a qualquer movimento. Rosier levantou-se e caminhou por lá com seu passo cuidadoso, debruçando-se sobre as mesas repletas de quinquilharias e sobre almofadas que portavam brasões principescos em relevo. Quando madame Merle chegou, encontrou-o parado diante da lareira, com o nariz quase encostado no grande babado de renda pregado no damasco que cobria a cornija. Ele levantou-o com delicadeza como se o estivesse cheirando.

— É antiga renda veneziana — disse ela. — Das boas!

— É boa demais para isto; a senhora deveria vesti-la.

— Contaram-me que o senhor tem outra melhor em Paris, nas mesmas condições.

— Ah, mas eu não posso vestir a minha — disse o visitante, sorrindo.

— Não vejo por que não! Tenho renda melhor que essa para vestir.

Os olhos dele percorreram com vagar a sala outra vez.

— A senhora tem coisas muito boas.

— Sim, mas odeio-as.

— Quer livrar-se delas? — perguntou rápido o jovem.

— Não, é bom ter coisas para odiar: serve de válvula de escape!

— Eu adoro minhas coisas — disse o senhor Rosier, agora sentado, um tanto acalorado ao reconhecer tantos objetos. — Mas não é sobre elas nem sobre as suas coisas que vim conversar com a senhora. — Fez uma pausa por um momento e depois disse, com maior suavidade: — Gosto mais da senhorita Osmond que de todos os bibelôs da Europa!

Madame Merle arregalou os olhos.

— Veio aqui dizer-me isso?

— Vim pedir-lhe conselho.

Ela olhou para ele com uma expressão cordial e amiga, e esfregou o queixo com a grande mão branca.

— Um homem apaixonado, o senhor deve saber, não pede conselhos.

— Por que não, se estiver em situação difícil? Isso acontece com freqüência com homens apaixonados. Já estive apaixonado antes e sei disso. Mas nunca tanto como desta vez — realmente, nunca. Eu gostaria em especial de saber o que a senhora acha das minhas chances. Receio que para o senhor Osmond eu não seja... bem, uma peça de colecionador.

— Quer que eu interceda? — perguntou madame Merle, com os bonitos braços cruzados e a boca bem-feita curvada para a esquerda.

— Se pudesse dizer uma palavrinha a meu favor, eu ficaria muitíssimo grato. Não adiantaria nada incomodar a senhorita Osmond sem ter bons motivos para crer que o pai consinta.

— Está tendo muita consideração; isso conta a seu favor. Mas está presumindo, de modo um tanto intempestivo, que *eu* o ache um bom partido.

— A senhora foi muito boa para mim — disse o jovem. — Foi por isso que vim.

— Sempre sou boa com pessoas que têm bons móveis Luís XIV. São muito raros hoje em dia e nunca se sabe o que se pode ganhar com isso. — Dizendo isso, o canto esquerdo dos lábios de madame Merle emprestou expressão à brincadeira.

Mas ele pareceu, apesar disso, ficar literalmente apreensivo e, conseqüentemente, mais afobado.

— Ah, pensei que gostasse de mim por mim mesmo!

— Gosto muito do senhor, mas, por favor, não vamos analisar. Perdoe-me se pareço condescendente, mas acho-o um perfeito cavalheiro. Porém, devo dizer-lhe que não está em minhas mãos o casamento de Pansy Osmond.

— Não pensei nisso. Mas pareceu-me que a senhora era íntima da família e talvez pudesse ter influência.

Madame Merle pensou por um instante.

— A quem chama de família?

— Ora, ao pai e... como se diz em inglês? *A bellemère*.

— O senhor Osmond é o pai dela, com certeza, mas sua esposa não pode ser considerada um membro da família da jovem. A senhora Osmond nada tem a ver com o casamento dela.

— Lamento isso — observou Rosier, com um suspiro bem-humorado de boa-fé. — Acho que a senhora Osmond seria a meu favor.

— É provável, se o marido não for.

Ele ergueu o cenho.

— Ela adota posição oposta à dele?

— Em tudo. Pensam de modo bem diferente.

— Bem — disse Rosier —, sinto muito, mas nada tenho a ver com isso. Ela gosta muito de Pansy.

— Sim, ela gosta muito de Pansy.

— E Pansy tem grande afeição por ela. Contou-me que a ama como se fosse sua própria mãe.

— Então deve ter tido conversas bem íntimas com a pobre criança — disse madame Merle. — Declarou-lhe seus sentimentos?

— Nunca! — exclamou Rosier, erguendo a mão enluvada. — Nunca até eu ter certeza sobre os pais.

— Sempre espera por isso? Tem excelentes princípios; observa as conveniências.

— Acho que está fazendo pouco de mim — murmurou o rapaz, recostando-se na cadeira e cofiando o pequeno bigode. — Não esperava isso da senhora, madame Merle.

Ela balançava a cabeça, calma, como uma pessoa que vê as coisas como são.

— Não está sendo justo comigo. Acho sua conduta de um bom gosto excelente, e a melhor que poderia ter. Sim, é o que penso.

— Eu não perturbaria a moça só por perturbar; amo-a demais para isso — disse Ned Rosier.

— Alegro-me, afinal, que me tenha contado — continuou madame Merle. — Deixe comigo; acho que posso ajudá-lo.

— Eu disse que a senhora era a pessoa a quem falar! — exclamou o visitante, com júbilo instantâneo.

— Foi muito esperto — retrucou madame Merle, num tom mais seco. — Quando digo que posso ajudá-lo, quero dizer que depende de que sua causa seja boa. Vou pensar um pouco se é.

— Sou muito decente, sabe — disse Rosier, com ar sincero. — Não vou dizer que não tenho

defeitos, mas garanto que não tenho vícios.

— Tudo isso é negativo, e também depende sempre do que as pessoas chamam de vícios. Qual é o lado positivo? Qual o lado virtuoso? O que possui além de renda espanhola e chávenas de Dresden?

— Tenho uma pequena fortuna confortável — uns quarenta mil francos por ano. Com meu talento para organizar as coisas, poderemos viver lindamente com essa renda.

— Lindamente, não. Razoavelmente, sim. Mas até isso depende de onde se mora.

— Bem, em Paris. Eu moraria em Paris.

O lábio de madame Merle ergueu-se para a esquerda.

— Não seria grande coisa; teria que usar as chávenas, e elas acabariam quebrando.

— Não queremos ser grande coisa. Se a senhorita Osmond mantiver tudo bonito, já bastará. Quando se é bonita como ela é, pode-se ter... bem, faiança bem barata. Ela nunca deverá usar nada além de musselina — sem bordados — disse Rosier, pensativo.

— Não lhe permitirá nem mesmo o bordado? Ela lhe ficará muito grata, de qualquer modo, por essa teoria.

— É correta, posso garantir-lhe, e tenho certeza de que Pansy se encaixará nela. Ela entende tudo isso; é por isso que a amo.

— É uma moça muito boazinha e muito cuidadosa — e também de extrema graciosidade. Mas o pai, pelo que sei, nada pode lhe dar.

Rosier nem hesitou.

— Não tenho o menor desejo que ele dê alguma coisa. Mas permita-me comentar que ele vive como um homem rico.

— O dinheiro é da esposa; ela possui uma grande fortuna.

— A senhora Osmond, então, gosta muito da enteada; talvez faça alguma coisa.

— Para um pretendente apaixonado, o senhor não perde nada! — exclamou madame Merle, com uma risada.

— Aprecio muito um dote. Posso passar sem ele, mas aprecio.

— A senhora Osmond — continuou madame Merle — provavelmente prefere guardar seu dinheiro para os próprios filhos.

— Os próprios filhos? Ela não tem nenhum...

— Ainda pode ter. Teve um menino que morreu há dois anos, seis meses depois de nascer. Portanto outros poderão vir.

— Espero que sim, se isso a faz feliz. Ela é uma mulher esplêndida.

Madame Merle absteve-se de falar. Depois comentou:

— Ah, há muito para ser dito sobre ela. Esplêndida, se quiser! Mas não chegamos à conclusão de que o senhor seja um bom partido. A ausência de vícios dificilmente é uma fonte de renda.

— Perdoe-me, mas acho que pode ser — disse Rosier, com grande lucidez.

— Vocês vão ser um casal comovente, vivendo de sua inocência!

— Acho que me subestima.

— Não é tão inocente assim? Falando sério — disse madame Merle —, é claro que quarenta mil

francos por ano e um bom gênio são uma combinação para se pensar. Não digo que seja algo que se deve agarrar, mas poderia haver oferta pior. Porém, o senhor Osmond ficará mais propenso a pensar que pode conseguir coisa melhor.

— Talvez *ele* possa, mas o que a filha pode fazer? Não há nada melhor para ela que casar com o homem que ama. Pois ela me ama, sabe — acrescentou Rosier, ansioso.

— Sim, eu sei.

— Ah — exclamou o jovem —, eu bem disse que a senhora era a pessoa com quem falar.

— Mas não sei como o *senhor* sabe disso, se não perguntou a ela — continuou madame Merle.

— Num caso desses, não há necessidade de se perguntar ou de se dizer; como diz a senhora, somos um casal inocente. Como *a senhora* soube?

— Eu, que não sou inocente? Sendo muito ardilosa. Deixe comigo; vou descobrir para o senhor. Rosier levantou-se e ficou alisando o chapéu.

— Diz isso com certa frieza. Não se limite a descobrir como estão as coisas, mas tente fazer com que sejam como devem ser.

— Farei o possível. Tentarei aproveitar ao máximo as suas vantagens.

— Muitíssimo obrigado. Nesse meio-tempo, então, trocarei uma palavrinha com a senhora Osmond.

— *Gardez-vous en bien!* — E madame Merle pôs-se de pé. — Não a ponha em campo, ou vai estragar tudo.

Rosier olhou para o chapéu; perguntou-se se, afinal de contas, a anfitriã tinha sido a pessoa certa para sua confiança.

— Acho que não a entendo. Sou velho amigo da senhora Osmond, e acho que ela gostaria que eu fosse bem-sucedido.

— Pode ser velho amigo quanto quiser; quanto mais velhos amigos ela tiver, melhor, pois não se dá muito bem com os novos. Mas, por enquanto, não tente fazer com que ela erga lanças pelo senhor. O marido pode ter opinião diferente e, como alguém que quer o bem dela, aconselho-o a não aumentar os pontos de diferenças entre ambos.

O rosto do pobre Rosier adotou uma expressão de alarme; a pretensão à mão de Pansy Osmond era um assunto ainda mais complicado do que seu gosto por transições apropriadas tinha admitido. Mas o extremo bom senso que ele dissimulava sob uma superfície que sugeria o “melhor serviço de porcelana” de um proprietário cuidadoso veio em seu auxílio.

— Não vejo por que seja obrigado a considerar tanto assim o senhor Osmond! — exclamou.

— Não, mas deveria considerar *a senhora* Osmond. Diz que é um velho amigo dela. Gostaria de fazê-la sofrer?

— Por nada deste mundo.

— Então tenha cuidado e deixe as coisas assim, até eu fazer umas sondagens.

— Deixar as coisas assim, madame Merle? Lembre-se de que estou apaixonado.

— Oh, o senhor não vai virar cinzas! Por que veio falar comigo se não quer seguir o que digo?

— A senhora está sendo muito amável; serei bom — prometeu o rapaz. — Mas receio que o senhor Osmond seja muito duro — acrescentou com sua voz branda, ao encaminhar-se para a

porta.

Madame Merle deu uma risada breve.

— Já se disse isso antes. Mas a esposa não é fácil também.

— Ah, ela é uma mulher esplêndida! — repetiu Ned Rosier, de saída.

Ele decidiu que sua conduta seria digna de um aspirante que já era um modelo de discrição, mas nada viu em qualquer promessa feita a madame Merle que tornasse impróprio manter-se de bom ânimo fazendo uma ocasional visita à casa da senhorita Osmond. Refletia constantemente sobre o que sua conselheira lhe dissera e ruminava na mente a impressão de seu tom bastante circunspecto. Ele fora ter com ela *de confiance*, como dizem em Paris, mas era possível que tivesse se precipitado. Achava difícil pensar em si mesmo como impetuoso — incorrera em tal censura raras vezes, mas com certeza a verdade é que ele só conhecia madame Merle há um mês, e o fato de achá-la uma mulher encantadora não era, quando se pensava bem, motivo para presumir que ela estivesse ansiosa de empurrar Pansy Osmond para seus braços, em que pese a graciosa postura de tais membros para recebê-la. Na verdade, ela lhe demonstrara benevolência, e era uma pessoa considerada entre os que privavam da família da jovem, onde dava uma notável impressão (mais de uma vez, Rosier perguntava-se como conseguia isso) de ser íntima sem ser familiar. Mas é possível que ele tivesse exagerado tais vantagens. Não havia motivo especial para que ela se desse ao trabalho por sua causa; uma mulher encantadora era encantadora para todos, e Rosier sentiu-se como um tolo ao pensar que apelara para ela com base no fato de ela ter sido amável com ele. Era muito provável — embora ela parecesse ter falado em tom de brincadeira — que, na verdade, só estivesse pensando nos bibelôs dele. Teria imaginado que ele poderia lhe oferecer duas ou três jóias de sua coleção? Se ela o ajudasse a casar com a senhoria Osmond, daria de presente a ela todo o seu museu. Não podia, é claro, dizer-lhe isso de chofre; soaria como um suborno grosseiro. Mas gostaria que ela acreditasse nisso.

Foi com tais pensamentos que voltou à casa da senhora Osmond, quando ela estava oferecendo uma de suas “noites” — tinha escolhido todas as quintas-feiras —, e quando a presença dele poderia ser explicada pelos princípios gerais de civilidade. O alvo da bem controlada afeição do senhor Rosier morava numa casa alta, no próprio coração de Roma; uma estrutura sólida e escura, dando para uma ensolarada *piazzetta* nas proximidades do Palazzo Farnese. Era num palácio também que a pequena Pansy morava — um palácio pelos padrões romanos, mas um calabouço para o espírito apreensivo do pobre Rosier. Parecia-lhe ser de mau agouro que a jovem com quem desejava casar, e cujo exigente pai ele duvidava ter habilidade para conciliar, estivesse emparedada numa espécie de fortaleza doméstica, um prédio que levava um austero e antigo nome romano, que cheirava a feitos históricos, a crime e ardis e violência, que era mencionado no guia *Murray* e visitado por turistas que ficavam, após vago exame, desapontados e deprimidos, e que tinha afrescos de Caravaggio, no *piano nobile*, e uma fileira de estátuas mutiladas e urnas empoeiradas, na ampla *loggia* de nobres arcos, por cima do úmido pátio, onde um repuxo jorrava de um nicho coberto de musgo. Se estivesse num estado de espírito menos preocupado, teria feito justiça ao Palazzo Roccanera; poderia ter partilhado o sentimento da senhora Osmond, quando lhe contara uma vez que, ao se estabelecerem em Roma, ela e o marido tinham escolhido essa moradia por amor à cor

local. Tinha bastante cor local, e, embora ele conhecesse menos sobre arquitetura do que pinturas de Limoges, podia perceber que as proporções das janelas e mesmo os detalhes da cornija tinham uma aparência majestosa. Mas Rosier era atormentado pela convicção de que, em épocas pitorescas, jovens tinham sido trancafiadas lá em cima, de modo a separá-las de seus amores verdadeiros, e depois, sob ameaça de serem enclausuradas em conventos, tinham sido forçadas a matrimônios pouco santos. Havia um aspecto, contudo, a que sempre fazia justiça depois de se ver nas aconchegantes e ricas salas de recepção da senhora Osmond, que ficavam no segundo andar: reconhecia que aquela gente tinha predileção por “coisas boas”. Era um gosto totalmente de Osmond — nem um pouco dela; isso ela lhe contara na primeira vez que ele estivera na casa, quando, depois de perguntar a si mesmo durante um quarto de hora se eles tinham até móveis franceses melhores que os dele em Paris, foi obrigado ali mesmo a admitir que tinham, e muitos, e dominou a inveja como bom cavalheiro, a ponto de expressar à anfitriã sua pura admiração por seus tesouros. A senhora Osmond lhe disse que o marido tinha juntado uma grande coleção antes do casamento e que, embora tivesse acrescentado inúmeras belas peças nos últimos três anos, tinha conseguido seus melhores achados numa época em que não tinha o benefício dos conselhos dela. Rosier interpretou tal informação de acordo com seus próprios princípios. Em lugar de “conselhos”, leia-se “dinheiro”, disse a si mesmo, e o fato de Gilbert Osmond ter conquistado seus prêmios mais altos durante a época de poucos recursos confirmava sua doutrina mais cara: um colecionador pode muito bem ser pobre se souber ser ao menos paciente. Em geral, quando Rosier se apresentava nas noites de quinta-feira, seu primeiro reconhecimento eram as paredes do salão; havia nelas três ou quatro objetos pelos quais seu olhar ansiava. Mas após a conversa com madame Merle, ele sentiu a extrema seriedade de sua posição, e agora, ao entrar, procurou com o olhar a filha da casa com tanta ansiedade quanto se permitiria um cavalheiro, cujo sorriso, ao cruzar a soleira, sempre aceitava todas as coisas confortáveis como sendo devidas.

Pansy não estava na primeira sala, um grande aposento com teto côncavo e paredes cobertas de damasco vermelho antigo; era ali que a senhora Osmond geralmente ficava — embora não estivesse em seu lugar mais habitual nessa noite — e que um círculo de pessoas especialmente íntimas se reuniam em frente à lareira. A sala estava permeada de discreta e difusa claridade; continha as coisas maiores e — quase sempre — um aroma de flores. Pansy deveria estar, então, numa das salas seguintes, a próxima, o refúgio dos convivas mais jovens, onde o chá era servido. Osmond estava de pé diante da lareira, encostado, com as mãos atrás das costas; tinha um pé levantado, cuja sola aquecia. Meia dúzia de pessoas espalhadas perto dele estavam conversando entre si, mas ele não participava da conversa; seus olhos tinham uma expressão, freqüente neles, que parecia dizer que estavam ocupados com objetos mais dignos deles do que as aparências que se impunham a eles. Entrando sem ser anunciado, Rosier não conseguiu atrair-lhe a atenção, mas o jovem, muito formal, embora estivesse até excepcionalmente cômico de que era à mulher, e não ao marido, que fora ver, aproximou-se para apertar-lhe a mão. Osmond estendeu-lhe a mão esquerda, sem mudar de atitude.

— Como vai? Minha esposa está por aí, em algum lugar.

— Não se preocupe; eu a encontrarei — disse Rosier, em tom alegre.

Porém, Osmond dedicou-lhe atenção; nunca na vida tinha se sentido olhado com tanta eficiência. “Madame Merle contou-lhe e ele não gostou”, pensou. Tivera esperança de que madame Merle estivesse lá, mas ela não estava visível; talvez estivesse numa das outras salas ou fosse chegar mais tarde. Ele nunca gostara muito de Gilbert Osmond, pois tinha idéia de que ele se pavoneava um pouco. Mas Rosier não era de guardar rancores e, em se tratando de cortesia, sempre tinha grande necessidade de estar certo. Olhou em torno e sorriu, involuntariamente, e dali a um momento disse:

— Vi uma boa peça de Capo di Monte hoje.

A princípio, Osmond nada respondeu, mas, logo depois, enquanto aquecia a sola do sapato, retrucou:

— Eu não ligo a mínima para Capo di Monte!

— Espero que não esteja perdendo o interesse!

— Em velhos potes e pratos? Sim, estou perdendo o interesse.

Por um momento, Rosier esqueceu a delicadeza de sua posição.

— Não está pensando em se desfazer de uma ou duas peças?

— Não, não estou pensando em desfazer-me de nada em absoluto, senhor Rosier — disse Osmond, ainda com os olhos fitos nos do interlocutor.

— Ah, o senhor quer conservar, mas não acrescentar — observou Rosier, em tom animado.

— Exato. Não tenho nada que gostaria de juntar.

O pobre Rosier sentiu-se enrubescer; ficou desgostoso com a própria falta de segurança.

— Ah, bom, *eu* tenho! — foi tudo o que conseguiu murmurar, e sabia que seu murmúrio se perdera em parte, ao se afastar. Encaminhou-se para a sala contígua e encontrou a senhora Osmond atravessando a profunda passagem em forma de arco. Estava vestida de veludo negro; parecia altaneira e esplêndida, como ele havia dito, e, no entanto, oh, de uma suavidade tão radiante! Sabemos o que o senhor Rosier pensava dela e em que termos ele expressara, para madame Merle, sua admiração. Como a apreciação pela querida enteada, essa admiração era baseada em parte no seu olho para o caráter decorativo, seu instinto de autenticidade; mas também num senso para valores não catalogados, para aquele “lustro” secreto, além de qualquer perda registrada ou redescoberta, o qual sua devoção por artigos frágeis ainda não o tornara incapaz de reconhecer. No momento, a senhora Osmond poderia muito bem ter gratificado esses gostos. Os anos a haviam tocado apenas para embelezá-la; a flor de sua juventude não fenecera, pendia apenas mais tranqüila em seu caule. Perdera algo daquela intensa vivacidade que o marido tinha em particular desaprovado — tinha mais a aparência de quem podia esperar. Agora, de qualquer modo, emoldurada pelo portal dourado, ela parecia ao jovem a própria imagem da graciosa dama.

— Está vendo que sou muito assíduo — disse ele. — Mas quem seria, se eu não o fosse?

— Sim, eu o conheço há mais tempo que qualquer um aqui. Mas não vamos entregar-nos a ternas reminiscências. Quero apresentá-lo a uma jovem.

— Ah, por favor, que jovem? — Rosier era muito bem-educado; mas não fora para isso que tinha ido.

— Ela está sentada ao lado da lareira, de cor-de-rosa, e não tem com quem conversar.

Rosier hesitou por um instante.

— O senhor Osmond não pode conversar com ela? Está a dois metros dela.

A senhora Osmond também hesitou.

— Ela não é muito vivaz, e ele não gosta de gente quieta.

— Mas serve para mim? Ah, essa foi forte!

— Só quis dizer que você tem idéias suficientes para dois. E, além disso, é prestativo...

— Seu marido também.

— Não, não é, para mim. — E, dizendo isso, a senhora Osmond deu um sorriso vago.

— Sinal de que deveria sê-lo em dobro para as outras mulheres.

— É o que eu digo a ele — respondeu ela, continuando a sorrir.

— Sabe, é que eu gostaria de tomar um chá — prosseguiu Rosier, olhando ansioso para a frente.

— Isso é ótimo. Vá levar um pouco de chá para a minha mocinha.

— Está bem, mas depois vou abandoná-la a seu destino. A verdade pura e simples é que estou morrendo de vontade de conversar com a senhorita Osmond.

— Ah — disse Isabel, virando-se —, não posso ajudá-lo nisso!

Cinco minutos depois, ao entregar a chávena para a donzela de cor-de-rosa, a quem levava para a outra sala, ele se perguntou se, ao fazer à senhora Osmond a declaração que acabo de citar, teria quebrado o espírito da promessa feita a madame Merle. Essa questão era capaz de ocupar a mente

do jovem por tempo considerável. Contudo, por fim ele se tornou — do ponto de vista comparativo — imprudente; pouco se importava com as promessas que tivesse que quebrar. O destino a que ele ameaçara abandonar a donzela de rosa acabou provando não ser tão terrível, pois Pansy Osmond, que servira o chá para sua acompanhante — Pansy continuava a gostar de fazer o chá como sempre gostara —, logo foi conversar com ela. Desse moderado colóquio, Edward Rosier pouco participou; ficou sentado ao lado, calado, olhando para sua pequena querida. Se olharmos para ela com os olhos dele, a princípio nada veremos que nos lembre a menininha obediente que, três anos antes, em Florença, era mandada caminhar pequenas distâncias no Cascine, enquanto o pai e a senhorita Archer falavam sobre assuntos sagrados para adultos. Mas logo em seguida perceberemos que, se Pansy, aos dezenove anos, tornara-se uma jovem dama, na verdade não preenchia tão bem o papel; que, se ficara muito bonita, faltava-lhe, em grau lastimável, a qualidade conhecida e apreciada na aparência das mulheres como estilo; e que, se estava vestida com grande frescor, usava o traje elegante com a clara atitude de quem o poupa, como se lhe tivesse sido emprestado para a ocasião. Edward Rosier, parece, seria exatamente a pessoa a notar tais defeitos e, para dizer a verdade, não existia uma qualidade da jovem, fosse qual fosse, que ele não tivesse notado. Só que ele chamava essas qualidades por nomes que ele mesmo dava — alguns dos quais bastante felizes. “Não, ela é única, é absolutamente única”, costumava dizer a si mesmo, e podem ter certeza de que nem por um instante admitiria que lhe faltava estilo. Estilo? Ora, ela tinha o estilo de uma princesinha; se não pode ser visto, é porque não se tem olho para isso. Não era moderno, não era consciente, não causaria impressão alguma na Broadway; a pequena e grave donzela, no seu vestidinho engomado, só parecia uma infanta de Velásquez. Isso bastava para Edward Rosier, que a achava deliciosamente antiquada. Seus olhos ansiosos, os encantadores lábios e o corpo diminuto eram tão comoventes como a oração de uma criança. Ele estava sentindo um desejo agudo de saber exatamente até que ponto ela gostava dele — desejo que o fez mexer-se impaciente na cadeira. Isso fez com que sentisse calor, de modo que teve que enxugar a testa com o lenço; nunca se sentira tão desconfortável. Ela era uma *jeune fille* tão perfeita, e a uma *jeune fille* não se podia fazer a pergunta necessária para elucidar tal ponto. Uma *jeune fille* era com o que Rosier sempre sonhara — uma *jeune fille*, contudo, que não deveria ser francesa, pois ele achava que essa nacionalidade complicaria o assunto. Tinha certeza de que Pansy nunca lera um jornal e que, no tocante a romances, se lera sir Walter Scott, teria sido o máximo. Uma *jeune fille* americana — o que poderia ser melhor que isso? Seria franca e alegre, mas não andaria sozinha, nem receberia cartas de homens, nem seria levada ao teatro para ver comédias de costumes. Rosier não podia negar que, no ponto em que as coisas estavam, seria uma quebra de hospitalidade apelar direto a essa criatura nada sofisticada, mas agora estava correndo perigo iminente de indagar se a hospitalidade seria a coisa mais sagrada do mundo. O sentimento que ele nutria pela senhorita Osmond não era de importância infinitamente maior? Infinitamente importante para ele, sim, mas provavelmente não para o dono da casa. Havia um consolo; mesmo que esse cavalheiro estivesse de sobreaviso graças a madame Merle, não teria comunicado o alerta a Pansy; não faria parte da sua política fazê-la saber que um fascinante rapaz estava apaixonado por ela. Mas ele *estava* apaixonado, o fascinante rapaz, e todas essas restrições circunstanciais tinham acabado por irritá-lo. O que

Gilbert Osmond quisera dizer, dando-lhe dois dedos da mão esquerda? Se Osmond era rude, certamente ele próprio deveria ser ousado. Sentiu-se extremamente ousado depois que a moça sem-graça, no vão disfarce cor-de-rosa, atendeu ao chamado da mãe, que veio dizer, com significativo risinho em direção a Rosier, que tinha que levá-la para outras conquistas. Mãe e filha foram embora juntas, e agora só dependia dele ficar praticamente sozinho com Pansy. Nunca estivera sozinho com ela antes; nunca estivera sozinho com uma *jeune fille*. Era um grande momento; o pobre Rosier pôs-se a enxugar a testa de novo. Havia outra sala adiante daquela em que estavam — uma saleta que fora aberta e iluminada, mas, como os convivas não eram numerosos, tinha permanecido vazia a noite toda. Ainda estava vazia; era atapetada de amarelo-pálido e havia várias lâmpadas; pela porta aberta, parecia o próprio templo do amor autorizado. Rosier ficou de olhos fitos na entrada por um momento; tinha medo de que Pansy fugisse e sentiu-se quase capaz de estender a mão para detê-la. Mas ela ficou parada onde a outra moça os deixara, sem fazer qualquer menção de juntar-se a um grupo de convidados do outro lado da sala. Por um instante, ocorreu-lhe que ela estivesse com medo — talvez com medo demais para mover-se —, mas um segundo olhar certificou-o de que não estava, e depois refletiu que, de fato, ela era demasiado inocente para tal. Depois de uma hesitação suprema, perguntou-lhe se lhe permitia ir olhar a saleta amarela, que parecia tão atraente, porém tão virginal. Ele já tinha estado lá com Osmond, para olhar a mobília que era do primeiro império francês e, em especial, para admirar o relógio (que não admirou realmente), uma imensa estrutura clássica daquele período. Assim, sentiu que agora tinha começado a manobrar.

— Claro que pode ir — disse Pansy — e, se quiser, eu lhe mostro. — Ela não estava nem um pouco com medo.

— É exatamente o que esperava que dissesse; a senhorita é muito amável — murmurou Rosier.

Entraram juntos; Rosier, na verdade, achava a saleta bem feia e lhe parecia fria. A mesma idéia pareceu ocorrer a Pansy.

— Não é para noites de inverno; é mais para o verão — disse. — É gosto do papai; ele tem muito bom gosto.

Tinha muito gosto, sim, pensou Rosier, mas não tão bom. Olhou em torno; não sabia o que dizer em tal situação.

— A senhora Osmond não se ocupa com a decoração da casa? Ela não tem bom gosto? — perguntou.

— Oh, sim, muito, mas é mais para literatura — disse Pansy — e para conversa. Mas papai também se interessa por essas coisas. Acho que ele sabe tudo.

Rosier ficou quieto um momento.

— Há uma coisa de que tenho certeza que ele sabe! — exclamou logo em seguida. — É que quando venho aqui, é... com todo o respeito a ele e com todo o respeito à senhora Osmond, que é tão encantadora — é, de fato — disse o jovem —, para vê-la!

— Para ver-me? — E Pansy ergueu os olhos vagamente perturbados.

— Para vê-la, é para isso que venho — repetiu Rosier, sentindo a embriaguez da ruptura com a autoridade.

Pansy ficou olhando para ele, de modo simples, atento, franco; não havia necessidade de rubor para tornar-lhe o rosto mais modesto.

— Achei que fosse por isso.

— E não lhe era desagradável?

— Eu não podia afirmar; eu não sabia. O senhor nunca me disse — respondeu ela.

— Receava ofendê-la.

— O senhor não me ofende — murmurou a moça, sorrindo como se um anjo a tivesse beijado.

— Então gosta de mim, Pansy? — perguntou Rosier em voz muito branda, sentindo-se muito feliz.

— Sim, gosto.

Tinham ido até a lareira sobre cuja cornija o grande e frio relógio estilo império estava empoleirado; estavam dentro da saleta e longe do alcance do olhar de alguém lá fora. O tom em que ela pronunciou essas duas palavras pareceu a ele o próprio sopro da natureza e a única resposta possível era tomar-lhe a mão e segurá-la por um momento. Depois levou-a aos lábios. Ela submeteu-se, mantendo ainda o sorriso puro e confiante no qual havia algo de inefavelmente passivo. Ela gostava dele — tinha gostado o tempo todo; agora qualquer coisa poderia acontecer! Ela estava pronta — estivera sempre pronta, esperando que ele falasse. Se ele não tivesse falado, ela teria esperado para sempre, mas, quando a palavra surgiu, ela caiu como um fruto maduro de uma árvore ao ser sacudida. Rosier sentiu que, se a puxasse para si e a apertasse de encontro ao coração, ela se submeteria, e sem um murmúrio ficaria ali sem questionar. É verdade que isso seria uma experiência precipitada num *salottino* amarelo, estilo império. Ela percebera que era por sua causa que ele estava lá e ainda assim, como uma perfeita pequena dama, tinha cumprido seu papel!

— É muito querida para mim — murmurou ele, tentando acreditar que existia, no fim das contas, algo como a hospitalidade.

Ela olhou por um instante para a mão que ele havia beijado.

— Disse que papai sabe?

— Você acabou de dizer-me que ele sabe tudo.

— Acho que deve certificar-se disso — disse Pansy.

— Ah, minha querida, agora que tenho certeza sobre *você!* — Rosier murmurou-lhe ao ouvido, e então ela voltou-se para as outras salas com um pequeno ar de preocupação, que parecia indicar que o apelo delas seria imediato.

As outras salas, entretantes, haviam notado a chegada de madame Merle que, aonde quer que fosse, causava uma impressão ao entrar. Como o fazia, nem o espectador mais atento saberia dizer, pois nem falava alto, nem ria com exagero, nem se movia com rapidez, nem se vestia com luxo, nem apelava de modo perceptível para a platéia. Grande, clara, sorridente, serena, havia algo em sua própria tranqüilidade que se difundia, e quando as pessoas olhavam em torno era por causa do repentino silêncio. Desta vez, ela fez o que poderia fazer de mais silencioso; depois de abraçar a senhora Osmond, o que era mais notável, sentara-se num pequeno sofá para uma conversa íntima com o dono da casa. Houve uma breve troca de lugares-comuns entre os dois — em público, sempre prestavam um certo tributo formal ao lugar-comum —, e depois madame Merle, cujos

olhos tinham vagado pela sala, perguntou se o pequeno senhor Rosier estava lá nessa noite.

— Ele veio há quase uma hora, mas desapareceu — respondeu Osmond.

— E onde está Pansy?

— Na outra sala. Há várias pessoas lá.

— Ele está provavelmente entre elas — disse madame Merle.

— Quer vê-lo? — perguntou Osmond, num tom provocadoramente desinteressado.

Madame Merle olhou-o por um instante; conhecia cada um de seus tons até a oitava de uma nota.

— Sim, gostaria de dizer a ele que lhe contei o que ele queria e que você está muito pouco interessado.

— Não lhe diga isso. Ele tentará interessar-me mais — o que é exatamente o que não quero. Diga-lhe que detesto seu pedido.

— Mas não detesta.

— Isso não tem importância; não o adoro. Deixei que percebesse isso, esta noite; fui rude de propósito. Esse tipo de coisa é uma grande maçada. Não há pressa.

— Vou dizer-lhe que você vai pensar no caso com calma.

— Não, não faça isso. Ele persistirá.

— Se o desencorajar, fará o mesmo.

— Sim, mas, no primeiro caso, tentará falar e explicar — o que seria bastante enfadonho. No segundo, provavelmente ficará calado e irá procurar caça mais fácil. Isso não exigirá que eu fale. Detesto falar com um asno.

— É assim que considera o pobre senhor Rosier?

— Oh, ele é um chato; sempre falando em sua maiólica.

Madame Merle abaixou o olhar e esboçou um pequeno sorriso.

— Ele é um cavalheiro, tem um gênio encantador e, afinal de contas, uma renda de quarenta mil francos!

— É miséria, “miséria dourada” — interrompeu Osmond. — Não é o que sonhei para Pansy.

— Muito bem, então. Ele prometeu não dizer nada a ela.

— Acredita nele? — perguntou Osmond, distraído.

— Perfeitamente. Pansy tem pensado muito nele, mas imagino que você não julgue isso importante.

— Não julgo importante de modo algum, mas também não acredito que ela tenha pensado nele.

— Essa opinião é mais conveniente — disse madame Merle, em voz baixa.

— Ela lhe disse que estava apaixonada por ele?

— O que pensa que ela seja? E o que pensa que eu seja? — acrescentou madame Merle, após um instante.

Osmond tinha cruzado a perna e descansava o fino tornozelo no joelho: ficou segurando o tornozelo com a mão com familiaridade — seu longo e magro indicador unido ao polegar podiam circundá-lo — e fixou o olhar diante de si por um momento.

— Esse tipo de coisa não me pega despreparado. Foi para isso que a eduquei. Foi só para isso:

quando um caso assim acontecesse, ela faria o que eu prefiro.

— Não receio que ela não o faça.

— Então, qual é o problema?

— Não vejo nenhum. Mas, assim mesmo, recomendo-lhe que não se livre do senhor Rosier.

Mantenha-o à vista; poderá ser útil.

— Não posso mantê-lo. Mantenha-o você.

— Muito bem; vou colocá-lo num canto e dar-lhe um tanto por dia.

A maior parte do tempo em que conversaram, madame Merle estivera olhando em volta; era um hábito dela nessas circunstâncias, do mesmo modo que o era interpor às palavras várias pausas aparentemente vazias. Um longo intervalo seguiu-se a essas últimas que citei, e, antes de terminar, ela viu Pansy sair da sala contígua, seguida por Edward Rosier. A moça adiantou-se alguns passos e então parou, olhando para madame Merle e para o pai.

— Ele falou com ela — continuou madame Merle para Osmond.

O outro nem virou a cabeça.

— Por aí se vê sua crença em promessas. Ele deveria levar uma surra de chicote.

— Ele pretende confessar, pobrezinho!

Osmond levantou-se; agora já dera uma boa olhada na filha.

— Não faz diferença — murmurou, virando-se.

Logo em seguida, Pansy aproximou-se de madame Merle com seu jeitinho de polidez formal. A acolhida da dama não foi mais íntima; limitou-se a dar um sorriso cordial, ao levantar-se do sofá.

— Está muito atrasada — disse a jovem criatura, em tom brando.

— Minha querida menina, nunca estou mais atrasada do que pretendo.

Madame Merle não se levantara para ser gentil para com Pansy; adiantou-se para Edward Rosier. Ele cumprimentou-a e disse, rápido, como que para tirar isso da cabeça:

— Falei com ela! — cochichou.

— Eu sei, senhor Rosier.

— Ela lhe disse?

— Sim, ela me disse. Comporte-se bem o resto da noite e vá ver-me amanhã às cinco e quinze.

— Ela foi severa e havia uma certa medida de desprezo no modo como lhe deu as costas, fazendo-o resmungar uma maldição decente.

Ele não tinha a menor intenção de falar com Osmond; não era nem a hora nem o lugar. Mas instintivamente foi andando até onde Isabel estava sentada, conversando com uma senhora idosa. Sentou-se do lado dela; a senhora era italiana, e Rosier presumiu que não falasse inglês.

— Acabou de dizer que não me ajudaria — disse ele para a senhora Osmond. — Talvez mude de idéia quando souber — quando souber!

Isabel enfrentou sua hesitação.

— Quando souber o quê?

— Que ela está bem.

— O que quer dizer com isso?

— Bem, que temos um entendimento.

— Ela está mal — disse Isabel. — Isso não vai dar certo.

O pobre Rosier fitou-a, meio em súplica, meio com raiva; um repentino rubor comprovava seu senso de ultraje.

— Nunca fui tratado assim — disse. — O que há contra mim, afinal? Não é assim que me julgam, geralmente. Eu poderia ter casado vinte vezes.

— É uma pena que não o tenha feito. Não digo vinte vezes, mas uma vez, ao menos, um bom casamento — acrescentou Isabel, com um sorriso bondoso. — Você não é bastante rico para Pansy.

— Ela não dá a mínima para o dinheiro de uma pessoa.

— Não, mas o pai dela dá.

— Ah, sim, isso ele já demonstrou! — exclamou o rapaz.

Isabel levantou-se, afastou-se dele e abandonou a senhora, sem cerimônia; ele ocupou-se durante os dez minutos seguintes fingindo olhar a coleção de miniaturas de Gilbert Osmond, bem dispostas numa série de pequenas telas de veludo. Mas olhava sem ver; suas faces ardiam; estava demasiadamente tomado pelo senso de ultraje. Era certo que nunca fora tratado assim antes; não estava acostumado a ser julgado insuficientemente bom. Sabia o que valia, e, se tal falácia não tivesse sido tão perniciosa, ele teria rido dela. Procurou outra vez por Pansy, mas ela havia desaparecido, e seu maior desejo agora era sair da casa. Antes de fazê-lo, voltou a falar com Isabel; não lhe agradava pensar que acabara de dizer a ela algo rude — o único ponto que agora poderia justificar uma opinião desfavorável a seu respeito.

— Referi-me ao senhor Osmond como não deveria, há pouco — começou. — Mas deve lembrar-se da minha situação.

— Não me lembro do que disse — respondeu ela com frieza.

— Ah, está ofendida e agora não irá ajudar-me.

Ela ficou calada por um momento, e depois disse, num tom mudado:

— Não é que eu não queira ajudá-lo; é que não posso! — A maneira como disse isso era quase apaixonada.

— *Se pudesse*, só um pouco, eu nunca mais falaria do seu marido a não ser como um anjo.

— A oferta é tentadora — disse Isabel, séria, inescrutável, como ele, mais tarde, classificou para si mesmo; e ela lançou-lhe um olhar direto nos olhos, também inescrutável. O olhar o fez lembrar, de um certo modo, que a conhecera em criança e, ainda assim, era um olhar mais incisivo do que ele gostaria; ele despediu-se.

Foi ver madame Merle no dia seguinte, e, para sua surpresa, ela não foi muito severa com ele. Mas fê-lo prometer que não faria mais nada até que algo fosse decidido. O senhor Osmond tinha expectativas maiores; era bem verdade que, como ele não tinha intenção de dar à filha um quinhão, tais expectativas estavam sujeitas a críticas, ou mesmo, se quisessem, ao ridículo. Mas ela aconselhava o senhor Rosier a não adotar esse tom; se controlasse com paciência sua alma, talvez chegasse a bom termo. O senhor Osmond não via essa corte com bons olhos, mas não seria um milagre se aos poucos fosse mudando. Pansy nunca desafiaria o pai, quanto a isso ele podia ter certeza, de modo que nada se ganharia com precipitação. O senhor Osmond precisava acostumar-se à idéia de uma oferta de uma espécie que até então não tinha contemplado e esse resultado teria que vir por si — era inútil tentar forçá-lo. Rosier observou que sua própria situação seria nesse meio-tempo a mais desconfortável do mundo, e madame Merle assegurou-lhe de que sentia muito por ele. Mas, como ela declarou com precisão, não se podia ter tudo o que se queria; ela aprendera essa lição. Não adiantaria a ele escrever para Gilbert Osmond, que a encarregara de dizer-lhe isso. Ele queria que o assunto fosse esquecido por algumas semanas e escreveria quando tivesse algo a comunicar que pudesse ser agradável ao senhor Rosier.

— Ele não gostou que tenha falado com Pansy. Ah, não gostou nem um pouco — disse madame Merle.

— Estou perfeitamente disposto a dar-lhe uma chance de dizer-me isso pessoalmente!

— Se fizer isso, ele vai dizer mais do que gostaria de ouvir. Vá àquela casa, durante o próximo mês, o mínimo possível, e deixe o resto comigo.

— O mínimo possível? Quem vai medir a possibilidade?

— Deixe que eu meça. Vá nas noites de quinta-feira com o resto das pessoas, mas não vá em horas estranhas e não se preocupe com Pansy. Eu cuidarei para que ela entenda tudo. Ela é de natureza calma, vai aceitar isso sem alvoroço.

Edward Rosier preocupou-se bastante com Pansy, mas fez o que lhe disseram, e esperou outra noite de quinta-feira para voltar ao Palazzo Roccanera. Havia um grupo no jantar, de modo que, embora ele chegasse cedo, os convivas já eram em número tolerável. Como de hábito, Osmond estava na primeira sala, perto da lareira, olhando direto para a porta, e assim, para não ser ostensivamente grosseiro, Rosier teve que ir falar com ele.

— Alegro-me de que saiba seguir uma insinuação — disse o pai de Pansy, fechando de leve os olhos agudos e conscientes.

— Não segui insinuação alguma. Mas sim um recado, isso suponho que sim.

— Seguiu? Onde o recebeu?

Parecia, ao pobre Rosier, que estava sendo insultado, e por um instante esperou, perguntando-se

a quanto um verdadeiro apaixonado tinha que se submeter.

— Madame Merle deu-me, ou assim entendi, um recado do senhor — no sentido de que o senhor se recusava a dar-me a oportunidade que desejo, a oportunidade de explicar-lhe minhas intenções. — E ele sentiu-se orgulhoso de ter falado em tom severo.

— Não entendo o que madame Merle tem a ver com isso. Por que se dirigiu a ela?

— Pedi-lhe uma opinião, nada mais. Fiz isso porque me pareceu que ela o conhecia muito bem.

— Ela não me conhece tão bem como pensa — disse Osmond.

— Lamento ouvir isso, porque ela me deu alguma esperança.

Osmond fitou o fogo durante um instante.

— Ponho um preço muito alto na minha filha.

— Não pode pôr um preço maior do que eu ponho. Não é prova bastante eu querer me casar com ela?

— Quero que ela se case muito bem — continuou Osmond com uma seca impertinência que, se estivesse com outro humor, o pobre Rosier teria admirado.

— Obviamente acredito que se casaria bem se casasse comigo. Não poderia encontrar um homem que a amasse mais — ou que, arrisco-me a dizer, ela ame mais.

— Não sou obrigado a aceitar suas teorias sobre quem minha filha ama — Osmond ergueu os olhos ao dizer isso, com um sorriso breve e frio.

— Não são teorias. Sua filha disse.

— Não a mim — continuou Osmond, curvando-se agora um pouco para a frente e fitando a ponta das botas.

— Eu tenho a promessa dela, senhor! — exclamou Rosier, com a estridência da exasperação.

Como a voz dele tinha se mantido num tom muito baixo antes, tal som atraiu alguma atenção dos outros convivas. Osmond esperou até que a pequena agitação diminuísse, depois disse, imperturbável:

— Acho que ela não se lembra de tê-lo feito.

Os dois estavam com o rosto voltado para o fogo, e, depois de pronunciar essas últimas palavras, o dono da casa voltou-se novamente para a sala. Antes que Rosier tivesse tempo de responder, percebeu que um cavalheiro — um estranho — acabara de entrar, sem ser anunciado, como era costume em Roma, e estava em vias de apresentar-se ao anfitrião. Este último sorriu, complacente, mas um tanto sem expressão; o visitante tinha um rosto bonito, barba grande e clara e era, evidentemente, inglês.

— Parece não ter me reconhecido — disse ele, com um sorriso que expressava mais do que o de Osmond.

— Ah, sim, agora reconheço. Não esperava vê-lo por aqui.

Rosier afastou-se em busca de Pansy. Procurou-a como de hábito na sala ao lado, mas mais uma vez encontrou a senhora Osmond no caminho. Não cumprimentou a anfitriã — estava indignado, com razão, mas disse-lhe cruamente:

— Seu marido é de um sangue-frio intolerável.

Ela deu o mesmo sorriso místico que ele notara antes.

— Não pode esperar que todos sejam tão ardentes quanto você.

— Não digo que eu seja frio, mas sou controlado. O que ele andou fazendo com a filha?

— Não tenho a menor idéia.

— Não se interessa nem um pouco? — exigiu Rosier, com a impressão de que também ela era irritante.

Por um instante, ela nada respondeu, depois disse, abruptamente:

— Não! — com um brilho aumentado no olhar que contradizia diretamente a negativa.

— Perdoe-me se não acredito nisso. Onde está a senhorita Osmond?

— Lá no canto, fazendo o chá. Faça o favor de deixá-la lá.

Rosier avistou na mesma hora sua amada, que estivera encoberta por grupos de pessoas. Ficou a olhá-la, mas a atenção dela estava toda voltada para sua ocupação.

— Mas o que ele fez com ela? — perguntou, novamente, num tom de súplica. — Ele me disse que ela desistiu de mim.

— Ela não desistiu de você — disse Isabel, num tom de voz baixo e sem olhar para ele.

— Ah, obrigado por isso! Agora vou deixar Pansy em paz, conforme você achar apropriado!

Mal terminara de falar, quando a viu mudar de cor, percebendo que Osmond vinha caminhando na direção deles acompanhado do cavalheiro que tinha acabado de entrar. Achou que o outro, apesar da vantagem da boa aparência e do evidente traquejo social, parecia um pouco embaraçado. O marido disse:

— Isabel, trago-lhe um velho amigo.

O rosto da senhora Osmond, embora ostentando um sorriso, estava, como o do velho amigo, não de todo seguro.

— Estou muito contente em ver lorde Warburton — disse ela. Rosier afastou-se e, agora que a sua conversa com ela tinha sido interrompida, sentiu-se eximido da pequena promessa que tinha acabado de fazer. Teve a rápida impressão de que a senhora Osmond não notaria o que ele fosse fazer.

Isabel, de fato, justiça lhe seja feita, deixou durante algum tempo de observá-lo. Ela ficara espantada; não sabia dizer se sentia prazer ou dor. Porém lorde Warburton, agora que estava face a face com ela, estava visivelmente seguro de sua própria impressão sobre o assunto, embora seus olhos cinzentos ainda detivessem a bela propriedade original de manter reconhecimento e testemunho estritamente sinceros. Estava mais “pesado” do que antes e parecia mais velho; ficou ali parado, muito sólido e sensato.

— Imagino que não esperasse me ver — disse ele —, mas acabei de chegar. Literalmente, cheguei aqui esta noite. Está vendo que não perdi tempo em vir apresentar-lhe meus respeitos. Sabia que está em casa nas quintas-feiras.

— Está vendo que a fama de suas quintas-feiras espalhou-se até a Inglaterra — comentou Osmond para a esposa.

— É muita amabilidade de lorde Warburton vir tão cedo; estamos muito lisonjeados — disse Isabel.

— Ah, é melhor do que ficar numa dessas horríveis hospedarias — continuou Osmond.

— O hotel parece muito bom, acho que é o mesmo onde eu os vi há quatro anos. Sabe que foi aqui em Roma que nos conhecemos; faz muito tempo. Lembra-se de onde me despedi? — perguntou o lorde à anfitriã. — Foi no Capitólio, na primeira sala.

— Eu mesmo me lembro — interpôs Osmond. — Eu estava lá, na ocasião.

— Sim, lembro-me do senhor lá. Lamentei muito ter que sair de Roma, tanto que, de algum modo, tornou-se quase uma lembrança tristonha e até hoje nunca quis voltar. Mas eu sabia que estava morando aqui — continuou dizendo a Isabel seu velho amigo — e asseguro-lhe de que pensei muitas vezes na senhora. Deve ser um lugar encantador para se viver — acrescentou, lançando um olhar em torno àquela casa firme, olhar esse em que ela poderia ter percebido o fantasma esmaecido de um antigo pesar.

— Temos o maior prazer de vê-lo a qualquer momento — observou Osmond, com grande educação.

— Muito obrigado. Não me ausentei da Inglaterra desde aquela época. Até um mês atrás, pensava realmente que minhas viagens tinham terminado.

— Tive notícias suas de vez em quando — disse Isabel, que já tinha, com sua rara capacidade para tais feitos íntimos, avaliado o que significava para ela revê-lo.

— Espero que não tenha ouvido nada de mau. Minha vida tem sido um total vazio.

— Como os bons reinados da história — sugeriu Osmond. Pareceu achar que seus deveres de anfitrião terminavam aí — cumprira-os com muita consciência. Nada poderia ter sido mais adequado, mais moderadamente medido que a cortesia que demonstrou para com o antigo amigo da mulher. Era formal, era explícito, era tudo exceto natural — falha que lorde Warburton, ele próprio muito natural, pode-se imaginar tenha percebido. — Vou deixá-lo com a senhora Osmond — acrescentou. — Ambos têm reminiscências nas quais eu não me incluo.

— Receio que esteja perdendo muito com isso! — disse lorde Warburton, enquanto ele se afastava, num tom que talvez traísse em demasia a apreciação por sua generosidade. Depois o visitante voltou para Isabel a profunda, a mais profunda consciência de seu olhar, que aos poucos tornou-se mais sério. — Estou mesmo muito contente em vê-la.

— Isso é muito agradável. O senhor é muito amável.

— Sabe que está mudada... um pouco?

Ela hesitou.

— Sim, bastante.

— É claro que não quero dizer para pior, porém como posso dizer que seja para melhor?

— Acho que não terei dúvidas de dizer isso ao *senhor* — volveu ela, corajosamente.

— Ah, bom, para mim... faz muito tempo. Seria uma pena que não houvesse nada para mostrar. — Sentaram-se, e ela lhe perguntou sobre as irmãs, e mais outras perguntas apenas por mera formalidade. Ele as respondeu como se as perguntas o interessassem, e dentro de pouco tempo ela percebeu — ou acreditou perceber — que ele pressionaria com menos força que antigamente. O tempo soprara em seu coração e, sem tê-lo esfriado, conferira-lhe uma sensação de alívio de ter sido arejado. Isabel sentiu sua habitual apreciação do Tempo subir de um salto. A atitude do amigo era de fato a de um homem satisfeito, alguém que preferiria que as pessoas, ou pelo menos ela, o

vissem como tal. — Há algo que devo dizer-lhe sem mais delongas — continuou. — Trouxe Ralph Touchett comigo.

— Trouxe-o consigo? — A surpresa de Isabel foi grande.

— Ele está no hotel; estava cansado demais para sair e foi deitar-se.

— Eu irei vê-lo — disse ela, imediatamente.

— É exatamente isso que esperava que fizesse. Imaginei que não o visse muito desde seu casamento, que na verdade as relações entre ambos tivessem ficado... um pouco mais formais. Foi por isso que hesitei — como um britânico desajeitado.

— Continuo gostando de Ralph como sempre — respondeu Isabel. — Mas por que ele veio a Roma? — A afirmativa foi muito suave, a pergunta, um tanto áspera.

— Porque já está muito adiantado, senhora Osmond.

— Então Roma não é lugar para ele. Ele me disse que estava decidido a abandonar o hábito de passar os invernos no exterior e ficar na Inglaterra, dentro de casa, naquilo que chamava de clima artificial.

— Pobre rapaz, ele não teve sucesso com o artificial! Fui vê-lo há três semanas em Gardencourt e encontrei-o muito doente. Tem piorado a cada ano e agora não tem mais forças. Não fuma mais! De fato, tinha criado um clima artificial: a casa estava quente como Calcutá. Assim mesmo, ele teve a repentina idéia de viajar para a Sicília. Eu não pude acreditar — tampouco os médicos, e nenhum de seus amigos. A mãe, como sabe, está na América; então, não havia ninguém para impedi-lo. Ele agarrou-se à idéia de que seria sua salvação passar o inverno na Catânia. Disse que poderia levar criados e mobília, poderia instalar-se com conforto, mas, na realidade, não trouxe nada. Eu queria, pelo menos, que viesse por mar, para poupar-lhe o cansaço, mas ele disse que detesta o mar e queria fazer uma parada em Roma. Depois disso, embora eu achasse tudo asneira, decidi vir com ele. Estou atuando — como dizem na América? — como uma espécie de moderador. O pobre Ralph está muito moderado, agora. Saímos da Inglaterra há quinze dias, e ele passou muito mal na viagem. Não consegue manter-se aquecido, e, quanto mais descemos para o sul, mais ele sente o frio. Ele tem um criado bastante bom, mas receio que seu estado esteja além da ajuda humana. Eu queria que trouxesse com ele alguma pessoa esperta — quero dizer, algum jovem médico inteligente, mas ele não quis saber disso. Desculpe-me por dizer isso, mas acho que foi uma ocasião muito surpreendente para a senhora Touchett decidir ir para a América.

Isabel ouvira com muita atenção; tinha o rosto cheio de pesar e de surpresa.

— Minha tia faz isso em determinadas épocas e não deixa que nada interfira. Quando chega a data, ela vai; acho que teria ido mesmo que Ralph estivesse morrendo.

— Às vezes acho que ele *está* morrendo — disse lorde Warburton.

Isabel pôs-se de pé de um salto.

— Vou vê-lo agora mesmo.

Ele a deteve; sentiu-se um tanto desconcertado com o rápido efeito de suas palavras.

— Não quero dizer que acho que seja hoje. Ao contrário, no trem, ele parecia bastante bem; a idéia de chegarmos a Roma — ele gosta muito de Roma, sabe — deu-lhe forças. Há uma hora, quando desejei-lhe boa noite, disse-me que estava muito cansado, mas feliz. Vá vê-lo de manhã; era

isso o que eu queria dizer. Não disse a ele que viria aqui; só decidi fazê-lo depois que nos separamos. Depois, lembrei-me de que ele me contara que a senhora recebia uma noite por semana e que era nas quintas-feiras. Ocorreu-me vir para dizer-lhe que ele estava aqui e que talvez seja melhor não esperar que ele a visite. Acho que ele disse que não lhe tinha escrito. — Não havia necessidade de Isabel dizer que agiria segundo a informação de lorde Warburton; ali sentada, parecia uma ave ferida querendo alçar vôo. — Isso sem dizer que eu quis vê-la, por mim — acrescentou galantemente o visitante.

— Não entendo o plano de Ralph; parece-me muito extravagante — disse ela. — Eu estava contente sabendo-o dentro das grossas paredes de Gardencourt.

— Ele estava completamente só; as grossas paredes eram sua única companhia.

— O senhor foi vê-lo; tem sido de extrema bondade.

— Ora, eu não tinha o que fazer — disse lorde Warburton.

— Ao contrário, ouvimos dizer que está fazendo muita coisa. Todos falam do senhor como um grande estadista, e estou sempre vendo seu nome no *Times*, que, aliás, não o trata com o devido respeito. Parece que continua sendo o radical feroz de sempre.

— Não me sinto tão feroz; sabe que o mundo mudou muito. Touchett e eu viemos mantendo uma espécie de debate parlamentar no caminho todo, desde Londres. Eu lhe digo que ele é o último dos *Tories*, e ele me chama de “Rei dos Godos” — diz que tenho, até nos detalhes da minha aparência pessoal, todos os sinais do bárbaro. Então, como pode ver, ainda está bem vivo.

Isabel tinha muitas perguntas a fazer sobre Ralph, mas absteve-se de fazê-las. Ela veria por si mesma no dia seguinte. Percebeu que, após certo tempo, lorde Warburton ficaria cansado do assunto — ele imaginava outros tópicos possíveis. Cada vez mais ela podia dizer que ele estava curado e, o que era mais importante, ela conseguia fazê-lo sem amargura. Ele fora para ela, desde há muito, uma imagem de tanta urgência, de tanta insistência, de algo a que devia opor tanta resistência e argumentação que sua reaparição a princípio a ameaçara com uma nova perturbação. Mas agora estava tranqüila; podia perceber que ele só desejava viver com ela em bons termos, que ela deveria entender que a perdoara e era incapaz de incorrer no mau gosto de fazer alusões intencionais. Isso não era uma forma de revanche, é claro; ela não tinha qualquer suspeita de que ele desejasse puni-la demonstrando desilusão; ela lhe fazia justiça acreditando que lhe ocorrera simplesmente que agora ela teria um saudável interesse em saber que ele estava resignado. Era a resignação de uma natureza saudável, viril, na qual as feridas sentimentais jamais poderiam prosperar. A política britânica curara-o; ela sabia que o faria. Pensou com inveja na sorte melhor dos homens que estão sempre livres para mergulhar nas águas curativas da ação. Lorde Warburton, naturalmente, falou sobre o passado, mas o fez sem implicações; chegou até a aludir ao último encontro deles em Roma como se tivesse sido uma ocasião muito alegre. E contou-lhe que tivera grande interesse em saber do casamento dela, e que fora um grato prazer conhecer o senhor Osmond — já que não podia dizer que o tivesse conhecido da outra vez. Não lhe escrevera na ocasião dessa passagem na história dela e não pedia desculpas por isso. A única coisa que deu a entender era que eram velhos amigos, amigos íntimos. E foi bem como amigo íntimo que ele lhe disse, de repente, após uma breve pausa, preenchida com um sorriso enquanto ele olhava em torno,

como uma pessoa que se diverte numa reunião provinciana com algum jogo inocente de adivinhação:

— Bem, imagino que esteja muito feliz e tudo mais.

Isabel respondeu com uma rápida risada; o tom do comentário dele pareceu-lhe quase beirar a comédia.

— Acha que, se eu não fosse, iria dizer-lhe?

— Bem, não sei. Não vejo por que não.

— Então, eu vejo. Felizmente, porém, estou muito feliz.

— Tem uma casa muito boa.

— É, é muito agradável. Mas isso não é por mérito meu, e sim do meu marido.

— Quer dizer que ele a arrumou?

— Sim, não era nada quando viemos.

— Ele deve ser muito hábil.

— Tem muito talento para tapeçarias — disse Isabel.

— Há grande demanda por esse tipo de coisa, agora. Mas a senhora deve ter gosto próprio.

— Gosto das coisas quando estão prontas, mas faltam-me idéias. Nunca consigo propor nada.

— Quer dizer que aceita o que os outros propõem?

— De boa vontade, geralmente.

— Isso é bom saber. Vou propor-lhe algo.

— Muito amável de sua parte. Porém devo dizer-lhe que, de pequenas maneiras, tenho uma certa iniciativa. Gostaria, por exemplo, de apresentá-lo a algumas pessoas.

— Oh, por favor, não faça isso; prefiro ficar aqui. A não ser que seja para a moça de vestido azul.

Tem um rosto encantador.

— Aquela que está falando com o rapaz corado? É a filha de meu marido.

— Felizardo, o seu marido. Que mocinha simpática!

— Precisa conhecê-la.

— Daqui a pouco — com prazer. Gosto de olhá-la daqui. — Porém, logo deixou de olhá-la; seu olhar voltava-se constantemente para a senhora Osmond. — Sabe que eu estava errado há pouco ao dizer que a senhora tinha mudado? — continuou, pouco depois. — No fim das contas, parece ser a mesma.

— E, no entanto, acho uma grande mudança estar casada — disse Isabel, com moderada animação.

— Afeta a maioria das pessoas mais do que a afetou. Está vendo que eu não dei o grande passo.

— Isso me surpreende bastante.

— Deveria entender, senhora Osmond. Mas quero de fato casar — acrescentou, com simplicidade.

— Isso deve ser muito fácil — retrucou Isabel, levantando-se; depois refletiu, com pesar talvez demasiado visível, que era a pessoa menos indicada para dizer isso. Talvez por adivinhar seu pensamento, lorde Warburton foi generoso e deixou de chamar-lhe a atenção para o fato de ela não ter contribuído na ocasião para tal facilidade.

Edward Rosier, entremetentes, sentara-se numa otomana ao lado da mesa de chá, presidida por Pansy. A princípio, fingiu falar com ela sobre assuntos triviais, e ela perguntou-lhe quem era o novo cavalheiro conversando com a madrastra.

— É um lorde inglês — disse Rosier. — Só sei isso.

— Será que ele vai querer chá? Os ingleses gostam muito de chá.

— Deixe isso para lá; tenho algo particular a dizer-lhe.

— Não fale tão alto, todos vão ouvir — objetou Pansy.

— Não ouvirão se continuar com essa cara, como se sua única preocupação na vida fosse querer que a chaleira ferva.

— Acabou de ser enchida; os criados nunca fazem as coisas direito! — E suspirou com o peso de sua responsabilidade.

— Sabe o que seu pai me disse agora há pouco? Que você não falava a sério quando disse o que disse há uma semana.

— Nem tudo o que eu falo é a sério. Como uma moça poderia fazê-lo? Mas falo a sério quando falo com *you*.

— Ele me disse que você tinha me esquecido.

— Ah, não, eu não esqueço — disse Pansy, exibindo os bonitos dentes num sorriso fixo.

— Então tudo continua como antes?

— Ah, não como antes. Papai tem sido terrivelmente severo.

— O que ele lhe fez?

— Perguntou-me o que *you* tinha feito e eu contei-lhe tudo. Então ele me proibiu de casar com você.

— Não precisa preocupar-se com isso.

— Oh, sim, preciso. Não posso desobedecer a papai.

— Nem por alguém que a ama como eu, e a quem você diz amar?

Ela levantou a tampa do bule e fitou o interior do recipiente por um instante; depois deixou cair seis palavras dentro das profundezas aromáticas.

— Eu o amo com igual intensidade.

— E de que me serve isso?

— Ah — disse Pansy, levantando os olhos meigos e vagos —, não sei.

— Você me desaponta — gemeu o pobre Rosier.

Ela ficou calada um instante; entregou uma chávena a uma criada.

— Por favor, não diga mais nada.

— Isso é tudo que recebo como satisfação?

— Papai disse que eu não devo falar com você.

— Vai sacrificar-me assim? Ah, isso é demais!

— Gostaria que esperasse um pouco — disse a moça, com voz apenas distinta o suficiente para traír um tremor.

— É claro que esperarei, se me der esperança. Mas está me negando a vida.

— Não vou desistir de você, oh, não! — continuou Pansy.

— Ele tentará casá-la com outra pessoa.

— Nunca farei isso.

— Então o que estamos esperando?

Ela hesitou outra vez.

— Vou falar com a senhora Osmond, e ela nos ajudará. — Era assim que geralmente se referia à madrasta.

— Não vai nos ajudar muito. Ela tem medo.

— Medo do quê?

— Do seu pai, penso eu.

Pansy meneou a cabeça.

— Ela não tem medo de ninguém. Temos que ter paciência.

— Ah, essa é uma palavra horrível — gemeu Rosier; estava profundamente desconcertado.

Esquecendo os costumes usados na sociedade, deixou cair a cabeça entre as mãos e, segurando-a com graça melancólica, ficou fitando o tapete. Dali a pouco, deu-se conta de uma movimentação a sua volta e, ao erguer os olhos, viu Pansy fazendo uma mesura — ainda era a pequena reverência do convento — para o lorde inglês, que a senhora Osmond acabara de apresentar-lhe.

Provavelmente não surpreenderá ao leitor ponderado o fato de Ralph Touchett ter visto menos a prima desde o casamento dela do que antes desse evento — evento que ele considerava de um modo nada propício a qualquer intimidade. Como sabemos, expressara sua opinião e, depois disso, mantivera-se calado, pois Isabel não o encorajara a continuar uma discussão que marcava uma era nas relações entre ambos. Nenhuma referência voltou a ser feita entre eles à opinião de Ralph sobre Gilbert Osmond, e rodeando esse tópico de sagrado silêncio conseguiram preservar uma aparência de franqueza recíproca. Mas havia uma diferença, como Ralph muitas vezes dissera a si mesmo; havia uma diferença. Ela não o perdoara, nunca o perdoaria: isso fora tudo o que ele ganhara. Ela achava que o tinha perdoado, acreditava não se importar, e, como era tão generosa quanto orgulhosa, tais convicções representavam uma certa realidade. Mas, os acontecimentos o justificassem ou não, ele lhe teria causado mal, e esse mal era do tipo que as mulheres lembram melhor. Como mulher de Osmond, ela nunca mais poderia ser sua amiga. Se, nesse papel, ela viesse a gozar da felicidade que esperava, nada sentiria a não ser desprezo pelo homem que tentara, de antemão, solapar bênção tão preciosa; e se, por outro lado, o aviso dele fosse justificado, a promessa que ela fizera, de que ele nunca viria a saber disso, pesaria em sua mente como um fardo que a faria odiá-lo. Assim, desoladora fora, durante o ano que se seguiu ao casamento da prima, a previsão de Ralph sobre o futuro, e, se suas meditações parecem mórbidas, devemos lembrar que ele não gozava do vigor da saúde. Ele se consolava como podia, comportando-se — ou assim achava — belissimamente, e compareceu à cerimônia pela qual Isabel uniu-se ao senhor Osmond, realizada em Florença, no mês de junho. Soube pela mãe que, a princípio, Isabel tinha pensado em celebrar suas núpcias em seu país natal, mas, como garantir simplicidade era seu principal desejo, ela finalmente decidira, a despeito da propalada disposição de Osmond de fazer uma viagem de qualquer duração, que tal característica seria mais bem atendida se fossem casados dentro do menor tempo pelo clérigo mais próximo. Assim, tudo ocorreu na pequena capela americana, num dia muito quente, na presença apenas da senhora Touchett e de seu filho, de Pansy Osmond e da condessa Gemini. A severidade na cerimônia de que acabei de falar era em parte resultado da ausência de duas pessoas cujo comparecimento seria de esperar nessa ocasião e que lhe teriam emprestado certa riqueza. Madame Merle fora convidada, mas ela, que não podia sair de Roma, escrevera uma graciosa carta desculpando-se. Henrietta Stackpole não fora convidada, pois sua partida da América, anunciada a Isabel pelo senhor Goodwood, fora, na realidade, frustrada pelos deveres da profissão; mas mandara uma carta, menos graciosa do que a de madame Merle, dando a entender que, se pudesse atravessar o Atlântico, teria comparecido não só como testemunha mas como crítica. Seu retorno à Europa aconteceu algum tempo depois, e ela conseguiu um encontro com Isabel no outono, em Paris, quando deu vazão — talvez com demasiada liberdade — a seu

gênio crítico. O pobre Osmond, que era o principal alvo do mesmo, protestou tão veementemente que Henrietta foi obrigada a declarar a Isabel que esta dera um passo que colocara uma barreira entre ambas.

— De modo algum é por você ter se casado, mas por ter se casado com *ele* — tinha se achado no dever de observar, concordando, como veremos, muito mais com Ralph Touchett do que imaginava, embora tivesse muito pouco das hesitações e dos escrúpulos dele. A segunda visita de Henrietta à Europa, porém, parecia não ter sido em vão, pois bem no momento em que Osmond declarara a Isabel que, de fato, ele tinha que desaprovar aquela jornalista, e Isabel respondera que ele estava sendo severo demais com Henrietta, o simpático senhor Bantling aparecera em cena e propusera que fossem até a Espanha. As cartas de Henrietta da Espanha tinham sido as mais aceitáveis que jamais publicara até então, e houve uma em especial, escrita do Alhambra e intitulada “Mouros e luar”, que era considerada em geral como sua obra-prima. Em segredo, Isabel ficara desapontada com o fato de o marido não dar simplesmente um jeito de aceitar a pobre moça no mínimo como engraçada. Chegou a perguntar-se se o senso de diversão dele — ou seja, seu senso de humor — seria por acaso defeituoso. É claro que ela mesma considerou o assunto como uma pessoa cuja atual felicidade nada tinha a invejar da consciência violada de Henrietta. Osmond julgara a aliança delas uma espécie de monstruosidade: não podia imaginar o que teriam em comum. Para ele, a companheira de excursão do senhor Bantling não passava de uma mulher extremamente vulgar e a quem ele também considerava muito imoral. Contra esta última parte do veredicto, Isabel protestara com ardor, o que o fizera mais uma vez admirar-se ante a estranheza de alguns dos gostos de sua esposa. Isabel só podia explicar isso dizendo que gostava de conhecer gente que era o mais diferente possível dela própria.

— Então por que não trava amizade com a sua lavadeira? — perguntara Osmond, ao que Isabel respondera que talvez a lavadeira não estivesse interessada nela. Enquanto Henrietta estava, e muito.

Ralph não vira Isabel nem uma vez durante quase os dois anos após o casamento; o inverno, que correspondia ao começo da residência dela em Roma, ele passara em San Remo, onde a mãe fora encontrá-lo na primavera e depois o acompanhara à Inglaterra, para ver o que estavam fazendo no banco — atividade que ela não conseguiu induzi-lo a assumir. Ralph tinha alugado a casa em San Remo, uma pequena *villa* que tinha ocupado por mais um inverno, mas, no fim do mês de abril daquele segundo ano, fora para Roma. Era a primeira vez desde o casamento que se defrontava com Isabel; o desejo que tinha de vê-la era, portanto, muito grande. Ela lhe escrevera de vez em quando, mas suas cartas nada lhe diziam do que queria saber. Ele perguntara à mãe como era a vida dela, e a mãe limitara-se a responder que supunha que ela estivesse vivendo o melhor que podia. A senhora Touchett não tinha o tipo de imaginação que comunga com o não-visto, e já não contemplava qualquer intimidade com a sobrinha, a quem encontrava de raro em raro. Essa moça parecia estar vivendo de forma bastante honrosa, mas a senhora Touchett ainda mantinha a opinião de que o casamento dela tinha sido algo muito vergonhoso. Não lhe dera prazer algum pensar na situação de Isabel, que ela tinha certeza de ser um negócio muito mal-arranjado. De vez em quando, em Florença, esbarrava na condessa Gemini e fazia o possível para tornar o contato o

menor possível, pois a condessa fazia-a lembrar-se de Osmond, que a fazia lembrar-se de Isabel. No momento, a condessa estava dando menos o que falar, mas a senhora Touchett não achava isso de bom augúrio: só vinha provar como se falava dela antes. Havia uma sugestão mais direta de Isabel na pessoa de madame Merle, mas as relações desta com a senhora Touchett tinham passado por uma mudança perceptível. A tia de Isabel dissera-lhe, sem rodeios, que ela desempenhara um papel muito artiloso, e madame Merle, que nunca discutia com ninguém, que parecia achar que ninguém valia esse trabalho, e que realizara o milagre de conviver, mais ou menos, durante vários anos, com a senhora Touchett, sem demonstrar sintomas de irritação — madame Merle, dessa vez, assumiu um tom todo ofendido e declarou que aquela era uma acusação da qual não iria se rebaixar para se defender. Porém acrescentou (sem se rebaixar) que seu comportamento fora apenas demasiado simples, pois acreditava apenas no que via, e que Isabel não estava ansiosa em casar como Osmond não estava ansioso em agradar (as freqüentes visitas dele nada representavam; ele se entediava demais no alto da colina e ia lá apenas para distrair-se). Isabel não fizera confidências a respeito de seus sentimentos, e a viagem para a Grécia e o Egito tinha jogado poeira nos olhos da companheira, de modo muito eficiente. Madame Merle aceitava o acontecimento — não estava preparada para pensar nele como um escândalo; mas que ela tivesse desempenhado nele um papel, duplo ou simples, era imputação contra a qual protestava com orgulho. Sem dúvida, como consequência da atitude da senhora Touchett e do dano que causava a hábitos consagrados por muitas temporadas deliciosas, foi que madame Merle depois disso decidiu passar muitos meses na Inglaterra, onde seu crédito não sofrera o menor arranhão. A senhora Touchett fora injusta com ela; há coisas que não podem ser perdoadas. Mas madame Merle sofreu em silêncio; sempre havia um quê de especial em sua dignidade.

Como eu disse, Ralph quisera ver por si próprio, mas, ao se dedicar a tal empenho, sentira mais uma vez como fora tolo em pôr a moça de sobreaviso. Ele jogara a carta errada e agora perdera o jogo. Ele nada veria, nada saberia; para ele, ela sempre iria usar uma máscara. A melhor tática teria sido parecer muito alegre com a união, de modo que, mais tarde, quando, no dizer de Ralph, a coisa desmoronasse, ela pudesse ter o prazer de dizer-lhe que ele fora bobo. Teria de bom grado consentido em passar por bobo para ficar conhecendo a verdadeira situação de Isabel. No momento, porém, ela nem o provocava com as mentiras dele, nem afirmava que sua própria confiança tinha sido justificada; a máscara que usava, se é que usava, cobria-lhe o rosto todo. Havia algo fixo e mecânico na serenidade estampada nele; aquilo não era uma expressão, disse Ralph, era representação, era até um anúncio. Ela perdera o filho; isso era um desgosto, mas um desgosto que quase não mencionava; havia mais para dizer sobre o assunto do que podia dizer a Ralph. Além de tudo, pertencia ao passado; tinha acontecido dois anos antes, e ela já pusera de lado os sinais de luto. Parecia estar levando uma vida mundana; Ralph ouviu falar dela como tendo uma “posição encantadora”. Ele notou que ela causava a impressão de ser muito invejável, e que era considerado, entre muitas pessoas, um privilégio conhecê-la. A casa não estava aberta a todos, e ela reservava uma noite na semana em que as pessoas não eram convidadas sem mais aquela. Vivia com certa magnificência, mas era preciso ser membro do seu círculo para perceber, pois nada havia para ficar embasbacado, nada para criticar, nem mesmo para admirar, na rotina diária do senhor e da senhora

Osmond. Em tudo isso, Ralph reconheceu a mão do dono da casa, pois sabia que Isabel não tinha a faculdade de produzir impressões estudadas. Ela lhe parecia ter grande amor por movimento, por alegria, por horas tardias, por longos passeios, por fadiga; uma ânsia de ser distraída, ser interessada, até mesmo ser entediada, de fazer amizades, ver pessoas de quem se falava, explorar os arredores de Roma, estabelecer relações com algumas das relíquias mais emboloradas da antiga sociedade local. Em tudo isso, havia muito menos determinação que naquele desejo de amplidão do desenvolvimento no qual ele se acostumara a exercitar seu espírito. Havia uma certa violência em alguns dos impulsos dela, uma certa crueza em alguns de seus experimentos que o pegavam de surpresa: parecia-lhe até que ela falava mais depressa, movia-se mais depressa, respirava mais depressa que antes do casamento. Certamente ela caíra em exageros — ela que costumava importar-se tanto com a verdade pura; e, enquanto antigamente apreciava uma discussão bem-humorada, um jogo intelectual (ela nunca era tão encantadora como quando, no calor estimulante da discussão, recebia um golpe esmagador bem no rosto e afastava-o como se fosse uma pena), agora parecia pensar que nada havia que valesse a pena as pessoas discutirem, contra ou a favor. Antigamente era curiosa e agora estava indiferente, e, no entanto, apesar da indiferença, sua atividade era maior que nunca. Ainda esbelta, mas mais bonita que antes, não adquirira aparência de maturidade; porém havia uma amplidão e um brilhantismo no seu modo de arrumar-se que lhe conferiam um toque de beleza insolente. Pobre Isabel de coração humano, que perversidade a teria mordido? Seu passo leve arrastava uma montanha de roupagens atrás; sua cabeça inteligente sustentava ornamentos majestosos. A moça livre e perspicaz tornara-se pessoa bem diferente; o que ele via era a bela dama que deveria representar algo. O que representava Isabel? Ralph perguntava isso a si mesmo e só podia responder dizendo que ela representava Gilbert Osmond, “Meu Deus, que função!”, exclamava pesaroso, então. Ficava perdido em admiração ante o mistério das coisas.

Ele reconhecia Osmond, como eu disse; reconhecia-o a cada passo. Via como ele mantinha todas as coisas dentro de limites; como ajustava, regulava, animava toda a vida delas. Osmond estava em seu elemento; por fim, tinha material com que trabalhar. Sempre tivera olho para o efeito, e seus efeitos resultavam de profundo cálculo. Não eram produzidos por nenhum meio vulgar, mas o motivo era tão vulgar quanto a arte era grande. Rodear seu interior de uma espécie de santidade invejável, tantalizar a sociedade com o senso de exclusão, fazer as pessoas acreditarem que a casa dele era diferente de todas as outras, conferir à face que apresentava ao mundo fria originalidade — isso era o esforço engenhoso da personagem a quem Isabel tinha atribuído uma moralidade superior. “Ele trabalha com material superior”, disse Ralph com seus botões; “é rica abundância comparada a seus recursos antigos.” Ralph era um homem inteligente, mas nunca — a seu ver — fora tão inteligente quando observou, *in petto*, que, sob a aparência de cuidar apenas de valores intrínsecos, Osmond vivia exclusivamente para o mundo. Longe de ser seu senhor como pretendia, era seu mais humilde servo, e o grau de atenção deste era sua única medida de sucesso. Vivia de olho pregado nele de manhã à noite, e o mundo era tão estúpido que nunca desconfiou do embuste. Tudo que fazia era *pose* —* *pose* composta com tanta sutileza que, se alguém não estivesse alerta, a tomaria por impulso. Ralph nunca conhecera alguém que vivesse tanto no país da consideração. Os gostos dele, os estudos, as realizações, as coleções, tudo tinha um propósito. Sua

vida no alto da colina em Florença tinha sido a atitude consciente de anos. A solidão, o tédio, o amor pela filha, as boas maneiras, as más maneiras, eram as várias facetas de uma imagem mental, constantemente vivas para ele como modelo de impertinência e mistificação. A ambição dele não era agradar ao mundo, mas agradar a si mesmo, estimulando a curiosidade do mundo e depois recusando-se a satisfazê-la. Fizera-o sentir-se ótimo, sempre, pregar uma peça no mundo. A coisa que fizera na vida de modo mais direto para agradar a si mesmo fora casar com a senhorita Archer; embora, nesse caso, o mundo ingênuo fosse de um certo modo encarnado pela pobre Isabel, que fora iludida ao máximo. Naturalmente, Ralph achava apropriado ser consistente; ele adotara um credo e, como sofrera por ele, não poderia com honra abandoná-lo. Estou dando esse pequeno esboço de seus artigos pelo que, na época, possam ter valido. É certo que ele foi muito hábil em adequar os fatos a sua teoria — mesmo o fato de que durante o mês que passou em Roma, nessa ocasião, o marido da mulher que amava pareceu não considerá-lo nem ao menos como inimigo.

Para Gilbert Osmond, Ralph agora não tinha essa importância. Não que tivesse a importância de um amigo, mas sim que não tinha importância alguma. Era primo de Isabel e tinha uma enfermidade bastante desagradável — era sobre essa base que Osmond se relacionava com ele. Fazia as perguntas adequadas: indagava sobre a saúde dele, sobre a senhora Touchett, sobre sua opinião a respeito dos climas de inverno, se ele estava confortável no hotel. Dirigia-lhe, nas poucas ocasiões em que se viam, nem uma palavra a mais do que o necessário, porém suas maneiras sempre tinham a urbanidade própria do sucesso consciente na presença do fracasso consciente. Apesar de tudo isso, Ralph tivera, no final, uma clara visão íntima do modo como Osmond tornava difícil para a sua esposa continuar a receber o senhor Touchett. Não estava com ciúmes — não tinha essa desculpa; ninguém poderia ter ciúmes de Ralph. Mas fez Isabel pagar por sua antiga bondade, da qual tanto ainda restava, e, como Ralph não queria que ela pagasse muito, quando sua desconfiança se aguçara, ele fora embora. Ao fazer isso, privara Isabel de uma ocupação muito interessante: ela estivera constantemente perguntando-se que belo princípio o mantinha vivo. Decidira que era seu gosto pela conversa; a conversa dele estava melhor que nunca. Ele deixara de dar caminhadas; não era mais um caminhante espirituoso. Ficava sentado o dia todo na cadeira — qualquer cadeira serviria, e ele estava tão dependente do que se pudesse fazer por ele que, se sua conversa não fosse altamente contemplativa, as pessoas poderiam pensar que fosse cego. O leitor já sabe mais sobre ele do que Isabel jamais viria a saber e, portanto, poderá receber a chave do mistério. O que mantinha Ralph vivo era apenas o fato de que ainda não tinha visto o suficiente da pessoa no mundo em quem estava mais interessado: ainda não estava satisfeito. Havia mais coisas por vir; ele não podia decidir-se a perder isso. Queria ver o que ela faria do marido — ou o que o marido faria dela. Este era apenas o primeiro ato do drama, e ele estava determinado a assisti-lo até o fim. Sua determinação mantivera-se firme; fizera-o continuar por mais dezoito meses até a ocasião de seu retorno a Roma com lorde Warburton. De fato, dera-lhe um ar de querer viver tão indefinidamente que a senhora Touchett, embora mais propensa a confusões de idéias em relação aos modos daquele seu estranho filho não recompensador — e não recompensado — do que jamais estivera antes, não teve, como sabemos, qualquer escrúpulo de embarcar para um país distante. Se Ralph fora mantido vivo pelo suspense, foi com grande dose da mesma emoção — a excitação de

pensar em que estado o encontraria — que Isabel subiu aos aposentos dele no dia seguinte ao aviso da sua chegada a Roma, que recebeu de lorde Warburton.

Passou uma hora com ele; foi a primeira de várias visitas. Gilbert Osmond ia vê-lo com pontualidade e, se lhe mandavam a carruagem, Ralph ia ao Palazzo Roccanera. Passaram-se quinze dias, ao fim dos quais Ralph anunciou a lorde Warburton que, no fim das contas, não iria para a Sicília. Os dois jantaram juntos, depois que este último passou um dia vagueando pela Campânia. Tinham saído da mesa, e Warburton, de pé diante da lareira, acendia um charuto, que tirou no mesmo instante dos lábios.

— Não vai para a Sicília? Então para onde vai?

— Ora, acho que não vou a lugar nenhum — disse Ralph, do seu lugar no sofá, muito à vontade.

— Quer dizer que vai voltar para a Inglaterra?

— Oh, Deus, não; vou ficar em Roma.

— Roma não serve para você; não é bastante quente.

— Vai ter que servir. Vou fazer com que sirva. Veja como tenho passado bem.

Lorde Warburton olhou-o por um instante, soltando baforadas do charuto, como que tentando ver.

— Está melhor do que estava na viagem, certamente. Eu me pergunto como agüentou aquilo. Mas não entendo sua condição. Recomendo que tente a Sicília.

— Não posso tentar — disse o pobre Ralph. — Pus um fim em minhas tentativas. Não consigo ir mais longe. Não posso enfrentar a viagem. Imagine-me entre Scylla e Charybdis!** Não quero morrer nas planícies sicilianas para ser arrebatado, como Prosérpina, ali mesmo, para as sombras do inferno.

— Então por que diabos veio? — perguntou o lorde.

— Porque a idéia me seduziu. Vejo agora que não vai dar. Na verdade não faz diferença onde eu fique agora. Exauri todos os remédios. Engoli todos os climas. Como estou aqui, vou ficar. Não tenho nem um primo na Sicília — muito menos uma prima casada.

— Sua prima é certamente um atrativo. Mas o que diz o médico?

— Não perguntei, e estou me lixando para ele. Se eu morrer aqui, a senhora Osmond mandará enterrar-me. Mas não vou morrer aqui.

— Espero que não — disse lorde Warburton, continuando a fumar, pensativo. — Bem, devo dizer — continuou — que, por mim, estou muito contente que não insista em ir para a Sicília. Tinha horror a essa viagem.

— Ah, mas para você não havia necessidade. Eu não tinha pensado em arrastá-lo na minha peregrinação.

— Certamente eu não tinha a intenção de deixá-lo ir sozinho.

— Meu caro Warburton, nunca esperei que fosse além daqui — exclamou Ralph.

— Eu teria ido com você e o instalado — disse lorde Warburton.

— É muito bom cristão. É um homem muito bom.

— Depois eu teria voltado para cá.

— E depois iria para a Inglaterra.

— Não, não, teria ficado.

— Bom — disse Ralph —, se é isso que nós dois estamos planejando, não sei onde é que entra a Sicília!

O outro ficou calado, a olhar para o fogo. Por fim, ergueu os olhos e disse:

— Diga-me, tinha mesmo intenção de ir para a Sicília quando encetamos viagem?

— *Ah, vous m'en demandez trop!* Deixe-me primeiro fazer outra pergunta. Veio comigo com idéia completamente platônica?

— Não sei o que quer dizer com isso. Eu queria viajar para o exterior.

— Desconfio de que nós dois ficamos fazendo nosso joguinho.

— Fale por si. Não fiz segredo algum sobre querer ficar aqui por algum tempo.

— Sim, lembro-me de ter dito que queria ver o ministro de Assuntos Estrangeiros.

— Vi-o três vezes. Ele é muito divertido.

— Acho que esqueceu para que veio — disse Ralph.

— Talvez sim — respondeu o outro, um tanto sério.

Esses dois cavalheiros eram de uma raça que não se distinguia pela ausência de reserva e tinham viajado de Londres a Roma sem aludirem aos assuntos que mais pesavam na mente de cada um. Havia um assunto antigo que tinham discutido uma vez mas perdera seu lugar reconhecido na atenção deles, e mesmo depois da chegada em Roma, onde muitas coisas levavam de volta a tal assunto, mantiveram o mesmo silêncio, meio desconfiado, meio confidente.

— Recomendo que mesmo assim obtenha o consentimento do médico — acrescentou lorde Warburton, de repente, após uma pausa.

— O consentimento do médico vai estragar tudo. Nunca faço nada com o consentimento dele, se puder evitar.

— Então o que pensa a senhora Osmond? — perguntou o amigo de Ralph.

— Não contei a ela. Provavelmente vai dizer que Roma é fria demais e é até capaz de se oferecer para ir comigo para a Catânia. É capaz disso.

— Eu gostaria muito, no seu lugar.

— O marido dela não vai gostar.

— Ah, bem, isso posso imaginar, embora não me pareça que você tenha que se importar com os gostos dele. Isso não é problema seu.

— Não quero causar mais problemas entre eles — disse Ralph.

— Já há tantos assim?

— Há ambiente completo para isso. Ela me acompanhar detonaria a explosão. Osmond não gosta do primo de sua esposa.

— Então é claro que aprontaria uma briga. Mas não o fará se você ficar por aqui?

— É o que quero ver. Ele o fez da última vez que estive em Roma e então achei que era meu dever desaparecer. Agora acho que é meu dever ficar e defendê-la.

— Meu caro Touchett, os seus poderes defensivos!... — começou lorde Warburton, com um sorriso. Mas viu algo no rosto do outro que o deteve. — Seu dever, dadas as circunstâncias, parece-me algo agradável — comentou, abstendo-se de continuar no mesmo tom.

Por um breve espaço de tempo Ralph nada respondeu.

— É verdade que meus poderes defensivos são pequenos — devolveu, por fim —, mas, como meus poderes agressivos são menores ainda, Osmond é capaz de não achar que eu valha sua munição. De qualquer modo — continuou —, há coisas que me instigam a curiosidade.

— Está sacrificando sua saúde pela curiosidade, então?

— Não estou muito interessado na minha saúde, e tenho profundo interesse na senhora Osmond.

— Eu também. Mas não como já tive um dia — acrescentou lorde Warburton, rápido. Essa era uma das alusões que até então ele não tivera oportunidade de fazer.

— Ela lhe parece muito feliz? — perguntou Ralph, encorajado por essa confiança.

— Bem, não sei, não pensei no caso. Ela me disse na outra noite que estava feliz.

— Ah, ela *lhe* disse, é claro — exclamou Ralph, sorrindo.

— Não sei, mas parece que sou mais o tipo de pessoa a quem ela poderia ter se queixado.

— Queixado? Ela nunca vai se queixar. Ela fez o que *fez* — e sabe disso. Você seria a última pessoa a quem se queixaria. É muito cuidadosa.

— Não precisa ser. Não tenho intenção de cortejá-la novamente.

— Estou contente em ouvir isso. Não pode haver dúvida nenhuma, pelo menos sobre o *seu* dever.

— Ah, não — disse lorde Warburton, sério —, nenhuma!

— Permita-me perguntar — continuou Ralph —; é para ressaltar o fato de não pretender cortejá-la mais que é tão atencioso com a mocinha?

Lorde Warburton teve um pequeno sobressalto; levantou-se e ficou de pé diante do fogo, olhando com empenho para as chamas.

— Isso lhe parece muito ridículo?

— Ridículo? Nem um pouco, se gosta mesmo dela.

— Acho-a uma pessoa encantadora. Não sei quando uma moça dessa idade me agradou tanto.

— Ela é uma criatura fascinante. Ah, pelo menos é genuína.

— É claro que há a diferença de idade: mais de vinte anos.

— Meu caro Warburton — disse Ralph —, está falando sério?

— Totalmente sério; até onde cheguei.

— Alegro-me muito. E que Deus nos ajude! — exclamou Ralph. — Como o velho Osmond vai ficar animado!

O outro franziu o cenho.

— Olhe aqui, não estrague tudo. Eu não me declararia à filha para agradar a *ele*.

— Ele será ardiloso o bastante para se sentir agradado da mesma forma.

— Ele não gosta tanto assim de mim — disse o nobre.

— Tanto assim? Meu caro Warburton, o problema com a sua posição é que as pessoas não precisam gostar de você para quererem se ligar a você. Ora, se eu estivesse no seu lugar, teria a feliz certeza de que me amavam.

Lorde Warburton não parecia nem um pouco estar com humor que fizesse jus a axiomas gerais

— estava pensando num caso especial.

— Acha que ela vai ficar contente?

— A moça? Com certeza vai ficar encantada.

— Não, não; refiro-me à senhora Osmond.

Ralph olhou-o por um instante.

— Meu caro amigo, o que ela tem a ver com isso?

— O que ela quiser. Gosta muito de Pansy.

— É verdade; verdade mesmo. — E Ralph pôs-se de pé, devagar. — É uma questão interessante: até onde o fato de ela gostar de Pansy poderá levá-la. — Ficou ali parado por um momento, com as mãos nos bolsos e o semblante um tanto turvado. — Sabe, espero que você esteja muito, muito seguro. Diabos! — irrompeu. — Não sei como dizer isso.

— Sabe, sim; você sabe como dizer tudo.

— Bem, é um tanto embaraçoso. Espero que esteja seguro de que, dentre os méritos da senhorita Osmond, o fato de ela estar, hum... tão perto da madrasta não seja um dos principais.

— Meu Deus, Touchett! — exclamou lorde Warburton, zangado. — O que pensa que eu sou?

* Em francês no original. (N. E.)

** Expressão que corresponde a “estar entre a cruz e a espada”. (N. E.)

Isabel não tinha visto madame Merle muitas vezes desde o casamento, pois esta senhora estivera com freqüência ausente de Roma. Uma vez, tinha passado seis meses na Inglaterra; outra, passara parte do inverno em Paris. Fizera inúmeras visitas a amigos distantes e dera a entender que no futuro seria uma romana menos inveterada que no passado. Como fora inveterada no passado apenas no sentido de manter permanente um apartamento num dos nichos mais ensolarados do Píncio — apartamento esse que ficava vazio a maior parte do tempo —, isso sugeria perspectiva de ausência quase constante; perigo que um tempo atrás Isabel teria deplorado muito. A familiaridade modificara, até certo ponto, sua primeira impressão de madame Merle, mas não a alterara na essência; ainda havia nela muita admiração. Essa personagem estava armada em todos os pontos; era um prazer ver alguém tão completamente equipado para a batalha social. Portava a bandeira com discrição, mas as armas eram de aço polido e usadas com uma habilidade que parecia a Isabel cada vez mais pertencerem a uma veterana. Nunca estava cansada, nunca sucumbia à tristeza; nunca parecia necessitar de descanso ou consolo. Tinha suas próprias idéias; nos velhos tempos, expusera muitas delas a Isabel, que sabia que a amiga muito refinada escondia, sob a aparência de extremo autocontrole, uma rica sensibilidade. Mas a vontade dominava sua vida; havia algo galante no modo como seguia em frente. Era como se tivesse aprendido o segredo daquilo — como se a arte de viver fosse algum astucioso ardil que tivesse adivinhado. À medida que Isabel ficava mais velha, ela própria começou a sentir repulsas, aversões; havia dias em que o mundo parecia negro e ela se perguntava, com certa aspereza, para que estava pretendendo viver. Seu velho hábito fora viver com entusiasmo, apaixonar-se por possibilidades percebidas de repente, com a idéia de alguma nova aventura. Quando mais jovem, habituara-se a ir de uma pequena exaltação a outra: não havia quase lugares sombrios entre uma e outra. Mas madame Merle tinha suprimido o entusiasmo; hoje em dia não se apaixonava por nada; vivia inteiramente pela razão e pela sabedoria. Havia horas em que Isabel teria dado qualquer coisa por lições sobre essa arte; se a sua brilhante amiga estivesse por lá, apelaria para ela. Fora percebendo mais que antes a vantagem de ser assim — de ter transformado o próprio eu numa superfície firme, uma espécie de corselete de prata.

Mas, como eu dizia, só foi no inverno, durante o qual tornamos a travar contato com nossa heroína, que a personagem em questão passou novamente uma temporada seguida em Roma. Agora Isabel a via mais do que o fizera desde o casamento, mas, a essa altura, as necessidades e inclinações de Isabel tinham mudado muitíssimo. No momento, não seria a madame Merle que se dirigiria para instruções; perdera a vontade de aprender o astucioso ardil dessa dama. Se tinha problemas, deveria guardá-los para si, e, se a vida era difícil, não se tornaria mais fácil por confessar-se derrotada. Madame Merle era sem dúvida de grande utilidade para si própria e um ornamento para qualquer círculo; mas era — seria — de utilidade para outros em épocas de

refinada perturbação? A melhor maneira de aproveitar a amiga — isso, de fato, Isabel sempre pensara — era imitá-la, ser tão firme e inteligente quanto ela, que não reconhecia perturbações, e considerando tal fato Isabel determinou pela quinquagésima vez pôr de lado as suas. Pareceu-lhe também, ao renovar uma relação que fora virtualmente interrompida, que a antiga aliada estava diferente, estava quase desinteressada — levando a extremos um certo receio um tanto artificial de ser indiscreta. Como sabemos, Ralph Touchett fora de opinião de que ela era propensa ao exagero, a forçar a nota — era dada, na expressão vulgar, a carregar nas tintas. Isabel nunca admitira tal acusação — na verdade nunca a entendera de todo; a conduta de madame Merle, a seu ver, sempre levava a marca do bom gosto, era sempre discreta. Mas, nessa questão de não querer intrometer-se na vida íntima da família Osmond, por fim ocorreu à jovem que ela estava exagerando um pouco. É claro que isso não era bom gosto; era, antes, bastante violento. Lembrava-se exageradamente de que Isabel era casada; que agora tinha outros interesses; que embora ela, madame Merle, tivesse conhecido Gilbert Osmond e a pequena Pansy muito bem, quase melhor que qualquer outra pessoa, não era, afinal de contas, do círculo íntimo. Ela estava na defensiva; nunca falava dos assuntos deles até lhe perguntarem, até mesmo insistirem — como quando pediam sua opinião; tinha horror a parecer estar se intrometendo. Madame Merle era tão cândida quanto sabemos, e um dia expressou candidamente tal horror a Isabel.

— *Tenho* que estar de sobreaviso — disse —; eu poderia com facilidade, sem suspeitar, ofendê-la, mesmo que minha intenção fosse das mais puras. Não devo esquecer que conheci seu marido muito antes de você; não devo deixar que isso me traia. Se você fosse uma jovem tola, poderia ficar com ciúmes. Você não é uma jovem tola, sei muito bem disso. Mas eu também não sou; portanto, estou decidida a não me meter em problemas. É muito fácil causar algum mal; basta um pequeno erro e, antes que se dê conta, o mal já está feito. É claro que, se eu quisesse envolver-me com seu marido, tive dez anos para fazê-lo e nada que o impedisse; portanto, não é provável que eu comece hoje, quando sou muito menos atraente do que antes. Mas se eu a irritasse parecendo assumir um lugar que não me pertence, você não pensaria assim; diria apenas que eu estava esquecendo certas diferenças. Estou decidida a não esquecer-las. Certamente uma boa amiga não está sempre pensando nisso; não se desconfia da injustiça dos amigos. Não desconfio de você, minha querida, nem um pouco, mas sim da natureza humana. Não pense que não me sinto à vontade, nem que sempre estou me vigiando. Acho que já é prova suficiente falar com você como faço agora. Tudo o que quero dizer, porém, é que, se você viesse a sentir ciúmes — seria essa a forma que teria o sentimento —, eu não teria certeza se não seria um pouco por culpa minha. Com certeza não seria culpa do seu marido.

Isabel tivera três anos para refletir sobre a teoria da senhora Touchett de madame Merle ter feito o casamento de Gilbert Osmond. Sabemos como ela a recebera, a princípio. Madame Merle poderia ter feito o casamento de Gilbert Osmond, mas certamente não o de Isabel Archer. Isso fora obra de... Isabel não sabia dizer: da natureza, da providência, da fortuna, do eterno mistério das coisas? Era verdade que a queixa da tia não tinha sido tanto da atividade de madame Merle quanto de sua duplicidade; ela causara o estranho evento e depois negara sua culpa. Essa culpa não seria grande, na opinião de Isabel; não podia transformar em crime o fato de madame Merle ter sido a

causa da amizade mais importante que ela jamais formara. Isso lhe ocorrera um pouco antes do casamento, depois da pequena discussão com a tia, e numa ocasião em que ainda era capaz daquela ampla referência interior, quase o tom do historiador filosófico, a seus escassos e jovens anais. Se madame Merle tivesse desejado sua mudança de estado, só tinha a dizer que fora uma idéia muito feliz. Além disso, com ela fora muito direta; nunca escondera sua alta opinião sobre Gilbert Osmond. Depois do casamento, Isabel descobrira que o marido tinha uma opinião menos conveniente sobre o assunto; era raro consentir em manusear, em conversa, essa conta tão redonda e lisa do rosário social de ambos.

— Não gosta de madame Merle? — Isabel perguntara-lhe uma vez. — Ela tem você em grande apreço.

— Vou dizer-lhe de uma vez por todas — respondera Osmond. — Gostei mais dela um dia do que gosto hoje. Estou cansado dela e me envergonho um pouco disso. Ela é tão boa que chega a ser quase antinatural! Alegro-me de que não esteja na Itália, isso contribui para o relaxamento — para uma espécie de *détente* moral. Não fale muito dela; parece que a traz de volta. Dê-lhe tempo e ela voltará.

De fato, madame Merle voltara antes de ser tarde demais — tarde demais, quero dizer, para recuperar qualquer vantagem que pudesse ter perdido. Mas nesse meio-tempo, se, como eu disse, ela apresentava diferença sensível, os sentimentos de Isabel também não eram exatamente os mesmos. Sua consciência da situação era tão aguda como antigamente, mas muito menos satisfatória. A mente insatisfeita, seja o que for que ainda mais lhe falte, quase nunca precisa de razões; estas florescem como ranúnculos em junho. O fato de madame Merle ter contribuído para o casamento de Gilbert Osmond deixou de ser um de seus títulos a serem considerados; poderia estar escrito, afinal, que não havia tanto para agradecer-lhe. À medida que o tempo passava, havia cada vez menos, e Isabel um dia disse a si mesma que talvez sem ela as coisas não tivessem acontecido. Tal idéia, na verdade, foi imediatamente afastada; sentiu horror instantâneo de tê-la concebido.

“Seja o que for que venha a acontecer-me, que eu não seja injusta”, disse para si mesma, “que eu carregue minha cruz e não tente impingir-la aos outros!” Essa disposição foi testada, afinal, por aquela engenhosa desculpa por sua conduta atual, que madame Merle achou de bom alvitre pedir, e da qual fiz um esboço; pois havia algo de irritante — havia quase uma certa zombaria — em suas nítidas distinções e claras convicções. Na mente de Isabel, agora, nada havia de claro; havia uma confusão de desgostos, uma complicação de receios. Sentia-se indefesa ao afastar-se da amiga que acabara de fazer os comentários que citei: madame Merle sabia tão pouco o que ela estava pensando! Ela própria, ademais, achava-se incapaz de explicar. Com ciúmes dela? Ciúmes dela com Gilbert? A idéia naquele momento não sugeria qualquer realidade próxima. Chegava a desejar que fosse possível ter ciúmes; teria servido de certo modo como conforto. Isso não era um dos sintomas da felicidade? Madame Merle, porém, era sagaz, tão sagaz que poderia estar fingindo conhecer Isabel melhor do que ela própria se conhecia. Nossa jovem sempre fora fértil em resoluções — muitas delas de caráter elevado, mas em época alguma tinham florescido (na privacidade de seu coração) com maior abundância que agora. É verdade que todas tinham uma

semelhança; poderiam ser resumidas na determinação de que, se ela tivesse que ser infeliz, não deveria ser por culpa dela. Seu pobre espírito ferido tivera sempre grande desejo de fazer o melhor, e até agora não tinha sido seriamente desencorajado. Desejava, portanto, agarrar-se à justiça — e não gratificar-se por meio de vinganças mesquinhas. Associar madame Merle a seu desapontamento seria uma vingança mesquinha — ainda porque o prazer derivado disso seria totalmente insincero. Poderia alimentar seu senso de amargura, mas não lhe afrouxaria as algemas. Era impossível fingir que não tinha agido com os olhos abertos; se alguma moça já agira com liberdade, ela o fizera. Uma moça apaixonada não era, sem dúvida, alguém que age com liberdade, mas a única fonte de engano estivera dentro de si mesma. Não houvera conspiração, armadilha; ela olhara e considerara e escolhera. Quando uma mulher comete um erro desses, só há uma única forma de repará-lo — apenas sua imensa (oh, com a maior grandeza!) aceitação. Uma loucura já bastava, ainda mais quando teria que durar para sempre; uma segunda loucura não faria muito para compensar a outra. Nesse voto de reticência, havia certa nobreza que a fazia continuar, mas madame Merle tivera razão, apesar de tudo, de tomar suas precauções.

Um dia, cerca de um mês depois da chegada de Ralph Touchett a Roma, Isabel voltava de uma caminhada com Pansy. Não era apenas como parte de sua determinação geral de ser justa que, no momento, sentia-se muito grata por Pansy — era também parte de sua ternura por coisas que eram puras e fracas. Tinha afeição por Pansy e nada mais havia em sua vida que tivesse a retidão do afeto da juvenzinha ou a doçura de sua própria clareza a respeito disso. Era como uma suave presença — como segurar a pequena mão na sua própria; por parte de Pansy, era mais que afeição — era uma espécie de fé ardente e coerciva. De sua parte, a sensação da dependência da menina era mais do que prazer; atuava como uma razão definida quando a motivação ameaçava falhar. Dissera a si mesma que devemos assumir nosso dever onde o encontrarmos e devemos procurá-lo tanto quanto possível. A simpatia de Pansy era uma advertência direta; parecia dizer que ali estava uma oportunidade, talvez não iminente, mas inequívoca. Porém, oportunidade de quê, seria difícil Isabel dizer; em geral, de ser mais para a menina do que a menina era para ela. Isabel podia sorrir, esses dias, ao lembrar que sua pequena companheira um dia fora ambígua, pois agora percebia que as ambigüidades de Pansy eram apenas falta de percepção de sua parte. Ela não fora capaz de acreditar que alguém quisesse tanto — tanto, tanto — agradar. Mas, desde aquele tempo, vira essa delicada faculdade em ação, e agora sabia o que pensar dela. Era toda a criatura, era uma espécie de talento. Pansy não tinha orgulho que interferisse nisso e, embora estivesse sempre ampliando suas conquistas, não as considerava mérito seu. As duas estavam sempre juntas; a senhora Osmond quase nunca era vista sem a enteada. Isabel gostava da companhia dela; tinha o efeito de estar carregando um buquezinho composto todo da mesma flor. E depois, não descuidar de Pansy, não descuidar dela fosse qual fosse a provocação, isso tornara-se para ela uma profissão de fé. A mocinha parecia, para todos os efeitos, estar mais feliz na companhia de Isabel que na de qualquer outra pessoa, a não ser o pai, a quem admirava com intensidade justificada pelo fato de que, como a paternidade era um delicioso prazer para Gilbert Osmond, ele sempre fora copiosamente brando. Isabel sabia como Pansy gostava de estar com ela e como buscava a melhor maneira de agradá-la. Decidira que a melhor maneira de agradá-la era negativa, consistindo em não lhe causar problemas — convicção

que, com certeza, não poderia se referir a problemas já existentes. Ela era, portanto, de engenhosa passividade e docilidade quase imaginativa; tinha cuidado até de moderar o ímpeto com que acedia às propostas de Isabel, embora pudesse implicar que pudesse pensar diferente. Nunca interrompia, nunca fazia perguntas sociais, e embora gostasse muito de aprovação a ponto de ficar pálida quando a recebia, nunca estendia a mão para pedi-la. Só olhava para ela anelante — atitude que tornou seus olhos os mais lindos do mundo, quando foi crescendo. Durante o segundo inverno no Palazzo Roccanera, quando começou a ir a festas, a bailes, sempre numa hora razoável, para que a senhora Osmond não ficasse cansada, era a primeira a propor a saída. Isabel apreciava o sacrifício das últimas danças, pois sabia que sua pequena acompanhante nutria prazer apaixonado por tal exercício, dando os passos apropriados à música como uma fada conscienciosa. A sociedade, além do mais, não tinha desvantagens para ela: gostava até mesmo das partes enfadonhas — do calor dos salões de baile, da insipidez dos jantares, da aglomeração na porta, da espera embaraçosa pela carruagem. Durante o dia, nesse veículo, ao lado da madrastra, ia sentada numa postura fixa e apreciativa, debruçando-se para a frente e sorrindo de leve, como se a tivessem levado a passear pela primeira vez.

No dia de que falo, elas tinham ido de carruagem até fora de um dos portões da cidade e, ao cabo de meia hora, tinham mandado a carruagem esperar por elas na estrada enquanto caminhavam por sobre a relva baixa da campina, que mesmo nos meses de inverno fica salpicada de delicadas flores. Isso era quase um hábito diário de Isabel, que gostava de andar e tinha um passo longo e rápido, embora não tão rápido como quando chegara à Europa. Não era o tipo de exercício preferido de Pansy, mas ela gostava de andar porque gostava de tudo e movia-se com menor ondulação ao lado da esposa do pai, que depois, ao voltarem para Roma, prestava homenagem às preferências da mocinha, fazendo a volta do Píncio ou da Villa Borghese. Ela colhera um punhado de flores num ensolarado vale, longe das muralhas de Roma, e, ao chegarem ao Palazzo Roccanera, foi direto a seu quarto, para pô-las na água. Isabel entrou na saleta, a que costumava usar, a segunda a partir da grande antecâmara, onde se entrava pela escada e na qual nem mesmo os ricos estratagemas de Gilbert Osmond tinham conseguido corrigir um ar de nudez um tanto grandiosa. Mal passara a soleira da saleta, deteve-se de chofre e o motivo disso foi que recebeu uma impressão. A impressão não tinha, estritamente falando, nada sem precedentes, mas ela sentiu-a como algo novo, e o silêncio de seus passos deu-lhe tempo de apreciar a cena antes de interrompê-la. Madame Merle estava lá, de chapéu, e Gilbert Osmond falava com ela; por um minuto, não se deram conta de que ela tinha chegado. Isabel vira, com certeza, isso muitas vezes antes, mas o que não tinha visto, ou pelo menos não tinha notado, era que o colóquio deles tinha naquele instante se convertido numa espécie de silêncio familiar do qual ela percebeu de pronto que sua entrada os despertaria com sobressalto. Madame Merle estava de pé no tapete, um pouco longe da lareira; Osmond estava numa poltrona funda, recostado, olhando para ela. Ela tinha a cabeça erguida como de hábito, mas os olhos baixados para ele. O que impressionou Isabel primeiro foi ele estar sentado enquanto madame Merle estava de pé; havia algo de anormal nisso que a deteve. Depois percebeu que eles tinham chegado a uma pausa errática em meio a uma troca de idéias e estavam pensando, cara a cara, com a liberdade de velhos amigos que às vezes trocam

idéias sem expressá-las. Nada havia que chocasse nisso; eram de fato velhos amigos. Mas a coisa causou uma imagem, que durou apenas um segundo, como um súbito lampejo de luz. As posições respectivas, os olhares mutuamente absortos afetaram-na como algo descoberto. Mas terminou, mal ela os viu. Madame Merle a vira e cumprimentara-a sem se mover; o marido, ao contrário, pôs-se de pé num salto ao vê-la. Em seguida, murmurou algo sobre querer dar um passeio, e, depois de pedir licença à visitante, saiu da sala.

— Vim vê-la, achando que já tinha chegado; e, como não tinha, esperei — disse madame Merle.

— Ele não a convidou a sentar-se? — perguntou Isabel, com um sorriso.

Madame Merle olhou em torno.

— Ah, é bem verdade; eu estava indo embora.

— Agora deve ficar.

— Certamente. Vim por um motivo; tenho algo em mente.

— Já lhe disse isto antes — disse Isabel —, que é preciso haver algo extraordinário para trazê-la a esta casa.

— E você sabe o que lhe disse: quer eu venha ou não, sempre tenho o mesmo motivo: a afeição que sinto por você.

— É, disse-me isso.

— Neste momento, parece não acreditar — disse madame Merle.

— Ah — respondeu Isabel —, a profundidade de seus motivos, isso é a última coisa de que duvidaria!

— Duvidaria antes da sinceridade de minhas palavras.

Isabel balançou a cabeça, séria.

— Sei que sempre foi bondosa comigo.

— Sempre que você permitiu. Nem sempre você aceita; aí temos que deixá-la em paz. Mas não é para lhe fazer algum favor que vim hoje; o assunto é outro. Vim para resolver um problema meu — passá-lo para você. Estava falando sobre ele a seu marido.

— Isso me espanta; ele não gosta de problemas.

— Especialmente das outras pessoas; sei disso muito bem. Mas você também não, suponho. De qualquer modo, gostando ou não, terá que me ajudar. Trata-se do pobre senhor Rosier.

— Ah — disse Isabel, pensativa —, é problema dele, então, não seu.

— Ele conseguiu passá-lo para mim. Vem ver-me dez vezes por semana, para falar sobre Pansy.

— Sim, ele quer casar com ela. Estou sabendo de tudo.

Madame Merle hesitou.

— Entendi o seu marido dizer que talvez você não soubesse.

— Como ele sabe o que eu sei, se nunca falou sobre esse assunto comigo?

— Provavelmente por não saber como falar.

— Mas, afinal, é o tipo de coisa para a qual ele sempre tem resposta.

— Sim, porque em geral ele sabe muito bem o que pensar. Desta vez não sabe.

— A senhora não estava lhe dizendo? — perguntou Isabel.

Madame Merle deu um sorriso brilhante e voluntário.

— Sabe que está sendo um pouco seca?

— Sim; não posso evitar. O senhor Rosier também falou comigo.

— Nisso ele tem razão. Você está muito próxima da menina.

— Ah — disse Isabel —, pelo grande consolo que dei a ele! Se me acha seca, imagino o que *ele* pensará.

— Acho que ele pensa que você pode fazer mais do que fez.

— Nada posso fazer.

— Pode fazer mais que eu, pelo menos. Não sei que misteriosa ligação ele pode ter descoberto entre mim e Pansy, mas procurou-me desde o começo, como se eu tivesse a sorte dele em minhas mãos. Agora fica voltando, para animar-me, para saber se há esperança, para desabafar seus sentimentos.

— Ele está muito apaixonado — concordou Isabel.

— Muito — para ele.

— Muito para Pansy, poderia dizer também.

Madame Merle baixou o olhar por um instante.

— Não a acha atraente?

— É a moça mais adorável que se possa querer, mas muito limitada.

— Ela seria mais fácil, então, para o senhor Rosier amar. Ele não é ilimitado.

— Não — disse Isabel —, ele tem mais ou menos a extensão de um lenço de bolso — dos pequenos, com renda em volta. — Nos últimos tempos, o humor de Isabel se voltara muito para o sarcasmo, mas dali a pouco envergonhou-se de usá-lo em objeto tão inocente como o pretendente de Pansy. — Ele é muito bom, muito honesto — acrescentou dentro de um instante — e não é tão tolo quanto parece.

— Ele me garantiu que ela gosta dele — disse madame Merle.

— Eu não sei; não perguntei a ela.

— Nunca sondou, nem um pouco?

— Não compete a mim fazer isso; compete ao pai.

— Ah, está sendo muito literal! — exclamou madame Merle.

— Eu é quem julgo isso.

Madame Merle sorriu novamente.

— Não é fácil ajudar você.

— Ajudar-me? — perguntou Isabel, séria. — O que quer dizer com isso?

— É fácil desagradá-la. Não vê como sou esperta em tomar cuidado? Estou avisando-a, de qualquer modo, como avisei a Osmond, que lavo minhas mãos sobre os assuntos amorosos da senhorita Pansy e do senhor Edward Rosier. *Je n'y peux rien, moi!* Não posso falar com Pansy sobre ele. Principalmente — acrescentou madame Merle — porque não o acho um modelo de marido.

Isabel ficou pensando por um instante, depois disse, com um sorriso:

— Então não está lavando as mãos! — Depois, outra vez, acrescentou em outro tom: — A senhora não pode; está interessada demais.

Madame Merle pôs-se de pé devagar; lançara a Isabel um olhar tão rápido como a sugestão que

brilhara diante de nossa heroína alguns minutos antes. Só que, desta vez, ela nada viu.

— Pergunte-lhe da próxima vez e verá.

— Não posso perguntar-lhe; deixou de vir à nossa casa. Gilbert deu-lhe a entender que não é bem-vindo.

— Ah, sim — falou madame Merle —, esqueci-me disso, embora seja o refrão dos lamentos dele. Diz que Osmond o insultou. Mesmo assim — continuou —, Osmond não desgosta dele tanto quanto pensa. — Ela se levantara como que encerrando a conversa, mas deixou-se ficar, olhando em volta, e era evidente que tinha mais a dizer. Isabel percebeu e até adivinhou o que ela pretendia dizer, mas também tinha suas próprias razões para não abrir uma brecha.

— Isso deve tê-lo agradado, se é que disse isso a ele — respondeu, sorrindo.

— É claro que disse; quanto a isso, encorajei-o. Aconselhei paciência, disse que o caso dele não é sem esperança se ele se controlar e ficar quieto. Infelizmente, meteu na cabeça de ter ciúmes.

— Ciúmes?

— Ciúmes de lorde Warburton, que, diz ele, está sempre aqui.

Isabel, que estava cansada, tinha permanecido sentada, mas ao ouvir isso também se levantou.

— Ah! — exclamou apenas, andando devagar até a lareira. Madame Merle ficou a observá-la enquanto passava e ficava um instante diante do espelho sobre a lareira, empurrando para o lugar uma mecha de cabelo rebelde.

— O pobre senhor Rosier fica dizendo que não é impossível lorde Warburton apaixonar-se por Pansy — continuou madame Merle.

Isabel ficou calada um instante; voltou-se do espelho.

— É verdade, nada é impossível — respondeu, por fim, em tom sério e mais brando.

— Isso tive que admitir ao senhor Rosier. E também é o que pensa o seu marido.

— Eu ignoro.

— Pergunte-lhe e verá.

— Não vou perguntar — disse Isabel.

— Perdoe-me, esqueci que já tinha dito isso. É claro — continuou madame Merle — que você compreende muito mais o comportamento de lorde Warburton que eu.

— Não vejo por que não dizer que ele gosta muito de minha enteada.

Madame Merle lançou de novo um de seus rápidos olhares.

— Gosta dela, quer dizer, do mesmo jeito que o senhor Rosier?

— Não sei qual é o jeito do senhor Rosier, mas lorde Warburton já me disse que está encantado com Pansy.

— E você nunca contou a Osmond? — Essa observação foi imediata, precipitada; quase irrompeu dos lábios de madame Merle.

Os olhos de Isabel pousaram nela.

— Imagino que venha a saber com o tempo; lorde Warburton tem boca e sabe expressar-se.

No mesmo momento, madame Merle deu-se conta de ter falado mais rápido que de hábito, e tal consciência fez-lhe subir o rubor às faces. Deu ao traiçoeiro impulso tempo de se abater e depois disse, como se já estivesse pensando durante algum tempo:

— Seria melhor do que casar com o pobre senhor Rosier.

— Muito melhor, eu acho.

— Seria ótimo; seria um grande casamento. É muito bom da parte dele.

— Muito bom da parte dele?

— Dignar-se a olhar para uma simples mocinha.

— Não vejo assim.

— É amável de sua parte. Mas, afinal de contas, Pansy Osmond...

— Afinal de contas, Pansy Osmond é a pessoa mais atraente que ele jamais conheceu! — exclamou Isabel.

Madame Merle ficou a olhá-la e, de fato, estava confusa, com razão.

— Ah, há pouco pensei que parecia desmerecê-la um tanto.

— Eu disse que era limitada. E é. E lorde Warburton também.

— Nós todos somos, se vamos a isso. Se nada mais é do que Pansy merece, melhor. Mas, se ela voltar sua afeição para o senhor Rosier, não admito que ela mereça isso. Isso seria maldade.

— O senhor Rosier é maçante! — exclamou Isabel, de repente.

— Concordo plenamente, e estou muito contente de saber que não preciso alimentar sua chama. No futuro, quando ele for me procurar, encontrará minha porta fechada. — E, apanhando o manto, madame Merle preparou-se para partir. Porém, foi detida a caminho da porta por um pedido inconseqüente de Isabel.

— Ainda assim, seja bondosa com ele.

Ela ergueu os ombros e as sobranceiras e ficou parada olhando para a amiga.

— Não entendo suas contradições! Definitivamente não vou ser bondosa com ele, pois seria uma bondade falsa. Quero ver a moça casada com lorde Warburton.

— É melhor esperar que ele a peça em casamento.

— Se o que diz é verdade, ele vai pedi-la. Ainda mais — disse madame Merle em seguida — se você fizer com que ele a peça.

— Se eu fizer?

— Está em suas mãos. Tem grande influência sobre ele.

Isabel franziu o cenho.

— De onde tirou isso?

— A senhora Touchett me contou. Você não, nunca! — disse madame Merle, com um sorriso.

— Certamente nunca lhe contei nada parecido.

— Poderia tê-lo feito, teve bastante oportunidade, quando éramos confidentes uma da outra. Mas na verdade você contou-me muito pouco; muitas vezes tenho pensado nisso.

Isabel pensara nisso também, e às vezes com certa satisfação. Mas não admitiu agora — talvez porque não quisesse parecer exultar.

— Parece ter tido uma excelente informante na minha tia — limitou-se a responder.

— Ela me contou que você tinha recusado um pedido de casamento de lorde Warburton porque estava muito aborrecida e nervosa com o assunto. É claro que acho que você agiu melhor ao fazer o que fez. Mas já que não quis casar com lorde Warburton, compense isso ajudando-o a

casar com outra pessoa.

Isabel escutou isso com um rosto que persistia em não refletir a clara expressividade do rosto de madame Merle. Mas logo disse, de modo bastante razoável e gentil:

— Eu ficaria muito contente, de fato, se pudesse fazer isso por Pansy. — A outra, que pareceu considerar tais palavras como de bom augúrio, abraçou-a com mais carinho do que seria de se esperar e partiu, triunfante.

Osmond abordou o assunto naquela noite pela primeira vez, entrando bem tarde na saleta onde ela estava sentada, sozinha. Tinham passado a noite em casa e Pansy fora dormir; ele próprio estivera sentado, desde a hora do jantar, num pequeno aposento onde arrumara seus livros e que chamava de seu “estúdio”. Às dez horas, lorde Warburton tinha vindo, como sempre fazia, quando sabia por Isabel que ela estava em casa; ele ia a algum outro lugar e ficou meia hora por lá. Depois de pedir notícias de Ralph, Isabel falou muito pouco, de propósito; queria que ele conversasse com a enteada. Fingiu que estava lendo; foi, depois de algum tempo, até o piano; perguntou-se se não deveria sair da sala. Aos poucos, acabara achando boa a idéia de Pansy tornar-se esposa do dono da bela Lockleigh, embora a princípio isso não lhe tivesse ocorrido de modo a produzir entusiasmo. Naquela tarde, madame Merle acendera um fósforo num monte de material inflamável. Quando Isabel estava infeliz, sempre olhava em volta — em parte por impulso e em parte por teoria —, procurando alguma forma de atividade positiva. Nunca conseguia libertar-se da sensação de que a infelicidade era uma condição de enfermidade — sofrer em vez de fazer. “Fazer”, não importa o que, seria portanto uma saída, talvez um remédio, até certo ponto. Além disso, queria convencer-se de que fizera todo o possível para contentar o marido; estava decidida a não ser perseguida por visões da inércia da esposa dele ao ser convocada. Ele gostaria muito de ver Pansy casada com um nobre inglês e com razão, uma vez que tal nobre era de tão bom caráter. Parecia a Isabel que, se ela pudesse tornar um dever seu materializar tal evento, desempenharia o papel de boa esposa. Queria ser uma boa esposa; queria poder acreditar com sinceridade, e com provas, que o fora. Depois, esse empreendimento tinha outras recomendações: iria mantê-la ocupada, e ela desejava ocupação. Até a divertiria, e se, de fato, ela pudesse divertir-se talvez fosse salva. Por fim, seria um favor a lorde Warburton, que estava evidentemente muito interessado na encantadora mocinha. Era um tanto “estranho” que estivesse, sendo quem era, mas não há como explicar tais impressões. Pansy poderia cativar qualquer um — pelo menos qualquer um que não fosse lorde Warburton. Isabel a teria achado demasiado pequena, demasiado frágil, talvez até mesmo demasiado artificial para isso. Sempre havia um pouco de boneca nela, e não fora isso o que ele estivera procurando. Mas, afinal, quem poderia dizer o que os homens procuravam? Procuravam o que encontravam; sabiam o que lhes agradava apenas quando o viam. Teoria alguma era válida em tais questões e uma coisa não era mais inexplicável ou mais natural que a outra. Se ele gostara *dela*, poderia parecer estranho ele gostar de Pansy, que era tão diferente, mas não gostara dela tanto quanto ele supunha. Ou, se gostara, recuperara-se por completo, e era natural que, como o outro caso fracassara, ele pensasse que uma coisa de natureza bem diferente talvez tivesse sucesso. Como eu disse, Isabel não se sentira tomada de entusiasmo a princípio, mas nesse dia sim, e isso a fez sentir-se quase feliz. Era surpreendente quanta felicidade ela ainda encontrava na idéia de conseguir obter um prazer para o

marido. Era uma pena, contudo, que Edward Rosier tivesse atravessado o caminho.

Ao pensar nisso, a luz que de súbito iluminara tal senda perdeu um pouco o brilho. Infelizmente, Isabel estava certa de que Pansy achava o senhor Rosier o melhor dos moços — tão certa como se tivesse tido uma conversa com ela sobre o assunto. Era uma maçada estar tão certa, depois de ter tomado tanto cuidado para abster-se de receber qualquer informação; quase uma maçada tão grande como o pobre senhor Rosier ter metido tal idéia na cabeça. Era certo que ele estava muito abaixo de lorde Warburton. Não tanto pela diferença de fortuna como pela diferença entre homens; o jovem americano era realmente um peso-mosca. Era muito mais o tipo do cavalheiro refinado e inútil que o nobre inglês. É verdade que não havia motivo especial para Pansy se casar com um político; mas, se um político a admirava, isso era problema dele, e ela seria uma perfeita jóia como dama da corte.

Poderá parecer ao leitor que a senhora Osmond tenha se tomado, de repente, de estranho cinismo, pois terminou dizendo a si mesma que essa dificuldade provavelmente poderia ser contornada. Um empecilho encarnado no pobre Rosier não poderia de qualquer modo apresentar-se como perigoso; sempre haveria meios de nivelar obstáculos secundários. Isabel estava bem ciente de não ter aquilatado a tenacidade de Pansy, que poderia vir a ser de inconveniente peso, mas inclinava-se mais a vê-la abandonando algo sob sugestão que se agarrando a algo sob censura — já que tinha, com certeza, a faculdade de assentimento desenvolvida em grau muito maior que a de protesto. Ela se afeiçoaria, sim, isso sim; mas realmente não fazia muita diferença para ela a que ela se afeiçoava. Lorde Warburton serviria tão bem quanto o senhor Rosier — ainda mais que ela parecia gostar dele; expressara tal sentimento a Isabel sem qualquer reserva; dissera que achava a conversa dele muito interessante — ele lhe contara tudo a respeito da Índia. A atitude dele para com Pansy fora a mais correta e descontraída — Isabel notou isso por si, como também notou que ele lhe falava não com condescendência, como que se lembrando da sua juventude e simplicidade, mas antes como se ela entendesse os assuntos abordados por ele com a mesma aptidão com que acompanhava as óperas da moda. Isso ia até o ponto de dar atenção à música e ao cantor. Ele tinha o cuidado apenas de ser bondoso — era tão bondoso quanto fora com outra juvenzinha embaraçada em Gardencourt. Uma moça bem que poderia se comover com isso; ela lembrava como tinha ficado comovida, e disse a si mesma que, se fosse tão simples como Pansy, a impressão teria sido ainda mais profunda. Ela não tinha sido simples ao recusá-lo; essa operação fora tão complicada quanto mais tarde o fora sua aceitação de Osmond. Porém, Pansy, apesar de toda a sua simplicidade, entendia de fato e alegrava-se que lorde Warburton falasse com ela, não sobre seus parceiros e ramalhetes, mas sobre a situação da Itália, a condição dos camponeses, sobre o famoso imposto sobre a moagem, sobre a pelagra, sobre suas impressões da sociedade romana. Ela o olhava, enquanto enfiava a agulha na tapeçaria, com olhos meigos e submissos, e, quando os abaixava, lançava pequenos olhares de esguelha para ele, para as mãos, os pés, a roupa, como se o estivesse avaliando. Mesmo a figura dele, Isabel poderia ter-lhe dito, era melhor que a do senhor Rosier. Mas Isabel contentava-se nessas horas em perguntar-se onde este último cavalheiro estaria; não aparecia mais no Palazzo Roccanera. Era surpreendente, como eu dizia, o modo como tal idéia se arraigara nela — a idéia de auxiliar o marido a ficar contente.

Era surpreendente por uma variedade de razões que logo mencionarei. Na noite de que falo, enquanto lord Warburton estava ali sentado, ela estivera prestes a dar o grande passo de sair da sala e deixar os dois a sós. Digo “grande passo” porque seria assim que Gilbert Osmond o teria considerado, e Isabel tentava tanto quanto possível adotar o ponto de vista do marido. Conseguiu, de um certo modo, mas não chegou ao ponto que mencionei. Afinal, não conseguia fazê-lo; algo a retinha e a impossibilitava. Não por ser exatamente baixo ou insidioso, pois, em geral, as mulheres praticam tais manobras com a consciência totalmente à vontade, e Isabel, por instinto, era muito mais fiel aos traços comuns de seu sexo do que traidora. Havia uma vaga dúvida a interpor-se — a sensação de não estar bem certa. Assim, ficou na saleta, e depois de um tempo lord Warburton foi embora para uma festa, que prometeu contar em detalhes a Pansy no dia seguinte. Depois que ele se foi, ela perguntou-se se teria impedido algo que teria acontecido se ela se tivesse ausentado por um quarto de hora; depois chegou à conclusão — sempre mentalmente — de que, quando o distinto visitante quisesse que ela sáisse, não teria dificuldade em encontrar meios de fazer com que entendesse isso. Pansy não disse uma palavra depois que ele partiu, e Isabel nada comentou, de propósito, pois jurara a si mesma ser reservada até ele próprio se declarar. Estava demorando um pouco mais em fazê-lo do que pareceria corresponder à descrição que fizera a Isabel sobre seus sentimentos. Pansy foi dormir, e Isabel teve que admitir que não poderia agora adivinhar o que a enteada estava pensando. Sua transparente companheira, naquele momento, não estava permitindo que se enxergasse dentro dela.

Ficou sozinha, olhando para o fogo, até que, depois de meia hora, o marido entrou. Andou por ali um pouco em silêncio e depois sentou-se; ficou olhando para o fogo como ela. Mas então ela desviou o olhar das chamas bruxuleantes da lareira para o rosto de Osmond e ficou olhando para ele, enquanto ele permanecia em silêncio. Tornara-se um hábito seu a observação dissimulada; um instinto, que não será exagero dizer estar aliado ao de autodefesa, tornara isso habitual. Ela queria conhecer os pensamentos dele tanto quanto possível, saber o que ele diria de antemão, para poder preparar a resposta. Preparar respostas nunca tinha sido seu forte; raras vezes conseguira, nesse particular, fazer mais do que pensar em coisas inteligentes que poderia ter dito. Mas aprendera a tomar cuidado — aprendera, em parte, da própria expressão do marido. Era o mesmo rosto que fitara com olhos igualmente francos, talvez, mas menos penetrantes, no terraço de uma *villa* florentina, a não ser pelo fato de Osmond ter se tornado um pouco mais robusto desde o casamento. Porém ainda podia ser considerado muito distinto.

— Lorde Warburton esteve aqui? — perguntou ele, pouco depois.

— Sim, ficou meia hora.

— Ele viu Pansy?

— Sim; sentou-se no sofá com ela.

— Falou muito com ela?

— Quase só falou com ela.

— Ele parece ser muito atencioso. Não é assim que você diz?

— Não digo nada — disse Isabel. — Estou esperando que você qualifique.

— Essa é uma consideração que você nem sempre demonstra — respondeu Osmond, após um

instante.

— Desta vez, decidi procurar agir como você gostaria que eu agisse. Já fracassei muitas vezes nisso.

Osmond virou a cabeça devagar e olhou para ela.

— Está tentando brigar comigo?

— Não, estou tentando viver em paz.

— Não há nada mais fácil; você sabe que eu não brigo.

— Como chama o que faz quando tenta fazer com que eu me zangue? — perguntou Isabel.

— Eu não tento; se o fiz, foi do modo mais natural do mundo. Além do mais, agora não estou tentando nem um pouco.

Isabel sorriu.

— Não faz mal. Decidi nunca mais ficar zangada.

— Essa é uma excelente resolução. Você não tem bom gênio.

— Não, não tenho. — Afastou o livro que estivera lendo e pegou a tira de tapeçaria que Pansy deixara sobre a mesa.

— Em parte foi por isso que não lhe falei sobre o assunto da minha filha — disse Osmond, aludindo a Pansy de um modo que não lhe era habitual. — Receava encontrar oposição; temia que você também tivesse opiniões formadas a respeito. Mandei o pequeno Rosier cuidar da própria vida.

— Receava que eu tomasse o partido do senhor Rosier? Não notou que nunca lhe falei a respeito dele?

— Eu nunca lhe dei essa chance. Temos conversado muito pouco nesses últimos dias. Eu sei que ele é um velho amigo seu.

— É, é um velho amigo meu. — Isabel sentia por ele pouco mais do que sentia pela tapeçaria que tinha na mão, mas era verdade que era um velho amigo e que, perante o marido, sentia vontade de não diminuir tais vínculos. Ele tinha um jeito de expressar o seu desprezo que fortalecia sua lealdade, mesmo quando, como neste caso, eles fossem, por si, insignificantes. Às vezes, sentia uma espécie de arroubo de ternura por memórias que não tinham maior mérito do que pertencer à sua vida de solteira. — Mas, com respeito a Pansy — acrescentou depois de um tempo —, não o encorajei de modo algum.

— Isso é muito bom — observou Osmond.

— Muito bom para mim, imagino que queira dizer. Para ele, faz pouca diferença.

— Não adianta falar sobre ele — retrucou Osmond. — Como lhe disse, mandei-o passear.

— Sim, mas um apaixonado lá fora continua sendo um apaixonado. Às vezes, até mais. O senhor Rosier ainda tem esperança.

— Que lhe sirva de conforto! Minha filha só tem que ficar sentada bem quieta para tornar-se *lady* Warburton.

— Gostaria disso? — perguntou Isabel com uma simplicidade não tão afetada como poderia parecer. Estava decidida a não pressupor nada, pois Osmond costumava virar de repente as suas próprias suposições contra ela. A intensidade com que ele gostaria que a filha se tornasse *lady*

Warburton fora a base das suas próprias recentes reflexões. Mas isso guardaria para si; nada reconheceria até Osmond verbalizar as coisas: não daria como certo que ele achava lorde Warburton um prêmio que valia um esforço inusitado entre os Osmond. Gilbert anunciava constantemente que, para ele, nada na vida era um prêmio; que tratava de igual para igual com as pessoas mais ilustres e que bastaria à filha dar uma olhada em torno para escolher um príncipe. Portanto, ele incorreria num lapso de coerência se dissesse explicitamente estar muito interessado em lorde Warburton e que, se esse aristocrata escapasse, talvez não fosse possível encontrar outro equivalente a ele; ainda mais que uma de suas afirmações costumeiras era nunca ser incoerente. Gostaria que a mulher passasse por cima disso. Mas, por estranho que pareça, agora que ela estava diante dele, e apesar de ter quase inventado uma hora antes um subterfúgio para agradá-lo, Isabel não estava sendo conciliadora, não estava passando por cima. E, no entanto, sabia o exato efeito que causaria na mente dele a sua pergunta: agiria como uma humilhação. Não importava: ele tinha uma terrível capacidade de humilhá-la — ainda mais por também ser capaz de esperar pelas boas oportunidades e demonstrar indiferença quase inexplicável pelas menores. Talvez Isabel aproveitasse uma oportunidade menor porque não se teria aproveitado uma grande.

Naquele momento, Osmond saiu-se muito bem.

— Gostaria muitíssimo; seria um grande casamento. E depois, lorde Warburton tem outra vantagem: é um velho amigo seu. Seria agradável que passasse a pertencer à família. É muito curioso que todos os admiradores de Pansy sejam velhos amigos seus.

— É natural que venham ver-me. Ao fazerem isso, vêem Pansy. Ao vê-la, é natural que se apaixonem por ela.

— Também acho. Mas você não precisa pensar assim.

— Se ela se casasse com lorde Warburton, eu ficaria muito contente — continuou Isabel, com franqueza. — É uma pessoa excelente. Você está dizendo, porém, que basta ela ficar sentada, quieta. Talvez ela não fique tão quieta assim. Se ela perder o senhor Rosier, talvez se agite!

Osmond pareceu não dar atenção a isso; continuou sentado, olhando para o fogo.

— Pansy gostaria de ser uma grande dama — comentou, depois de algum tempo, num tom mais terno. — O que ela mais quer é agradar — acrescentou.

— Agradar ao senhor Rosier, talvez.

— Não, agradar a mim.

— A mim também, um pouco, acho eu — disse Isabel.

— É, ela tem você em alta conta. Mas fará o que eu quiser.

— Se tem certeza disso, muito bem — concordou ela.

— Nesse meio-tempo — disse Osmond —, gostaria que nosso ilustre visitante se manifestasse.

— Ele se manifestou comigo. Disse-me que seria um grande prazer para ele saber que é apreciado por ela.

Osmond virou a cabeça rápido, mas a princípio nada disse. Depois, perguntou, ríspido:

— Por que não me contou?

— Não houve chance. Sabe como vivemos. Estou aproveitando a primeira oportunidade que tenho.

— Mencionou Rosier a ele?

— Oh, sim, um pouco.

— Isso era perfeitamente dispensável.

— Achei melhor ele saber, para... — Isabel deteve-se.

— Para quê?

— Para que pudesse agir com base nisso.

— Para que pudesse recuar, é isso o que quer dizer?

— Não, para que pudesse avançar enquanto é tempo.

— Não é esse o efeito que parece ter causado.

— Deve ter paciência — disse Isabel. — Sabe que os ingleses são tímidos.

— Esse não é. Não era quando se declarou a *voce*.

Ela receava que Osmond falasse nisso; o assunto era-lhe desagradável.

— Perdão; era muitíssimo tímido — retrucou.

Ele nada disse por algum tempo; pegou um livro e folheou-o, enquanto ela permanecia sentada, em silêncio, ocupada com o bordado de Pansy.

— Você deve ter muita influência sobre ele — continuou Osmond, por fim. — Na hora em que quiser mesmo, poderá levá-lo a decidir-se.

Isso era ainda mais ofensivo, mas ela sentiu a grande naturalidade de suas palavras e, afinal de contas, era muito semelhante ao que ela dissera a si mesma.

— Por que deveria ter influência? — perguntou. — O que fiz um dia para que ele tivesse qualquer obrigação comigo?

— Recusou-se a casar com ele — disse Osmond, com os olhos fitos no livro.

— Não devo contar muito com isso — respondeu ela.

Dali a pouco, ele atirou o livro para um lado e levantou-se, indo postar-se diante do fogo com as mãos nas costas.

— Bem, eu continuo achando que está em suas mãos. Não vou dizer mais nada. Com um pouco de boa vontade, você poderá conseguir. Pense nisso e lembre-se de que conto com você. — Esperou um pouco para dar-lhe tempo de responder, mas ela nada disse; logo em seguida ele saiu da sala.

Ela nada dissera porque as palavras dele puseram a situação na sua frente e, agora, estava absorta, contemplando-a. Havia algo naquelas palavras que de repente causou profundas vibrações, de modo que ela teve medo de não conseguir falar. Depois que ele foi embora, recostou-se na cadeira e fechou os olhos durante longo tempo, e até tarde da noite permaneceu sentada na sala silenciosa, entregue à meditação. Um criado entrou para cuidar do fogo; ela pediu-lhe que trouxesse mais velas e depois fosse dormir. Osmond dissera-lhe que pensasse no que lhe tinha dito e isso ela fez; e pensou também em muitas outras coisas. A sugestão, vinda de outra pessoa, de que ela tinha influência definitiva sobre lorde Warburton — isso provocara-lhe o sobressalto que costuma acompanhar um reconhecimento inesperado. Seria verdade que ainda havia algo entre eles que serviria de instrumento para fazê-lo declarar-se a Pansy — uma suscetibilidade da parte dele, a aprovação, o desejo de fazer o que agradasse a ela? Isabel até então não se tinha feito tal pergunta, porque não fora forçada a fazê-la, mas, agora que ela se apresentava diretamente na sua frente, viu a resposta, e a resposta encheu-a de temor. Sim, havia algo — algo da parte de lorde Warburton. Quando ele chegara a Roma, ela acreditava que o laço que os unia estava desfeito, mas, aos poucos, fora lembrada de que ainda tinha existência palpável. Era fino como um fio de cabelo, mas havia momentos em que lhe parecia ouvi-lo vibrar. Da parte dela, nada havia mudado; o que um dia pensara a respeito dele continuava a pensar; era desnecessário que tal sentimento mudasse; parecia-lhe, aliás, um sentimento melhor que todos. Mas e ele? Ainda pensaria que ela era mais que as outras mulheres? Teria o desejo de aproveitar-se de alguns momentos de intimidade que um dia tinham passado? Isabel sabia ter notado algumas mostras de tal disposição. Mas quais seriam as esperanças dele, as pretensões, e de que modo estranho estariam mescladas a sua clara e grande e sincera apreciação da pobre Pansy? Estaria apaixonado pela esposa de Gilbert Osmond, e, nesse caso, que conforto esperava tirar disso? Se estava apaixonado por Pansy, não o estava pela madrasta; e, se estava apaixonado pela madrasta, não o estava por Pansy. Deveria ela cultivar a sua vantagem a fim de fazer com que ele se comprometesse com Pansy, sabendo que o fazia por ela e não pela pequena e meiga criatura — era esse o favor que o marido lhe pedia? De qualquer modo, era com esse dever que ela se defrontava — a partir do momento em que admitiu a si mesma que o amigo ainda tinha uma predileção não extirpada pela sua companhia. Não era tarefa agradável; na verdade, era repulsiva. Perguntou-se com desalento se lorde Warburton estaria fingindo estar apaixonado por Pansy a fim de cultivar outra satisfação e o que poderia ser chamado de outras oportunidades. Logo absolveu-o desse refinamento de duplicidade: preferia acreditar que agisse em perfeita boa-fé. Mas, se a admiração dele por Pansy fosse uma ilusão, isso não era muito melhor que fingimento. Isabel vagueou em meio a essas desagradáveis possibilidades até se perder por completo; algumas, quando deparava de repente com elas, pareciam bastante desagradáveis. Então

irrompeu do labirinto esfregando os olhos e declarou que sua imaginação por certo não a honrava muito e a do marido o honrava ainda menos. Lorde Warburton era tão desinteressado quanto precisava ser, e ela não era mais para ele do que precisava ser. Deixaria as coisas assim até que se provasse o contrário; e por uma prova mais eficaz que uma cínica insinuação de Osmond.

Tal resolução, porém, trouxe-lhe nessa noite pouca paz, pois seu espírito estava assombrado por terrores que se amontoavam no primeiro plano das idéias tão logo se dava espaço para eles. O que os pusera de repente em movimento mais animado ela não sabia, a não ser a estranha impressão que tivera à tarde de que o marido estava em comunicação mais direta com madame Merle do que ela imaginava. Essa impressão voltava-lhe de vez em quando, e agora ela se admirava de que não tivesse aparecido antes. Além disso, a breve entrevista com Osmond meia hora antes era um exemplo marcante da faculdade que ele tinha de fazer murchar tudo o que tocava, estragar tudo aquilo que olhava. Era muito bom tentar dar a ele uma prova de lealdade; a realidade era que saber que ele esperava alguma coisa suscitava nela uma predisposição contrária. Era como se ele tivesse mau-olhado; como se a presença dele fosse uma praga e seu benefício, um azar. A culpa seria dele mesmo ou apenas da profunda desconfiança que ela desenvolvera por ele? Essa desconfiança era o resultado mais claro da breve vida de casados de ambos; um abismo se cavara entre eles por sobre o qual olhavam um para o outro com olhos que eram, de parte a parte, uma afirmação da decepção sofrida. Era uma oposição estranha, igual a nenhuma que ela jamais tivesse sonhado — oposição na qual o princípio vital de um era o objeto de desprezo do outro. Não era culpa dela, que não agira com dissimulação; limitara-se a admirar e a acreditar. Dera todos os primeiros passos na mais pura confiança e, de repente, descobrira que a visão infinita de uma vida multiplicada era uma via escura e estreita, terminando num muro impenetrável. Em vez de conduzir às elevações da felicidade, de onde o mundo pareceria estar aos seus pés de modo a poder olhar para baixo com uma sensação de exaltação e de vantagem, e julgar e escolher e sentir pena, conduzia na verdade para baixo e para o chão, para reinos de restrição e depressão, onde o som de outras vidas, mais fáceis e livres, podia ser ouvido como que do alto, aprofundando a sensação de fracasso. Era a profunda desconfiança que tinha do marido — era isso que escurecia o mundo. Esse é um sentimento que é fácil indicar, mas não é fácil explicar, e tão complexo em caráter que muito tempo e muito mais sofrimento fora preciso para chegar à perfeição atual. Em Isabel, o sofrimento era uma condição ativa; não um mal-estar, uma letargia, um desespero; era um arroubo de pensamentos, de especulações, de reação a toda pressão. Ela se iludia, contudo, dizendo a si mesma ter guardado sua fé debilitada para si — de que ninguém suspeitava a não ser Osmond. Oh, ele sabia, e havia ocasiões em que ela achava que até gostava. Acontecera aos poucos — só depois de o primeiro ano de vida conjugal, a princípio de tão admirável intimidade, ter terminado é que ela ouvira o aviso. Então as sombras começaram a adensar-se; era como se Osmond, de forma deliberada e quase maligna, tivesse apagado as luzes, uma a uma. Antes a obscuridade era vaga e não difusa, e ela ainda podia encontrar seu caminho. Mas ia se acentuando sempre e, se vez por outra esmaecia, havia certos cantos da cena que eram de um negrume impenetrável. Essas sombras não eram emanações de sua própria mente, tinha certeza absoluta disso; fizera tudo o que podia para ser justa e moderada, para ver apenas a verdade. Elas eram parte e uma espécie de criação e

conseqüência da própria presença do marido. Não eram os delitos, as torpezas dele; de nada ela o acusava — isto é, a não ser de uma coisa que *não* era crime. Ela não conhecia nenhum erro que ele tivesse cometido; não era violento, não era cruel; ela apenas acreditava que ele a odiava. Era só disso que o acusava, e a parte triste era exatamente que isso não constituía crime, pois para um crime ela poderia ter encontrado reparação. Ele descobrira que ela era diferente, que não era o que ele tinha esperado que se tornasse. A princípio, pensara que poderia mudá-la, e ela tudo fizera para ser o que ele queria. Mas, afinal, era ela mesma — não podia evitar isso; e agora não adiantava fingir, usando uma máscara ou um vestido, pois ele a conhecia e já decidira. Ela não tinha medo dele; não estava apreensiva se ele a machucaria, pois a inimizade que lhe devotava não era desse tipo. Se possível, ele nunca lhe daria um pretexto, nunca se colocaria na posição de errado. Examinando o futuro com olhos secos e fixos, Isabel viu que nesse ponto ele sempre ganharia dela. Ela lhe daria muitos pretextos, muitas vezes ficaria na posição errada. Havia ocasiões em que ela quase sentia pena dele, pois, se não o tinha enganado por intenção, entendia quanto o fizera de fato. Ela se apagara quando o conhecera; tornara-se pequena, fingindo haver menos dela do que de fato havia. Era por ter ficado sob a influência do extraordinário encanto que ele, por seu lado, se dera ao trabalho de pôr em ação. Ele não estava mudado; não se dissimulara, durante o ano em que a cortejara, nem um pouco mais do que ela. Mas ela vira apenas metade da natureza dele naquela ocasião, como alguém vê o disco da lua quando está encoberto em parte pela sombra da Terra. Agora ela via a lua cheia — via o homem por inteiro. Ela se manteve quieta, por assim dizer, para ele ter campo livre e, no entanto, apesar disso, tomara a parte pelo todo.

Ah, como fora imensa a ação do encanto dele sobre ela! Não tinha morrido; ainda estava lá: ela ainda sabia muito bem o que tornava Osmond encantador quando ele decidia sê-lo. Ele tinha querido ser encantador quando a cortejara, e, como ela desejara ser encantada, não era de admirar que tivesse conseguido. Tinha conseguido porque tinha sido sincero; nunca ocorreu a ela negar isso. Ele a admirava e dissera-lhe por quê: por ser a mulher mais imaginativa que conhecera. Poderia muito bem ser verdade, pois, durante aqueles meses, ela imaginara um mundo de coisas que não tinham substância alguma. Tivera uma visão mais magnífica dele, nutrida pelos seus sentidos encantados e, oh, uma fantasia tão exaltada! — ela não o lera corretamente. Uma certa combinação de feições a comovera, e nelas vira a mais marcante figura. Que ele era pobre e sozinho e, no entanto, que de algum modo era nobre, isso era o que lhe tinha interessado e parecera dar a ela sua oportunidade. Houvera algo de beleza indefinível em torno dele — na sua situação, em sua mente, em seu rosto. Sentira ao mesmo tempo que ele era indefeso e inútil, mas tal sensação assumira a forma de uma ternura que era o melhor do respeito. Ele era como um viajante cético, caminhando pela praia enquanto esperava pela maré, olhando para o mar mas não se lançando às águas. Fora em tudo isso que ela encontrara sua oportunidade. Ela lançaria ao mar o barco dele; seria a providência dele; seria uma coisa boa amá-lo. E ela o amara, entregara-se de forma tão ansiosa e, portanto, tão ardente — em grande parte pelo que via nele, mas também muito pelo que ela trazia para ele e que poderia enriquecer tal dádiva. Ao olhar para trás, para a paixão daquelas semanas plenas, ela podia perceber em si um certo laivo maternal — a felicidade da mulher que sente estar contribuindo, de ter vindo com as mãos cheias. Não fosse por seu

dinheiro, como via hoje, nunca o teria feito. E aí sua mente fugia para o pobre senhor Touchett, adormecido sobre a relva inglesa, o beneficente autor de infinito pesar! Pois esse era o fato fantástico. No fundo, o dinheiro dela fora um fardo, pesara na mente dela, cheia do desejo de transferir seu peso para alguma outra consciência, para algum receptáculo mais preparado. O que poderia aliviar-lhe a consciência com maior eficácia do que passar o fardo para o homem que tinha o melhor gosto do mundo? A não ser que o tivesse dado a um hospital, nada de melhor poderia ter feito, e não havia instituição de caridade em que estivesse tão interessada quanto em Gilbert Osmond. Ele usaria a fortuna dela de maneira a fazê-la ter melhor opinião sobre esta, e apararia certas asperezas relacionadas com a sorte de uma herança inesperada. Não houvera delicadeza alguma em herdar setenta mil libras; a delicadeza residira apenas no fato de o senhor Touchett as ter deixado para ela. Mas casar com Gilbert Osmond e dar-lhe tal quinhão — nisso haveria delicadeza também para ela. Haveria menos para ele, isso era verdade, mas era problema dele, e, se ele a amava, não se oporia a que fosse rica. Ele não tivera a coragem de dizer que estava contente que ela fosse rica?

As faces de Isabel arderam quando ela se perguntou se tinha de fato casado com base numa teoria artificiosa a fim de fazer algo apreciável com o seu dinheiro. Mas ela conseguia responder bastante rápido que essa não era toda a verdade. Era porque um certo ardor a possuía — uma sensação da sinceridade da afeição dele e um prazer nas suas qualidades pessoais. Ele era melhor que qualquer outra pessoa. Tal convicção suprema povoara sua vida durante meses e ainda restava bastante dela a provar-lhe que ela não poderia ter agido de outro modo. O melhor — no sentido de ser o mais sutil — organismo masculino que jamais conhecera tornara-se sua propriedade, e o reconhecimento de que lhe bastava estender as mãos e tomá-lo tinha sido no começo como que um ato de devoção. Ela não se enganara sobre a beleza da mente dele; conhecia essa faculdade com perfeição, agora. Vivera com ela, quase vivera *dentro* dela — parecia ter se tornado sua moradia. Se ela tinha sido capturada, fora preciso mão firme para agarrá-la; tal reflexão talvez tivesse algum mérito. Mente mais engenhosa, mais flexível, mais culta, mais treinada para exercícios admiráveis ela não tinha encontrado, e era com esse incomum instrumento que agora tinha que lidar. Ela entregava-se a infinito desalento ao pensar na magnitude da decepção *dele*. Era de admirar, talvez, pensando nisso, que ele não a odiasse ainda mais. Ela lembrava-se muito bem do primeiro sinal que ele dera disso — fora como a campainha que deveria tocar para levantar a cortina diante do real drama da vida de ambos. Ele lhe disse um dia que ela tinha idéias demais e que devia livrar-se delas. Já lhe havia dito isso, antes do casamento; mas naquele tempo ela não notara: só pensara nisso depois. Dessa vez, ela teve mesmo que notar, pois ele falava muito a sério. As palavras nada tinham sido na superfície, mas, ao olhá-las à luz da experiência aprofundada, pareceram então portentosas. Ele falara a sério mesmo — gostaria que ela nada tivesse de próprio a não ser a bela aparência. Ela sabia que tinha idéias demais; tinha até mais do que ele imaginava, muito mais do que lhe exprimira quando ele a pedira em casamento. Sim, ela *fora* hipócrita; ela tinha gostado muito dele. Tinha idéias demais para si, mas era exatamente para isso que as pessoas se casavam, para partilhá-las com outra pessoa. Não era possível arrancá-las com raiz e tudo, embora é claro se pudesse suprimi-las, tomar cuidado para não expressá-las. Porém não fora essa a objeção dele às

opiniões dela; isso não era nada. Ela não tinha opiniões — nenhuma que não se dispusesse a sacrificar de imediato pela satisfação de sentir-se amada por isso. O que ele quisera dizer fora tudo: o caráter dela, o modo de sentir, o modo de julgar. Isso era o que ela mantivera reservado, isso era o fato que ele tinha ignorado até se ver — com a porta fechada às suas costas, por assim dizer — frente a frente com ele. Ela tinha certa maneira de encarar a vida que ele tomava como uma ofensa pessoal. Deus sabe que agora pelo menos era uma maneira muito humilde e conciliadora! O estranho era que ela não tivesse desconfiado desde o princípio que o jeito dele próprio fosse tão diferente. Ela achara esse jeito tão amplo, esclarecido e perfeito como cabia a um homem honesto e cavalheiro! Ele não lhe garantira que não tinha superstições, limitações enfadonhas, preconceitos que tivessem perdido seu frescor? Ele não tinha todo o aspecto de um homem que vivesse ao ar livre no mundo, indiferente a pequenas considerações, preocupado apenas com a verdade e com o conhecimento e acreditando que duas pessoas inteligentes deveriam procurá-los juntas e, conseguindo ou não encontrá-los, encontrassem pelo menos alguma felicidade em tal busca? Ele lhe dissera que amava o convencional, mas havia um sentido no qual isso parecia uma nobre declaração. Nesse sentido, no do amor, da harmonia e da ordem e da decência e de todas as exaltadas posições da vida, ela concordava com ele plenamente e esse aviso nada continha de alarmante. Mas, com o passar dos meses, quando ela o seguira mais longe, e ele a conduzira até a mansão onde o eu dele habitava, então... só *então* ela vira onde de fato estava.

Ela podia reviver o incrédulo terror com que se dera conta da dimensão de sua morada. Entre aquelas quatro paredes, ela passara a viver desde então; iriam rodeá-la até o fim da vida. Era a casa das trevas, a casa do mutismo, a casa do sufocamento. A bela mente de Osmond não deixava entrar nela nem luz nem ar; a bela mente de Osmond, na verdade, parecia espiar por uma pequena janela lá no alto e zombar dela. Naturalmente não se tratava de sofrimento físico; para sofrimento físico, poderia haver remédio. Ela podia entrar e sair; tinha sua liberdade; o marido tratava-a com perfeita polidez. Ele se levava tão a sério! Era algo de espantoso. Por baixo de toda a sua cultura, sua inteligência, sua amenidade, debaixo de sua boa índole, de sua facilidade, de seu conhecimento da vida, o egoísmo jazia oculto como uma serpente num canteiro de flores. Ela o levava a sério, mas não o levava tão a sério assim. Como poderia — ainda mais quando o conhecera melhor? Ela deveria pensar nele como ele pensava sobre si mesmo — como o primeiro cavalheiro da Europa. Isso fora o que ela pensara dele a princípio e essa era, na verdade, a razão de ela ter se casado com ele. Porém, quando começou a ver o que isso implicava, recuou; havia mais cláusulas no contrato do que ela pretendia assinar. Implicava desprezo soberano por todos, exceção feita a três ou quatro pessoas muito elevadas a quem ele invejava, e por tudo no mundo, exceção feita a meia dúzia de idéias dele. Até aí, tudo bem; ela o teria acompanhado mesmo a boa distância; pois ele lhe apontava freqüentes aspectos de baixeza e sordidez da vida, abria-lhe tanto os olhos para a estupidez, para a depravação e a ignorância da humanidade que ela ficara suficientemente impressionada com a infinita vulgaridade das coisas e com a virtude de se manter intocada por ela. Mas parecia que esse mundo baixo e ignóbil era, afinal, o fundamento da vida; a pessoa tinha que mantê-lo sempre ao alcance da vista, para não iluminá-lo, ou convertê-lo, ou redimi-lo, mas para extrair dele algum reconhecimento da própria superioridade. Por um lado, era desprezível, mas

por outro conferia um padrão. Osmond falara a Isabel sobre sua renúncia, sua indiferença, a facilidade com que prescindia dos auxílios habituais do sucesso, e tudo isso parecera-lhe admirável. Ela julgara tratar-se de uma grandiosa indiferença, de magnífica independência. Mas a indiferença, na realidade, era a última das qualidades dele; ela nunca vira alguém que pensasse tanto nos outros. No que dizia respeito a ela, não havia como negar que o mundo sempre lhe interessara, e o estudo do próximo era sua constante paixão. Porém, ela estaria disposta a renunciar a toda a sua curiosidade e simpatia em favor de uma vida pessoal, se a pessoa em questão tivesse conseguido fazê-la acreditar que estava ganhando com isso! Pelo menos, esta era sua convicção no momento, e por certo teria sido mais fácil do que se importar com a sociedade como Osmond se importava.

Ele não conseguia viver sem as pessoas, e ela percebeu que na verdade nunca o fizera; ele olhara para elas da sua janela mesmo quando parecia estar mais desligado. Ele tinha seu ideal, da mesma forma que ela tentara ter o dela; só que era estranho que as pessoas buscassem justiça em lugares tão diferentes. O ideal dele era uma concepção de elevada prosperidade e propriedade, da vida aristocrática que, agora ela percebia, ele sempre considerara, em essência pelo menos, estar levando. Ele nunca abandonara isso por uma hora; nunca teria se recobrado da vergonha de fazê-lo. Mais uma vez, não haveria problema; nisso também ela teria concordado, mas eles relacionavam idéias, associações e desejos diferentes às mesmas fórmulas. A noção dela sobre a vida aristocrática era apenas a união de um grande conhecimento a uma grande liberdade; o conhecimento conferindo o senso de dever e a liberdade, o senso de prazer. Mas, para Osmond, era totalmente uma questão de formas, uma atitude consciente e calculada. Ele gostava do velho, do consagrado, do transmitido, e ela também, mas pretendia fazer o que bem entendesse com isso. Ele tinha imenso apreço pela tradição; dissera-lhe um dia que a melhor coisa do mundo era tê-la, mas, caso se tivesse a infelicidade de não consegui-la, dever-se-ia começar de imediato a criá-la. Ela sabia que o que ele queria dizer com isso é que ela não a tinha, mas que ele estava em melhor situação, embora ela nunca tivesse sabido de que fonte ele extraía suas tradições. Entretanto, ele tinha uma coleção muito grande delas, isso era certo, e depois de um certo tempo ela começou a perceber. O grande problema era agir de acordo com elas; não só para ele, mas também para ela. Isabel tinha uma convicção indefinida de que, a fim de servirem para outra pessoa que não seu proprietário, as tradições deveriam ser de espécie muito superior, mas mesmo assim concordou com a afirmação dele de que ela também deveria marchar de acordo com a imponente música que se fazia ouvir, partindo de períodos desconhecidos do passado do marido; ela, que antes tivera passo tão livre, tão distraído, tão errante, tão ao contrário do processional! Havia certas coisas que deveriam fazer, certas atitudes que deveriam tomar, certas pessoas que deveriam conhecer ou não. Ao ver esse rígido sistema cerrar fileiras a seu redor, ainda que emoldurado por tapeçarias figurativas, aquela sensação de trevas e sufocamento de que falei apossou-se dela; parecia estar encerrada com o odor do mofo e da decadência. Tinha resistido, é claro; a princípio, com muito humor, ironia, carinho; depois, à medida que a situação se tornou mais séria, com ansiedade, paixão, súplica. Ela defendera a causa da liberdade, de fazerem o que quisessem, de não se importarem com o aspecto e a denominação da vida deles — a causa de outros instintos e anseios, de outro ideal bem diferente.

Foi então que a personalidade do marido, agora tocada como nunca, adiantara-se e postara-se

ereta. O que ela disse foi contestado apenas com desprezo, e ela podia ver que ele estava imensamente envergonhado dela. O que ele pensava a seu respeito — que era baixa, vulgar, ignóbil? Ele pelo menos sabia, agora, que ela não tinha tradições! Não estivera na previsão dele que ela revelasse tal insipidez, os sentimentos dela eram dignos de um jornal radical ou de um apóstolo do unitarismo.* O verdadeiro delito, como ela acabou percebendo, era o fato de ela ter uma mente própria. Sua mente deveria ser dele — ligada à dele como um pequeno canteiro de flores a um parque maior. Ele limparia o solo com cuidado e regaria as plantas; arrancaria as ervas daninhas e colheria um ocasional ramallete. Seria um belo recanto de propriedade para um proprietário já em expansão. Ele não queria que ela fosse estúpida. Ao contrário, era por ser inteligente que tinha agradado a ele. Mas ele esperava que a inteligência dela atuasse em seu total favor; e assim, longe de desejar que a mente dela fosse um vácuo, ele se iludira achando que seria de rica receptividade. Esperara que a esposa sentisse junto com ele e por ele, que partilhasse suas opiniões, ambições, preferências; e Isabel era forçada a confessar que isso não era grande insolência por parte de um homem tão culto e de um marido, a princípio, pelo menos, tão carinhoso. Mas havia certas coisas que não conseguia aceitar. Para início de conversa, eram de uma terrível impureza. Ela não era uma puritana, mas, apesar disso, acreditava em coisas como castidade e até mesmo decência. Parecia que Osmond estava longe de fazer algo assim; algumas das suas tradições faziam-na recuar para não sujar a fímbria das saias. Todas as mulheres tinham amantes? Todas mentiam e mesmo as melhores tinham seu preço? Havia só três ou quatro que não enganavam o marido? Quando Isabel ouvia coisas assim, sentia maior desprezo por elas do que pelos mexericos das saletas de aldeia — desprezo que conservava seu frescor em ar muito poluído. Havia a mancha da cunhada: o marido estaria julgando apenas com base na condessa Gemini? Essa senhora mentia com frequência e perpetrava engodos que não eram verbais. Era suficiente se deparar com tais fatos assumidos entre as tradições de Osmond — era suficiente, sem dar-lhes extensão geral. Era o desprezo dela por tais presunções, era isso que o fizera pôr-se em posição de batalha. Ele tinha bastante desdém, e era natural que sua mulher também tivesse um bom suprimento dele; mas, que ela voltasse o facho quente de seu desdém para a própria concepção que ele tinha das coisas, esse era um perigo que ele não previra. Julgava que deveria ter regulado as emoções dela antes de ela chegar a esse ponto, e Isabel podia muito bem imaginar como lhe tinham ardido as orelhas ao descobrir que fora confiante demais. Quando se tinha uma esposa que causava tal sensação, nada mais restava senão odiá-la.

Ela tinha certeza moral, agora, de que esse sentimento de ódio, que a princípio fora refúgio e alívio, tornara-se a ocupação e o conforto da vida dele. O sentimento era profundo, por ser sincero; ele tivera a revelação de que ela podia, no fim das contas, prescindir dele. Se para ela a idéia era surpreendente, se se apresentava antes de tudo como uma espécie de infidelidade, uma capacidade de poluição, que indefinido efeito não poderia ser esperado causar *nele*? Era muito simples; ele a detestava; ela não tinha tradições e tinha o horizonte moral de um clérigo unitarista. Pobre Isabel, que nunca fora capaz de compreender o unitarismo! Era com essa certeza que ela vinha vivendo há um tempo que já deixara de contar. O que estava por vir? O que haveria diante deles? Essa era a sua constante indagação. O que ele faria — o que *ela* deveria fazer? Quando um

homem odiava a esposa, aonde isso ia dar? Ela não o odiava, disso tinha certeza, pois com freqüência sentia um desejo ardente de causar-lhe uma agradável surpresa. Contudo, a maior parte das vezes, sentia medo e ocorria-lhe, como já mencionei, tê-lo enganado desde o início. Era um estranho casamento, de qualquer modo, e era uma vida horrível. Até aquela manhã, ele mal lhe dirigira a palavra durante uma semana; os modos dele eram secos como um fogo extinto. Ela sabia haver um motivo especial para isso: ele não estava contente com a permanência de Ralph Touchett em Roma. Achava que ela via o primo demais — dissera-lhe uma semana antes que achava indecente ela ir vê-lo no hotel. Teria dito mais que isso, se a invalidez de Ralph não parecesse tornar brutal a sua denúncia, mas o fato de precisar conter-se apenas acentuara seu descontentamento. Isabel percebia tudo tão claramente como podia ver as horas no relógio; estava bem ciente de que a constatação do interesse dela pelo primo acendia a raiva do marido como se Osmond a tivesse trancado no quarto — o que, aliás, tinha certeza, era o que ele queria fazer. Tinha convicção sincera de que no todo não o estava desafiando, mas por certo não podia fingir ser indiferente a Ralph. Achava que ele estava morrendo e que nunca mais o veria, e isso enchia-a de uma ternura por ele que nunca conhecera antes. Nada era prazer para ela, agora; como poderia ter prazer em alguma coisa, ela, uma mulher que sabia ter jogado a vida fora? Havia um permanente peso em seu coração — havia uma luz vívida incidindo em tudo. Mas a visita a Ralph era uma tocha na escuridão; pois, durante aquela hora em que se sentava com ele, a dor que sentia por si mesma tornava-se de algum modo a dor que sentia *por* ele. Agora era como se ele fosse seu irmão. Ela nunca tivera um irmão, mas, se tivesse tido, e ela estivesse com problemas e ele, morrendo, ele lhe seria tão caro quanto Ralph. Ah, sim, se Gilbert tinha ciúmes dela, havia, talvez, alguma razão para isso; a imagem de Gilbert não melhorava a seus olhos quando ela passava sua meia hora com Ralph. Não que conversassem sobre ele — não que ela se queixasse. O nome dele nunca era pronunciado entre os dois. Apenas Ralph era generoso e o marido não. Havia algo na conversa de Ralph, no sorriso, no simples fato de estar em Roma que tornava mais espaçoso o detestável círculo em torno do qual ela caminhava. Ele fazia-a ver a bondade do mundo; fazia-a sentir o que poderia ter sido. Afinal, ele era tão inteligente quanto Osmond — além de ser melhor. E, assim, parecia a ela ser um ato de devoção ocultar dele sua infelicidade. Escondia-a com zelo; estava sempre na perpétua faina, durante as conversas, de pendurar cortinas e dispor biombos. Ainda vivia diante de seus olhos — nunca tivera tempo de morrer — aquela manhã em Florença quando ele a alertara contra Osmond. Bastava-lhe fechar os olhos para ver o lugar, para ouvir-lhe a voz, para sentir o ar cálido e perfumado. Como ele sabia? Que mistério, que admirável sabedoria! Tão inteligente quanto Gilbert? Ele era muito mais inteligente — para ter chegado a tal conclusão. Gilbert nunca fora tão profundo, tão justo. Ela dissera-lhe na ocasião que, pelo menos da parte dela, ele nunca saberia se estava certo; e era disso que ela estava cuidando agora. Isso a ocupava muitíssimo; havia nisso ardor, exaltação, religião. As mulheres descobrem a religião às vezes em estranhos exercícios, e Isabel, no momento, ao representar um papel para o primo, julgava estar lhe fazendo um favor. Teria sido um favor talvez se ele fosse só por um momento simplório. No caso, o favor consistia principalmente em tentar fazê-lo acreditar que um dia a magoara muito e que os acontecimentos tinham provado que ele estava errado, mas que, como ela era muito generosa e ele estava muito

doente, ela não guardava ressentimento e até tinha consideração bastante por ele para não se vangloriar de sua felicidade. Ralph sorria, deitado no sofá, por essa extraordinária forma de consideração, mas perdoava-a por tê-lo perdoado. Ela não queria que ele tivesse o desgosto de saber que ela era infeliz; isso era fundamental, e não importava que tal conhecimento na verdade o reabilitasse.

Quanto a ela, permaneceu no silencioso salão muito depois que o fogo já tinha se apagado. Não havia perigo de sentir frio; ardia de excitação. Ouviu o relógio bater as primeiras horas da madrugada e depois ainda as horas próximas à manhã, mas sua vigília não deu atenção ao tempo. Sua mente, povoada de visões, estava num estado de extraordinária atividade, e tanto fazia que suas visões lhe chegassem ali, sentada e desperta para recebê-las, ou na cama, fazendo do repouso uma zombaria. Como eu disse, ela julgava não o estar desafiando, e o que poderia provar isso melhor do que ficar ali metade da noite, tentando persuadir a si mesma que não havia motivo para o casamento de Pansy não ser tratado do mesmo modo que postar uma carta no correio? Quando o relógio deu quatro horas, ela levantou-se; por fim ia deitar-se, pois a lâmpada apagara há muito e as velas tinham queimado até o fim. Mas, mesmo então, parou de novo no meio da sala e ficou de pé, ali, contemplando uma visão na sua memória — o marido e madame Merle associados de maneira inconsciente e familiar.

* Unitarismo: seita cristã que rejeita a doutrina da Santíssima Trindade, proclamando que Deus é um só. (N. R.)

Três noites depois, ela levou Pansy a uma grande festa à qual Osmond, que nunca ia a bailes, não a acompanhou. Pansy estava tão pronta para dançar como sempre; não era de índole generalizadora e não estendera a outros prazeres a proibição que vira colocada ao amor. Se estava marcando tempo ou esperando esquivar-se do pai, devia ter previsão de sucesso. Isabel achava isso pouco provável; era muito mais provável que Pansy tivesse apenas decidido ser boazinha. Nunca tivera oportunidade tão boa e tinha adequada apreciação das oportunidades. Portava-se de maneira não menos atenciosa do que de hábito e seu olhar era ansioso como sempre no tocante a suas saias vaporosas; segurava o ramalhete com força e contou as flores pela vigésima vez. Fazia Isabel sentir-se velha; parecia fazer tanto tempo que ela ficara toda excitada com um baile! Por ser muito admirada, a Pansy nunca faltavam pares, e, logo que chegaram, ela deu a Isabel, que não estava dançando, o buquê para segurar. Isabel estava prestando tal serviço há alguns minutos quando se deu conta da presença próxima de Edward Rosier. Ele postou-se diante dela; perdera o sorriso afável e ostentava um ar quase de resolução militar. A mudança em sua aparência teria feito Isabel sorrir, se não achasse que, no fundo, a situação dele era penosa: ele sempre cheirara mais a heliotrópio do que a pólvora. Olhou por um instante para ela, com ar ameaçador, como a avisá-la de que era perigoso, e depois baixou o olhar para o buquê que ela segurava. Depois de examiná-lo, seu olhar suavizou-se e ele disse depressa:

— É todo de amores-perfeitos;* deve ser dela!

Isabel sorriu com bondade.

— Sim, é dela; pediu-me que o segurasse.

— Posso segurá-lo um pouco, senhora Osmond? — perguntou o pobre rapaz.

— Não, não posso confiar em você; receio que não o devolva.

— Não tenho certeza se o faria; talvez no mesmo instante saísse daqui levando-o. Mas posso pelo menos ganhar uma única flor?

Isabel hesitou por um momento, e então, ainda sorrindo, estendeu-lhe o buquê:

— Escolha uma. É terrível o que estou fazendo por você.

— Ah, se não fizer mais que isso, senhora Osmond! — exclamou Rosier, com o monóculo assentado para escolher com cuidado sua flor.

— Não a coloque na lapela — disse ela. — Por nada deste mundo!

— Gostaria que ela a visse. Recusou-se a dançar comigo, mas quero mostrar-lhe que ainda creio nela.

— Está muito bem querer demonstrar-lhe isso, mas não fica bem mostrar aos outros. O pai dela disse-lhe para não dançar com você.

— E isso é tudo o que a *senhora* pode fazer por mim? Eu esperava mais, senhora Osmond —

disse o jovem, num tom de fina alusão geral. — Sabe que nossa amizade data de bem longe; desde os dias de nossa inocente infância.

— Não me faça sentir-me velha — respondeu Isabel, paciente. — Você sempre volta a essa tecla, e eu nunca neguei isso. Mas devo dizer-lhe que, apesar de sermos velhos amigos, se tivesse me dado a honra de pedir-me em casamento, eu o teria recusado na hora.

— Ah, então não me estima. Diga logo que acha que sou apenas um ocioso parisiense!

— Estimo-o muito, mas não estou apaixonada por você. O que quero dizer com isso, é claro, é que não estou apaixonada por você para Pansy.

— Muito bem; entendo. Tem pena de mim, só isso. — E Edward Rosier olhou em torno, desnorteado, com o monóculo. Era uma revelação para ele que as pessoas não ficassem mais contentes, mas pelo menos era orgulhoso demais para demonstrar que a deficiência lhe parecia ser geral.

Por um momento, Isabel nada disse. Os modos e a aparência dele não tinham a dignidade da tragédia profunda; seu monóculo, entre outras coisas, atuava contra isso. Mas, de repente, ela se sentiu tocada; afinal, sua própria infelicidade tinha algo em comum com a dele, e ocorreu-lhe, mais do que antes, que ali, de forma reconhecível, se não romântica, estava a coisa mais tocante do mundo: o amor jovem lutando contra a adversidade.

— Você seria mesmo muito bom para ela? — perguntou, por fim, em voz baixa.

Ele baixou o olhar com devoção e ergueu a florzinha que segurava na mão, levando-a aos lábios. Depois olhou para ela.

— Tem pena de mim; mas não tem um pouco de pena *dela*?

— Não sei, não tenho certeza. Ela sempre gozará a vida.

— Depende do que chama de vida! — disse com propriedade o senhor Rosier. — Ela não vai gostar de ser torturada.

— Isso não vai acontecer.

— Alegro-me em saber. Verá que ela sabe o que a aguarda.

— Acho que sabe e nunca desobedecerá ao pai. Mas ela está voltando e preciso pedir-lhe que vá embora — acrescentou Isabel.

Rosier demorou-se um pouco até Pansy aparecer pelo braço de seu par; ficou ali de pé apenas o tempo suficiente para olhá-la no rosto. Depois afastou-se com a cabeça erguida, e o modo como conseguiu se sacrificar pelas conveniências convenceu Isabel de que estava mesmo muito apaixonado.

Pansy, que raramente se alterava ao dançar, tinha ar de perfeito frescor depois de tal exercício e esperou um momento antes de pegar de volta o buquê. Isabel notou que estava contando as flores; disse a si mesma que, por certo, havia forças maiores em jogo do que ela havia reconhecido. Pansy vira Rosier afastar-se, mas nada dissera a Isabel a respeito dele; comentou apenas sobre seu par, depois de este ter feito uma reverência e partido; sobre a música, o salão e a rara infelicidade de já ter rasgado o vestido. Contudo, Isabel estava certa de que havia descoberto que seu apaixonado subtraía uma flor, embora tal conhecimento não fosse necessário para explicar a graça submissa com que atendeu ao pedido do novo par. Essa perfeita amenidade em condições de agudo

constrangimento era parte de um sistema mais amplo. Foi de novo conduzida por um ruborizado jovem, desta vez levando o buquê, e não fazia muito que saíra quando Isabel viu lorde Warburton avançando em meio às pessoas. Dali a pouco chegou a seu lado e deu-lhe boa-noite; ela não o via desde o dia anterior. Ele olhou em volta e depois perguntou:

— Onde está a donzela? — Era desse modo que adquirira o inofensivo hábito de aludir à senhorita Osmond.

— Está dançando — respondeu Isabel. — Vai vê-la por aí.

Ele olhou para os pares e por fim captou o olhar de Pansy.

— Ela me vê, mas não me dá atenção — observou, então. — A senhora não está dançando?

— Como vê, sou uma *wall-flower*.**

— Dançaria comigo?

— Obrigada; prefiro que dance com a donzela.

— Uma coisa não exclui a outra, ainda mais que ela está ocupada.

— Não está ocupada em todas as danças, e o senhor pode pedir-lhe uma. Ela dança com grande vigor e assim o senhor vai estar descansado.

— Ela dança muito bem — disse lorde Warburton, seguindo-a com o olhar. — Ah, finalmente ela sorriu para mim. — Ele estava de pé com aquela fisionomia bonita, à vontade, importante, e, ao observá-lo, Isabel pensou, como já o fizera antes, que era estranho um homem do gabarito dele interessar-se por uma mocinha. Pareceu-lhe uma grande incongruência; nem os pequenos fascínios de Pansy, nem a própria vontade dele, sua boa índole, nem mesmo a necessidade dele de divertir-se, que era extrema e constante, eram suficientes para explicar aquilo. — Eu gostaria de dançar com a senhora — continuou ele, pouco depois, voltando-se de novo para Isabel —, mas acho que gosto mais de conversar com a senhora.

— Sim, é melhor e é mais adequado à sua dignidade. Grandes estadistas não deveriam dançar valsas.

— Não seja cruel. Então por que recomenda que dance com a senhorita Osmond?

— Ah, isso é diferente. Se dançasse com ela, pareceria apenas um ato de gentileza — como se o estivesse fazendo para diverti-la. Se dançar comigo, vai parecer que o faz para divertir a si próprio.

— E por que não tenho o direito de divertir-me, pergunto eu?

— Não, não com os assuntos do império britânico em suas mãos.

— O império britânico que se dane! A senhora está sempre fazendo pouco dele.

— Divirta-se conversando comigo — disse Isabel.

— Não tenho certeza de que isso seja mesmo uma recreação. A senhora é direta demais; tenho sempre que me defender. E hoje parece-me estar mais perigosa que de hábito. É definitivo que não quer dançar?

— Não posso sair daqui. Pansy deve vir encontrar-me.

Ele ficou calado um instante.

— É maravilhosamente boa com ela — disse, de repente.

Isabel olhou-o surpresa e sorriu.

— Pode imaginar alguém que não seja?

— Na verdade, não. Mas sei quando alguém está encantado com ela. E a senhora deve ter-lhe feito muito bem.

— Eu saí com ela — disse Isabel, ainda sorrindo. — E cuidei para que tivesse roupas adequadas.

— Sua companhia deve tê-la beneficiado muito. A senhora conversou com ela, aconselhou-a, ajudou-a a desenvolver-se.

— Ah, sim, se ela não é uma rosa, tem vivido ao lado dela.

Ela riu e o outro acompanhou-a, mas havia nele uma certa preocupação visível no rosto que interferia na completa hilaridade.

— Nós todos tentamos viver ao lado dela tanto quanto podemos — disse, após hesitar por um momento.

Isabel virou o rosto; Pansy vinha para lhe ser entregue, e ela deu graças pela distração. Sabemos quanto gostava de lorde Warburton; ela o achava ainda mais agradável do que o total de seus méritos justificava; havia algo na amizade dele que parecia ser um certo recurso em caso de indefinida necessidade; era como ter um grande saldo bancário. Ela sentia-se mais feliz quando ele estava por perto; havia algo de reconfortante na sua aproximação; o som de sua voz lembrava-lhe a beneficência da natureza. Porém, apesar de tudo isso, não lhe convinha que ele ficasse demasiado próximo, que ele esperasse demais de sua boa vontade. Ela receava, evitava isso; desejava que ele não o fizesse. Sentia que se ele chegasse perto demais, por assim dizer, poderia acontecer de ela dizer num rompante que se mantivesse a distância. Pansy voltou para Isabel com outro rasgão na saia, conseqüência inevitável do primeiro, o qual mostrou a Isabel com olhar sério. Havia inúmeros cavalheiros de uniforme; usavam aquelas terríveis esporas, fatais para os vestidos das mocinhas. Então ficou aparente como os recursos das mulheres eram inúmeros. Isabel dedicou-se às vestes violentadas de Pansy; procurou um alfinete e consertou o estrago; sorriu e escutou o relato das aventuras da jovem. Sua atenção, sua simpatia eram imediatas e ativas, e estavam na proporção direta de um sentimento ao qual não estavam de modo algum ligadas — uma viva conjectura quanto a lorde Warburton estar ou não lhe fazendo a corte. Não tinham sido apenas as palavras dele há pouco; eram outras também; era a referência e a continuidade. Era sobre isso que pensava enquanto prendia o vestido de Pansy. Se assim fosse, como ela receava, é claro que ele não tinha consciência; ele próprio não tinha percebido a extensão de sua atenção. Mas isso não tornava o caso mais auspicioso, nem a situação menos impossível. Quanto mais cedo ele voltasse a uma relação certa com as coisas, melhor. Ele começou imediatamente a conversar com Pansy — em quem era certamente desconcertante notar que ele deixava pousar um sorriso de castigada devoção. Como de costume, Pansy respondia com um arzinho de aspiração conscienciosa; ele tinha que se curvar para ela com freqüência durante a conversa, e os olhos dela, como de costume, vagueavam pela sólida pessoa dele, para cima e para baixo, como se ele lhe estivesse sendo oferecido em exibição. Ela sempre parecia um tanto amedrontada; porém, seu medo não era do tipo penoso que sugere aversão; ao contrário, ela aparentava saber que ele sabia que ela gostava dele. Isabel deixou-os a sós um pouco e encaminhou-se até uma amiga que viu ali perto e com quem ficou conversando até a música da dança seguinte começar, pois sabia que Pansy também já prometera aquela. Dali a pouco, a moça juntou-se a ela com ar um tanto agitado e ruborizado, e

Isabel, que adotava com fidelidade a opinião de Osmond sobre a completa dependência da filha, entregou-a, como empréstimo precioso e momentâneo, ao par indicado. Sobre todo esse assunto, ela tinha suas próprias idéias, suas próprias reservas; havia momentos em que a extrema facilidade de adesão de Pansy fazia cada uma delas, a seu ver, parecer tola. Mas Osmond lhe dera uma espécie de esboço de sua posição como acompanhante da filha que consistia em graciosa alternância de concessão e contração, e havia instruções que ela gostava de pensar que obedecia ao pé da letra. Talvez, com relação a algumas, porque fazer isso parecia reduzi-las ao absurdo.

Depois de Pansy se afastar com o par, ela viu que lorde Warburton vinha se aproximando outra vez. Pousou o olhar nele com firmeza; gostaria de poder sondar-lhe o pensamento. Mas ele não pareceu nada confuso.

— Ela prometeu dançar comigo mais tarde — disse.

— Alegro-me. Imagino que lhe tenha pedido para reservar-lhe o cotilhão.

Ao ouvir isso, ele pareceu ficar um tanto embaraçado.

— Não, não pedi. É uma quadrilha.

— Ah, o senhor não é inteligente! — exclamou Isabel, quase com raiva. — Eu disse a ela que guardasse o cotilhão para o caso de o senhor pedir-lhe.

— Pobre mocinha, imagine! — E lorde Warburton deu uma risada franca. — É claro que farei isso, se a senhora quiser.

— Se eu quiser? Oh, se for dançar com ela só porque eu quero...!

— Acho-me maçante para ela. Ela parece ter muitos rapazes na sua caderneta de baile.

Isabel baixou o olhar, refletindo rápido; lorde Warburton ficou ali parado, na frente dela, olhando-a, e ela sentiu o olhar dele em seu rosto. Sentiu grande vontade de pedir-lhe que os desviasse. Porém, não o fez; limitou-se a dizer-lhe, após um instante, erguendo os seus:

— Por favor, eu preciso entender.

— Entender o quê?

— Disse-me há dez dias que gostaria de se casar com minha enteada. Não se esqueceu disso?

— Esquecer? Escrevi para o senhor Osmond sobre isso esta manhã.

— Ah — disse Isabel —, ele não mencionou ter recebido carta do senhor.

Lorde Warburton gaguejou um pouco.

— Eu... eu não mandei a carta.

— Talvez tenha se esquecido.

— Não, não estava satisfeito com ela. É uma carta bastante difícil de escrever, sabe. Mas vou mandá-la esta noite.

— Às três horas da manhã?

— Quero dizer, mais tarde, durante o dia.

— Muito bem. Ainda quer casar com ela?

— Quero muito, mesmo.

— Não acha que vai ser maçante para ela? — E, como o outro olhou-a surpreso por tal pergunta, Isabel continuou: — Se ela não pode dançar com o senhor meia hora, como vai conseguir dançar com o senhor pela vida afora?

— Ah — retrucou lorde Warburton, de pronto —, eu deixarei que dance com outras pessoas!

Quanto ao cotilhão, a verdade é que eu achei que a senhora... a senhora...

— Que eu seria seu par? Eu lhe disse que não vou dançar nada.

— Exato; por isso, enquanto durar o cotilhão, posso encontrar algum canto sossegado onde possamos sentar e conversar.

— Oh — fez Isabel, séria —, o senhor se preocupa demais comigo.

Quando chegou o cotilhão, descobriu-se que Pansy tinha se comprometido, achando, com total humildade, que lorde Warburton não tinha intenção de convidá-la. Isabel recomendou a este que procurasse outro par, mas ele garantiu-lhe que não dançaria com mais ninguém a não ser ela. Entretanto, como ela havia recusado outros convites, a despeito da insistência da anfitriã, alegando não estar dançando naquela noite, não lhe era possível abrir uma exceção a favor de lorde Warburton.

— Afinal de contas, não sou tão amante da dança — disse ele —; é um divertimento bárbaro: prefiro conversar. — E insinuou ter encontrado exatamente o cantinho que andara procurando — um nicho sossegado numa das salas menores, onde a música chegava até eles bastante atenuada e não interferiria na conversa. Isabel decidira deixá-lo seguir adiante com a idéia; queria ser satisfeita. Saiu do salão de baile com ele, embora soubesse que o marido desejava que ela não perdesse a filha de vista. Mas era com o *prétendant* da filha: isso já contentaria Osmond. Ao sair do salão, deparou com Edward Rosier de pé, à soleira da porta, de braços cruzados, olhando para a dança com a atitude de um jovem sem ilusões. Ela parou por um instante e perguntou-lhe se não estava dançando.

— Claro que não, se não posso dançar com *ela!* — respondeu.

— Então seria melhor que fosse embora — disse Isabel, à guisa de bom conselho.

— Não irei até que ela vá! — E deixou lorde Warburton passar sem dirigir-lhe um olhar.

O aristocrata, porém, notara o melancólico jovem e perguntou a Isabel quem era seu tristonho amigo, comentando já tê-lo visto antes.

— É o rapaz de quem lhe falei, o que está apaixonado por Pansy.

— Ah, sim, lembro-me agora. Ele parece estar bem mal.

— Tem motivos para isso. Meu marido não quer saber dele.

— O que ele tem de errado? — perguntou lorde Warburton. — Parece inofensivo.

— Não tem dinheiro bastante e não é muito inteligente.

Lorde Warburton ouviu isso com interesse; pareceu ficar impressionado com essa descrição de Edward Rosier.

— Ora, ora, ele me pareceu um jovem muito bem-posto.

— Ele é, mas meu marido é muito exigente.

— Ah, entendo. — E lorde Warburton fez uma pequena pausa. — Quanto dinheiro ele tem? — arriscou-se a perguntar, depois.

— Uns quarenta mil francos por ano.

— Mil e seiscentas libras? Ah, mas isso é muito bom, sabe?

— Eu também acho. Mas meu marido tem idéias maiores.

— Sim, notei que seu marido tem idéias muito grandes. O rapaz é mesmo um idiota?

— Idiota? De modo algum; ele é encantador. Quando ele tinha doze anos, eu mesma me apaixonei por ele.

— Ele não parece ter muito mais que doze anos agora — retrucou lorde Warburton em tom vago, olhando em torno. Depois, indagou com mais interesse: — Acha que podemos sentar aqui?

— Onde quiser. — A sala era uma espécie de *boudoir*, permeada de luz tênue e rosa; uma dama e um cavalheiro levantaram-se e saíram quando nossos amigos chegaram. — É muito amável de sua parte interessar-se assim pelo senhor Rosier — disse Isabel.

— Ele me parece estar sendo maltratado. Estava com uma cara tão triste! Até me perguntei o que o afligia.

— O senhor é um homem justo — observou Isabel. — Tem consideração até mesmo para com um rival.

Lorde Warburton virou-se de repente e olhou-a espantado.

— Um rival? Chama-o de meu rival?

— Lógico, se ambos querem casar com a mesma pessoa.

— Sim, mas uma vez que ele não tem chance...

— Seja como for, gosto do senhor por se colocar no lugar dele. Demonstra imaginação.

— Gosta de mim por isso? — Lorde Warburton olhou-a com ar incerto. — Acho que quer dizer que está rindo de mim por isso.

— Sim, estou rindo um pouquinho. Mas gosto do senhor como objeto de riso.

— Ah, bom, então deixe-me entrar melhor nesse papel. O que acha que se poderia fazer por ele?

— Já que eu estava elogiando a sua imaginação, deixo a seu cargo imaginar isso sozinho — disse Isabel. — Pansy também iria gostar do senhor por isso.

— A senhorita Osmond? Ah, quanto a ela, já gosta de mim.

— Muito, acho eu.

Ele esperou um instante, sempre examinando o rosto dela.

— Então não estou entendendo. Não está querendo dizer que ela gosta dele?

— Certamente eu lhe disse que achava que sim.

Um súbito rubor subiu-lhe à testa.

— Disse-me que ela não teria vontade que não fosse a do pai, e como eu entendi que ele fosse a meu favor!... — Fez uma pequena pausa e então sugeriu, ainda corado: — Não percebe?

— Sim, eu lhe disse que ela tem uma vontade enorme de agradar ao pai e que isso provavelmente a levará longe.

— Isso me parece um sentimento muito digno — disse lorde Warburton.

— Certamente; é um sentimento muito digno. — Isabel calou-se por alguns minutos; a sala continuava vazia; o som da música chegava até lá com sua sonoridade abrandada pelos aposentos interpostos entre eles. Por fim, ela disse: — Mas não me convence de que seja o tipo de sentimento que um homem gostaria de dever à esposa.

— Não sei; se a esposa for boa e ele achar que ela é a pessoa certa!

— Sim, é claro que o senhor deve pensar assim.

— Penso; não posso evitar. A senhora acha isso muito britânico, claro.

— Não, não acho. Acho que Pansy terá muita sorte de se casar com o senhor e não sei quem poderia saber isso melhor do que o senhor. Mas o senhor não a ama.

— Ah, sim, amo, senhora Osmond!

Isabel balançou a cabeça.

— Gosta de pensar assim, enquanto está aqui sentado comigo. Mas não é isso que me parece.

— Eu não sou como o rapaz lá na porta, admito. Mas o que torna isso tão antinatural? Poderá haver alguém no mundo mais adorável que a senhorita Osmond?

— É possível que não haja ninguém. Mas o amor nada tem a ver com bons motivos.

— Não concordo. Estou muito contente por ter bons motivos.

— É claro que está. Se estivesse mesmo apaixonado, não daria um tostão por eles.

— Ah, apaixonado, apaixonado mesmo! — exclamou lorde Warburton, cruzando os braços, recostando a cabeça na poltrona e espreguiçando-se um pouco. — Deve lembrar que tenho quarenta e dois anos. Não vou querer dizer que sou como fui em outros tempos.

— Bem, se tem certeza, está bem — disse Isabel.

Ele nada respondeu; ficou lá sentado, com a cabeça deitada para trás, olhando para a frente. Porém, de repente, mudou de posição e voltou-se rápido para a amiga:

— Por que está tão contra, tão cética?

Ela devolveu-lhe o olhar e, por um momento, olharam direto um para o outro. Se ela queria ser satisfeita, viu algo que a satisfizesse: viu na expressão dele o lampejo da idéia de que ela estava preocupada consigo mesma — que talvez ela estivesse até com medo. Isso mostrava uma suspeita, não uma esperança, mas, por pequena que fosse, contava-lhe o que ela queria saber. Nem por um momento ele deveria suspeitar de que ela tivesse detectado na proposta de casamento à enteada uma implicação de estar mais próximo dela, ou que ela própria visse nisso, nessa traição, algo ominoso. Naquele breve e intenso olhar pessoal, entretanto, foram trocados sentidos mais profundos do que a consciência deles podia captar naquele instante.

— Meu caro lorde Warburton — disse ela, sorrindo —, no que me diz respeito, o senhor pode fazer o que lhe vier à cabeça.

E, dizendo isso, levantou-se, encaminhando-se para a sala seguinte, onde, à vista dele, logo foi abordada por dois cavalheiros, altas personalidades do mundo romano, que lhe dirigiram a palavra como se estivessem à sua procura. Enquanto falava com eles, deu por si arrependendo-se de ter saído de lá; parecia estar fugindo — ainda mais que lorde Warburton não a seguiu. Ficou contente com isso, contudo, e de qualquer modo estava satisfeita. Estava tão satisfeita que, ao passar de volta para o salão de baile e encontrar Edward Rosier ainda plantado na entrada, parou para falar novamente com ele.

— Fez bem em não ir embora. Tenho um pequeno consolo para você!

— Preciso de um consolo — gemeu baixinho o rapaz —, vendo-a tão íntima *dele*!

— Não fale dele; vou fazer o que puder por você. Receio não poder fazer muito, mas o que puder farei.

Ele olhou-a de lado, acabrunhado.

— O que a fez mudar de idéia de repente?

— A convicção de que você é muito inconveniente parado na entrada dos salões! — respondeu, sorrindo, ao passar por ele. Meia hora depois, ela se despediu, juntamente com Pansy, e ao pé da escadaria as duas damas, com muitos outros convivas que partiam, esperaram um pouco pela carruagem. Quando esta vinha chegando, lorde Warburton saiu da casa e ajudou-as a subir no veículo. Ficou um momento parado à porta, indagando a Pansy se esta se divertira, e ela, depois de responder-lhe, reclinou-se no assento com ar de certo cansaço. Depois Isabel, da janela, deteve-o com o gesto de um dedo, e murmurou em voz suave:

— Não se esqueça de mandar a carta para o pai dela!

* No original, *pansies*. (N. T.)

** Moça que não encontra par num baile. (N. E.)

A condessa Gemini entediava-se com freqüência — um tédio, segundo ela mesma, próximo do aniquilamento. Porém, não fora aniquilada e lutava com bastante bravura contra o destino, que tinha sido casar-se com um florentino inflexível que insistia em viver em sua cidade natal, onde gozava da consideração devida a um cavalheiro cujo talento para perder nas cartas não tinha o mérito de ser acompanhado de uma disposição amável. O conde Gemini não era estimado nem por aqueles que ganhavam dele, e carregava um nome que, de certo valor em Florença, não tinha, como a moeda local dos antigos estados italianos, aceitação nas outras partes da península. Em Roma, era apenas um florentino muito enfadonho e não era de admirar que não gostasse muito de fazer freqüentes visitas a um lugar em que, para conseguir que sua chatice fosse aceita, ele precisaria dar mais explicações do que era conveniente. A condessa vivia com os olhos voltados para Roma, e era um desgosto constante para ela não ter uma casa lá. Tinha vergonha de contar quão poucas vezes lhe havia sido permitido visitar essa cidade; não melhorava muito as coisas o fato de haver outros membros da nobreza florentina que nunca haviam posto lá os pés. Ela ia sempre que podia; era só o que podia dizer. Ou melhor, não só isso, mas só o que dizia poder dizer. Na verdade, tinha muito mais a dizer sobre o assunto e muitas vezes expressara as razões por que detestava Florença e gostaria de acabar seus dias à sombra da Basílica de São Pedro. Essas são razões, contudo, que não nos tocam de perto e que podem ser resumidas, como o eram de hábito, na declaração de que Roma, em suma, era a Cidade Eterna, e Florença apenas um lugarzinho bonito como qualquer outro. A condessa parecia ter necessidade de ligar a idéia de eternidade a suas diversões. Estava convencida de que a sociedade era infinitamente mais interessante em Roma, onde se podiam conhecer celebridades durante todo o inverno, em saraus. Em Florença, não havia celebridades; pelo menos ninguém de quem se tivesse ouvido falar. Desde o casamento do irmão, sua impaciência crescera muitíssimo; estava certa de que a esposa dele levava uma vida mais brilhante do que a sua. Ela não era tão intelectual quanto Isabel, mas era intelectual o bastante para fazer justiça a Roma — não às ruínas e catacumbas, nem mesmo talvez aos monumentos e museus, às cerimônias nas igrejas e à paisagem, mas com certeza a tudo o mais. Ouvia falar bastante sobre a cunhada e sabia perfeitamente bem que Isabel estava se divertindo muito. Na verdade, vira isso pessoalmente na única ocasião em que gozara da hospitalidade do Palazzo Roccanera. Passara uma semana lá durante o primeiro inverno do casamento do irmão, mas não fora encorajada a renovar esse prazer. Osmond não a queria — ela sabia muito bem disso, mas teria ido assim mesmo, pois, afinal, não dava a mínima para ele. Era o marido que não a deixava ir, e o problema de dinheiro era sempre o que atrapalhava. Isabel fora muito simpática; a condessa, que tinha gostado da cunhada desde o início, não ficara cega pela inveja aos méritos pessoais de Isabel. Sempre comentara que se dava melhor com mulheres inteligentes do que com tolas como ela

mesma; as tolas nunca conseguiam entender sua inteligência, enquanto as inteligentes — as inteligentes de verdade — sempre compreendiam sua tolice. Parecia-lhe que, por mais diferentes que ela e Isabel fossem na aparência e na atitude geral, as duas tinham algum terreno comum onde, por fim, poderiam pôr os pés. Não era muito grande, mas era firme, e ambas saberiam quando chegassem lá de fato. E depois vivia, com a senhora Osmond, sob a influência de agradável surpresa; estava sempre esperando que Isabel a tratasse de cima para baixo e via sempre tal ocorrência adiada. Perguntava-se quando isso começaria, como fogos de artifício, ou a Quaresma, ou a temporada operística; não que se importasse muito, mas perguntava-se o que manteria isso em suspenso. A cunhada dirigia-lhe apenas olhares francos de igual para igual e não expressava pela pobre condessa nem desprezo nem admiração. Na realidade, teria sido tão provável para Isabel pensar em desprezá-la quanto em fazer juízo moral sobre um grilo. Entretanto, não era indiferente à irmã do marido; tinha até um certo medo dela. Pensava muito a seu respeito, achava-a fora do comum. Parecia-lhe que a condessa não tinha alma; era como um caramujo brilhante e raro, de superfície polida, e borda muito rosada na qual algo chocalhava quando sacudido. Esse chocalho parecia ser o princípio espiritual da condessa, um pequeno parafuso solto que rolava de um lado para o outro dentro dela. Era estranha demais para o desprezo, anômala demais para as comparações. Isabel a teria convidado novamente (nem secogitava em convidar o conde); mas Osmond, depois de casar, não tivera escrúpulos em dizer com franqueza que Amy era uma tola da pior espécie — uma tola cuja loucura tinha a irreprimibilidade do gênio. Em outra ocasião, disse que ela não tinha coração, e acrescentou depois que ela o fora dando aos pedaços — pedacinhos, como um bolo de casamento coberto de glacê. O fato de não ter sido convidada era, é claro, outro obstáculo à volta da condessa para Roma, mas, na ocasião em que esta história se passa, ela tinha recebido convite para passar várias semanas no Palazzo Roccanera. O convite partiu do próprio Osmond, que escreveu à irmã que se preparasse para ficar muito quieta. Se ela viu nessa frase todo o significado que ele pusera nela, não sei dizer, mas aceitou o convite sob qualquer condição. Além disso, estava curiosa, pois uma das impressões de sua visita anterior fora de que o irmão encontrara um adversário à altura. Antes do casamento, sentira pena de Isabel, tanta pena que chegara a ter sérios pensamentos — se é que algum pensamento da condessa era sério — de alertá-la. Mas deixara-os passar e, depois de um tempo, sentiu-se tranqüilizada. Osmond continuava tão altivo como sempre, mas sua esposa não seria vítima fácil. A condessa não era muito boa de medidas, mas parecia-lhe que, se Isabel se pusesse ereta, ela seria o espírito mais alto do casal. O que queria saber agora era se Isabel se empertigara; teria imenso prazer em ver Osmond sobrepujado.

Vários dias antes da data de sua partida para Roma, uma criada trouxe-lhe um cartão de visitas — um cartão com a simples inscrição “Henrietta C. Stackpole”. A condessa levou os dedos à testa; não se lembrava de ter conhecido nenhuma Henrietta. A criada então comentou que a visita lhe pedira que dissesse que, se a condessa não a reconhecesse pelo nome, logo a conheceria ao vê-la. Quando apareceu por fim diante da visita, de fato tinha se lembrado de ter conhecido uma vez a dama literata em casa da senhora Touchett; a única dama de letras que jamais conhecera — isto é, a única moderna, já que era filha de uma poetisa falecida. Reconheceu a senhorita Stackpole de imediato, ainda mais que ela parecia nada ter mudado; e a condessa, que tinha gênio muito bom,

achou bastante elegante receber a visita de uma pessoa com esse tipo de distinção. Perguntou-se se a senhorita Stackpole teria vindo por causa da mãe — se teria ouvido falar da Corinne americana. A mãe não tinha semelhança alguma com a amiga de Isabel; a condessa podia perceber, a um olhar, que essa dama era muito mais contemporânea; e deu-se conta da evolução que vinha ocorrendo, em especial em países distantes, no caráter (profissional) das damas de letras. Sua mãe costumava usar uma echarpe romana atirada sobre os ombros, apenas emergindo de seu veludo negro e justo (oh, as roupas antigas!) e uma coroa de louros dourados assentada sobre uma fartura de cachos brilhantes. Falava baixo e de forma vaga, com o sotaque de seus antepassados *creoles* como sempre confessava; suspirava muito e não era nem um pouco arrojada. Mas a condessa podia ver que Henrietta estava sempre bem abotoada e bem penteada em tranças apertadas; havia algo de ativo e profissional em sua aparência; seus modos eram familiares, quase que por dever. Era tão impossível imaginá-la a soltar vagos suspiros quanto imaginar uma carta postada sem o endereço. A condessa não pôde deixar de sentir que a correspondente do *Interviewer* estava muito mais dentro do movimento que a Corinne americana. Explicou que fizera a visita à condessa porque esta era a única pessoa que ela conhecia em Florença, e que, quando visitava uma cidade estrangeira, gostava de ver algo mais do que os viajantes superficiais. Conhecia a senhora Touchett, mas ela estava na América, e, mesmo que estivesse em Florença, Henrietta não teria se dado ao trabalho de ir vê-la, já que a senhora Touchett não era pessoa de sua admiração.

— Quer dizer com isso que eu sou? — perguntou a condessa, com graça.

— Bem, gosto mais da senhora que dela — disse a senhorita Stackpole. — Lembro-me de que quando a vi antes a senhora pareceu-me muito interessante. Não sei se foi por acaso ou se aquele era seu jeito habitual. De qualquer modo, fiquei muito impressionada com o que disse. Usei mais tarde numa publicação.

— Minha nossa! — exclamou a condessa, arregalando os olhos, meio alarmada. — Eu não tinha idéia de ter dito nada de notável! Gostaria de ter sabido disso na ocasião.

— Foi a respeito da posição da mulher nesta cidade — observou a senhorita Stackpole. — A senhora lançou muita luz sobre o assunto.

— A posição da mulher é muito desconfortável. É sobre isso que está falando? E a senhorita anotou e publicou isso? — continuou a condessa. — Ah, eu gostaria muito de ver isso!

— Vou escrever pedindo que lhe mandem o jornal, se quiser — disse Henrietta. — Não mencionei seu nome; só disse que era uma senhora da classe alta. E depois citei suas opiniões.

A condessa caiu para trás num gesto rápido, jogando as mãos para cima.

— Sabe que lamento que não tenha mencionado meu nome? Eu bem que teria gostado de ver meu nome no jornal. Esqueci quais eram as minhas opiniões: eu tenho tantas! Mas não me envergonho delas. Não sou nem um pouco como meu irmão — imagino que conheça meu irmão. Ele acha um escândalo aparecer no jornal; se a senhorita citasse as palavras dele, ele nunca a perdoaria.

— Ele não precisa ter medo disso; nunca vou referir-me a ele — disse a senhorita Stackpole, com moderada secura. E acrescentou: — Esse é outro motivo por que quis vê-la. Sabe que o senhor Osmond casou com minha melhor amiga.

— Ah, sim; a senhorita é amiga de Isabel. Eu estava tentando me lembrar o que sabia a seu respeito.

— Estou disposta a ser conhecida por isso — declarou Henrietta. — Mas não é assim que o seu irmão gosta de me conhecer. Ele tem tentado romper minhas relações com Isabel.

— Não o deixe fazer isso — disse a condessa.

— É sobre isso que quero lhe falar. Estou indo para Roma.

— Eu também! — exclamou a condessa. — Vamos juntas.

— Será um prazer! E, quando eu escrever sobre minha viagem, mencionarei seu nome como minha companheira.

A condessa levantou-se da cadeira de um salto e veio sentar-se no sofá ao lado da visita.

— Ah, a senhorita tem que me mandar o jornal! Meu marido não vai gostar, mas também não precisa saber. Além disso, não sabe ler.

Os grandes olhos de Henrietta tornaram-se imensos.

— Não sabe ler? Posso pôr isso na minha carta?

— Na sua carta?

— Do *Interviewer*. É esse o meu jornal.

— Oh, sim, como quiser; com o nome dele. Vai ficar na casa de Isabel?

Henrietta levantou a cabeça, fitando por um momento em silêncio a anfitriã.

— Ela não me convidou. Escrevi-lhe dizendo que ia para lá, e ela respondeu que reservaria um quarto para mim numa pensão. Não deu razões para isso.

A condessa ouviu com extremo interesse.

— A razão é Osmond — observou em tom portentoso.

— Isabel deveria tomar uma atitude — disse a senhorita Stackpole. — Receio que tenha mudado muito. Eu lhe disse que mudaria.

— Lamento ouvir isso; eu esperava que ela conseguisse fazer o que queria. Por que meu irmão não gosta da senhorita? — acrescentou a condessa, ingenuamente.

— Não sei e não me interessa. Ele pode não gostar de mim quanto quiser; não quero que todo mundo goste de mim; teria pior opinião a meu respeito se algumas pessoas gostassem. Um jornalista não pode esperar fazer algum bem a não ser que seja bastante odiado; só assim sabe como seu trabalho está indo. E isso vale do mesmo jeito para uma mulher. Mas eu não esperava isso de Isabel.

— Quer dizer que ela a odeia? — perguntou a condessa.

— Não sei; quero ver. É para isso que vou a Roma.

— Meu Deus, que empreendimento enfadonho! — exclamou a condessa.

— Ela não me escreve do mesmo modo; é fácil notar a diferença. Se a senhora souber de alguma coisa — continuou a senhorita Stackpole —, gostaria de saber antes, para poder decidir que atitude devo tomar.

A condessa espichou o lábio inferior e deu de ombros devagar.

— Sei muito pouco; vejo pouco Osmond e quase não tenho notícias dele. Ele não gosta mais de mim do que parece gostar da senhorita.

— Mas a senhora não é uma correspondente de jornal — disse Henrietta, pensativa.

— Oh, ele tem muitas razões. Apesar disso, convidaram-me — vou ficar na casa deles! — E, dizendo isso, a condessa deu um sorriso quase desafiador; naquele instante, sua exultação não deu grande importância ao desapontamento da senhorita Stackpole.

Entretanto, esta dama aceitou isso com grande placidez.

— Eu não teria ido se ela tivesse me convidado. Isto é, acho que não teria ido, e alegro-me de não ter tido que decidir. Seria um problema muito difícil. Eu não teria gostado de afastar-me dela e, no entanto, não teria ficado feliz sob seu teto. A pensão vai me convir muito bem. Mas isso não é tudo.

— Roma é ótima nesta época — disse a condessa —; há todo tipo de gente brilhante. Já ouviu falar de lorde Warburton?

— Ouvi falar? Eu o conheço muito bem. Acha-o muito brilhante? — perguntou Henrietta.

— Não o conheço, mas ouvi dizer que é um *grand seigneur*. Ele está fazendo a corte a Isabel.

— Fazendo a corte?

— É o que me contaram; não conheço os detalhes — disse a condessa, em tom leve. — Mas Isabel não corre perigo.

Henrietta olhou seriamente para a outra; por um instante, nada disse.

— Quando vai a Roma? — perguntou de chofre.

— Não antes de uma semana, receio.

— Eu vou amanhã — disse Henrietta. — Acho melhor não esperar.

— Oh, que pena! Mande fazer uns vestidos. Soube que Isabel recebe muito. Mas encontrarei a senhorita lá; irei vê-la na sua pensão. — Henrietta ficou sentada, calada, mergulhada em reflexão; e, de repente, a condessa exclamou: — Ah, mas, se não for comigo, não poderá descrever nossa viagem!

A senhorita Stackpole pareceu ficar indiferente a tal aspecto; estava pensando em outra coisa, que expressou logo depois.

— Não tenho certeza de ter entendido o que disse a respeito de lorde Warburton.

— Entendido? Só quis dizer que ele é simpático, nada mais.

— Acha simpático cortejar mulheres casadas? — perguntou Henrietta com clareza sem precedentes.

A condessa olhou-a espantada e depois disse, com uma risadinha violenta:

— O certo é que todos os homens simpáticos o fazem. Case-se e verá!

— Só pensar nisso já me impediria de casar — disse a senhorita Stackpole. — Eu iria querer meu próprio marido; não iria querer o de outra pessoa. Está querendo dizer que Isabel é culpada; culpada? — E fez uma pequena pausa, como se escolhesse as palavras.

— Quer saber se é culpada? Meu Deus, ainda não, espero. Só estou dizendo que Osmond é muito cansativo e que lorde Warburton, segundo dizem, vai muito à casa deles. Receio tê-la escandalizado.

— Não, só estou ansiosa — disse Henrietta.

— Ah, não está sendo muito lisonjeira para com Isabel! Deveria ter mais confiança. Vou lhe

dizer uma coisa — acrescentou a condessa, depressa —; se isso a tranquilizar, posso prometer afastá-lo.

A senhorita Stackpole a princípio respondeu apenas com uma solenidade mais profunda no olhar. Depois de um momento, disse:

— A senhora não me entendeu. Não penso o que parece imaginar. Não tenho medo por Isabel — não desse modo. Só tenho medo de que esteja infeliz; é aí que quero chegar.

A condessa virou a cabeça uma dúzia de vezes; tinha o ar impaciente e sarcástico.

— É bem possível que seja assim; quanto a mim, gostaria de saber se Osmond está feliz. — A senhorita Stackpole já começava a cansá-la um pouco.

— Se ela está mesmo mudada, isso deve estar na base de tudo — continuou Henrietta.

— A senhorita verá; ela lhe dirá — disse a condessa.

— Ah, talvez *não* me diga; é disso que tenho medo!

— Bem, se Osmond não estiver se divertindo — do jeito dele —, posso gabar-me de que descobrirei — volveu a condessa.

— Não estou interessada nisso — fez Henrietta.

— Eu estou muitíssimo! Se Isabel estiver infeliz, sinto muita pena dela, mas nada posso fazer a respeito disso. Poderia dizer alguma coisa que a fizesse sentir pior, mas nada posso dizer que a console. Por que ela se casou com ele? Se tivesse me ouvido, teria se livrado dele. Porém, posso perdoá-la se descobrir que ela tornou as coisas difíceis para ele! Se deixa apenas que ele pise nela, não sei nem se vou ter pena. Mas não acho isso provável. Estou contando com que, se ela está infeliz, pelo menos também *o* fez infeliz.

Henrietta levantou-se; tais expectativas pareciam-lhe naturalmente terríveis. Ela acreditava honestamente não desejar ver o senhor Osmond infeliz, e, de fato, ele não podia ser para ela motivo de vôos de imaginação. No todo, estava um tanto desapontada com a condessa, cuja mente movia-se num círculo mais estreito do que ela supusera, embora ainda assim mantendo sua capacidade para a vulgaridade.

— Será melhor se os dois se amarem — disse, com propósito edificante.

— Não podem. Ele não consegue amar ninguém.

— Presumi que fosse esse o caso. Mas isso apenas aumenta meu receio por Isabel. Vou partir amanhã, com toda a certeza.

— Isabel tem mesmo amigas dedicadas — disse a condessa, com um sorriso vívido. — Posso afirmar que não tenho pena dela.

— Pode ser que eu não possa ajudá-la — disse a senhorita Stackpole, como para enfatizar que era melhor não se ter ilusões.

— Mas pretendia fazê-lo, de qualquer modo; isso já é alguma coisa. Acho que foi para isso que veio da América — acrescentou, de repente, a condessa.

— Foi; eu queria cuidar dela — disse Henrietta, com serenidade.

A anfitriã permaneceu sorrindo para ela com os olhos pequenos e brilhantes e um nariz ávido nas faces cobertas por um rubor.

— Ah, isso é muito bonito, *c'est bien gentil!* Não é o que chamam de amizade?

— Não sei como chamam. Achei melhor vir.

— Ela é muito feliz, tem muita sorte — continuou a condessa. — Tem outras pessoas, além da senhorita. — E então irrompeu numa exclamação ardente: — Tem mais sorte que eu! Sou tão infeliz quanto ela — tenho um péssimo marido; ele é muito pior que Osmond. E não tenho amigos. Pensei que tivesse, mas não sobrou nenhum. Ninguém, homem ou mulher, teria feito por mim o que a senhorita faz por ela.

Henrietta sentiu-se comovida; havia sentimento naquele amargo arroubo. Olhou para a outra por um instante e depois disse:

— Olhe, condessa, farei qualquer coisa que queira pela senhora. Esperarei para viajarmos juntas.

— Não se preocupe com isso — respondeu a condessa, numa rápida mudança de tom. — Basta que me descreva no jornal!

Porém, antes de despedir-se, Henrietta viu-se forçada a fazê-la compreender que não poderia fazer uma descrição fictícia da viagem para Roma. A senhorita Stackpole era uma repórter estritamente veraz. Depois de sair dali, dirigiu-se para o Lung'Arno, a margem ensolarada do rio amarelo onde as hospedarias em cores alegres, tão familiares aos turistas, erguem-se uma após a outra. Ela aprendera a andar em Florença antes (era muito rápida para essas coisas), e assim pôde se afastar com passo muito decisivo da pequena praça que forma o acesso à ponte da Santíssima Trindade. Foi para a esquerda, em direção à ponte Vecchio, e parou em frente a um dos hotéis que dão para essa maravilhosa estrutura. Ali, ela puxou uma pequena carteira, tirou um cartão e um lápis e, depois de pensar por um momento, escreveu algumas palavras. Temos o privilégio de poder olhar por cima de seu ombro e, ao exercê-lo, podemos ler a concisa pergunta: “Posso vê-lo esta noite por alguns minutos sobre assunto muito importante?”. Henrietta acrescentou que partia no dia seguinte para Roma. Armada de tal documento, aproximou-se do porteiro que agora assumira seu posto na entrada e perguntou se o senhor Goodwood estava. O porteiro respondeu, como os porteiros sempre o fazem, que ele tinha saído uns vinte minutos antes; ao ouvir isso, Henrietta entregou-lhe o cartão e pediu-lhe que o levasse ao cavalheiro quando voltasse. Deixou o hotel e prosseguiu caminho pela margem até o severo pórtico dos Uffizi, e, depois de atravessá-lo, logo chegou à entrada da famosa galeria. Entrou e subiu a alta escadaria que leva às salas superiores. O longo corredor, esmaltado de um lado e decorado com bustos antigos, que leva a essas salas oferecia um vazio panorama no qual a forte luz do inverno refletia no piso de mármore. A galeria é muito fria e durante o inverno recebe escassos visitantes. A senhorita Stackpole pode parecer mais ardente em sua busca de beleza artística do que até agora nos pareceu, mas, afinal, tinha suas preferências e admirações. Dentre as últimas estava o pequeno Correggio da Tribuna — a Virgem ajoelhada diante do sagrado infante, que está deitado num leito de palha, e ela bate palmas para ele, que ri e murmura, cheio de alegria. Henrietta tinha especial devoção por essa cena íntima — achava-a o quadro mais lindo do mundo. A caminho, no momento, de Nova York para Roma, só tinha três dias para passar em Florença, e assim mesmo dissera a si mesma que não poderia ficar sem fazer outra visita à sua obra de arte predileta. Ela tinha grande senso de beleza em todas as formas e isso envolvia um grande número de obrigações intelectuais. Ia virar para entrar na Tribuna quando um cavalheiro saiu de lá; ao vê-lo, ela deixou escapar uma exclamação e parou

diante de Caspar Goodwood.

— Acabei de passar pelo seu hotel — disse ela. — Deixei-lhe um cartão.

— Muita honra — respondeu Caspar Goodwood, como se fosse sincero.

— Não foi para honrá-lo que o fiz; visitei-o antes e sei que não gosta. Era para falar-lhe um pouco sobre outra coisa.

Ele fitou por um instante a fivela do chapéu dela.

— Terei muito gosto em ouvir o que tem a dizer.

— O senhor não gosta de conversar comigo — disse Henrietta. — Mas isso não faz diferença para mim; não estou falando para diverti-lo. Escrevi-lhe um bilhete pedindo-lhe que fosse me ver, mas, já que nos encontramos aqui, vamos aproveitar a ocasião.

— Eu estava indo embora — afirmou Goodwood —, mas é claro que posso ficar. — Estava sendo civilizado, mas não entusiasta.

Contudo, Henrietta nunca buscava grandes declarações e estava tão empenhada que se sentia agradecida por ele ouvi-la, fossem quais fossem os termos. Ainda assim, perguntou-lhe se já tinha visto todos os quadros.

— Todos os que queria ver. Estou aqui há uma hora.

— Será que viu o meu Correggio? — disse Henrietta. — Subi aqui de propósito para dar uma olhada nele. — Ela entrou na Tribuna e ele seguiu-a devagar.

— Imagino que tenha visto, mas não sabia que era seu. Não me lembro de quadros, especialmente desse tipo. — Ela mostrara a ele sua obra de arte favorita, e ele perguntou se era a respeito de Correggio que ela queria lhe falar.

— Não — respondeu Henrietta —, é sobre outra coisa menos harmoniosa! — Eles tinham a pequena sala muito clara, um esplêndido gabinete de tesouros, só para eles; só havia um guarda perto da Vênus de Medici. — Quero que me faça um favor — continuou a senhorita Stackpole.

Caspar Goodwood franziu de leve o cenho, sem se mostrar embaraçado por não parecer ansioso. Tinha o rosto de um homem muito mais velho do que nosso conhecido de antes. Disse, em voz um tanto alta:

— Tenho certeza de que se trata de alguma coisa de que não vou gostar.

— Não, acho que não vai gostar. Se gostasse, não seria um favor.

— Bom, então vamos saber o que é — prosseguiu ele no tom de um homem que contém a impaciência.

— Talvez diga que não há motivo especial para fazer-me um favor. Na verdade, só conheço um: o fato de que, se me deixasse, eu faria com prazer um favor ao senhor. — O tom brando e exato no qual não havia tentativa de causar efeito era de grande sinceridade, e o outro, embora exteriormente duro, não pôde evitar sentir-se afetado. Porém, quando se comovia, era raro demonstrá-lo por meio dos sinais usuais: não corava, nem desviava o olhar, nem parecia embaraçado. Apenas fixava a atenção de modo mais direto; parecia ponderar com maior firmeza. Assim Henrietta prosseguiu desinteressadamente, sem sentir sua vantagem. — Agora posso dizer, aliás parece ser uma boa ocasião para isso, que se alguma vez o aborreci (e acho que às vezes o fiz) foi porque sabia que estava disposta a aborrecer-me pelo senhor. Eu o incomodei, não há dúvida.

Mas eu seria capaz de me incomodar pelo senhor.

Goodwood hesitou.

— Está se incomodando agora.

— Sim, estou, um pouco. Gostaria que pensasse se será uma boa coisa, no cômputo geral, o senhor ir a Roma.

— Achei que ia dizer isso! — respondeu ele, de forma bastante franca.

— Então *tinha* pensado nisso?

— Claro que sim, com muito cuidado. Contemplei isso de todos os ângulos. Caso contrário, não teria vindo até aqui. Foi por isso que fiquei em Paris por dois meses. Estava pensando a respeito.

— Receio que tenha decidido como preferiu. Decidiu que era melhor porque estava muito atraído.

— Melhor para quem, está querendo dizer? — perguntou Goodwood.

— Bem, melhor para o senhor, primeiro. Depois, para a senhora Osmond.

— Oh, não vai fazer nenhum bem a *ela*! Quanto a isso, não crio ilusões.

— Não irá fazer-lhe mal? Essa é a questão.

— Não vejo que diferença fará para ela. Não sou nada para a senhora Osmond. Mas, se quer saber, estou mesmo querendo vê-la.

— E é por isso que vai.

— É claro que sim. Poderia haver motivo melhor?

— De que vai lhe adiantar? É isso que quero saber — disse a senhorita Stackpole.

— Isso eu não sei lhe dizer. Era nisso mesmo que eu estava pensando em Paris.

— Vai fazer com que o senhor fique mais descontente.

— Por que diz “mais” descontente? — perguntou Goodwood, um tanto severo. — Como sabe que estou descontente?

— Bem — disse Henrietta, um pouco hesitante —, parece que o senhor nunca se interessou por outra pessoa.

— Como sabe por quem me interessa? — exclamou ele, com forte rubor. — No momento, estou interessado em ir para Roma.

Henrietta fitou-o em silêncio, com expressão triste, porém luminosa. Por fim, disse:

— Bom, eu só queria dizer o que acho; estava com isso na cabeça. É claro que o senhor acha que nada tenho a ver com isso. Mas, segundo esse princípio, ninguém tem nada a ver com nada.

— É muita bondade de sua parte; estou muito agradecido por seu interesse — disse Caspar Goodwood. — Vou a Roma e não vou magoar a senhora Osmond.

— Talvez não vá magoá-la, mas vai ajudá-la? Essa é a questão.

— Ela precisa de ajuda? — perguntou ele, devagar, com um olhar penetrante.

— A maioria das mulheres sempre precisa — respondeu Henrietta, com atitude conscientemente evasiva e generalizando de modo menos otimista que de hábito. — Se o senhor for para Roma — acrescentou —, espero que seja um amigo sincero, não egoísta! — E virou-se e pôs-se a olhar os quadros.

Caspar Goodwood deixou-a afastar-se e ficou olhando enquanto ela andava pela sala, mas, após

um instante, acompanhou-a.

— Ouviu alguma coisa a respeito dela — continuou, então. — Gostaria de saber o que foi.

Henrietta nunca tergiversara em sua vida e, embora dessa vez talvez fosse apropriado fazê-lo, decidiu depois de alguns minutos não fazer exceções superficiais.

— Sim, ouvi — retrucou —, mas, como não quero que vá a Roma, não vou contar-lhe.

— Como queira. Descobrirei por mim mesmo — disse ele. Depois, acrescentou, de modo inconsistente: — Ouviu dizer que ela está infeliz!

— Oh, o senhor não vai descobrir isso! — exclamou Henrietta.

— Espero que não. Quando parte?

— Amanhã, no trem da noite. E o senhor?

Goodwood hesitou; não tinha o menor desejo de fazer a viagem para Roma em companhia da senhorita Stackpole. A indiferença que sentia por tal prerrogativa não tinha o mesmo caráter que a de Gilbert Osmond, mas no momento a nitidez era equivalente. Era antes um tributo às virtudes da senhorita Stackpole do que uma referência a seus defeitos. Ele a achava notável, muito brilhante e, na teoria, não tinha objeções à classe a que ela pertencia. Correspondentes do sexo feminino pareciam-lhe ser parte da ordem geral das coisas num país progressista, e, embora ele nunca lesse a matéria que elas escreviam, imaginava que contribuíssem de alguma forma para a prosperidade social. Mas era a própria eminência da posição delas que o fazia desejar que a senhorita Stackpole não presumisse tanta coisa. Ela presumia que ele sempre estivesse pronto para alguma alusão à senhora Osmond; assim fora quando tinham se encontrado em Paris, seis semanas após a chegada dele na Europa, e ela reiterava sua certeza a esse respeito a cada subsequente oportunidade. Ele não tinha o menor desejo de mencionar a senhora Osmond; *não* estava sempre pensando nela; tinha absoluta certeza a esse respeito. Era um homem muito reservado, muito avesso a colóquios, e aquela inquisitiva escritora estava constantemente dirigindo o clarão de sua lanterna para dentro da tranqüila escuridão da sua alma. Ele gostaria que ela não se importasse tanto; chegava até a desejar, embora isso parecesse um tanto brutal da parte dele, que ela o deixasse em paz. Apesar disso, no entanto, no momento ele entregou-se a outras reflexões — o que vem demonstrar a enorme diferença, na verdade, entre seu mau humor e o de Gilbert Osmond. Ele desejava ir de imediato para Roma; preferia ir sozinho, no trem noturno. Detestava os vagões de trem europeus, onde se ficava sentado durante horas, aprisionado, joelho contra joelho e cara a cara com um estranho, contra quem de repente a gente se via objetando com toda a veemência se ele quisesse abrir a janela, e, se à noite esses trens eram piores do que de dia, pelo menos à noite podia-se dormir e sonhar com o bar-restaurant dos trens americanos. Mas não podia tomar o trem noturno se a senhorita Stackpole estava de partida pela manhã; isso parecia-lhe ser um insulto para uma mulher desprotegida. Também não podia esperar que ela fosse antes, a não ser que quisesse esperar mais tempo do que sua paciência permitiria. Não adiantava sair no dia seguinte. Ela o preocupava; ela o oprimia; a idéia de passar o dia junto com ela num vagão de trem europeu apresentava-lhe uma exacerbação de complicações. Mas, afinal, era uma mulher viajando sozinha; era dever dele incomodar-se com ela. Não havia discussão sobre isso; a perfeita clareza se fazia necessária. Ele ficou muito sério durante alguns instantes e depois disse, sem qualquer floreio de

galanteria, mas muito nitidamente:

— É claro que, se a senhorita vai amanhã, eu também irei, pois poderei prestar-lhe alguma ajuda.

— Ora, senhor Goodwood, espero que sim! — volveu Henrietta, imperturbável.

Já tive ocasião de dizer que Isabel sabia que o marido estava descontente com a longa duração da visita de Ralph a Roma. Tinha esse conhecimento bem presente ao dirigir-se ao hotel do primo um dia depois de ter convidado lord Warburton a dar prova tangível de sua sinceridade, e naquele momento, como em outros, ela tinha suficiente percepção das origens da oposição de Osmond. Ele não queria que ela tivesse qualquer liberdade de pensamento e sabia muitíssimo bem que Ralph era um apóstolo da liberdade. Era exatamente por ele ser isso, disse Isabel a si mesma, que se reanimava a vê-lo. Pode-se notar que ela se aproveitava dessa reanimação, apesar da aversão do marido, isto é, aproveitava-se, como dizia para si mesma, de modo discreto. Ainda não se propusera a agir em direta oposição aos desejos dele; ele era seu senhor nomeado e registrado; às vezes ela contemplava esse fato com certo pasmo incrédulo. Porém, era um peso em sua mente; havia nela a presença constante de todas as tradicionais decências e santidades do matrimônio. A idéia de violá-las enchia-a de vergonha e também de temor, pois, ao se entregar, ela perdera de vista tal contingência, na total convicção de que as intenções do marido eram tão generosas quanto as suas próprias. Parecia-lhe, porém, vislumbrar a rápida aproximação do dia em que teria que retomar o que entregara de modo tão solene. Tal cerimônia seria odiosa e monstruosa; enquanto não vinha, tentava fechar os olhos a ela. Osmond nada faria para ajudar, dando início às coisas; ele a faria arcar com o peso disso até o fim. Ainda não lhe fizera proibição formal de visitar Ralph, mas ela tinha certeza de que, a não ser que Ralph fosse logo embora, a proibição viria. Como poderia o pobre Ralph ir embora? Por enquanto as condições do tempo tornavam isso impossível. Ela podia entender muito bem o desejo do marido nesse sentido; para ser justa, não podia imaginar como ele *poderia* gostar de vê-la com o primo. Ralph nunca dizia uma palavra contra ele, mas o protesto palpável, ainda que mudo, de Osmond era ainda assim justificado. Se ele viesse a agir de fato, se recorresse à sua autoridade, ela teria que decidir e não seria fácil. A perspectiva fazia seu coração bater mais rápido e as faces lhe arderem, como eu dizia, de antemão; havia momentos em que, no seu desejo de evitar um rompimento frontal, ela se via desejando que Ralph partisse, mesmo que houvesse risco nisso. E não adiantava, ao se ver nesse estado de espírito, chamar-se de espírito fraco, de covarde. Não que gostasse menos de Ralph, mas qualquer coisa era preferível a repudiar o ato mais sério — o único ato sagrado — de sua vida. Isso parecia tornar medonho todo o futuro. Romper com Osmond uma vez seria romper para sempre; qualquer reconhecimento manifesto de necessidades irreconciliáveis seria admitir que a tentativa deles provara ser um fracasso. Para eles, não haveria indulgência, compromisso, o esquecimento fácil, o reajuste formal. Tinham tentado apenas uma coisa, mas essa única coisa teria que ter sido singular. Uma vez perdida, nada mais serviria; não havia substituto concebível para esse sucesso. No momento, Isabel ia ao Hôtel de Paris tantas vezes quantas julgava adequado; a medida de decoro estava no cânone do bom gosto e

não poderia ter havido melhor prova de que a moralidade era, por assim dizer, uma questão de apreciação sincera. A aplicação dessa medida por parte de Isabel nesse dia fora especialmente liberal, pois, além da verdade geral de não poder deixar Ralph morrer sozinho, ela tinha algo importante a pedir-lhe. Na verdade, esse era um assunto de Gilbert tanto quanto dela.

Ela logo chegou aonde queria.

— Gostaria que me respondesse a uma pergunta. É sobre lorde Warburton.

— Acho que sei qual é a pergunta — respondeu Ralph, da poltrona onde estava sentado, com as pernas magras projetando-se para a frente mais que nunca.

— É bem possível que saiba. Então faça o favor de respondê-la.

— Oh, eu não disse que podia responder.

— Você é íntimo dele — disse ela —, tem ocasião de observá-lo muito bem.

— É verdade. Mas pense como ele deve dissimular!

— Por que dissimularia? A natureza dele não é assim.

— Ah, deve lembrar-se de que as circunstâncias são especiais — disse Ralph, com ar de estar se divertindo por dentro.

— Até um certo ponto, sim. Mas ele está mesmo apaixonado?

— Muito, acho eu. Isso eu posso perceber.

— Ah! — disse Isabel, de modo um tanto seco.

Ralph olhou-a como se sua moderada hilaridade tivesse sido afetada por uma certa mistificação.

— Diz isso como se estivesse desapontada.

Isabel levantou-se, alisando devagar as luvas e fitando-as com atenção.

— No fim das contas, nada tenho a ver com isso.

— É muito filosófica — disse o primo. E logo em seguida: — Posso perguntar do que estava falando?

Isabel olhou-o espantada.

— Pensei que soubesse. Lorde Warburton disse-me que quer, acima de tudo, casar com Pansy. Eu já contei isso a você antes, sem ouvir qualquer comentário. Poderia arriscar-se a fazer um esta manhã, acho eu. Você acredita que ele goste mesmo dela?

— Ah, de Pansy, não! — exclamou Ralph, positivo.

— Mas acabou de dizer que sim.

Ralph fez uma pausa.

— Disse que ele gosta de você, senhora Osmond.

Isabel balançou a cabeça, com ar sério.

— Isso é bobagem, sabe disso.

— Claro que é. Mas a bobagem é de Warburton, não minha.

— Isso seria uma maçada. — Ela falou, ou pensou falar, com muita sutileza.

— De fato, devo dizer-lhe — continuou Ralph — que para mim ele negou isso.

— Muito bonito os dois ficarem falando nesse assunto. Ele também lhe disse que está apaixonado por Pansy?

— Ele tem falado muito bem dela, é muito decoroso. É claro que deu a entender que ela ficaria

muito bem em Lockleigh.

— Ele acha mesmo isso?

— Ah, o que Warburton acha mesmo!?!... — disse Ralph.

Isabel pôs-se a alisar as luvas de novo; eram luvas compridas e folgadas, que podiam entretê-la bastante tempo. Porém, logo levantou o olhar e então exclamou, abrupta e com ardor:

— Ah, Ralph, você não me ajuda!

Era a primeira vez que ela aludia à necessidade de ajuda, e as palavras abalaram o primo por sua violência. Ele soltou um longo murmúrio de alívio, de piedade, de ternura; pareceu-lhe que, por fim, o abismo entre eles tinha sido cruzado. Foi o que o fez exclamar dali a um minuto:

— Como você deve ser infeliz!

Ele mal terminara de falar e ela já recobrou o autodomínio, que usou em primeiro lugar para fingir não tê-lo ouvido.

— Quando falo em ajuda, estou falando bobagem — disse, com um breve sorriso. — Que idéia incomodar você com meus pequenos problemas domésticos! A questão é muito simples; lorde Warburton vai ter que se defender sozinho. Não posso comprometer-me a ajudá-lo.

— Ele deve triunfar facilmente — disse Ralph.

Isabel ponderou.

— Sim, mas nem sempre triunfou.

— É verdade. Sabe, porém, como isso sempre me surpreendeu. A senhorita Osmond será capaz de fazer-nos uma surpresa?

— Acho que a surpresa virá mais dele. Parece-me que, no fim das contas, ele vai abandonar a causa.

— Ele não fará nada desonroso — observou Ralph.

— Tenho certeza disso. Nada pode ser mais honroso do que ele deixar a pobre criança em paz. Ela gosta de outro e é cruel tentar suborná-la com magníficas ofertas para que desista dele.

— Cruel para a outra pessoa, talvez; para com a pessoa de quem ela gosta. Mas Warburton não é obrigado a dar importância a isso.

— Não, é cruel para com ela — disse Isabel. — Ela ficaria muito infeliz se se deixasse convencer a desistir do pobre senhor Rosier. Essa idéia parece divertir você; naturalmente não está apaixonado por ele. Ele tem o mérito — para Pansy — de estar apaixonado por ela. Ela pode ver a um olhar que lorde Warburton não está apaixonado.

— Ele seria muito bom para ela — disse Ralph.

— Ele já tem sido muito bom para ela. Mas felizmente não disse uma palavra para perturbá-la. Ele poderia ir despedir-se dela amanhã dentro de total decoro.

— E qual seria a reação de seu marido a isso?

— Nada boa, e ele pode ter razão de não gostar. Só que ele deve procurar satisfação por conta própria.

— Ele pediu-lhe que o procurasse? — Ralph arriscou-se a perguntar.

— Era natural que, como amiga de lorde Warburton, amiga há mais tempo, quero dizer, do que Gilbert, eu me interessasse pelas intenções dele.

— Que se interessasse por ele renunciar a elas, quer dizer?

Isabel hesitou, franzindo um pouco o cenho.

— Eu preciso entender. Você está defendendo a causa dele?

— De modo algum. Estou muito contente que ele não se torne marido da sua enteada. Seria um parentesco tão estranho com você! — disse Ralph, sorrindo. — Mas estou um pouco nervoso por seu marido poder pensar que você não o pressionou o bastante.

Isabel viu-se sorrindo tanto quanto ele.

— Ele me conhece o bastante para não esperar que eu o pressione. Ele próprio não tem a menor intenção de pressionar, acho eu. Não tenho medo de não poder justificar-me! — disse, em tom leve.

A máscara caíra por um momento, mas ela a pusera de novo, para infinito desapontamento de Ralph. Ele tivera um vislumbre de seu rosto natural e sentia imenso desejo de olhar para ele. Tinha o anseio quase selvagem de ouvi-la queixar-se do marido — ouvi-la dizer que ela é quem tinha que ser considerada a causa da desistência de lorde Warburton. Ralph tinha certeza de ser essa a situação dela; sabia por instinto, de antemão, qual seria, caso isso acontecesse, a forma que o desagrado de Osmond assumiria. Só poderia ser a mais mesquinha e cruel. Gostaria de prevenir Isabel sobre isso — deixá-la ver pelo menos como ele avaliava por ela e como sabia. Pouco importava se Isabel soubesse melhor; era para sua própria satisfação mais do que para a dela que ele ansiava mostrar-lhe que não estava sendo enganado. Ele tentou e voltou a tentar fazê-la trair Osmond; sentiu-se calculista, cruel, quase desleal fazendo isso. Mas não fez muita diferença, pois não teve êxito. Então, para que ela teria vindo, e por que ela quase parecia oferecer-lhe uma oportunidade de violar o acordo tácito de ambos? Por que ela lhe pedia conselho, se não lhe dava liberdade alguma de responder? Como poderiam falar dos seus problemas domésticos, como ela os chamava com humor, se o principal fator não podia ser mencionado? Essas contradições eram em si apenas indicação da sua perturbação, e o grito de socorro que deixara escapar pouco antes era a única coisa que ele tinha a considerar.

— Vão estar em desacordo, assim mesmo — disse ele, dali a pouco. E, como ela nada respondesse, parecendo não entender, ele continuou: — Verão que estão pensando de modo bem diferente um do outro.

— Isso pode acontecer muito facilmente entre os casais mais unidos! — Ela pegou a sombrinha; ele percebeu que ela estava nervosa, com medo do que ele pudesse dizer. — É um assunto sobre o qual, no entanto, não podemos discutir — acrescentou ela —, pois quase todo o interesse é do lado dele. Isso é muito natural. Afinal, Pansy é filha dele, não minha. — E, dizendo isso, estendeu-lhe a mão para despedir-se.

Ralph fez uma promessa para si mesmo de que ela não iria embora sem ele fazê-la saber que sabia de tudo; parecia ser uma oportunidade boa demais para ser desperdiçada.

— Sabe o que o interesse dele irá fazê-lo dizer? — perguntou, segurando-lhe a mão. Ela meneou a cabeça, um tanto seca, porém sem desencorajá-lo, e ele continuou: — Irá fazer com que diga que a sua falta de zelo é devida ao ciúme — parou por um instante; a expressão dela infundiu-lhe medo.

— Ciúme?

— Ciúme da filha dele.

O rosto dela cobriu-se de profundo rubor; lançou a cabeça para trás.

— Não está sendo amável — disse, num tom de voz que ele jamais ouvira dos lábios dela.

— Seja franca comigo e verá — respondeu ele.

Mas ela não lhe deu resposta; limitou-se a retirar a mão que ainda estava na dele, que ele ainda tentou segurar, e saiu rapidamente do quarto. Ela decidiu que falaria com Pansy e aproveitou uma oportunidade naquele mesmo dia, dirigindo-se ao quarto da moça antes do jantar. Pansy já estava vestida; estava sempre adiantada; isso parecia ilustrar sua bonita paciência e a graciosa imobilidade em que podia ficar sentada, esperando. No momento, estava sentada, de roupa trocada, diante da lareira do quarto; apagara as velas ao terminar a toalete, de acordo com os hábitos econômicos em que a haviam criado e que agora mais que nunca tinha todo o cuidado de observar; de modo que o quarto estava iluminado apenas por duas achas de lenha a arder. Os aposentos no Palazzo Roccanera eram tão espaçosos quanto numerosos, e o santuário virginal de Pansy era uma imensa câmara de teto escuro de vigas de madeira. No meio dele, a diminuta dona parecia uma amostra de gente, e, quando ela se levantou, com rápida deferência, para cumprimentar Isabel, esta mais do que nunca ficou impressionada com a tímida sinceridade dela. Isabel tinha uma tarefa difícil — o único jeito era executá-la da maneira mais simples. Sentia-se amarga e zangada, mas disse a si mesma que não deixaria transparecer tal ardor. Receava até parecer demasiado grave ou, pelo menos, demasiado severa; receava infundir alarme. Mas Pansy parecia ter adivinhado que ela tinha vindo mais ou menos no papel de confessora, pois, depois de mover a cadeira em que estivera sentada um pouco mais próxima do fogo e Isabel sentar-se nela, ajoelhou-se numa almofada à frente dela, erguendo o olhar e pousando as mãos entrelaçadas nos joelhos da madrastra. O que Isabel gostaria era ouvir dos lábios dela que não tinha o pensamento ocupado por lorde Warburton, mas, se desejava a certeza, não se sentia de modo algum com o direito de provocá-la. O pai da moça teria classificado isso como rematada traição e, de fato, Isabel sabia que, se Pansy demonstrasse o menor resquício de vontade de encorajar lorde Warburton, seu dever seria calar-se. Era difícil interrogar sem parecer sugerir; a suprema simplicidade de Pansy, inocência ainda mais completa do que Isabel tinha suposto, dava à mais tateante das perguntas um certo efeito admonitório. Ajoelhada ali à luz vaga da lareira, com o bonito vestido brilhando de leve, as mãos cruzadas meio em súplica, meio em submissão, os olhos meigos erguidos e fixos, plenos da seriedade da situação, parecia a Isabel ser uma criança mártir, vestida para o sacrifício, e nem pensando em esperar evitá-lo. Quando Isabel lhe disse que ela ainda não lhe falara sobre como estavam as coisas com relação a ela se casar, mas que seu silêncio não fora fruto de indiferença ou ignorância, mas apenas do desejo de deixá-la em liberdade, Pansy curvou-se para a frente, ergueu o rosto ainda mais perto e, num murmúrio que deixava claro profundo anseio, respondeu que tinha querido muito que ela falasse e suplicava que a aconselhasse agora.

— É difícil para mim dar-lhe conselhos — volveu Isabel. — Não sei como posso me encarregar disso. Isso é para seu pai fazer; você deve pedir conselho a ele, e, acima de tudo, deve seguir o conselho que ele lhe der.

Ao ouvir isso, Pansy baixou o olhar; por um momento, nada disse. Dali a pouco, comentou:

— Acho que prefiro o seu conselho ao de papai.

— Isso não está certo — disse Isabel, com frieza. — Amo-a muito, mas seu pai ama-a mais.

— Não é porque a senhora me ama, é porque é uma dama — respondeu Pansy com ar de ter dito algo muito razoável. — Uma dama pode aconselhar uma jovem melhor que um homem.

— Então aconselho-a a tratar com o máximo respeito os desejos de seu pai.

— Ah, sim — respondeu a mocinha, em tom ansioso —, devo fazer isso.

— Mas, se estou falando agora sobre você se casar, não é por você, mas por mim — continuou

Isabel. — Se eu tentar saber de você o que espera, o que deseja, é só para eu poder agir de acordo.

Pansy encarou-a por um instante e depois perguntou, muito rápido:

— Vai fazer tudo o que eu quiser?

— Antes de poder dizer sim, preciso saber o que é.

Logo Pansy contou-lhe que a única coisa que queria na vida era casar com o senhor Rosier. Ele a pedira em casamento, e ela lhe dissera que casaria com ele se o pai deixasse. Agora o pai não queria deixar.

— Então muito bem, é impossível — declarou Isabel.

— Sim, é impossível — disse Pansy, com um suspiro e a mesma intensa atenção estampada no rostinho límpido.

— Então precisa pensar em outra coisa — continuou Isabel, mas Pansy suspirou ao ouvir isso e retrucou que tinha tentado sem o menor êxito.

— A gente pensa em quem pensa na gente — disse com um pequeno sorriso. — Eu sei que o senhor Rosier pensa em mim.

— Ele não deveria — disse Isabel, altiva. — Seu pai pediu a ele expressamente que não o fizesse.

— Ele não pode deixar de fazê-lo, pois sabe que eu penso *nele*.

— Não deveria pensar. Ele talvez ainda tenha alguma desculpa, mas não há nenhuma para você.

— Gostaria que a senhora tentasse encontrar uma — exclamou a moça, como se estivesse rezando para a Madona.

— Eu me arrependeria se fizesse isso — disse a Madona, com frieza inusitada. — Se você soubesse que havia outro pensando em você, pensaria nele?

— Ninguém pode pensar em mim como o senhor Rosier; ninguém tem o direito.

— Ah, mas eu não admito o direito do senhor Rosier! — exclamou Isabel, hipocritamente.

Pansy limitou-se a fitá-la, evidentemente muito intrigada, e Isabel, aproveitando-se disso, começou a explicar-lhe as terríveis conseqüências que haveria em ela desobedecer ao pai. Ante isso, Pansy interrompeu-a expressando-lhe a certeza de que nunca desobedeceria a ele, nunca casaria sem o consentimento dele. E anunciou do modo mais sereno e simples que, apesar de nunca vir a casar com o senhor Rosier, nunca deixaria de pensar nele. Parecia ter aceito a idéia de celibato eterno, mas Isabel naturalmente tinha liberdade de refletir que ela não tinha a menor concepção a respeito do que isso significava. Estava sendo muito sincera; estava preparada para desistir de seu enamorado. Isso poderia parecer um passo importante no caminho de aceitar o outro, mas, para Pansy, era óbvio que não levava a tal direção. Não sentia amargura nenhuma contra o pai; não

havia amargura em seu coração; havia somente a doçura da fidelidade a Edward Rosier e a estranha e deliciosa sugestão de que poderia provar melhor isso ficando solteira do que até mesmo casando com ele.

— Seu pai gostaria que fizesse melhor casamento — disse Isabel. — A fortuna do senhor Rosier não é nada grande.

— O que poderia ser melhor, se isso seria bom o bastante? E eu própria tenho tão pouco dinheiro! Por que deveria buscar fortuna?

— O fato de ter tão pouco é razão para buscar mais. — Ao dizer isso, Isabel agradeceu a obscuridade do quarto; sentiu que seu rosto espelhava medonha insinceridade. Era o que ela estava fazendo por Osmond; era o que se tinha que fazer por Osmond! Os solenes olhos de Pansy, fitos nos dela, quase a embaraçavam; tinha vergonha de pensar ter tratado com tanta superficialidade a preferência da moça.

— O que gostaria que eu fizesse? — perguntou esta.

A pergunta era terrível, e Isabel refugiou-se em uma tímida indefinição.

— Que lembrasse de todo o prazer que tem o poder de proporcionar a seu pai.

— Quer dizer casar com outra pessoa, se ele me pedir?

Por um instante, a resposta de Isabel se fez esperar; depois ela se ouviu dizer, no silêncio que a atenção de Pansy parecia aprofundar:

— Sim, casar com outra pessoa.

Os olhos da mocinha ficaram mais penetrantes; Isabel sentiu que ela duvidava da sinceridade dela e a impressão fortaleceu-se ao vê-la levantar-se devagar da almofada. Ficou ali parada por um momento com as pequenas mãos separadas e então, com voz trêmula, disse:

— Bem, espero que ninguém me peça!

— Já se falou sobre isso. Outra pessoa estaria prestes a pedi-la.

— Não acho que ele esteja prestes a fazer isso — disse Pansy.

— Parece que sim, se tiver certeza de que terá êxito.

— Se ele tiver certeza? Então não está pronto!

Isabel achou isso bem perspicaz; levantou-se também e ficou um momento olhando para o fogo.

— Lorde Warburton tem lhe dado muita atenção — prosseguiu —; é claro que é dele que estou falando. — Contra sua expectativa, viu-se quase na posição de ter que se justificar, o que a levou a introduzir o nobre de modo mais cru do que pretendia.

— Ele tem sido muito amável comigo, e eu gosto muito dele. Mas, se está querendo dizer que ele vai me pedir em casamento, acho que está enganada.

— Talvez esteja. Mas é algo de que o seu pai gostaria muitíssimo.

Pansy meneou a cabeça com um sorrisinho sabido.

— Lorde Warburton não vai pedir-me em casamento só para agradar a papai.

— Seu pai gostaria que você o encorajasse — prosseguiu Isabel, em tom mecânico.

— Como posso encorajá-lo?

— Não sei. O seu pai é que deve dizer-lhe isso.

Pansy nada disse por um momento; limitou-se a continuar sorrindo, como se possuísse alguma

certeza brilhante.

— Não há perigo, não há perigo! — declarou, por fim.

Havia tal convicção no modo como disse isso e tal propriedade no que acreditava que Isabel se sentiu pouco à vontade. Sentiu-se acusada de desonestidade e a idéia era revoltante. Para recuperar seu auto-respeito, estava a ponto de dizer que lorde Warburton a fizera saber que *havia* perigo. Mas não o fez; limitou-se a dizer, por causa do mal-estar que sentia, um tanto sem propósito, que ele realmente tinha sido muito amável, muito amigo.

— É, ele tem sido muito amável — respondeu Pansy. — É por isso que gosto dele.

— Então por que tanta dificuldade?

— Eu sempre tive certeza de que ele sabia que eu não queria — como foi que disse que eu tinha que fazer? — encorajá-lo. Ele sabe que não quero me casar com ele e quer que eu saiba que, portanto, não vai incomodar-me. Esse é o significado de sua bondade. É como se ele me dissesse: “Gosto muito de você, mas, se não lhe agrada, nunca mais falarei nisso”. Acho isso muito amável, muito nobre — continuou Pansy, num tom de acentuada firmeza. — Foi só isso o que dissemos um para o outro. E ele não me tem amor, também. Ah, não, não há perigo.

Isabel sentiu-se cheia de admiração ante o grau de percepção de que aquele pequeno ser submisso era capaz; sentiu medo da perspicácia de Pansy — quase começou a retrair-se diante dela. Observou com reserva:

— Precisa dizer isso a seu pai.

— Acho que prefiro não dizer — respondeu Pansy, sem reserva.

— Não deve deixar que ele tenha falsas esperanças.

— Talvez não, mas será bom para mim que ele tenha. Enquanto ele acreditar que lorde Warburton pretende fazer o que a senhora diz, não me apresentará mais ninguém. E isso será uma vantagem para mim — disse a jovem, com grande lucidez.

Havia algo de brilhante na lucidez dela que fez com que a outra respirasse fundo. Aliviava essa amiga de uma pesada responsabilidade. Pansy tinha luz suficiente por si só, e Isabel sentiu que ela própria, no momento, não tinha nenhuma sobrando em seu pequeno estoque. Não obstante, ainda permanecia a idéia de que tinha que ser leal a Osmond, de que sua honra estava em jogo ao tratar com a filha. Sob a influência desse sentimento, lançou outra sugestão antes de retirar-se — com tal sugestão, parecia-lhe ter cumprido sua missão.

— Seu pai tem como certo ao menos que você gostaria de se casar com um nobre.

Pansy ficou de pé na soleira da porta; tinha puxado a cortina para deixar Isabel passar.

— Acho que o senhor Rosier parece um nobre! — observou, muito séria.

Lorde Warburton não foi visto no salão da senhora Osmond durante vários dias, e Isabel não pôde deixar de notar que o marido nada lhe disse a respeito de ter recebido uma carta dele. Também não pôde deixar de observar que Osmond estava num estado de expectativa e que, embora não lhe fosse agradável demonstrá-lo, achava que o ilustre amigo fazia-o esperar demasiado. Ao cabo de quatro dias, ele aludiu à sua ausência.

— O que aconteceu com Warburton? O que ele pensa que é tratando as pessoas como se fossem comerciantes com contas para cobrar?

— Nada sei sobre ele — respondeu Isabel. — Vi-o na sexta-feira passada no Baile Alemão. Na ocasião, disse-me que tencionava escrever-lhe.

— Ele não me escreveu.

— Assim imaginei, já que você nada me disse.

— Ele é um sujeito estranho — disse Osmond, compreensivo. E, ao ver que Isabel não tinha nada a comentar, perguntou se levava cinco dias para o lorde compor uma carta. — Será que forma as palavras com tanta dificuldade?

— Não sei — Isabel viu-se forçada a responder. — Nunca recebi uma carta dele.

— Nunca recebeu? Eu tinha idéia de que houve tempo em que mantinham correspondência íntima.

Ela retrucou que não era verdade e deixou o assunto morrer. Porém, no dia seguinte, ao entrar na saleta no fim da tarde, o marido abordou o assunto de novo.

— Quando lorde Warburton lhe falou de sua intenção de escrever, o que você lhe disse? — perguntou.

Ela hesitou um pouco.

— Acho que recomendei a ele que não se esquecesse de fazê-lo.

— Achou que haveria perigo de ele esquecer?

— Como você disse, ele é um sujeito estranho.

— Aparentemente, esqueceu mesmo — disse Osmond. — Tenha a bondade de lembrar-lhe.

— Gostaria que eu escrevesse a ele? — perguntou ela.

— Não tenho objeção a isso.

— Espera demasiado de mim.

— Ah, sim, espero muito de você.

— Receio desapontá-lo no futuro — disse Isabel.

— Minhas expectativas sobreviveram a um grande número de desapontamentos.

— É claro que sei disso. Pense como eu devo ter desapontado a mim mesma! Se quer mesmo agarrar lorde Warburton, vai ter que fazer isso por conta própria.

Por alguns minutos, Osmond nada respondeu; depois disse:

— Isso não vai ser fácil, com você trabalhando contra mim.

Isabel teve um sobressalto; sentiu que começava a tremer. Ele tinha um jeito de olhar para ela por entre as pálpebras semicerradas, como se estivesse pensando nela, mas mal a vendo; isso parecia a ela ter uma intenção de intensa crueldade. Parecia reconhecê-la como desagradável necessidade de pensamento, mas ignorá-la como presença. Tal efeito nunca fora tão acentuado como agora.

— Acho que me acusa de algo bastante vil — retrucou.

— Acuso-a de não ser confiável. Se no fim das contas ele não abrir o jogo, será porque você o afastou. Não sei se isso é vil: é o tipo de coisa que uma mulher sempre acha que pode fazer. Não tenho dúvidas de que você tem idéias muito boas sobre isso.

— Eu lhe disse que faria o que pudesse — volveu ela.

— Sim, com isso ganhou tempo.

Ocorreu-lhe, quando ele disse isso, que um dia ela o achara bonito.

— Como deve estar querendo ter certeza a respeito dele! — exclamou em seguida.

Mal terminara de falar, percebeu a extensão de suas palavras, de que não estivera consciente ao pronunciá-las. Elas estabeleciam uma comparação entre ela e Osmond, lembravam o fato de que um dia ela tivera este cobiçado tesouro nas mãos e sentira-se rica o bastante para deixá-lo ir. Uma exaltação momentânea apoderou-se dela — um horrível deleite de tê-lo ferido, pois no mesmo instante o rosto dele provou-lhe que nada se perdera da força de sua exclamação. Porém, ele nada demonstrou de outro modo; limitou-se apenas a dizer, depressa:

— Sim, quero muitíssimo.

Nesse momento, entrou um criado para anunciar uma visita, seguido de perto por lorde Warburton, que teve um sobressalto visível ao ver Osmond. Olhou depressa do dono para a dona da casa, movimento esse que parecia denotar a relutância de interromper ou mesmo a percepção de condições desfavoráveis. Depois adiantou-se, com sua educação inglesa, na qual uma vaga timidez parecia oferecer-se como elemento de boa educação, e cujo único defeito era a dificuldade de fazer transições. Osmond estava embaraçado; não encontrava nada para dizer, mas Isabel observou logo que tinham estado falando sobre o visitante. Ao ouvir isso, o marido acrescentou que não sabiam o que lhe tinha acontecido — receavam que tivesse ido embora.

— Não — explicou este, sorrindo e olhando para Osmond —, estou prestes a ir. — E aí mencionou que tinha sido chamado de volta à Inglaterra, de repente: partiria no dia seguinte ou no próximo. — Sinto muitíssimo deixar o pobre Touchett! — exclamou, por fim.

Por um momento, nenhuma das outras pessoas falou; Osmond apenas recostou-se na poltrona, ouvindo. Isabel não olhou para ele; podia muito bem imaginar seu olhar. Manteve o olhar fixo no visitante com total liberdade, pois este evitava olhar para ela, com todo o cuidado. Porém Isabel tinha certeza de que, se encontrasse o seu olhar, veria que era expressivo.

— É melhor que leve o pobre Touchett junto — ouviu o marido dizer, em tom ligeiro, pouco depois.

— É melhor que ele espere por um tempo mais quente — respondeu lorde Warburton. — Não creio que seja aconselhável a ele viajar agora.

Ficou lá sentado um quarto de hora, conversando como se talvez não fosse vê-los de novo — a não ser que, de fato, fossem à Inglaterra, algo que muito recomendava. Por que não iam para a Inglaterra no outono? Isso lhe parecia muito boa idéia. Ele teria grande prazer em fazer o que pudesse por eles — em recebê-los em sua casa por um mês. Como o próprio Osmond confessou, só estivera na Inglaterra uma vez, o que era absurdo para um homem que gozava de tanto tempo livre e inteligência. Aquele sim era o país para ele — não havia dúvida de que se daria muito bem lá. Depois lorde Warburton perguntou a Isabel se ela se lembrava dos bons tempos que passara lá e se não gostaria de experimentar novamente. Não gostaria de rever Gardencourt? Gardencourt era mesmo muito bonita. Touchett não cuidava dela como merecia, mas era o tipo de lugar que não se conseguia estragar mesmo descuidando-se. Por que não iam fazer uma visita a Touchett? Com certeza, ele os tinha convidado. Não tinha? Que sujeito mal-educado! E lorde Warburton prometeu dizer umas boas para o dono de Gardencourt. É claro que isso fora apenas esquecimento; ele ficaria contentíssimo se eles fossem. Se passassem um mês com Touchett e um mês com ele e vissem as outras pessoas que provavelmente conheciam por lá, não iriam realmente achar ruim. Lorde Warburton acrescentou que também seria divertido para a senhorita Osmond, que lhe dissera nunca ter estado na Inglaterra e a quem ele declarara ser um país que merecia ser visto. Naturalmente ela não precisava ir à Inglaterra para ser admirada — tinha esse dom em toda parte, mas teria imenso sucesso lá, isso era certo, se é que havia necessidade desse estímulo. Perguntou se ela estava em casa — será que ele poderia despedir-se? Não que gostasse de despedidas — sempre fazia isso mal. Quando partira da Inglaterra há pouco tempo, não dissera até logo nem para o gato. Quase fora embora de Roma sem incomodar a senhora Osmond com uma visita de despedida. O que poderia ser mais enfadonho que uma visita de despedida? Não se diziam as coisas que se queria dizer — só se lembrava delas todas uma hora depois. Por outro lado, costumava-se falar muitas coisas que não se devia, só por achar que se tinha que dizer alguma coisa. Essa sensação era perturbadora; entorpecia a inteligência. No momento ele a estava sentindo, e era esse o efeito que causava nele. Se a senhora Osmond achasse que ele não estava falando como devia, tinha que atribuir isso à agitação; não era coisa fácil despedir-se da senhora Osmond. Ele estava de fato muito triste por ter que ir embora. Pensara em escrever-lhe em vez de vir pessoalmente — mas ele iria escrever de qualquer modo, para contar-lhe muitas coisas que, com certeza, lhe ocorreriam no momento em que saísse da casa deles. Eles deveriam pensar a sério em ir até Lockleigh.

Se havia algo embaraçoso nas condições da visita dele ou em sua comunicação sobre a partida, não emergiu. Lorde Warburton falou sobre sua agitação, mas não a demonstrou de qualquer outro modo, e Isabel percebeu que, já que ele havia decidido bater em retirada, era capaz de fazê-lo de modo muito galante. Ela alegrava-se por ele; gostava dele o bastante para desejar que se saísse bem. Ele fazia isso em qualquer ocasião — não por descaramento, mas apenas pelo costume do sucesso —, e Isabel sentiu que estava fora do controle do marido frustrar tal faculdade. Uma complexa operação estava em andamento em sua mente, enquanto estava ali sentada. Por um lado, ouvia o hóspede; dizia o que era adequado: lia, mais ou menos, nas entrelinhas do que ele dizia para si próprio e perguntava-se o que ele teria dito se a tivesse encontrado a sós. Por outro lado, tinha

perfeita consciência da emoção de Osmond. Quase chegava a sentir pena dele; ele estava condenado à dor cruciante da perda sem o alívio de um desabafo. Ele alimentara uma grande esperança e agora, ao vê-la desvanecer-se em fumaça, era obrigado a ficar sentado, a sorrir impotente. Não que ele se desse ao trabalho de sorrir muito; no todo, oferecia ao visitante uma expressão tão vazia quanto a que um homem sagaz como ele podia ostentar com propriedade. Era de fato parte da sagacidade de Osmond poder ter aparência de tão consumado descompromisso. Porém, a aparência dele, no momento, não era confissão de desapontamento; era apenas parte do sistema habitual de Osmond ser inexpressivo na proporção exata em que na verdade estava interessado. Ele estivera interessado nesse prêmio desde o início, porém nunca permitira que sua ansiedade iluminasse o rosto refinado. Ele tratara o possível genro como tratava a todos — com ar de estar interessado nele apenas em benefício do outro, e não por ele oferecer qualquer vantagem para uma pessoa já bem-dotada de modo tão geral e perfeito como Gilbert Osmond. Agora não daria demonstração alguma da raiva interior, resultado de uma frustrada perspectiva de vitória — nem o menor ou mais sutil sinal. Isabel poderia ter certeza disso, se é que lhe dava alguma satisfação. De modo estranho, muito estranho, era uma satisfação; ela desejava que lorde Warburton triunfasse perante o marido, e, ao mesmo tempo, desejava que o marido fosse muito superior diante de lorde Warburton. À maneira dele, Osmond era admirável; tinha como o visitante a vantagem do hábito adquirido. Não era o de vencer, mas outro quase tão bom — o de não tentar. Recostado ali na sua cadeira, ouvindo apenas vagamente os convites cordiais e explicações contidas do outro — como se nada fosse mais apropriado que presumir que as explicações fossem dirigidas em especial à esposa —, tinha pelo menos (já que lhe restava tão pouco) o consolo de pensar como ele se mantivera bem de fora, e como o ar de indiferença que agora conseguia adotar tinha a beleza suplementar da coerência. Era alguma coisa conseguir mostrar que as idas e vindas do visitante não tinham relação alguma com o que ele pensava. Este último desincumbia-se bem, com certeza, mas o desempenho de Osmond era por sua própria natureza mais bem-acabado. A posição de lorde Warburton, afinal de contas, era fácil; não havia motivo algum para ele não partir de Roma. Tivera inclinações beneficentes, mas estas se haviam detido antes de dar fruto; ele nunca se comprometera e sua honra estava salvaguardada. Osmond parecia ter interesse apenas moderado no convite para irem visitá-lo e na alusão ao sucesso que Pansy poderia obter da visita. Murmurou algo em reconhecimento, mas coube a Isabel dizer que era assunto para ser estudado muito bem. Enquanto dizia isso, Isabel pôde ver o panorama que se descortinava de repente na mente do marido com o pequeno vulto de Pansy caminhando no meio dele.

Lorde Warburton tinha pedido licença para despedir-se de Pansy, mas nem Isabel nem Osmond haviam feito qualquer gesto para mandar chamá-la. Ele dava a entender que sua visita tinha que ser curta; sentara-se numa pequena cadeira, como se fosse apenas por um instante, e continuou segurando o chapéu na mão. Mas ia ficando; Isabel perguntava-se o que estaria esperando. Acreditava que não era para ver Pansy; tinha a impressão de que, de modo geral, ele preferia não ver Pansy. Era naturalmente para vê-la a sós; ele tinha alguma coisa para dizer-lhe. Isabel não tinha grande vontade de ouvir, pois receava que fosse uma explicação, e podia muito bem dispensar

explicações. Porém, dali a pouco, Osmond levantou-se, como um homem de boas maneiras a quem de repente tinha ocorrido que um visitante tão freqüente talvez quisesse dizer a última palavra às damas.

— Tenho que escrever uma carta antes do jantar — disse —; peço-lhe licença. Vou ver se minha filha está desocupada e, se estiver, direi que o senhor está aqui. É claro que, quando vier a Roma, terá que nos visitar sempre. A senhora Osmond lhe dirá alguma coisa a respeito da expedição à Inglaterra: ela decide todas essas coisas.

O aceno de cabeça que deu, em vez de um aperto de mão, encerrando esse pequeno discurso, talvez tenha sido um cumprimento um tanto pobre, mas, no todo, era tudo o que a ocasião exigia. Isabel refletiu que, depois de ele sair da sala, lorde Warburton não teria pretexto para dizer: “Seu marido está muito zangado”, o que seria muitíssimo desagradável para ela. Ainda assim, se ele o tivesse feito, ela teria dito: “Oh, não fique preocupado. Ele não o odeia; é a *mim* que ele odeia!”.

Só quando os dois ficaram sozinhos foi que o amigo demonstrou um certo embaraço vago — foi sentar-se noutra cadeira, examinando um ou dois objetos próximos. Dali a um instante, observou:

— Espero que ele mande a senhorita Osmond vir. Gostaria muito de vê-la.

— Alegro-me que seja a última vez — disse Isabel.

— Eu também. Ela não tem amor por mim.

— Não, não tem amor pelo senhor.

— Não me admira — volveu ele. Depois acrescentou, sem coerência: — Irá à Inglaterra, não?

— Acho melhor não irmos.

— Ah, está me devendo uma visita. Não se lembra de que era para ter ido a Lockleigh uma vez e nunca o fez?

— Tudo mudou depois disso — respondeu Isabel.

— Não para pior, certamente; pelo menos com respeito a nós. Vê-la sob meu teto — e então ele fez uma breve pausa — seria uma grande satisfação.

Ela reudara uma explicação, mas foi só isso o que aconteceu. Falaram um pouco sobre Ralph, e logo em seguida Pansy entrou, já vestida para jantar e com uma pequena mancha de rubor em cada face. Ela apertou a mão de lorde Warburton e ficou olhando para o rosto dele com um sorriso fixo — um sorriso que Isabel sabia ser, embora provavelmente o nobre nunca tenha suspeitado, muito próximo de um rompante de choro.

— Vou embora — disse ele. — Quero despedir-me.

— Adeus, lorde Warburton. — A voz dela tremia sensivelmente.

— E gostaria de dizer-lhe que lhe desejo toda a felicidade do mundo.

— Muito obrigada, lorde Warburton — respondeu Pansy.

Ele hesitou um momento e lançou um olhar para Isabel.

— Tem tudo para ser muito feliz; tem um anjo da guarda.

— Estou certa de que serei feliz — disse Pansy, no tom de alguém cujas certezas são sempre otimistas.

— Com uma convicção dessas irá longe. Mas, se ela lhe falhar algum dia, lembre-se... lembre-se... — E ficou meio engasgado. — Pense em mim às vezes, está bem? — E terminou com uma

risada vaga. Então trocou um aperto de mão com Isabel e foi embora.

Quando ele saiu da sala, Isabel esperava um dilúvio de lágrimas da enteada, mas, na verdade, Pansy teve uma reação bem diferente.

— Eu acho que a senhora é meu anjo da guarda! — exclamou com doçura.

Isabel meneou a cabeça.

— Não sou anjo nenhum. Sou no máximo uma boa amiga.

— Então é uma amiga muito boa por ter pedido a papai que fosse bondoso comigo.

— Não pedi nada a seu pai — disse Isabel, um tanto espantada.

— Ele acabou de dizer-me que viesse até a saleta, e então deu-me um beijo muito carinhoso.

— Ah — disse Isabel —, isso foi idéia só dele!

Ela reconheceu muito bem a idéia; era bem característica dele, e ainda iria ver muitas outras assim. Mesmo com Pansy, ele não podia mostrar-se culpado. Jantaram fora nessa noite e, depois do jantar, foram a outro lugar, de modo que só mais tarde Isabel o viu a sós. Quando Pansy beijou-o antes de ir dormir, ele retribuiu-lhe o abraço com maior munificência que de hábito, e Isabel perguntou-se se o fazia como uma insinuação de que a filha tinha sido magoada pelas maquinações da madrasta. Era uma expressão parcial, de qualquer modo, do que ele continuava a esperar da esposa. Ela ia acompanhar Pansy, mas ele comentou que gostaria que ficasse; tinha algo a dizer-lhe. Depois, pôs-se a andar pela sala enquanto ela continuava de pé, ainda com o manto nas costas.

— Não compreendo o que você quer fazer — disse ele, dentro de alguns minutos. — Gostaria de saber, para poder agir.

— No momento quero ir para a cama. Estou muito cansada.

— Sente-se e descanse; não vou levar muito tempo. Não aí — pegue uma cadeira confortável. — E arrumou um montão de almofadas que estavam espalhadas em pitoresca desordem sobre um vasto divã. Porém não foi ali que ela se sentou; jogou-se na cadeira mais próxima. Aconchegou o manto ao corpo; sentia um frio mortal. — Acho que está tentando humilhar-me — continuou Osmond. — É uma tarefa absurda.

— Não tenho a menor idéia do que quer dizer — devolveu ela.

— Jogou um jogo muito difícil e manejou-o muito bem.

— O que foi que manejei?

— Mas não conseguiu acabar com tudo; ainda vamos voltar a vê-lo. — E, dizendo isso, parou na frente dela, com as mãos nos bolsos e o olhar fixo nela com atenção como costumava fazer, o que parecia destinado a deixar claro que ela não era um objeto de reflexão, mas apenas um incidente um tanto desagradável.

— Se quer dizer que lorde Warburton tem obrigação de voltar, está enganado — disse Isabel. — Não tem obrigação alguma.

— É isso o que me aborrece. Mas, quando digo que voltará, não me refiro que o fará por senso de dever.

— Não há mais nada que o faça vir. Acho que ele esgotou Roma por completo.

— Ah, não, isso é uma conclusão superficial. Roma é inesgotável. — Osmond voltou a caminhar de um lado para o outro. — Mas talvez não haja pressa a respeito disso — continuou. — É uma

boa idéia irmos para a Inglaterra. Não fosse pelo medo de encontrarmos seu primo, acho que tentaria persuadi-la.

— Pode acontecer que não encontre meu primo — disse Isabel.

— Gostaria de ter certeza disso. Mas vou me certificar o máximo possível. Por outro lado, gostaria de conhecer a casa dele, da qual você tanto me falou numa época; como se chama? Gardencourt? Deve ser encantadora. E também, como sabe, sou muito devotado à memória do seu tio; você despertou meu interesse por ele. Gostaria de ver onde viveu e morreu. Na verdade, isso é um detalhe. Seu amigo tinha razão: Pansy deve conhecer a Inglaterra.

— Estou certa de que gostará muito — observou Isabel.

— Mas ainda falta muito tempo para isso; o próximo outono está bem longe — continuou Osmond —, e nesse meio-tempo há coisas que nos interessam mais de perto. Você me acha tão orgulhoso assim? — perguntou de repente.

— Acho-o muito estranho.

— Você não me compreende.

— Não, nem mesmo quando me insulta.

— Eu não a insulto; sou incapaz disso. Limito-me apenas a falar de certos fatos e, se lhe parecer uma injúria, não será culpa minha. E o fato é que você manteve toda essa questão inteiramente em suas mãos.

— Vai voltar de novo ao assunto de lorde Warburton? — perguntou Isabel. — Estou farta de ouvir o nome dele.

— Vai ouvi-lo mais de uma vez, antes de encerrarmos este assunto.

Ela mencionara que ele a insultava, mas de repente pareceu-lhe que isso cessara de causar-lhe dor. Ele estava afundando, afundando, e a visão da queda quase chegava a atordoá-la; essa era a única dor. Ele era por demais estranho e diferente para atingi-la. Ainda assim, o processo de sua mórbida paixão era extraordinário, e havia nela uma crescente curiosidade de saber sob que prisma ele encontrava justificativa para si mesmo.

— Eu poderia afirmar que acho que nada tem a dizer-me que valha a pena ouvir — observou ela, logo depois. — Mas talvez eu esteja enganada. Há uma coisa que valeria a pena: é saber em palavras muito claras do que é que me acusa.

— De ter impedido o casamento de Pansy com Warburton. Estou sendo bastante claro?

— Ao contrário, interessei-me muito pelo assunto. Você sabia disso, e, quando disse que contava comigo — acho que foi isso o que disse —, aceitei o encargo. Cometi uma tolice, mas aceitei.

— Fingiu aceitar e até fingiu relutância, para tornar-me mais disposto a confiar em você. Então começou a usar seu talento para afastá-lo.

— Acho que sei o que quer dizer — disse Isabel.

— Onde está a carta que disse que ele havia escrito? — indagou o marido.

— Não tenho a menor idéia; não perguntei a ele.

— Você a interceptou — disse Osmond.

Isabel levantou-se devagar; ali parada, com o manto branco a cobri-la até os pés, passaria pela imagem do anjo do desprezo, primo-irmão da piedade.

— Oh, Gilbert, você era tão bom!... — deixou escapar, num longo murmúrio.

— Nunca fui tão bom como você. Você fez tudo o que queria. Conseguiu tirá-lo do caminho sem parecer fazê-lo e colocou-me na posição em que queria ver-me — a de um homem que tentou casar a filha com um lorde e fracassou grotescamente.

— Pansy não gosta dele. Ela está contente que tenha ido embora — interpôs Isabel.

— Isso nada tem a ver com a questão.

— E ele não gosta de Pansy.

— Essa desculpa não serve; você me disse que ele gostava. Não sei por que você queria ter essa satisfação — prosseguiu Osmond —, poderia ter sido outra qualquer. Não me parece que fui presunçoso, ou tenha esperado muito. Fui até muito modesto sobre o caso, muito discreto. A idéia não partiu de mim. Ele demonstrou gostar dela antes de eu jamais pensar nisso. Deixei tudo a seu cargo.

— Sim, você ficou bem contente de transferir-me a responsabilidade. Daqui para a frente, passe a cuidar dessas coisas pessoalmente.

Ele olhou-a por um momento; depois se afastou.

— Pensei que gostasse de minha filha.

— Nunca gostei tanto quanto hoje.

— Sua afeição vem acompanhada de imensas limitações. Mas talvez isso seja natural.

— Era só isso o que tinha a dizer-me? — perguntou Isabel, pegando uma vela que estava sobre uma das mesas.

— Está satisfeita? Estou desapontado o suficiente?

— Não acho que, de modo geral, você esteja desapontado. Encontrou outra oportunidade de tentar me atordoar.

— Não é isso. Está provado que Pansy pode ter grandes aspirações.

— Pobre Pansy! — disse Isabel, saindo com a vela.

Foi por Henrietta Stackpole que ela soube como Caspar Goodwood chegara a Roma; acontecimento que ocorreu três dias após a partida de lord Warburton. Esse último fato fora precedido por um incidente de certa importância para Isabel — a temporária ausência, mais uma vez, de madame Merle, que fora a Nápoles para hospedar-se em casa de amigos, felizes proprietários de uma *villa* em Posillipo. Madame Merle deixara de contribuir para a felicidade de Isabel, que por vezes se perguntava se a mais discreta das mulheres também não seria por acaso a mais perigosa. Às vezes, à noite, tinha estranhas visões: parecia-lhe ver o marido e a amiga — amiga dele — em vaga e indistinta combinação. Parecia-lhe que o assunto com ela não estava terminado; aquela senhora tinha alguma coisa reservada. A imaginação de Isabel aplicava-se ativamente a esse ponto fugidio, mas vez por outra era detida por um medo inominável, de modo que, quando a encantadora dama estava fora de Roma, ela quase sentia uma sensação de trégua. Já soubera pela senhorita Stackpole que Caspar Goodwood estava na Europa, pois Henrietta escrevera-lhe, imediatamente depois de tê-lo encontrado em Paris. Ele próprio nunca escrevera a Isabel, e, apesar de estar na Europa, ela achava bem possível que ele não tivesse vontade de vê-la. O último encontro deles, antes de seu casamento, tivera todas as características de uma ruptura; se ela bem se lembrava, ele dissera que aquela seria a última vez que a via. Desde essa época, ele fora o sobrevivente mais destoante de seu passado — o único, na verdade, com quem a mágoa permanente estava associada. Ele a deixara naquela manhã com a sensação do mais supérfluo dos choques: era como uma colisão entre navios em plena luz do dia. Não tinha havido nevoeiro nem correntes ocultas para justificá-la, e ela própria só quisera desviar-se. Ele colidira com a sua proa, porém, enquanto ela segurava o leme e — para completar a metáfora — tinha causado uma tensão ao navio que de vez em quando ainda transparecia num leve rangido. Fora horrível vê-lo porque ele representava o único grande mal que ela (segundo acreditava) jamais causara a alguém no mundo: ele era a única pessoa que lhe pedira algo que não pudera dar. Ela o fizera infeliz; não fora possível impedir-se de fazê-lo, e a infelicidade causada a ele era uma cruel realidade. Ela chorara de raiva depois que ele a deixara, de raiva por... — não sabia bem por quê: preferia pensar que fora pela falta de consideração da parte dele. Ele a procurara com sua infelicidade quando a própria aventura dela era tão perfeita; ele fizera tudo o que pudera para embaçar o brilho daqueles raios puros. Não fora violento, e no entanto houvera violência na impressão causada. Houvera violência, de qualquer modo, em alguma coisa, em algum lugar; talvez tivesse sido apenas na crise de choro dela e na sensação posterior à mesma que durara três ou quatro dias.

O efeito do apelo final dele tinha, em pouco tempo, se desvanecido, e, durante todo o primeiro ano de seu casamento, ele saíra de suas lembranças. Era um assunto ingrato para referência: era desagradável ter que lembrar alguém zangado e sombrio a seu respeito, e por quem, no entanto,

nada se podia fazer para ajudar. Teria sido diferente se ela pudesse duvidar, ainda que um pouco, do estado de inconformismo dele, assim como duvidava do de lord Warburton; infelizmente, isso era impossível, e esse aspecto agressivo e intransigente era exatamente o que tornava o assunto pouco atraente. Ela nunca poderia se convencer de que ali estava um sofredor que tinha compensações, como era possível fazer no caso do pretendente inglês. Não punha fé nas compensações do senhor Goodwood e não as tinha em bom apreço. Um moinho de algodão não era compensação para nada — menos ainda por ele não ter conseguido se casar com Isabel Archer. E, no entanto, ela não sabia o que ele tinha além disso — exceto, é claro, suas qualidades intrínsecas. Oh, ele era bastante intrínseco; ela nunca podia imaginá-lo buscando ajudas artificiais. Se ele ampliasse seu negócio — essa, pelo menos ela assim acreditava, era a única forma que o esforço adotava nele —, seria porque era um empreendimento bom para a firma; mas não por ele esperar que isso fosse abafar o passado. Essa característica emprestava à imagem dele uma certa nudez e desolação que tornava o fato de encontrá-lo na memória ou na inteligência um estranho abalo; faltavam-lhe as vestes sociais que de hábito arredondam, numa era supercivilizada, as arestas dos contatos humanos. Além disso, seu perfeito silêncio, o fato de nunca ter notícias dele e só raramente ouvi-lo ser mencionado acentuavam essa impressão da sua solidão. Ela pedia notícias dele a Lily, vez por outra, mas ela nada sabia sobre Boston; tinha a imaginação toda delimitada a leste pela Madison Avenue. À medida que o tempo passava, Isabel passara a pensar nele mais freqüentemente e com menos restrições; mais de uma vez tivera a idéia de escrever-lhe. Nunca contara ao marido sobre ele — nunca falara a Osmond sobre as visitas que ele lhe fizera em Florença, reserva que, nos primeiros tempos, não fora ditada por falta de confiança em Osmond, mas apenas por julgar que o desapontamento do rapaz não era um segredo seu e sim dele mesmo. Julgava que seria errado, da parte dela, transmiti-lo a outra pessoa, e os assuntos do senhor Goodwood não poderiam, afinal de contas, ter qualquer interesse para Gilbert. O fato é que ela nunca chegara a escrever-lhe; parecia-lhe que, dado o ressentimento dele, o melhor que poderia fazer era deixá-lo em paz. Não obstante, teria sido bom estar de alguma forma mais ligada a ele. Não que alguma vez lhe tivesse ocorrido que poderia ter se casado com ele; mesmo depois das conseqüências de sua atual união terem se tornado tão vívidas, esse pensamento, embora ela se entregasse a muitos, não tivera a segurança de vir à tona. Mas ao ver a si própria com problemas, ele entrara naquele círculo de coisas com as quais ela queria se acertar. Já mencionei com que intensidade ela precisava sentir que sua infelicidade não acontecera por sua própria culpa. Não havia perspectiva próxima de morte, porém, ainda assim, queria fazer as pazes com o mundo — colocar suas questões espirituais em ordem. De vez em quando ocorria-lhe que ainda havia uma conta a ser acertada com Caspar e via-se disposta ou capaz de fazê-lo agora, em melhores termos para ele do que jamais o fora. Ainda assim, quando soube que ele estaria em Roma, sentiu medo; seria muito desagradável se ele, mais que qualquer outra pessoa, descobrisse — já que ele *iria* descobrir, como se examinasse um balanço adulterado ou algo parecido — a íntima desordem da vida dela. No fundo do coração, ela acreditava que ele investira tudo na felicidade dela, enquanto os outros tinham investido apenas uma parte. Ele era mais uma pessoa a quem ela teria que dissimular sua tensão. Tranqüilizou-se, porém, depois que ele chegou a Roma, pois passaram-se vários dias sem que ele fosse visitá-la.

Como se pode bem imaginar, Henrietta Stackpole era muito mais assídua, e Isabel foi grandemente favorecida pela companhia da amiga. Aproveitou-a ao máximo, pois, já que fizera tanta questão de manter a consciência limpa, era um meio de provar que não fora superficial — ainda mais porque os anos, ao passarem, tinham mais enriquecido do que obscurecido aquelas peculiaridades criticadas em tom de troça por pessoas menos interessadas que Isabel, e que ainda eram marcantes o suficiente para emprestar à lealdade um tempero de heroísmo. Henrietta continuava tão viva e rápida e animada como sempre e tão arrumada e alegre e justa. Seus olhos excepcionalmente abertos, iluminados pelos ladrilhos das vastas estações ferroviárias, não tinham adotado venezianas; seus trajes nada tinham perdido do frescor, suas opiniões, nada de sua referência nacional. Entretanto, isso não significa que não tivesse mudado; pareceu a Isabel que se tornara vaga. No passado, nunca fora vaga; apesar de fazer várias perguntas ao mesmo tempo, conseguia ser meticulosa e precisa sobre cada uma delas. Tudo o que fazia tinha um motivo; podia-se dizer que era um poço de motivos. Antigamente, quando chegou à Europa, foi porque queria conhecê-la; mas agora, depois de tê-la conhecido, não tinha essa desculpa. Nem por um instante fingia que o desejo de examinar civilizações decadentes tivesse algo a ver com seu empreendimento presente; a viagem dela era mais uma expressão de sua independência do velho mundo do que do senso de ter outras obrigações para com ele.

— Não é nada vir à Europa — disse a Isabel —; não me parece que seja necessário ter tantos motivos assim. É muito mais importante ficar em casa. — Não era, portanto, com a sensação de estar fazendo algo muito importante que ela se concedera outra peregrinação a Roma; ela já estivera lá antes e inspecionara com cuidado a cidade; o presente ato era apenas um sinal de familiaridade, de saber tudo a respeito dela, de ter tanto direito como qualquer outra pessoa de estar ali. Até aí, nada havia de extraordinário. Henrietta era inquieta; também tinha todo o direito de ser inquieta, aliás. Mas, afinal, tinha melhor motivo para ir a Roma que o fato de não ligar muito para a cidade. A amiga reconheceu facilmente isso, e, paralelamente, o valor da lealdade da outra. Ela atravessara o tempestuoso oceano no meio do inverno porque pressentira que Isabel estava triste. Henrietta tinha muitos palpites, mas nunca um tão feliz quanto esse. As satisfações de Isabel, no momento, eram poucas, mas, ainda que fossem mais numerosas, haveria algo muito parecido à alegria pessoal na sensação de estar justificada por ter tido sempre boa opinião sobre Henrietta. Ela fizera grandes concessões a seu respeito e ainda tinha insistido em que, apesar de todos os senões, ela tinha grande valor. Não era seu próprio triunfo, porém, que ela achava bom; mas apenas o alívio de confessar a essa confidente, a primeira pessoa a quem admitia isso, que não estava nem um pouco à vontade. A própria Henrietta abordara esse ponto sem mais delongas e acusara-a de estar muito infeliz. Era uma mulher, era uma irmã; não era Ralph, nem lorde Warburton, nem Caspar Goodwood, e Isabel podia falar.

— Sim, estou infeliz — disse brandamente. Detestava ouvir-se dizer isso; tentou dizê-lo do modo mais ponderado possível.

— O que ele faz? — perguntou Henrietta, franzindo o cenho, como se estivesse fazendo perguntas sobre a atividade de algum médico charlatão.

— Não faz nada. Mas não gosta de mim.

— É muito exigente, então! — exclamou a senhorita Stackpole. — Por que não o deixa?

— Não posso mudar assim — disse Isabel.

— Por que não, poderia me dizer? Não admite que cometeu um erro. É orgulhosa demais.

— Não sei se sou orgulhosa demais. Mas não posso anunciar em público meu erro. Não acho isso decente. Preferia morrer.

— Não vai pensar sempre assim — disse Henrietta.

— Não sei a que uma grande infelicidade poderá levar-me, mas penso que sempre terei vergonha. As pessoas devem aceitar seus atos. Casei-me com ele diante do mundo; tinha total liberdade; era impossível fazer algo mais deliberado. Não se pode mudar assim — repetiu Isabel.

— Apesar da impossibilidade, você *mudou*. Espero que não esteja querendo dizer que gosta dele.

Isabel ponderou.

— Não, não gosto dele. Posso dizer a você, porque estou cansada de meu segredo. Mas basta isso; não posso anunciar aos brados.

Henrietta deu uma risada.

— Não acha que está tendo demasiada consideração?

— Não é por ele que estou tendo consideração, e sim por mim mesma! — respondeu Isabel.

Não era de admirar que Gilbert Osmond não se desse bem com a senhorita Stackpole; por instinto, sentia antagonismo por uma jovem senhora capaz de aconselhar a esposa a retirar-se do domicílio conjugal. Quando ela chegou a Roma, ele dissera a Isabel que esperava que esta não se chegasse muito à amiga entrevistadora, e Isabel respondera que ele, pelo menos da parte dela, nada tinha a recear. Disse a Henrietta que, como Osmond não gostava dela, não podia convidá-la para o jantar, mas poderiam, sem problemas, se encontrar de outras maneiras. Isabel recebeu com toda a liberdade a senhorita Stackpole em sua própria saleta e levou-a várias vezes a passear de carruagem, sentada de frente para Pansy, que, um pouco curvada do lado oposto do veículo, fitava a famosa autora com respeitosa atenção, o que, de vez em quando, Henrietta achava irritante. Queixou-se a Isabel de que a senhorita Osmond tinha um pouco o ar de quem queria lembrar tudo o que a outra pessoa dizia.

— Não quero ser lembrada assim — declarou a senhorita Stackpole. — Julgo que minhas conversas referem-se apenas ao momento, como os jornais matutinos. Sua enteada, ali sentada, parece ter guardado todo os números antigos para usá-los um dia contra mim.

Não podia tentar pensar de modo favorável a respeito de Pansy, cuja ausência de iniciativa, de conversa e de anseios pessoais parecia-lhe, numa moça de vinte anos, não natural e até mesmo estranha. Isabel logo se deu conta de que Osmond teria gostado de que ela insistisse um pouco mais em favor da amiga, de modo que ele pudesse parecer agüentá-la só por educação. A imediata aceitação por parte dela das suas objeções fazia-o parecer errado — sendo, com efeito, uma das desvantagens de expressar o menosprezo não se poder, ao mesmo tempo, desfrutar o crédito de expressar a simpatia. Osmond agarrava-se ao crédito, porém também se agarrava às objeções — e isso tudo eram elementos de difícil conciliação. A coisa certa teria sido a senhorita Stackpole ter ido jantar no Palazzo Roccanera uma ou duas vezes, de modo a (apesar da superficial civilidade dele, sempre tão grande) julgar por si mesma quanto isso desagradava a ele. Mas, uma vez que as

duas senhoras se portaram daquele modo, nada havia que Osmond pudesse fazer a não ser desejar que a visitante de Nova York se retirasse. Era surpreendente a pouca satisfação que ele tinha com os amigos da mulher; aproveitou a oportunidade para chamar a atenção de Isabel para esse fato.

— Certamente você não é feliz com seus amigos mais íntimos; gostaria que começasse uma nova coleção — disse-lhe uma manhã, sem causa visível no momento, mas em tom de madura reflexão, que privava o comentário de toda característica brutal e repentina. — É como se tivesse se dado ao trabalho de escolher no mundo as pessoas com quem eu tenho menos em comum. O seu primo, sempre achei um burro presunçoso — além de ser o animal menos favorecido que conheço. Depois, é uma terrível maçada que não se possa dizer isso a ele; tem que ser poupado por causa da saúde. Essa saúde parece ser o que ele tem de melhor; concede-lhe privilégios de que mais ninguém goza. Se está tão gravemente doente, só há uma maneira de provar, mas ele não parece disposto a fazê-lo. Também não posso dizer grande coisa do ilustre Warburton. Pensando bem, a calma insolência do comportamento dele foi algo raro! Vem e examina a filha da gente como se fosse um imóvel à venda; experimenta as fechaduras e se debruça às janelas, dá pancadinhas nas paredes e chega a pensar que vai ficar com ele. Quer fazer o favor de redigir o contrato? Então, de repente, decide que os cômodos são muito pequenos; acha que não vai conseguir morar no terceiro andar; tem que procurar um *pianonobile*. E vai embora depois de ter conseguido um mês de permanência grátis no pobre apartamentozinho. A senhorita Stackpole, porém, é a sua invenção mais fantástica. Ela me parece uma espécie de monstro. Não há um nervo no corpo da gente que ela não faça estremecer de exasperação. Sabe que eu nunca admiti que ela seja mulher? Sabe o que me faz lembrar? Uma pena de aço nova — a coisa mais detestável do mundo. Ela fala como escreve uma pena de aço; por falar nisso, as cartas dela não são escritas em papel pautado? Ela pensa, se move, anda e tem o jeito exato da maneira como fala. Você talvez diga que ela não me molesta, visto que não a vejo. Não a vejo, mas a ouço; ouço-a o dia inteiro. Tenho a voz dela nos meus ouvidos; não consigo livrar-me dela. Sei exatamente o que diz e cada inflexão de tom que usa para dizer as coisas. Diz coisas encantadoras a meu respeito e isso proporciona a você grande conforto. Não gosto nem um pouco de pensar que ela fale a meu respeito — sinto-me como acho que me sentiria se soubesse que um criado estava usando meu chapéu.

Henrietta falava a respeito de Gilbert Osmond, como a esposa lhe assegurou, bem menos do que ele desconfiava. Ela tinha muitos outros assuntos, em dois dos quais supõe-se que o leitor tenha especial interesse. Ela contou à amiga que Caspar Goodwood descobrira por si mesmo que ela estava infeliz, embora, na verdade, o engenho dele não fosse capaz nem de sugerir que consolo ele esperava dar-lhe indo a Roma sem fazer-lhe uma visita. Encontraram-no duas vezes na rua, mas ele não as viu; elas estavam de carruagem, e ele tinha o hábito de olhar fixo para a frente, como se sua intenção fosse apreciar apenas um objeto de cada vez. Isabel seria capaz de imaginar que o tinha visto apenas na véspera; deve ter sido com aquela exata expressão e andar que ele saiu pela porta da casa da senhora Touchett por ocasião do último encontro. Estava vestido do mesmo modo que naquele dia; Isabel lembrava-se da cor da gravata e, ainda assim, apesar dessa aparência familiar, havia também alguma estranheza na sua figura, algo que a fez sentir novamente que era terrível ele ter ido a Roma. Ele parecia maior e mais alto que antigamente, e naquele tempo sua altura já não

era pequena. Ela notou que as pessoas por quem ele passava voltavam-se para olhá-lo, mas ele continuava em frente, mantendo o rosto erguido acima delas, como um céu de fevereiro.

O outro tópico da senhorita Stackpole era bem diferente; ela deu a Isabel as últimas notícias sobre o senhor Bantling. Ele fora até os Estados Unidos no ano anterior, e ela teve a satisfação de dizer que pudera dispensar-lhe toda a atenção. Não sabia se ele tinha gostado da viagem, mas ela podia dizer, sem medo de errar, que tinha sido bom para ele; não era a mesma pessoa ao partir. Isso lhe abria os olhos e mostrara que a Inglaterra não era tudo. Ele fora muito apreciado na maioria dos lugares onde estivera, embora fosse julgado de extrema simplicidade — mais simples do que geralmente se supõe que os ingleses sejam. Houve gente que o achou afetado; ela não sabia se eles queriam dizer que essa simplicidade era afetação. Algumas das suas perguntas eram por demais desanimadoras; achava que todas as filhas de fazendeiro eram arrumadeiras — ou que todas as arrumadeiras eram filhas de fazendeiro, ela não lembrava bem qual dos dois. Não era capaz de entender o grande sistema escolar; isso tinha sido mesmo demais para ele. No geral, ele se portara como se houvesse excesso de tudo — e ele só pudesse absorver uma pequena parte. A parte que tinha escolhido fora o sistema hoteleiro e a navegação fluvial. Ele parecera ficar fascinado com os hotéis; tinha fotografias de todos os que visitara. Mas os navios a vapor dos rios eram seu principal interesse; ele não queria fazer mais nada a não ser passear nos grandes barcos. Tinham viajado juntos de Nova York a Milwaukee, parando nas cidades mais interessantes do trajeto, e, sempre que se punham novamente a caminho, ele queria saber se não podiam ir de barco. Parecia não ter noção de geografia — achava que Baltimore era uma cidade do Oeste, e estava sempre esperando chegar no Mississippi. Parecia não ter ouvido falar de nenhum rio na América a não ser o Mississippi, e não estava preparado para reconhecer a existência do Hudson, embora se visse obrigado a admitir, por fim, que em nada ficava a dever ao Reno. Tinham passado horas agradáveis nos vagões de luxo, onde ele ficava sempre mandando o criado negro trazer sorvete. Ele não conseguia habituar-se à idéia de que se pudesse tomar sorvete no trem. É claro que não havia sorvetes, nem ventiladores, nem balas, nem nada nos trens ingleses! Ele achou o calor sufocante, e ela lhe dissera que de fato achava ser o maior que ele já sentira. Agora ele estava na Inglaterra caçando — “caçando por aí”, dizia Henrietta. Essa diversão era própria dos peles-vermelhas; há muito que os americanos tinham deixado para trás os prazeres da caça. Parecia ser crença geral na Inglaterra que usávamos machadinhas de guerra e penas, mas esse figurino estava mais de acordo com os hábitos ingleses. O senhor Bantling não teria tempo de encontrar-se com ela na Itália, mas, quando ela voltasse para Paris, ele pensava em ir até lá. Queria muito rever Versalhes; tinha o Antigo Regime em grande apreço. Não concordavam nesse ponto, mas era por isso que ela gostava de Versalhes, porque se podia ver que o Antigo Regime tinha sido arrasado. Não havia mais duques e marqueses, ao contrário ela se lembrava de um dia ter encontrado por ali cinco famílias americanas. O senhor Bantling estava muito ansioso para que ela voltasse ao tema da Inglaterra, e achava que, dessa vez, ela se daria melhor; a Inglaterra tinha mudado muito em dois ou três anos. Ele estava resolvido que, se ela fosse para lá, ele iria visitar a irmã, *lady* Pensil, e desta vez o convite chegaria às mãos dela direitinho. O mistério sobre o outro nunca fora solucionado.

Caspar Goodwood foi, por fim, ao Palazzo Roccanera; escrevera antes um bilhete a Isabel,

pedindo-lhe licença para ir. Esta foi de pronto concedida; ela estaria em casa às seis horas daquela tarde. Ela passou o dia perguntando-se a que ele viria — o que esperava conseguir. Até então ele se apresentara como uma pessoa desprovida da faculdade de transigência; teria o que pedia ou nada. Porém a hospitalidade de Isabel não lhe permitiu fazer pergunta alguma, e ela não encontrou grande dificuldade em se mostrar feliz o suficiente para enganá-lo. Pelo menos, foi nisso que ela acreditou, que o tinha enganado, obrigando-o a dizer a si mesmo que fora mal informado. Mas também percebeu, ou assim quis crer, que não estava desapontado, como alguns outros certamente teriam ficado; ele não fora a Roma atrás de uma oportunidade. Ela nunca descobriu para que ele tinha ido; ele não lhe deu explicação; não podia haver outra senão a evidência de que queria vê-la. Em outras palavras, ele tinha ido para se distrair. Isabel apegou-se a essa dedução com bastante afã e ficou muito satisfeita de ter encontrado uma fórmula que enterraria de vez o ressentimento antigo do cavalheiro em questão. Se ele estava em Roma para distrair-se, era isso exatamente o que ela queria, pois se ele estava interessado em distrair-se era porque estava curado do desgosto. Se curado do desgosto, tudo estava como deveria estar e as responsabilidades dela tinham cessado. Era verdade que ele se entregava à sua distração de modo bastante rígido, mas nunca fora um homem flexível nem fácil, e ela tinha bons motivos para crer que ele estivesse satisfeito com o que via. Henrietta não gozava das confidências dele, embora ele gozasse das dela, e Isabel, por conseguinte, não recebeu nenhuma luz indireta a respeito do seu estado de espírito. Ele era dado a pouca conversa sobre assuntos gerais; voltou-lhe à lembrança o que ela dissera a respeito dele uma vez, anos antes: “O senhor Goodwood fala bastante, mas não conversa”. Dessa vez, ele também falou muito mas conversou pouco, considerando o muito que há em Roma sobre o que conversar. A chegada dele não fora calculada para simplificar o relacionamento dela com o marido, pois, se o senhor Osmond não gostava dos seus amigos, o senhor Goodwood não podia exigir a atenção dele, exceto por ter sido um dos primeiros amigos dela. Nada havia para dizer dele, a não ser que era o mais antigo de todos; essa síntese bastante pobre esgotava os fatos. Ela fora obrigada a apresentá-lo a Gilbert; era impossível não convidá-lo para jantar nas suas noites de quinta-feira, das quais ela já estava tão cansada, mas a que o marido ainda se apegava, não tanto para convidar pessoas quanto para não convidá-las.

Às quintas-feiras, lá ia solene o senhor Goodwood, sempre bem cedo; parecia considerar essas noites com muita seriedade. Isabel, de vez em quando, tinha um instante de raiva; havia algo de muito prosaico a respeito dele; ela achava que ele deveria saber que ela não sabia o que fazer com ele. Mas não podia chamá-lo de estúpido; ele não o era de modo algum; era apenas de uma extraordinária honestidade. Ser tão honesto assim tornava um homem diferente da maioria das pessoas; exigia que o outro fosse quase igualmente honesto com *ele*. Essa última reflexão ocorreu-lhe quando se iludia de que o convencera de ser a mulher mais despreocupada do mundo. Ele nunca levantou dúvida alguma sobre esse ponto, nunca lhe fez perguntas pessoais. Deu-se muito melhor com Osmond do que parecia provável. Osmond tinha grande aversão a que contassem com ele; nesses casos, sentia necessidade irresistível de desapontar quem quer que fosse. Em decorrência desse princípio, ele se dava ao luxo de se tomar de amores por um bostoniano perpendicular que, segundo todas as previsões, seria tratado com frieza. Ele perguntou a Isabel se o senhor Goodwood

também quisera casar com ela, e expressou surpresa por ela não o ter aceitado. Teria sido tão bom quanto morar debaixo de algum campanário, cujo soar das horas faria o ar lá do alto vibrar. Afirmou gostar de conversar com o grande Goodwood; a princípio, não era fácil, pois era preciso subir uma interminável e íngreme escadaria, até o topo da torre; mas, quando se chegava lá, tinha-se uma bela vista e sentia-se uma leve brisa. Como sabemos, Osmond tinha ótimas qualidades, e Caspar Goodwood foi o repositório das bênçãos de todas elas. Isabel podia ver que o senhor Goodwood tinha melhor opinião do seu marido do que jamais quisera; ele lhe dera a impressão, naquela manhã em Florença, de ser inacessível a qualquer boa impressão. Gilbert convidou-o várias vezes para jantar, e depois o senhor Goodwood fumava um charuto com ele, e até demonstrava desejo de ver suas coleções. Gilbert disse a Isabel que ele era muito original: seu estilo era tão forte e bom como o de uma maleta inglesa — tinha várias correias e fivelas, que nunca ficariam gastas, e uma fechadura excepcional. Caspar Goodwood começou a andar a cavalo pelo campo e dedicava muito tempo a esse exercício; de modo que era mais à noite que Isabel o via. Ela decidiu pedir a ele um dia que, se estivesse disposto, lhe fizesse um favor. E acrescentou, sorrindo:

— Mas não sei que direito tenho de pedir-lhe um favor.

— É no mundo todo a pessoa que tem mais direito — respondeu ele. — Eu lhe fiz promessas que nunca fiz a mais ninguém.

O favor era que ele fosse visitar o primo Ralph, que estava enfermo no Hôtel de Paris, sozinho, e ser tão simpático com ele quanto possível. O senhor Goodwood nunca o vira, mas deveria saber quem era o pobre sujeito; se não estava enganada, uma vez Ralph o convidara para ir a Gardencourt. Caspar lembrava-se muito bem do convite e, embora não se pensasse que ele fosse uma pessoa de imaginação, tinha-a em quantidade suficiente para pôr-se no lugar de um pobre sujeito que estava moribundo numa pensão romana. Ele foi até o Hôtel de Paris e, ao ser levado à presença do dono de Gardencourt, encontrou a senhorita Stackpole sentada ao lado do sofá em que ele estava. Mudança singular tinha de fato ocorrido nas relações dessa dama com Ralph Touchett. Isabel não pedira a ela que fosse vê-lo, mas, ao saber que ele estava doente demais para sair, fora imediatamente por sua própria vontade. Depois disso, passara a fazer-lhe visitas diárias — sempre com a convicção de que eram inimigos ferrenhos. “Oh, sim, somos inimigos íntimos”, Ralph costumava dizer, e acusava-a abertamente, tão abertamente quanto o humor do assunto permitia, de aborrecê-lo até a morte. Na realidade, tornaram-se excelentes amigos, e Henrietta admirava-se muito de não ter gostado dele antes. Ralph gostava tanto dela quanto antes; nunca duvidara nem por um instante de que ela fosse ótima pessoa. Falavam sobre tudo e sempre divergiam; tudo, isto é, exceto Isabel — tópico sobre o qual Ralph sempre mantinha um dedo magro diante dos lábios. O senhor Bantling, por outro lado, demonstrou ser um grande recurso; Ralph era capaz de discutir o senhor Bantling com Henrietta durante horas. A discussão era estimulada, é claro, pela inevitável diferença de opinião dos dois: Ralph se divertia adotando a linha de que o cordial ex-soldado da guarda da rainha era maquiavélico. Caspar Goodwood nada podia contribuir para tal debate, mas, depois de ficar a sós com o anfitrião, descobriu que havia vários outros assuntos que podiam abordar. É preciso admitir que a visitante que acabara de sair não era um deles; Caspar reconhecia de antemão todos os méritos da senhorita Stackpole, mas não

tinha nenhum comentário a fazer a respeito dela. Também os dois homens não tinham se estendido sobre a senhora Osmond, após mencioná-la inicialmente — tema cujo perigo Goodwood percebia tanto quanto Ralph. Ele sentia muita pena dessa personagem de difícil classificação; não tolerava ver um homem agradável — agradável apesar de bastante estranho — fora do alcance de qualquer ajuda. Sempre havia alguma coisa a ser feita, na opinião de Goodwood, e nesse caso ele o fez repetindo várias vezes sua visita ao Hôtel de Paris. Isabel achou que tinha sido muito hábil; tinha disposto com inteligência do supérfluo Caspar. Dera-lhe uma ocupação; convertera-o num guardião de Ralph. Ela tinha planos de fazer com que ele viajasse para o Norte com o primo tão logo o tempo se tornasse ameno para isso. Lorde Warburton trouxera Ralph a Roma e o senhor Goodwood o levaria de volta. Parecia haver uma feliz simetria em tal disposição, e ela estava agora tomada de intensa ansiedade para que Ralph partisse. Vivia com o constante medo de que ele morresse ali, diante de seus olhos, e com o horror de que isso ocorresse numa pensão, perto da casa dela, onde ele entrara tão pouco. Ralph deveria entregar-se a seu último repouso em sua própria casa tão querida, num daqueles sombrios e vastos quartos de Gardencourt, onde a escura hera se amontoava em volta das beiradas da janela ensolarada. Para Isabel, parecia haver naqueles dias algo de sagrado em Gardencourt; não havia capítulo do passado que fosse mais irrecuperável. Ao pensar nos meses que lá passara, vinham-lhe lágrimas aos olhos. Ela se envaidecia, como eu disse, por sua esperteza, mas iria precisar de toda que pudesse conseguir, pois vários acontecimentos aparentemente ocorreram para confrontá-la e desafiá-la. A condessa Gemini chegou de Florença — chegou com suas malas, suas roupas, sua tagarelice, suas mentiras, sua frivolidade, com a estranha e profana lenda da quantidade de seus amantes. Edward Rosier, que estivera ausente em algum lugar — ninguém, nem mesmo Pansy, sabia onde —, ressurgiu em Roma e começou a escrever-lhe longas cartas, às quais ela nunca respondia. Madame Merle voltou de Nápoles e disse-lhe, com estranho sorriso:

— Mas, afinal, o que foi que fez com lorde Warburton? — Como se isso lhe dissesse respeito!

Um dia, em fins de fevereiro, Ralph Touchett decidiu voltar à Inglaterra. Tinha seus motivos que não era obrigado a declarar, mas Henrietta Stackpole, a quem ele mencionou sua intenção, disse a si mesma que sabia quais eram. Absteve-se de expressá-los, no entanto; só disse, depois de um momento, sentada no sofá dele:

— Imagino que saiba que não pode ir sozinho.

— Não tenho intenção de fazer isso — respondeu Ralph. — Vou ter gente comigo.

— O que quer dizer por “gente”? Criados?

— Ah — retrucou Ralph em tom jocoso —, afinal de contas, são seres humanos.

— Há mulheres entre eles? — quis saber a senhorita Stackpole.

— Fala como se eu tivesse uma dúzia delas! Não, confesso que não tenho nem uma aiazinha trabalhando para mim.

— Bem — volveu Henrietta, calma —, não pode ir para a Inglaterra assim. Tem que ter uma mulher para cuidar do senhor.

— Já cuidou tanto de mim durante os últimos quinze dias que isso vai durar ainda por algum tempo.

— Ainda não foi suficiente. Acho que vou junto — disse Henrietta.

— Vai comigo? — perguntou Ralph, levantando-se lentamente do sofá.

— Sim, sei que não gosta de mim, mas irei assim mesmo. É melhor para sua saúde que torne a se deitar.

Ralph fitou-a por um instante; depois deixou-se cair devagar para trás.

— Gosto muito da senhorita — disse, logo depois.

A senhorita Stackpole soltou uma de suas raras risadas.

— Não precisa pensar que, dizendo isso, vai convencer-me a não ir. Eu vou junto e vou tomar conta do senhor.

— É uma pessoa muito bondosa — disse Ralph.

— Espere até eu levá-lo são e salvo até sua casa antes de dizer isso. Não vai ser fácil. Mas é melhor eu ir, assim mesmo.

Antes que ela saísse, Ralph perguntou-lhe:

— Pretende mesmo tomar conta de mim?

— Bem, pretendo tentar.

— Então notifico-a de que me submeto. Ora se me submeto! — E talvez fosse em sinal de submissão que, alguns minutos após ela tê-lo deixado a sós, ele tivesse irrompido em sonora gargalhada. Parecia-lhe tão incoseqüente, uma prova tão concludente de ele ter abdicado de todas as funções e renunciado a todo exercício, que empreendesse uma viagem através da Europa

sob a supervisão da senhorita Stackpole. E o mais estranho é que a perspectiva lhe agradava; ele estava passivo, grato e à vontade. Estava até impaciente por começar e, de fato, tinha uma vontade imensa de rever sua casa. O fim de tudo estava próximo; parecia-lhe poder estender o braço e tocar o alvo. Mas queria morrer em casa; era o único desejo que ainda lhe restava — estender-se no grande quarto tranqüilo em que vira o pai pela última vez e fechar os olhos numa manhã de verão.

Naquele mesmo dia, Caspar Goodwood foi vê-lo, e ele informou ao visitante que a senhorita Stackpole o tomara sob seus cuidados e iria levá-lo de volta à Inglaterra.

— Ah, então receio que eu vá ser a quinta roda da carruagem. A senhora Osmond fez-me prometer ir com o senhor — disse Caspar.

— Meu Deus, quantas bênçãos! Estão todos sendo muito bondosos.

— A bondade da minha parte é para ela; não tanto para o senhor.

— Admitindo isso, *ela* é bondosa — disse Ralph, sorrindo.

— De conseguir pessoas para ir com o senhor? É, é uma espécie de bondade — respondeu, sem participar da brincadeira. — Quanto a mim, porém — continuou —, posso até dizer que prefiro viajar com o senhor e a senhorita Stackpole a ir só com ela.

— E o senhor preferiria ficar a fazer qualquer uma dessas coisas — disse Ralph. — Não há realmente necessidade de o senhor ir. Henrietta é de extraordinária eficiência.

— Estou certo disso. Mas prometi à senhora Osmond.

— Pode fazer com que ela o liberte dessa promessa facilmente.

— Ela não faria isso por nada no mundo. Quer que eu tome conta do senhor, mas isso não é o mais importante. O que importa é que eu saia de Roma.

— Ah, o senhor está vendo interpretações diferentes nisso — sugeriu Ralph.

— Eu a aborreço — continuou Goodwood —; ela nada tem para dizer-me e então inventou isso.

— Ora, nesse caso, se é conveniente para ela, levarei o senhor junto. Embora eu não veja por que seja conveniente — acrescentou Ralph.

— Bem — disse Caspar Goodwood, apenas —, ela pensa que a estou vigiando.

— Vigiando?

— Tentando descobrir se ela é feliz.

— Isso é fácil descobrir — retrucou Ralph. — Aparentemente ela é a mulher mais feliz que conheço.

— Exato; estou satisfeito — respondeu Goodwood, em tom seco. Apesar da secura, porém, tinha mais a dizer: — Eu a tenho vigiado; sou um velho amigo e acho que tenho esse direito. Ela diz que está feliz; é isso que se dispôs a ser, e achei que gostaria de ver por mim mesmo o que isso significa. Já vi e estou satisfeito. Agora estou pronto para ir — acrescentou, com um tom áspero na voz.

— Acho então que já está na hora — volveu Ralph. E essa foi a única conversa que os dois cavalheiros tiveram sobre Isabel Osmond.

Henrietta fez seus preparativos para a partida e, entre eles, achou de bom-tom dizer algumas palavras à condessa Gemini, que retribuía na pensão da senhorita Stackpole a visita que esta última lhe fizera em Florença.

— Estava bem enganada a respeito de lord Warburton — observou para a condessa. — Acho que deve saber.

— Sobre ele estar fazendo a corte a Isabel? Minha pobre senhora, ele ia à casa dela três vezes por dia. Ele deixou vestígios de sua passagem! — exclamou a condessa.

— Ele queria casar com sua sobrinha; é por isso que ia à casa.

A condessa arregalou os olhos e depois disse, com uma risada de menosprezo:

— É essa história que Isabel está contando? Não é má, comparada com outras. Se ele quer casar com a minha sobrinha, então diga-me, por que não o faz? Talvez tenha ido comprar a aliança e vai voltar no mês que vem, depois que eu for embora.

— Não, não vai voltar. A senhorita Osmond não quer casar com ele.

— Ela é muito obsequiosa! Eu sabia que ela gostava de Isabel, mas não sabia que fosse a esse ponto.

— Não estou entendendo — retrucou Henrietta com frieza, pensando que a condessa tinha grande malícia. — Tenho que insistir no que disse: Isabel nunca encorajou as atenções de lord Warburton.

— Minha cara amiga, o que você e eu sabemos sobre isso? Tudo o que sabemos é que meu irmão é capaz de tudo.

— Não sei do que seu irmão é capaz — volveu Henrietta, com dignidade.

— Não é o fato de ela encorajar Warburton que me incomoda; é o fato de tê-lo mandado embora. Eu queria tanto vê-lo! Acha que ela pensou que eu faria com que ele a traísse? — continuou a condessa com audaciosa insistência. — Mas ela o está conservando, pode-se sentir isso. A casa está permeada dele; ele está no próprio ar. Oh, sim, ele deixou vestígios; tenho certeza de que ainda vou vê-lo.

— Bem — disse Henrietta, após alguns minutos, com uma daquelas inspirações que tinham sido o sucesso de suas cartas para o *Interviewer* —, talvez ele tenha mais êxito com a senhora do que com Isabel!

Quando contou à amiga a oferta que fizera a Ralph, Isabel respondeu que não havia mais nada que ela pudesse fazer para agradar-lhe tanto. Sempre tivera a convicção de que, no fundo, Ralph e a amiga eram feitos para se entenderem.

— Não me importa se ele me entende ou não — afirmou Henrietta. — O que importa é que não morra no trem.

— Ele não vai morrer — disse Isabel, balançando a cabeça numa extensão de sua fé.

— Não morrerá, se depender de mim. Pelo que vejo, o que quer é que saiamos todos daqui. Não sei o que está planejando.

— Quero ficar sozinha — respondeu Isabel.

— Não vai ficar enquanto tiver tanta gente em casa.

— Ah, eles são parte da comédia. Vocês são espectadores.

— Chama a isso de comédia, Isabel Archer? — perguntou Henrietta, um tanto severa.

— Tragédia, então, se quiser. Vocês estão todos de olho em mim; deixam-me pouco à vontade.

Henrietta entrou no jogo por um instante.

— Você é como caça ferida, buscando a sombra mais densa. Oh, você me dá uma sensação de desamparo! — exclamou.

— Eu não estou desamparada. Há muitas coisas que pretendo fazer.

— Não estou falando de você, mas de mim. É horrível ter vindo aqui por sua causa e partir deixando-a como a encontrei.

— Não está me deixando do mesmo jeito; estou revigorada — disse Isabel.

— Grande vigor: limonada sem açúcar! Quero que me prometa uma coisa.

— Não posso fazer isso. Nunca mais vou fazer promessas. Fiz uma tão solene há quatro anos e tenho tido tão pouco êxito em mantê-la.

— Não teve incentivo algum. Neste caso, eu lhe daria todo o estímulo possível. Deixe seu marido antes que aconteça o pior; é isso o que quero que me prometa.

— O pior? O que chama de pior?

— Antes que seu caráter se arruíne.

— Quer dizer meu temperamento? Não vai se arruinar — respondeu Isabel, sorrindo. — Estou cuidando muito bem dele. Estou muito impressionada com o desprendimento com que você fala para uma esposa deixar o marido. É fácil perceber que nunca teve marido! — rematou, virando-se para um lado.

— Bem — disse Henrietta, como se estivesse começando uma discussão —, nada é mais comum em nossas cidades do Oeste, e é para elas, afinal, que devemos olhar no futuro. — Porém essa discussão não interessa a esta história, que tem muitas outras meadas para deslindar.

Ela avisou Ralph Touchett que estava pronta para deixar Roma em qualquer trem que ele desejasse, e Ralph imediatamente dispôs-se a partir. Isabel foi vê-lo no fim, e ele fez o mesmo comentário de Henrietta. Tinha a impressão de que Isabel estava contentíssima de se ver livre deles todos.

Em resposta, Isabel limitou-se a pousar de leve a mão na dele e dizer em voz baixa, com um breve sorriso:

— Meu querido Ralph!...

Bastava como resposta, e ele ficou bastante satisfeito. Mas continuou a falar no mesmo tom, jocoso, insinuante:

— Tenho visto você menos do que poderia, mas é melhor que nada. E, além disso, tenho recebido muitas notícias a seu respeito.

— Não sei de quem, com a vida que tem levado.

— Um passarinho me contou! Oh, de ninguém; nunca deixo outras pessoas falarem a seu respeito. Sempre dizem que você é “encantadora”, e isso é tão insosso!

— Eu poderia tê-lo visto mais, isso é certo — disse Isabel. — Mas, quando se é casada, fica-se muito ocupada.

— Felizmente, não sou casado. Quando for ver-me na Inglaterra, poderei recebê-la com toda a liberdade de um solteirão. — Continuou falando, como se fosse certo que voltariam a se encontrar, e conseguiu fazer com que tal presunção parecesse quase justa. Não mencionou o fato de seu fim estar próximo, nem a probabilidade de não durar até o término do verão. Se ele preferia assim,

Isabel não iria contrariá-lo; a realidade era clara o suficiente para que eles não precisassem colocar placas sinalizadoras na conversa. Isso poderia ter sido o certo nos primeiros tempos, embora a esse respeito, como a respeito de seus outros assuntos, Ralph nunca tivesse sido egoísta. Isabel falou sobre a viagem dele, de como deveria dividi-la em etapas, das precauções que deveria tomar.

— Henrietta é minha maior precaução — disse ele. — A consciência dessa mulher é sublime.

— Ela vai ser certamente muito conscienciosa.

— Vai ser? Ela tem sido! Só vai comigo porque acha que é seu dever. Que noção de dever!

— Sim, é uma noção generosa — disse Isabel —, e faz-me sentir muito envergonhada. Eu deveria ir com você, sabe?

— Seu marido não gostaria.

— Não, não gostaria. Mas, assim mesmo, eu poderia ir.

— Estou admirado da ousadia de sua imaginação. Imagine-me sendo a causa da desarmonia entre uma dama e seu marido!

— É por isso que não vou — limitou-se a dizer Isabel —, embora não seja muito claro.

Entretanto, Ralph entendeu muito bem.

— É claro que não, com todos esses afazeres de que fala.

— Não é isso. Estou com medo — disse Isabel. Depois de uma pausa, repetiu como para si mesma e não para ele: — Estou com medo.

Era difícil para Ralph saber o que significava aquele tom; era de uma deliberação tão estranha, aparentemente tão desprovido de emoção! Será que ela pretendia fazer uma contrição pública por uma falta pela qual não fora condenada? Ou seriam essas palavras apenas uma tentativa de uma auto-análise esclarecida? Fosse como fosse, Ralph não pôde resistir a uma oportunidade tão fácil:

— Com medo de seu marido?

— Com medo de mim! — disse ela, levantando-se. Ficou ali um instante e depois acrescentou: — Se eu estivesse com medo do meu marido, não seria mais que meu dever. É isso o que se espera das mulheres.

— Ah, sim — disse Ralph, rindo —, mas, para compensar, sempre há alguns homens com um medo terrível das mulheres!

Ela não prestou atenção à pilhéria, mas de súbito enveredou por outro caminho.

— Com Henrietta à testa de seu pequeno grupo — disse, de repente —, não vai sobrar nada para o senhor Goodwood!

— Ah, minha querida Isabel — respondeu Ralph —, ele está acostumado a isso. Não *sobra* nada para o senhor Goodwood.

Ela corou e depois comentou, rápido, que precisava ir embora. Ficaram ali um momento; ele a segurar as mãos dela.

— Você tem sido meu melhor amigo — disse ela.

— Era por você que eu queria... que eu queria viver. Mas não lhe sirvo de nada.

Então ela entendeu com maior pungência que não o veria outra vez. Não podia aceitar isso; não podia separar-se dele assim.

— Se mandar chamar-me, eu irei — disse, por fim.

— Seu marido não consentirá nisso.

— Oh, sim. Eu darei um jeito.

— Lembrarei disso como meu último prazer! — disse Ralph.

Em resposta, ela beijou-o. Era quinta-feira, e naquela noite Caspar Goodwood foi ao Palazzo Roccanera. Foi um dos primeiros a chegar e passou algum tempo conversando com Gilbert Osmond, que estava quase sempre presente quando a mulher recebia. Sentaram-se juntos, e Osmond, loquaz, comunicativo, expansivo, parecia tomado de uma certa alegria intelectual. Recostou-se com as pernas cruzadas, à vontade, conversando, enquanto Goodwood, mais inquieto, mas nem um pouco animado, remexia-se no assento, girando o chapéu nas mãos, fazendo com que o pequeno sofá rangesse sob seu peso. O rosto de Osmond ostentava um sorriso sagaz e agressivo; era um homem cujas percepções tinham sido aguçadas por boas-novas. Comentou com Goodwood que lamentava que o fossem perder; ele, pessoalmente, sentiria sua falta. Via tão poucos homens inteligentes — estavam em surpreendente escassez em Roma! Ele deveria, com toda a certeza, voltar; era muito estimulante para um italiano inveterado conversar com um genuíno forasteiro.

— Gosto muito de Roma, sabe — disse Osmond —, mas não há nada de que goste mais do que conhecer pessoas que não têm essa superstição. O mundo moderno é, afinal de contas, muito bom. O senhor é bastante moderno e, no entanto, não é nada comum. Há tantas pessoas modernas feitas de material tão pobre! Se são a geração do futuro, estamos dispostos a morrer cedo. É claro que os mais velhos também são muitas vezes cansativos. Minha esposa e eu gostamos de tudo o que é realmente novo — não o que aparenta ser. Nada há de novo, infelizmente, na ignorância e na estupidez. Vemos bastante disso em formas que se apresentam como revelação de progresso, de luz. Revelação de vulgaridade! Há uma certa vulgaridade que creio ser realmente nova; penso que jamais existiu algo assim antes. Aliás, eu não vejo vulgaridade, de qualquer espécie, antes deste século. Vê-se uma pequena ameaça aqui e ali no último, mas hoje o ar tornou-se tão denso que as coisas delicadas literalmente não são reconhecidas. Mas nós *gostamos do senhor!*... — Ao dizer isso, hesitou por um momento, pousando a mão de leve no joelho de Goodwood e sorrindo com um misto de segurança e embaraço. — Vou dizer uma coisa muito ofensiva e condescendente, mas deve permitir-me essa satisfação. Gostamos do senhor porque... porque nos reconciliou um pouco com o futuro. Se vai haver um certo número de pessoas como o senhor, *à la bonne heure!* Falo tanto pela minha esposa quanto por mim, está vendo? Ela fala por mim, a minha esposa; por que eu não deveria falar por ela? Somos tão unidos, sabe, como o castiçal e a vela. Estarei me adiantando muito se disser que entendi que sua atividade era, hum... comercial? Existe perigo nisso, sabe, mas é o modo como escapou que nos impressiona. Desculpe se meu pequeno elogio parece ser de mau gosto; felizmente minha esposa não está aqui para ouvir. O que quero dizer é que o senhor *poderia ser...* hum... o que acabei de mencionar. O mundo americano conspirava para fazer com que fosse assim. Mas o senhor resistiu, existe alguma coisa que o salvou. E no entanto é tão moderno, tão moderno! O homem mais moderno que conhecemos! Teremos sempre imenso prazer em vê-lo.

Já mencionei que Osmond estava de bom humor, e esses comentários proporcionam ampla evidência desse fato. Eram de cunho infinitamente mais pessoal do que geralmente ele costumava

ser, e se Caspar Goodwood tivesse prestado mais atenção poderia ter pensado que a defesa da delicadeza estava em mãos bastante estranhas. Porém, queremos crer que Osmond sabia muito bem o que estava fazendo e, se tinha decidido usar o tom de condescendência com uma vulgaridade estranha a seus hábitos, tinha excelentes razões para tal escapada. Goodwood só tinha uma vaga idéia de que ele estava exagerando; não chegava a perceber como ou por quê. Na verdade, mal sabia do que Osmond estava falando; ele queria ficar a sós com Isabel, e essa idéia soava mais alto a seus ouvidos do que o timbre perfeito da voz do marido dela. Ele a observava conversando com outras pessoas e perguntava-se quando estaria livre, e se poderia pedir-lhe que fosse com ele até uma das outras salas. Seu humor não era, como o de Osmond, dos melhores; havia um elemento de raiva surda na consciência que tinha das coisas. Até aquele momento, não sentira qualquer animosidade pessoal contra Osmond; apenas achara-o muito bem informado e amável e, mais do que teria suposto, parecido com a pessoa com quem Isabel Archer naturalmente casaria. O anfitrião ganhara em campo aberto grande vantagem sobre ele, e Goodwood tinha senso de justiça forte demais para sentir-se inclinado a subestimá-lo por causa disso. Não tentara de modo positivo ter boa opinião a respeito dele; isso era um lampejo de benevolência sentimental de que, mesmo na época em que chegara mais próximo de reconciliar-se com o que acontecera, Goodwood era incapaz. Aceitava-o mais como uma personagem brilhante do tipo amador, afligido por uma redundância de tempo livre que lhe divertia ocupar com pequenos refinamentos de conversa. Mas não confiava de todo nele; nunca conseguia descobrir por que diabos Osmond gastaria refinamentos de quaisquer tipos com *ele*. Fazia-o desconfiar de que o outro divertia-se secretamente com isso e contribuía para a impressão geral de que o vitorioso rival possuía um elemento de perversidade em sua constituição. De fato, sabia que Osmond não poderia ter motivo algum para desejar-lhe mal; nada tinha a recear de sua parte. Ele vencera por suprema vantagem e podia dar-se ao luxo de ser amável para com o homem que tudo perdera. Era verdade que Goodwood, às vezes, num humor sombrio, desejara que ele estivesse morto e gostaria de tê-lo matado, mas Osmond não tinha como saber disso, pois a prática tornara o homem mais jovem perfeito na arte de parecer inacessível a qualquer emoção violenta. Cultivava essa arte a fim de iludir-se, mas era aos outros que iludia primeiro. Além disso, cultivava-a com sucesso muito limitado, e não poderia haver melhor prova disso do que a profunda e muda irritação reinante em sua alma ao ouvir Osmond falar dos sentimentos da esposa como se tivesse sido nomeado para responder por eles.

Isso foi tudo o que seus ouvidos captaram do que o anfitrião lhe disse naquela noite; ele notara que Osmond fizera mais questão que de hábito de mencionar a harmonia conjugal existente no Palazzo Roccanera. Tivera mais cuidado que nunca em falar como se ele e a esposa partilhassem uma doce comunhão e como se fosse tão natural para qualquer um deles dizer “nós” como “eu”. Em tudo isso havia algo de intencional que tinha intrigado e irritado o nosso pobre bostoniano, que pudera apenas refletir, para consolo seu, que o relacionamento da senhora Osmond com o marido não lhe dizia respeito. Não tinha prova alguma de que o marido a apresentasse a uma luz distorcida, e, a julgar pela superfície das coisas, era obrigado a acreditar que ela gostava da vida que levava. Ela nunca lhe demonstrara o mínimo sinal de descontentamento. A senhorita Stackpole lhe

dissera que ela perdera as ilusões, mas escrever para os jornais a tornara ávida por sensacionalismo. Apreciava muito as primeiras manchetes do dia. Além disso, desde sua chegada a Roma, estivera muito cautelosa; praticamente deixara de fazer-lhe sinais com a lanterna. Deve-se dizer em favor dela que, de fato, isso teria ido contra a sua consciência. Agora ela vira a realidade da situação de Isabel, e isso lhe infundira uma justa reserva. Fosse o que fosse que pudesse ser feito para melhorá-la, a forma mais útil de ajuda não seria instigar nos seus antigos apaixonados a idéia de que ela estava sendo maltratada. A senhorita Stackpole continuava a ter profundo interesse pelos sentimentos do senhor Goodwood, mas no momento só o demonstrava mandando-lhe recortes escolhidos, humorísticos ou não, dos jornais americanos que recebia em grande variedade diariamente e que sempre lia com uma tesoura na mão. Os artigos que recortava colocava num envelope endereçado ao senhor Goodwood, e o entregava pessoalmente no hotel dele. Ele nunca lhe fazia perguntas sobre Isabel: não tinha viajado milhares de quilômetros para ver com seus próprios olhos? Portanto, ele não estava nem um pouco autorizado a achar que a senhora Osmond estivesse infeliz, mas a própria ausência de licença atuava como elemento de irritação, mesclado à dureza com que ele, apesar de sua teoria de ter deixado de se importar, agora reconhecia que, no que dizia respeito a ela, o futuro nada mais reservava para ele. Não tinha nem mesmo a satisfação de saber a verdade; aparentemente não se podia confiar nele para respeitá-la, se ela *estivesse* infeliz. Ele estava perdido, indefeso, inútil. Para este último aspecto, ela chamara-lhe a atenção com seu engenhoso plano para fazê-lo sair de Roma. Ele não tinha objeção alguma à idéia de fazer o que pudesse pelo primo dela, mas rangia os dentes ao pensar que, de todos os favores que ela poderia ter lhe pedido, fora esse o que ela se apressara em escolher. Não tinha havido perigo de ela escolher um que o tivesse feito permanecer em Roma.

Nessa noite, o que mais ocupava sua mente era que tinha de deixá-la no dia seguinte, e que nada ganhara com sua vinda a não ser o fato de ser tão indesejável como antes. Sobre ela, nada soubera de novo: era imperturbável, inescrutável, impenetrável. Ele sentiu a antiga amargura, que tanto tentara engolir, subir-lhe de novo à garganta, e compreendeu que há desilusões que duram a vida toda. Osmond continuava a falar; Goodwood tinha a vaga impressão de que ele estava de novo mencionando a perfeita intimidade que tinha com a esposa. Pareceu-lhe por um momento que o homem tinha imaginação algo demoníaca; era impossível que tivesse escolhido um tópico tão inusitado sem malícia. Mas, afinal, que diferença fazia, se ele era demoníaco ou não, e se ela o amava ou odiava? Ela poderia odiá-lo de morte sem que isso revertesse em menor proveito para ele.

— Está viajando, parece, com Ralph Touchett — disse Osmond. — Imagino que isso queira dizer que irão bem devagar?

— Não sei; farei o que ele quiser.

— O senhor é muito amável. Ficamos-lhe imensamente gratos. Minha esposa provavelmente expressou-lhe o que sentimos. Touchett tem pesado em nossas mentes o inverno todo; mais de uma vez deu a impressão de que nunca deixaria Roma. Ele não deveria ter vindo; é mais que imprudência uma pessoa nesse estado viajar; é até uma indelicadeza. Por nada no mundo eu deveria obrigações a Touchett como ele ficou devendo a... minha esposa e a mim. É inevitável que

outras pessoas tenham que cuidar dele, e nem todos são tão generosos como o senhor.

— Não tenho nada para fazer — respondeu Caspar, seco.

Osmond olhou-o de lado, por um instante.

— Deveria casar e então teria muito para fazer! É verdade que, nesse caso, não estaria tão disponível para atos de misericórdia.

— Como homem casado, acha que está tão ocupado assim? — foi a pergunta mecânica do rapaz.

— Ah, sabe, estar casado é, em si, uma ocupação. Nem sempre é ativa; com frequência é passiva, mas isso requer ainda mais atenção. Depois, minha esposa e eu fazemos tantas coisas juntos. Lemos, estudamos, tocamos, caminhamos, saímos a passear de carruagem — até mesmo conversamos como quando nos conhecemos. Até hoje sinto imenso prazer em conversar com ela. Se estiver entediado algum dia, siga meu conselho: case-se. Nesse caso, talvez sua mulher o entedie; mas o senhor mesmo nunca se entediará. Sempre terá algo a dizer a si mesmo, sempre terá material para refletir.

— Não estou entediado — retrucou Goodwood. — Tenho muitas coisas em que pensar e a dizer a mim mesmo.

— Mais do que para dizer aos outros! — exclamou Osmond com uma risadinha. — Aonde vai depois? Quero dizer, depois que tiver entregado Touchett a seus guardiões naturais — acho que sua mãe voltará finalmente para cuidar dele. Aquela mulherzinha é esplêndida; esquece seus deveres com um requinte!... Passará o verão na Inglaterra?

— Não sei. Não fiz planos.

— Felizardo! Isso é um pouco desolador, mas muito livre.

— Oh, sim, sou muito livre.

— Livre para voltar a Roma, espero — disse Osmond, ao ver um grupo de convivas entrando na sala. — Lembre-se de que, quando vier, contaremos com o senhor!

Goodwood tinha pensado em retirar-se cedo, mas a noite foi se passando sem que ele tivesse oportunidade de falar com Isabel, a não ser como um dos vários interlocutores que ali estavam. Havia algo de obstinado no modo como ela o evitava; o rancor insaciável dele percebia propósito onde certamente não parecia haver. Em absoluto, não parecia haver. Ela enfrentava seu olhar com um sorriso límpido e hospitaleiro, quase lhe pedindo que fosse ajudá-la a entreter alguns dos convidados. Porém, a esse tipo de sugestão, ele apenas opunha rígida impaciência; ficava por perto e esperava; falava com as poucas pessoas conhecidas que o achavam, pela primeira vez, um tanto contraditório. Isso de fato era raro em Caspar Goodwood, apesar de ele muitas vezes contradizer os outros. Era freqüente haver música no Palazzo Roccanera e costumava ser muito boa. Enquanto a música durou, ele conseguiu conter-se, mas já no final, quando viu as pessoas começarem a despedir-se, aproximou-se de Isabel e perguntou-lhe em voz baixa se poderia falar com ela em uma das salas que já verificara estar vazia. Ela sorriu como se quisesse atendê-lo, mas estivesse completamente impossibilitada de fazê-lo.

— Receio não poder. As pessoas estão se despedindo e tenho que ficar onde possam ver-me.

— Esperarei até que todos saiam.

Ela hesitou por um momento.

— Ah, isso será ótimo! — exclamou.

E ele esperou, embora ainda levasse muito tempo. Havia várias pessoas, no fim, que pareciam pregadas ao tapete. A condessa Gemini, que nunca era ela mesma até a meia-noite, como dizia, não dava sinais de perceber que a festa terminara; ainda estava rodeada de um pequeno círculo de cavalheiros, em frente à lareira, que de vez em quando irrompiam em risadas uníssonas. Osmond desaparecera — ele nunca dava boa-noite a ninguém —, e, como a condessa estava ampliando seu campo, de acordo com seu hábito a essa hora da noite, Isabel mandara Pansy dormir. Isabel sentou-se um pouco afastada; ela também parecia desejar que a cunhada baixasse um pouco o tom da voz e deixasse os últimos retardatários irem embora em paz.

— Posso dizer-lhe uma palavrinha agora? — perguntou Goodwood pouco depois.

Ela levantou-se de pronto, sorrindo.

— Certamente, podemos ir para outro lugar, se quiser. — Saíram juntos, deixando a condessa com seu pequeno círculo, e depois que atravessaram a soleira, por um momento, nenhum dos dois falou. Isabel não se sentou; ficou de pé no meio da sala, abanando-se devagar; ela continuava a ter para ele a mesma graça familiar. Parecia esperar que ele falasse. Agora que estava a sós com ela, toda a paixão, que ele nunca abafara, invadiu-lhe os sentidos; dançava em seus olhos e fazia tudo ficar embaralhado ao redor. A clara sala vazia tornou-se indistinta e embaçada, e através do véu oscilante ele sentiu-a pairar diante dele com os olhos brilhantes e os lábios entreabertos. Se tivesse enxergado melhor, teria percebido que o sorriso dela era fixo e um tanto forçado — ela estava com medo do que via no rosto dele.

— Imagino que queira despedir-se de mim — disse ela.

— Sim, mas não gosto de fazê-lo. Não quero ir embora de Roma — respondeu com honestidade quase suplicante.

— Posso bem imaginar. É muita bondade de sua parte. Nem sei dizer como o acho bondoso.

Por um momento, ele nada disse.

— Com algumas palavras como essas manda-me embora.

— Tem que voltar um dia — respondeu ela, em tom alegre.

— Um dia? Quer dizer o mais longe possível, no futuro.

— Oh, não; não quis dizer tudo isso.

— O que *quer* dizer? Não compreendo! Mas eu disse que iria e vou — acrescentou Goodwood.

— Volte sempre que quiser — disse Isabel, tentando manter as coisas num plano superficial.

— Estou me lixando para o seu primo! — irrompeu Caspar.

— É isso o que queria dizer-me?

— Não, não; não queria dizer-lhe nada. Quero perguntar-lhe... — Fez uma pequena pausa, e depois, em voz baixa e rápida, completou: — O que fez realmente com a sua vida? — Parou de novo, como que esperando resposta, mas ela nada disse e ele continuou: — Não consigo entendê-la, não consigo penetrar! Em que devo acreditar? O que quer que eu pense? — Ainda assim, ela nada disse; ficou apenas ali, olhando para ele, agora sem fingir estar à vontade. — Disseram-me que está infeliz, e, se está, gostaria de saber. Isso seria alguma coisa para mim. Mas você mesma diz que está feliz, mas de um modo tão quieto, tão impermeável, tão duro! Está completamente mudada.

Esconde tudo; não consigo, na verdade, chegar perto de você.

— Chega bem perto — respondeu Isabel, em voz suave, mas em tom de aviso.

— Mas eu não consigo tocá-la! Quero saber a verdade. Fez a coisa certa?

— Está pedindo muito.

— Sim, sempre pedi muito. É claro que não vai me dizer. Nunca saberei, se você puder evitar. E, aliás, não me diz respeito. — Ele fazia um visível esforço para manter o autocontrole, para revestir com forma ponderada um estado de espírito imponderado. Mas a sensação de que era essa a sua última chance, que a amava e a tinha perdido, de que ela o acharia um tolo dissesse o que dissesse, de repente o esporeou e conferiu uma vibração profunda à sua voz baixa: — Está totalmente inescrutável, e é isso que me faz pensar que tem algo a esconder. Estou lhe dizendo que não me importo com seu primo, mas não quero dizer com isso que não goste dele. Quero dizer que não é porque gosto que estou indo com ele. Teria ido se ele fosse um imbecil e você me tivesse pedido. Se você me pedir, eu irei para a Sibéria amanhã. Por que quer que eu vá embora daqui? Deve ter algum motivo para isso; se estivesse tão bem como diz, não se importaria. Eu preferia saber a verdade a seu respeito, mesmo que seja terrível, a ter vindo até aqui por nada. Não foi para isso que vim. Achei que não iria me importar. Vim porque quis certificar-me de que não preciso pensar mais em você. Não tenho pensado em mais ninguém, e tem toda a razão em querer que eu vá embora. Mas, se tenho que ir, não há mal algum em desabafar por um breve instante, não é? Se está mesmo magoada — se *ele* a está magoando —, nada do que *eu* estou dizendo irá magoá-la. Quando digo que a amo, isso é simplesmente o que vim fazer aqui. Achei que fosse para outra coisa, mas é para isso. Não o diria se não acreditasse que nunca mais a veria. É a última vez — deixe-me colher só uma flor! Não tenho o direito de dizer isso, bem sei, e você não tem direito de ouvir. Mas você não está ouvindo; nunca ouve, está sempre pensando em outra coisa. Depois disso, terei que ir, naturalmente; pelo menos terei um motivo. O fato de você me pedir isso não é motivo, não um motivo real. Não posso julgar pelo seu marido — continuou ele, de modo quase irrelevante, quase incoerente —, não o compreendo; ele me diz que vocês se adoram. Por que ele diz isso? O que tenho eu a ver com isso? Quando lhe digo tal coisa, vejo-a ficar com um ar estranho. Mas sempre tem um ar estranho. Sim, tem algo a esconder. Não tem nada a ver comigo, é verdade. Mas eu a amo — rematou Caspar Goodwood.

Como ele dissera, Isabel tinha um ar estranho. Ela voltou o olhar para a porta por onde tinham entrado e levantou o leque como que em sinal de advertência.

— Portou-se tão bem, não estragou tudo! — murmurou ela em voz baixa.

— Ninguém está ouvindo. É incrível o que diz para me fazer desistir. Amo-a como nunca a amei antes.

— Eu sei. Soube quando consentiu em ir.

— Não pode impedir — é claro que não. Impediria se pudesse, mas não pode, infelizmente. Infelizmente para mim, quero dizer. Nada peço — nada, isto é, que não deva. Mas peço uma única satisfação: que me diga... que me diga!...

— Que lhe diga o quê?

— Se posso sentir pena de você.

— Gostaria de sentir? — perguntou Isabel, tentando sorrir de novo.

— Pena de você? Com toda a certeza! Pelo menos seria fazer alguma coisa. Daria minha vida por isso.

Ela levou o leque até o rosto cobrindo tudo menos os olhos, que pousaram por um momento nos dele.

— Não dê sua vida, mas dedique um pensamento a isso de vez em quando. — Em seguida ela voltou para onde estava a condessa Gemini.

Madame Merle não comparecera ao Palazzo Roccanera naquela noite de quinta-feira, cujos incidentes eu acabo de narrar, e Isabel, embora notando a ausência dela, não se espantou. Haviam se passado coisas entre as duas que não serviam de estímulo à sociabilidade e que precisamos olhar um pouco para trás para apreciar. Já foi dito que madame Merle tinha voltado de Nápoles logo depois de lorde Warburton ter partido de Roma e que no primeiro encontro que teve com Isabel (a quem, justiça seja feita, logo se aprestara a visitar) suas primeiras palavras tinham sido para indagar do paradeiro do aristocrata, pelo qual parecia responsabilizar a amiga.

— Por favor, não me fale dele — disse Isabel em resposta —, ultimamente é só o que se ouve falar.

Madame Merle inclinou a cabeça para um lado, em protesto, e sorriu com o canto esquerdo dos lábios.

— Vocês, sim. Mas deve lembrar que eu não, lá em Nápoles. Esperava encontrá-lo aqui e poder dar os parabéns a Pansy.

— Ainda pode dar parabéns a Pansy, mas não por casar com lorde Warburton.

— Como poder dizer uma coisa dessas? Não sabe que eu estava ansiosa por isso? — perguntou madame Merle, com grande sentimento mas ainda com inflexão bem-humorada.

Isabel ficou transtornada, mas também estava decidida a manter o bom humor.

— Então não deveria ter ido para Nápoles. Deveria ter ficado aqui para acompanhar o assunto.

— Eu tinha muita confiança em você. Acha que é tarde demais?

— É melhor perguntar a Pansy — disse Isabel.

— Vou perguntar o que você lhe disse.

Tais palavras pareceram justificar o impulso de autodefesa despertado em Isabel, ao perceber que a atitude de sua visitante era crítica. Como sabemos, madame Merle tinha sido muito discreta até então; nunca a tinha criticado; demonstrara visível receio de intrometer-se. Mas aparentemente o que fizera fora apenas reservar-se para esta ocasião, pois agora tinha perigosa vivacidade no olhar e um ar de irritação que nem mesmo sua admirável compostura conseguia disfarçar. Ela sofrera um desapontamento que aguçou a surpresa de Isabel — já que nossa heroína desconhecia seu dedicado interesse no casamento de Pansy; e ela o deixou transparecer de tal modo que aumentou o alarme da senhora Osmond. Mais clara do que nunca, Isabel ouviu uma voz fria e zombeteira vinda não sabia de onde, no obscuro vácuo que a rodeava, afirmando que aquela mulher inteligente, forte, definida, a encarnação da praticidade, da personalidade, do imediatismo, era um poderoso agente do seu destino. Ela estava mais próxima de Isabel do que esta jamais suspeitara, e sua proximidade não era o encantador acaso que supusera por muito tempo. A idéia de acaso na verdade morrera naquele dia em que acontecera de perceber o modo como a maravilhosa senhora

e seu próprio marido se sentavam juntos quando não havia ninguém por perto. Nenhuma suspeita definida se enraizara ainda, mas era o suficiente para fazer com que ela olhasse essa amiga com outros olhos, para fazer com que tivesse sido levada a refletir que havia mais intenção no comportamento anterior dela do que imaginara na ocasião. Ah, sim, houvera intenção, ora se houvera, Isabel disse a si mesma e pareceu acordar de longo e pernicioso sonho. O que a fez saber que a intenção de madame Merle não fora boa? Nada além da desconfiança que nos últimos tempos fora tomando corpo e que agora se aliava à frutífera admiração produzida pela interpelação da outra em nome da pobre Pansy. Havia algo naquela interpelação que desde o início suscitara um desafio em resposta; vitalidade inominável que ela podia perceber ter estado ausente das faculdades de delicadeza e cautela da amiga. Madame Merle não quisera interferir, com certeza, mas enquanto nada houvesse em que interferir. Talvez pareça ao leitor que Isabel estivesse agindo com muita pressa, lançando dúvidas, por mera desconfiança, numa sinceridade provada em vários anos de bons serviços. De fato, agia com rapidez e com razão, pois uma estranha verdade insinuava-se em seu coração. O interesse de madame Merle era idêntico ao de Osmond: isso bastava.

— Acho que Pansy não lhe dirá nada que a faça ficar mais zangada — disse em resposta à última observação da outra.

— Não estou nem um pouco zangada. Tenho apenas grande desejo de salvar a situação. Julga que Warburton deixou-nos para sempre?

— Não sei lhe dizer; não a estou entendendo. Terminou. Por favor, deixe as coisas como estão. Osmond tem me falado muito sobre o assunto, e eu nada mais tenho a dizer ou a ouvir. Não tenho dúvidas — acrescentou Isabel — de que ele terá grande prazer em discutir o assunto com a senhora.

— Sei o que ele pensa; veio ver-me ontem à noite.

— Logo que chegou? Então sabe tudo sobre o caso e não precisa buscar informação comigo.

— Não é informação que quero. No fundo é simpatia. Eu tinha feito tanta força para esse casamento dar certo! Essa idéia fez o que tão poucas coisas fazem — satisfez minha imaginação.

— Sua imaginação, sim. Mas não a das pessoas a quem diz respeito.

— Com isso quer dizer, naturalmente, que não me diz respeito. É claro que não diretamente. Mas, quando se é uma amiga tão antiga, não se pode deixar de participar. Você está esquecendo há quanto tempo conheço Pansy. Naturalmente quer dizer que *você* é uma das pessoas a quem o assunto diz respeito — acrescentou madame Merle.

— Não; isso é a última coisa que eu diria. Estou muito cansada disso tudo.

Madame Merle hesitou um pouco.

— Ah, sim, seu trabalho está feito.

— Cuidado com o que diz — falou Isabel, muito séria.

— Oh, eu tomo cuidado; talvez nunca maior do que quando parece ser menor. Seu marido a julga com muita severidade.

Por um momento, Isabel não deu resposta; sentia-se sufocar de amargura. Não era a insolência de madame Merle, ao informá-la de que Osmond a fizera confidente contra a própria esposa, que

mais a atingia, pois ela não teve pressa em concluir que a intenção fosse ser insolente. Era muito raro madame Merle ser insolente e só o era na ocasião exata. Mas não era esse o caso ou, pelo menos, ainda não. O que atingiu Isabel como uma gota de ácido corrosivo numa ferida aberta foi saber que Osmond desonrava-a tanto em palavras quanto em pensamentos.

— Gostaria de saber como eu o julgo? — perguntou, por fim.

— Não, porque você nunca iria me dizer. E seria penoso para mim saber.

Houve uma pausa, e, pela primeira vez desde que a conhecera, Isabel achou madame Merle desagradável. Gostaria que ela fosse embora.

— Lembre-se de como Pansy é atraente e não fique desesperada — disse, de repente, desejando com isso terminar a conversa.

Mas a presença expansiva de madame Merle não sofreu constrangimento. Ela se limitou a aconchegar o manto ao corpo e com esse movimento espalhou no ar uma fragrância leve e agradável.

— Não estou desesperada, mas encorajada. E não vim aqui para censurá-la e sim para saber a verdade, se possível. Sei que me dirá se lhe pedir. É uma grande bênção poder contar com isso em você. Não; não acredita como isso me consola.

— De que verdade está falando? — perguntou Isabel, admirada.

— Só disto: se lorde Warburton mudou de idéia por ele mesmo ou porque você recomendou que o fizesse. Para agradar a ele mesmo, quero dizer, ou para agradar a você. Pense na confiança que ainda lhe devoto, apesar de já ter perdido um pouquinho — continuou madame Merle, com um sorriso —, para lhe fazer uma pergunta dessas! — Ficou olhando para a amiga, para apreciar o efeito de suas palavras; depois prosseguiu: — Agora, não seja heróica, não seja teimosa, não se ofenda. Parece-me que, falando-lhe assim, rendo-lhe homenagem. Não conheço outra mulher a quem falaria dessa maneira. Não tenho nenhuma ilusão de que qualquer outra me diria a verdade. E não percebe como é certo que seu marido queira saber? É verdade que ele não teve o menor tato ao tentar chegar à verdade; permitiu-se fazer suposições gratuitas. Mas isso não altera o fato de que faria diferença na concepção que ele tinha sobre o futuro da filha saber exatamente o que aconteceu. Lorde Warburton simplesmente cansou-se da pobre menina, isso é fato, e é uma pena. Se ele abriu mão dela para agradar a você, é outro fato. Que também é uma pena, mas de outra maneira. No segundo caso, talvez você se resignasse a não ser agradada — a ver simplesmente sua enteada casada. Solte-o, deixe-o para nós!

Madame Merle ia falando de modo muito deliberado, observando a outra e talvez pensando que podia prosseguir sem percalços. Enquanto falava, Isabel foi ficando pálida; apertou as mãos, pousadas no colo, uma contra a outra com força. Não que a visitante tivesse achado a hora certa de ser insolente, pois isso não era o que tinha ficado mais aparente. Era algo mais horrível que isso.

— Quem é a senhora, o que é a senhora? — murmurou Isabel. — O que tem a ver com meu marido? — É estranho que naquele momento tenha se sentido tão próxima dele, como se o amasse.

— Ah, bom, está sendo heróica! Sinto muito. Mas não pense que vou adotar o mesmo tom.

— O que tem a ver comigo? — insistiu Isabel.

Madame Merle pôs-se de pé devagar, afagando o regalo, mas sem tirar os olhos do rosto de Isabel.

— Tudo! — respondeu.

Isabel permaneceu sentada, olhando para ela, sem se levantar; seu rosto espelhava uma súplica de esclarecimento. Mas a luz dos olhos daquela mulher parecia apenas escuridão.

— Oh, misericórdia! — murmurou, por fim, e deixou-se cair para trás, cobrindo o rosto com as mãos. Ocorria-lhe, como uma onda inexorável, que a senhora Touchett tinha razão. Madame Merle tinha feito seu casamento. Antes de ela tornar a descobrir o rosto, a mulher deixara a sala.

Isabel saiu sozinha para um passeio de carruagem naquela tarde; queria estar longe, a céu aberto, onde pudesse descer e pisar nas margaridas. Muito antes disso, fizera de Roma sua confidente, pois, num mundo de ruínas, a ruína de sua felicidade parecia uma catástrofe menos extraordinária. Ela descansava sua fadiga sobre coisas que tinham desmoronado durante séculos e, contudo, ainda estavam de pé; deixava cair sua secreta tristeza no silêncio de lugares solitários onde sua qualidade muito moderna destacava-se e tornava-se objetiva, de modo que, enquanto estava sentada num fragmento aquecido pelo sol num dia de inverno ou entrava numa úmida igreja aonde ninguém ia, quase podia sorrir para ela e pensar na sua pequenez. Sua tristeza era pequena, nos grandes anais romanos, e seu constante senso da continuidade da vida humana levava-a, sem dificuldades, do menor para o maior. Ela fora criando profunda e terna afeição por Roma: isso combinava com o seu ardor e o moderava. Mas acabara pensando nela especialmente como o lugar onde pessoas tinham sofrido. Isso era o que lhe vinha das igrejas abandonadas, cujas colunas de mármore transferidas de ruínas pagãs pareciam oferecer-lhe companhia na resignação, e cujo incenso mofado parecia ser a combinação de orações há muito sem resposta. Não havia herege mais doce ou menos consistente que Isabel; o mais devoto dos fiéis, de olhar fito nas escuras imagens do altar ou nos candelabros acesos, não teria sentido de forma mais íntima a sugestão de tais objetos nem estaria mais propenso em momentos assim à visitação espiritual. Como sabemos, Pansy era quase sempre sua companheira, e nos últimos tempos a condessa Gemini, equilibrando uma sombrinha, tinha emprestado brilho ao grupo, mas ela ainda se via sozinha nas ocasiões em que isso convinha a seu estado de espírito ou convinha ao lugar. Nessas horas, tinha vários lugares preferidos, dos quais o mais acessível talvez fosse o baixo parapeito que acompanha o amplo espaço gramado diante da fachada alta e fria da igreja São João de Latrão. De lá, pode-se olhar através da campina para os contornos longínquos do monte Albano e para aquela poderosa planície intermediária, ainda tão cheia de tudo o que ela deixou para trás. Após a partida do primo e de seus companheiros, ela vagueou mais que de hábito; conduziu seus sombrios pensamentos de um santuário familiar a outro. Mesmo quando Pansy e a condessa estavam com ela, sentia o toque de um mundo que desaparecera. Deixando as muralhas de Roma para trás, a carruagem ia rolando por caminhos estreitos onde a madressilva silvestre começara a enroscar-se nas sebes, ou esperava em lugares tranquilos próximos a campinas, enquanto ela caminhava muito por sobre a relva salpicada de flores, ou sentava-se numa pedra que um dia tivera utilidade e fitava através do véu de sua tristeza pessoal a esplêndida tristeza da cena — a luz densa e cálida, as distantes gradações de cores em suave confusão, os imóveis pastores em posturas solitárias, as colinas nas quais as sombras das

nuvens tinham a leveza de um rubor.

Na tarde que comecei a descrever, ela tomara a decisão de não pensar em madame Merle, mas a decisão provou ser vã e a imagem daquela senhora ficou pairando constantemente diante dela. Ela se perguntou, com horror quase infantil, se àquela amiga íntima de vários anos poderia ser aplicado o epíteto de *malvada*. Conhecia o conceito apenas pela Bíblia e outras obras literárias; pelo que sabia, não travara conhecimento pessoal com a maldade. Tinha desejado obter grande conhecimento da vida humana, e, a despeito de dizer a si mesma que tinha cultivado isso com algum sucesso, esse privilégio elementar lhe fora negado. Talvez não fosse malvadez — no sentido histórico — ser profundamente falsa; pois isso era o que madame Merle tinha sido — profundamente, profundamente, profundamente. A tia de Isabel, Lydia, tinha feito essa descoberta há muito tempo e mencionara-a à sobrinha, mas Isabel gabara-se nessa época de ter visão muito mais rica das coisas, em especial da espontaneidade de sua própria carreira e da nobreza de suas próprias interpretações, do que a pobre senhora Touchett, de raciocínio rígido. Madame Merle fizera o que queria; tinha concretizado a união de seus dois amigos, reflexão que obrigatoriamente fazia pensar por que teria querido tanto tal acontecimento. Havia pessoas com a mania de ser casamenteiras, como os devotos da arte, mas madame Merle, apesar de ser grande artista, não era bem uma delas. Tinha opinião muito ruim sobre o casamento, até mesmo sobre a vida; tinha desejado aquele casamento em particular, mas não outros. Portanto, tivera concepção de ganho e Isabel perguntava-se onde teria encontrado seu lucro. Naturalmente levou muito tempo para ela descobrir, e mesmo então a descoberta foi imperfeita. Ocorreu-lhe que madame Merle, embora parecesse ter gostado dela desde o primeiro encontro em Gardencourt, fora duplamente carinhosa após a morte do senhor Touchett, e depois de saber que a jovem amiga fora objeto da caridade do bom velho. Tinha encontrado seu lucro não no grosseiro estratagema de pedir dinheiro emprestado, mas na idéia mais refinada de apresentar um de seus amigos íntimos à recente e ingênua fortuna da jovem. Naturalmente escolhera o amigo mais íntimo e já estava bem claro para Isabel que Gilbert ocupava tal posição. Viu-se confrontada desse modo com a convicção de que o único homem no mundo que ela imaginara ser o menos sórdido tinha casado com ela, como um vulgar aventureiro, por seu dinheiro. Parece estranho, mas isso nunca lhe ocorrera antes; apesar de ter pensado muitas coisas más a respeito de Osmond, nunca lhe fizera tal insulto em particular. Isso era o que podia pensar de pior, e vinha dizendo a si mesma que o pior ainda estava por vir. Um homem podia muito bem casar com uma mulher pelo dinheiro; acontecia com muita freqüência. Mas pelo menos deveria deixá-la saber. Ela se perguntava como, já que ele queria seu dinheiro, esse dinheiro agora não o satisfazia. Ele ficaria com o dinheiro e a deixaria ir? Ah, se a grande caridade do senhor Touchett pudesse pelo menos ajudá-la agora, seria mesmo uma bênção! Não demorou muito para ocorrer-lhe que, se madame Merle tinha querido prestar um serviço a Gilbert, o reconhecimento dele pela dádiva devia ter perdido o calor. Quais deveriam ser os sentimentos dele hoje para com a sua benfeitora por demais zelosa, e que expressão deveriam ter encontrado por parte de um mestre da ironia como ele? É um fato singular, porém característico, que antes de Isabel voltar de seu passeio silencioso tivesse rompido o silêncio, exclamando baixinho:

— Pobre madame Merle!

Talvez fosse possível justificar sua compaixão se, naquela mesma tarde, ela tivesse se escondido atrás de um dos valiosos reposteiros de damasco amaciado pelo tempo que guarneciam o pequeno e interessante *salon* da dama a quem essa compaixão era dirigida, o aposento arrumado com tanto cuidado ao qual fizemos uma vez uma visita em companhia do discreto senhor Rosier. Nessa sala, pelas seis horas da tarde, Gilbert Osmond estava sentado e sua anfitriã permanecia de pé diante dele, como Isabel a vira numa ocasião celebrada nesta história com ênfase apropriada não tanto pela sua importância aparente quanto pela real.

— Não acredito que esteja infeliz, acho que está gostando — disse madame Merle.

— Eu disse que estava infeliz? — perguntou Osmond com o rosto sério o bastante para indicar que talvez estivesse.

— Não, mas você não diz o contrário, como deveria fazê-lo por simples gratidão.

— Não fale de gratidão — volveu ele, seco. — E não me irrite — acrescentou dali a pouco.

Madame Merle sentou-se devagar com os braços cruzados e as mãos alvas dispostas como apoio para um deles e ornamento, por assim dizer, para o outro. Sua aparência era de extrema calma, porém de impressionante tristeza.

— E não tente atemorizar-me. Pergunto-me se adivinha algum dos meus pensamentos.

— Preocupo-me com eles o mínimo possível. Já tenho muitos para me ocupar.

— Isso é porque eles são tão apazíveis!

Osmond recostou a cabeça no espaldar da cadeira e contemplou a outra com cinismo tão direto que também parecia ser em parte expressão de cansaço.

— Você me irrita mesmo — comentou em seguida. — Estou muito cansado.

— *Et moi donc?* — exclamou madame Merle.

— Você se cansa a si mesma. Eu não tenho culpa do meu cansaço.

— Quando me canso, é por você. Eu lhe dei uma fonte de interesse. É uma grande dádiva.

— Chama a isso de interesse? — perguntou Osmond, em tom neutro.

— Certamente, se o ajuda a passar o tempo...

— O tempo nunca custou tanto a passar para mim como neste inverno.

— Você nunca esteve com melhor aparência; nunca esteve tão agradável, tão brilhante!

— Para o inferno com meu brilhantismo! — murmurou ele, com ar pensativo. — Como você me conhece pouco, afinal!

— Se eu não o conheço, então não conheço nada — disse madame Merle, sorrindo. — Você transparece o completo sucesso.

— Não, só vou ter sucesso quando conseguir que você pare de me julgar.

— Fiz isso há muito tempo. Estou falando de conhecimento antigo. Além disso, você também está se expressando mais.

Osmond manteve o mesmo tom.

— Gostaria que você se expressasse menos!

— Quer condenar-me ao silêncio? Lembre-se de que nunca fui tagarela. De qualquer modo, há três ou quatro coisas que gostaria de dizer-lhe antes. Sua mulher não sabe o que fazer consigo mesma — continuou, mudando de tom.

— Desculpe-me, mas ela sabe muito bem. Já traçou uma linha com toda a clareza. Pretende levar adiante suas idéias.

— Hoje essas idéias devem ser extraordinárias.

— Claro que são. Nunca teve tantas idéias.

— Não conseguiu expressar nenhuma hoje de manhã — disse madame Merle. — Parecia estar num estado de espírito muito simples, quase embotada. Estava completamente confusa.

— É melhor dizer logo que estava patética.

— Ah, não, não quero encorajá-lo demais.

Ele continuava com a cabeça recostada na almofada, o tornozelo pousado no joelho da outra perna. Ficou sentado assim durante um tempo.

— Eu gostaria de saber o que há com você — disse ele, por fim.

— O que há comigo... o que há comigo! — E então madame Merle parou. Depois entregou-se a um súbito arroubo de paixão, como uma trovoadas de verão num céu límpido: — O que há comigo é que eu daria a mão direita para poder chorar e não consigo!

— De que adiantaria chorar?

— Faria com que me sentisse como era antes de conhecê-lo.

— Se eu sequei suas lágrimas, isso é uma grande coisa. Mas eu já a vi derramá-las.

— Oh, acredito que ainda me faça chorar. Quero dizer, uivar como um lobo. Tenho grande esperança, tenho grande necessidade disso. Fui horrível hoje de manhã; fui medonha — disse.

— Se Isabel estava no estado de espírito embotado que mencionou, provavelmente não o percebeu — respondeu Osmond.

— Foi exatamente minha maldade que a deixou embotada. Não consegui evitar: eu estava possuída de algo mau. Talvez fosse algo bom, não sei. Você não secou só as minhas lágrimas, secou também minha alma.

— Então não sou eu o responsável pela condição da minha mulher — disse Osmond. — É agradável pensar que colherei o benefício de sua influência sobre ela. Não sabe que a alma é um princípio imortal? Como pode sofrer alteração?

— Não acredito nem um pouco que seja um princípio imortal. Acho que pode muito bem ser destruída. Foi isso o que aconteceu com a minha, que era muito boa no começo e é a você que devo agradecer por tê-la estragado. Você é *muito* mau — acrescentou com séria ênfase.

— É desse jeito que vamos acabar? — perguntou Osmond, com a mesma frieza estudada.

— Não sei como vamos acabar. Gostaria de saber! Como terminam os maus? Especialmente com relação a seus crimes *communs*. Você me tornou tão má quanto você.

— Não a entendo. Para mim, parece bastante boa — disse Osmond, cuja indiferença consciente emprestava efeito extremo às palavras.

O autodomínio de madame Merle, ao contrário, tendia a diminuir, e ela estava mais perto de perdê-lo do que em qualquer outra ocasião em que tivemos o prazer de observá-la. O brilho de seu olhar tornou-se sombrio; seu sorriso deixou transparecer um penoso esforço.

— Boa o bastante para qualquer coisa em que eu tenha me transformado? Suponho que seja isso o que quer dizer.

— Boa o bastante para ser sempre encantadora! — exclamou Osmond, sorrindo também.

— Oh, meu Deus! — murmurou a outra, e ali sentada em seu frescor maduro recorreu ao mesmo gesto que provocara em Isabel de manhã: curvou a cabeça e cobriu-a com as mãos.

— Vai chorar, afinal? — perguntou Osmond, e, como ela permanecia imóvel, continuou: — Eu me queixei alguma vez para você?

Ela deixou cair as mãos num gesto rápido.

— Não, vingou-se de outro modo. Vingou-se *nela*.

Osmond jogou a cabeça um pouco mais para trás; ficou contemplando o teto por um instante, dando a impressão de estar fazendo um apelo informal aos poderes celestiais.

— Oh, a imaginação das mulheres! No fundo, ela é sempre vulgar. Falam de vingança como um romancista de quinta categoria.

— É claro que não se queixou. Você tem saboreado demais seu triunfo.

— Estou bastante curioso em saber o que chama de meu triunfo.

— Fez com que sua mulher passasse a temê-lo.

Osmond mudou de posição; debruçou-se para a frente, pousando os cotovelos nos joelhos e olhando por um momento para o belo e antigo tapete persa a seus pés. Tinha o ar de quem se recusava a aceitar a avaliação de outrem sobre qualquer coisa, mesmo do tempo, e de preferir ficar com a própria, peculiaridade que o tornava às vezes um interlocutor irritante.

— Isabel não tem medo de mim e não é isso o que quero — disse, por fim. — O que quer provocar em mim dizendo essas coisas?

— Já pensei em todo o mal que você pode me causar — respondeu madame Merle. — Sua mulher estava com medo de mim esta manhã, mas era a você, na verdade, que ela temia.

— Talvez você tenha dito coisas de mau gosto; não sou responsável por isso. Não achei que adiantaria você ir vê-la; é capaz de agir sem ela. Eu não fiz *você* ter medo de mim, isso posso perceber — continuou —, então como posso ter feito isso a ela? Você é pelo menos tão corajosa quanto ela. Não posso imaginar onde foi buscar tanta bobagem; nem parece que me conhece. — Levantou-se enquanto falava e andou até a lareira, onde ficou parado um pouco com o olhar voltado para os delicados objetos de porcelana rara que a encimavam, como se os visse pela primeira vez. Pegou uma pequena xícara e ficou com ela na mão; depois, ainda a segurá-la, prosseguiu:

— Você sempre vê coisas demais; exagera; perde de vista a realidade. Sou muito mais simples do que pensa.

— Acho que é muito simples. — E madame Merle manteve o olhar fito na xícara. — Cheguei a essa conclusão com o tempo. Eu o julguei, como disse, há muito tempo, mas só desde seu casamento é que vim a compreendê-lo. Vi melhor o que você tem sido para sua mulher do que jamais vi o que foi para mim. Por favor, tome cuidado com esse precioso objeto.

— Já tem uma rachadura minúscula — disse Osmond em tom seco, pousando-a. — Se você não me entendia antes de eu me casar, foi extrema crueldade de sua parte colocar-me numa cela dessas. Porém, eu acabei me afeiçoando à cela; achei que caberia nela com conforto. Eu pedia muito pouco; só pedia que ela gostasse de mim.

— Que ela gostasse muitíssimo de você!

— Muitíssimo, é claro; num caso assim, sempre se pede o máximo. Que ela me adorasse, se você quiser. Oh, sim, eu queria isso.

— Eu nunca o adorei — disse madame Merle.

— Ah, mas fingiu adorar!

— É verdade que você nunca me acusou de ser acomodada — continuou madame Merle.

— Minha mulher recusou-se... recusou-se a fazer qualquer coisa parecida — completou Osmond. — Se você fez disso uma tragédia, não foi o que ela fez.

— A tragédia é minha! — exclamou madame Merle, pondo-se de pé, com longo e baixo suspiro, mas ao mesmo tempo lançando um olhar para o conteúdo da prateleira da lareira. — Parece que vou aprender da maneira mais difícil as desvantagens de uma posição falsa.

— Você fala como frases de um livro. Devemos procurar nosso conforto onde podemos achá-lo. Se minha mulher não gosta de mim, pelo menos minha filha gosta. Procurarei compensações em Pansy. Felizmente não vejo nela defeito algum.

— Ah — disse a outra baixinho —, se eu tivesse uma filha!...

Osmond esperou e depois anunciou com ar um tanto formal:

— Os filhos dos outros podem ser de grande interesse!

— Você soa mais como um livro do que eu. Afinal, há algo que nos une.

— Será a idéia do mal que lhe posso causar? — indagou Osmond.

— Não; é a idéia do bem que eu posso fazer por você. Foi isso — proseguiu madame Merle — que me fez sentir tanto ciúme de Isabel. Quero que seja obra *minha* — rematou, e seu rosto, que havia se tornado duro e amargo, abrandou-se em sua costumeira suavidade.

O amigo apanhou o chapéu e o guarda-chuva e, depois de dar no primeiro duas ou três pancadinhas com o punho do casaco, disse:

— Pensando bem, acho melhor deixar isso comigo.

Depois que ele foi embora, a primeira coisa que ela fez foi pegar da prateleira a frágil xícara de café na qual ele mencionara a existência de uma rachadura, mas limitou-se a olhar para ela distraidamente.

— Terei sido tão má para nada? — lamentou-se, vagamente.

Uma vez que a condessa Gemini não conhecia os monumentos antigos, Isabel ocasionalmente se oferecia para apresentar-lhe tais relíquias interessantes e assim dar ao seu passeio vespertino um objetivo de antiquário. A condessa, que considerava sua cunhada um prodígio de sabedoria, jamais interpunha uma objeção e olhava para as massas de alvenaria romana com a mesma paciência com que olharia pilhas de cortinas modernas. Não possuía o senso histórico, embora tivesse, em ocasiões, o senso anedótico e, no tocante a si mesma, o apologético, mas estava tão contente de estar em Roma que desejava simplesmente flutuar com a corrente. Teria tido o maior prazer em passar uma hora por dia na escuridão úmida dos banhos de Tito, se isso fosse uma condição para a sua permanência no Palazzo Roccanera. Isabel, no entanto, não era um cicerone severo; costumava visitar as ruínas principalmente porque elas serviam de desculpa para se falar de quaisquer outros assuntos que não os casos amorosos das mulheres de Florença, um assunto sobre o qual sua companheira jamais cansava de oferecer informações. Devo acrescentar que durante essas visitas a condessa não se permitia qualquer tipo de pesquisa ativa; sua preferência era ficar sentada na carruagem e exclamar que tudo era muito interessante. Fora dessa maneira que examinara, até então, o Coliseu, para a tristeza infinita de sua sobrinha, que — com todo o respeito que tinha por ela — não via por que não podia descer do veículo e entrar no edifício. Pansy tinha tão poucas chances de andar à toa que sua opinião a esse respeito não era de todo desinteressada; é possível até que tivesse uma secreta esperança de que, uma vez dentro, a hóspede de seus pais pudesse ser persuadida a subir até os patamares superiores. Houve um dia em que a condessa anunciou sua vontade de empreender tal feito — foi numa morna tarde de março, quando o mês dos ventos expressava-se em ocasionais bafejadas primaveris. As três senhoras entraram no Coliseu juntas, mas Isabel deixou suas companheiras para andar por lá. Com freqüência subira àquelas plataformas desoladas onde a multidão de romanos costumava vociferar seu aplauso e agora flores selvagens (quando lhes era permitido) brotavam das profundas fendas; nesse dia ela se sentia cansada e disposta a sentar-se na arena despojada. Era também como um intervalo, pois a condessa geralmente exigia mais da atenção dela do que dava em troca; e Isabel acreditava que, quando ela ficava a sós com a sobrinha, permitia que a poeira assentasse por um instante nos antigos escândalos do Arnida. Por isso ficou no andar inferior um pouco enquanto Pansy conduzia sua indiscriminadora tia para a grande escadaria de tijolos, ao pé da qual o guardião destrancava o portão de madeira. Metade do grande pátio estava nas sombras; o sol poente ressaltava o tom vermelho-pálido dos grandes blocos de calcário — a cor latente que é o único elemento vivo na imensa ruína. Aqui e ali vagava um camponês ou um turista, erguendo os olhos para a linha do céu distante, onde, na clara tranqüilidade, um bando de andorinhas estava a voar em círculos e a dar seus mergulhos. Dali a pouco Isabel percebeu que um dos outros visitantes, de pé no meio da

arena, havia desviado a atenção em sua direção e a olhava com a cabeça um pouco de lado, uma atitude que ela percebera, há algumas semanas, ser característica de alguém com um propósito indestrutível, embora frustrado. Tal atitude, hoje, só poderia pertencer ao senhor Edward Rosier; e esse cavalheiro provou que, de fato, estava considerando a questão de dirigir-lhe a palavra. Quando se assegurou de que ela estava desacompanhada, aproximou-se, observando que, embora ela não respondesse a suas cartas, talvez não deixasse de ouvir sua eloquência verbal. Ela respondeu que sua enteada estava por perto e que lhe daria apenas cinco minutos; após o que ele tirou o relógio do bolso e sentou-se sobre um bloco partido.

— Não demorarei — disse Edward Rosier. — Já vendi todos os meus bibelôs! — Instintivamente, Isabel soltou uma exclamação de terror; era como se ele tivesse contado a ela que havia arrancado todos os dentes. — Vendi-os em leilão no Hôtel Drouot — continuou. — A venda foi feita há três dias e eles me telegrafaram comunicando o resultado. Foi magnífico.

— Fico contente em saber, mas gostaria que tivesse guardado seus lindos objetos.

— Em vez deles, tenho o dinheiro — cinqüenta mil dólares. O senhor Osmond agora me considerará rico o bastante?

— Foi por isso que os vendeu? — perguntou Isabel suavemente.

— Por que outra razão seria? É a única coisa em que consigo pensar. Fui a Paris e acertei tudo. Não ia esperar a venda acontecer; não conseguiria vê-los partir; acho que teria morrido. Mas coloquei-os em boas mãos e os preços alcançados foram bons. Devo dizer-lhe que fiquei com as pinturas. Agora tenho o dinheiro em meu bolso e ele não pode dizer que sou pobre! — exclamou o jovem, desafiador.

— Agora ele dirá que o senhor não é sábio — disse Isabel, como se Gilbert Osmond jamais tivesse dito isso antes.

Rosier lançou-lhe um olhar agudo.

— A senhora está dizendo que sem os bibelôs nada sou? Quer dizer que eram o que de melhor eu tinha? Foi o que me disseram em Paris; oh, foram bastante francos a respeito disso. Mas nunca tinham olhado para *ela*!

— Meu caro amigo, o senhor merece ter sucesso — disse Isabel, bastante amável.

— A senhora diz isso com tanta tristeza que é como se dissesse o contrário. — E ele questionou os olhos dela com a clara agitação de seus próprios. Tinha o ar de um homem que sabia ter sido o centro dos boatos em Paris por uma semana e ter crescido como conseqüência, mas que também tinha a dolorosa suspeita de que, a despeito de tal aumento de envergadura, uma ou duas pessoas ainda teimavam em considerá-lo diminuto. — Eu sei o que aconteceu aqui quando estive fora — continuou. — O que o senhor Osmond espera depois de ela ter recusado lorde Warburton?

Isabel pensou um momento.

— Que ela se case com outro nobre.

— Que outro nobre?

— Um que ele irá escolher.

Rosier ergueu-se devagar, colocando o relógio no bolso do colete.

— A senhora está rindo de alguém, mas desta vez não acho que seja de mim.

— Não quis rir — disse Isabel. — Raramente o faço. Acho que o senhor deveria ir agora.

— Sinto-me bastante seguro! — declarou Rosier, sem se mexer. Podia ser verdade, mas, evidentemente, sentia-se mais seguro dizendo isso em voz alta, equilibrando-se com um tanto de complacência na ponta dos pés e olhando em volta por todo o Coliseu, como se estivesse cheio de gente. De repente Isabel viu que ele mudava de cor; havia mais gente do que ele presumia. Ela voltou-se e percebeu que suas duas companheiras haviam retornado de seu passeio.

— O senhor tem que ir embora — disse depressa.

— Ah, minha querida senhora, tenha pena de mim! — Edward Rosier murmurou numa voz estranhamente contrastante com a declaração que mencionei instantes atrás. E depois acrescentou, ansioso, como um homem que no meio de seu desgosto tem um pensamento alegre: — Aquela senhora é a condessa Gemini? Desejo imensamente ser apresentado a ela.

Isabel olhou para ele por um momento.

— Ela não tem influência alguma sobre o irmão.

— Ah, que monstro a senhora o pinta! — E Rosier voltou-se para a condessa que avançava, à frente de Pansy, com uma animação devida, em parte, ao fato de ela ter percebido que sua cunhada estava conversando com um homem muito bonito.

— Estou contente que tenha ficado com as pinturas! — Isabel disse-lhe ao deixá-lo. Foi se encontrar diretamente com Pansy que, tendo visto Edward Rosier, havia estacado e voltado os olhos para o chão. — Voltaremos para a carruagem — disse com brandura.

— Sim, está ficando tarde — retornou Pansy, com maior brandura ainda. E foi sem um murmúrio, sem hesitar ou olhar para trás.

Porém Isabel, que se permitiu essa última liberdade, viu que um encontro havia ocorrido imediatamente entre a condessa e o senhor Rosier. Ele havia tirado o chapéu e estava fazendo medidas e sorrindo; era evidente que havia se apresentado enquanto as costas expressivas da condessa apresentavam aos olhos de Isabel uma graciosa curvatura. Esses fatos, de qualquer modo, logo foram perdidos de vista, pois Isabel e Pansy uma vez mais tomaram seus lugares na carruagem. Pansy, defronte à sua madrasta, de início mantinha os olhos voltados para o colo; depois ergueu-os e fitou os de Isabel. Brilhava em cada olho um pequeno raio de melancolia — um lampejo de tímida paixão que tocou Isabel no coração. Ao mesmo tempo uma onda de inveja passou-lhe pela alma ao comparar o trêmulo anseio, o ideal definido da jovem com seu próprio desespero árido.

— Pobre Pansy! — disse com afeição.

— Oh, não faz mal! — respondeu Pansy em tom de ansiosa desculpa.

E então fez-se silêncio; a condessa demorava bastante em voltar.

— Mostrou tudo à sua tia? Ela gostou? — perguntou Isabel, por fim.

— Sim, mostrei-lhe tudo. Acho que ficou bastante contente.

— E você não está cansada, espero.

— Oh, não, obrigada, não estou cansada.

A condessa ainda não tinha aparecido, de modo que Isabel teve que pedir ao cocheiro que fosse ao Coliseu e dissesse a ela que estavam a sua espera. Ele voltou logo depois com a notícia de que a

condessa rogara que não esperassem por ela — ela voltaria para casa num fiacre!

Cerca de uma semana depois que as impacientes simpatias dessa senhora tinham se transferido para o senhor Rosier, Isabel, atrasada para vestir-se para o jantar, encontrou Pansy sentada em seu quarto. A jovem parecia estar a esperá-la; levantou-se da cadeira baixa.

— Desculpe tomar esta liberdade — disse ela, numa voz fraca. — Será a última... por algum tempo.

Sua voz parecia estranha e os olhos, bastantes abertos, tinham um ar excitado, amedrontado.

— Você não vai embora! — exclamou Isabel.

— Vou para o convento.

— Convento?

Pansy aproximou-o o bastante para rodear Isabel com os braços e descansar a cabeça em seu ombro. Ficou assim por um instante, perfeitamente imóvel; mas sua interlocutora podia senti-la tremer. O tremor de seu corpo pequeno expressava tudo o que não conseguia dizer. Mesmo assim Isabel perguntou-lhe:

— Por que vai para o convento?

— Porque papai acha que é a melhor solução. Ele diz que uma jovem sente-se melhor, de tempos em tempos, quando faz um retiro. Ele diz que o mundo, sempre o mundo, é muito ruim para uma jovem. Seria a chance de um pouco de isolamento — um pouco de reflexão. — Pansy falava em frases curtas e soltas, como se mal pudesse confiar em si mesma; e depois acrescentou com autocontrole triunfante: — Acho que papai está certo; vi muito do mundo neste inverno.

Sua proclamação teve um estranho efeito em Isabel; parecia ter um significado muito maior do que a jovem imaginava.

— Quando isso foi decidido? — perguntou. — Eu não sabia de nada.

— Papai disse-me cerca de meia hora atrás; ele achou que seria melhor se isso não fosse muito discutido com antecedência. Irmã Catherine virá buscar-me às sete e quinze e devo levar apenas dois vestidos. Será somente por algumas semanas; estou certa de que vai ser muito bom. Irei encontrar todas aquelas senhoras que foram tão boas comigo e verei todas as meninas que estão sendo ensinadas. Gosto muito das meninas — disse Pansy com um efeito de diminuta grandeza. — Também gosto muito de irmã Catherine. Ficarei tranqüila pensando bastante.

Isabel escutou-a, retendo a respiração; estava quase atemorizada.

— Pense em *mim* de vez em quando.

— Ah, vá ver-me logo! — exclamou Pansy, e o apelo era bem diferente das heróicas frases que acabara de pronunciar.

Isabel não conseguiu dizer mais nada; não entendia nada; só percebia como conhecia pouco o marido. A resposta que deu à filha dele foi um longo e carinhoso beijo.

Meia hora depois, sua camareira comunicou-lhe que irmã Catherine tinha chegado num fiacre de aluguel e partira de novo com a *signorina*. Quando foi até a saleta antes do jantar, ela encontrou a condessa Gemini sozinha, e essa senhora caracterizou o incidente exclamando, com magnífico movimento da cabeça:

— *En voilà, ma chère, une pose!*

Mas, se era uma encenação, ela não conseguia compreender o que o marido estava encenando. Podia apenas perceber de modo vago que ele tinha mais tradições do que ela supusera. Tornara-se um hábito dela ter tanto cuidado com o que dizia a ele que, por estranho que pareça, ela hesitou, durante vários minutos após ele ter entrado na sala, em aludir à súbita partida da filha: só falou nisso depois de estarem sentados à mesa. Mas ela havia proibido a si mesma de fazer qualquer pergunta a Osmond. Tudo o que se permitia era fazer uma afirmativa e esta lhe veio naturalmente:

— Sentirei muita falta de Pansy.

Ele fitou por um momento, com a cabeça um pouco inclinada, o cesto de flores no centro da mesa. Por fim, disse:

— Ah, sim, eu pensei nisso. Deve ir vê-la, sabe, mas não com muita freqüência. Imagino que esteja se perguntando por que a mandei para as boas freiras, mas duvido que possa fazê-la entender. Não tem importância; não se preocupe com isso. Foi por essa razão que não lhe falei nada antes. Não achei que fosse concordar. Mas eu sempre tive essa idéia; sempre achei que faz parte da educação das filhas. As filhas devem ser frescas e puras; inocentes e gentis. Com os modos desta época, ela é capaz de ficar empoeirada e amarrotada. Pansy está um pouco empoeirada, um pouco desalinhada; tem andado muito por aí. Essa turba agitada e intrometida que se intitula sociedade — ela tem que ser retirada desse meio de vez em quando. Os conventos são muito quietos, muito convenientes, muito salutareos. Gosto de pensar que ela esteja lá, no antigo jardim, sob aquelas colunas, entre aquelas mulheres tranqüilas e virtuosas. Várias são muito bem-nascidas; várias são de origem aristocrática. Ela terá seus livros e seu desenho, terá seu piano. As instruções que deixei são muito liberais. Não deverá haver ascetismo algum; só certa sensação de estar encerrada. Ela terá tempo de pensar e há uma coisa em que quero que pense — Osmond falava de modo deliberado, razoável, ainda mantendo a cabeça um pouco de lado, como se estivesse olhando para o cesto de flores. Contudo, seu tom não era tanto o de um homem oferecendo uma explicação quanto o de alguém colocando algo em palavras — quase em imagens — para ele próprio ver como soaria. Considerou por um instante o quadro evocado, que pareceu lhe agradar muito. E continuou: — No fim das comas, os católicos são muito inteligentes. O convento é uma grande instituição; não podemos dispensá-lo, pois corresponde a uma necessidade essencial das famílias, da sociedade. É uma escola de boas maneiras; é uma escola de repouso. Oh, não quero afastar minha filha do mundo — acrescentou. — Não quero fazê-la ter os pensamentos voltados para um outro mundo. Este está muito bom, está como *ela* deve ter percebido, e pode pensar nele tanto quanto quiser. Só que deve fazê-lo do modo certo.

Isabel prestou extrema atenção a esse pequeno esboço; na verdade, achou-o de intenso interesse. Parecia demonstrar-lhe até que ponto o desejo do marido de ser eficaz era capaz de ir — ao ponto de pregar peças teóricas no delicado organismo da filha. Ela não conseguia entender-lhe o propósito; não, não de todo; mas entendia-o melhor do que ele imaginava ou desejava, ainda mais que estava convencida de que a coisa toda era uma complicada mistificação a ela dirigida e destinada a atuar sobre sua imaginação. Ele tinha querido fazer algo súbito e arbitrário, algo inesperado e refinado, para marcar a diferença entre suas simpatias e as dela, e mostrar que, se considerava a filha como uma preciosa obra de arte, era natural que tomasse cuidado cada vez

maior com os retoques finais. Se ele queria ser eficaz, tinha conseguido; o incidente lançou um frio no coração de Isabel. Pansy tinha passado a infância no convento e lá fora seu lar feliz; gostava das freiras, que gostavam muito dela, e assim, por enquanto, não havia nenhum sofrimento definido na sua sorte. Mas, ainda assim, a moça sentira medo; a impressão que o pai queria causar seria, sem dúvida, bastante aguda. A velha tradição protestante nunca desaparecera da lembrança de Isabel e, à medida que suas idéias se apegavam a esse impressionante exemplo da índole do marido — ela continuava sentada, como ele, olhando para o cesto de flores —, a pobre Pansy tornava-se heroína de uma tragédia. Osmond queria que soubessem que nada o deteria, e sua mulher achou difícil fingir que conseguia jantar. Sentiu um certo alívio dali a pouco ao ouvir a voz aguda e tensa da cunhada. A condessa também parecia ter pensado sobre aquela história toda, mas tinha chegado a uma conclusão diferente da de Isabel.

— É bem absurdo, meu caro Osmond — disse ela —, inventar tantas razões bonitas para banir a pobre Pansy. Por que não diz logo que queria tirá-la de perto de mim? Não descobriu que eu tenho muito boa opinião sobre o senhor Rosier? De fato, tenho; parece-me *simpaticissimo*.^{*} Fez-me acreditar em amor verdadeiro; nunca acreditei nisso antes! É claro que você resolveu que, com tais convicções, sou péssima companhia para Pansy.

Osmond tomou um gole de vinho; parecia estar de perfeito bom humor. Sorrindo como se estivesse dizendo frases galantes, respondeu:

— Minha prezada Amy, nada sei a respeito de suas convicções, mas se desconfiasse de que estavam interferindo nas minhas, teria sido muito mais simples banir *você*.

^{*} Em italiano no original. (N. R.)

A condessa não foi banida, mas sentiu a insegurança do seu direito à hospitalidade do irmão. Uma semana depois desse incidente, Isabel recebeu um telegrama da Inglaterra, vindo de Gardencourt, e evidenciando o cunho da autoria da senhora Touchett. “Ralph não vai durar muitos dias”, dizia, “e, se for conveniente, gostaria de vê-la. Quer que eu lhe diga que só venha se não tiver outros deveres. De minha parte, digo que você costumava falar muito sobre seu dever e perguntar-se qual seria; estou curiosa de ver se descobriu. Ralph está mesmo morrendo e não há outras pessoas.” Isabel estava preparada para a notícia, por ter recebido de Henrietta Stackpole um relato minucioso da viagem para a Inglaterra com seu grato paciente. Ralph chegara mais morto que vivo, mas ela conseguira levá-lo até Gardencourt, onde ele se recolhera ao leito de onde, no dizer da senhorita Stackpole, estava claro que nunca tornaria a sair. Acrescentava que, na verdade, tivera dois pacientes para cuidar em vez de um, já que o senhor Goodwood, que não tinha sido de nenhuma valia, estava tão enfermo, de modo diverso, quanto o senhor Touchett. Depois escrevera que fora obrigada a entregar a batalha à senhora Touchett, que acabara de voltar da América e logo deixou bem claro que não queria entrevistas em Gardencourt. Isabel escrevera à tia logo depois de Ralph chegar a Roma, informando-a sobre a crítica condição de saúde dele e sugerindo que ela não demorasse em voltar à Europa. A senhora Touchett telegrafara respondendo a essa advertência, e a única outra notícia que Isabel recebeu dela foi o segundo telegrama que acabei de transcrever.

Isabel ficou parada um instante olhando para essa missiva; depois, enfiando-a no bolso, foi direto à porta do estúdio do marido. Ali parou de novo um momento, depois abriu a porta e entrou. Osmond estava sentado à mesa perto da janela com um grande volume à sua frente, escorado por uma pilha de livros. O volume estava aberto numa página de ilustrações coloridas, e Isabel viu em seguida que ele estivera copiando de lá o desenho de uma moeda antiga. Havia diante dele uma caixa de aquarelas e pincéis finos, e ele já tinha passado para uma folha de papel imaculado o delicado disco colorido. Estava de costas para a porta, mas reconheceu a mulher sem se voltar.

— Desculpe-me incomodá-lo — disse ela.

— Quando vou ao seu quarto, sempre bato antes — volveu ele, continuando a trabalhar.

— Esqueci; tinha o pensamento noutra coisa. Meu primo está morrendo.

— Ah, não acredito nisso — disse Osmond, examinando seu desenho com uma lupa. — Ele estava agonizante quando casamos; vai durar mais que nós todos.

Isabel não perdeu tempo nem raciocínio apreciando o cuidadoso cinismo de tal declaração; simplesmente continuou, rápida, preocupada com sua própria intenção:

— Minha tia telegrafou pedindo que eu vá; tenho que ir a Gardencourt.

— Por que tem que ir a Gardencourt? — indagou Osmond, num tom de curiosidade imparcial.

— Para ver Ralph antes de ele morrer.

A isso, durante algum tempo, ele não deu resposta; continuou a dedicar maior atenção a seu trabalho, que era do tipo que não admitiria qualquer negligência. Por fim, disse:

— Não vejo necessidade disso. Ele veio vê-la aqui. Eu não gostei; achei o fato de ele estar em Roma um grande erro. Mas tolerarei porque seria a última vez que você o veria. Agora me diz que não foi a última. Ah, você é ingrata!

— Pelo que devo ser grata?

Gilbert Osmond pousou os pequenos instrumentos que estava usando, soprou uma partícula de poeira do desenho, levantou-se devagar e, pela primeira vez, olhou para a mulher.

— Por eu não ter interferido enquanto ele estava aqui.

— Oh, sim, estou. Lembro muitíssimo bem com que clareza você me deu a entender que não tinha gostado. Eu fiquei bem contente quando ele partiu.

— Então deixe-o em paz. Não corra atrás dele.

Isabel desviou o olhar e pousou-o no pequeno desenho.

— Tenho que ir à Inglaterra — disse, com plena consciência de que seu tom soaria a um homem irritável e de bom gosto uma estúpida obstinação.

— Não gostarei se for — observou Osmond.

— Por que eu deveria importar-me com isso? Não gostará se eu não for. Não gosta de nada que eu faça ou deixe de fazer. Adota o ar de quem pensa que eu minto.

Osmond ficou um tanto pálido; esboçou um sorriso frio.

— Então é por isso que tem que ir? Não para ver seu primo, mas para vingar-se de mim.

— Nada sei sobre vingança.

— Eu, sim — disse Osmond. — Não me dê motivo.

— Você está sempre ansioso para encontrar um. Tem um desejo imenso de que eu cometa alguma loucura.

— Nesse caso, eu ficaria contente se você me desobedecesse.

— Se eu o desobedecesse? — repetiu Isabel em voz baixa, o que causava um efeito de suavidade.

— Vamos deixar bem claro. Se você partir de Roma hoje, isso será um ato da mais deliberada, da mais calculada oposição.

— Como pode dizer que é calculada? Acabei de receber o telegrama de minha tia não faz nem três minutos.

— Você pensa rápido; é um grande dom. Não vejo por que temos que prolongar nossa discussão; você sabe o que quero. — E ficou de pé, como se esperasse vê-la retirar-se.

Mas ela não se mexeu; não conseguia mover-se, por estranho que pareça; ainda queria justificar-se; ele tinha o poder, a um grau extraordinário, de fazê-la sentir tal necessidade. Havia algo na imaginação dela a que ele sempre poderia apelar contra o bom senso.

— Não tem razão para querer isso — disse Isabel —, e eu tenho boas razões para ir. Não sei lhe dizer como acho injusto. Mas acho que sabe. A sua oposição é que é calculada. É maligna.

Ela nunca antes expressara seu pior pensamento para o marido, e a sensação de ouvi-lo era, sem dúvida, nova para Osmond. Porém ele não demonstrou surpresa e a sua indiferença parecia ser a

prova de que acreditava que a esposa não conseguiria, na verdade, resistir para sempre ao seu engenhoso esforço de exigir mais dela.

— Então é ainda mais intensa — respondeu. E acrescentou, quase como se lhe estivesse dando um conselho amigo: — Este é um assunto muito importante. — Ela reconhecia isso; estava perfeitamente consciente do peso da ocasião; sabia que haviam chegado a uma crise. A gravidade dessa crise tornou-a cautelosa; nada disse e ele continuou: — Diz que eu não tenho razão? Tenho a melhor das razões. Detesto, do fundo da alma, o que pretende fazer. É desonroso; é indelicado; é indecente. O seu primo nada é para mim e não tenho obrigação alguma de fazer concessões a ele. Já fiz muitas e amplas. As suas relações com ele enquanto estava aqui me atacavam os nervos; mas deixei passar porque a cada semana esperava que ele fosse embora. Jamais gostei dele e ele jamais gostou de mim. É por isso que gosta dele — porque ele me detesta — disse Osmond, com rápido e quase inaudível tremor na voz. — Tenho um ideal do que minha esposa deve e não deve fazer. Ela não deve viajar pela Europa sozinha, desafiando meu desejo mais profundo, para sentar-se à cabeceira de outros homens. Seu primo nada significa para você; nada significa para nós. Você dá um sorriso tão expressivo quando digo *nós*, mas posso assegurar-lhe que *nós*, *nós*, senhora Osmond, é tudo o que sei. Levo nosso casamento a sério; você parece ter encontrado um meio de não fazer o mesmo. Não me consta que estejamos divorciados ou separados; para mim, estamos unidos de forma indissolúvel. Você está mais perto de mim que qualquer ser humano, e eu estou mais perto de você. Pode ser uma proximidade desagradável; de qualquer modo, foi uma proximidade de sua própria e deliberada vontade. Não gosta que a lembrem disso, eu sei, mas estou disposto a fazê-lo porque... porque... — E fez uma pausa por um momento, com o ar de quem tem algo a dizer que resume muito bem a questão. — Porque acho que deveríamos aceitar as conseqüências de nossas ações, e o que mais prezo no mundo é a honra de uma coisa!

Falou de modo grave e quase gentil; a nota de sarcasmo desaparecera de sua voz. Tinha uma gravidade que deteve a rápida emoção da esposa; a determinação com que entrara na sala via-se enredada numa teia de finos fios. As últimas palavras dele não eram um comando mas constituíam uma espécie de apelo, e, embora ela julgasse que qualquer expressão de respeito por parte dele só pudesse ser requinte de seu egoísmo, representavam algo transcendental e absoluto, como o sinal-da-cruz ou a bandeira nacional. Ele falava em nome de algo sagrado e precioso — a observância de uma forma magnífica. Eles estavam tão separados por sentimento como dois amantes desiludidos jamais haviam estado, mas não tinham ainda se separado por ações. Isabel não mudara; sua antiga paixão pela justiça ainda lhe ardia na alma e agora, em meio à sensação do sofismar blasfemo do marido, começou a pulsar num ritmo que, por um instante, prometia a ele a vitória. Ocorreu-lhe que ele, em seu desejo de manter as aparências, era, afinal, sincero e isso, por si só, era um mérito. Dez minutos antes, ela sentira toda a alegria da ação irrefletida — alegria que durante tanto tempo lhe fora estranha, mas a ação fora de súbito convertida em lenta renúncia, transformada pelo toque maléfico de Osmond. Contudo, se ela tinha que renunciar, ela queria que ele soubesse que seria como vítima e não como tola.

— Sei que é mestre na arte da zombaria — disse ela. — Como pode falar em união indissolúvel? Como pode falar em estar satisfeito? Onde fica nossa união quando me acusa de falsidade? Onde

está nosso contentamento quando você nada tem a não ser medonha suspeita no coração?

— Está em vivermos uma vida decente juntos, a despeito de tais empecilhos.

— Não vivemos uma vida decente juntos! — exclamou Isabel.

— De fato não viveremos se você for à Inglaterra.

— Isso é muito pouco; não é nada; eu poderia fazer muito mais.

Ele alçou as sobancelhas e até mesmo um pouco os ombros; vivera o bastante na Itália para ter adquirido esse maneirismo.

— Ah, se veio ameaçar-me, prefiro desenhar. — E andou de volta para a mesa, onde apanhou a folha de papel em que estivera trabalhando e ficou de pé a examiná-la.

— Imagino que, se eu for, pensa que eu não vou voltar — disse Isabel.

Ele virou-se rápido e ela pôde perceber que aquele movimento pelo menos não fora planejado. Olhou-a por um instante e depois indagou:

— Ficou maluca?

— Como pode ser outra coisa senão um rompimento? — persistiu ela. — Especialmente se tudo o que você diz for verdade? — Ela não conseguia ver como poderia ser outra coisa senão um rompimento; tinha o desejo sincero de saber o que mais poderia ser.

Ele sentou-se à mesa.

— Não posso realmente ficar discutindo com você a hipótese de você me desafiar — disse e apanhou de novo um dos seus pincéis.

Ela ficou ali alguns minutos, tempo suficiente para abranger com o olhar toda a figura dele, de deliberada indiferença, mas ainda assim muito expressiva; depois saiu depressa da sala. Tinha as faculdades, a energia, o ardor, tudo de novo disperso; sentia-se como se uma névoa fria e escura a tivesse de repente rodeado. Osmond possuía em alto grau o dom de trazer à tona qualquer fraqueza. No caminho de volta a seus aposentos, encontrou a condessa Gemini de pé na soleira de uma saleta onde fora disposta uma pequena coleção de livros heterogêneos. A condessa trazia um livro aberto na mão; parecia ter estado olhando uma página que não lhe parecera interessante. Ao ouvir o som dos passos de Isabel, levantou a cabeça.

— Ah, minha querida — disse ela —, você que é tão chegada à literatura, indique-me por favor algum livro divertido para eu ler! Tudo aqui é de uma chatice!... Acha que vou gostar deste?

Isabel relanceou o olhar pelo título do volume que a outra lha estendia, mas sem ler ou compreender.

— Receio não poder ajudá-la. Recebi más notícias. Meu primo, Ralph Touchett, está agonizante. A condessa pousou o livro.

— Ah, ele era tão simpático! Lamento muito.

— Lamentaria ainda mais se soubesse...

— Soubesse o quê? Você está com péssima aparência — acrescentou a condessa. — Deve ter estado falando com Osmond.

Meia hora atrás, Isabel teria ouvido com frieza qualquer insinuação de que algum dia fosse sentir desejo ou necessidade da simpatia da cunhada, e não pode haver melhor prova da confusão atual dela do que o fato de quase ter se agarrado à atenção adejante da senhora em questão.

— Estive com Osmond — confirmou, enquanto o olhar brilhante da condessa faiscava em sua direção.

— Então tenho certeza de que ele foi detestável! — exclamou a condessa. — Ele disse que estava contente que o coitado do senhor Touchett estivesse morrendo?

— Ele disse que era impossível eu ir à Inglaterra.

A mente da condessa, quando seu interesse estava em jogo, era ágil; já previa a extinção de qualquer outro ponto alto em sua visita a Roma. Ralph Touchett ia morrer. Isabel ficaria de luto e aí não haveria mais jantares festivos. Tal perspectiva produziu-lhe por um momento na fisionomia uma expressiva careta, mas esse rápido e pitoresco jogo fisionômico foi seu único tributo ao desapontamento. Afinal de contas, refletiu, a partida estava quase terminada; ela já ficara mais tempo do que o convite lhe dava direito. E também ela se preocupava bastante com o problema de Isabel para esquecer o seu, e viu que o problema de Isabel era grande. Parecia maior do que a simples morte de um primo, e a condessa não hesitou em ligar seu exasperante irmão à expressão no olhar da cunhada. O coração bateu-lhe em expectativa quase jubilante, pois, se ela queria ver Osmond ser vencido, as condições pareciam favoráveis agora. É claro que, se Isabel fosse à Inglaterra, ela própria deixaria na mesma hora o Palazzo Roccanera; nada a induziria a ficar ali com Osmond. Não obstante sentiu grande vontade de ouvir que Isabel iria para a Inglaterra.

— Nada é impossível para você, minha cara — disse em tom melífluo. — Então para que é rica e inteligente e boa?

— Para que mesmo? Sinto-me estupidamente fraca.

— Por que Osmond diz que é impossível? — perguntou a condessa num tom que já deixava transparecer que ela nem podia imaginar o motivo.

Entretanto, a partir do momento em que a outra começou a interrogá-la assim, Isabel retraiu-se; soltou a mão que a condessa tinha segurado com um gesto afetuosos. Mas respondeu à pergunta, com manifesta amargura:

— Porque somos tão felizes juntos que não podemos nos separar nem mesmo por quinze dias!

— Ah — exclamou a condessa enquanto Isabel se afastava. — Quando eu quero fazer uma viagem, meu marido limita-se a dizer que não vai dar-me dinheiro!

Isabel dirigiu-se a seu quarto, onde ficou andando de um lado para outro durante uma hora. Poderá parecer a alguns leitores que ela se afligia demais e é bem verdade que, para uma mulher de ânimo, ela se deixara deter com muita facilidade. Parecia-lhe que somente agora tomava a medida plena do grande empreendimento do matrimônio. O casamento significava que, num caso como esse, quando se tinha que escolher, escolhia-se naturalmente o marido.

“Tenho medo — sim, tenho medo”, disse a si mesma, mais de uma vez, detendo-se de chofre na caminhada. Mas tinha medo não do marido — do desagrado, do ódio, da vingança dele; nem mesmo era do próprio julgamento que ela iria fazer mais tarde sobre sua conduta — consideração que muitas vezes a contivera; era apenas da violência que haveria em ela ir quando Osmond queria que ficasse. Um abismo de diferenças abria-se entre eles, mas ainda assim o desejo dele era de que ela ficasse, era abominável para ele que fosse. Ela conhecia a sutileza nervosa com que ele podia sentir uma objeção. O que ele pensava a seu respeito, ela sabia; o que era capaz de dizer-lhe, já

sentira; porém eram casados, apesar de tudo isso, e o casamento significava que a mulher cedia perante o homem com quem, pronunciando votos tão formidáveis, estivera diante do altar. Por fim deixou-se cair no sofá e enterrou o rosto numa pilha de almofadas.

Ao levantar a cabeça de novo, deparou com a condessa pairando diante dela. Tinha entrado mansamente; havia um estranho sorriso em seus lábios e todo o seu rosto criara no espaço de uma hora a luz da insinuação. Pode-se dizer que ela vivia com certeza na janela de sua mente, mas agora estava toda debruçada para fora.

— Bati na porta — começou dizendo —, mas você não respondeu. Então atrevi-me a entrar. Estive procurando-a nos últimos cinco minutos. Você está muito infeliz.

— Sim, mas não creio que possa consolar-me.

— Deixaria que eu tentasse? — E a condessa sentou-se no sofá ao lado dela. Continuava a sorrir e havia algo de comunicativo e exultante em sua expressão. Parecia ter muito a dizer e ocorreu a Isabel pela primeira vez que a cunhada pudesse dizer algo verdadeiramente humano. Ela girou os pequenos olhos faiscantes nos quais havia uma desagradável fascinação. — Afinal — continuou logo —, devo dizer-lhe, para início de conversa, que não entendo seu estado de espírito. Parece ter tantos escrúpulos, tantas razões, tantos vínculos! Quando descobri, há dez anos, que o desejo mais ardente de meu marido era tornar-me infeliz — nos últimos tempos, limita-se a me deixar em paz —, ah, foi uma maravilhosa simplificação! Minha pobre Isabel, você não é simples o bastante... Há algo que quero que saiba — declarou a condessa — porque acho que deve saber. Talvez já saiba; talvez tenha adivinhado. Mas, se adivinhou, tudo que posso dizer é que entendo ainda menos por que não faz o que quer.

— O que quer que eu saiba? — Isabel teve um pressentimento que fez seu coração bater mais rápido. A condessa estava prestes a justificar-se e só isso, por si, era portentoso.

Mas, mesmo assim, estava disposta a brincar um pouco com sua vítima.

— No seu lugar eu teria desconfiado há séculos. Nunca desconfiou mesmo?

— Não desconfiei de nada. Do que deveria ter desconfiado? Não sei a que se refere.

— Isso é porque tem uma mente de pureza revoltante. Nunca vi uma mulher com uma mente tão pura! — exclamou a condessa.

Isabel pôs-se de pé devagar.

— Vai dizer-me algo horrível.

— Pode dar-lhe o nome que quiser! — E a condessa também se pôs de pé, enquanto sua perversidade concentrada tornava-se vívida e terrível. Ficou de pé um instante, com o olhar como que coruscante de intenção e, pareceu mesmo a Isabel, de feiúra; depois disse:

— Minha primeira cunhada não teve filhos.

Isabel olhou-a atônita; a declaração era um anticlímax.

— Sua primeira cunhada?

— Imagino que saiba, pelo menos, se é que se pode mencionar, que Osmond foi casado antes! Eu nunca falei a você sobre a sua primeira mulher; achei que talvez não fosse decente ou respeitoso. Mas outras pessoas, menos escrupulosas, devem tê-lo feito. Depois de casar, a pobre mulher viveu menos de três anos e morreu sem ter tido filhos. Só depois da morte dela é que Pansy apareceu.

O cenho de Isabel franzira-se numa ruga; tinha os lábios entreabertos em pálida, vaga admiração. Estava tentando entender; parecia haver muito mais para entender do que ela podia perceber.

— Pansy não é filha do meu marido, então?

— Do seu marido, sim — em toda a perfeição! Mas não do marido de outra pessoa. Da mulher de outra pessoa. Ah, minha boa Isabel — exclamou a condessa —, com você é preciso pôr os pingos nos is!

— Não entendo. A mulher de quem?

— A mulher de um suíço horroroso que morreu — há quanto tempo? — há doze, quinze anos. Ele nunca reconheceu a senhorita Pansy, nem, sabendo com quem estava lidando, jamais teve algo a ver com ela e não havia razão para que o fizesse. Osmond cuidou dela e isso foi melhor; embora tivesse depois que inventar toda aquela lengalenga sobre a mulher dele ter morrido de parto e de ele, de tanta tristeza e horror, ter banido a menininha da casa por tanto tempo quanto possível antes de tirá-la da casa da ama. A mulher dele tinha mesmo morrido, sabe, de coisa bem diferente e em outro lugar: nas montanhas piemontesas, para onde tinham ido, num mês de agosto, porque a saúde dela parecia precisar de ar puro, mas lá acabou piorando — piora fatal. A história passou; estava coberta pelas aparências desde que ninguém se preocupasse, que ninguém se desse ao trabalho de investigá-la. Mas é claro que *eu* sabia, sem precisar pesquisar — prosseguiu a condessa, com lucidez —, e também, entenda, sem ser dita uma só palavra entre nós — refiro-me a Osmond e eu. Não o vê olhando-me em silêncio daquele modo para liquidar o caso? Isto é, para liquidar a *mim*, se eu disser alguma coisa. Eu nada disse, a ninguém — nunca uma palavra, para criatura alguma, se pode acreditar nisso vindo de mim; palavra de honra, minha querida, estou lhe falando no caso agora, depois de todo esse tempo, como nunca falei antes. Bastava para mim, desde o começo, que a criança fosse minha sobrinha — do momento em que era filha de meu irmão. Quanto à sua mãe verdadeira!... — Mas, dizendo isso, a maravilhosa tia de Pansy vacilou — quase sem querer, pela impressão que lhe deu o rosto da cunhada, que parecia ter mais olhos voltados para ela do que ela jamais tivera que enfrentar.

Ela não mencionara nome algum, porém Isabel mal conteve em seus próprios lábios o eco do que não havia sido dito. Atirou-se ao sofá de novo, de cabeça baixa.

— Por que me contou isso? — perguntou numa voz que a condessa quase não reconheceu.

— Porque me enfadava o fato de você não saber. Achei um enfado, francamente, querida, todo esse tempo que não contei, como se eu não pudesse tê-lo feito antes! *Ça me dépasse*, se não se importa que eu diga, todas essas coisas, tudo a seu redor, que você pareceu conseguir não saber. É uma espécie de auxílio — ajuda à ignorância inocente — que eu sempre fui meio desastrada para prestar, e neste particular, o de ficar calada pelo meu irmão, minha virtude de qualquer modo viu-se por fim exaurida. Não é uma mentira odiosa, além do mais — ajuntou a condessa de modo inimitável. — Os fatos são exatamente como lhe contei.

— Eu não tinha idéia — disse Isabel em seguida e ergueu os olhos para ela de um modo que sem dúvida casava-se com a aparente insensatez de tal confissão.

— Foi o que pensei — embora fosse difícil acreditar. Nunca lhe ocorreu que ele foi durante seis

ou sete anos amante dela?

— Não sei. Ocorreram-me coisas e talvez isso seja o que significavam.

— Ela tem sido de uma esperteza incrível, tem sido esplêndida a respeito de Pansy! — a condessa exclamou, contemplando essa visão.

— Oh, nenhuma idéia, para mim — continuou Isabel —, jamais tomou tal forma *definitivamente*. — Ela parecia estar delineando para si mesma o que tinha sido e o que não tinha. — E, sendo assim, não entendo.

Falou como uma pessoa perturbada e intrigada, porém a pobre condessa parecia ter visto sua revelação tombar abaixo de suas possibilidades de efeito. Ela esperara acender alguma chama em resposta, mas mal conseguira produzir uma faísca. Isabel mostrava-se bem menos impressionada do que poderia ter ficado, como jovem de imaginação aprovada, com alguma requintada passagem sinistra da história pública.

— Não reconhece como a criança nunca poderia passar como sendo do marido *dela*, isto é, do senhor Merle? — continuou a outra. — Estavam separados há muito tempo para isso e ele tinha ido para algum país distante — acho que para a América do Sul. Se ela tinha tido outros filhos, e não tenho certeza disso, ela os perdera. Houve condições contribuindo para tornar a coisa possível, sob tensão (quero dizer, em situação tão embaraçosa), para fazer com que Osmond reconhecesse a menina. A mulher dele tinha morrido, é bem verdade, mas não morrera há tanto tempo que impedisse um certo acerto de datas — desde que, é claro, a suspeita não fosse levantada, e era disso que eles tinham que cuidar. O que era mais natural do que aquela pobre senhora Osmond, à distância e para um mundo não preocupado com ninharias, ter deixado, *poverina*, a prova de sua breve ventura que lhe custara a vida? Com o auxílio de uma mudança de domicílio — Osmond vivera com ela em Nápoles na época em que foram passar a temporada nos Alpes e, no devido tempo, ele saiu de lá para sempre —, a história toda foi lançada com êxito. Minha pobre cunhada, do seu túmulo, nada podia fazer, e a verdadeira mãe, para salvar a *sua* pele, renunciou a toda propriedade visível da criança.

— Ah, coitada, coitada dessa mulher! — exclamou Isabel, irrompendo em lágrimas. Fazia muito tempo que não as derramava: outrora sofrera uma reação de tanto chorar. Mas, agora, fluíam em tal abundância que a condessa Gemini achou mais um contratempo.

— É muita bondade sua ter pena dela! — disse, com uma risada fora de hora. — De fato, você tem um jeito todo seu!...

— Ele deve ter sido falso com a esposa — e tão depressa! — disse Isabel, parando de repente de chorar.

— Só faltava isso — que você fosse abraçar a causa *dela*! — prosseguiu a condessa. — Estou de pleno acordo com você, contudo, quando diz que foi depressa demais.

— Mas e comigo... comigo? — E Isabel hesitou como se não tivesse ouvido; como se sua pergunta — embora estivesse bem estampada em seu olhar — fosse para si mesma.

— A você tem sido fiel. Quando casou com você, não era mais o amante de outra mulher — se é que se pode chamá-lo de amante, *cara mia*, com todos os riscos e as precauções deles enquanto a coisa durou! Essa situação passou; a dama se arrependeu ou, de qualquer modo, por motivos

personais, se afastou; ela também sempre teve uma paixão pelas aparências tão intensa que até mesmo Osmond se aborrecia com isso. Pode portanto imaginar como foi — quando ele não conseguia fazer a coisa bem plausível para alguma dessas pessoas por quem *tem* a devida consideração! Mas todo o passado estava entre eles.

— Sim — repetiu Isabel, de modo mecânico —, todo o passado está entre eles.

— Ah, esse passado recente não é nada. Mas durante seis ou sete anos, como disse, eles tiveram um caso.

Ela ficou calada por um momento.

— Então por que ela quis que ele casasse comigo?

— Ah, minha cara, essa é a superioridade dela! Porque você tinha dinheiro e porque ela acreditava que você seria boa para Pansy.

— Pobre mulher! E além disso Pansy não gosta dela! — exclamou Isabel.

— Era por essa razão que ela queria alguém de quem Pansy gostasse. Ela sabe disso; sabe de tudo.

— Saberá que você me contou isso?

— Isso vai depender do que você lhe disser. Ela está preparada, e sabe com o que conta em sua defesa? Com a possibilidade de você acreditar que eu estou mentindo. Talvez você acredite; não se envergonhe de escondê-lo. Só que acontece que, desta vez, não estou mentindo. Já contei muitas mentirinhas tolas, mas nunca magoaram ninguém, a não ser a mim mesma.

Isabel ficou sentada examinando a história da outra como se fosse uma trouxa de mercadorias fantásticas que um cigano ambulante tivesse desenrolado no tapete a seus pés. Por fim, perguntou:

— Por que Osmond nunca casou com ela?

— Porque ela não tinha dinheiro. — A condessa tinha resposta para tudo e, se estava mentindo, mentia muito bem. — Ninguém sabe, ninguém nunca soube do que ela vive ou como ela conseguiu todas aquelas coisas bonitas que tem. Não creio que o próprio Osmond saiba. Além disso, ela não teria casado com ele.

— Então como pode amá-lo?

— Não o ama desse modo. No começo, amava, e suponho que então teria casado com ele, mas nessa época o marido dela ainda vivia. Quando o senhor Merle foi juntar-se — não vou dizer a seus ancestrais, porque ele não teve nenhum —, as relações dela com Osmond tinham mudado e ela se tornara mais ambiciosa. Além disso, ela nunca teve a respeito dele — continuou a condessa, deixando que Isabel sofresse de forma tão trágica mais tarde por isso —, ela nunca *tinha* tido o que se poderia chamar de ilusões de *inteligência*. Ela tinha esperança de casar com um grande homem; essa sempre foi sua idéia. Ela tem esperado e espreitado e conspirado e rezado, mas nunca teve êxito. Não sei o que pode ainda conseguir, mas no momento não tem grande coisa para mostrar. O único resultado tangível que já alcançou — exceto, é claro, conhecer todo mundo e ficar na casa de uns e outros sem pagar despesa alguma — foi fazer com que Osmond e você se encontrassem. Oh, ela fez isso, minha cara, não precisa fazer expressão de quem duvida. Venho observando-os há anos; sei de tudo — de tudo. As pessoas acham que sou desmiolada, mas tive suficiente concentração mental para acompanhar esses dois. Ela me odeia e demonstra-o fingindo estar sempre

defendendo-me. Quando as pessoas dizem que tive quinze amantes, ela adota um ar horrorizado e declara que pelo menos metade deles nunca ficou provada. Tem tido medo de mim por anos e tem achado grande consolo nas coisas falsas e vis que as pessoas têm dito a meu respeito. Ela sempre temeu que a denunciasse e ameaçou-me um dia quando Osmond começou a cortejar você. Foi na casa dele em Florença; lembra-se daquela tarde quando ela a levou lá e tomamos chá no jardim? Ela me disse na ocasião que, se eu contasse histórias, os outros também poderiam fazê-lo. Ela finge haver muito mais a ser dito a meu respeito do que a respeito dela. Seria uma comparação interessante! Eu estou pouco me importando com o que ela possa dizer, só porque sei que *você* pouco se importa. Não vai preocupar sua cabeça comigo menos do que já o faz. Assim ela pode vingar-se como quiser; acho que não vai meter muito medo em você. A grande idéia dela tem sido estar acima de qualquer censura — uma espécie de lírio já desabrochado —, a encarnação do decoro. Sempre adorou esse deus. Não pode haver escândalo sobre a mulher de César, como sabe; e, como eu disse, ela sempre teve esperança de casar com César. Esse era um dos motivos por que não casaria com Osmond; o receio de que, ao vê-la com Pansy, as pessoas juntassem dois e dois — até mesmo percebessem a semelhança. Ela tem tido terror de que a mãe nela se traísse. Tomou todo o cuidado; a mãe nunca se traiu.

— A mãe se traiu, sim — disse Isabel, que escutara tudo isso com o rosto cada vez mais lívido. — Traiu-se outro dia comigo, embora eu não a tivesse reconhecido. Parecia ter havido uma boa oportunidade de Pansy fazer um grande casamento e, desapontada por isso não se ter concretizado, ela quase deixou cair a máscara.

— Ah, aí é que ela iria tropeçar! — exclamou a condessa. — Ela fracassou de modo tão vergonhoso que está decidida a que a filha compense isso.

Isabel teve um sobressalto ao ouvir “a filha”, que sua hóspede usava com tanta familiaridade.

— Parece tudo incrível — murmurou, e, nesse estado de confusão, ela quase perdera a consciência de estar sendo pessoalmente afetada pela história.

— Agora não vá ficar contra a pobre criança inocente! — prosseguiu a condessa. — Ela é muito boazinha apesar de sua origem deplorável. Eu mesma gosto muito de Pansy; não, claro, por ser *dela*, mas por ter se tornado de *você*.

— Ela se tornou minha. E como a pobre mulher deve ter sofrido ao me ver!... — Isabel exclamou, corando ao pensar.

— Não creio que tenha sofrido; ao contrário, tem aproveitado. O casamento de Osmond deu à sua filha um bom empurrãozinho. E sabe o que a mãe pensou? Que você acabaria se apegando tanto à menina que fosse fazer alguma coisa por ela. Claro que Osmond nunca poderia lhe dar um dote. Na verdade, Osmond era muito pobre, mas é claro que você sabe de tudo isso. Ah, minha querida — exclamou a condessa —, por que foi herdar dinheiro? — Parou por um instante como se tivesse visto algo de singular no rosto de Isabel. — Não vá dizer-me agora que vai dar a ela um dote. Você é capaz de fazer isso, mas recuso-me a acreditar. Não tente ser boa demais. Seja mais solta e natural e má; sintá-se um pouco perversa, só pelo conforto, uma vez na vida!

— É muito estranho. Imagino que eu tinha que saber, mas sinto muito — disse Isabel. — Sou-lhe muito grata.

— Ah, sim, parece ser! — exclamou a condessa com uma risada de zombaria. — Talvez esteja, talvez não. Não recebeu isso como eu havia imaginado.

— Como deveria receber? — perguntou Isabel.

— Bem, acho que como uma mulher de quem se aproveitaram. — Isabel não deu resposta a isso; limitou-se a ouvir, e a condessa continuou: — Eles sempre estiveram ligados um ao outro; continuaram a sê-lo mesmo depois que ela rompeu — ou *ele* rompeu. Quando o pequeno carnaval deles terminou, fizeram um trato de cada um dar ao outro total liberdade, mas também que cada um deveria fazer todo o possível para ajudar o outro a progredir. Você pode me perguntar como sei disso. Sei pela maneira como eles têm se portado. Agora veja como as mulheres são muito melhores do que os homens! Ela achou uma esposa para Osmond, mas Osmond nunca levantou um dedo por *ela*. Ela trabalhou por ele, conspirou por ele, sofreu por ele; até arranjou dinheiro mais de uma vez para ele e o resultado disso tudo é que ele está cansado dela. Ela é um velho hábito; há momentos em que ele precisa dela, mas de modo geral não sentiria falta se ela desaparecesse. E, o que é pior, hoje ela sabe disso. De modo que você não precisa ter ciúmes! — rematou a condessa, com humor.

Isabel levantou-se outra vez do sofá; sentia-se machucada e sem fôlego; a cabeça zumbia de tantas informações novas.

— Sou-lhe muito grata — repetiu. E aí acrescentou de chofre, num tom bem diferente: — Como sabe de tudo isso?

Essa pergunta pareceu agitar mais a condessa do que a expressão de gratidão de Isabel a agradava. Fitou a outra com um olhar atrevido e exclamou:

— Vamos fazer de conta que eu inventei! — Entretanto, também ela mudou de tom de repente e, pousando a mão no braço de Isabel, disse com a penetração de seu sorriso agudo e vivaz: — Agora vai renunciar à sua viagem?

Isabel teve um pequeno sobressalto; virou-se para o lado. Mas sentia-se fraca e logo teve que apoiar o braço na prateleira da lareira para amparar-se. Ficou assim por um minuto e depois deixou cair a cabeça entontecida no braço, com os olhos fechados e os lábios pálidos.

— Fiz mal em falar — deixei-a doente! — a condessa exclamou.

— Ah, eu preciso ver Ralph — gemeu Isabel, não com ressentimento, não com o rápido ardor que a outra tinha querido ver, mas num tom de imensa, de infinita tristeza.

Havia um trem para Turim e Paris naquela noite, e depois que a condessa saiu Isabel teve uma rápida e decisiva conversa com a criada, que era discreta, devotada e ativa. Depois disso, ela só pensou numa coisa (além da viagem). Tinha que ver Pansy; a ela não podia dar as costas. Ainda não a tinha visto, pois Osmond dera a entender que era muito cedo para isso. Tomou a carruagem às cinco horas e foi conduzida até um alto portal numa rua estreita das proximidades de Piazza Navona; foi recebida pela porteira do convento, uma pessoa agradável e solícita. Isabel tinha estado naquele estabelecimento antes; viera com Pansy visitar as freiras. Sabia que eram boas pessoas e viu que os grandes quartos eram limpos e alegres e que o jardim tinha sol no inverno e sombra na primavera. Mas não gostava daquele lugar que a afrontava e quase a intimidava; não teria passado uma noite ali por nada no mundo. Nesse dia, causava mais que antes a impressão de uma prisão bem equipada, pois não era possível fingir que Pansy tinha liberdade de sair. Aquela inocente criatura fora apresentada a ela sob uma luz nova e violenta, mas o efeito secundário de tal revelação fora fazê-la estender a mão para ela.

A porteira deixou-a esperando no parlatório enquanto foi avisar que havia uma visita para a querida jovem. Era um aposento amplo e frio, com mobília parecendo nova; um grande fogão de porcelana, apagado, um arranjo de flores de cera sob uma cúpula de vidro e uma coleção de gravuras de cenas religiosas nas paredes. Da outra vez, Isabel achara que parecia menos com Roma do que com a Filadélfia, mas nesse dia não se entregou a reflexões dessa natureza; o recinto pareceu-lhe apenas muito vazio e muito silencioso. A porteira voltou ao cabo de cinco minutos, acompanhando uma outra pessoa. Isabel levantou-se esperando ver uma das irmãs, mas para grande surpresa sua viu-se diante de madame Merle. O feito foi estranho, pois madame Merle já estava tão presente em sua visão que seu aparecimento em carne e osso foi como ver, de repente e com temor, um quadro pintado mexer-se. Isabel tinha estado pensando o dia todo na falsidade, na audácia, na habilidade, no provável sofrimento da outra, e essas coisas sombrias pareceram acender-se com luz súbita quando ela entrou na sala. O mero fato de estar ali tinha a natureza de uma horrenda prova, de manuscritos, de relíquias profanadas, de coisas medonhas produzidas num tribunal. Fez Isabel sentir-se fraca; se tivesse sido preciso falar naquele momento, não teria sido capaz. Mas tal necessidade não estava clara para ela; na verdade, parecia-lhe que nada tinha a dizer a madame Merle. Nas relações com essa dama, entretanto, nunca havia necessidades absolutas; ela tinha maneiras que compensavam não só as próprias deficiências como também as das outras pessoas. Mas estava diferente de seu modo usual; entrou devagar, seguindo a porteira, e Isabel percebeu de imediato que não era provável que ela fosse depender de seus recursos habituais. Para ela, também, a ocasião era excepcional e propusera-se a tratá-la segundo a luz do momento. Isso conferia-lhe uma gravidade peculiar; não tentava nem mesmo sorrir e, embora Isabel visse que,

mais do que nunca, estivesse representando um papel, pareceu-lhe que no geral a incrível mulher nunca fora tão natural. Olhou a jovem amiga dos pés à cabeça, mas não com dureza ou desafio; antes, com fria brandura e uma ausência de qualquer coisa que parecesse aludir ao seu último encontro. Era como se tivesse querido marcar uma diferença. Antes estivera irritada, agora estava reconciliada.

— Pode deixar-nos a sós — disse à porteira. — Daqui a cinco minutos esta senhora tocará a sineta chamando-a. — Então, virou-se para Isabel, que, depois de notar o que acabamos de mencionar, tinha parado de observá-la e deixara o olhar perder-se dentro do máximo que os limites da sala permitiam. Ela desejava nunca ter que olhar para madame Merle de novo.

— Está espantada de me ver aqui e receio que isso não lhe agrade — disse a outra. — Não entende por que vim; é como se eu quisesse adiantar-me a você. Confesso que fui um tanto indiscreta — deveria ter lhe pedido permissão. — Não havia qualquer movimento oblíquo de ironia nisso; foi dito de modo simples e moderado, mas Isabel, à deriva num mar de espanto e dor, não poderia ter dito a si mesma com que intenção estava sendo dito. — Mas não fiquei muito tempo — continuou madame Merle —, isto é, não fiquei muito tempo com Pansy. Vim vê-la porque me ocorreu esta tarde que deveria estar se sentindo muito sozinha e talvez até um pouco infeliz. Pode ser bom para uma menina; não sei muito sobre meninas; não posso dizer. De qualquer modo, é um pouco sombrio. Por isso vim — arrisquei. Claro que sabia que você viria e o pai também; mas mesmo assim não me haviam dito que outras visitas estavam proibidas. Aquela freira agradável — como é o nome dela? —, irmã Catherine, não fez objeção alguma. Fiquei uns vinte minutos com Pansy; ela tem um quartinho encantador, nem parece um convento, com um piano e flores. Arrumou-o muito bem; tem muito gosto. Claro que isso não me diz respeito, mas sinto-me melhor agora que a vi. Ela pode até ter uma empregada se quiser; mas é claro que não tem oportunidade de se vestir para sair. Usa um vestidinho preto; fica encantadora com ele. Depois eu fui ver irmã Catherine, que também tem um quarto muito bom; posso afirmar que as boas irmãs não me parecem nem um pouco monásticas. Irmã Catherine tem uma penteadeira muito coquete com algo que parecia muito com um frasco de água-de-colônia. Ela fala coisas lindas de Pansy; diz que é uma grande alegria para elas tê-la aqui. É uma santinha vinda do céu e um exemplo para as outras meninas mais velhas. Justo quando eu estava me despedindo de irmã Catherine a porteira veio avisá-la de que havia uma senhora para ver a *signorina*. Claro que eu sabia que devia ser você e pedi-lhe que me deixasse recebê-la em seu lugar. Ela hesitou bastante — isso é preciso dizer — e disse que era seu dever avisar a madre superiora: era de suma importância que você fosse tratada com respeito. Eu pedi-lhe que deixasse a madre superiora em paz e perguntei-lhe como achava que eu iria tratar você.

Assim madame Merle foi falando, com muito do brilhantismo de uma mulher que durante longo tempo foi mestra na arte de conversar. Mas havia fases e gradações em sua fala e nenhuma delas passou despercebida ao ouvido de Isabel, embora seus olhos não estivessem fitos no rosto da outra. Esta não tinha ido muito longe antes de Isabel notar uma quebra súbita em sua voz, um lapso de continuidade que era em si um drama completo. Essa sutil modulação marcava uma momentosa descoberta — a percepção de uma atitude inteiramente nova por parte de sua ouvinte.

Madame Merle tinha adivinhado no espaço de um instante que tudo tinha chegado ao fim entre elas, e no espaço de outro instante adivinhara a razão. A pessoa de pé diante dela não era a mesma que vira até então, mas uma pessoa bem diferente — alguém que conhecia seu segredo. Tal descoberta era formidável e, a partir do momento em que a fez, aquela mulher tão hábil viu-se vacilar e perder a coragem. Mas só naquele momento. Depois o curso consciente de suas perfeitas maneiras juntou forças de novo e pôs-se a fluir com tanta limpidez quanto podia até o fim. Mas foi só por ela ter em mente o fim que conseguiu prosseguir. Ela fora atingida por um golpe que a fizera estremecer e necessitava de toda a vigilância de sua vontade para reprimir a agitação. Sua única segurança residia em não se trair. Ela resistiu a isso, mas o timbre de espanto em sua voz recusava-se a desaparecer — ela não conseguia evitar — enquanto ela se ouvia dizer coisas que falava por falar. A maré de sua confiança estava em vazante e tudo que ela conseguiu fazer foi deixar-se derivar para o porto, arranhando de leve o fundo.

Isabel viu tudo com muita clareza, como se estivesse refletido num grande e límpido espelho. Poderia ter sido um grande movimento para ela, pois poderia ter sido um momento de triunfo. O fato de madame Merle ter perdido o ânimo e ver diante de si o fantasma da revelação comprometedor — isso em si era vingança, era quase a promessa de dias melhores. E, por um instante que ela pareceu passar olhando para fora da janela com as costas meio voltadas, Isabel saboreou tal certeza. Do outro lado da janela estava o jardim do convento, mas não foi isso que viu; nada viu das plantas desabrochando e da tarde ensolarada. Viu, à crua luz dessa revelação que já se tornara parte da experiência e à qual a própria fragilidade do recipiente em que lhe fora oferecida apenas conferia preço intrínseco, o fato seco e patente de que ela fora um instrumento usado, manipulado, disposto, tão inconsciente e conveniente como mera madeira e ferro moldados. Todo o amargor dessa certeza inundou-lhe de novo a alma; foi como se sentisse na boca o gosto da desonra. Houve um momento em que, tivesse ela se virado e falado, teria dito algo que silvaria como uma chibata. Mas fechou os olhos e aí a medonha visão a abateu. O que ficou foi a mulher mais esperta do mundo de pé ali a poucos metros dela, sabendo tão pouco o que pensar como a mais medíocre. A única vingança de Isabel foi continuar em silêncio — foi deixar madame Merle nessa situação sem precedentes. Deixou-a assim por um período que deve ter parecido longo a esta dama, que por fim sentou-se com um movimento que era em si uma confissão de desamparo. Então Isabel virou um olhar lento e baixou-o para ela. Madame Merle estava muito pálida; seus olhos, por sua vez, abrangiam o rosto de Isabel. Ela podia ver o que quer que fosse, mas o perigo tinha passado. Isabel nunca iria acusá-la, nunca iria censurá-la; talvez porque nunca lhe daria oportunidade de defender-se.

— Vim despedir-me de Pansy — nossa jovem disse por fim. — Parto para a Inglaterra hoje à noite.

— Para a Inglaterra hoje à noite! — repetiu madame Merle, sentada ali com o olhar erguido para ela.

— Vou para Gardencourt. Ralph Touchett está morrendo.

— Ah, você vai sentir isso... — Madame Merle recuperara-se; tinha oportunidade de expressar solidariedade. — Vai sozinha?

— Sim, sem meu marido.

Madame Merle deixou escapar um vago murmúrio baixo: uma espécie de reconhecimento da tristeza geral das coisas.

— O senhor Touchett nunca gostou de mim, mas lamento saber que está morrendo. Irá ver a mãe dele?

— Sim; ela voltou da América.

— Ela costumava ser muito minha amiga, mas mudou. Outras pessoas também mudaram — disse madame Merle com tranqüilo e nobre *pathos*. Fez uma pequena pausa, depois rematou: — E você vai ver sua tão querida Gardencourt de novo!

— Não vou apreciar muito isso — respondeu Isabel.

— É natural, no seu pesar. Mas, de modo geral, de todas as casas que conheço, e conheço muitas, aquela em que gostaria de viver é aquela. Não me arrisco a mandar lembranças para as pessoas — finalizou madame Merle —, mas gostaria de mandar lembranças para o lugar.

Isabel deu-lhe as costas:

— É melhor eu ir ver Pansy. Não tenho muito tempo.

Enquanto examinava em torno buscando a porta certa, a porta abriu-se deixando passar uma das freiras do convento, que avançou com um sorriso discreto, esfregando de leve por sob as longas mangas soltas uma mão gorducha e branca na outra. Isabel reconheceu irmã Catherine, com quem já travara conhecimento antes, e pediu-lhe que a deixasse ver a senhorita Osmond imediatamente. Irmã Catherine pareceu ficar duplamente discreta, mas sorriu de forma neutra e disse:

— Será bom para ela ver a senhora. Vou acompanhá-la até lá. — Depois voltou seu olhar cordial mas cauteloso para madame Merle.

— Deixaria que eu ficasse um pouquinho? — perguntou esta última. — É tão bom ficar aqui.

— Pode ficar para sempre, se quiser! — disse a boa irmã, rematando isso com uma risada sagaz.

Ela conduziu Isabel para fora da sala, através de vários corredores, e subindo uma longa escadaria. Todas essas dependências eram sólidas, despojadas, claras e limpas; mas assim também são, pensou Isabel, os grandes estabelecimentos penais. Irmã Catherine abriu com cuidado a porta do quarto de Pansy e deixou a visita passar; depois ficou ali parada sorrindo, com os braços cruzados, enquanto as duas se cumprimentavam com um abraço.

— Ela está contente em vê-la — repetiu —; vai fazer-lhe bem. — E assim dizendo colocou com cuidado a melhor cadeira para Isabel sentar-se. Mas ela mesma não fez menção de fazê-lo; parecia pronta para retirar-se. — Como lhe parece esta criança querida? — perguntou a Isabel, demorando-se um pouco.

— Parece pálida — respondeu Isabel.

— Isso é do prazer de vê-la. Ela está muito feliz. *Elle éclaire la maison* — disse a boa freira.

Como tinha dito madame Merle, Pansy estava usando um vestidinho preto; talvez fosse isso que a fazia parecer pálida.

— São muito boas para mim — pensam em tudo! — exclamou Pansy com todo o seu costumeiro desejo de agradar.

— Sempre pensamos em você — você é uma responsabilidade preciosa — observou irmã

Catherine no tom de alguém para quem a benevolência é um hábito e cuja concepção de dever era a aceitação de todas as tarefas. Isso soou aos ouvidos de Isabel como imenso peso; parecia representar a renúncia da personalidade, a autoridade da Igreja.

Quando irmã Catherine deixou-as a sós, Pansy ajoelhou-se e pousou a cabeça no colo da madrastra. Ficou assim alguns momentos, enquanto Isabel afagava-lhe com carinho o cabelo. Depois levantou-se, desviando o rosto e olhando em volta do quarto.

— Não acha que o arrumei bem? Tenho tudo que tinha em casa.

— Está muito bonito; você tem todo o conforto — Isabel quase não sabia o que dizer. Por um lado, não podia deixá-la perceber que viera para comiserar com a sorte dela, e, por outro, seria insípida zombaria fingir alegrar-se com ela. Assim, limitou-se a dizer depois de um instante: — Vim despedir-me. Vou para a Inglaterra.

O rostinho exangue de Pansy tornou-se vermelho.

— Para a Inglaterra? Para não voltar?

— Não sei quando voltarei.

— Ah, sinto muito. — Pansy soprou as palavras num fraco alento. Falou como se não tivesse direito algum de criticar, mas seu tom expressava profundo desapontamento.

— Meu primo, o senhor Touchett, está muito doente; é provável que não resista. Quero vê-lo — disse Isabel.

— Ah, sim; a senhora me disse que ele iria morrer. É claro que deve ir. E papai também vai?

— Não, vou sozinha.

Por um instante, a mocinha nada disse. Isabel muitas vezes se perguntara o que ela achava das relações aparentes do pai com a esposa; porém, nunca, por um olhar, por uma insinuação, ela deixara transparecer considerá-las falhas no tocante à intimidade. Ela devia ter refletido, disso Isabel tinha certeza, e devia ter ficado convencida de que havia maridos e esposas que eram mais íntimos do que eles. Mas Pansy não era indiscreta nem mesmo em pensamento; teria sido tão incapaz de julgar sua gentil madrastra como de criticar o magnífico pai. Seu coração teria ficado tão paralisado no peito como se tivesse visto dois dos santos no grande quadro da capela do convento virar a cabeça pintada e sacudi-la um para o outro. Mas como nesse último caso ela nunca teria mencionado o venerável fenômeno (em nome da própria solenidade), assim ela pôs de lado todo conhecimento dos segredos de vidas maiores que a sua própria.

— Vai estar muito longe — comentou dali a pouco.

— Sim, vou estar longe. Mas não fará diferença, já que, enquanto você estiver aqui, não poderei estar perto de você — explicou Isabel.

— Sim, mas pode vir ver-me, embora não tenha vindo muitas vezes.

— Não vim porque seu pai proibiu. Hoje não trouxe nada para você. Não tenho nada para distraí-la.

— Não devo ser distraída. Não é isso que papai quer.

— Então não faz muita diferença se eu estiver em Roma ou na Inglaterra.

— Não está feliz, senhora Osmond — disse Pansy.

— Não muito. Mas não importa.

— É isso o que digo a mim mesma. O que importa isso? Mas eu gostaria de sair.

— Eu também gostaria que você pudesse sair.

— Não me deixe aqui — insistiu Pansy, em tom suave.

Isabel nada disse por um minuto; o coração disparou.

— Viria comigo agora? — perguntou.

Pansy olhou-a com ar súplice.

— Papai pediu-lhe que me levasse?

— Não; é idéia minha.

— Então é melhor eu esperar. Papai não mandou nenhum recado para mim?

— Creio que não sabia que eu viria.

— Ele acha que eu não tive o bastante ainda — disse Pansy. — Mas tive. As irmãs são muito boas para mim e as meninas pequenas vêm ver-me. Há umas bem pequenas — umas criancinhas tão bonitas! Depois o meu quarto — pode ver por si. Tudo isso é ótimo. Mas já foi o bastante. Papai queria que eu pensasse um pouco — e eu pensei muito.

— O que pensou?

— Bem, que nunca devo contrariar papai.

— Você sabia disso antes.

— Sim, mas agora sei melhor. Farei tudo. Tudo — disse Pansy. Então, ao ouvir as próprias palavras, um profundo e puro rubor subiu-lhe às faces. Isabel entendeu o seu significado; viu que a pobre mocinha tinha sido derrotada. Ainda bem que o senhor Edward Rosier conservara seus quadros! Isabel fitou-a nos olhos e neles viu uma súplica de que a tratasse com brandura. Pousou a mão na de Pansy como para dizer-lhe que o olhar dela não implicava diminuição de estima; pois o colapso da momentânea resistência da moça (apesar de muda e modesta como fora) parecia ser apenas seu tributo à verdade das coisas. Ela não se arrogava o direito de julgar os outros, mas ela julgara a si mesma; tinha visto a realidade. Não tinha vocação para debater-se contra combinações; na solenidade do claustro, havia algo que a subjugava. Ela curvava a bela cabecinha à autoridade e pedia a esta apenas que fosse misericordiosa. Sim, ainda bem que Edward Rosier tinha se reservado alguns objetos!

Isabel pôs-se de pé; seu tempo escoava muito rápido.

— Então, adeus. Parto de Roma hoje à noite.

Pansy agarrou-se a seu vestido; uma mudança repentina apareceu em seu rosto.

— A senhora está com um ar esquisito; mete-me medo.

— Oh, eu sou inofensiva — disse Isabel.

— Por acaso não vai voltar?

— Talvez não. Não sei ainda.

— Ah, senhora Osmond, não vai deixar-me!

Isabel percebeu então que ela adivinhara tudo.

— Minha pobre criança, o que posso fazer por você?

— Não sei — mas fico mais feliz quando penso na senhora.

— Sempre pode pensar em mim.

— Não quando está longe. Estou com um pouco de medo — disse Pansy.

— Do que está com medo?

— De papai, um pouco, e de madame Merle. Ela acabou de visitar-me.

— Não deve dizer isso — observou Isabel.

— Oh, farei tudo o que eles quiserem. Só que, a senhora estando aqui, farei com mais tranqüilidade.

Isabel pensou um pouco.

— Não a abandonarei — disse por fim. — Adeus, minha filha.

Então ficaram por um momento abraçadas, em silêncio, como duas irmãs; depois Pansy foi andando com a visita pelo corredor até o alto da escada.

— Madame Merle esteve aqui — comentou enquanto andavam e, como Isabel nada respondesse, rematou de repente: — Não gosto de madame Merle!

Isabel hesitou, depois parou.

— Não deve dizer isso nunca, que não gosta de madame Merle.

Pansy olhou-a admirada, mas admiração em Pansy nunca fora motivo para a desobediência.

— Não o farei de novo — aquiesceu com delicada brandura. No alto da escada, tinham que se separar, pois parecia ser parte da disciplina leve porém definida sob a qual Pansy vivia o fato de ela não poder descer. Isabel desceu e, quando chegou embaixo, a moça ainda estava de pé em cima. — Vai voltar? — perguntou numa voz que Isabel lembrou depois.

— Sim, vou voltar.

Irmã Catherine veio a seu encontro embaixo e levou-a até a porta do parlatório, onde pararam e ficaram falando um minuto.

— Eu não vou entrar — disse a freira. — Madame Merle está esperando pela senhora.

Ao ouvir isso, Isabel ficou rígida, esteve a ponto de perguntar se não havia outro modo de sair do convento. Mas, após refletir por um momento, julgou que não seria bom deixar transparecer para a freira seu desejo de evitar a outra amiga de Pansy. Sua companheira segurou-a pelo braço de leve e, fitando-a por um instante com olhar sábio e benevolente, disse em francês, quase com familiaridade:

— *Eh, bien, chère madame, qu'en pensez vous?*

— Sobre minha enteada? Oh, levaria muito tempo para dizer.

— Achamos que já é o bastante — observou irmã Catherine, de modo bem distinto. E, com isso, empurrou a porta do parlatório.

Madame Merle estava sentada do mesmo modo como quando Isabel saíra, como alguém mergulhado em pensamento tão profundo que não movera nem um dedo. Quando irmã Catherine fechou a porta, ela se levantou, e Isabel notou que ela estivera pensando com algum propósito. Recobrou seu equilíbrio; estava de plena posse de suas habilidades.

— Achei que devia esperar por você — disse com civilidade. — Mas não é para falar de Pansy.

Isabel perguntou-se de que poderia ser então e, a despeito da afirmativa de madame Merle, respondeu depois de um instante:

— Irmã Catherine diz que já basta.

— Sim, para mim também parece que basta. Eu queria dar mais uma palavrinha com você sobre o pobre senhor Touchett — prosseguiu madame Merle. — Tem motivos para acreditar que ele esteja mesmo no fim?

— A única informação que tenho é um telegrama. Infelizmente serve apenas para confirmar uma probabilidade.

— Vou fazer-lhe uma pergunta estranha — disse madame Merle. — Gosta muito de seu primo? — E, dizendo isso, deu um sorriso tão estranho quanto a pergunta.

— Sim, gosto muito dele. Mas não estou entendendo.

Ela persistiu, sem se abalar.

— É um tanto difícil de explicar. Pensei numa coisa que talvez não lhe tenha ocorrido e gostaria de transmitir-lhe minha idéia. Seu primo lhe prestou um dia um grande serviço. Nunca desconfiou do que foi?

— Ele me prestou muitos serviços.

— Sim, mas um merece especial menção. Fez de você uma mulher rica.

— *Ele me fez?*...

Madame Merle, já parecendo ver-se vitoriosa, continuou em tom mais triunfante:

— Ele conferiu-lhe aquele lustro a mais que era necessário para torná-la um brilhante partido. No fundo, é a ele que tem que agradecer. — Com isso, deteve-se; havia algo no olhar de Isabel.

— Não a estou entendendo. Era o dinheiro do meu tio.

— Sim; era o dinheiro do seu tio, mas foi idéia de seu primo. Ele convenceu o pai. Ah, minha cara, a quantia era imensa!

Isabel permaneceu parada, olhando-a; parecia estar vivendo naquele dia num mundo iluminado por lampejos sombrios.

— Não sei por que diz coisas assim. Não sei o que sabe.

— Nada sei a não ser o que deduzi. Mas deduzi isso.

Isabel foi até a porta e, depois de abri-la, ficou um momento com a mão na maçaneta. Então disse — seria sua única vingança:

— Eu achava que era à senhora que tinha que agradecer!

Madame Merle baixou o olhar; ficou ali parada numa espécie de orgulhosa penitência.

— Você está muito infeliz, eu sei. Mas eu estou ainda mais.

— Sim, posso crer nisso. Acho que gostaria de nunca mais vê-la.

Madame Merle levantou os olhos.

— Eu vou para a América — observou em voz baixa enquanto Isabel saía.

Não foi com surpresa, mas com um sentimento que em outras circunstâncias teria efeito muito parecido com alegria, que Isabel, ao descer do trem Paris Mail em Charing Cross, caiu nos braços, por assim dizer — ou, de qualquer modo, nas mãos —, de Henrietta Stackpole. Ela telegrafara à amiga de Turim e, embora não tivesse idéia definida de que Henrietta iria estar lá, sentira que o telegrama produziria algum resultado útil. Na longa viagem desde Roma, sua mente ficara entregue a idéias vagas; não conseguia ver o futuro. Empreendeu a viagem com olhos que nada viam e pouco aproveitou dos países que atravessou, embora todos eles estivessem vestidos do rico frescor da primavera. Seus pensamentos seguiam seu curso por outros países — terras estranhas, de luz fosca, sem caminhos, nas quais não havia mudança de estações, mas apenas, assim parecia, a perpétua melancolia do inverno. Tinha muita coisa em que pensar, mas não era nem reflexão nem propósito consciente que lhe ocupavam a mente. Visões desconexas cruzavam-na, repentinos lampejos mortiços de memória, de expectativa. Passado e futuro iam e vinham a seu bel-prazer, mas ela só os via em imagens vacilantes surgindo e desaparecendo segundo uma lógica própria. Eram extraordinárias as coisas de que se lembrava. Agora que partilhava do segredo, agora que sabia de uma coisa que tinha tanto a ver com ela e cujo eclipse fizera a vida assemelhar-se a tentar jogar cartas com um baralho imperfeito, a verdade das coisas, suas relações mútuas, seu significado e, mais do que tudo, seu horror ergueram-se diante dela com uma certa vastidão arquetônica. Lembrava-se de milhares de ninharias; estas tomavam vida com a espontaneidade de um arrepio. Ela tinha achado que eram ninharias na época; agora via que tinham peso de chumbo. Porém mesmo agora não passavam de ninharias, no fim das contas; pois de que adiantava para ela entendê-las? Nada parecia ser de alguma valia nesse dia. Todo propósito, toda intenção estavam suspensos; todo desejo também, a não ser pelo único desejo de chegar a seu refúgio tão hospitaleiro. Gardencourt fora seu ponto de partida e era pelo menos solução temporária voltar àqueles recintos quietados. Ela partira cheia de força; voltava com sua fraqueza e, se aquele lugar fora de repouso para ela antes, seria agora um santuário. Invejava a Ralph por ele estar morrendo, pois, ao pensar em repouso, esse seria o mais perfeito de todos. Cessar por completo, renunciar a tudo e nada mais saber — tal idéia era tão doce como a visão de um banho refrescante numa piscina de mármore, em aposento obscurecido, num país tropical.

De fato, durante a viagem desde Roma, ela tivera momentos que quase equivaliam a estar morta. Ficou sentada num canto, tão imóvel, tão passiva, apenas com a sensação de estar sendo levada, tão despida de esperança e pesar que parecia uma daquelas figuras etruscas deitadas sobre o receptáculo de suas cinzas. Nada havia para sentir pesar agora — isso tudo já tinha passado. A única coisa que lamentava era que madame Merle tivesse sido tão... bem, tão inimaginável. Nesse ponto a sua inteligência lhe falhava, pela literal incapacidade de dizer o que madame Merle fora. Fosse o

que fosse, cabia a madame Merle sentir pesar por isso e sem dúvida o faria na América, para onde anunciara que iria. Isso não mais dizia respeito a Isabel; apenas tinha a impressão de que nunca mais veria madame Merle. Essa impressão transportava-a para o futuro que entrevia de vez em quando em mutilados vislumbres. Viu-se, dentro de anos, ainda na atitude de uma mulher que tinha sua vida a viver, e essas imagens contradiziam o espírito da hora presente. Talvez fosse desejável ir embora, para bem longe mesmo, mais longe do que a pequena Inglaterra verde-acinzentada, mas tal privilégio lhe seria evidentemente negado. No fundo do coração — mais fundo do que qualquer vontade de renunciar — havia a sensação de que teria que se ocupar da vida por muito tempo ainda. E por momentos havia algo de inspirador, quase animador, em tal convicção. Era uma prova de força — era prova de que algum dia ela seria outra vez feliz. Não podia ser que ela tivesse que viver para sofrer apenas; ainda era jovem, afinal, e muitas coisas poderiam acontecer-lhe. Viver apenas para sofrer — apenas para sentir a ferida da vida repetida e ampliada —; parecia-lhe que ela era valiosa demais, capaz demais, para isso. Depois perguntou-se se seria vaidade e estupidez ter tão boa opinião a respeito de si própria. A história toda não estava cheia de destruição de coisas preciosas? Não era muito mais provável que alguém bom sofresse? Então isso talvez implicasse o reconhecimento de se ter algo de vulgar, mas Isabel vislumbrou, quando passou diante de seus olhos, a rápida e vaga sombra de um longo futuro. Ela nunca escaparia; duraria até o fim. Então os anos intermediários envolveram-na de novo e a cinzenta cortina de sua indiferença fechou-se em torno dela.

Henrietta beijou-a, como costumava beijar, como se receasse que a surpreendessem fazendo isso, e então Isabel ficou parada em meio à multidão, olhando em torno, procurando a criada. Nada pediu; queria esperar. Teve súbita noção de que seria ajudada. Estava contente de que Henrietta tivesse vindo; havia algo de terrível em chegar a Londres. A sombria, fumacenta, alta abóbada da estação, a luz estranha e lívida, a multidão densa, escura, se atropelando, causavam-lhe nervoso temor, fazendo com que passasse o braço no da amiga. Lembrava-se de que um dia gostara daquilo tudo: parecia ser parte de um poderoso espetáculo que tinha algo que a afetava. Lembrava-se de caminhar para longe de Euston, à pálida luz de inverno, pelas ruas cheias de gente, cinco anos antes. Não poderia ter feito isso hoje, e o incidente apareceu-lhe como o feito de outra pessoa.

— É maravilhoso que você tenha vindo — disse Henrietta, olhando para ela como se achasse que Isabel talvez estivesse preparada para contrariar tal afirmativa. — Se não tivesse vindo... se não tivesse vindo... bem, não sei — observou a senhorita Stackpole, dando a entender que alguém teria que se haver com seu poderes de desaprovação.

Isabel olhou em torno sem conseguir localizar a criada. Porém seu olhar esbarrou em outra figura que pensou ter visto antes e, dali a um instante, reconheceu o rosto bem-humorado do senhor Bantling. Ele estava um pouco afastado e a multidão que se comprimia em volta dela não tinha conseguido fazê-lo ceder uma polegada da posição que conquistara — a posição de discreta distância enquanto as duas mulheres trocavam abraços.

— Lá está o senhor Bantling — disse Isabel, em voz baixa e irrelevante, agora pouco se importando se iria encontrar a criada ou não.

— Ah, sim. Ele vai a toda parte comigo. Venha cá, senhor Bantling! — exclamou Henrietta. Ao

ouvir isso, o galante solteirão adiantou-se com um sorriso — sorriso este, contudo, temperado pela gravidade da ocasião. — Não é maravilhoso ela ter vindo? — perguntou Henrietta. — Ele sabe de tudo — acrescentou —, tivemos uma grande discussão a esse respeito. Ele disse que você não viria, eu não concordei.

— Pensei que nunca discordassem — disse Isabel, retribuindo o sorriso. Sentiu que agora podia sorrir; vira por um momento no olhar franco do senhor Bantling que ele tinha boas notícias para ela. Parecia dizer-lhe que gostaria que ela se lembrasse de que era um velho amigo do primo dela — que entendia, que tudo estava bem. Isabel estendeu-lhe a mão; a idéia que fez dele naquele momento, por extravagante que pareça, foi a de um belo e imaculado cavaleiro.

— Oh, eu sempre concordo — disse o senhor Bantling. — Mas ela não.

— Não lhe disse que trazer criada era uma maçada? — indagou Henrietta. — Sua mocinha provavelmente ficou em Calais.

— Não faz mal — disse Isabel, olhando para o senhor Bantling, a quem nunca tinha achado tão interessante.

— Fique com ela enquanto eu vou ver — comandou Henrietta, deixando os dois por um momento sozinhos.

Ficaram ali parados em silêncio, e então o senhor Bantling perguntou a Isabel como fora a travessia do canal.

— Muito boa. Não, acho que foi bem ruim — corrigiu, para óbvio espanto do outro. Depois disse: — O senhor esteve em Gardencourt, eu sei.

— Ora, como sabe disso?

— Não sei explicar — só que o senhor tem o ar de alguém que esteve em Gardencourt.

— Acha que tenho ar de imensa tristeza? A tristeza lá é imensa, sabe?

— Não, creio que o senhor jamais teria ar de imensa tristeza. Tem ar de imensa bondade — disse Isabel com uma liberalidade que não lhe custou esforço algum. Parecia-lhe que nunca mais iria sentir embaraço superficial.

O pobre senhor Bantling, entretanto, ainda estava no estágio inferior. Corou bastante e riu, e assegurou-lhe que era comum ficar melancólico, e, quando estava assim, metia medo.

— Pode perguntar à senhorita Stackpole, ouviu? Eu estive em Gardencourt há dois dias.

— Viu meu primo?

— Só por um momento. Mas ele tem recebido visitas; Warburton tinha estado lá na véspera. Ralph estava como de costume, descontando o fato de que está na cama e com ar muito doente, e que não pode falar — prosseguiu o senhor Bantling. — Ele estava bem animado e engraçado, mesmo assim. Estava tão inteligente como sempre. É uma infelicidade.

Mesmo naquela estação cheia de gente e barulho, essa simples descrição era vívida.

— Isso foi no fim do dia?

— Sim; fui de propósito a essa hora. Achamos que a senhora gostaria de saber.

— Fico-lhe muito grata. Posso ir até lá esta noite?

— Ah, acho que *ela* não vai deixá-la ir — disse o senhor Bantling. — Quer que pernoite com ela. Mandei um empregado de Touchett prometer que me mandaria um telegrama hoje e encontrei-o

faz uma hora no meu clube. Diz: “Calmo e tranqüilo”, e foi mandado às duas horas da tarde. Então, como pode ver, pode esperar até amanhã. Deve estar terrivelmente cansada.

— Sim, estou. E muito obrigada mais uma vez.

— Oh, tínhamos certeza de que gostaria de ter as últimas notícias — e sobre isso Isabel vagamente depreendeu que afinal ele e Henrietta pareciam concordar. A senhorita Stackpole voltou com a criada de Isabel, a quem vira provando sua utilidade. Essa excelente pessoa, em vez de ter se perdido na multidão, estivera simplesmente cuidando da bagagem da patroa de modo que ela agora estava livre para sair da estação.

— Sabe que não deve nem pensar em ir para o campo esta noite — Henrietta observou. — Não importa se há trem ou não. Virá direto comigo para a rua Wimpole. Não há um lugarzinho sequer em Londres, mas eu arranjei um para você, assim mesmo. Não é um palácio romano, mas serve para uma noite.

— Farei o que você quiser — disse Isabel.

— Você virá e responderá a algumas perguntas; é isso que quero.

— Ela não fala nada sobre jantar, não é, senhora Osmond? — indagou o senhor Bantling, em tom jocoso.

Henrietta fitou-o por um momento com seu olhar pensativo.

— Estou vendo que está com pressa de comer o seu. Esteja na estação de Paddington amanhã de manhã às dez horas.

— Não vá só por minha causa, senhor Bantling — pediu Isabel.

— Ele irá por minha causa — declarou Henrietta, ajudando a amiga a entrar num carro de aluguel. E depois, numa grande e pouco iluminada saleta na rua Wimpole — para fazer justiça a ela, fora servido jantar bastante copioso — fez as perguntas que tinha mencionado na estação.

— Seu marido fez uma cena por você vir? — essa foi a primeira pergunta da senhorita Stackpole.

— Não, não posso dizer que tenha feito uma cena.

— Então não se opôs?

— Sim, opôs-se e muito. Mas não foi o que se poderia chamar de cena.

— Então o que foi?

— Foi uma conversa muito tranqüila.

Henrietta contemplou por um momento sua hóspede.

— Deve ter sido infernal — comentou depois. E Isabel não negou que tivesse sido infernal. Mas limitou-se a responder às perguntas de Henrietta, o que foi fácil, pois eram toleravelmente definidas. Por enquanto, não lhe ofereceu informação nova alguma. — Bem — disse por fim a senhorita Stackpole —, só tenho um reparo a fazer. Não vejo por que prometeu à senhorita Osmond que voltaria.

— Nem eu tenho certeza do porquê — Isabel retrucou. — Mas naquela hora sabia.

— Se esqueceu qual era a razão, talvez não volte.

Isabel fez uma pausa.

— Talvez eu ache outra.

— Com certeza nunca vai encontrar uma boa.

— Na falta de melhor, o fato de eu ter prometido já é o bastante — sugeriu Isabel.

— É verdade; é por isso que não gostei nem um pouco.

— Não fale nisso agora. Tenho um certo tempo. Vir embora foi uma complicação, mas como vai ser voltar?

— Lembre-se de que, afinal de contas, ele não vai fazer uma cena! — disse Henrietta, com a voz carregada de intenção.

— Mas ele fará — respondeu Isabel, séria. — Não será a cena de um momento, e sim a cena do resto da minha vida.

Durante alguns minutos, as duas mulheres ficaram sentadas e pensaram sobre o último comentário; então a senhorita Stackpole, para mudar de assunto, como Isabel pedira, anunciou de chofre:

— Estive passando uns dias em casa de *lady* Pensil!

— Ah, o convite chegou, por fim!

— Sim, levou cinco anos. Mas dessa vez ela queria ver-me.

— O que é bastante natural.

— Mais natural do que acho que imagina — disse Henrietta, fixando o olhar num ponto distante. E então acrescentou, voltando-se de repente: — Isabel Archer, peço-lhe que me desculpe. Não sabe por quê? Porque eu a critiquei e, no entanto, fui mais longe ainda que você. O senhor Osmond, pelo menos, nasceu do outro lado!

Isabel levou um instante para compreender o que ela queria dizer; o sentido estava velado de modo muito modesto, ou pelo menos muito hábil. A mente de Isabel, no momento, não possuía o senso de comicidade das coisas, mas recebeu com uma breve risada a imagem que a outra invocara. Porém recobrou-se na mesma hora e, com o devido exagero, perguntou:

— Henrietta Stackpole, vai renunciar à sua pátria?

— Sim, minha pobre Isabel, vou. Não vou ficar negando; olho as coisas de frente. Vou casar com o senhor Bantling e instalar-me bem aqui em Londres.

— Parece muito estranho — disse Isabel, sorrindo agora.

— Bem, sim, imagino que sim. Fui me acostumando aos poucos. Acho que sei o que estou fazendo, mas não sei se posso explicar.

— Não se pode explicar por que se casa — retrucou Isabel. — E você não precisa explicar. O senhor Bantling não é um enigma.

— Não, ele não é um mau trocadilho — ou mesmo um lance brilhante de humor americano. Tem uma disposição maravilhosa — continuou Henrietta. — Venho estudando-o há muitos anos e leio dentro dele. É tão claro como o estilo de um bom folheto. Não é um intelectual, mas aprecia o intelecto. Por outro lado, não exagera suas pretensões. Às vezes, acho que exageramos nos Estados Unidos.

— Ah — disse Isabel —, você mudou mesmo! É a primeira vez que a ouço dizer alguma coisa contra seu torrão natal.

— Só estou dizendo que ficamos muito impressionados com mera força cerebral; afinal de

contas, isso não é uma falta vulgar. Mas eu *estou* mudada; uma mulher tem que mudar muito para casar.

— Espero que seja muito feliz. Vai ver finalmente — aqui — alguma coisa da vida mais íntima.

Henrietta soltou um pequeno suspiro significativo.

— Essa é a chave do mistério, creio eu. Eu não conseguia agüentar ser mantida de fora. Agora tenho tanto direito como qualquer um! — rematou com um orgulho sem afetação.

Isabel divertiu-se com as palavras dela, mas sua opinião era mesclada de certa melancolia. Afinal de contas, Henrietta admitira ser humana e feminina, Henrietta que até então ela tinha considerado como uma chama leve e entusiástica, uma voz incorpórea. Era um desapontamento descobrir que tinha suscetibilidades pessoais, que estava sujeita a paixões comuns e que sua intimidade com o senhor Bantling não fora de todo original. Havia uma falta de originalidade no fato de ela se casar com ele — até mesmo uma certa estupidez; e por um momento, na mente de Isabel, a tristeza do mundo adquiriu um tom mais sombrio. Um pouco depois, na verdade, ela refletiu que o senhor Bantling pelo menos era original. Mas não entendia como Henrietta podia renunciar a seu país. Ela própria abrira mão dele, mas nunca fora seu país como fora de Henrietta. Dali a pouco, perguntou-lhe se gostara da visita a *lady* Pensil.

— Ah, sim — disse Henrietta —, ela não sabia o que pensar de mim.

— E isso foi muito agradável?

— Muitíssimo, porque dizem que ela é um grande cérebro. Acha que sabe tudo, mas não entende uma mulher moderna como eu. Teria sido muito melhor para ela se eu fosse só um pouco melhor ou um pouco pior. Ela está muito intrigada; acho que pensa que é meu dever fazer alguma coisa imoral. Acha imoral que eu me case com o irmão dela, mas, afinal, não é imoral o bastante. E nunca vai entender a mistura de que sou feita — nunca!

— Então não é tão inteligente como o irmão —olveu Isabel. — Ele parece ter entendido.

— Oh, não, não entendeu! — exclamou a senhorita Stackpole, com decisão. — Acho mesmo que é por isso que quer casar comigo — só para descobrir o mistério e as suas proporções. Essa é uma idéia fixa — uma espécie de fascinação.

— É muita amabilidade sua condescender com isso.

— Ora — disse Henrietta —, eu também tenho uma coisa para descobrir! — E Isabel percebeu que ela não tinha se rendido a uma posição submissa, mas que planejava um ataque. Finalmente estava prestes a atracar-se de verdade com a Inglaterra.

Isabel também notou, contudo, no dia seguinte, na estação de Paddington, onde se encontrava às dez horas em companhia da senhorita Stackpole e do senhor Bantling, que este último suportava muito bem suas perplexidades. Se não tinha descoberto tudo, tinha descoberto pelo menos a questão principal — de que à senhorita Stackpole nunca faltaria iniciativa. Estava evidente que na escolha da esposa ele estivera se precavendo contra tal deficiência.

— Henrietta contou-me e eu estou muito alegre — disse Isabel, estendendo-lhe a mão.

— Imagino que ache muito estranho — retrucou o senhor Bantling, apoiando-se no impecável guarda-chuva.

— Sim, acho bastante estranho.

— Não tanto como eu acho. Mas eu sempre gostei de traçar meu próprio rumo — disse o senhor Bantling, sereno.

A chegada de Isabel a Gardencourt desta segunda vez foi mais quieta ainda que da primeira. Ralph Touchett mantinha apenas uns poucos empregados, e para estes a senhora Osmond era uma estranha; de modo que, em vez de ser conduzida para seu próprio quarto, foi levada sem muita cordialidade à saleta e deixada à espera enquanto avisavam a tia que tinha chegado. Esperou muito tempo; a senhora Touchett não parecia estar com pressa de vir a seu encontro. Por fim, foi ficando impaciente; foi ficando nervosa e com medo — com muito medo, como se os objetos a seu redor tivessem começado a virar coisas conscientes, a observar a sua preocupação com grotescas caretas. O dia estava sombrio e frio; as sombras eram densas nos cantos dos amplos aposentos marrons. A casa estava em perfeita quietude — quietude de que Isabel se lembrava: permeara todo o lugar durante dias antes da morte do tio. Saiu da saleta e andou por lá — caminhou até a biblioteca e pela galeria de quadros onde seus passos ecoaram no profundo silêncio. Nada havia mudado; reconheceu tudo que tinha visto anos antes; poderia ter sido ontem que estivera ali. Invejou a segurança de peças valiosas que não mudam um átomo, apenas aumentam de valor, enquanto seus donos perdem aos poucos a juventude, a felicidade, a beleza, e percebeu que estava vagando por ali como a tia fizera no dia em que viera vê-la em Albany. Ela mudara bastante desde aquela época — isso fora o começo. Ocorreu-lhe de repente que, se a tia Lydia não tivesse vindo naquele dia como viera e não a tivesse encontrado sozinha, tudo poderia ter sido diferente. Poderia ter tido outra vida e poderia ter sido uma mulher mais abençoada. Deteve-se na galeria defronte a um pequeno quadro — um precioso e encantador Bonington —, no qual seu olhar ficou pousado longo tempo. Mas não estava vendo o quadro; estava imaginando se ela teria casado com Caspar Goodwood se a tia não tivesse ido naquele dia a Albany.

A senhora Touchett finalmente apareceu, logo depois de Isabel ter voltado à grande e desabitada saleta. Parecia bem mais velha, mas seu olhar era tão vivaz e a cabeça tão erguida como sempre; os lábios finos pareciam repositório de significados latentes. Usava um vestido simples cinzento, sem enfeite algum, e Isabel perguntou-se, como se perguntara da primeira vez, se sua notável parente pareceria mais com uma rainha regente ou com uma carcereira. Os lábios dela pareceram de fato muito finos ao pousarem na face escaldante de Isabel.

— Deixei-a esperando porque estava com Ralph — disse a senhora Touchett. — A enfermeira foi almoçar e eu a substituí. Ele tem um criado que deveria tomar conta dele, mas o homem não vale nada; está sempre olhando pela janela — como se houvesse alguma coisa para se ver! Eu não quis sair porque Ralph parecia estar dormindo e tinha medo de fazer barulho e acordá-lo. Esperei até a enfermeira voltar; lembrei-me de que você conhecia a casa.

— Estou vendo que a conheço até melhor do que pensava; estive andando por aí — respondeu Isabel. E depois perguntou se Ralph dormia muito.

— Fica deitado com os olhos fechados; não se mexe. Mas não tenho certeza de que esteja sempre dormindo.

— Ele vai ver-me? Pode falar comigo?

A senhora Touchett absteve-se de fazer tal afirmativa.

— Pode tentar — foi o limite de sua extravagância. E depois ofereceu-se para acompanhar Isabel ao seu quarto. — Pensei que a tivessem levado lá, mas aqui não é a minha casa, é de Ralph, e não sei o que fazem. Pelo menos, devem ter levado sua bagagem; imagino que não tenha trazido muita coisa. Não que faça diferença para mim. Acho que lhe deram o mesmo quarto que tinha antes; quando Ralph soube que você vinha, disse que deveria ficar lá.

— Disse mais alguma coisa?

— Ah, minha cara, ele não conversa como costumava fazer! — exclamou a senhora Touchett precedendo a sobrinha na subida da escada.

Era o mesmo quarto e Isabel sentiu que ninguém ficara nele desde que o tinha ocupado. A bagagem estava lá e não era volumosa; a senhora Touchett sentou-se por um instante, mantendo o olhar fito na mala.

— Não há mesmo esperança? — perguntou nossa jovem, postando-se diante dela.

— Nenhuma. Nunca houve. Não foi uma vida bem-sucedida.

— Não — foi apenas uma vida muito bonita. — Isabel viu-se já contradizendo a tia; tinha ficado irritada com a sua segura.

— Não sei o que dizer com isso; não há beleza sem saúde. Esse é um vestido muito esquisito para viajar.

Isabel olhou para a própria roupa.

— Saí de Roma em uma hora: peguei o primeiro que apareceu.

— As suas irmãs na América queriam saber como você se veste. Parecia ser o principal interesse delas. Não pude dizer-lhes — mas pareciam ter a idéia certa: a de que você nunca usa nada mais simples do que brocado preto.

— Elas acham que sou mais mundana do que sou; tenho medo de contar-lhes a verdade — disse Isabel. — Lily escreveu contando que a senhora jantou com ela.

— Ela me convidou quatro vezes e eu fui uma. Depois do segundo convite, deveria ter me deixado em paz. O jantar foi muito bom; deve ter sido caro. O marido dela tem modos muito feios. Se gostei da visita à América? Por que deveria ter gostado? Não fui por prazer.

Os comentários eram interessantes, mas a senhora Touchett logo deixou a sobrinha, a quem deveria tornar a encontrar dentro de meia hora para o almoço. Nessa refeição, as duas mulheres sentaram-se uma diante da outra a uma mesa diminuída posta na melancólica sala de jantar. Ali, dentro de alguns minutos, Isabel notou que a tia não estava tão seca como parecia e a antiga compaixão que sentia pela inexpressividade da pobre mulher, por sua falta de arrependimento, de desapontamento, voltou. Sem dúvida alguma, teria achado uma bênção poder hoje sentir uma derrota, um erro, até mesmo uma ou duas vergonhas. Perguntou-se se não estaria até sentindo aqueles enriquecimentos da consciência e, no íntimo, tentando — esforçando-se por alcançar algum sabor de vida, migalhas do banquete; o testemunho da dor ou a fria refeição do remorso.

Por outro lado, talvez estivesse com medo; se fosse começar a sentir remorso, talvez fosse longe demais. Porém Isabel podia notar que ela sentira de forma indistinta ter falhado de algum modo, que se via no futuro como uma velha sem lembranças. Seu pequeno rosto agudo parecia trágico. Disse à sobrinha que Ralph ainda não tinha se mexido, mas que era provável que pudesse vê-la antes do jantar. E dali a um instante acrescentou que ele tinha visto lorde Warburton no dia anterior, informação que espantou Isabel um pouco, pois parecia insinuar que tal personagem estava na vizinhança e que o acaso poderia reuni-los. Tal acaso não seria bem-vindo; ela não viera à Inglaterra para lutar de novo com lorde Warburton. Apesar disso, logo disse à tia que ele fora muito bom com Ralph; notara isso quando tinham estado em Roma.

— Agora ele tem outra coisa em que pensar — retrucou a senhora Touchett. E fez uma pausa, fitando-a com olhar perscrutador.

Isabel viu que ela tinha algo em mente e adivinhou imediatamente do que se tratava. Porém sua resposta nada deixou transparecer; com o coração batendo mais rápido, quis ganhar tempo.

— Ah, sim, a Câmara dos Lordes e tudo mais.

— Ele não está pensando nos lordes; está pensando nas damas. Pelo menos está pensando numa delas; disse a Ralph que está noivo.

— Ah, vai casar! — exclamou Isabel, sem grande arroubo.

— A não ser que rompa o noivado. Parecia pensar que Ralph gostaria de saber. O pobre Ralph não pode ir ao casamento, apesar de estar programado para logo, acho.

— E quem é a jovem?

— Uma moça da aristocracia: *lady* Flora, *lady* Felicia, ou coisa parecida.

— Alegro-me muito — disse Isabel. — Deve ter sido uma decisão repentina.

— Bem repentina, acho eu; namoro de três meses. Acabou de ser anunciado.

— Alegro-me muito — repetiu Isabel, com maior ênfase. Sabia que a tia a estava examinando — procurando sinais de algum ressentimento, e a vontade de evitar que a outra percebesse qualquer coisa assim fez com que ela conseguisse falar num tom de satisfação rápida, quase de alívio. Naturalmente a senhora Touchett seguia a tradição de que as mulheres, mesmo as casadas, consideravam o casamento de seus antigos apaixonados como ofensa pessoal. Assim, a primeira preocupação de Isabel seria demonstrar que, em geral, não estava ofendida agora. Mas, entretentes, como eu disse, o coração bateu-lhe mais rápido e, se ficou sentada por alguns momentos imersa em pensamentos — logo esqueceu o comentário da senhora Touchett —, não foi por ter perdido um admirador. Seu pensamento atravessara metade da Europa; fora deter-se, ofegante e até um pouco trêmulo, na cidade de Roma. Ela se imaginou anunciando ao marido que lorde Warburton estava prestes a conduzir uma noiva ao altar e, naturalmente, não se deu conta da extrema palidez a cobrir-lhe o rosto enquanto fazia tal esforço intelectual. Mas por fim controlou-se e disse à tia:

— Mais cedo ou mais tarde teria que se casar.

A senhora Touchett ficou calada; depois, com uma vivaz sacudidela da cabeça, exclamou de repente:

— Ah, minha cara, eu não entendo você! — Continuaram o almoço em silêncio; Isabel sentia-se

como se tivesse sabido da morte de lorde Warburton. Ela o conhecera apenas como seu pretendente e agora isso tinha terminado. Ele tinha morrido para a pobre Pansy; por Pansy talvez tivesse vivido. Havia um criado andando para lá e para cá; por fim, a senhora Touchett pediu-lhe que saísse. Ela terminara de comer e estava sentada com as mãos cruzadas na beirada da mesa.

— Gostaria de fazer-lhe três perguntas — comentou depois de o criado sair.

— Três é muito.

— Não vou contentar-me com menos; estive pensando. São todas muito boas.

— É disso que tenho medo. As melhores perguntas são as piores — respondeu Isabel. A senhora Touchett afastara a cadeira e, enquanto a sobrinha deixava a mesa e punha-se a andar, um tanto constrangida, até uma das fundas janelas, sentiu-se seguida pelo seu olhar.

— Algum dia arrependeu-se de não ter casado com lorde Warburton? — indagou a senhora Touchett.

Isabel sacudiu a cabeça devagar, porém não com ênfase.

— Não, minha cara tia.

— Ótimo, eu devo dizer-lhe que estou disposta a acreditar no que disser.

— O fato de a senhora acreditar em mim é uma tentação imensa — declarou Isabel, ainda sorrindo.

— Tentação de mentir? Não recomendo que faça isso, pois quando estou mal informada sou tão perigosa quanto um rato envenenado. Não é minha intenção cantar vitória sobre você.

— É meu marido que não se dá bem comigo — disse Isabel.

— Eu poderia ter dito a ele que não se daria. Não acho que isso seja cantar vitória sobre você — acrescentou a senhora Touchett. — Ainda gosta de Serena Merle? — continuou.

— Não como gostava antigamente. Mas não faz diferença, porque ela vai para a América.

— Para a América? Deve ter feito algo bem ruim.

— Fez — muito ruim.

— Posso perguntar o que foi?

— Ela me usou.

— Ah, também usou a mim! É o que faz com todos — exclamou a senhora Touchett.

— Ela vai usar a América — disse Isabel, tornando a sorrir e feliz por terem terminado as perguntas da tia.

Só à noite pôde ver Ralph. Ele cochilara o dia todo; pelo menos, estivera inconsciente. O médico estava lá, mas depois de um certo tempo foi embora — o médico local, que cuidara do pai dele e de quem Ralph gostava. Vinha três ou quatro vezes por dia; tinha grande interesse no paciente. Ralph tinha chamado *sir* Matthew Hope, mas acabara cansado do famoso homem, e pedira à mãe que mandasse dizer a ele que agora estava morto e portanto prescindia de conselhos médicos. A senhora Touchett escrevera a *sir* Matthew dizendo apenas que o filho não gostava dele. No dia da chegada de Isabel, Ralph não deu sinal, como relatei, durante muitas horas, mas, quando a noite foi chegando, ele se agitou e disse que sabia que ela viera. Como sabia não ficou claro, ainda mais que, receando excitá-lo, ninguém lhe tinha dado tal informação. Isabel veio sentar-se ao lado da cama dele, na semi-obscuridade; só havia uma luz velada num canto do quarto. Ela disse à

enfermeira que podia ir embora — ela ficaria com ele o resto da noite. Ele abriu os olhos e reconheceu-a, e mexeu a mão caída a seu lado, para ela segurá-la. Mas não conseguia falar; fechou de novo os olhos e permaneceu imóvel de todo, só mantendo a mão dela na sua. Ela ficou sentada com ele longo tempo — até a enfermeira voltar —, mas ele não deu mais nenhum sinal. Poderia ter morrido enquanto ela olhava para ele; já era a imagem da morte. Ela achava que ele estava muito mal em Roma mas agora era pior; não havia senão uma mudança possível. Uma estranha tranqüilidade espelhava-se em seu rosto; estava tão imóvel como a tampa de uma caixa. Agora, ele nada mais era senão um feixe de ossos; quando abriu os olhos para cumprimentá-la, era como se ela estivesse olhando para dentro de um incomensurável espaço. Só à meia-noite a enfermeira voltou, mas as horas não pareceram longas a Isabel; fora para isso mesmo que ela viera. Se tinha vindo apenas para esperar, teve ampla oportunidade, pois ele ficou lá deitado durante três dias como que num silêncio cheio de gratidão. Ele a reconhecia e às vezes parecia querer falar, mas não tinha voz. Depois fechava de novo os olhos, como se também estivesse esperando alguma coisa — alguma coisa que viria com certeza. Ficava tão imóvel que parecia já ter chegado o que viria e, no entanto, ela nunca perdeu o senso de que ainda estavam juntos. Mas nem sempre estavam; havia outras horas que ela passava caminhando pela casa vazia e tentando ouvir uma voz que não era a do pobre Ralph. Ela vivia com um medo constante; achava possível o marido escrever-lhe. Mas ele continuava em silêncio e ela apenas recebeu uma carta de Florença, da condessa Gemini. Porém, Ralph por fim falou — na noite do terceiro dia.

— Sinto-me melhor esta noite — murmurou de repente, em meio à silenciosa penumbra da vigília dela —; acho que posso dizer alguma coisa. — Ela caiu de joelhos ao lado da cabeceira; pegou-lhe a descarnada mão; suplicou-lhe que não se esforçasse — não se cansasse. O rosto dele estava sério por necessidade: não conseguia fazer o jogo muscular para esboçar um sorriso, mas o dono do rosto não parecia ter perdido a percepção das incongruências. — O que importa eu ficar cansado se tenho a eternidade toda para descansar? Não há mal em fazer um esforço quando é o último de todos. As pessoas não se sentem sempre bem quando o fim está próximo? Já ouvi falar muito nisso; era o que eu estava esperando. Desde que você chegou, achei que aconteceria. Tentei duas ou três vezes; tinha medo de que se cansasse de ficar sentada aí — falou ele devagar, com interrupções penosas e longas pausas; a voz parecia vir de longa distância. Quando parou, ficou lá deitado com o rosto voltado para Isabel e os grandes olhos fixos nos dela sem piscar. — Foi muito bom você vir — continuou. — Achei que viria, mas não tinha certeza.

— Eu também não tinha certeza até vir — disse Isabel.

— Você tem sido como um anjo à minha cabeceira. Sabe que eles falam sobre o anjo da morte. É o mais belo de todos. Você tem sido como ele, como se estivesse esperando por mim.

— Eu não estava esperando por sua morte; estava esperando por... por isto. Isto não é a morte, Ralph.

— Não para você — não. Não há nada que nos faça sentir mais vivos do que ver a morte dos outros. Essa é a sensação da vida — a idéia de que nós continuamos. Eu já a senti — até eu. Mas agora não sirvo para nada a não ser para proporcioná-la aos outros. Comigo, está tudo acabado. — E então fez uma pausa. Isabel curvou a cabeça ainda mais até descansá-la nas duas mãos que

seguravam a dele. Não podia vê-lo agora, mas a voz distante estava perto de seu ouvido. De repente, ele continuou: — Isabel, gostaria que tivesse acabado para você. — Ela nada respondeu; rompera em soluços; ficou assim, soluçando, com o rosto escondido. Ele permaneceu calado, ouvindo-a chorar; por fim, soltou um longo gemido: — Ah, o que foi que você me fez?

— O que foi que você me fez? — gritou ela, a extrema agitação que sentia agora meio abafada por sua compostura. Perdera toda a vergonha, todo o desejo de esconder as coisas. Agora ele tinha que saber; queria que ele soubesse, pois isso os unia de forma suprema e ele estava além da dor. — Você fez uma coisa uma vez — sabe disso. Oh, Ralph, você foi tudo para mim! O que fiz por você — o que posso fazer hoje? Eu morreria se isso o fizesse viver. Mas não quero que você viva; eu morreria para não perdê-lo. — A voz dela estava tão embargada quanto a dele e cheia de lágrimas e angústia.

— Não vai perder-me... vai conservar-me. Guarde-me no seu coração — estarei mais perto do que jamais estive. Querida Isabel, a vida é melhor; pois na vida há amor. A morte é boa, mas não há amor.

— Eu nunca lhe agradei, nunca falei, nunca fui o que deveria ser! — continuou Isabel. Sentia um desejo apaixonado de bradar e acusar-se, de deixar que a dor a possuísse. Todas as suas tristezas, no momento, tornaram-se uma e fundiram-se naquela dor presente. — O que deve ter pensado de mim? Mas como eu poderia ter sabido? Nunca soube e só sei hoje porque existe gente menos estúpida do que eu.

— Deixe as pessoas para lá — disse Ralph. — Acho que estou contente por deixá-las.

Ela levantou a cabeça e as mãos unidas; pareceu por um instante estar rezando a ele.

— É verdade, é verdade? — perguntou.

— Verdade que foi estúpida? Oh, não — disse Ralph, com uma tentativa de humor.

— Que você me tornou rica... que tudo que tenho é seu?

Ele virou a cabeça e durante algum tempo nada disse. Depois, por fim:

— Ah, não fale nisso — isso não foi uma boa coisa. — Voltou devagar o rosto para ela outra vez e tornaram a ver-se. — Se não fosse isso... se não fosse isso!... — E fez uma pausa. — Acho que arruinei sua vida — gemeu.

Ela estava imbuída da sensação de que ele estava fora do alcance da dor; já parecia tão pouco deste mundo. Mas, mesmo que não acreditasse nisso, ainda assim teria falado, pois nada mais importava agora a não ser o único conhecimento que não era pura angústia: o conhecimento de estarem encarando a verdade juntos.

— Ele casou comigo pelo dinheiro — disse. Ela queria dizer tudo; tinha medo de que ele morresse antes de fazê-lo.

Ele fitou-a por um breve momento, e pela primeira vez seu olhar fixo foi coberto pelas pálpebras. Mas abriu os olhos de novo dali a pouco e respondeu então:

— Ele estava muito apaixonado por você.

— Sim, estava apaixonado por mim. Mas não teria casado comigo se eu fosse pobre. Não estou magoando você com essas palavras. Como poderia? Só quero que entenda. Sempre tentei fazer com que não compreendesse, mas isso terminou.

— Sempre entendi — disse Ralph.

— Eu achei que sim e não gostei. Mas agora gosto.

— Não está me magoando — está me fazendo muito feliz. — E, ao dizer isso, extraordinária alegria transpareceu na voz de Ralph. Ela curvou de novo a cabeça e premiu os lábios de encontro às costas da mão dele. — Eu sempre entendi — continuou ele —, embora fosse tão estranho, tão digno de pena. Você queria olhar a vida por si, mas não lhe foi permitido; foi castigada por seu desejo. Foi massacrada nas próprias rodas do convencional!

— Oh, sim, fui castigada — soluçou Isabel.

Ele ouviu-a por uns minutos, e depois continuou:

— Ele foi muito desagradável a respeito de sua vinda?

— Tornou-a muito difícil. Mas não me importo.

— Está tudo terminado entre vocês, então?

— Oh, não, não creio que esteja terminado.

— Vai voltar para ele? — perguntou Ralph, numa voz estrangulada.

— Não sei; ainda não posso saber. Vou ficar aqui tanto tempo quanto puder. Não quero pensar; não preciso pensar. Nada me importa a não ser você e isso basta por enquanto. Ainda vai durar algum tempo. Aqui ajoelhada, com você morrendo nos meus braços, estou feliz como há muito tempo não estava. E quero que você se sinta feliz — que não pense em nada triste; que só sinta que estou perto de você e que o amo. Por que deveria haver dor? Nessas horas, o que temos a ver com a dor? Ela não é a coisa mais profunda; há algo mais profundo.

Estava claro que Ralph encontrava cada vez maior dificuldade em falar; tinha que esperar mais tempo para reunir suas forças. A princípio pareceu não ter resposta para essas últimas palavras; deixou longo tempo transcorrer. Depois balbuciou apenas:

— Você deve ficar aqui.

— Eu gostaria de ficar, tanto tempo quanto parecer certo.

— Parecer certo... parecer certo? — repetiu as palavras. — É, você pensa muito nisso.

— É claro que se deve pensar. Você está muito cansado — disse Isabel.

— Estou muito cansado. Você acabou de dizer que a dor não é a coisa mais profunda. Não, mas é muito profunda. Se eu pudesse ficar...

— Para mim, você sempre estará aqui — interrompeu ela, com brandura. Era fácil interrompê-lo.

Mas ele continuou, após um momento:

— Afinal, passa; está passando agora. Mas o amor permanece. Não sei por que temos que sofrer tanto. Talvez eu vá descobrir. Há muitas coisas na vida. Você é muito jovem.

— Sinto-me muito velha — disse Isabel.

— Você vai ficar jovem de novo. É assim que a vejo. Não creio... não creio... — Mas novamente parou; faltavam-lhe forças.

Ela suplicou-lhe que parasse de falar.

— Não precisamos falar para nos entendermos — disse.

— Não creio que um erro tão generoso como o que fez possa magoá-la por muito tempo.

— Oh, Ralph, estou muito feliz agora — ela exclamou, em meio às lágrimas.

— E lembre-se disso — continuou ele —: se foi detestada, também foi amada. Ah, mas... Isabel...

adorada! — suspirou ele de forma quase inaudível e prolongada.

— Oh, meu irmão! — exclamou ela, com um gesto de ainda maior prostração.

Ele lhe dissera na primeira noite que ela passara em Gardencourt que, se ela vivesse para sofrer o bastante, algum dia poderia ver o fantasma com que a velha casa estava devidamente equipada. Pelo que parecia, ela preencheria o requisito necessário, pois, na manhã seguinte, à luz da fria e fraca alvorada, soube que havia um espírito de pé ao lado de sua cama. Tinha se deitado sem se despir, acreditando que Ralph não passaria daquela noite. Não tinha vontade de dormir; estava à espera e essas esperas mantêm a mente desperta. Mas fechou os olhos; pensava que, quando fosse mais tarde, ouviria baterem à porta. Não ouviu nenhuma batida, mas, quando a escuridão começou a adquirir vago tom cinzento, ela ergueu de chofre a cabeça do travesseiro, tão de repente como se tivesse ouvido um chamado. Por um instante, pareceu-lhe que ele estava ali de pé — um vulto vago e oscilante na obscuridade do quarto. Firmou por um momento a vista; viu seu rosto branco, seus olhos bondosos; então viu que nada havia. Não sentiu medo; só certeza. Saiu do quarto e carregou sua certeza por corredores escuros, descendo um lance de degraus de carvalho que luziam ao clarão vago de uma janela do vestíbulo. Do lado de fora do quarto de Ralph, parou um minuto, à escuta, mas pareceu-lhe ouvir apenas a quietude que o ocupava. Abriu a porta tão levemente como se estivesse soerguendo um véu do rosto de um morto, e viu a senhora Touchett sentada imóvel e ereta ao lado da cama do filho, segurando uma das mãos dele nas suas. O médico estava do outro lado, segurando entre seus dedos profissionais o outro pulso do pobre Ralph. As duas enfermeiras estavam ao pé da cama, entre ambos. A senhora Touchett não notou Isabel, mas o médico olhou-a com atenção; depois colocou com cuidado a mão de Ralph na posição adequada ao lado do corpo. A enfermeira também a olhou com atenção, e ninguém disse uma palavra, mas Isabel apenas olhou para o que tinha vindo ver. Ralph estava mais bonito do que jamais fora em vida e havia estranha semelhança com o rosto do pai, que, seis anos antes, ela vira naquele mesmo travesseiro. Ela aproximou-se da tia e passou-lhe o braço pelos ombros, e a senhora Touchett, que de hábito não encorajava nem apreciava gestos afetuosos, submeteu-se por um instante a este, resignando-se, por assim dizer, a recebê-lo. Mas estava rígida e tinha os olhos secos; seu rosto branco e agudo era terrível.

— Querida tia Lydia — murmurou Isabel.

— Agradeça a Deus por não ter filhos — disse a senhora Touchett, soltando-se.

Três dias depois, um número razoável de pessoas encontrou tempo, no auge da “temporada” londrina, para tomar o trem matutino para uma calma estação em Berkshire e passar meia hora numa igreja cinzenta a pequena distância a pé de lá. Foi no verde cemitério dessa capela que a senhora Touchett entregou o corpo de seu filho à terra. Ela ficou de pé na beirada do túmulo com Isabel a seu lado; o próprio coveiro não tinha interesse mais prático na cena do que a senhora Touchett. Era uma ocasião solene, mas nem difícil nem pesada; havia uma certa naturalidade na

aparência das coisas. O tempo tinha mudado para bom; o dia, um dos últimos do traiçoeiro clima de maio, estava cálido e sem vento e o ar tinha o brilho do espinheiro e do melro. Embora fosse triste pensar no pobre Touchett, não era tão triste assim, já que a morte para ele não tivera violência. Levava tanto tempo morrendo; estava tão pronto; tudo tinha sido tão previsto e preparado. Havia lágrimas nos olhos de Isabel, mas não eram lágrimas ardentes. Através delas, ela via da beleza do dia, o esplendor da natureza, a suavidade do velho cemitério inglês, a cabeça curvada de bons amigos. Lorde Warburton estava lá e um grupo de cavalheiros todos desconhecidos para ela, vários deles, como veio a saber depois, ligados ao banco; e havia outros que ela conhecia. A senhorita Stackpole estava entre os primeiros, com o honesto senhor Bantling a seu lado e Caspar Goodwood, mantendo a cabeça mais alta do que os outros — talvez abaixando-a menos. Durante a maior parte do tempo, Isabel sentiu-se cônica do olhar do senhor Goodwood; ele a olhava com maior insistência do que geralmente o fazia em público, enquanto os outros mantinham o olhar fixo na relva do cemitério. Mas ela nunca o deixou perceber que o tinha visto; ela pensou nele apenas para se admirar de que ainda estivesse na Inglaterra. Deu-se conta de que achara natural que, após acompanhar Ralph até Gardencourt, tivesse partido; lembrou-se de que era um país que não lhe agradava muito. Mas ele lá estava, com toda a certeza estava, e algo em sua atitude parecia dizer que estava lá com uma intenção complexa. Ela evitou encontrar seu olhar, embora houvesse sem dúvida solidariedade nele; ele a deixava um tanto inquieta. Quando o pequeno grupo se dispersou, ele desapareceu, e a única pessoa que veio falar com ela — embora várias tivessem falado com a senhora Touchett — foi Henrietta Stackpole. Henrietta tinha estado chorando.

Ralph dissera a Isabel que esperava que ela ficasse em Gardencourt, e ela não tomou providência imediata alguma para ir embora. Disse a si mesma que era mera caridade ficar um pouco com a tia. Era uma sorte que tivesse fórmula tão boa; caso contrário, teria grande necessidade de uma. Sua missão estava terminada; fizera aquilo que justificava ter deixado o marido. Tinha um marido numa cidade no estrangeiro, contando as horas de sua ausência; num caso assim, era preciso um excelente motivo. Ele não era o melhor dos maridos, mas isso não vinha ao caso. Certas obrigações eram inerentes ao próprio fato do casamento e eram independentes da quantidade de prazer extraída delas. Isabel pensava no marido o mínimo possível; mas agora que ela estava longe, fora do seu sortilégio, pensava em Roma com um certo arrepio espiritual. Havia um frio penetrante na imagem e ela se encolhia para dentro da sombra mais profunda de Gardencourt. Vivía cada dia adiando, fechando os olhos, tentando não pensar. Sabia que tinha que tomar uma decisão, mas nada decidia; sua própria vinda não fora uma decisão. Daquela vez, limitara-se a pôr-se a caminho. Osmond não dera sinal e agora estava claro que não daria nenhum; deixaria tudo a seu cargo. De Pansy, não tinha notícias, mas isso era muito simples de entender: o pai dera-lhe ordem de não escrever.

A senhora Touchett aceitou a companhia de Isabel, mas não lhe ofereceu ajuda alguma; parecia estar absorta em ponderar, sem entusiasmo mas com perfeita lucidez, as novas conveniências de sua própria situação. A senhora Touchett não era uma pessoa otimista, mas mesmo de acontecimentos penosos conseguia extrair certa utilidade. Esta consistia em refletir que, afinal de contas, tais coisas

aconteciam às outras pessoas e não a ela. A morte era desagradável, mas neste caso era a morte do filho, não a dela; ela nunca se iludira pensando que sua morte seria desagradável para outra pessoa além dela mesma. Estava em melhor situação do que o pobre Ralph, que deixara todas as comodidades da vida para trás, e até mesmo a segurança; pois o pior de morrer, na idéia da senhora Touchett, era o fato de expor a pessoa a que tirassem vantagem dela. Quanto a ela, estava ali; não havia nada tão bom quanto isso. Informou a Isabel com grande pontualidade — na noite do dia em que o filho tinha sido enterrado — sobre várias disposições testamentárias de Ralph. Ele lhe contara tudo, consultara-a sobre tudo. Não lhe tinha deixado dinheiro; claro que ela não tinha necessidade de dinheiro. Deixara-lhe os móveis de Gardencourt, com exceção dos quadros e livros, e o uso da propriedade por um ano; após isso, ela deveria ser vendida. O dinheiro obtido com a venda deveria ser usado para constituir um fundo para um hospital de pessoas pobres sofrendo da mesma doença de que morrera, e lorde Warburton foi nomeado testamenteiro dessa parte. O resto dos seus bens, que deveriam ser retirados do banco, estavam distribuídos em vários legados, muitos dos quais para aqueles primos de Vermont com quem o pai já fora tão generoso. Para terminar, havia numerosos pequenos legados.

— Alguns deles são muito esquisitos — comentou a senhora Touchett —; ele deixou quantias razoáveis para pessoas de quem nunca ouvi falar. Deu-me uma lista e então perguntei quem eram algumas daquelas pessoas e ele respondeu que eram pessoas que, em ocasiões diferentes, tinham parecido gostar dele. Pelo visto achava que você não gostava dele, porque não lhe deixou um tostão. Na opinião dele, você já tinha sido contemplada com grande amplidão pelo pai, com o que devo dizer que concordo — embora não esteja querendo dizer que o tenha ouvido queixar-se alguma vez. Os quadros devem ser distribuídos; ele os legou, um por um, como pequenos momentos. O mais valioso da coleção vai para lorde Warburton. E o que acha que fez com sua biblioteca? Parece uma brincadeira, uma peça. Deixou-a para sua amiga, a senhorita Henrietta Stackpole, “em reconhecimento dos seus serviços pela literatura”. Será que ele se refere ao fato de ela tê-lo acompanhado de Roma? Isso foi um serviço à literatura? A biblioteca contém inúmeros livros raros e valiosos e, como ela não vai poder carregá-la pelo mundo afora na mala, ele recomendou que ela os venda em leilão. É claro que ela vai vendê-los no Christie’s, e com o dinheiro vai montar um jornal. Será que isso vai ser um serviço à literatura?

Isabel absteve-se de responder a essa pergunta, já que estava fora do pequeno interrogatório ao qual considerara necessário submeter-se na chegada. Além disso, nunca estivera menos interessada em literatura que naquele momento, como descobriu ao pegar de vez em quando da prateleira um dos raros e valiosos volumes de que falara a senhora Touchett. Não conseguia mesmo ler; nunca sua atenção estivera tão pouco sob seu controle. Uma tarde, na biblioteca, mais ou menos uma semana após a cerimônia do enterro, tentou fixar a atenção durante uma hora, mas seus olhos desviavam-se com freqüência do livro que tinha na mão para a janela aberta que dava para a longa alameda. Foi assim que viu um modesto veículo aproximar-se da porta da frente e viu lorde Warburton sentado, em atitude bastante desconfortável, num canto. Ele sempre tivera padrões de cortesia muito altos, de modo que não era de admirar, nas circunstâncias, que tivesse se dado ao trabalho de vir de Londres visitar a senhora Touchett. Era óbvio que viera ver a senhora Touchett,

e não a senhora Osmond, e, para provar a si mesma a validade de tal tese, Isabel dali a pouco saiu da casa e pôs-se a passear pelo parque gramado. Desde sua chegada a Gardencourt, estivera ao ar livre muito pouco, pois o tempo não era propício a passeios. Contudo, naquele fim de tarde o tempo estava ótimo e a princípio pareceu-lhe uma feliz idéia ter saído. A teoria que acabei de mencionar era bastante plausível, mas não lhe trouxe paz e, se vocês a tivessem visto caminhando de um lado para outro, teriam dito que tinha a consciência pesada. Não se tinha acalmado quando, ao cabo de um quarto de hora, estando perto da casa, viu a senhora Touchett surgir no pórtico acompanhada da visita. Sua tia, estava claro, propusera a lorde Warburton que saíssem a procurá-la. Ela não estava com humor para visitas e, se tivesse tido oportunidade, teria ido para trás de uma das grandes árvores. Mas percebeu que tinha sido vista e que nada mais lhe restava a fazer senão adiantar-se. Como o gramado de Gardencourt se estendia por um vasto terreno, isso levou algum tempo; e, durante este, notou que, enquanto caminhava ao lado da dona da casa, lorde Warburton mantinha as mãos de modo um tanto rígido às costas e os olhos voltados para o chão. Pareciam estar os dois calados, mas o fino olharzinho da senhora Touchett, voltado para Isabel, tinha, mesmo a distância, expressão. Parecia dizer com cortante agudeza: “Aqui está o eminentemente acessível aristocrata com quem você poderia ter casado”. Entretanto, quando lorde Warburton levantou o olhar, não era isso que os seus olhos diziam. Diziam apenas: “Isto é meio embaraçoso, sabe, e estou contando com sua ajuda”. Estava muito sério, muito decoroso e, pela primeira vez desde que Isabel o conheceu, cumprimentou-a sem sorrir. Mesmo no tempo em que estivera tão infeliz, sempre tinha começado com um sorriso. Parecia estar constrangido ao extremo.

— Lorde Warburton teve a bondade de vir aqui visitar-me — disse a senhora Touchett. — Ele disse-me que não sabia que você ainda estava aqui. Sei que ele é um velho amigo seu e, como me disseram que você não estava lá dentro, trouxe-o até aqui para ele ver por si mesmo.

— Oh, vi que havia um bom trem às seis e quarenta que me levaria a tempo de chegar para jantar — explicou o acompanhante da senhora Touchett, com certa irrelevância. — Estou muito contente de ver que ainda não foi embora.

— Não vou demorar muito tempo — disse Isabel, com certa rapidez.

— Imagino que não, mas espero que seja por algumas semanas. Veio à Inglaterra mais cedo... hum... do que pensava?

— Sim, vim de repente.

A senhora Touchett afastou-se como se estivesse examinando o estado do jardim, que de fato não era o que deveria ser, enquanto lorde Warburton hesitava um pouco. Isabel imaginou que tivesse estado prestes a perguntar sobre o seu marido — um tanto confuso — e aí tivesse parado. Continuou com ar de inarredável seriedade, fosse por achar que era apropriado numa casa pela qual a morte acabara de passar ou por motivos mais pessoais. Se estava cômico de motivos pessoais, era um feliz acaso ter cobertura do primeiro motivo; podia aproveitar-se disso ao máximo. Isabel pensou em tudo isso. Não que o rosto dele estivesse triste, pois isso era outra questão, mas estava com estranha falta de expressão.

— Minhas irmãs teriam gostado de vir se soubessem que a senhora ainda estava aqui, se achassem que as receberia — continuou lorde Warburton. — Seria grande bondade sua deixá-las

vê-la antes de ir embora da Inglaterra.

— Teria imenso prazer; tenho lembranças muito cordiais delas.

— Não sei se poderia vir até Lockleigh por um dia ou dois... Sabe que ainda existe aquela antiga promessa. — E o lorde corou um pouquinho, ao fazer a sugestão, o que lhe deu ao rosto um ar mais familiar. — Talvez eu não deva dizer agora; é claro que não está pensando em fazer visitas. Mas quis dizer que não seria exatamente uma visita. Minhas irmãs deverão estar em Lockleigh durante o feriado de Pentecostes por cinco dias e se pudesse vir nessa ocasião — como disse que não vai ficar muito tempo na Inglaterra — eu cuidaria para que não houvesse literalmente mais ninguém.

Isabel perguntou-se se nem mesmo a moça com quem ele iria se casar estaria lá com a mãe, mas não expressou tal pensamento.

— Agradeço-lhe muito — contentou-se em dizer. — Receio nem ter idéia de onde estarei no Pentecostes.

— Mas tenho sua promessa — não tenho? — para alguma outra ocasião.

Havia uma interrogação naquilo, mas Isabel deixou-a passar. Olhou para o interlocutor por um momento e o resultado de seu exame foi — como fora no passado — lamentar por ele.

— Tome cuidado para não perder o trem — disse. E aí rematou: — Desejo-lhe muitas felicidades.

Ele tornou a corar, mais do que antes, e olhou para o relógio.

— Ah, sim, seis e quarenta; não tenho muito tempo, mas tenho a charrete à porta. Muito obrigado. — Não ficou claro se o agradecimento era aplicável a ela tê-lo lembrado do trem ou à observação mais sentimental. — Adeus, senhora Osmond; adeus. — Trocou um aperto de mão com ela, sem olhá-la nos olhos, e depois voltou-se para a senhora Touchett, que viera juntar-se a eles. A sua despedida também foi breve e, dali a um instante, as duas mulheres viram-no atravessar com grandes passadas o gramado.

— Tem certeza mesmo de que ele vai se casar? — perguntou Isabel à tia.

— Não posso ter mais certeza do que ele, mas ele parece estar seguro. Felicitei-o e ele aceitou.

— Ah — disse Isabel —, desisto — enquanto a tia voltava para a casa e para as ocupações que a visita interrompera.

Ela desistiu, mas continuou pensando naquilo — pensou enquanto caminhava de novo por sob os grandes carvalhos cujas sombras se projetavam enormes sobre a extensão de relva. Ao cabo de alguns minutos, chegou a um banco rústico que, logo depois de tê-lo visto, lhe pareceu reconhecer. Não era simplesmente por tê-lo visto antes, nem mesmo por ter sentado nele; era que nesse lugar algo importante lhe acontecera — o lugar tinha um ar de associação. Depois lembrou-se de estar sentada lá, há uns seis anos, quando um criado lhe trouxera da casa a carta em que Caspar Goodwood anunciava tê-la seguido até a Europa e de, ao terminar de ler a carta, levantar os olhos deparando com lorde Warburton a anunciar-lhe que gostaria de casar com ela. Era de fato um banco histórico, um banco interessante; ficou ali de pé, olhando para ele como se ele pudesse ter algo a dizer-lhe. Não ia sentar-se nele agora; sentia um certo medo de fazê-lo. Limitou-se a ficar ali diante dele e, enquanto isso, o passado voltou-lhe numa daquelas ondas avassaladoras de

emoção que invadem pessoas sensíveis em horas imprevisíveis. O efeito de tal agitação foi a súbita sensação de estar muito cansada, e sentindo essa influência esqueceu os escrúpulos e deixou-se cair no banco. Eu disse que estava desassossegada e não conseguia entreter-se e, se os leitores, ao verem-na ali, tivessem admirado a justeza do primeiro epíteto ou não, pelo menos teriam admitido que naquele momento ela era a própria imagem de uma vítima do ócio. Sua atitude demonstrava uma singular ausência de propósito; as mãos, caídas ao lado do corpo, perdiam-se nas dobras do vestido negro; os olhos vagavam em torno, sem definição. Nada havia para fazê-la voltar à casa; as duas mulheres em seu refúgio almoçavam cedo e tomavam chá em horário indefinido. Quanto tempo ficou sentada nessa posição, ela não poderia dizer, mas o crepúsculo já caíra quando se deu conta de não estar só. Empertigou-se rápido, olhando em torno, e então viu o que acontecera com sua solidão. Partilhava-a com Caspar Goodwood, que estava de pé olhando para ela, a alguns metros de distância, e cujos passos na relva silenciosa não a tinham deixado perceber sua aproximação. Ocorreu-lhe em meio a isso que fora assim mesmo que lorde Warburton a surpreendera no passado.

Pôs-se de pé de imediato e, logo que Goodwood notou que tinha sido visto, adiantou-se. Ela só tinha tido tempo de levantar-se quando, num gesto que parecia violento, mas que ela sentiu como — não soube definir como —, ele a agarrou pelo pulso e fê-la sentar de novo no banco. Ela fechou os olhos; ele não a machucara; tinha sido apenas um toque, a que ela obedecera. Mas havia alguma coisa no rosto dele que ela não queria ver. Fora assim que olhara para ela no cemitério no outro dia; só que agora era pior. A princípio, ele nada disse; ela apenas o sentiu próximo — ao seu lado no banco e voltado insistentemente para ela. Parecia-lhe que jamais alguém estivera tão próximo assim. Porém tudo isso levou apenas um instante, ao fim do qual ela soltou o pulso e disse, voltando o olhar para o visitante:

— Assustou-me.

— Não era minha intenção — respondeu ele —, mas não importa se ficou com um pouco de medo. Cheguei de Londres há algum tempo, mas não pude vir direto para cá. Havia um homem na estação que passou na minha frente. Alugou a charrete que lá estava e ouvi-o dar ordem para vir para cá. Não sei quem era, mas não quis vir com ele; queria vê-la a sós. Por isso, fiquei esperando e andando por aí. Andei por toda parte e estava chegando à casa quando a vi aqui. Um caseiro, ou coisa parecida, me abordou, mas não houve problema porque o tinha conhecido quando vim para cá com seu primo. Aquele senhor foi embora? Está mesmo sozinha? Quero falar com você. — Goodwood falava muito rápido; estava tão agitado como quando tinham se despedido em Roma. Isabel nutrira a esperança de que tal estado se amainasse e ela se encolheu no íntimo ao perceber que, ao contrário, ele adquirira maior ímpeto ainda. Ela deu-se conta de uma nova sensação; ele nunca lhe causara isso antes; era uma sensação de perigo. Havia de fato algo de realmente formidável na sua determinação. Ela manteve o olhar voltado para a frente; ele, com uma mão pousada em cada joelho, curvou-se e olhou fixo no seu rosto. As sombras do crepúsculo pareceram adensar-se em torno dele. — Quero falar com você — repetiu. — Tenho algo especial a dizer. Não quero perturbá-la, como fiz em Roma naquele dia. Isso não adiantou nada; só a incomodou. Não pude evitar; sabia que estava errado. Mas não estou errado agora; por favor, não pense que estou —

continuou, com sua voz dura e profunda suavizando-se de repente numa súplica. — Vim hoje com um propósito. É diferente. Foi em vão falar-lhe naquela ocasião, mas agora posso ajudá-la.

Ela não poderia dizer se era por estar com medo ou por tal voz na obscuridade parecer necessariamente um bem, mas ouviu-o como nunca o ouvira antes; as suas palavras caíram fundo em sua alma. Causaram uma espécie de quietude em todo o seu ser e foi com esforço que, depois de um instante, respondeu-lhe.

— Como pode ajudar-me? — perguntou em voz baixa, como se estivesse levando o que ele tinha dito a sério o bastante para fazer a pergunta como confidência.

— Convencendo-a a confiar em mim. Agora sei — hoje sei. Lembra-se do que lhe perguntei em Roma? Naquele tempo eu estava completamente no escuro. Mas agora sei com bom fundamento; tudo ficou claro para mim agora. Foi uma boa coisa você me fazer vir com seu primo. Ele era um bom homem, uma pessoa ótima, das melhores; contou-me como é a situação com você. Explicou-me tudo; adivinhou meus sentimentos. Ele era membro da sua família e deixou-a — enquanto ficasse na Inglaterra — sob meus cuidados — disse Goodwood como se estivesse apresentando argumento irrefutável. — Sabe o que me disse da última vez que o vi, deitado ali onde morreu? Disse: “Faça tudo o que puder por ela; faça tudo o que ela o deixar fazer”.

Isabel pôs-se de pé num ímpeto.

— O senhor não tinha o direito de falar a meu respeito!

— Por que não... por que não, se falamos desse modo? — perguntou ele, seguindo-a rápido. — E ele estava agonizante. Quando um homem está morrendo, é diferente. — Ela conteve o movimento que fizera para ir embora; era verdade que ele não era o mesmo da última vez. Aquilo fora paixão desatinada, infrutífera, mas, no momento, ele tinha uma idéia que ela pressentia com todo o seu ser. — Mas não faz diferença! — exclamou ele, pressionando-a ainda mais, embora agora sem lhe tocar nem mesmo a fímbria do vestido. — Se Touchett nunca tivesse dito nada, eu teria sabido assim mesmo. Bastaria olhar para você no enterro de seu primo para ver o que há com você. Não pode enganar-me mais; por amor de Deus, seja honesta com alguém que é tão honesto com você. É uma mulher muito infeliz e seu marido é um demônio da pior espécie.

Ela voltou-se para ele como se a tivesse golpeado.

— Está louco? — gritou.

— Nunca estive tão lúcido; estou vendo a coisa toda. Não pense que precisa defendê-lo. Mas não direi nem mais uma palavra contra ele; vou falar só em você — rematou Goodwood rápido. — Como pode fingir que não tem o coração partido? Não sabe o que fazer, não sabe para onde voltar-se. É tarde demais para representar um papel; não deixou tudo isso para trás em Roma? Touchett sabia tudo a esse respeito e eu também sabia — o que lhe custaria vir até aqui. Será que lhe custou a vida? Diga que sim — e aí ele exaltou-se quase até a fúria —, dê-me uma palavra de verdade! Quando sei algo tão horrível como isso, como posso deixar de querer salvá-la? O que você pensaria de mim se eu ficasse impassível e a visse voltar para seu prêmio? “É horrível o que ela terá que pagar por isso!”, foi o que Touchett me disse. Posso dizer-lhe isso, não posso? Ele era um parente tão próximo! — exclamou Goodwood, tornando a apresentar seu argumento tão estranho e sombrio. — Eu preferiria levar um tiro a deixar que outro homem me dissesse tais

coisas, mas ele era diferente; pareceu-me que tinha direito. Foi depois que ele voltou para casa, quando viu que estava morrendo e quando também percebi isso. Entendo tudo: você tem medo de voltar. Está completamente só; não sabe para onde se voltar. Não tem para quem se voltar; sabe disso muito bem. Por isso é que agora quero que pense em *mim*.

— Pensar em *você*? — indagou Isabel, de pé diante dele na semi-obscuridade. A idéia que vislumbrara alguns minutos antes avultava-se agora. Jogou a cabeça para trás; considerou a idéia como se fosse um cometa nos céus.

— Não sabe para onde se voltar. Volte-se para *mim*. Quero persuadi-la a confiar em mim — repetiu Goodwood. E então fez uma pausa, com o olhar brilhante: — Por que deveria voltar, por que deveria cingir-se a essa medonha formalidade?

— Para afastar-me de *você*! — respondeu. Mas isso apenas expressou parte do que sentia. O resto era que nunca tinha sido amada antes. Ela acreditara que sim, mas isto agora era diferente; isto era o vento quente do deserto, cuja aproximação fazia os outros caírem por terra, como meras brisas perfumadas de jardim. Envolvia-a toda; arrebatava-a do chão enquanto o próprio gosto daquilo, como algo potente, acre e estranho, forçava seus dentes cerrados a se abrir.

A princípio, em resposta ao que ela dissera, pareceu-lhe que ele irromperia em maior violência. Mas após um instante ele ficou bem calmo; queria provar que estava lúcido, que tinha pensado com clareza sobre tudo aquilo.

— Quero impedir isso e acho que poderei, se pelo menos uma vez me ouvir. É monstruoso demais pensar em afundar de novo naquela infelicidade, em abrir sua boca naquele ar envenenado. É você que está fora de si. Confie em mim como se estivesse sob meus cuidados. Por que não poderíamos ser felizes, se isto está aqui diante de nós, tão fácil? Sou seu para sempre, para todo o sempre. Aqui estou; tão firme como uma rocha. Em que você tem que pensar? Não tem filhos, que talvez fossem um obstáculo. Do jeito que estão as coisas, não tem em que pensar. Tem que salvar o que puder de sua vida; não pode perder tudo só porque perdeu uma parte. Seria um insulto a você presumir que se importa com a aparência das coisas, com o que as pessoas vão dizer, com a idiotice insondável do mundo. Não temos nada a ver com tudo isso; estamos acima disso; vemos as coisas como são. Você deu um grande passo, vindo embora; o próximo não será nada; é natural. Juro aqui e agora que uma mulher a quem causam sofrimento deliberado está justificada de fazer qualquer coisa na vida — até mesmo a ir para a rua, se isso a ajudar! Sei como sofre e é por isso que estou aqui. Podemos fazer exatamente o que quisermos; a quem devemos alguma coisa no mundo todo? O que é que nos prende, o que é que tem o mínimo direito de interferir numa questão destas? Essa questão é entre nós dois — e dizer isso é resolvê-la! Teremos nascido para definhar na desgraça, teremos nascido para ter medo? Nunca a conheci com medo! Se confiar em mim, não ficará desapontada! O mundo inteiro está diante de nós — e o mundo é muito grande. Sei um pouco sobre isso.

Isabel soltou um longo murmúrio, como um animal ferido; era como se ele estivesse pressionando algo que machucava.

— O mundo é muito pequeno — disse a esmo; tinha um desejo imenso de parecer resistir. Disse a esmo, para se ouvir dizendo alguma coisa, mas não era isso o que queria dizer. O mundo, na

verdade, nunca parecera tão grande; parecia abrir-se em torno dela, assumir a forma de mar poderoso no qual ela flutuava em águas insondáveis. Ela quisera ajuda e ali estava a ajuda; viera numa torrente avassaladora. Não sei se ela acreditava em tudo o que ele tinha dito, mas acreditou naquele exato momento que deixá-lo tomá-la em seus braços seria a melhor coisa para ela, com exceção da morte. Tal convicção, por um instante, foi como um delírio no qual ela se sentiu afundar cada vez mais. Nesse movimento, pareceu bater com os pés, a fim de recobrar o equilíbrio, de sentir algo em que se apoiar.

— Ah, seja minha, como eu sou seu! — ouviu-o exclamar. Ele desistira de repente de argumentar e sua voz parecia chegar, dura e terrível, através de uma confusão de sons mais vagos.

Entretanto, isso era apenas um fato subjetivo, como dizem os metafísicos; a confusão, o barulho das águas, tudo o mais, estavam apenas em sua própria cabeça entontecida. Dentro de um instante, ela se deu conta disso.

— Faça-me o maior favor do mundo — ela ofegou. — Imploro-lhe que vá embora!

— Ah, não diga isso! Não me mate! — suplicou ele.

Ela apertou uma mão contra a outra; tinha os olhos inundados de lágrimas.

— Se me ama, se tem pena de mim, deixe-me em paz!

Ele fuzilou-a com o olhar por um átimo em meio à obscuridade e, no momento seguinte, ela sentiu os braços dele em volta do seu corpo e seus lábios sobre os dela. O beijo dele foi como um lívido relâmpago, um clarão a espalhar-se, e de novo a espalhar-se e deixar marca; e o extraordinário era, enquanto estava sendo beijada, ela ter sentido cada aspecto da sua áspera virilidade que menos a tinha agradado, cada agressivo fato de seu rosto, do seu corpo, de sua presença, justificada em sua intensa identidade e tornados todos um nesse ato de posse. Era isso que ela ouvira falar das pessoas que se afogam e vão afundando seguindo uma série de imagens enquanto descem para o fundo do mar. Mas quando a escuridão voltou, ela estava livre. Não olhou nem mesmo em volta; apenas saiu correndo daquele lugar. Havia luzes nas janelas da casa; brilhavam ao longe para além do gramado. Em um tempo de extraordinária duração — pois a distância era considerável —, ela atravessou a escuridão (pois nada viu) e chegou à porta. Só então parou. Olhou em volta; ficou à escuta um momento; depois pousou a mão no trinco. Não tinha sabido para onde se voltar, mas agora sabia. Havia uma trilha muito reta.

Dois dias depois, Caspar Goodwood bateu na porta da casa da rua Wimpole, em que Henrietta Stackpole residia em aposentos mobiliados. Mal tirara a mão da aldraba quando a porta se abriu e a senhorita Stackpole em pessoa apareceu diante dele. Ela estava de chapéu e casaco; estava pronta para sair.

— Oh, bom dia — disse ele —, esperava encontrar a senhora Osmond.

Henrietta fê-lo esperar um momento pela resposta, mas havia muita expressividade na senhorita Stackpole mesmo quando estava calada.

— Perdão, mas o que o levou a crer que ela estivesse aqui?

— Eu fui até Gardencourt hoje de manhã e o criado me disse que ela tinha vindo para Londres. Ele achava que tinha vindo ficar com a senhorita.

Mais uma vez a senhorita Stackpole manteve-o em suspenso, com toda intenção de ser bondosa.

— Ela veio para cá ontem e passou a noite. Mas esta manhã partiu para Roma.

Caspar Goodwood não estava olhando para ela; tinha os olhos fixos no degrau da entrada.

— Oh, ela partiu?... — balbuciou. E, sem terminar a frase ou levantar os olhos, desviou-se rígrado. Mas não conseguiu fazer mais do que isso.

Henrietta saíra, fechando a porta atrás de si, e então estendeu a mão e segurou-lhe o braço.

— Olhe, senhor Goodwood — disse —, é só esperar!

Ao ouvir isso, ele a olhou, mas apenas para ler, com revolta, em seu rosto, que ela só se referia ao fato de ele ser jovem. Ela ficou ali de pé oferecendo-lhe aquele conforto barato, e isso acrescentou, ali mesmo, trinta anos à sua vida. Ela o foi conduzindo pela rua, contudo, como se lhe tivesse agora dado a chave da paciência.

HENRY JAMES nasceu em Nova York, em 1843. Começou a vida profissional na área do direito, em Harvard, em 1862. Depois de ler Balzac, Hawthorne e George Sand, resolveu dedicar-se exclusivamente à literatura. Viajou por diversos países e viveu um ano em Paris, onde entrou em contato com o círculo de Flaubert. Em 1876 mudou-se para Londres, e nessa cidade escreveu a maior parte de sua obra.

Além de romances, contos e peças de teatro, o autor deixou inúmeros relatos de viagens, críticas literárias, cartas, e três obras autobiográficas. Joseph Conrad chamou-o num ensaio de o “historiador das consciências finas”, enaltecendo-o como mestre das complexidades psicológicas, das lutas internas, da luz e da sombra presentes num mesmo fato, num mesmo gesto.

James morreu em 1916, um ano depois de adotar a cidadania britânica.

De sua autoria, a Companhia das Letras já publicou: *A morte do leão: histórias de artistas e escritores*, *Pelos olhos de Maisie* e *Até o último fantasma: contos fantásticos*.

Copyright da tradução © Círculo do Livro

Título original

The portrait of a lady

Capa

Jeff Fisher

Indicação editorial e revisão da tradução

José Geraldo Couto

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

José Muniz Jr.

ISBN 978-85-438-0912-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3940

www.companhiadasletras.com.br

JOSÉ
SARAMAGO
O Evangelho segundo
Jesus Cristo



EMPANHADA DE BOLSO

O evangelho segundo Jesus Cristo

Saramago, José

9788580864854

376 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O filho de Josê; e de Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo de sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio. Chorou porque o fizeram chorar, e chorar; por esse mesmo e único motivo."

Todos conhecem a história do filho de Josê; e Maria, mas nesta narrativa ela ganha tanta beleza e tanta pungência que é como se estivesse sendo contada pela primeira vez. Nas palavras de Josê; Paulo Paes: "Interessado menos na onipotência do divino que na fragil mas tenaz resistência do humano, a arte magistral de Saramago excele no dar corpo às preliminares e à culminância do drama da Paixão".

[Compre agora e leia](#)

A BOA POLÍTICA

RENATO JANINE RIBEIRO



Ensaio sobre a democracia na ERA DA INTERNET

COMPANHIA DAS LETRAS

A boa política

Ribeiro, Renato Janine

9788543810447

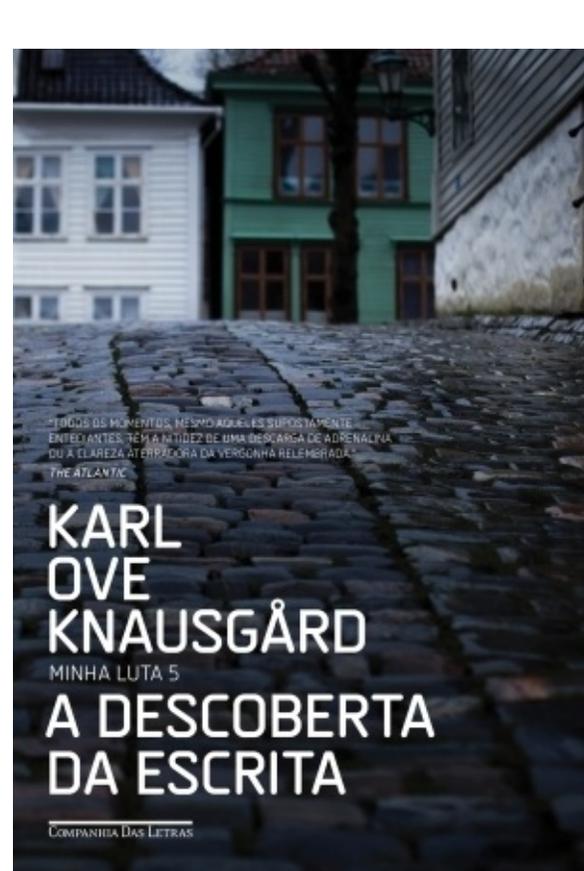
336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um volume de reflexões densa e impactante, em que conceitos-chave da filosofia política são revisitados de maneira a apresentar os fatos marcantes de nossa história recente.

Estamos acostumados a utilizar república e democracia como termos quase intercambiáveis. Ambos parecem expressar o arremate a que chegou o Ocidente moderno em termos de organização política desejável, como se a ampliação das liberdades, o avanço dos direitos humanos e a melhoria das condições de vida constituíssem a marcha incontornável da humanidade — e os períodos de retrocesso não passassem de meros desvios. Mas e se esses parâmetros da história formososs? Eis a inquietação que move o filósofo Renato Janine Ribeiro em *A boa política*, reunião de artigos escritos ao longo de mais de vinte anos. Atento aos desafios de uma época em ebulição, o autor discute o valor ético e político da internet e examina grandes problemas de nossa experiência democrática, debatendo, entre outras questões em voga, a ideia de representação, o voto obrigatório, os escândalos de corrupção, a crise de imagem ética do PT, os impeachments, as utopias e os movimentos de protesto.

[Compre agora e leia](#)



“TODOS OS MOMENTOS, MESMO AQUELES SUPOSTAMENTE
ENFEO ANTES, TEM A INTUIDEZ DE UMA DESCARGA DE ADRENALINA
OU A CLAREZA ATERRADORA DA VERGONHA RELEMBRADA.”

The ATLANTIC

**KARL
OVE
KNAUSGÅRD**

MINHA LUTA 5

**A DESCOBERTA
DA ESCRITA**

COMPANHIA DAS LETRAS

A descoberta da escrita

Knausgård, Karl Ove

9788543810256

624 páginas

[Compre agora e leia](#)

No quinto volume da série Minha luta, Knausgård expõe com maestria e riqueza de detalhes seus anos de formação como escritor.

Aqueles que acreditam que o talento literário se resume a uma vocação inata não podem deixar de ler *A descoberta da escrita*, quinto volume da série que ultrapassou as fronteiras da Noruega para ganhar o restante do mundo, consagrando-se como um dos maiores sucessos literários dos últimos tempos. Neste romance autobiográfico, o autor percorre seus anos de estudante de escrita criativa na cidade universitária de Bergen. Com a honestidade que lhe é característica, explicita as dificuldades e frustrações que permeiam o caminho de todo aspirante a romancista: "eu sabia pouco, queria muito e não conseguia nada", confessa o narrador. As intempéries da formação de escritor somam-se os conflitos e inseguranças da juventude, permeados por episódios de bebedeira, brigas, insucessos românticos e toda sorte de golpes ao narcisismo pueril daquele que viria a se tornar o maior escritor vivo da Noruega.

[Compre agora e leia](#)

Lira Neto

maysa

COMPASSO DAS LETRAS

só numa
multidão de
amores

Maysa

Neto, Lira

9788543810577

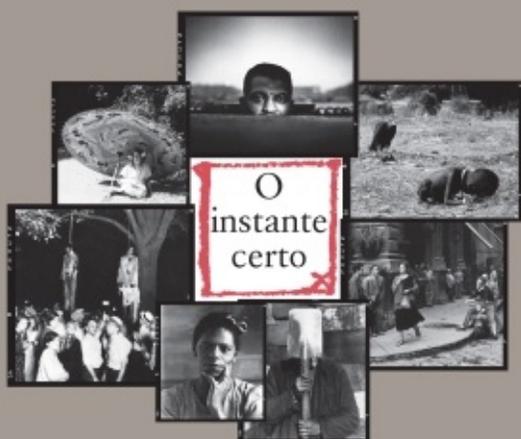
296 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aclamado pela crítica, *Maysa*, de Lira Neto, ganha nova edição com prefácio inedito do autor.
Durante dois anos, Lira Neto se dedicou integralmente a reconstituir os passos da intérprete de clássicos como "Ouçã" e "Meu mundo caiu". O resultado foi a aclamada biografia *Maysa: Seta*, numa multidão de amores, publicada pela primeira vez em 2007 e que agora ganha nova edição, com prefácio inedito do autor.
Fruto de uma extensa pesquisa que envolveu cerca de duzentas entrevistas e acesso ao arquivo familiar da cantora — inclusive ao seu diário íntimo —, o livro retrata a trajetória da cantora nascida em 1936 no Rio de Janeiro, desvelando as camadas de uma das personalidades mais complexas da música brasileira. De seu casamento com André Matarazzo ao alcoolismo, dos problemas com a mãe, tentativas de suicídio, de seus amores e viagens, nada escapa ao olhar atento do biógrafo, que retrata com maestria uma vida marcada sobretudo pela intensidade.
A edição inclui um caderno de fotos.

[Compre agora e leia](#)

Dorrit Harazim




COMPANHIA DAS LETRAS

O instante certo

Harazim, Dorrit

9788543806242

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da história. Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade. Neste *O instante certo*, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais profícuos retratistas do país. Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

[Compre agora e leia](#)